Sheila Ostrander – Lynn Schroeder

Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro

Título do original inglês:
Psychic Discoveries Behind The Iron Curtain

Eugène Bodin
Ponto Sobre Touques

Conteúdo resumido

Assuntos abordados na obra: Experiências Psíquicas, Médiuns, Cibernética, Rabdomancia, Fotografia Kirliana, Curandeiros Populares, Xamãs, Controle da Mente, Sugestologia, Psicotrônica.

Sumário

INTRODUÇÃO

Provavelmente a coisa mais exasperante - tanto para os autores quanto para os leitores - em qualquer obra publicada, é que uma introdução se transforme em discussão crítica. O prefácio e a parte em que os autores podem expressar livremente as suas opiniões sobre quaisquer assuntos irritantes propostos pelos editores; e o epílogo é à parte em que podem fazer uma observação final aos leitores. Os críticos deveriam ficar fora disso e ir cantar em outra freguesia. Uma introdução, mormente quando escrita por uma pessoa que não seja o autor (ou autores), deveria, pelo menos na minha opinião, oferecer apenas alguma tentativa de acrescentamento do tema geral do livro; trazendo-lhe, talvez, observações pertinentes e suplementares, visto que, numa introdução, se pode dizer muita coisa que os autores não puderam dizer - ou não se permitiu que dissessem - no corpo do texto. Por isso mesmo, passarei a oferecer algumas dessas observações complementares, e talvez impertinentes, para a possível edificação dos leitores.

Em primeiro lugar, é preciso que fique claramente entendido que este livro não tem relação alguma com o que quer que seja "psíquico". O emprego dessa palavra no título deveria antes significar "assuntos que aprendemos a chamarem psíquicos". Não obstante, a escolha do título é perfeitamente legítima, por dois motivos. Primeiro, atrairá grande número de leitores que, de outro modo, nem sequer olhariam Para ele; e, segundo, porque pode prestar excelente serviço esclarecendo toda essa absurda confusão semântica.

Comecemos consultando os dicionários, que são sempre o melhor ponto de partida quando se trata de alguma coisa a cujo respeito podem surgir dúvidas semânticas; e como este é um livro norte americano, começaremos compulsando primeiro o bom e Webster. Nele encontramos a palavra psíquico assim definida:

"1. Da ou relativo à psique." Algumas linhas atrás encontramos a palavra psique definida como "(a) Formosa princesa da mitologia clássica, amada por Cupido. (b) Alma, Eu; também Mente." Em seguida, Webster continua definindo psíquico:

"2. Que está fora da esfera da ciência ou dos conhecimentos físicos; imaterial, moral ou espiritual em sua origem ou força.

3. Sensível a forças e influências não físicas ou sobrenaturais." (O grifo é meu.) O dicionário de Oxford, mais simples e mais direto, é muito mais sucinto. Diz apenas: "Força não física que, segundo se presume, explica os fenômenos espiritualístico".

Primeiro que tudo, tentemos deslindar a semântica. O leitor notará que a mente, a moral, o sobrenatural, o espiritual e até o espiritualístico (que é uma coisa inteiramente diversa do que a maioria dos dicionários esclarece) são envolvidos no assunto. Entretanto, não se faz menção alguma das duas epígrafes sob as quais esses assuntos são comuns e popularmente classificados em nossa língua - a saber, Misticismo ou o Oculto. (*) Portanto, muito bem: o "psíquico" se refere à mente, à alma, à moral, ao sobrenatural (seja isso o que for), aos assuntos espirituais e religiosos, e ao espiritualístico - significando, como se deve

presumir, o espiritualismo. O Espiritismo e o Animismo parecem ter sido ignorados.

(*) Do ponto de vista da semântica, Oculto significa, única e exclusivamente, "escondido".

Ora, se não podemos enfiar nos dicionários, em que podemos confiar nesta época moderna, complexas, tecnológicas, que se baseia principalmente na comunicação, a qual, por sua vez, se baseia na semântica? O único meio de comunicação precisa que possuímos funda-se na fala, na palavra escrita, ou na interpretação binomial que delas faz o computador. (Refiro-me à comunicação fatual e não aos meios emocionais, como o sexo, a música, a dança e outras artes.) Daí que, acima de tudo, precisemos esclarecer os fatos e que, para fazê-lo, hajamos mister descobrir precisamente o de que estão falando as outras pessoas. É muito interessante notar que nem mesmo o maior dicionário, nem mesmo o vasto Oxford de muitos volumes faz referência a um item sequer deste livro sob qualquer epígrafe de psíquico. E quais são esses itens?

Numa rápida enumeração, encontramos os seguintes: Telepatia mental; Hipnotismo; Cura pela Fé; Precognição; Psicocinesia; Auras em torno de plantas e animais; Controle do cérebro; Vigilância da mente; Astrologia; Levitação; Visão sem vista - isto é, sem olhos; Rabdomancia; Acupuntura; Feitiçaria, Profecia; Alquimia, Psicotrônica; e o que ingenuamente denominamos "ESP" (percepção extra-sensorial).

Peço agora ao leitor que preste atenção numa coisa. Estes são precisamente os itens que o ocidental comum confessará que constituem o âmago do que ele denomina "o psíquico". Além disso, muito embora possa admitir a inclusão de outros itens nessa categoria, como o espiritualismo, e possivelmente

até o misticismo - se conhecer a diferença entre os dois ou tiver aprendido a verdadeira significação dessas palavras - se tentarmos enfiar-lhe religião à força na cabeça dentro desse terreno, ele provavelmente se sentirá insultado, e passará a insultar, num evidente descontrole mental. Por quê? Porque há séculos lhe tem sido ensinado que a existência está claramente dividida em três partes: o Espiritual, a saber, a religião e os assuntos correlatos, além das artes talvez, se é que ele, algum dia, chegou a pensar nelas; o Científico, o que, para o ocidental, significa principalmente a tecnologia, isto é, apertar botões ou lavar garrafas; e, terceiro, tudo o que não se inclui nas duas categorias anteriores. Esta última costumava ser chamada metafísica, mas agora é simplesmente denominado “psíquico". O resultado dessa doutrinação é que nós, do "Ocidente" - desde os cientistas até os imbecis - parecemos não ter feito uso dos dicionários e, desse modo, deixamos de compreender que estamos empregando essa palavra para abranger dois conceitos totalmente diversos e quase diametralmente opostos.

Pela mesma razão, vemo-nos num estado semelhante de confusão no tocante às palavras "ciência" e "cientista". Usamos a primeira para abranger não só a ciência básica, que os dicionários definem como a busca do conhecimento, mas também a ciência aplicada, ou tecnologia, que diz respeito à pesquisa. Da mesma forma utilizamos a palavra "cientista" para abranger os que se dedicam a esses dois tipos de atividades. Entretanto, os que se consagram à ciência básica realmente são filósofos, e é muito animador observar que a expressão "cientistas filosóficos" está começando a ser adotado pelo uso comum. Igualmente agradável é encontrar o título "Ciência e Tecnologia".

"Ciência aplicada" é uma boa expressão e diz claramente o que quer dizer mas, se falarmos num "cientista aplicado", pareceremos estar aludindo a um coitado qualquer com funções muito semelhantes às de uma simples chave de fenda. Na realidade, é exatamente isso o que ele é, de modo que a polidez nos impõe que o dignifiquemos com o título bem mais pomposo de tecnologista. De mais a mais, isso o relaciona com os técnicos, a cuja irmandade ele pertence.

O ocidental comum - e continuarei a enfatizar essa expressão qualificativa - junta tudo o que não aprendeu a definir como espiritual ou científico numa grande cesta, que depois corta em pedacinhos para ajustar às suas preferências. Faz uns dois séculos que lhe dizem que tudo o que a ciência (pragmática), ou a religião (espiritual) não podem explicar deve ser incluído nessa categoria. E foi por causa disso que surgiram tantas concepções errôneas. Parece pouquíssimo provável, por exemplo, que a lei venha a tornar-se, um dia, inteiramente científica, ou a arte puramente espiritual, ao passo que assuntos como a política desafiam qualquer classificação. Não obstante, todas essas matérias perturbadoras exibem aspectos tecnológicos, e pode-se-lhes até conceder qualidades científicas e espirituais, de sorte que a pessoa comum as classifica com certa facilidade. Quando, porém, surgem assuntos que não parecem corresponder a uma explanação pragmática ou espiritual, costuma-se simplesmente negar que existam, até como problemas. São os assuntos que outrora se amontoavam sob o nome de metafísica e que agora se chamam psíquicos.

A velha metafísica - que, a propósito, significava apenas as coisas não tratadas pela chamada física aristotélica - também se divide claramente em duas partes distintas, uma

criptofísica e outra cripto-espiritual ("cripto" quer dizer simplesmente "oculto"); em outras palavras, os itens que ainda não foram compreendidos nem explicados satisfatoriamente para a nossa lógica atual. Conquanto ninguém possa negar a existência da segunda categoria, esses assuntos ainda não pertencem ao domínio do que chamamos ciência, mas à religião e ao misticismo. Todos os que se incluem na primeira categoria, por outro lado, positivamente não podem ser negados e são incluídos nesse domínio.

E é precisamente disso que trata este livro.

Diferentes do que os dicionários classificam como "psíquico", e diametralmente opostos a ele, todos os itens discutidos neste livro são, em todos os sentidos, não somente suscetíveis de observação científica, mas também de investigação tecnológica. E o que é mais, os mencionados itens, como se vê por este livro, foram assim investigados na chamada zona russa. Mas nós, do Ocidente, ainda não compreendemos esse fato.

Os nossos cientistas e tecnologistas oficiais sabem disso há muito tempo, mas o público, de um modo geral, não sabe, e a imprensa e os demais publicistas simplesmente se recusam a acreditar e persistem em referir os fatos correlatos em tom maldoso e faceto. Se isto se faz em decorrência de instruções especiais, como tantos o afirmam, ou se deve apenas à falta de instrução, ninguém sabe; o resultado, contudo, tem sido uma cristalização dessa estúpida atitude e o envolvimento de toda a nossa concepção numa espécie de carapaça protetora de descrença. De mais a mais, o pior aspecto dessa estupidez de massa (ou de mentira deliberada)

é a inclusão desses assuntos no que os dicionários definem como o "psíquico".

A principal dificuldade, naturalmente, como eu disse no princípio, reside em que não temos uma palavra que todos aceitem para designar essa classe de assuntos; se bem que, na verdade, tenhamos uma excelente que, infelizmente, ainda não foi dicionarizada. A palavra, naturalmente, é "Forteana", mas não direi mais nada sobre o assunto por enquanto. Deveríamos, antes, elucidar outro aspecto de toda essa história, que é igualmente pertinente; a saber, onde foram levadas a efeito as pesquisas das autoras.

Este é o novo conceito de "Ocidente", hoje tão querido dos autores políticos. A despeito do seu emprego quase universal, também não obteve ingresso nos dicionários; embora nem os estudiosos dos assuntos internacionais pareçam ter a mais remota noção de como definir geograficamente o termo. O mundo dos homens está hoje dividido em oito blocos principais. Esses blocos são basicamente geográficos, mas a vasta maioria dos habitantes humanos de cada um deles forma uma compacta maioria étnica. Esses blocos são: (1) Eurásia Ocidental mais a América do Norte, (2) Eurásia Oriental, ou seja, o domínio eslavo, mais a Sibéria, (3) Oriente Próximo, que é o mundo muçulmano, do Marrocos ao Paquistão Ocidental, que limita ao norte com a fronteira eslava e ao sul com o bloco etíope, (4) Oriente Médio, ou o subcontinente da índia, (5) Extremo Oriente, que é tudo o que fica a leste da grande dobra mongólica, que corre a nordeste da região de Pamir até o Amur; juntamente com a Indochina, a Indonésia e a Micronésia, (6) Austrália, com a Papuásia e a Polinésia, (7) América Latina, ao sul do Rio Grande, e (8) África etíope.

Está visto que existe um sem-número de grupos humanos minoritários em cada bloco, ao passo que as populações indígenas de dois deles - América do Norte e Austrália - estão agora quase completamente extintas. É interessante notar que os ameríndios aborígines da América Latina exerceram profundíssima influência sobre os europeus que foram para os seus países, e que os australianos estão começando a mostrar uma distinção digna de nota, que se diria derivava, de algum modo misterioso, dos seus aborígines em vias de desaparecimento.

Cada um desses oito blocos principais possui um enfoque global da vida que é hoje inteiramente distinto, e cada qual parece olhar para o seu mundo, o mundo em geral, e a vida como um todo, de maneira notavelmente diferente. Além disso, há outra coisa. Existe realmente um "Oeste Ocidental", um "Oeste Central" e um "Oeste Oriental", em que a América do Norte, excetuando-se o fato de ter a mesma língua de um país do Oeste Central (isto é, o Reino Unido, ou Grã-Bretanha), difere tanto do Oeste Central em sua concepção quanto esse bloco difere do Oeste Oriental. Pondo-se de lado a política e a religião, os três "Oestes" (que são a América do Norte, a Europa Ocidental e a Europa eslava, ou Oriental) formam um bloco cultural composto, apesar das suas diferenças internas. Com efeito, como os três já estão na mesma cama, bem é que se decidam a deitar nela.

Se as autoras deste livro tivessem visitado qualquer bloco que não fosse o eslavo, é bem possível que não houvessem escrito livro nenhum, pela simples razão de que só naquela esfera cientistas e tecnologistas abordaram esses assuntos da maneira descrita neste livro. Até os australianos, que são caucasóides, têm um enfoque totalmente diverso,

como acontece com os latino-americanos. Entre estes últimos existem hoje muitos estudiosos brilhantes que trabalham nesse campo, mas cuja abordagem sofreu, talvez naturalmente, a poderosa influência da maioria racial das suas populações, que ainda é ameríndia; uma raça que, excluídas as barreiras lingüísticas ainda existentes, são mentalmente quase incompreensíveis para qualquer ocidental. A África etíope aborda essas questões de outra forma ainda e também possui uma cultura incrivelmente antiga que, em sua maior parte, representa um mistério para os ocidentais. Os indianos e os habitantes do Extremo Oriente vêm tentando, há milênios, decifrar es mesmos misteriosos fenômenos naturais, cada qual à sua maneira individual, maneiras essas incompreensíveis para uma cultura baseada na tecnologia. Só os ocidentais do centro (isto é, os europeus ocidentais) formam uma ponte intelectual híbrida, mestiça, abastardada, entre todos os outros - com a possível exceção dos que habitam o Extremo Oriente.

Os assuntos que as autoras descrevem e discutem neste livro constituem o núcleo central de ampla série de investigações que nós, do Oeste Ocidental, e, em grande parte, os habitantes do Oeste Central, sempre trataram de cambulhada com outros assuntos, tais como o verdadeiro psíquico (segundo a definição do dicionário) e o cripto-espiritual, e que por isso mesmo permaneceram quase que totalmente ignorados por nós de um ponto de vista científico. Tais assuntos, como foram enumerados à página 7, foram simplesmente qualificados de "malucos" e, portanto, de indignos de uma investigação séria e até de consideração. Além disso, os que tentaram investigá-los cientificamente

tiveram as suas asas rapidamente cortadas. Mas há ainda outro e mais triste aspecto: os cientistas sérios que teimaram em realizar uma investigação sólida, como aconteceu até com um autêntico erudito, a Dr. J. B. Rhine, caíram na velha armadilha ao proclamar que existe um fator espiritual (isto é, místico) envolvido nessas questões inteiramente pragmáticas, e que ele foi o primeiro a denominar para (semelhante no aspecto) psico (psíquico, veja o dicionário) logia (que significa o estudo de). Poderia alguma coisa ser mais mal escolhida? "Paranormal", se quisesse, mas por que equiparar esses descobrimentos com a psicologia, que não é uma ciência e talvez nem exista realmente per se, visto que não passa de rateios nos campos da etologia, do behaviorismo e dos processos mentais químico-físicos. O que os inventores dessa palavra queriam dizer realmente era "Parafísica", e se esta designação tivesse sido adotada desde o princípio, ter-se-ia eliminado o estigma dessa maldita palavra psico, e é possível que se houvesse iniciado alguma verdadeira investigação científica.

O mesmo se pode dizer, e até mais vigorosamente, em relação à expressão "Percepção extra-sensorial". Estes assuntos criptofísicos são, de fato, extra, estão fora do cripto-espiritual - isto é, psíquico - mas, na realidade, estão solidamente dentro do físico. Pior ainda, contudo, é o resto desse termo bobo. Por que apenas "percepção"? Ele inclui muito mais do que a simples percepção, além de "mandar" ou disseminar. Até SSP, ou percepção supersensorial seria melhor, mas isso também supõe um elo biológico necessário, ao passo que todas essas coisas provavelmente existem mesmo quando não há por perto nenhuma coisa viva - segundo a nossa definição de vida. Mas "ESP" tornou-se

uma expressão destinada a chamar a atenção para o que nem a religião nem a ciência conseguem explicar; e tanto para o cripto-espiritual quanto para o criptofísico.

Separe o leitor os dois campos e terá, de um lado, assuntos que só pertencem à mente, como conceitos religiosos, matemáticos, ontológicos e os demais intangíveis, e, do outro, uma massa fervilhante de tangíveis como os que se descrevem neste livro e que são mais suscetíveis de investigação científica e tecnológica, bastando para isso que as iniciemos. O único mistério verdadeiro está em que ainda não os imobilizamos e em que, na maioria, não sabemos como funcionam, nem mesmo quais são os princípios que os regem, ao passo que, no campo biológica, ainda não encontramos os "órgãos" nos corpos vivos através dos quais operam. A esta altura, todavia, já devíamos ter o suficiente para convencer até os cientistas ocidentais de que eles não têm nada de místicos, espirituais e, muito menos, de "psíquicos".

É possível que, com o correr do tempo, e de um ponto de vista puramente histórico, tenha nascido exatamente assim à filosofia marxista - por mais inexata do ponto de vista biológico que ela fosse originalmente. Compreendam-me, por favor! Não estou equiparando estas coisas ao leninismo, ao estalinismo, ao maoísmo, ou a qualquer outro assunto político ou religioso. Não era apenas o pensamento "ocidental", senão também o oriental, o africano, o indiano e todos os tipos de pensamento que estavam começando a atolar-se no fim do século passado. Fazia-se necessária uma grande sacudidela. Ninguém está querendo ser malcriado mas, falando como biólogo, os conhecimentos cada vez maiores sobre o nosso meio e sobre nós mesmos estavam a

exigir um descarte de inúmeras tradições. Certa ou errada, necessária ou não, a "revolução" intelectual é tão indispensável quanto a revolução biológica: e dói tanto quanto esta. É muito possível que, sem ela, como tantos milhões de outras espécies de criaturas vivas, nós já tivéssemos desaparecido.

Seja qual for à natureza destas considerações, o que quero dizer é que, em resultado do clima intelectual do seu bloco, os eslavos do Ocidente Oriental encararam "forteana" de maneira completamente diferente de nós, do Ocidente Ocidental; e os resultados, como se descrevem neste livro, serão provavelmente chocantes para todos os leitores do Ocidente Ocidental, e talvez capazes de abalar também alguns leitores do Ocidente Central! Por isso mesmo, continuem a ler.

IVAN T. SANDERSON
Colúmbia, Nova Jérsei
Janeiro de 1970

AGRADECIMENTOS

Confessamo-nos profundamente agradecidas aos muitos homens e mulheres atrás da Cortina de Ferro que nos ajudaram a escrever este livro. Por várias razões, alguns não puderam ser mencionados pelo nome. A toda essa gente e aos cientistas, os nossos mais sinceros agradecimentos e a nossa esperança de que, sejam quais forem as nossas diferenças políticas, o mundo da pesquisa psíquica possa ser testemunha de uma cooperação e uma amizade cada vez maiores entre os povos de todas as terras.

No Ocidente, endereçamos os nossos agradecimentos especiais a: Frances e John Adler; Jim Beal; John Cutten; Nick Daniloff; Douglas Dean; Marjorie e George de la Warr; Joan e Joe Foley; Eileen Garrett; Jaroslav Hosek; R. George Medhurst; Dr. Karlis Osis; Amanda e George Ostrander; Pat e Robert Pfeiffer; Dr. J. G. Pratt; Dr. J. B. Rhine e a Dra. Louisa Rhine; Dr. Milan Ryzl; Dr. Ivan T. Sandetson; Grace e Raymond Schroeder.

Agradecemos também particularmente a Benson Herbert e a The Journal of Paraphysics (Laboratório Parafísico, Downton, Wilts., Inglaterra) a permissão para citar trechos do relatório do Dr. Z. Rejdak, publicado no Vol. 2, N.° 3.

NOTA

Algumas cidades do Mundo Comunista em que se realizam pesquisas sobre fenômenos PSI e fenômenos correlatos. Muitas das principais cidades têm mais de um grupo de parapsicologia.

A URSS é formada de 15 Repúblicas Federadas, a maior das quais é a República Russa Socialista Soviética Federada, que inclui toda a Sibéria, bem como um grande trecho da parte ocidental da União Soviética.

Republica Russa

Moscou (capital)
Leningrado
Novosibirsk
Nizhny Tagil
Irkutsk
Khabarovsk
Vladivostoque

Tomsk
Omsk
Kazan
Saransk
Saratov
Voronezh
Cheboksary
Ivanovo
Krasnodar
Taganrog
Sverdlovsk
- Ucrânia
Kiev (capital)
Odessa
Zaporozhye
- Geórgia
Tbilisi (capital)
- Usbequistão
Tashkent (capital)
- Cazaquistão
Alma-Ata (capital)
- Estônia
Tallin (capital)
Tartu
- Lituânia
Kaunas
- Bielo-Russia
Minsk (capital)
Grodno
- Moldávia
Kishinev (capital)

EUROPA ORIENTAL

- Tchecoslováquia
Praga (capital)
Hradec Kralove
Bratislava
Nitra
- Bulgária
Sofia (capital)
Petrich
- Polônia
Varsóvia (capital)
Poznan
- Romênia
Bucareste (capital)
- Alemanha Oriental
Berlim Oriental (capital)

PRÓLOGO

Em 1967 a telepatia pulsou em código entre Moscou e Leningrado, enquanto um sofisticado equipamento de idade espacial controlava o cérebro do receptor. Dizem os cientistas soviéticos que foram capazes de decifrar a mensagem com a ajuda das máquinas; dizem que foram capazes de transmitir palavras telepaticamente de uma mente a outra numa distância de 640 quilômetros. Em outras partes da Rússia, revistas técnicas e universidades relataram coisas

ainda mais surpreendentes do que a telepatia verificada por computadores. Publicaram fotografias de belas luzes coloridas que tremeluziam sobre o corpo humano e em torno dele. Seria esta a "aura" de que os médiuns falam a tanto tempo? "Acendem-se chamas elétricas, depois luzes azuis e alaranjadas. Grandes canais de clarões resplandecentes, roxos, ígneos. E fantástico, fascinante, um jogo misterioso - um mundo de fogo!" bradavam cientistas geralmente circunspetos. De acordo com os soviéticos, eles inventaram uma máquina que permite a qualquer um ver a aura lendária e colorida, normalmente visível apenas para os médiuns.

No Báltico, geólogos soviéticos caminhavam com varas hidroscópicas; nos Urais fizeram experiências com a visão sem olhos; junto do Mar Negro estudaram as mãos de um médium curador. A parapsicologia, que dez anos antes não existia, entrou a florescer, de repente, em toda a URSS.

Uma cadeia inverossímil de acontecimentos levou-nos, durante um período de três anos, a enredar-nos nesse pasmoso renascimento da pesquisa psíquica num país comunista. À parte os livros, artigos, peças e poesias que cada um de nós escreve em campos muito diferentes, durante vários anos escrevemos artigos sobre a União Soviética. Uma de nós percorrera extensamente a Rússia em 1961 numa excursão de estudantes graduados. Os nossos artigos não focalizavam a política da Cortina de Ferro, mas a vida por detrás das cortinas de rendas da Rússia de todos os dias. Se a coexistência com os soviéticos é necessária, parece razoável tentarmos conhecer alguma coisa a respeito deles.

Nos jornais e revistas soviéticas principiamos a encontrar um material sumamente insólita sobre a vida na Rússia - artigos sobre fenômenos psíquicos. Cientistas soviéticos

perguntavam publicamente: "Quem é o homem?" Possuímos, acaso, potencialidades não usadas e não sonhadas? Poderá a parapsicologia derreter as barreiras e criar o ser humano supernormal? Tais eram as fascinantes perguntas que se liam nas publicações soviéticas.

Em 1966 a prestigiosa revista Ciência e Religião publicou um número especial, N.°3, sobre as atuais pesquisas levadas a cabo na Rússia no campo da telepatia. Soviéticos notáveis reclamavam novas investigações nesse campo. Entre eles figuravam: o Dr. Nikolai Semyonov, detentor de um Prêmio Nobel de química e vice-presidente da Academia de Ciências da URSS; acadêmicos como o Dr. M. Leontovich, o Dr. A. Mints, (67) o Dr. P. V. Rebinder, importante físico-químico (175) o Dr. Gleb Frank, diretor da "Cidade da Ciência" de Puschino, perto de Moscou. (67) Filósofos marxistas manifestaram-se com clareza meridiana. "Todos os que criticam a pesquisa sobre a telepatia estão apenas utilizando o marxismo-leninismo para amparar o seu conservantismo científico. Todos os que colocam obstáculos no caminho do progresso científico deveriam pagar por isso", trovejou o Dr. V. Tugarinov, chefe do Departamento de Filosofia da Universidade de Leningrado. (393)

Era uma observação profundamente eslávica e muito mais corajosa do que as que já tínhamos ouvido da maioria dos investigadores psíquicos norte-americanos. Nós duas estávamos ativamente interessadas pelo lado psíquico da experiência humana. Tínhamos escrito algumas vezes sobre ele, havíamos tentado manter-nos a par dos novos progressos em psicologia e parapsicologia, éramos membros da Sociedade Norte-Americana de Pesquisa Psíquica. Com a idéia de escrever um artigo sobre o súbito interesse soviético

pelo paranormal, principiamos a corresponder-nos com cientistas comunistas. Dentro em pouco tínhamos informações suficientes para redigir vários artigos - suficientes para escrever um livro.

E o que era mais importante, patenteou-se que alguma coisa inusitada estava realmente acontecendo na Rússia - alguma coisa pouco conhecida e, do ponto de vista ocidental, sumamente irônica. Embora as pessoas no Ocidente se recusassem a acreditar na existência de um animal tão estranho quando a ESP soviética, tínhamos diante de nós provas de que cientistas soviéticos de grande capacidade já haviam feito incursões significativas na pesquisa psíquica, campo geralmente ignorado pela ciência ocidental.

Que significava esse avanço comunista na dimensão psíquica? Que significava ele científica, política, cultural e filosoficamente? Não havia fontes à mão com respostas para perguntas desse gênero. Os observadores ocidentais dos soviéticos não parecem muito interessados pela ESP, e a maioria dos parapsicólogos norte-americanos não se destaca como kremlinologistas amadores nas horas de folga. Assim sendo, quando fomos convidadas, em 1967, para assistir a uma próxima conferência sobre ESP em Moscou, decidimos aceitar o convite. Decidimos obter em primeira mão a atmosfera e a história dessa sondagem comunista do lado psíquico, paranormal do ser. Quando a nossa excursão pela Rússia, pela Bulgária e pela Tchecoslováquia chegou ao fim, a nossa bagagem originalmente reduzida apresentava um excesso de peso de trezentas libras só de material de pesquisa. Esperamos que parte dos dados científicos e técnicos que trouxemos, e que não podem ser incluídos em livro, acabem sendo publicados para os especialistas em

vários campos. (Mais detalhes se encontrarão no apêndice e na bibliografia.)

Existem algumas facetas da história e da documentação da ESP em terras comunistas que não podemos revelar no momento. Talvez um dia, quando se modificarem as condições políticas, possamos concluir o relato. No caso de pessoas que nos forneceram materiais, dissimulamos as fontes, uma que outra vez, para protegê-las. Em nenhum caso encobrimos os cientistas mencionados nem, de modo algum, alteramos ou falseamos os relatórios do trabalho que está sendo feito.

Esta é a história do que vimos, ouvimos e lemos acerca da ESP atrás da Cortina de Ferro. Teríamos de ser megalomaníacas para imaginar que uma quantidade de cientistas altamente conceituados, em centros espalhados por toda a União Soviética e pelos países satélites, conspirassem no sentido de publicar dados falsos durante um decênio e dar uma série de entrevistas mentirosas só para impressionar-nos quando viéssemos a topar com eles. Registramos o que os cientistas comunistas afirmam ter descoberto a respeito da ESP. Se as observações ou teorias comunistas a respeito de acontecimentos psíquicos estão certas ou erradas, é uma coisa que só pode ser determinada por novas investigações que se realizarem no Oriente e no Ocidente.

Mas, como escreveu Vladimir Mutshall acerca da atual pesquisa soviética sobre a telepatia no Foreign Science Bulletin norte-americano, Vol. 4, N.° 8 (336) "Se o que os russos dizem for apenas parcialmente verdadeiro, e se a transferência do pensamento de uma mente a outra puder ser usada em coisas como as comunicações interplanetárias ou a

direção de espaçonaves interplanetárias, os seus relatórios terão, obviamente, uma importância transcendental".

1

RÚSSIA

I

"UMA CHARADA ENVOLTA NUM ENIGMA"

Era um dia brilhante e sem nuvens de junho. Perto da rápida porta giratória do nosso hotel em Moscou aguardávamos, finalmente, o encontro com o nosso primeiro pesquisador psíquico comunista. Tínhamos notado que os moscovitas andam como os nova-iorquinos, depressa, apesar do calor, acotovelando-se ao longo da Rua Gorky e defronte do novo Hotel Minsk, que fica a seis quarteirões escaldantes do Kremlin. A nosso volta, no saguão, as línguas esfuziavam como bolhas na soda quente. Os turistas andavam aos grupos; os russos esgueiravam-se, pacientes, entre eles. Burocratas russos em viagens de negócios saíam para os seus encontros vespertinos nos trajos padronizados de verão: sandálias, slacks e camisas esporte de nylon. Um russo alto e magro atravessou toda aquela gente vindo em nossa direção. Com um terno escuro muito bem passado e punhos franceses, ele evocava lembranças sem rugas de ar condicionado.

- Folgo muito em que estejam aqui. Folgo muito, - repetiu calorosamente Eduardo Naumov enquanto apertava diversas mãos ocidentais.

O biologista Eduardo Naumov é uma das energias orientadoras da parapsicologia soviética - o estuda do supernormal. Percorreu toda a URSS pronunciando mais de 460 conferências sobre a ESP e exibindo filmes científicos sobre ESP em dezenas de institutos. Não obstante, há dez anos, a profissão de Naumov, a parapsicologia, não existia na União Soviética. Mas no princípio da década de 1960, de repente, o tabu estalinista contra tudo o que fosse psíquico desapareceu como que por encanto.

Notáveis fisiologistas, geólogos, engenheiros, físicos e biologistas, de um momento para outro, atiraram-se ao trabalho sobre a ESP. Um renascimento psíquico sem peias, pouco conhecido, sacudiu a Rússia Financiados pelos respectivos governos, não apenas russos, mas também búlgaros, tchecos e poloneses estão seguindo pistas que os conduzem à telepatia, à profecia, a psicocinese (PK), isto é, a capacidade de mover a matéria apenas com a mente. Esses florescentes grupos comunistas esperam provar que os acontecimentos supernormais decorrem de leis da mente. Esperam provar que podemos sujeitar e utilizar as capacidades psíquicas desde já.

Quando pousamos pela primeira vez em Moscou em 1968, perguntamos a nós mesmas se precisaríamos recorrer a alguma capacidade psíquica para entrar em contato com um desses cientistas comunistas. Não que eles ignorassem a nossa existência. Quando soubemos do repentino aparecimento da ESP na Rússia, tínhamos escrito, sem muitas esperanças, a alguns cientistas que supúnhamos

empenhados nessas investigações. Muitos nos surpreenderam com cartas registradas e telegramas em que falavam do seu trabalho. E as cartas não paravam de chegar. De Kiev, Leningrado, Moscou, Novosibirsk, quase todos os meses, aparecia-nos um envelope rebocado de selos russos, cheios de recortes acerca de testes de ESP, controvérsias e planos grandiosos de investigações psíquicas. Finalmente, Eduardo Naumov nos escreveu: "Por que não vêm ver o que estamos fazendo?" E convidou-nos para assistir a uma conferência internacional sobre ESP, que se realizaria em Moscou.

Por que não? Por que não verificar se poderíamos separar a retórica dos resultados, o entusiasmo dos fatos? Tínhamos malas cheias de perguntas. Entretanto, quando finalmente chegamos a Moscou depois de atravessar oito mil quilômetros de espaço e, segundo parecia, outros tantos de formalidades burocráticas, tudo o que realmente queríamos fazer, à guisa de introdução, era poder dizer: "Aqui estamos". Mas estávamos em Moscou, cidade de telefones mas sem listas telefônicas, de ruas repletas de institutos oficiais mas sem mapas pormenorizados das ruas. Não parecia sensato presumir que os nossos hóspedes soubessem onde estávamos, porque ninguém sabe o hotel em que vai hospedar-se enquanto não chega, com o corpo e a bagagem, ao lugar.

Mas não deveríamos ter-nos preocupado. Ainda remoíamos, em termos ocidentais, a melhor maneira de entrar em contato com as pessoas. Entretanto, dois norte-americanos que tínhamos encontrado em Leningrado voltaram a dar conosco em nosso hotel de Moscou. Depois, tomaram um ônibus e aconteceu-lhes sentar perto de uma

rainha de beleza, Miss Líbano. Miss Líbano entabulou conversa com dois ingleses que tinham ido a Moscou para assistir a uma conferência sobre ESP. Os dois norte-americanos de ouvidos atentos não tardaram a reunir-nos. Descobrimos que os intrépidos ingleses já haviam encontrado o seu homem, Naumov, e o contato se fez.

O intenso Naumov, de trinta e seis anos de idade, foi direto ao assunto:

- Vejam, isso lhes dará uma idéia do que vão ouvir, uma idéia do nosso enfoque. - Vasculhou a sua volumosa sacola. - Aqui está o programa da conferência.

Distribuiu cópias para nós e para dois delegados britânicos, John Cutten e R. George Medhurst (da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres, o mais velho desses grupos em todo o mundo).

Um programa, em geral, não parece grande coisa, mas aquele nos fez esquecer o calor. Era uma cornucópia de delícias psíquicas - psíquicas e científicas, exatamente a combinação que tínhamos ido procurar na Rússia. Na conferência ouviríamos dissertações sobre rabdomancia, visão digital, PK. Saberíamos como se fotografa a aura humana e como funcionam as máquinas que registram a telepatia. Passaríamos, enfim, uma tarde inteira ouvindo físicos, biofísicos, químicos e matemáticos discorrerem sobre esses e outros assuntos.

Além da lista de cientistas de escol, notamos que Karl Nikolaiev também estava programado para falar. Em 1966, Nikolaiev, o primeiro telepata "testado" da União Soviética, figurara numa famosa experiência de telepatia entre Moscou e a Sibéria. Depois desse êxito, o povo russo começou a ouvir falar sobre "Psi". "Psi" - a vigésima terceira letra do

alfabeto grego, é um termo genérico para designar todo o campo do paranormal.

No decorrer de um ano, o médium Nikolaiev participou de uns testes muito estranhos e supermodernos de telepatia. Na Universidade de Leningrado, ficou sentado entre as garras de arame de uma sala cheia de máquinas, que lhe registravam as reações corporais ao passo que cientistas, em Moscou, tentavam mandar-lhe mensagens em código por via telepática. Eles afiançam ter sido bem sucedidos. Afirmam que, utilizando apenas a força da mente em Moscou, influenciaram as ondas cerebrais de Nikolaiev em Leningrado. Essas oscilações das ondas cerebrais puderam finalmente ser decifrada numa palavra. Um sistema psíquico de SOS estava sendo construído.

À medida que a intérprete vertia as páginas do programa em inglês instantâneo, Naumov parecia vibrar com as palavras que seriam pronunciadas.

- É claro que queremos reunir especialistas para trabalhar na ESP em nosso país. Essa é uma das razões da conferência. Mas há outra razão ainda Gostaríamos de estabelecer contatos com estrangeiros. Afinal de cantas, a parapsicologia é um assunto internacional. E, no meu entender, é mais do que um simples intercâmbio de pesquisas. A parapsicologia precisa desenvolver-se em nome do bem. Precisa, - repetiu.

Pensamos nas palavras que o famoso poeta russo Evgeny Evtushenko escreveu à escritora norte-americana, Olga Carlisle. “Creio que existem apenas duas nacionalidades - gente boa e gente má... Vocês são norte-americanos. Nós somos russos. Mas os bons norte-americanos sempre estarão mais próximos de mim do que os maus russos, e estou certo

de que, para vocês, os bons russos são preferíveis aos maus norte-americanos (282)”.

Evtushenko e Naumov pertencem à mesma geração.

- Folgo muito, muito, em que tenham vindo, - disse Naumov ainda uma vez, e parecia estar sendo profundamente sincero. - Principalmente da Inglaterra e da América. Esta reunião será muito proveitosa. Poderão conversar com cientistas vindos de todas as partes do nosso país na conferência de segunda-feira, - acrescentou, dirigindo-nos ao salão de jantar do Minsk com as suas mesas compridas e brancas.

Os russos oferecem tradicionalmente ao hóspede recém-chegado pão e sal como símbolos de hospitalidade. Os símbolos correntes de hospitalidade entre os círculos psíquicos revelaram-se mais convidativos: champanha e sorvete.

Alguém à mesa aludiu ao assunto dos submarinos. Os submarinos desempenharam um papel de destaque no renascimento psíquico russo. Na realidade, a parapsicologia soviética veia à tona sobre a torreta do submarino atômico norte-americano Nautilus. Em 1959, jornalistas franceses publicaram, com manchetes sensacionais, a história hoje escandalosa do Nautilus (332) "A marinha norte-americana emprega a ESP num submarino atômico!" A telepatia entre o navio e a terra firme, de acordo com os franceses, funcionava perfeitamente até quando o Nautilus descia ao fundo do mar. "Será a telepatia uma nova arma secreta? Será a ESP um fator decisivo na guerra futura?" Os franceses especulativos faziam sensação: "Terão os militares norte-americanos aprendidos o segredo do poder da mente?"

Em Leningrado, as notícias sobre o Nautilus caíram como uma carga de profundidade no espírito do Dr. Leonid L. Vasiliev, de sessenta e oito anos de idade, fisiologista de renome internacional. Em abril de 1960, Vasiliev se levantou para falar a uma assembléia de grandes cientistas soviéticos. Estes se haviam reunido a fim de comemorar o descobrimento do rádio. Ninguém esperava ouvir revelações a propósito da ficção burguesa do "rádio mental. (402)".

- Realizamos investigações extensas e até agora completamente sigilosas sobre a ESP durante o regime estalinista! - declarou Vasiliev aos colegas assombrados. - Hoje, os norte-americanos estão testando a telepatia em seus submarinos atômicos. A ciência soviética levou a efeito inúmeros testes bem sucedidos de telepatia há um quarto de século! Urge que nos desvencilhemos dos preconceitos. Precisamos voltar a mergulhar na exploração desse campo vital.

O Dr. Vasiliev, membro correspondente da Academia Soviética de Medicina, professor de fisiologia da Universidade de Leningrado, detentor do Prêmio Lenine, era respeitadíssimo na União Soviética. (41) A hierarquia soviética, aparentemente, acatou-lhe o conselho - talvez porque ele houvesse afirmado em tom inflexível:

- O descobrimento da energia implícita na ESP equivalerá ao descobrimento da energia atômica. (237)

Dali a um ano, Vasiliev chefiava um laboratório especial de parapsicologia na Universidade de Leningrado. (Os ocidentais dizem freqüentemente ser este o primeiro laboratório de ESP do mundo amparado pelo governo; na realidade, porém, a Holanda tem-se gabado há anos de possuir um instituto de psi fundado pelo governo.) Como

quer que seja, o Laboratório de Parapsicologia da prestigiosa Universidade de Leningrado foi o primeiro, vibrante de implicações para a União Soviética.

Um edito do Kremlin de 1963 deu absoluta prioridade às ciências biológicas, as quais, na URSS, incluem a parapsicologia.(405) Afirma-se que o principal ímpeto por detrás do movimento soviético para a exploração da ESP procedeu do exército e da polícia secreta soviética. Hoje em dia, a União Soviética possui vinte ou móis centros que se dedicam ao estudo do paranormal com uma verba anual calculada, em 1967, em 12 a 20 milhões de rublos (13 a 21 milhões de dólares).(283)

Ao passo que a Rússia invertia as marchas e acelerava a pesquisa da supernormal, a Marinha dos Estados Unidos negava a história do Nautilus em tons quase horrorizados. Ninguém na Marinha tinha qualquer ligação com a telepatia, proclamava ela, e continuou a proclamá-lo desde 1959.

- A história do Nautilus realmente é falsa? - perguntou-nos Naumov.

- Quem sabe? - foi a nossa melhor resposta.

Tenham ou não tenham ocorrido os testes norte-americanos do Nautilus. o certo é que as notícias a seu respeito foram suficientes para induzir os soviéticos a fazer algumas experiências de ESP com os seus submarinos. Os testes soviéticos (veja o capítulo 3) são muito mais extraordinários do que os que se supuseram feitos a bordo do Nautilus.

A conversa desviou-se dos submarinos quando um jovem físico, amigo de Naumov, tomou assento à nossa mesa na sala de jantar do Minsk. Apareceu mais sorvete de cereja, café preto uma boa champanha russa gelada. A palestra

saltava de um assunto para outro. Dir-se-ia que havia muita coisa para nos ser contada.

Nos últimos dez meses o biologista Naumov fora Diretor de Parapsicologia Técnica de um laboratório especial afiliado ao Departamento de Física da Faculdade Estadual de Técnica Instrumental de Moscou. Tinham presidido a criação desse laboratório muitos cientistas eminentes (158) o Dr. Ya. Terletsky, professor de física da Universidade de Moscou; o Dr. E. Sitkovsky, da Academia de Ciências Sociais; o Dr. Pavel Oshchepkov, fundador do radar na URSS e Presidente do Instituto de Engenharia.

Como se pode adivinhar pelo título do laboratório, a pressão maior do trabalho soviético sobre a ESP se faz no sentido de aperfeiçoar máquinas capazes de controlar, verificar e estudar a ESP. Mas os soviéticos também ambicionam estudar os aspectos humanos, de pessoa para pessoa, da ESP.

- Acreditamos que a ESP está entrelaçada com toda a vida cotidiana, - disseram-nos eles. - Acreditamos que a ESP interessa qualquer situação de grupo.

E com pessoas tão amistosas e exuberantes como os eslavos, a ESP talvez flua com maior facilidade.

Muitos ocidentais parecem imaginar que os cidadãos soviéticos são gente com jeito de robôs, autômatos cinzentos numa oficina bem dirigida. Um estudante norte-americano que encontramos em Leningrado confessou:

- Pensei que o Sol nunca brilhava na Rússia e que o povo nunca sorria . . Puxa! como me enganei!

Descobrimos que o entusiasmo e a generosidade que caracterizam os russos são uma constante de todos os dias. Pessoas que conhecíamos casualmente nos presenteavam

com imensos ramos de flores e livros de versos de suas próprias bibliotecas. Toda vez que tirávamos uma fotografia com a nossa Polaróide, revelando-a na hora, transeuntes entusiasmados se juntavam para discutir os méritos da fotografia e discorrer sobre as maravilhas da ciência norte-americana. Idosas ascensoristas nos mantinham suspensas entre dois andares enquanto nos abraçavam e abençoavam os nossos antepassados porque nós lhes havíamos dado um presentinho.

- Provável que a telepatia esteja sempre fluindo entre as pessoas, - disse Naumov. - Talvez tenhamos sempre a consciência telepática de sutis pensamentos e sentimentos alheios num grupo. Isso ajuda a explicar por que certas pessoas se dão bem e outras antipatizam imediatamente uma com a outra. Os nossos cientistas estão tentando estudar e medir objetivamente a ESP entre grupos de pessoas.

Pouco tempo antes de morrer, o Bispo James Pike escreveu em Psychic (311) "O campo do psi abriu para mim uma visão muito maior do potencial humano. O potencial de relações recíprocas, a sensibilidade do mistério de quanto se passa entre pessoas além das palavras, das ações ou dos contatos. Existem coisas como AM e FM e tudo o que está acontecendo e que estamos agora começando a descobrir. Existem mais linhas de ligação nesse universo do que eu supunha".

Os materialistas dialéticos soviéticos como Eduardo Naumov e os seus amigos cientistas discorriam sobre as mesmas coisas.

- Acreditamos que o homem possui um vasto potencial oculto, - disse Naumov, com indisfarçável sinceridade. - E

vital, precisamos investigar os recursos não utilizados dos seres humanos de todas as maneiras possíveis.

Ele parecia pertencer à escola russa de intelectuais apaixonados que muito freqüentemente se esqueciam de comer, de dormir e, de acordo com o seu ponto de vista, de outras diversões desse jaez.

A conversação desviou-se para o Ocidente. Descobrimos que os soviéticos sabiam muita coisa sobre a ESP fora do seu país. Sabiam tudo acerca de Edgar Cayce, o "profeta adormecido",ate e tinham até ouvido uma conferência a seu respeito em Moscou. Conheciam Jeane Dixon, a vidente de Washington, e Gerard Croiset, o médium holandês famoso por ajudar a polícia a deslindar crimes. (34-96). Mas o que mais nos surpreendeu foram as repetidas perguntas dos soviéticos sobre o norte-americano Ted Serios, que, segundo se afirma, é capaz de fazer a fotografia de um prédio distante aparecer num filme simplesmente olhando para a câmara. Soubemos que os russos estavam também investigando essa "fotografia psíquica" e desejavam todas as informações que pudessem obter em relação a Serios.

Os soviéticos estavam igualmente a par das atividades dos parapsicologistas norte-americanos. Tinham-se familiarizado com as longas pesquisas que o Dr. J. B. Rhine consagrara a esse campo. O Dr. Rhine, que lecionara anteriormente na Duke University e estava trabalhando agora na Fundação para a Pesquisa sobre a Natureza do Homem, é o mais eminente parapsicologista norte-americano.

- Naturalmente, - prosseguiu Naumov, - temos aqui também mais céticos do que seria de desejar. Mas, graças em parte às provas do Dr. Rhine sobre a ESP, os nossos pesquisadores já não precisam provar outra vez que a ESP

existe! Estamos tentando descobrir como e por que funciona o psi.

Ao passo que os russos conheciam muita coisa sobre a ESP no Ocidente, os ocidentais só tinham conseguido fiapos de informações sobre o mundo da ESP comunista. Uma das histórias mais estranhas e esquisitas que chegou ao Ocidente, através dos serviços telefônicos internacionais, na primavera de 1968, referia-se a Nelya Mikhailova. (267-298-315) Essa roliça dona de casa de Leningrado era, aparentemente, uma médium de PK. Dizia-se que ela possuía o poder de mover a matéria utilizando-se apenas da mente. "Quando Nelya Mikhailova quer alguma coisa, olha para essa coisa e o objeto começa a mover-se lentamente para ela."

Um telegrama da Associated Press proveniente de Moscou ia ainda mais longe. "Nelya deixou assombrados os cientistas soviéticos com a sua capacidade de mover coisas como palitos de fósforos ou copos de vinho sem tocar neles." Nelya Mikhailova e o poder mental que se lhe atribui sobre a matéria, que lhe permitia mover qualquer coisa, desde tubos de alumínio até maçãs e jarros de água, foi o primeiro assunta que ventilamos ao desembarcar na Rússia.

- Mais de quarenta cientistas ilustres, incluindo dois detentores do Prêmio Nobel, testaram Nelya Mikhailova, - contou-nos o nosso hospedeiro. - O Dr. Vasiliev fez pesquisas com ela até morrer, em 1966.

Tínhamos ouvido dizer que havia filmes da notável Nelya em ação.

- Eu mesmo fiz um filme sobre Mikhailova, - confessou Naumov, - mas acho que não devia falar sobre ele. - Fez uma pausa. - Porque os senhores vão ver o filme na segunda-feira! - O filme de Nelya seria, evidentemente, o caviar da

conferência. - E é possível que conheçam a Senhora Mikhailova também, - rematou, com um largo sorriso.

Naumov nos reservara uma derradeira surpresa. Fomos todos convidados para falar durante a conferência. Ele não somente nos convidou, como também insistiu conosco. Em seguida, Naumov e os seus amigos se despediram para ir receber outros delegados ocidentais.

Tínhamos conhecido o nosso primeiro parapsicologista soviético que fora simpaticíssimo e falara durante três horas consecutivas. A maior impressão que nos deixou foi a sua curiosidade cinética, o seu entusiasmo cinético. Tudo fazia crer que, na pior das hipóteses, as duas semanas que passaríamos em Moscou seriam interessantíssimas.

Tentando pedir o jantar no meio da tinir de copos e do rumoroso pisotear de uma festa russa de casamento, conversamos com os nossos amigos ingleses sobre a Primeira Conferência Internacional sobre Parapsicologia de Moscou. No primeiro convite a conferência estava marcada para dezembro de 1967. Depois disso chegara uma carta explicando que tinham sido apresentados uns quatrocentos artigos científicos, "tão numerosos que não poderiam ser editados em tempo hábil", e que uma conferência mais ampla seria realizada em maio de 1968. Mais tarde ainda, recebemos uma nota que dizia que, mercê de "dificuldades" supervenientes, a conferência teria lugar em algum dia do mês de junho. O boletim que nos informava do dia certo chegou muito depois de termos partido de Montreal com destino a Leningrado no M.S. Pushkin. Nesse meio tempo passamos duas semanas sem notícias no transatlântico soviético tomando lições de russo, assistindo a filmes ucranianos e ao espetáculo amador promovido por um grupo

esportivo de diplomatas soviéticos que dançaram, de sainha curta e sapatinhos de balé, com paquidérmica leveza, o Lago do Cisne. Depois de uma semana das famosas Noites Brancas de Leningrado, em que há luz, uma luz nacarada, até uma hora da manhã, tomamos o Expresso Flecha Vermelha rumo a Moscou, aonde chegamos milagrosamente a tempo para a conferência.

- Infelizmente, - contou-nos George Medhurst, - John e eu vamos perder o segundo dia da conferência. Acabou-se o prazo dos nossos vistos. Diz a Intourist que não há nada que se possa fazer.

E não havia mesmo. A gente precisa dizer a Intourist, a agência soviética incumbida de vigiar os visitantes estrangeiros, exatamente quanto tempo pretende ficar em cada cidade da Rússia - e precisa pagar tudo muito antes de obter permissão para entrar no país.

Enquanto perambulávamos pela Rua Gorky de Moscou tarde da noite, entramos a especular sobre o novo esforço soviético na pesquisa do paranormal. Quando tivemos, pela primeira vez, a idéia de escrever este livro, fomos a Durham, na Carolina do Norte, a fim de consultar o Dr. Rhine, decano dos parapsicologistas norte-americanos.

- A inspiração do movimento comunista centralizou-se numa nova compreensão da natureza do homem, mas ele não passou de um certo nível, - disse-nos o Dr. Rhine. - Agora é possível que os russos estejam preparados para uma ciência mais ampla, uma nova compreensão, mais espiritual, do homem. Esse novo trabalho soviético no campo da parapsicologia, num plano científico elevado, poderá ser muito promissor.

Em nossa viagem de regresso de Durham a Nova Iorque, detivemo-nos na Fundação Edgar Cayce, em Virgínia Beach, na Virgínia. Entre os volumes de predições da médium norte-americano, descobrimos que, mais de quarenta anos antes, Cayce profetizara que a Rússia, um dia, assistiria a um grande desenvolvimento espiritual. Seria esse o inesperado renascimento psíquico a que ele se referira?

Ou teriam os russos, como criam alguns observadores, razões mais tortuosas para explorar a ESP e os modos de controlar a mente? Com toda a sua famosa "alma mística", com toda a sua história oculta, fabulosamente povoada, a Rússia, desde a revolução comunista, mostrara-se desmedidamente desconfiada de tudo o que não pudesse ser visto imediatamente à luz clara e material do dia. Por que a súbita mudança? Que estavam pretendendo fazer os soviéticos?

Em Nova Iorque, uma médium famosa nos contara, na primavera de 1968:

- Vejo nuvens escuras pairando sobre a Rússia. Muito escuras mesmo, - ajuntara, em tom sinistro.

Se soubéssemos então o que hoje sabemos acerca das correntes que trabalham por aflorar à superfície na União Soviética, teríamos ficado muito mais nervosas com a perspectiva de mergulhar subitamente numa área de séria controvérsia política - a ESP.

A invasão tcheca ocorreria dali a algumas semanas. Poucos dias após a nossa chegada a Moscou um manifesto assinado pelo Dr. Andrei Sakharov, pai da bomba H soviética, alcançou o Ocidente. Esse "Relatório Contra o Sistema", que refletia as idéias liberais da elite científica soviética, escandalizou os funcionários soviéticos.

Registraram-se igualmente francas demonstrações, por parte de cidadãos soviéticos, contra políticas do regime - coisas até então inauditas na Rússia. Ao mesmo tempo, neo-estalinistas retrógrados assumiam rapidamente o controle. Dali a pouco, centenas de cientistas seriam dispensados por motivos políticos. E não tardaria que todos os cientistas do país se vissem sujeitos a exames políticos. Tínhamos chegado ao mundo comunista numa ocasião em que ele se achava na metade do caminho entre o renascimento e a inquisição.

Felizmente para a nossa paz de espírito naquela primeira noite em Moscou, ainda não tínhamos plena consciência de tudo o que estava estrondeando nos bastidores. Enquanto caminhávamos pela Rua Gorky, fizemos, sem muito entusiasmo, as piadas costumeiras sobre o microfone escondido no abajur e comentários sobre as estranhas circunstâncias que rodeavam a conferência. As tílias atiravam grandes baforadas de felpas ao ar morno. As lanugens flutuavam como nevasca surrealista sobre as cabeças das multidões que passeavam a meia-noite. Desde o passeio de Sheila à Rússia em 1961, edifícios de aço e de vidro, ao estilo de Nova Iorque, tinham-se erguido para refletir os antigos domos asiáticos de Moscou. Havia novos artigos de consumo, novas lojas, mais automóveis, gente melhor vestida. Enquanto caminhávamos na direção do Kremlin e passávamos pelo velho Hotel Metropol, que fora outrora o quartel-general moscovita de Rasputin, o místico monge que tivera nas mãos o czar e toda a Rússia, perguntamos a nós mesmas se iríamos encontrar algo sólido a respeito da telepatia da época espacial de Karl Nikolaiev e a respeito dos métodos ou truques de Nelya Mikhailova.

Os soviéticos pareciam mergulhar no reino psíquico partindo de perspectivas muito diferentes das do Ocidente. Estariam eles elucidando lentamente uma nova compreensão do ser humano? Teriam os soviéticos provas profundas de que todos possuímos poderes supernormais?

2

KARL NIKOLAIEV - MÉDIUM AUTODIDATA

No dia 19 de abril de 1966, Karl Nikolaiev, excelente criatura, misto de soviético, jornalista de Moscou e atarefado ator dramático, desceu rapidamente a rampa do seu avião em Novosibirsk. Como quase todas as pessoas que chegam a esse aeroporto, Nikolaiev viera pôr à prova uma teoria científica. A Academgorodok ou "cidade da ciência" de Novosibirsk é um lugar especial que rebrilha qual miragem nas brancas planuras da Sibéria. Os soviéticos construíram essa distante cidade e encheram-na de amenidades para os cientistas. Numa atmosfera francamente intelectual, a média de idade na cidade da ciência de Novosibirsk orça por trinta anos, e o QI médio é bem superior a 130.

Nikolaiev foi conduzido ao quarto n.° 601 do Hotel do Vale Dourado e ali se encontrou com um contingente de cientistas do ramo siberiano da Academia Soviética de Ciências, que a receberam efusivamente. Ele era um novo tipo de espécime para os cientistas. Karl, que diziam médium, tentaria receber mensagens telepáticas numa

experiência destinada a marcar época e que poderia ser chamada o Grande Teste de Telepatia Moscou-Sibéria. (155-167-255)

Karl estava familiarizado com o ceticismo. Naquela noite, porém, pareceu-lhe mais difícil dar de ombros. Achava-se no Hotel do Vale Dourado diante de uma oportunidade de ouro - uma experiência científica formal, com todos os efes e erres. Cumpria-lhe defender a sua asserção de que a telepatia pode manter em comunicação duas pessoas harmoniosas, por mais afastadas que estejam uma da outra. Havia mais de vinte anos que ele vinha tentando encontrar alguém disposto a pôr à prova a sua afirmativa. Nikolaiev tentou descontrair-se totalmente, se bem que três cientistas muito céticos não tirassem os olhos dele. Era quase meia-noite na Sibéria.

A centenas de quilômetros de distância, em Moscou, os relógios do Kremlin deram oito horas. Yuri Kamensky, um biofísico, foi interrompido em seus próprios esforços de descontração por uma comissão de cientistas, que lhe entregaram um pacote selado. Em seguida fecharam a porta da sua sala à prova de som, calor e eletricidade.

- Eu não sabia que fora designado para enviar uma mensagem telepática a Nikolaiev, - contou Kamensky. - Só sabia que haveria seis objetos e que a comissão me traria cada um deles separadamente. O tempo de "transmissão" era de dez minutos por objeto.

“O primeiro pacote que me deram continha uma mola de metal de sete espirais apertadas. Apanhei-a. Passei os dedos pela mola. Deixei que a sensação e a vista dela me penetrassem. Ao mesmo tempo, figurei o rosto de Nikolaiev. Imaginei-o sentado à minha frente. Em seguida, mudei de

perspectiva e tentei ver a mola como se estivesse olhando por cima do ombro de Karl. Finalmente. tentei vê-la através dos seus olhos. (67)”.

A uns 3.000 quilômetros de distância dali, Nikolaiev ficou tenso. De acordo com as testemunhas oculares, os seus dedos tatearam alguma coisa que só era visível para ele. E escreveu: "redondo, metálico... brilhante... reentrante... parece uma mola".

Quando Kamensky se concentrou na impressão de uma chave de fenda com um cabo preto de plástico, Nikolaiev registrou: "Longo e fino... metal... plástico... plástico preto". (78)

Mais tarde, Kamensky observou: "Parece-me que todas as pessoas têm a capacidade de mandar e receber telepatia. Mas, como qualquer capacidade, ela precisa ser exercitada e desenvolvida. Algumas pessoas, naturalmente, são mais talentosas do que outras".

Em quatro noites diferentes, entre os dias 19 e 27 de abril, Nikolaiev tentou sintonizar, via telepatia, pessoas em Moscou. Outro emissor, A. G. Arlashin, um estudante, escolheu as seis imagens que transmitiria entre um grande grupo de objetos apresentados pelos cientistas. Uma das coisas que Arlashin escolheu foi uma barra usada em exercícios de levantamento de peso. Nikolaiev anotou: "metal, redondo, comprido, grosso... duro... não cromado, barra de ferro... cinzenta, como ferro não polido... pesado. Que será? Serão halteres?". (67)

De um modo geral, Nikolaiev achava fácil apreender o pensamento de Kamensky, mas difícil decifrar o de Arlashin. Misturadas ao comentário de Nikolaiev enquanto este forcejava por descobrir o objeto que Arlashin tinha em

mente, estavam às associações mentais do jovem emissor, preocupado em perguntar a si mesmo: "Escolho isto ou aquilo para mandar?" A dificuldade de Karl parecia confirmar uma teoria da parapsicologia soviética: um emissor experimentado é quase tão importante em telepatia quanto um receptor talentoso. Se os pensamentos do emissor estiverem confusos, o receptor receberá imagens igualmente confusas.

Num teste feito com as conhecidas cartas de ESP, Nikolaiev, na Sibéria, tentando adivinhar as cartas que estavam sendo descobertas em Moscou, identificou corretamente doze em vinte - percentagem muito superior à de cinco em vinte e cinco, predita pela teoria estatística. De acordo com o Dr. Ippolit Kogan, diretor do centro de pesquisas de psi em Moscou, que dirigiu a prova, há uma probabilidade em mil de se conseguir o mesmo resultado por acaso. Entretanto, um teste é muito pouco em matéria de provas.

Uma mola, barras de metal, e uma chave de fenda foram as responsáveis pelo nascimento de um astro na Sibéria. Karl tinha milhares de escolhas. São incalculáveis as probabilidades de se "adivinhar" um objeto determinado e isolado no meio da infinita variedade de coisas que existem no mundo.

"Nikolaiev recebeu satisfatoriamente a metade das imagens telepáticas", declarou o Dr. Kogan na publicação científica Tecnologia de Rádio. (75) Karl sintonizou com êxito pensamentos vindos de Moscou, não uma, senão seis vezes, no que foi mais que uma decisiva defesa pessoal. Os jornais lhe apregoaram o feito e deixaram os russos falando nas maravilhas de Nikolaiev e no "rádio mental". Mas não

foram só os jornalistas que puseram os russos a par dos mistérios da ESP. Os cientistas, os altos sacerdotes da cultura soviética, de repente também começaram a discorrer em público sobre o extraordinário Nikolaiev.

O engenheiro Vitor Popovkin escreveu no jornal oficial da mocidade Kontsomolskaya Pravda que o êxito de Nikolaiev na Sibéria "me induz a aceitar a opinião dos cientistas soviéticos, segundo a qual todas as pessoas possuem capacidade telepática em vários graus e que essa capacidade pode ser exercitada". (155)

No mesmo jornal, o Dr. Kogan, matemático e ciberneticista, declarou: "Se os resultados deste e de outros testes foram admitidos com as devidas reservas, espírito crítico, sem credulidade e sem preconceitos, não há dúvida de que, finalmente, apesar de misteriosa, a parapsicologia acabará sendo uma ciência aceita". (74)

O Professor Lazar Soukarebsky, doutor em psiquiatria, manifestou-se através do Pravda de Moscou: "A demonstração de telepatia com Nikolaiev é de grande interesse, sobretudo para a pesquisa de novas possibilidades no homem.[...] Dar-se-á o caso de estarmos envolvidos numa nova forma de sentido, até agora desconhecido da ciência?... Ouvimos com freqüência, Eu acredito em telepatia, ou Eu não acredito. Na realidade, porém, que tem isso que ver com a crença? Essa não é uma formulação científica da questão. Precisamos investigar esses problemas cientificamente".(217)

O Teste de Telepatia Moscou-Sibéria, tão antiquado e clássico quanto um Ford modelo T, iniciou uma nova era da pesquisa psíquica soviética. Abrira-se uma brecha na barreira, completara-se o protótipo; agora poderiam começar

os refinamentos. Pela primeira vez os cientistas soviéticos haviam anunciado publicamente que a URSS também possuía um médium "testado".

Tivemos a nossa primeira visão do médium Nikolaiev quando chegamos à conferência.

- Vejam, lá está Nikolaiev, - disse a nossa intérprete, apontando para o outro lado da sala. - Ali, aquele homem forte, - tornou ela, insistente. - Vejam, ele é todo vermelho!

Com a sua rubra cabeleira, Karl Nikolaiev parecia ter passado muito tempo debaixo do sol causticante de Moscou. Nikolaiev, que ganha dinheiro como ator, também dava a impressão de ter sido incumbido do papel de um chefe cossaco a galopar pelas estepes. Em vez disso, porém, estava participando de uma peça nova, que "explorava as sutis correntes psicológicas ocultas entre um grupo de pessoas que voltavam para uma reunião da faculdade".

Os seus antecedentes eram impecáveis. O pai de Nikolaiev, um bolchevique conceituado, editara importante jornal revolucionário. O avô, um dos primeiros marxistas da Rússia, tinha o nome citado nos livros de História. A força psíquica não era habitual na família, mas era sem dúvida habitual o vanguardismo das novas idéias e a luta por uma causa. A dedicada família deu-lhe o nome de Karl em honra, naturalmente, de Karl Marx.

- As senhoras precisam conhecê-lo, - continuou a nossa intérprete, sussurrando, durante o discurso de abertura da conferência. - Ele provou, de uma vez por todas, que a telepatia existe.

A telepatia de que ela fazia menção pouco ou nada se relacionava com a capacidade revelada por Karl de dizer, na Sibéria, o que alguém estava pensando em Moscou. À

diferença de tudo o que até agora se descreveu no Ocidente, envolve os pequenos volts de eletricidade que vibram entre os hemisférios cerebrais de Karl, registrados por um EEG (eletroencefalograma). Nikolaiev, o individualista, estava sinceramente disposto a ligar-se às máquinas impessoais. Lutara durante muito tempo para tornar-se uma cobaia no Laboratório dos cientistas.

Por anos a fio, em seu papel de médium, Nikolaiev arrostara com paciência as marés da oposição. Os comissários proclamavam que não havia médiuns na Rússia. Os ateus e o estabelecimento científico complicaram a luta de Karl. A ESP não condizia com a sua visão do mundo, de modo que eles sabiam que ela não poderia existir. Mas a primeira pessoa com quem Karl teve de lidar foi ele mesmo.

- Decidi ser telepático, - declara Karl, categórico. - Não tive experiências nem talentos fora do comum quando criança. Trabalhei com afinco para conseguir um potencial em que a maioria das pessoas nem sequer pensa. Exercitei-me para ser médium.

- O que fiz, - prosseguiu Nikolaiev, - outras pessoas podem fazer. Creio que todo o mundo tem potencial psíquico. Essa é uma das razões por que, no meu entender, os testes científicos destinados a demonstrar as minhas capacidades são vitais. São aprova de que aprendi sozinho a ser telepático. E se eu posso, talvez você também possa... uma porção de outras pessoas pode, sem dúvida nenhuma.

As primeiras batalhas de Karl não se travaram no campo da ESP, mas conduziram-no a ele. Embora mal tivesse completado quinze anos quando rebentou a guerra, foi convocado para participar da luta de morte entre a Rússia e os nazistas. Quando os russos conseguiram, lentamente,

fazer recuar o inimigo, Karl foi transferido da frente de batalha para uma cidade húngara, a fim de descansar. Ele crescera com a idéia de fazer-se jornalista, como o seu famoso pai, Nikolai Gurvich. (Nikolaiev é o seu nome de teatro, tirado do primeiro nome do pai.) Na realidade, porém, o vigoroso adolescente ambicionava ardentemente ser ator. A sua sede de teatro sob qualquer forma levou-o a um espetáculo húngaro em que se apresentava Orlando, hipnotista e telepata que costumava dar espetáculos teatrais.

- Agarrei-me à borda da minha cadeira na primeira noite. Na segunda, estava atrás do palco, nas coxias, observando cada movimento de Orlando.

Karl vira a "luz" e reconhecera-a. Apossaram-se de todos os livros sobre psicologia e ESP que conseguiu encontrar na Hungria. Regressando a Moscou, veterano de dezenove anos, foi diretamente à procura de Wolf Messing, uma pessoa rara na Rússia, célebre médium teatral.

Se Orlando era capaz de fazê-lo, se Messing era capaz de fazê-lo, Nikolaiev. Teria capaz de fazê-lo.

Vendo-se diante de Nikolaiev, a maioria das pessoas não duvida de que ele realize o que se propõe fazer. Magnetismo animal é uma expressão evitada nos livros de parapsicologia, mas ele tem qualquer coisa parecida com isso. A sua vitalidade deu-nos a sacudidela de que estávamos precisando quando topamos com ele, a desoras, em companhia de Naumov e dois jovens físicos. Depois do seu trabalho no teatro naquela noite, Nikolaiev parecia pronto a passar o resto da noite batendo papo.

- Como foi que começou a exercitar-se para ser médium?

- Comecei da única maneira que eu sabia, tentando. Pedi a amigos que pensassem em ordens para dar-me, - explicou

Nikolaiev. - Eles pensariam, por exemplo, "Acenda um cigarro, mude de idéia e esmague-o no cinzeiro". Ou então, "Ande para frente, vire à esquerda". Como todo bom recruta, eu virava para a direita. Isso divertia todo o mundo, menos a mim. - Karl pedia às pessoas que escondessem coisas na sala e, a seguir, o dirigissem mentalmente na caça ao tesouro. - Um dia, uma conhecida, Galya... nunca a esquecerei, pensou: "vá buscar o jarro". E eu fui.

Depois disso, os amigos de Karl pararam de rir. Ao invés disso, puseram-se a engendrar um plano louco para utilizar os recém-descobertos talentos de Karl a fim de ajudá-los a passar nos exames da universidade. O êxito ou o malogro desse plano é um dos segredos mais bem guardados da parapsicologia soviética.

Há alguns anos, Lev Kolodny, jornalista soviético, perguntou a Nikolaiev, agora voltado para as experiências científicas, se ele ainda seria capaz de repetir os velhos truques telepáticos de salão. Lembra-se Kolodny:

- Concentrei-me na tarefa, tendo o cuidado de não olhar para o objeto que eu queria que ele me trouxesse. Nikolaiev levantou-se, deu-me as costas e caminhou até a extremidade oposta da sala. Parou diante de uma mesa de canto. Dali a poucos segundos, apanhou um exemplar da revista O Gonyok e folheou-lhe as páginas. Ato contínuo, entregou-me a revista aberta na página 6 em que se lia uma história intitulada "Petróleo debaixo de Moscou". Era o artigo que eu lhe ordenara mentalmente que me trouxesse. (81)

De vez em quando, o radar psíquico de Karl era utilizado em coisas mais sérias.

- A telepatia tem-me ajudado em minha vida pessoal desde que principiei a desenvolvê-la, - contou-nos Karl. -

Para dar-lhes um exemplo, criei um filho, sozinho, sem mãe. Em certo verão, mal entrado na adolescência, o menino suplicou-me que o deixasse viajar para o norte do país com um grupo de amigos mais velhos. Finalmente, cedi, mas recomendei-lhe: "Vá, mas escreva-me dizendo exatamente onde está". É claro que ele nunca me escreveu. Por isso, uma bela noite, tomei um trem e dirigi-me à aldeia para onde os garotos tinham ido.

"Era tarde e estava escuro quando cheguei. Eu não tinha a menor idéia do lugar onde o encontrara. Resolvi descontrair-me e comecei a andar. Senti uma força que me conduzia ou guiava. Continuei a andar sob o seu impulso até que, de repente, parei diante de uma casa pequena de madeira. Bati à porta. Ninguém respondeu. Eu não viera de tão longe para ficar esperando ali. Abri a porta e entrei. Um pesadelo de pai criou vida - o chão repleto de garrafas de vodca e cerveja, comida velha, um grupo de vagabundos jogando cartas e ali, bem no meio da confusão, meu filho bêbedo. Levei o meu jovem transviado para casa, convencido de que precisaria de poder psíquico e de todos os outros gêneros de poder para educá-lo decentemente."

Aparentemente, os "poderes" de Karl estavam à altura da tarefa, pois o filho recentemente se formou em bioquímica.

No princípio da década de 1950, Karl era um jornalista de Moscou. Não poderia escrever sobre a proibida ESP mas, sempre que se lhe oferecia a ocasião, demonstrava-a. "Grande espetáculo", diziam as pessoas referindo-se às "experiências" de Nikolaiev em clubes particulares e para grupos jornalísticos fechados. Somente o seu aspecto formidável os impedia de rir-lhe no rosto quando ele, paciente, explicava:

- A telepatia é muito mais que um espetáculo. A telepatia pode ser importante.

A Enciclopédia Soviética ainda escrevia em 1956: "Telepatia é uma ficção anti-social, idealística, acerca do poder sobrenatural do homem de perceber fenômenos que, considerando-se o tempo e o lugar, não podem ser percebidos".

Surgiram, então, as revelações do Dr. Vasiliev. Os soviéticos descobriram finalmente que os seus próprios cientistas tinham feito centenas de experiências bem sucedidas com a "ficção idealística". Quando as ondas de choque refluíram, Karl, que treinara como um atleta olímpico, estava pronto.

"A telepatia não pode existir!" escreveu um cientista muito cético na Gazeta Literária. E continuou o Dr. Alexandre Kitaigorodsky: "A transmissão de imagens de um cérebro para outro requer uma espécie de ondas eletromagnéticas. Nunca encontramos nenhuma dessas ondas, de modo que nada existe semelhante à telepatia".

Karl não se intimidou. Como Pushkin e muitos russos apaixonados antes dele, gostava de um duelo. Irrompendo na redação de uma revista rival, Conhecimento é Poder, atirou a luva: "Desafio Kitaigorodsky para um teste!" anunciou. "Enfrentarei esse professor quando ele quiser. Testaremos a minha telepatia. Chegaremos à verdade sobre o assunto".

O professor aceitou o desafio. Marcou-se o dia e a hora. O duelo psíquico não se realizaria a trinta passos de distância num campo coberto de neve, mas dentro de uma sala aquecida. Os "padrinhos" seriam redatores de revistas e cientistas universitários.

Durante o duelo psíquico, Karl mostrou o que era capaz de fazer. Chegou até a ler os pensamentos de Kitaigorodsky. As convicções do cientista, encerradas em sua torre de marfim, desmoronaram e dissiparam-se. O desconcertado Kitaigorodsky declarou pela imprensa: "Precisamos estudar cientificamente a telepatia". (71- 166)

Os cientistas de Moscou não tardaram a empenhar-se nisso. O "grupo Popov", o que mais se manifestava e o mais conhecido dos centros de pesquisa da URSS, encetou um programa vigoroso sobre a ESP em 1965. O "grupo Popov", que é, como os soviéticos polidamente explicarão, "a seção de bio-informações da Sociedade Nacional Científica e Técnica de Tecnologia de Rádio e Comunicações Elétricas A. S. Popov", não tardou a fazer do robusto Nikolaiev o seu "médium residente".

Depois de completar toda uma série de experiências telepáticas básicas, o diretor do grupo Popov, Dr. Ippolit Kogan começou a pensar que talvez os métodos dos físicos funcionassem com a telepatia. As partículas subatômicas não são "visíveis", mas os físicos descobrem-lhes os rastos em câmaras úmidas. A telepatia não é visível a nenhum instrumento, mas eles talvez pudessem descobrir-lhe os rastro no momento em que ela chegasse ao cérebro. Para fazê-lo, Kogan dispunha agora de um equipamento recém-aperfeiçoado de EEG para registrar ondas cerebrais e um novo meio de analisar matematicamente os gráficos. E contava também com uma fonte de telepatia perfeitamente digna de confiança - dois telepatas vigorosamente treinados, Nikolaiev e Yuri Kamensky.

Em março de 1967, acompanhado por Eduardo Naumov, então presidente substituto do grupo Popov, Karl embarcou

no Expresso Flecha Vermelha para Leningrado, onde esperava captar mensagens telepáticas de Kamensky em Moscou. Esses dois, Kamensky e Nikolaiev, são os Huntley-Brinkley da telepatia soviética. Participaram de quase todos os testes importantes da década de 1960, enviando imagens, sons, luzes e mensagens em código ao longo da sua ligação telepática.

Além do par telepático, duas outras figuras importantes da parapsicologia soviética participaram da tentativa de explorar os mistérios da telepatia à medida que ela se desenrola no corpo e no cérebro. São a Dra. Lutsia Pavlova, eletrofisiologista do Laboratório de Fisiologia do Trabalho da Universidade de Leningrado, e o seu colega mais conhecido, o matemático Dr. Genady Sergeyev, do Laboratório A. A. Uktomskii, dirigido pelo exército soviético.

Nikolaiev instalou-se numa sala isolada, à prova de som, ligada a um laboratório cheio de máquinas controladoras. Fora, em outra seção do laboratório, a Dra. Pavlova, em companhia de Sergeyev e Naumov, observava os gráficos que registravam seguramente a respiração, us batimentos cardíacos, os movimentas dos olhos, a atividade muscular e o mais importante de tudo, as ondas cerebrais de Nikolaiev.

- Geralmente me dão meia hora para eu poder chegar ao estado apropriado de relaxamento, - comenta Nikolaiev. - Preciso estar completamente relaxado, mas atento.

Durante esse tempo, o seu cérebro emitiu um firme ritmo alfa, o padrão do repouso.

A Dra. Pavlova recomendara à sua robusta cobaia:

- Se sentir alguma coisa fora do comum, alguma coisa que não tenha relação com o seu estado inconfortável e com

os elétrodos que estiverem puxando o seu escalpo, faça-nos sinal apertando repetidamente a sua mão.

Esses sinais foram eletronicamente registrados fora. Mais tarde ele explicaria cada sinal. Seria telepatia o que cuidara ter sentido, ou não? Nisso consistiriam todas as informações fornecidas a Nikolaiev. Ele não tinha a menor idéia do momento em que chegariam as mensagens telepáticas de Kamensky. Não sabia quantas mensagens deveria esperar. Não sabia porquanto tempo Kamensky se concentraria em cada uma delas. Não sabia sequer quando terminaria o teste.

Os gráficos zumbiam, os computadores esperavam, os cientistas aguardavam. Isolado numa câmara em Moscou, Kamensky principiou a transmissão telepática. A súbitas, três segundos depois, numa sala remota de Leningrado, as ondas cerebrais de Nikolaiev modificaram-se "drasticamente". (82)

Os soviéticos haviam surpreendido o momento em que a telepatia começava a operar no cérebro!(151-152) A ser válida a prova, este não é um feito de somenos nos anais da pesquisa psíquica. É um autêntico e sensacional avanço. As ramificações conduzem a campos muito mais emocionantes do que a simples prova da telepatia. Primeiro que tudo, no entanto, as fitas da Dra. Pavlova e do Dr. Sergeyev constituem uma nova espécie de prova, gráfica e palpável. A demonstração de que alguma coisa estava acontecendo entre Nikolaiev e o seu parceiro, a 640 quilômetros de distância - chamem-lhe telepatia ou outro nome qualquer. Depois de toda a sua luta persistente, as ondas cerebrais ele Karl pareciam ter vencido uma batalha por ele, Seguiram-se outros testes bem sucedidos a longa distância.

A vitória das ondas cerebrais foi também um triunfo para , Dr. Sergeyev, inventor de importantes métodos matemáticos e estatísticos para analisar o EEG, (224) que permitiram aos parapsicologistas surpreender os "rastos" da telepatia no cérebro. (199-201)

A Dra. Pavlova comentou cautelosamente, em 1967, o êxito do rastreamento da telepatia no cérebro: "Precisamos ainda de novos testes a longa distância para chegar a conclusões completamente definidas". Entretanto, os resultados dos nosso testes de distância média, já realizados em grande número, são extremamente promissores"(152)

Aludindo a testes de telepatia em que tanto o emissor quanto o receptor são submetidos ao EEG, o Dr. Kogan refere que "o momento de transmissão do pensamento, segundo se verificou, foi assinalado por drásticas alterações nas fitas do EEG de cada um"(129)

Que acontece no cérebro de Nikolaiev durante a telepatia? Compendiando extensa série de sessões de EEG (não só experiências a longa distância como também experiências a distância média, em que Kamensky e Nikolaiev ficaram em câmaras blindadas, separadas pelo espaço de duas salas), a Dra. Pavlova relatou.(152)

"Detectamos essa inusitada ativação do cérebro de um a cinco segundos após o início da transmissão telepática. Sempre a detectamos alguns segundos antes que Nikolaiev tivesse consciência de estar recebendo uma mensagem telepática. A princípio, registra-se uma ativação genérica, não específica, das seções anterior e média (motora e lógica) do cérebro. Nos casos em que Nikolaiev recebe a mensagem telepática conscientemente, a ativação do cérebro logo se torna específica e transfere-se para as regiões posteriores,

aferentes, do cérebro. Esse padrão específico permanece claro nus gráficos por algum tempo depois de cessada a transmissão."

A telepatia no cérebro parece mover-se em direções específicas. O ponto em que essa atividade se focaliza no cérebro depende, segundo os pesquisadores soviéticos, da espécie de mensagem que está sendo emitida. Em Moscou, Kamensky concentrou-se numa caixa vazia de cigarros Yava. Em Leningrado, Karl anotou: "Alguma coisa parecida com cigarros. É a tampa, dentro está vazia. A superfície não é fria... é de papelão".

Antes de receber conscientemente a imagem da caixa de cigarros, a atividade do cérebro de Nikolaiev parecia localizar-se na região occipital posterior - na área de regra ligada à visão. Significativamente, quando Kamensky transmitia sons por via telepática, como uma série de zumbidos e assobios, a atividade do cérebro de Nikolaiev se localizava na seção temporal -- a área normalmente ligada ao som.

A Dra. Pavlova fez algumas curiosas observações relacionadas com o seu extenso trabalho sobre EEG. "É importantíssimo que o receptor se encontre num estado pacífico. O homem não é normalmente capaz de manter esse estado de “repouso operativo” por muito tempo sem movimentos involuntários, sem pensamentos que o distraiam". Mas os soviéticos insistem: "Podemos exercitar-nos nesse estado meditativo necessário ao êxito telepático".

O Dr. Milan Ryzl, bioquímico de Praga que hoje mora nos Estados Unidos, é um dos poucos cientistas de fora que discutem com a equipe Pavlova-Sergeyev-Naumov as suas diversas experiências de EEG.

- Utilizando o EEG, eles fizeram descobertas importantes no campo da ESP, - diz Ryz1 (380) - Os descobrimentos soviéticos nos serão utilíssimos no controle da ESP. (382)

Além de adestrar-se no laboratório, Karl fizera mais alguma coisa para aprimorar as suas proezas telepáticas desde os dias do "vire à esquerda, vire à direita"?

- Já ouviram falar em ioga? - perguntou-nos ele.

Se não tivéssemos ouvido iríamos ouvir, porque os dois cientistas que apareceram naquela noite com Karl tinham uma pasta de fotografias reveladas em casa, em que se via um jovem magro num lindo e retorcido alfabeto de posições de ioga.

- Não faço os exercícios, - continuou Karl, dando umas palmadas no corpo sólido. (Ele faria um lótus abundantíssimo.) - Mas estudei a filosofia, a Raja Ioga, e principalmente os exercícios respiratórios. Pratiquei-os durante onze anos. Eles me deram um controle muito mais perfeito do meu corpo e de mim mesmo... e ensinaram-me também uma porção de outras coisas. Sabem que Stanislavsky desenvolveu os seus famosos métodos de representar através de um estudo da ioga? Ele acreditava que um ator precisa poder eliminar todas as tensões musculares antes de entrar no palco, pois achava que as tensões ou "tenazes" dos nervos bloqueavam a verdadeira liberdade de movimentos e expressão.

A fim de descobrir mais coisas a respeito de diferentes estados de consciência, os soviéticos acertaram com o governo indiano, no princípio da década de 1960, o envio de iogues à Rússia para serem estudados no laboratório.

Voltando à telepatia, Karl prosseguiu:

- precisamos de mais experiências comas maquinas. E vamos fazê-la. Precisamos demonstrar a telepatia subjetiva e objetivamente. Algumas pessoas jamais acreditarão quando eu disser que estou recebendo qualquer coisa telepaticamente. Não querem acreditar. E eu nem sempre acerto.

Fez uma pausa para acender um cigarro.

Alguns médiuns parecem ser muitas pessoas numa só. Como que num adejo subliminal, distinguem-se outras vozes, vislumbram-se outros rostos. Mas Nikolaiev sempre parecia ser Nikolaiev, muito embora as suas atividades - fotógrafo, ator, entusiasta de automóveis, telepata, escritor - sejam suficientemente amplas para todo um grupo de pessoas. Os artigos de Karl ainda aparecem em revistas de prestígio. Naquele momento, porém, a sua atenção se concentrava na telepatia.

- Existem inúmeros problemas em experiências comuns. Certa vez me disseram que eu precisava acertar cinco imagens em dez pois, do contrário, diriam que eu falhara, que eu não possuía capacidade psíquica. E se eu recebesse apenas duas telepaticamente, ou uma só? - Os infatigáveis olhos azuis iluminaram-se. - Isso, então, já não é um sucesso quando estou a quilômetros de distância?

Nikolaiev falou convicto. Mas com uma convicção polida, sem a eloqüência arrebatada do seu discurso na conferência, já perturbada por maquinações políticas que se intrometiam na pesquisa do psi. Poucas semanas antes, Karl havia sido reptado pela Gazeta Literária a fazer o que ele agora considerava um teste injustamente manobrado. Era sobre isso que iria falar. Com os grossos e fortes antebraços apoiados no atril, Nikolaiev começou. Estava lá, disse ele,

como particular, representante apenas de si mesmo. E confessava-se cansado de todos os ataques sem sentido a ESP. Estava cansado das pessoas que ainda não haviam sequer passado uma hora estudando o assunto e já eram citadas como autoridades na matéria. Estava cansado, em suma, de toda a confusão que se fazia em torno do que ele considerava um campo novo e frágil, que poderia e deveria ser sumamente benéfico para toda a gente.

O discurso de Nikolaiev lembrava muitas as manifestações do poeta russo Voznesensky escandindo os seus versos ricos e irados. É uma espécie de retórica sonora, pesada, shakespeareana e churchilliana, que não se ouve mais em inglês. Mas essa mistura apaixonada de emoção e intelecto ainda impregna o verdadeiro discurso russo, até entre cientistas.

Conhecemos uma mulher em Leningrado que também possuía talentos psíquicos. E ela disse a respeito de Karl Nikolaiev:

- Não o conheço, mas ele está lutando por mim. Forçando os cientistas a fazerem experiências com telepatia, ele está ajudando a provar que não sou desequilibrada, que não sou uma feiticeira de contos de fadas. Era isso o que as pessoas diziam a meu respeito.

Os soviéticos passaram para o interior do psíquico. Essa tomada de posição está começando a banir os aspectos de caça às bruxas do estudo erudito do psíquico. Agora, com as máquinas detectoras, os médiuns já não precisam ser revistados, nem amarrados como prisioneiros na frente de batalha, nem encher a boca de bolas de gude ou enfiar canivetes debaixo das unhas - coisas que aconteciam, ainda neste século, a pessoas portadoras dos talentos de Nikolaiev.

Para os partidários do velho debate dualístico, o trabalho com o EEG não tem grande utilidade. Não responde à pergunta: "Será a ESP um fenômeno material ou um fenômeno espiritual?" Não diz o que é a telepatia nem revela coisa alguma sobre a natureza da realidade que permite a ESP. Limita-se a desvendar a fisiologia do receptor ou, como lhe chamam os russos, do perceptivo. E torna mais compreensível a palavra com que os soviéticos definem a ESP: "bio-informação".

O encontro entre o EEG e a ESP rasgou novas perspectivas. "Por que não pode a ciência", ponderou um soviético, "aprender a estimular artificialmente certos padrões do cérebro e tornar uma pessoa um receptor telepático mais fidedigno? Talvez possamos fazer um médium como fazemos um bom circuito de rádio."

A Dra. Pavlova sugeriu: "Poderíamos inventar um dispositivo automático de sintonização para Nikolaiev. Um sinal lhe indicaria o momento em que a telepatia começasse a manifestar-se em seu cérebro. Ele, então, tentaria focalizar a sua atenção e captaria as mensagens que lhe chegam ao inconsciente, mas que, às vezes, se perdem".

A Dra. Pavlova não se limitou a conjeturas. Os cientistas levaram Karl a uma estranha região fronteiriça em que o submeteram a uma série de experiências esquisitas, mas altamente significativas. Utilizaram o vivíssimo Nikolaiev como se fosse um componente de uma máquina em suas tentativas de criar um sistema de código telepático para ser usado no espaço externo. Como os seus antigos colegas, mas por motivos muito menos frívolos, tentaram controlar-lhe e guiar-lhe os movimentos só com o poder da mente. Tentaram

influenciar-lhe os processos corporais, descobrir se podiam fazê-lo adoecer - por meio da telepatia.

As experiências de Nikolaiev encontram-se, a cada passo, nos estudos sobre a telepatia mencionados neste livro. O que aconteceu a ele parece uma intersecção entre a ficção científica e o vodu. Mas não é. Estribados em máquinas complicadas e teorias matemáticas, os soviéticos estão tentando desvendar alguns dos estranhos poderes do homem, a cujo respeito muito se tem falado à boca pequena, mas que nunca foram rastejados sob as luzes brilhantes dos laboratórios. Karl sempre disse: "A telepatia pode ser importante". Quando voltou a Moscou depois da guerra, em 1945, ele provavelmente não teria podido adivinhar o que significaria a palavra "importante" na década de 1960.

Nem poderia ter adivinhado que em março de 1967 ele seria chamado a uma sombria sala do governo. (13) O Ministério das Comunicações da URSS havia pedido aos parapsicologistas que apresentassem um relatório sobre o seu ramo de comunicação, a telepatia. Sergeyev explicou, particularmente, o seu novo método de analisar o EEG. Depois, Nikolaiev juntou-se a Kamensky no palco para um espetáculo "requisitado".

Kamensky esperava mandar-lhe um objeto escolhido pelos representantes do Ministério. Nikolaiev sentou-se na extremidade mais afastada do palco, de costas para Kamensky. Os funcionários ouviram Nikolaiev dizer: "Pequeno, superfície polida, cor pardacenta... extremidades pontudas". Pediram-lhe que abrisse uma caixa que continha uma caneta, um pedaço de giz, uma etiqueta de roupa, um pedaço de doce Mishka, e uma flor.

- Separe o objeto que Kamensky lhe mandou.

Nikolaiev apanhou o pedaço pontudo e castanho de doce.

O exato Nikolaiev saiu-se desta e de outras "demonstrações" com enorme prestígio popular. A sua história não é precisamente um conto de Horatio Alger. Se fosse, ele seria agora chefe de um novo ministério da telepatia. Não obstante, ele e a telepatia já cobriram um longo percurso depois que a menina tolerante ordenou mentalmente ao adolescente Nikolaiev que fosse "buscar o vaso".

Fizemos a ele a pergunta das revistas de cinema:

- Você é feliz? Por que fez tudo isso, por que lutou tanto para tornar-se telepata?

- Por quê! Para quê! - Nikolaiev inclinou-se e pudemos sentir uma espécie de trovão heráldico troar dentro dele. - Para ser mais. Para que serve a vida? Para desenvolver todas as possibilidades. Isso é felicidade, amar o que se faz, expandir-se continuamente, tornar-se constantemente algo mais.

Os seus dois amigos e Naumov principiaram a falar-nos sobre isso também.

- Estamos no limiar... talentos nunca sonhados de expansão, realização, alma... agora!

O que teria soado como Pollyanna em Nova Iorque crepitava à nossa volta como explosões de calor na úmida noite moscovita. (Na Rússia fala-se comumente em "alma". Os russos parecem preocupar-se com as suas almas como outros tantos Dostoievskys ensardinhados no metrô.)

Voltando a terra, os nossos amigos repisaram um tema que descobrimos ser comum nos países comunistas. O poder psíquico pode ter o mais amplo uso possível. É provável, ajuntaram eles, que os poderes psíquicos, um dia, possam

integrar-se na personalidade e ser usados como um verdadeiro sexto sentido.

- O sentido psíquico ajudou-me de muitas maneiras, - confidenciou Karl. - Fez de mim um ator melhor. Acho mais fácil agora penetrar a vida dos personagens que represento. Eu me afano melhor com os outros atores e sou mais sensível às reações do público. E provável que todos os artistas se utilizem desse poder sem saber do que se trata. Entretanto, não é apenas um poder para artistas, - acrescentou Karl. E repetiu: - Todos podem aprender a desenvolver o talento psíquico.

Karl sublinhou que a família e os amigos se orgulham do seu talento de ESP e não o consideram como um ser estranho e fora do comum.

Lembrando-nos de que os parapsicologistas soviéticos estão interessados em tudo o que diga respeito aos médiuns, até na incidência de manchas solares no dia do seu nascimento, perguntamos a Karl em que dia nascera.

- No dia 18 de maio de 1926.

Nesse particular ele teria sido um favorito dos astrólogos. Se o leitor já teve a oportunidade de folhear o mais elementar dos folhetos astrológicos, saberá que Nikolaiev é um belo espécime do evolvido Touro. Como o diria uma máquina de prever o futuro, "Você é bonitão, decidido e tem uma bela voz. (A voz de Karl nos traz visões de graves e polidos instrumentos de madeira.) Gregário, aprecia a companhia de outras pessoas. Gosta muito de crianças (Karl adotou um filho que encontrou num orfanato de guerra). Os seus apetites e paixões são absorventes".

Com a paixão "para ser mais", Karl Nikolaiev é a vigorosa personificação do lado brilhante da parapsicologia

soviética. A sua determinação de provar a telepatia e continuar a prová-la levou-o a um mundo estranho de ondas cerebrais e experiências, a cujo respeito estamos começando agora a saber um pouco mais.

3

ELO DA MENTE, ELO DO CORPO

Já lhes aconteceu conhecerem um estranho e sentirem por ele uma simpatia instantânea, uma espécie de estalo? - perguntou Naumov. Já lhes aconteceu serem apresentados a uma pessoa e sentirem por ela uma antipatia imediata, inexplicável?

Nos Estados Unidos esse estalo chama-se química. Na Rússia dão-lhe o nome de compatibilidade ou incompatibilidade biológica. De acordo com os soviéticos, tal experiência corriqueira é simplesmente o ponto culminante visível de um fenômeno mais ou menos deprimente, que pode tornar-se perigoso à medida que se amplia no subconsciente.

- Essas reações irracionais são muito reais e têm uma base muito real, - continuou Naumov. - As emoções, os estados de espírito, refletem-se na atividade elétrica do cérebro. Isso acontece porque o cérebro de uma pessoa pode "impor" o seu ritmo ao cérebro de outra, numa simples manifestação de telepatia espontânea.

"Aqui está outro pequeno exemplo. Deve ter havido ocasiões em que, estando num local público, notaram que

duas ou três pessoas bocejavam ao mesmo tempo. Sugestão? Começamos a ver pelas nossas experiências, que os processos físicos realizados num corpo podem ser telepaticamente transmitidos a outro. E as próprias emoções... prazenteiras ou negativas... podem ser enviadas à mente de outra pessoa telepaticamente."

Os soviéticos estão examinando as possibilidades da "imposição" biológica através da telepatia. Um homem-chave, que estuda e está sendo estudado nessa pesquisa é o biofísico Yuri Kamensky, parceiro telepático de Karl Nikolaiev. Kamensky passou a interessar-se pelos poderes supernormais quando, ainda criança, descobriu, surpreso, que os seus colegas de classe não podiam repetir o que os amiguinhos estavam pensando. Nem conseguiam repetir os números de telefones dos outros com um simples esforço mental. Mas Yuri Kamensky podia -. talento precioso na Rússia, onde não existem listas telefônicas. Agora, com trinta e tantos anos, Kamensky é uma agradável anomalia: observador e cobaia; cientista displinado e ardoroso voluntário.

Há dois anos Kamensky demonstrou que o emissor telepático pode ser uma central elétrica que irradia pensamentos. Uma luz intensa brilhou sobre os olhos cerrados de Kamensky. Era à noite e ele estava sentado num laboratório da Universidade de Leningrado olhando por um aparelho binocular. Um dispositivo de cronometragem fazia que as luzes de um estroboscópio brilhassem, num ritmo específico, sobre cada um dos seus olhos, um ritmo para o olho esquerdo, outro para o olho direito. O brilhar das luzes provoca modelos conhecidos de ondas cerebrais.

- Luz/luz, - murmurou Kamensky e, resistindo à distração dos clarões, tentou visualizar o rosto do seu parceiro telepático Nikolaiev. Quase instantaneamente, sentado em outro edifício, Nikolaiev estremeceu. Apertou o botão para indicar que, na sua opinião, o pensamento visava a ele. (152)

Só isso já seria uma boa demonstração de relação telepática. Mas uma espécie de relação muito mais sutil emocionou Naumov e os seus colaboradores. O Doutor Sergeyev decifrou rapidamente as ondas cerebrais de Nikolaiev com a ajuda de um analisador eletrônico. Nenhuma luz brilhou sobre Nikolaiev, que se quedou em estado de meditação. No entanto, quando a luz pulsou sobre Kamensky, surgiram pulsações na atividade cerebral de Nikolaiev. O padrão artificialmente criado no cérebro de Kamensky dera origem, através do ar, à atividade no cérebro de Nikolaiev. Qualquer coisa que estava acontecendo no corpo de Kamensky fez com que qualquer coisa, de repente, acontecesse no corpo do seu amigo. (82-357-382)

- Nikolaiev não teria podido produzir, por si mesmo, esse padrão, ainda que o quisesse - enfatizou Naumov, conversando conosco a respeito dessas insólitas experiências. - Em certo sentido, foi como se a telepatia fosse fotografada em seu cérebro.

Em todo o mundo, cientistas observaram que uma alteração nas ondas cerebrais de um gêmeo idêntico pode causar uma alteração semelhante Jefferson Medical College de Filadélfia, e o seu colega, Dr. Thomas. O Dr. Thomas Duane, Chefe de Oftalmologia do Behrendt, documentaram essa telepatia física em 1965. (308) Eles mostraram que o ritmo alfa - o modelo de ondas cerebrais típico do estado de

repouso - num dos gêmeos poderia produzir o mesmo modelo no outro gêmeo, ainda que este se achasse distante.

Kamensky realizou um feito complicado ao induzir um modelo complexo no cérebro de Nikolaiev. O seu pensamento parece tão sobrecarregado quanto a luz de um estroboscópio comparada com a de uma lâmpada de vinte e cinco watts. Além disso, seria muito difícil Kamensky e Nikolaiev passarem por primos segundos, quanto mais por gêmeos idênticos. Com o rosto intenso, juvenil, as entradas pronunciadas, o nariz arrebitado, Kamensky não tem afinidades visíveis com o robusto e vistoso Nikolaiev. Não obstante, o treinamento, que incluía tudo, desde a capacidade de visualizar uma cena até a pretensa harmonização de campos magnéticos, produzia momentos de extrema afinidade entre ambos.

As pessoas não têm consciência direta do que as suas ondas cerebrais são capazes de fazer. Kamensky e outro emissor, um talentoso aluno de faculdade, Alex Monin, enviaram a Nikolaiev mensagens telepáticas que ele pôde sentir perfeitamente. Monin ingressou na telepatia por ter sedo um Svengali amador aos catorze anos de idade. Pôs-se a hipnotizar a irmã. Logo depois, passou a exercer o seu domínio sobre uma jovem secretária, Luda. Um dia, enquanto Luda se achava em transe diante dele, o espírito do jovem hipnotista passou a ocupar-se de uma dificuldade pessoal que o estava preocupando. A certa altura, lembrou-se de Luda. - Agora, quero que você acorde!

Luda acordou e, imediatamente, pós-se a repetir os pensamentos caprichosos que tinham enchido a mente de Monin durante o seu transe.

- Como é que você soube disso? - perguntou o rapaz, assombrado.

- Não sei, - replicou Luda. - As palavras me ocorreram e eu as disse.

Instantaneamente convertido em parapsicologista incipiente, Monin saiu à caça de livros sobre telepatia. Provavelmente levava algum para afugentar a monotonia quando se deixava ficar, com a sua expressão intensa, dia após dia, sentado num banco de jardim. "O seu pescoço está coçando horrivelmente. Coce-o!" pensava Monin. "Sinta! Um mosquito acaba de pousar na sua nuca. Está picando!"

Alguns transeuntes começavam, de fato, a coçar o pescoço e a dar tapas em mosquitos invisíveis. Monin se preparava, assim, para ser um emissor telepático, como Nikolaiev se exercitava para ser um receptor. Atualmente, Monin trabalha como assistente de laboratório com os parapsicologistas de Moscou.

Monin não tentou influenciar Nikolaiev fazendo-o sentir cócegas na nuca. Em lugar disso, ele e Kamensky se voltaram para o aparelho de luz. Luzes que brilham em ritmos diferentes diante de cada olho provocam uma sensação de rotação e "uma sensação muito desagradável na pessoa que está olhando". Monin tomou o binóculo. Isolado, duas salas mais adiante, Nikolaiev acusou o contato telepático com ele. Sem saber em que consistia a experiência, também sentiu uma súbita náusea. Monin e Kamensky utilizavam a telepatia para provocar "enjôos" no ignaro Nikolaiev. É evidente que se esforçavam por conseguir os resultados almejados. O magnificamente treinado Nikolaiev colocou-se propositadamente num estado

de espírito acessível, receptivo. Poderia o mesmo acontecer fora do laboratório? Poderia acontecer acidentalmente?

- Sim, - responde o Dr. Pavel Naumov, que não tem qualquer parentesco com Eduardo Naumov, excetuando-se o interesse pela telepatia (137) psicologista, Pavel Naumov faz os seus estudos na agitada e barulhenta atmosfera de uma clínica ginecológica de Moscou.

"Os laços biológicos entre mãe e filha são incontestáveis. Na clínica, as mães ficam numa seção distante, separadas dos bebês. Não podem ouvi-los de maneira alguma. Entretanto, quando o filhinho chora, a mãe apresenta sinais de nervosismo. Ou quando uma criancinha está sentindo dor, como no caso em que o médico retira dela uma amostra de sangue, a mãe exibe sinais de ansiedade. Embora não lhe seja possível saber que o médico, naquele momento, está com seu filho." (254)

Uma conexão nos dois sentidos, aparentemente, é a marca dessa ligação telepática ingênita. A mãe está sofrendo dores agudas. O bebê sente-o e põe-se a chorar. "Encontramos comunicação em 65 % dos casos", concluiu Pavel Naumov num trabalho apresentado numa importante conferência soviética, em fevereiro de 1968, sobre "Problemas Científicos da Telepatia". (158)

A maioria dos russos conhece uma história muito mais famosa da ansiedade e do sofrimento físico de um pai telepaticamente comunicados ao filho. Mikhail Lomonosov foi um wunderkind russo do século XIX que, a despeito das suas origens camponesas, veio a tornar-se o sábio mais famoso do país e fundador da Universidade de Moscou. Uma noite, sonhou com o pai, que era pescador. Mikhail viu o velho lutando no mar, com uma feia tempestade. As ondas se

abatiam sobre o barco, empurrando-o inexoravelmente para a costa nua e recortada de uma ilha ártica desabitada. Naufrágio! Despertando, o filho angustiado convenceu-se de que o pai se achava em perigo de vida e tentara comunicar-se com ele. Mikhail nem sequer estava na Rússia. Regressava lentamente para casa, procedente da Alemanha. Finalmente, chegado a São Petersburgo, foi incontinenti à procura do irmão. Não, fazia quatro meses que não se tinham notícias do barco de seu pai. Descrevendo o sonho, Mikhail implorou aos pescadores da sua velha aldeia que vasculhassem a ilha. "E diligenciem para que meu pai tenha um enterro decente." Mikhail estava seguro de que os socorros, agora, chegariam tarde demais. Os pescadores encontraram o corpo do pai de Lomonosov, que naufragara, e sepultaram-no como lhes pedira o famoso sábio.

Muitos anos depois, Bernardo B. Kajinsky, um dos primeiros pioneiros soviéticos em pesquisas psíquicas, observou a transferência telepática de sintomas físicos. Uma mulher sentiu dores repentinas no estômago. A mais de dois mil e duzentos quilômetros de distância, sem que a mulher soubesse disso, sua filha estava sendo submetida a uma cirurgia abdominal. Existem dúzias de histórias a respeito dessa espontânea transferência de sintomas.

Segundo o Dr. Pavel Naumov, os pais não são as únicas pessoas tom as quais é possível uma relação telepática natural. Ele observou que moças que marcavam encontra com rapazes dotados de aptidões telepáticas recebiam corretamente até 40% das imagens enviadas pelos rapazes. Há muito tempo, pesquisadores do Ocidente observaram que a telepatia espontânea se verifica com freqüência entre

membros da mesma família, pessoas apaixonadas e amigos de infância.

Alguns russos, pelo menos, estenderiam essa conexão invisível ao mundo animal. No dia em que fomos apresentados a Naumov, ele nos referiu uma experiência interessantíssima de "telepatia". Tínhamos estado discutindo os fatos ou a ficção que haveria por detrás das notícias sobre as experiências de ESP supostamente levadas a efeito a bordo do submarino norte-americano Nautilus.

- Se a sua Marinha não fez a experiência do Nautilus, então os cientistas soviéticos foram os primeiros do mundo a testar a ESP a bordo de um submarino! - exclamou Naumov. Ele não estava fanfarroneando, mas parecia dar uma importância muito grande ao tipo de experiência dr ESP que os soviéticos tinham realizado no seu submarino. - Não usamos pacientes humanos. Usamos uma coelha e a sua ninhada recém nascida.

De acordo com Naumov, tais experiências se tinham verificado uns três anos antes.

- Como sabem, não se conhece meio nenhum que permita a um submarino submerso comunicar-se com alguém em terra. O rádio não funciona. Os cientistas colocaram os filhotes da coelha a bordo do submarino. Conservaram a mãe num laboratório, onde implantaram elétrodos no cérebro dela. Quando o submarino se achava bem abaixo da superfície do oceano, os assistentes mataram, um por um, os coelhinhos.

“A mãe, evidentemente, não sabia o que estava acontecendo. E mesmo que tivesse podido compreender a experiência, não poderia saber momento em que os filhotes morreram. Todavia, a cada instante sincronizado de morte, a

cérebro dela remiu. Havia cornurticagão, enfatizou Naumov. - E os nossas instrumentos registraram claramente esses momentos de ESP”.

Que foi exatamente o que os soviéticos descobriram em suas experiências submarinas?

- Elaboraram-se os relatórios e apresentaram-se às autoridades competentes, - contou-nos Naumov. - Lamento dizer, no entanto, que eles não são públicos.

- Há um detalhe em sua história que o senhor passou por alto, - observou o delegado britânico, John Cutten. - Os senhores, com certeza, não podem requisitar um submarino. O que nos contou supõe uma cooperação muito estreita com o governo e a marinha, não é verdade? (285)

Naumov abriu os braços.

- A observação do Senhor Cutten fala por si mesma.

Mas nem tudo falava por si mesmo. A história de Naumov era do tipo "acredite se quiser". A idéia de uma experiência fisiológica ajusta-se muito bem, sem dúvida, aos principais interesses da parapsicologia soviética. Coma se ajusta o emprego de um submarino depois de toda a publicidade feita em torno do Nautilus na URSS. E as afirmações de um elo extra-sensorial entre todas as criaturas já não soam tão inacreditáveis quanto soavam outrora, mercê do trabalho fora do comum e bem testado de Cleve Backster nos Estados Unidos. O Senhor Backster, diretor da Escola Backster de Detecção de Mentiras em Nova Iorque, possui bons elementos para mostrar que existe uma espécie de "percepção primária" inerente a todas as coisas vivas (270-294-297) por exemplo, quando minúsculos camarões são mortos registra-se uma reação em outros seres vivos - como plantas - nas áreas adjacentes. "Nada parece capaz de obstar

a essa comunicação", diz Backster, "nem mesmo anteparos de chumbo". (269-324) Supõe-se que os soviéticos descobriram que toneladas de água do mar tampouco constituem barreira para essa comunicação viva.

Não há nada de místico no trabalho que Backster e os soviéticos estão levando a cabo. As reações são registradas, em forma de gráficos, por um equipamento imparcial e cuidadosamente controlado, e os testes de Backster, pelo menos, estão sendo repetidos em outros laboratórios. É extremamente significativo que o exército soviético esteja profundamente interessado no estudo da "percepção primária". Todos os tipos de possibilidades nos acodem à mente, entre as quais se destaca um magnífico sistema de comunicação.

Além desses empregos práticos, o descobrimento do elo da mente e do corpo entre todos os seres vivos tem vastas implicações para a nossa filosofia, para a nossa própria visão do Inundo. Os mencionados testes submarinos soviéticos nos levam a imaginar se o poeta inglês do século XVIII, William Blake, não teria sido mais profético do que supomos:

Cada grito da lebre perseguida
Rasga uma fibra do cérebro

Toda a gente sabe que os místicos e gurus insistem sempre em que estamos todos, de um modo qualquer, ligados uns aos outros. Tudo é um, afiança o paradoxo, e dentro do um há individualidade. O Dr. Gardner Murphy, Presidente da Sociedade Norte-Americana de Pesquisas Psíquicas, costuma comparar os indivíduos a ilhas vulcânicas que se projetam acima da superfície do mar. Debaixo da superfície, as mesmas ilhas descem até o chão de onde provêm e ali se ligam umas às outras.

A serem corretos os primeiros resultados soviéticos, correntes de comunicação se entrecruzam debaixo da instável superfície das coisas. Estarão carregadas? indagam os soviéticos. Poderemos transmitir telepaticamente sentimentos de cólera, medo, violência, de uma sala a outra, ou de Moscou a Leningrado?

Os russos afirmam ter feito um sem-número de experiências. Numa série especialmente boa, o versátil Kamensky renunciou ao seu papel de emissor em favor do estudante Alex Monin. O próprio Kamensky recebeu. Breves, tênues explosões de emoção chegaram de Monin, que se concentrou na ansiedade da sufocação. Ele imaginou um dilacerante acesso de asma, depois uma crise de asfixia. Em outros testes, tentou transmitir a sensação de um golpe atordoante desferido na cabeça. Monin também visualizou uma cena em que "torcia o nariz de Kamensky". Quando gerava emoções telepáticas, Monin enviava cada carga de sensações nove vezes. (189) Isolado, Kamensky sentiu as emoções e delas teve consciência em 80% das experiências. (Os pesquisadores soviéticos não revelaram o número de testes; disseram apenas que foram "muitos".)

Kamensky teve a oportunidade de dirigir as próprias emoções negativas a Nikolaiev entre Moscou e Leningrado. Precisamente nos momentos em que Kamensky lhe enviou as emoções, Nikolaiev registrou a recepção telepática e começou a sentir-se infeliz. Imaginação? Os testes emocionais de telepatia teriam sido postos completamente de lado antes de ingresso do EEG na parapsicologia soviética. O grupo Naumov-Sergeyev-Pavlova descobriu que os seus registros de EEG mudavam dramaticamente quando o impulso telepático trazia consigo um estopim emocional.

(189-380) Referiu a Dra. Pavlova: "A transmissão de várias emoções sucessivas de caráter negativo provocava o aparecimento de uma excitação cruzada do cérebro. Modificava o caráter espontâneo do EEG para e estado cansado do cérebro, dominado por ondas lentas, hiper sincronizadas do tipo delta e teta". Kamensky e Nikolaiev tinham mais com que se preocupar do que com ondas cerebrais cansadas. A Dra. Pavlova anotou: "Os próprios receptores experimentaram desagradáveis sensações físicas e fortes dores de cabeça".

A Dra. Pavlova acrescentou o fecho: "Depois da transmissão telepática de emoções positivas (sentimentos de calma, alegria), o EEG voltava a normalizar-se depois de um a três minutos. Os desagradáveis sintomas físicos também desapareciam, transformando-se numa sensação de calma durante a transmissão telepática de emoções de caráter apaziguante". (152)

- Há uma espécie de teste que eu realmente detesto, - confessou-nos Nikolaiev, - ateste com emoções negativas. Às vezes me deixam indisposto durante horas.

Os testes soviéticos pioneiros apontam experimentalmente para umas poucas conclusões de arregalar os olhos ou - dependendo do nosso ponto de vista - positivamente pressagas. As emoções negativas exercem um efeito deprimente sobre a nossa fisiologia e, ao mesmo tempo, sobre a nossa psicologia. Pensamentos alegres, "positivos", ajudam o corpo a recuperar-se. Os Drs. Sergeyev, Naumov e Pavlova obtiveram dados impressionantes sobre o poder do pensamento. Parece que não precisamos sequer aquecer os nossos maus pensamentos. Qualquer pessoa pode cozinhá-los e mandá-los para nós. Os

soviéticos já sabiam, sem recorrer à telepatia, que o pensamento é capaz de chegar diretamente às nossas células sangüíneas. Em 1956, os Drs. S. Serov e A. Troskin, de Sverdde 1.500 depois que eles sugeriram uma emoção positiva aos pacientes. lovsk, demonstraram que o número de células brancas do sangue aumentou Após uma impressionante emoção negativa, as células brancas diminuíram de 1.600. As células brancas do sangue, ou leucócitos, são uma das principais defesas do corpo contra as moléstias. (359)

Em 1959, um tcheco, o Dr. Stepan Figar, descobriu que a intensa atividade mental de um homem causava, à distância, ligeira mudança do volume sangüíneo numa pessoa em repouso. Ele mediu a alteração com a ajuda de um pletismógrafo, dispositivo semelhante ao que se utiliza na detecção de mentiras ss O parapsicologista britânico Douglas Dean realizou centenas de testes bem controlados que mostram a influência telepática sobre o volume sangüíneo.

Não é provável que os marxistas gastem dinheiro para provar as verdades do vodu. Se as experiências que estão sendo realizadas continuarem a confirmar a evidência, o pronunciamento oficial será semelhante ao que se emprega todas as vezes que a luz da parapsicologia ilumina uma área considerada religiosa por alguns. Sim, essas coisas acontecem. São provocadas por funções humanas normais que até há pouco tempo não se haviam descoberto.

Não são apenas as doutrinas do vodu e a obra de Figar e Dean que dão crédito às descobertas soviéticas. Vários psiquiatras dos Estados Unidos acreditam haver observado a transmissão telepática de males físicos. O principal talvez seja o do Dr. Berthold Schwarz, neurologista, psiquiatra e

escritor de Novo Jérsei, que coligiu mais de quinhentos casos de telepatia entre pais e filhos. Muitos revelavam, para usarmos as palavras do Dr. Schwarz, "possíveis respostas telessomáticas e aparentemente motoras". Como se a idéia do pai (ou da mãe) ou do filho causasse no outro as reações físicas, escreveu o Dr. Schwarz na Revista da Sociedade Médica de Novo Jérsei. (394)

Típico da série de casos que o arguto Dr. Schwarz rastreou é o do homem que acordou com uma tremenda dor de dentes. Ele queixou-se à esposa. Em seguida, telefonou para a dentista e marcou uma consulta de emergência. Mais tarde, na mesma manhã, a mãe do homem telefonou para dizer que, naquele dia, pela primeira vez depois de muitos anos, iria arrancar um dente. No momento em que o dolorido filho chegou ao consultório do dentista, à tarde, a dor sumira. O dentista não encontrou nada de anormal no dente. A dor nunca mais voltou. O dente do filho que doía correspondia exatamente ao que fora extraído de sua mãe.

Devem ser as "dores de simpatia" carreadas para o laboratório de parapsicologia? O Dr. Schwarz documentou uma espécie diferente de ouso, que envolvia um homem salteado por súbitas e violentas cólicas de estômago enquanto dirigia o seu automóvel a caminho do trabalho. Quando decidiu voltar para casa, as dores desapareceram. Ele tornou a dar meia volta e, mais uma vez, rumou para o escritório, mas as cólicas recomeçaram. Abalado, o homem mudou de idéia pela terceira vez, muito embora as dores se abrandassem à proporção que ele se aproximava de casa. Ouvindo-lhe a história, a esposa não pareceu muito compreensiva. Nessa mesma noite, o homem descobriu as malas arrumadas da mulher. Ela planejara abandoná-lo

naquela manhã, levando consigo os dois filhos menores, enquanto ele estivesse longe, trabalhando. Esse pai acredita que o mudo sofrimento das crianças lhe foi transmitido, causando-lhe as dores que o levaram de volta para casa.

O Dr. Schwarz desvendou casos muito mais dramáticos e complexos na sua tentativa de delinear essa corrente telessomática que ricocheteia pela sala de espelhos da psicologia humana. E pouco provável que os soviéticos mergulhem na psicanálise atrás do Dr. Schwarz, assunto mais suspeito na Rússia do que a parapsicologia. A tendência irresistível da sua própria pesquisa, no entanto, poderá, um dia, empurrá-los para ela.

A investigação soviética sobre o efeito da telepatia nas ações corporais processou-se disciplinadamente de fora para dentro. Em seu livro Experiências de Sugestão Mental (237) o Dr. Leonid L. Vasiliev relata que, na década de 1930, fez centenas de experiências em que procurava, com o pensamento, obrigar pessoas a agir. "Cruze as pernas", "Erga a mão direita". "Ande para a frente". As pessoas caminhavam para a frente e erguiam a mão direita com tanta freqüência que não se podia falar em "coincidência". Vasiliev concentrou as suas ordens mentais em homens e mulheres normais e em pacientes psiquiátricos. Geralmente os deixava num ligeiro estado de transe para facilitar a recepção. Às vezes; vendava-lhes os olhos.

Numa experiência típica com um paciente receptivo no verão de 1937, Vasiliev descobriu: "De treze tarefas ordenadas telepaticamente, seis foram executadas com absoluta precisão; subsistem dúvidas em relação a três; quatro não foram executadas".

Vasiliev tentou verificar se lhe era possível influenciar mentalmente o corpo de uma pessoa para restituir-lhe a saúde e afastar-lhe a moléstia. Em companhia de amigos médicos, especialmente o Dr. V. N. Firme, hipnotista, Vasiliev transmitiu ordens telepáticas a Kouzmina, de vinte e nove anos de idade, internada num hospital de Leningrado. Durante anos a mulher sofrera de paralisia histérica do lado esquerdo. Recebendo sugestões fortíssimas e repetidas enquanto se achava hipnotizada, Kouzmina conseguiu mover a perna e o braço paralisados.

Seria também a sugestão mental suficientemente forte, perguntou Vasiliev a si mesmo, para fazê-la mover-se? O cenário foi um pequeno pavilhão do hospital, inteiramente despojado de móveis exceto uma cama no meio da sala, e um tamborete de madeira para o médico, colocado a dois metros de distância, atrás da cama de Kouzmina. Hipnotizada, com os olhos vendados, Kouzmina jazia imóvel no meio do silêncio. Vasiliev e os colegas evitavam até sussurrar. Um pedacinho de papel com o movimento desejado era entregue ao telepata, as vezes Vasiliev, às vezes Finne.

O Doutor Firme ordenou-lhe que estendesse os dois braços para fora. Um minuto e meio depois, Finne começou a observar movimentos convulsivos do braço esquerdo paralisado de Kouzmina. Pouco a pouco, ela estendeu-o para fora da cama. Mas não moveu o braço direito, normal, de sorte que o teste só teve êxito pela metade.

Vasiliev concentrou-se na sua ordem mental. "Dobre a perna direita ao nível do joelho." Kouzmina dobrou a perna. O resto do corpo permaneceu imóvel. Tempo: de três a cinco minutos.

Quando lhe perguntavam por que fazia os vários movimentos, a hipnotizada Kouzmina respondia:

- O Professor Vasiliev mandou.

Ou, então:

- Foi por ordem do Doutor Finne.

Ela quase sempre sabia quem lhe dava as ordens telepaticamente.

O Doutor Finne concentrou-se numa tarefa mais difícil. Sugeriu mentalmente a estimulação do nervo cubital do braço esquerdo paralisado; depois, a do nervo mediano; depois, a do nervo radial. Kouzmina ergueu o braço esquerdo. Assumiu a posição característica da estimulação mecânica do nervo cubital, depois a do nervo mediano. Deixou cair o braço esquerdo. A sua mão direita assumiu a posição que assume normalmente a mão quando se estimula o nervo radial.

E muito pouco provável que Kouzmina soubesse o que significa "cubital, mediano, radial", ou conhecesse a posição característica resultante da estimulação desses nervos, mesmo que Finne houvesse dado a sua ordem em voz alta e clara.

Intrigados, chegaram outros médicos. Uma dúzia de pessoas reuniu-se no quarto silencioso. Vasiliev convidou um recém-chegado, o Professor A. A. Kouliabko, a transmitir ordens também. "Coce a face esquerda e o cavalete do nariz." Kouzmina ergueu o braço direito à altura da face esquerda e dos lábios. Coçou a face direita com as mesmas mãos.

Finne perguntou a Kouzmina o que ela estava fazendo.

- O lado direito do meu rosto está coçando.

- Quem foi que falou com você? - perguntou Finne.

- Não foi o senhor.
- Quem foi?
- O Professor Koulbashov. Ele fez o lado direito do meu rosto coçar horrivelmente.

Ela estropiara apenas levemente o nome. E, no entanto, vira Kouliabko, pela primeira vez, momentos antes da experiência. Doze pessoas, quase todas recém-chegadas, enchiam a sala.

Os professores propuseram dezenove testes a Kouzmina em quinze sessões. Ao todo, anotou Vasiliev, nas tentativas para mover-lhe o corpo por meio da telepatia, tinham-se registrado dez sucessos totais, seis sucessos parciais e apenas três fracassos.

Vasiliev compreendeu como o teria compreendido qualquer contemporâneo de Pavlov, que o mesmo paciente não poderia ser submetido a esses testes por um período demasiado longo. Uma resposta condicionada talvez pusesse a perder o efeito telepático. Vasiliev alterou a direção das experiências. Tentou ordenar telepaticamente um movimento corpóreo de que ninguém se dá conta mesmo quando está inteiramente desperto: a oscilação do corpo. Utilizando aparelhos registradores muito sensíveis, o Dr. Vasiliev descobriu que podia influenciar telepaticamente a oscilação do corpo de certas pessoas sem que estas se advertissem disso. O impacto do seu pensamento era suficiente para obrigá-las a dar um passo mais rápido a fim de não cair.

Num relato sobre a capacidade da mente para influenciar um corpo seria quase uma impiedade omitir o mais famoso de todos os influenciadores russos: Rasputin, o monge "faminto de poder", "louco", "santo", ou "satânico". Lendas selvagens, fanaticamente conflitantes, fluíam desse "humilde

servo de Deus" tão desartificiosamente quanto ondas cerebrais. Debaixo da mistificação teatral, ele possuía autênticos poderes psíquicos. Rasputin treinou para ser xamã, santo siberiano. A antiga disciplina dos xamã produz, ao que se supõe, um íntimo conhecimento das coisas psíquicas - nos que conseguem sobreviver ao curso. Ora, como todos sabem, Rasputin excelia em matéria de sobrevivência. E como também se sabe, era a única pessoa capaz de ajudar o mais famoso paciente da Rússia, o jovem e hemofílico czaréviche.

Rasputin conseguia mitigar as dores do menino e estancar-lhe as hemorragias. Empregava, sem dúvida, o hipnotismo. Parece, contudo, que foi também um curador psíquico. Segundo se afirma, era capaz de acudir ao principezinho quando não estava ao seu lado. (Rasputin possuía também extraordinária capacidade para influenciar corpos de outra maneira. Bastava a damas de nobilíssima linhagem passar um minuto em companhia do monge encapuzado para cair, desvairadas, na cama dele. E deve ter sido necessária alguma projeção mental para que tantas senhoras, mais tarde, declarassem: "Tudo me foi revelado. Dormi com Deus".) A imaginação vacila ante a idéia do eletrizante Rasputin, com os seus "olhos rutilantes" e o seu "mau cheiro" sujeitando-se, submisso, aos elétrodos da Dra. Pavlova. Não se pode sequer imaginá-lo disposto a discutir os mecanismos físicos dos seus "santos poderes". Era o tipo de poder psíquico de Rasputin que o Dr. Vasiliev e os seus colegas estavam tentando sepultar quando iniciaram os seus estudos cuidadosos, sete anos após o assassínio do monge. Esses primeiros parapsicologistas levaram para o laboratório

a crença mágica de que uma pessoa pode influenciar, de longe, o corpo de outra pessoa.

Quando os descobrimentos de Vasiliev foram finalmente publicados no princípio de 1960, o Dr. Kogan, Eduardo Naumov, Yuri Kamensky, o Dr. Sergeyev e muitos outros começaram a palmilhar os caminhos abertos por Vasiliev. Este último dirigia telepaticamente movimentos do corpo. Fez a paralisada Kouzmina erguer o braço. Os novos pesquisadores tentaram influir telepaticamente em processos físicos. Kamensky projetou um modelo artificial no cérebro de Nikolaiev. A seguir, tentaram transmitir emoções mentalmente. Por fim, saindo da segurança do laboratório, descobriram, ao que se afirma, que, quando a mãe sente dores agudas, o seu nenezinho chora. À parte as provas de que a telepatia existe, esses casos propõem problemas de ordem filosófica, ética, pessoal e científica. A mente influencia o corpo à distância? O corpo influencia o corpo? O corpo influencia a mente? À proporção que o psi invade o quadro, as sólidas fronteiras entrem a biologia e as psicologias começam a dissolver-se e a misturar-se, apontando para um novo dinamismo implícito em ambas.

Num nível pessoal, porventura ligamos ou desligamos um sistema inconsciente de comunicação? Nesse imenso desconhecido, acaso influenciamos alguém? Alguém nos influencia? Quais são as circunstâncias especiais que deixam fluir a corrente telessomática?

Referindo-se à relação biológica telepática, Eduardo Naumov falou repetidamente sobre a sua aplicação a relações humanas no lar e na sociedade em geral.

- Costumávamos preocupar-nos apenas com a compatibilidade psicológica; agora precisamos pensar

também na compatibilidade e na incompatibilidade biológica, - disse ele.

As correntes telessomáticas são um fator X de tamanho não determinado. Naumov acredita que o consciente aperfeiçoamento desse "X" e da sua dinâmica só pode redundar em maior compreensão e harmonia nas relações humanas.

4

WOLF MESSING, O MÉDIUM TESTADO POR STALIN

De repente, no meio de um espetáculo teatral com casa cheia, dois policiais soviéticos de uniforme verde subiram ao palco.

- Sentimos muito, - ,disseram ao público da cidade Bielo-russo de Gomei, - mas o espetáculo acabou.

Ato continuo, enfiaram o principal artista do espetáculo, o telepata Wolf Messing, num carro que os estava esperando e partiram rumo a um destino desconhecido. Corria o ano de 1940, época em que as pessoas, freqüentemente, eram levadas pela polícia e desapareciam para sempre, sem que se dessem explicações e sem que se fizessem perguntas.

- E a minha conta do hotel e a minha mala? - perguntou Messing.

A mala não seria necessária e a conta do hotel já fora pago, informou a polícia secreta.

- Chegamos a um lugar qualquer... eu não sabia onde, - diz Messing. - Fui conduzido a uma sala. Parecia um hotel. Volvido algum tempo, fui conduzido a outra sala. Um homem de bigode entrou.

O médium Wolf Messing via-se diante de Stalin!

Stalin queria saber o que estava acontecendo na Polônia e quais eram os planos dos líderes poloneses. O ditador não queria uma conferência psíquica. Queria informações pessoais a respeito de alguns prestigiosos amigos poloneses do médium. Mais tarde poria à prova os dons psíquicos de Messing.

Wolf Messing não era um mentalista qualquer, mas um célebre médium que viajara o mundo inteiro, fora "testado" por luminares como Einstein, Freud e Gandhi, e privara com detentores de altos cargos. Entre os seus amigos figuravam o falecido Marechal Pilsudski e a maioria dos membros do governo polonês. Messing acabara de fugir diante pia invasão nazista da Polônia depois que Hitlet oferecera 200 000 marcos de prêmio pela sua cabeça psíquica.

O primeiro encontro com Stalin foi à chave, para Messing, de uma série de outros encontros felicíssimos com o ditador. Stalin ouvira falar na capacidade de Messing de projetar telepaticamente o seu pensamento no espírito de outra pessoa e, por assim dizer, de lhe controlar ou embaralhar a mente.

Stalin ordenou uma prova direta, espantosa, do talento de Messing. Este teria de realizar um assalto psíquico a um banco e tirar 100.000 rublos do Gosbank de Moscou, onde ninguém o conhecia.

- Dirigi-me ao caixa e estendi-lhe um pedaço de papel em branco, arrancado de um caderno escolar, - diz Messing.

Em seguida, abriu uma pasta e colocou-a sobre o balcão. Depois, ordenou mentalmente ao caixa do banco que lhe entregasse a enorme soma de dinheiro.

O idoso funcionário olhou para o pedaço de papel. Abriu o cofre e dele retirou 100 000 rublos. Messing ajeitou as notas na pasta e saiu. Foi encontrar-se com as duas testemunhas oficiais de Stalin, encarregadas da experiência. Depois que estas constataram que a prova tinha sido satisfatoriamente realizada, Messing voltou ao caixa. Quando começou a devolver os maços de notas, o funcionário do banco olhou para ele, olhou para o pedaço de papel em branco que ainda estava sobre a sua mesa e caiu ao chão, vítima de um insulto cardíaco.

- Felizmente não era fatal, - diz Messing.

Em seguida, Stalin propôs uma tarefa mais intrigante do ponto de vista de um ditador. Messing foi conduzido a um importante departamento do governo - talvez no interior do Kremlin. Três diferentes grupos de guardas de segurança receberam ordens para não deixar Messing sair da sala nem do prédio. Ele não tinha salvo-conduto.

- Realizei a tarefa sem dificuldade, - conta Messing, - mas, quando cheguei à rua não pude resistir à tentação de virar-me e acenar para o alto funcionário do governo postado à janela da sala que eu acabara de deixar.

Teríamos pensado muita coisa a respeito de Stalin, menos que fosse um pesquisador psíquico. Esses relatos extraordinários não saíram da Rússia contrabandeados, transmitidos à surdina. Os próprios soviéticos os publicaram na importante revista, Ciência e Religião, como parte da autobiografia de Messing, Sobre mim Mesmo. (119) O simples fato de haverem passada pelos censores políticos e

pela política ateística oficial constitui boa prova da sua validade. Em Sobre Mim Merino Messing observa que teve muitos encontros com Stalin.

Os cientistas comunistas que conhecem o célebre médium, assim como os amigos de uma das netas de Stalin, contaram-nos outra experiência ideada por Stalin. Sem permissão, sem salvo-conduto, Messing teria de entrar na dacha de Stalin, em Kuntsevo. O mesmo seria pedir á alguém que se vestisse de Batman e chegasse, sem ser molestado, aos subtérreos de Fort Knox. Vigias quase tão numerosos quanto os arbustos cercavam a casa de campo. Um pelotão de guardas pessoais não saía de perto de Stalin. Todos os criados e funcionários de suas residências eram oficialmente membros da polícia secreta.

Vários dias depois, enquanto Stalin trabalhava em sua dacha, diante de uma grande mesa de jantar atulhada de documentos e papéis oficiais, chegou um homem pequeno, de cabelos pretos, sem atrair nenhuma atenção especial. Os guardas pessoais de Stalin recuaram, respeitosos. Os criados abriram caminho para ele.

O homem atravessou diversas salas, todas mobiliadas identicamente com um sofá, um tapete e uma mesa. Parou à soleira da porta da sala em que Stalin estava lendo. O ditador ergueu os olhos, espantado, Wolf Messing se achava diante dele!

Como o conseguira?

- Sugeri mentalmente aos guardas e criados: "Eu sou Beria. Eu sou Beria", - explica Messing.

Lavrenti Beria, o merecidamente infamado chefe da polícia secreta soviética, visitava constantemente a dacha de Stalin. Com os seus cabelos anelados, Messing não tinha

semelhança alguma com Beria. Não se preocupou sequer em usar-lhe a característica mais notável, o cintilante lince-noz.

As notícias das experiências de Stalin com Messing espalharam-se pelos escalões superiores da sociedade de Moscou. Alguns receavam que Messing fosse um "homem perigoso", mas Stalin, evidentemente, não pensava assim. O resultado final do check-up foi que Messing recebeu permissão para transitar livremente por toda a União Soviética.

Não apenas para Stalin, mas para um vasto número de soviéticos, Wolf Grigorevich Messing foi uma criatura brilhante, uma espécie de superastro conhecido em todos os níveis da sociedade, uma figura lendária, por mais de um quarto de século. O nome familiar até para célebres cientistas. O detentor russo do Prêmio Nobel de química, Doutor Nikolai Semyonov, disse em Ciência e Religião, em setembro de 1966: "É muito importante estudar cientificamente os fenômenos psíquicos de sensitivos como Wolf Messing".

Há sobejos motivos para a lenda, além do endosso "testado por Stalin". Wolf Messing é um homem notável, que se salientou pelos dotes psíquicos durante os anos de maior repressão do Domínio Soviético. Embora o governo proclamasse em todas as direções que a telepatia não existia e que não existiam médiuns (chamados "trapaceiros") na Rússia, paradoxalmente esse mesmo governo empregava também Wolf Messing através do seu Ministério de Cultura, como teria empregado qualquer outro artista. Quando outros telepatas receavam até abordar o assunto em público, quando os cientistas eram obrigados a investigar a ESP secretamente, Messing dava espetáculos públicos, que

incluíam a telepatia; quase todas as noites. Chamava à sua apresentação, "Experimentos Psicológicos", e excursionou por quase todas as cidades da URSS. Durante os piores anos do governo de Stalin, quando a última coisa que se poderia imaginar era que um russo deixasse alguém ler-lhe os pensamentos, multidões formavam filas para assistir ao espetáculo telepático de Messing. Dizia-se até que ele fosse capaz de operar milagres.

Muita coisa a respeito da sua vida parece milagrosa. Ao fugir dos nazistas, atravessou a fronteira russa escondido num vagão de feno em novembro de 1939. Imigrante polonês, judeu, médium – ninguém daria nada pelas suas possibilidades de sobrevivência. Três anos depois, como cidadão soviético, pôde comprar com o seu dinheiro e dar de presente à Força Aérea soviética dois aviões de caça. Funcionários russos com os seus gorros de pele sentiram-se honrados em posar para fotografias das agências noticiosas, ao lado do cidadão Wolf, numa cerimônia especial em que receberam os aviões - cada um deles com o nome W. G. Messing escrito em letras graúdas na fuselagem. Essa teria sido uma história de sucesso no Ocidente; na União Soviética, é "milagrosa".

Se ele não fosse o "extraordinário" Wolf Messing, não teria vivido o tempo suficiente para conquistar tão depressa e tão completamente a Rússia.

No dia 1.° de setembro de 1939, o exército de Hitler invadiu a Polônia. Messing não poderia continuar em sua terra natal. Num teatro de Varsóvia, em 1937, na presença de mil pessoas, predissera: “Hitler morrerá se voltar para o Leste”.

- O Führer fascista mostrou-se sensível a essa profecia, como, aliás, a todos os gêneros de misticismo, - diz Messing.

O médium Eric Hanussen já fora morto pelos nazistas por saber demasiado acerca dos seus planos. Quando as notícias da profecia de Messing chegaram aos ouvidos de Hitler, este ofereceu um prêmio de 200.000 marcos pela cabeça do telepata.

No dia da invasão, Messing escondeu-se na câmara frigorífica de um açougue de Varsóvia. Entretanto, foi detido ao sair à rua certa noite. O oficial nazista perscrutou-lhe o rosto - depois examinou um folheto que trazia no bolso com as fotografias de pessoas procuradas. Agarrando-o pelos cabelos, o oficial rosnou:

- Quem é você?

- Sou um artista.

- Você é Wolf Messing! Foi você quem predisse a morte do nosso Fuher!

Deu um passo para trás e, sem largar-lhe os cabelos, desfechou-lhe um soco no queixo.

- Foi o golpe de um mestre em torturas, - diz Messing. - Perdi uma grande quantidade de sangue e seis dentes.

"No posto policial compreendi que ou deixaria a Polônia instantaneamente, ou morreria", rematou o médium.

Utilizando todos os seus fenomenais poderes mentais, ele afirma (119) ter obrigado todos os policiais que se achavam no posto naquele momento a reunir-se na mesma sala. Todos, incluindo o chefe e a sentinela que guardava a saída, começaram a sentir uma estranha necessidade de ir para a tal sala.

- Quando, respondendo à minha vontade, toda a polícia se juntou naquela sala, fiquei inteiramente imóvel, como se

estivesse morto. Depois, num abrir e fechar de olhos, corri para o corredor. E imediatamente, antes que pudessem dar pela coisa, passei o ferrolho de ferro na porta. Era chegado o momento de apressar-me.

Felizmente, Messing atravessou a fronteira russa naquela mesma noite. Seu pai, seus irmãos e toda a sua família foram trucidados no gueto de Varsóvia. Em Brest Litovsk, na Rússia, havia milhares de outros refugiados que fugiam dos nazistas. A União Soviética era um país desconhecido para Messing - que nem sequer falava a língua russa.

Dirigindo-se ao Ministério da Cultura, solicitou um emprego.

- Não queremos ledores de sorte nem feiticeiros neste país, - responderam-lhe. - E a telepatia não existe!

Era necessário modificar-lhes a maneira de pensar, decidiu Messing: Uma demonstração das suas capacidades talvez ajudasse a mostrar-lhes que aquilo não era nenhum truque. Fosse qual fosse a demonstração, o funcionário encarregado do Ministério da Cultura contratou-o imediatamente, e principiou a sua saga soviética. O seu primeiro emprego foi excursionar pela Bielo-Rússia.

O espetáculo que Messing apresenta no palco raro se refere a assuntos pessoais ou políticos. Os espectadores recebem simplesmente instruções no sentido de pensar em alguma tarefa que gostariam de vê-lo executar. As instruções, seladas, são entregues a um júri também escolhido pelo público.

- Pense apenas no que quer que eu faça, - aconselhou Messing a um voluntário, em recente demonstração diante de um grupo de médicos.(67) Sem tocar no médico que se concentrava, Messing pôs-se a andar lentamente de um lado

para outro, entre as poltronas da sala, orientando-se como um sistema humano de radar. Deteve-se diante da Fila P e, a seguir, focalizou o seu alvo, um homem sentado na poltrona n.° 4. Endereçou-se a ele, enfiou a mão no bolso do homem e dali tirou uma tesoura e uma esponja. Em seguida, mostrou-as ao público.

- Acho que não devo cortar a esponja, - disse. pedaço de giz e desenhou os contornos de um animal na É um cachorro! - anunciou.

O júri verificou a tarefa telepática. O médico quisera que Messing encontrasse o seu amigo e recortasse a figura de um cachorro na esponja que ele trazia no bolso. Messing captou o pensamento, mas preferiu não estragar a esponja do outro.

- Os pensamentos das pessoas chegam-me em forma de imagens, - explica Messing, que agora já tem mais de setenta anos. - Geralmente vejo imagens visuais de uma ação ou de um lugar específicos. - Ele põe constantemente em destaque o fato de que não há nada de sobrenatural, nada de misterioso na capacidade de ler pensamentos. A telepatia, insiste, resume-se na exploração de leis naturais. - Em primeiro lugar, eu me coloco num estado de desconcentração, em que experimento uma concentração de sensações e de força. Depois disso, é fácil chegar à telepatia. Sou capaz de captar, praticamente, qualquer pensamento. Quando toco no emissor, o contato assim estabelecido me ajuda a separar o pensamento emitido do "barulho" geral. Mas esse contato não é uma necessidade para mim. (118)

Alguns cientistas que assistiram aos espetáculos sensacionais de Messing convenceram-se de que ele deve receber a mensagem através de movimentos ideomotores - ligeiros e inconscientes movimentos musculares, expressões

faciais, alterações na respiração - capazes de fornecer as informações necessárias a um observador experimentado. Quando Messing segura no braço do emissor, comi faz algumas vezes, o enrijecimento inconsciente da musculatura poderia indicar a direção em que ele deve caminhar ou o momento em que deve parar, aventaram os cientistas. (154)

- Quando tenho os olhos vendados, - contesta Messing, - a telepatia é ainda mais fácil para mim. Se eu não vir o emissor, poderei concentrar-me totalmente na percepção do seu pensamento.

De acordo com a autobiografia de Messing em Ciência e Religião, a teoria ideomotora lhe foi associada em 1950, quando o Departamento de Filosofia da Academia Soviética de Ciências se viu obrigado a explicá-lo em função da filosofia comunista materialista. Foi a época mais terrível do congelamento das idéias e da vida processando pelo velho regime. Era mister que o explicasse com segurança, e por isso a Academia aventou a “teoria ideomotora”

- Foi uma pena que essa explicação, dali por diante, fosse impressa no programa que acompanhava os meus espetáculos, - diz Messing. - Isso se devia ao culto da personalidade [isto é, ao estalinismo].

O fato de haver Ciência e Religião publicado a refutação de Messing mostra que os tempos mudaram. Os movimentos ideomotores não podem explicar as proezas que, segundo se diz, Messing executou a mando de Stalin, ou a telepatia quando ele está longe do emissor.

- A teoria ideomotora tampouco explica como recebo idéias abstratas. Para mim, os pensamentos complexos, originais, são mais fáceis de captar, talvez por serem mais interessantes, - diz Messing.

A clareza com que chega o pensamento, declara ele, depende da capacidade de concentração do emissor. Se uma multidão de pensamentos conflitantes fluir pela mente do emissor, a impressão de quem os lê ficará apagada - exatamente como costumava ficar apagada uma fotografia dos velhos tempos quando alguém se mexia.

- Por estranho que pareça, - observa Messing, - os pensamentos dos surdos e dos mudos são mais fáceis de receber, talvez porque eles pensam muito mais visualmente do que nós.

Um repórter que visitou o quarto de hotel de Messing em Norilsk durante uma das suas incessantes excursões, anotou alguns dos presentes enviados ao médium soviético pelos seus inúmeros admiradores: ramos de flores, uma linda caixa pintada à mão, presente do povo de Norilsk; no sofá, as patas ~e um urso peludo, lembrança do povo ártico de Igarka.

O repórter pediu-lhe um espetáculo particular. Messing cobriu os olhos com uma veada que parecia bem apertada. O repórter sugeriu telepaticamente que, Messing localizasse um exemplar da revista Ogonyok e nela descobrisse um retrato de Lênin. Depois, ordenou-lhe mentalmente que dissesse se tratava de um retrato de Lenin ou da fotografia de um ator que estivesse representando o papel de Lenin. Ainda com os olhos blindados, Messing trouxe-lhe a revista aberta na página certa.

- E um retrato original, - declarou Messing.

"Ele estava absolutamente certo!" - recorda-se o repórter. Distingui-se também as cores das páginas da revista, sem olhar para elas enquanto eu o observava cuidadosamente".

O repórter parece meio assombrado. Nem sequer ventila a hipótese de que Messing poderia ter espiado por baixo da

venda. Mas isso também não explicaria que a médium soubesse qual era a ordem mental. (253)

O repórter de Norilsk tornou-se, provavelmente, uma celebridade entre os amigos, pois Wolf Messing é conhecido por quase todos na Rússia. A diretora de uma agência da Intourist em Moscou falou-nos sobre o seu talento como se estivesse discutindo o desempenho de Oistrakh ou a dança de Pavlova.

- Ouço falar em Wolf Messing desde pequenininha, - contou-nos ela. Fora vê-lo muitas vezes? Não. - Não fui porque sei que ele é extraordinário. Não me agrada a idéia de alguém observando os meus pensamentos, - admitiu, afinal.

A pergunta que se faz constantemente a Messing é como pode ele ver os pensamentos.

- O mesmo é tentar explicar a visão numa terra de cegos. Podemos registrar as nossas ondas cerebrais num EEG. Mas ainda não dispomos de um instrumento, exceto um ser humano, capaz de registrar ns nossos pensamentos. E possível que a telepatia funcione em campos eletromagnéticos ou em algum campo que ainda não descobrimos. O Dr. Nikolai Kozyrev, o célebre astrofísico, admite que a telepatia talvez esteja ligada ao campo gravitacional, - diz ele.

"A ciência precisa apartar a telepatia do misticismo e averiguar como funciona. Porque ela realmente funciona! Poucos anos atrás nada se sabia sobre as ondas de rádio. Por que não poderia a telepatia trazer-nos milagres semelhantes? Surpreende-me que cientistas não percebam, ou não queiram perceber, que a telepatia está acontecendo a todo momento em suas próprias vidas. Eles se parecem com os sábios da Idade Média, que, temendo afastar-se das doutrinas de

Aristóteles, se recusavam a admitir a existência da eletricidade, embora vissem relâmpagos a todo momento."

O relâmpago psíquico de Messing brilhou:

- Nasci no dia 10 de setembro de 1899, Para ser mais preciso, no território do Império Russo, na cidadezinha de Gora Kalwaria, perto de Varsóvia.

Em outras palavras, Messing é polonês, proveniente de uma aldeola judaica, igual às inventadas por Sholom Aleichem. Quando criança foi apresentado ao famoso escritor. "Você terá um futuro brilhante!" teria dito Aleichem.

- Mas não era uma profecia, - admite Messing. - Aleichem dizia a mesma coisa a um menino sim e outro não.

Sendo a família de Messing pobríssima, porém excessivamente religiosa, Wolf, aos seis anos de idade, graças à sua memória prodigiosa, conhecia muito bem o Talmude. O rabino decidiu que o garoto cursaria uma escola religiosa a fim de preparar-se para o rabinato. A família fiou entusiasmada com a oportunidade que se oferecia ao filho, mas Wolf recusou-se terminantemente a ir para a escola.

- Foi então que aconteceu o primeiro milagre em minha vida, - recorda Messing. - Meu pai me mandara à venda comprar um maço de cigarros. Já era fusco-fusco. A entrada da nossa casinha de madeira estava escura. A súbitas, surgiu nos degraus uma figura gigantesca, escura, toda vestida de branco.

- Meu filho! Sou um mensageiro vindo lá de cima... para predizer o seu futuro! Vá à escola! As suas orações agradarão ao céu!... - E a visão desapareceu.

"Seria difícil transmitir a impressão que essas palavras causaram aos sentimentos nervosos e místicos de um

menino", continua Messing. “Foram como o brilho do relâmpago, o troar do trovão. Caí ao chão e perdi os sentidos”.

"Quando tornei a mim, meu pai e minha mãe liam orações por mim. Lembro-me dos seus rostos conturbados. Mas depois que me recuperei, ficaram mais calmos. Contei-lhes o que acontecera. Fingindo tossir, papai murmurou:

- Quer dizer que Ele quer...

"Minha mãe permaneceu em silêncio.

"Depois desse pasmoso incidente, eu não poderia continuar resistindo", confessa Messing. E, obediente, foi para a escola religiosa, em outra aldeia.

O menino, porém, não se sentia feliz com uma vida de orações. Aos onze anos, com dezoito centavos no bolso, partiu para o mundo desconhecido no primeiro trem que passou por lá. Enfiou-se debaixo de um banco num vagão quase vazio e adormeceu.

- Eu, naturalmente, não tinha passagem, - prossegue Messing. - E o chefe do trem, inevitavelmente, apareceu para perfurar as passagens.

- Rapazinho, - ainda posso ouvir-lhe a voz nos meus ouvidos, - a sua passagem...

“Nervosamente, tensamente, estendi-lhe um pedacinho de papel sem valor algum, arrancado de uma página de jornal. Os nossos olhos se encontraram. Com todas as minhas forças, eu quis que ele aceitasse o pedaço de papel como uma passagem”.

"O chefe do trem pegou-o e, de um modo estranho, virou-o e revirou-o entre as mãos. Eu recuei, procurando impor a minha vontade. Ele enfiou o pedacinho de jornal

entre as mandíbulas pesadas do perfurador. E, devolvendo-me a "passagem", perguntou-me:

- Já que você tem passagem, por que está aí debaixo do banco? Levante-se! Dentro de duas horas chegaremos a Berlim.

"Foi à primeira vez em que se manifestaram os meus poderes de sugestão mental", declara Messing.

A partir de então, Messing realizou inúmeras demonstrações bem comprovadas da sua capacidade de "toldar as mentes dos homens". (Messing teve um discípulo arrebatado em Karl Nikolaiev, que também tentou toldar a mente de chefes de trem para viajar de graça. No Pravda de Moscou (81) Karl confessou que pôs freqüentemente em execução o plano de visitar a Rússia por obra e graça da ESP. Esperava que a sociedade lhe perdoasse essas faltas juvenis, pois embora viajasse de trem muitas vezes, só foi apanhado e multado uma vez.)

Em Berlim, Wolf Messing conseguiu um emprego de mensageiro no bairro judeu. Levando um embrulho para um subúrbio da cidade, um dia, desmaiou de fome numa ponte. Sem amigos, longe de casa, foi levado para um hospital. Sem pulso - sem respiração. O corpo frio. Messing foi conduzido ao necrotério. Teria sido enterrado numa vala comum não fora à interferência de um estudante de medicina, que acertou de notar nele um batimento cardíaco fraco, muito fraco. Era quase imperceptível, infreqüente, mas era um batimento.

Até como "cadáver" Messing tinha uma aura teatral. Segundo os melhores scripts de filmes de terror, o pulso e os batimentos cardíacos, gradativamente, voltaram a normalizar-se e, três dias depois, ele recuperou os sentidos.

No hospital, o Dr. Abel, psiquiatra e neuropatologista, explicou que o seu fora um caso raríssimo de letargia.

"Não somente devo minha vida ao Dr. Abel, mas também o descobrimento e o desenvolvimento das minhas capacidades psíquicas", escreve Messing em sua autobiografia.

- Você tem a capacidade da catalepsia auto-induzida, assim como a capacidade paranormal, - disse-lhe Abel. A catalepsia é o gênero de vida suspensa que os iogues altamente treinados demonstram às vezes. O Dr. Abel inspirou a Messing a confiança em seus poderes psíquicos. Com a ajuda do Dr. Schmidt, um colega psiquiatra, e da esposa de Schmidt, Abel exercitou Messing na telepatia.

Foi um ponto decisivo na vida do rapaz. Abel descobriu-lhe um empresário, o Senhor Tselmeister, que encontrou um emprego para Wolf no Panopticon (museu de cera) de Berlim. O "menino prodígio" Wolf Messing trepava num caixão de cristal, provocava em si mesmo o estado cataléptico, e lá ficava, como um cadáver, todos os fins de semana, de sexta-feira até domingo à noite.

- Devo ter passado pelo menos três bons meses da minha vida num caixão de ouro, - diz Messing, - e para fazer isso recebia cinco marcos por dia.

Nos quatro dias de folga, todas as semanas, exercitava as suas capacidades psíquicas. Perambulando pela praça do mercado, procurava "ouvir" os pensamentos dos camponeses alemães - geralmente a respeito de suas casas, famílias, casamentos, preços de produtos. Muitas vezes, enquanto "ouvia" os pensamentos dos outros, ouvia as respostas aos seus problemas e lhes dizia: "Não se preocupem a respeito

disso ou daquilo, tudo acabará bem". Em seguida, contava-lhes o que ia acontecer.

Assombradas, as pessoas, segundo se conta, voltavam depois para contar que ele acertara. Durante dois anos, Wolf estudou e exercitou as próprias capacidades. Dos seus minguados caraminguás também tirava o suficiente para pagar professores particulares, que lhe davam lições sobre assuntos acadêmicos normais, e lia com voracidade.

O trabalho seguinte de Messing foi o famoso Wintergarten de Berlim, onde ele desempenhava o papel de faquir. Capaz de anestesiar a seu talante várias partes do próprio corpo, não exibia nenhum sinal de dor quando agulhas enormes lhe eram espetadas no peito. Depois, representou o papel de "detetive milagroso", localizando jóias e objetos escondidos no meio do público.

Em 1915, apesar da guerra, um emissário conseguiu para ele um espetáculo em Viena. Messing foi o "sucesso da temporada". Enquanto se achava em Viena, o jovem Wolf, de dezesseis anos de idade, participou do que é, sem dúvida, um dos mais deliciosos experimentos psíquicos que já se registraram.

Albert Einstein convidou-o a ir ao seu apartamento. Messing ainda recorda com assombro o número de livros - "havia-os em toda parte, a começar pelo vestíbulo". No escritório de Einstein, Wolf foi apresentado ao fundador da psicanálise, Sigmund Freud, o qual observou certa vez que, se pudesse reviver a sua vida, tê-la-ia consagrado à pesquisa psíquica. Tão intrigado ficou Freud com os poderes psíquicos de Messing que decidiu realizar uma série de experiências com ele. Freud funcionou como indutor.

- Até hoje ainda me lembro da ordem mental de Freud, - diz Messing. - Vá ao armário do banheiro e pegue ali uma pinça. Volte até onde está Albert Einstein e arranque três pêlos dos bigodões dele.

Depois de localizar a pinça, Messing, com muita delicadeza, abeirou-se do célebre matemático e, pedindo-lhe perdão, explicou-lhe o que o seu amigo cientista queria que ele fizesse. Einstein sorriu e voltou o rosto para Messing. Freud deve ter sorrido também, porque o jovem Messing lhe executara a ordem mental irrepreensivelmente. (119)

Nos dez anos que se seguiram Messing viajou pelo mundo todo esteve no Japão, no Brasil, na índia, na Argentina, na Ásia, na Austrália. Na Europa se apresentou em todas as principais capitais - Paris, Londres, Roma, Estocolmo, Genebra, Varsóvia.

Em 1927, na Índia, conheceu Gandhi. Discutiram política e, em seguida, Gandhi representou o papel de emissor de Messing numa prova psíquica. A ordem mental que ele lhe deu era simples. "Pegue uma flauta que está em cima da mesa e entregue-a a uma das pessoas da sala." Messing fez o que lhe fora ordenado. O homem levou a flauta aos lábios e começou a tocar. De repente, uma cesta que havia na sala começou a tremer e a mover-se. Uma cobra rajada emergiu da cesta e entrou a oscilar ao ritmo da música.

Tendo tido a oportunidade de observar os iogues indianos durante a sua viagem, diz Messing:

- Os iogues eram capazes de ficar num estado cataléptico auto-induzido durante semanas a fio, ao passo que eu não conseguia ficar nesse estado mais de três dias. (120)

Durante dez anos Messing trabalhou na Polônia, fazendo grande sucesso como clarividente, telepata e ledor de

pensamentos. Fora dos seus espetáculos teatrais de telepatia, era freqüentemente chamado para fazer às vezes de detetive psíquico. Certa vez foi procurado pelo Conde Czartoryski, da rica família polonesa que durante muito tempo participou do governo do país. O conde lhe prometeu 250 000 zlotys se conseguisse localizar as jóias da família, que haviam desaparecido. A polícia e detetives tinham investigado, sem resultado, durante vários meses.

Messing foi levado ao castelo do conde no avião particular do fidalgo. O sentido psíquico levou-o a suspeitar de um menino, filho de um dos criados. Examinando os brinquedos no quarto do garoto, Messing pediu ao conde que mandasse abrir um enorme urso estofado de pelúcia. Quando se cortou o brinquedo ao meio, do seu interior caíram pedaços de vidro colorido, frascos, enfeites de árvore de Natal, colheres douradas e as jóias da família do conde. havia tanto tempo perdidas, que valiam 800 000 zlotys! Aparentemente atraído por tudo o que brilhava, o menininho tirara as jóias e outros objetos brilhantes e os escondera no enchimento do urso.

Agradecido, o conde ofereceu-lhe uma recompensa ainda maior.

- Recusei-a, - disse Messing. O médium judeu pediu apenas uma coisa em troca: que o conde usasse a sua influência junto ao governo polonês para fazer que se revogasse uma lei que violava os direitos dos judeus. O conde concordou. Duas semanas depois cumpria a sua promessa e a lei era ab-rogada.

Messing também se interessou pelo espiritualismo.

- Embora seja ateu, eu pertencia a uma sociedade mística. Naquele tempo o espiritualismo era muito popular

em toda a parte. Os espiritualistas achavam que os céticos emitiam "fluidos negativos" que obstavam ao contacto com as almas dos mortos.

Agradecido, o conde ofereceu-lhe uma recompensa ainda maior.

- Recusei-a, - disse Messing. O médium judeu pediu apenas uma coisa em troca: que o conde usasse a sua influência junto ao governo polonês para fazer que se revogasse uma lei que violava os direitos dos judeus. O conde concordou. Duas semanas depois cumpria a sua promessa e a lei era ab-rogada.

Messing também se interessou pelo espiritualismo.

- Embora seja ateu, eu pertencia a uma sociedade mística. Naquele tempo o espiritualismo era muito popular em toda a parte. Os espiritualistas achavam que os céticos emitiam "fluidos negativos" que obstavam ao contacto com as almas dos mortos.

Nas sessões que Messing freqüentava as mensagens vinham através de pancadas na mesa e mesas viradas. Alguns médiuns que ele conhecia invocavam espíritos que escreviam com giz em quadros negros; outros invocavam fantasmas que tocavam guitarra.

"Quando o famoso médium polonês Jan Gusyk estava conosco, nós invocamos os 'espíritos' de Napoleão e Alexandre da Macedônia!" escreve Messing. Ele admite que os espiritualistas o ajudaram a aguçarem os seus poderes psíquicos mas, hoje, cita Frederick Engels: "O espiritismo é a mais selvagem de todas as superstições". No tocante a si mesmo, diz Messing:

- Estou convencido de que o espiritualismo é pura charlatanice. (130)

O espiritismo talvez seja uma heresia mortal para o bom comunista, mas ele se materializou, não faz muito tempo, no menos verossímil cenário do mundo: o Vigésimo Segundo Congresso do Partido Comunista em Moscou, no ano de 1961. Foi o congresso em que Nikita Khrushchev denunciou e repudiou os pecados políticos de Stalin. Darya Lazurkina, uma mulher idosa e delicada, levantou-se para falar à assembléia. Muito tempo antes, quando era ainda uma jovem idealista, conhecera Lenin e fora uma das suas discípulas mais ardorosas. Em 1937, como a maioria dos outros velhos bolcheviques, engolida pelos expurgos e levada para um campo de trabalho escravo, Darya Lazurkina passara dezenove anos e meio nos campos. Sobrevivera "porque", revelou aos delegados, "Lenin estava em meu coração. Ele me sustentava e aconselhava. Ontem", prosseguiu a velha, ainda apaixonada, "tornei a consultá-lo. Ele veio. Era como se estivesse ali, em pessoa, à minha frente. E disse-me: É desagradável para mim repousar ao lado de Stalin no mausoléu. Ele fez tanto mal !'

O jornal soviético Izvestia não contou a visita de Lenin, mas contou que as observações da Srta. Lazurkina provocaram "aplausos trovejantes e tempestuosos", ao mesmo tempo em que a revista Time descobriu que os últimos dias do congresso foram "cercados de uma estranha atmosfera de magia e de sobrenatural". Se bem não fosse, provavelmente, por determinação do espírito de Lenin, o corpo de Stalin não tardou a ser removido do Mausoléu da Praça Vermelha? (295)

Em virtude das suas lutas com o destino, Messing tem uma permanente simpatia pelas pessoas que sofrem grandes reveses.

- Estou sempre disposto a utilizar os meus dons para ajudar os que andam as voltas com infortúnios, - diz ele. A sua capacidade de implantar pensamentos vigorosos em outros, afirma, pode ser usada para inspirar otimismo às pessoas que estão perigosamente deprimidas. - Muitas vezes consigo, mediante forte sugestão mental, incutir coragem, confiança e força em pessoas que estão na iminência de suicidar-se.

Em suas viagens e em sua casa, Messing também aproveita o tempo de folga para investigar o mundo psíquico e denunciar fraudes. Em Varsóvia, de uma feita, Wolf viu um faquir tentando conseguir o seu tipo de transe cataléptico.

- O homem estava deitado como uma tábua entre duas cadeiras, enquanto os médicos procuravam ouvir-lhe os batimentos do coração. Não ouviram nenhum. Aquilo parecia catalepsia, mas eu sabia que não era. Pedi ao meu médico que examinasse o faquir. Descobriu-se que o homem usava um colete de aço de modo que pudesse suportar o peso de outra pessoa em cima dele. Duas bolas de aço caíram ao chão. Ele as escondera nas axilas a fim de impedir a circulação e suprimir o latejo do pulso.

"Quando os cientistas atacam charlatães como esses, chegam à conclusão de que todos os médiuns são impostores", lastimou-se Messing. Ele persegue os impostores mais com a ira do artista que defende a sua musa do que com a investigação desapaixonada do cientista.

Os parapsicologistas soviéticos gostariam de sondar mais profundamente o próprio grande Messing, e muitos cientistas se dispuseram a assistir às suas experiências, servindo como emissores ou membros do júri. Eles se valeram das teorias de Pavlov para tentar explicar o que viam. Os pesquisadores

contemporâneos do psi vêem os novos descobrimentos a respeito dos poderes psíquicos de Karl Nikolaiev como uma explicação parcial dos talentos de Messing.

Como Jeane Dixon em Washington, Messing nunca teve tempo para ir aos laboratórios dos cientistas. "Ele promete sempre que, um dia, quando tiver tempo, virá aos nossos laboratórios, mas nunca vem." Os cientistas que encontramos na Rússia e na Tchecoslováquia conheciam Messing pessoalmente e respeitavam-lhe a capacidade. "É claro que ele tem talento psíquico. Talvez não o tenha em todos os momentos, talvez não o tenha em todos os números do seu programa, mas demonstrou-o que farte no decorrer dos anos". (11) Eles gostariam de pô-lo à prova, mas "Messing tem agora mais de setenta anos, não está muita bem, e despende uma tremenda energia viajando para dar espetáculos. Além disso, é um artista; tem o temperamento artístico - muito emocional". E aí está precisamente a pedra no sapato da parapsicologia. As personalidades coloridas, ousadas, quase de prima-donas, que o médium parece irradiar, são os tipos mais difíceis de afinar com a antissepsia dos laboratórios.

Wolf Messing é autêntico? Os cientistas que encontramos empenhados na pesquisa do psi aparentemente acreditam que sim. Ludmila Svirka-Zielinski, observadora amadurecida do cenário soviético e colaboradora de Atlas (a revista noticiosa dos correspondentes estrangeiros), escreveu o seguinte a respeito de Messing, com referência à sua autobiografia, incluindo os testes de Stalin, os espetáculos teatrais, as demonstrações feitas perante celebridades internacionais e os detalhes psíquicos de sua própria vida: "É importante lembrar que nas condições prevalecentes na

URSS, tudo o que fosse feito ou escrito por uma personalidade tão controvertida quanto Messing teria de ser examinado, criticado e constantemente censurado, de modo que ele não pudesse praticar fraudes, tentar praticá-las e nem mesmo incorrer no que quer que se aproximasse de uma gabolice infundada. Com efeito, precisamos estar convencidos de que, para sobreviver e existir num ambiente assim, seria preciso que Wolf Messing fosse totalmente autêntico". (407)

Há sobretudo um talento de Messing que valeria a pena estudar, uma capacidade de que os médiuns mais famosos, quando a possuem, não fazem menção. E difícil não nos sentirmos intrigados, como Stalin se sentiu, pela aparente capacidade de Messing de confundir e torcer telepaticamente os pensamentos de outra pessoa. A procura dos meios para controlar as reações corporais e os pensamentos alheios tem sido uma preocupação da psicologia e da parapsicologia soviética desde a década de 1920.

Messing possui um dom que não foi mencionado na sua biografia publicada. Faz muito tempo que ele se tem revelado um profeta praticante, conquanto o ignorem ainda muitos dos seus admiradores na Rússia, onde, até há pouco tempo, não se discutia abertamente a profecia. Apesar do interdito imposto à predição, os vaticínios de Messing, em determinadas ocasiões, têm reverberado nos altos círculos soviéticos. Em 1940, as relações germano-soviéticas eram plácidas. No ano anterior, Stalin assinara o pacto de não-agressão com Hitler. Não obstante, em 1940, Messing fez uma palestra num clube particular de Moscou, em que profetizou: "Os tanques soviéticos entrarão em Berlim!".

A notícia da declaração de Messing transpirou, criando sensação no seio da elite comunista. Infelizmente, porém, este foi um aspecto dos poderes de Messing que Stalin não examinou. (Um anos depois, Stalin ainda se recusava a acreditar que Hitler invadiria a Rússia, embora já se tivesse passado mais de um dia depois que os tanques nazistas cruzaram a fronteira russa.) Mas se Stalin não deu atenção ao prognóstico de Messing, os alemães não fizeram o mesmo. A embaixada alemã protestou imediatamente. Afinal de contas, Hitler ainda estava furioso com o augúrio de Messing sobre a sua morte. O corpo diplomático soviético viu-se em papos-de-aranha. Por fim, após longas consultas, declarou: "Não se pode esperar que nos responsabilizemos pelas profecias de Wolf Messing".

Mais uma vez, em 1943, Messing abalançou-se publicamente a nova predição. O Báltico, a Bielo-Rússia, a Ucrânia e a Criméia estavam nas mãos dos nazistas. Ainda não se podia prever o término da guerra. O próprio Messing buscara a segurança da Sibéria. Em Novosibirsk, a famosa cidade da ciência siberiana, Messing falou diante de um público compacto no Teatro da ópera. Predisse que a guerra terminaria em maio de 1945, provavelmente na primeira semana daquele mês.

A minha capacidade de ver o futuro talvez pareça contrarias a compreensão materialística do mundo. Não existe, porém, nem uma partícula do incognoscível nem do sobrenatural na precognição, - diz Messing tranqüilizadoramente. - Não existe apenas a maneira lógica, científica de obter conhecimentos, existe também o conhecimento direto... a precognição. Somente as nossas idéias indistintas sobre o significado do tempo e a sua

relação com o espaço, o passado, a presente e c futuro, o tornam inexplicável por enquanto.

A precognição, que muitos julgam implicar um destino já preordenado, sempre foi um objeto de horror para os ideólogos comunistas, que lutam arduamente por arrancar a classe camponesa russa do pântano da superstição e do derrotismo fatalista.

- Está claro que existe o livre arbítrio, - continua Messing, - Mas existem modelos. O futuro é modelado pelo passado e pela presente. Existem modelos normais de conexões entre eles. A maioria das pessoas está longe de conhecer o "mecanismo" dessas conexões, mas eu sei que ele existe.

Como se apresenta o futuro a Messing?

- Depois de um esforço de vontade, veio, de repente, o resultado final de algum acontecimento brilhar diante de mim como um clarão. O mecanismo do "conhecimento direto" passa por alto a cadeia das causas e efeitos e revela a médium apenas o elo final, conclusivo, da cadeia. (115)

Os censores talvez não se tenham tranqüilizado inteiramente com a "explicação" pratica da precognição oferecida por Messing. Após o aparecimento de um anúncio de que a autobiografia completa de Messing seria publicada por Sovietskaya Rossiya em 1967, o livro sumiu de repente, embora talvez esteja circulando em forma manuscrita. Pode ser que a profecia e a revelação de muitas "maravilhas" preocupassem pessoas bem colocadas. Pode ser que Messing contasse muitas histórias que envolvem os escalões superiores do Partido. (Ninguém sabe se Stalin, algum dia, incumbiu Messing de tarefas mais práticas, políticas.) Pode ser que o cancelamento tenha sido apenas outro passo na

interminável dança soviética de degelo e congelamento. O que sabemos sobre o que Messing conta a seu próprio respeito indica que o resto pode ser tudo, menos cacete.

Messing é um grande artista. Esse é talvez o seu maior segredo. E explica por que, mesmo quando cientistas de prestígio, como Vasiliev, encontravam fechado para eles o caminho da telepatia, o sempre confiado Wolf Messing percorria o país inteiro dando espetáculos de gala da sua experiência psicológica - a telepatia.

Quanto aos poderes notáveis da mente humana, que ele mostrou a tanta gente, Messing faz uma predição:

- Está-se aproximando o tempo em que o homem compreenderá todos esses fenômenos. Não há nada estranho. Só há o que ainda não é comum.

5

CORTINAS DE FUMAÇA POLÍTICAS E A PARAPSICOLOGIA

A história de Nelya Mikhailova, a médium de PK ê excepcional e esquisita e, muito mais do que a história de qualquer outro médium na Rússia, exemplifica a inquietação política e as tenebrosas maquinações que podem engolfar a parapsicologia e a ciência soviéticas. Estavam programados três filmes científicos da pasmosa Nelya para o primeiro dia da conferência na "Casa da Paz e da Amizade", um castelo

em miniatura de pedra e colunas perto de um novo e envidraçado distrito comercial de Moscou.

A sala de conferências com os seus candelabros de ouro e o teto branco poderiam ter sido outrora um elegante salão de baile. Muito mais de cem soviéticos estavam esperando. Alguns tinham chegado a Moscou em aviões a jato, procedentes dos mais remotos rincões da URSS. Havia uma grande delegação oficial da Bulgária, e um grupo tcheco mais amorfo. Além dos dois delegados ingleses e de nós mesmas, estavam lá ainda mais cinco ocidentais. O Dr. J. G. Pratt, da Universidade de Virgínia, foi o único cientista norte-americano que compareceu. O nosso grupinho de nove sentou-se à cabeceira de uma mesa em forma de ferradura. Uma sala cheia de russos tinha os olhos postos em nós, numa expectativa quase feroz.

O Dr. Vassili Efimov, biologista já entrado nos oitenta anos, cumprimentou os convidados. Baixo, miúdo, de cabelos brancos, falou depressa e sem consultar anotações. Recordou com calor o velho amigo, o Dr. Vasiliev, pioneiro das pesquisas sobre a ESP na Rússia, a despeito das imensas dificuldades da guerra e do regime estalinista. Desde 1959, Vasiliev dera vida a dois laboratórios de ESP em Leningrado e, após a sua morte em 1966, os alunos lhe continuaram a obra.

- Agora estão pesquisando PK, telepatia, fotografia do pensamento, rabdomancia, - disse o Dr. Efimov. Aludiu ao recente descobri mento de uma radiação do corpo humano que poderia conduzir a um; nova compreensão dos fatos psíquicos. Mas o Dr. Efimov parecia mais preocupado com outra coisa: - Precisamos ampliar a consciência da

humanidade. E vital que os poderes paranormais escondidos nos seres humanos sejam usados para o bem.

Mal se haviam iniciado os relatórios apresentados pelos delegados ocidentais quando notamos que alguns exemplares do jornal soviético Pravda 22 circulavam de mão em mão pela sala. Nem mesmo o insaciável interesse dos russos por notícias do Ocidente inacessível parecia capaz de refrear a curiosidade pelo que havia no jornal. Olhares preocupado seguiam na esteira do Pravda à medida que os exemplares iam para frente da sala.

- E a respeito de Nelya Mikhailova! - murmurou uma das intérpretes, forcejando para ver alguma coisa por cima do ombro de alguém Notícias recentes haviam informado que Nelya Mikhailova tinha o pode de "ordenar" a pães, fósforos, cigarros ou maçãs que pulassem de um. mesa. De acordo com cientistas soviéticos, o seu poder de PK (capa cidade de mover a matéria à distância) movimentara e detivera o pêndulo de um relógio de parede, deslocara sacos plásticos, jarros de água que pesavam quase meio quilo, e um sortimento de pratos, xícaras e copos E tudo isso sem tocar nos objetos. Juntamente com os cientistas, repórteres do Kamsomol de Moscou e do Pravda de Moscou, publicados pela organização do Partido Comunista da cidade, afirmaram ter visto Nelya em ação e não ter encontrado "fios escondidos, ímãs ou outros dispositivos".

O mais extraordinário é que a lista dos cientistas que investigavam Mikhailova parecia conter a nata da ciência soviética. O Professor de Física Teórica da prestigiosa Universidade de Moscou e detentor do Prêmio do Estado, Dr. Ya. Terletsky, proclamou publicamente no dia 17 de março de 1968, no Pravda de Moscou: "A Senhora

Mikhailova exibe um; forma nova e desconhecida de energia".

Físicos do Instituto de Pesquisa Nuclear Conjunta da União Soviética, em Dubna, investigaram Mikhailova (162) como o haviam feito os de Instituto de Física da Academia de Ciências da URSS. A lista incluiu; detentores do Prêmio Nobel. O Instituto Mendeleyev de Metrologia também estudou Nelya e afirmou no Pravda de Moscou que ela movera canos de alumínio e fósforos em rigorosíssimas condições experimentais incluindo a observação através de um circuito fechado de televisão. Ele não pôde fornecer explicação alguma dos "fenômenos de movimentação dos objetos".

- O Dr. Vasiliev fez muitas experiências com a Senhora Mikhailova. Ela foi um dos seus principais interesses e ele trabalhou com ela até morrer, em 1966, - contou-nos Eduardo Naumov. Outros cientistas com que falamos confirmaram a investigação de Nelya realizada por Vasiliev.(184) Trata-se de uma informação muito interessante, porque dois dos raros norte-americanos que se especializaram, ao mesmo tempo, em ESP e em assuntos soviéticos disseram desconhecer qualquer trabalho feito por Vasiliev nos últimos seis anos da sua vida. "Se houver alguma coisa, deve ser secreta." Um cientista soviético que visitara laboratórios norte-americanos de ESP em 1965 dissera a quem quisesse ouvir que o Dr. Vasiliev já não se ocupava de nenhuma investigação, que o seu laboratório estava fechado. "Ele agora só escreve.”

Outros cientistas de Leningrado, além de gados por Nelya. O Dr. Genady Sergeyev, o os seus estudos sobre

Mikhailova revelaram algumas descobertas surpreendentes acerca do organismo humano.

Cientistas de Moscou nos disseram que até o Dr. Pedro Kapitsa, criador das bombas atômicas e de hidrogênio para a União Soviética, julgara oportuno fazer uma experiência com Mikhailova.

Alguns comentários de Naumov talvez reflitam o raciocínio que move esse interesse poderosíssimo por uma dona de casa de Leningrado.

- Pessoalmente, sou de opinião que o talento da Senhora Mikhailova é emocionante. Por ora estou até mais interessado em PK do que em telepatia. Acredito que estejamos a caminho de descobrir a base psicofísica do PK em nosso estudo dos notáveis poderes da Senhora Mikhailova. Se pudermos encontrar as leis que governam essa energia, ela terá tremenda aplicação prática.

Um famosíssimo soviético, acadêmico e Herói do Trabalho Socialista, o Professor A. Mikhulin concorda com Naumov:

- Assistimos ao descobrimento de uma nova força que as pessoas possuem! - declarou ele depois de estudar Nelya.(193)

Havia qualquer coisa a respeito dessa mulher russa que também interessou aos cientistas de outros países comunistas, o suficiente para fazê-los voar até Leningrado e assistir pessoalmente às suas demonstrações. Como o político, o apoio científico também parecia vir de cima. O Dr. E. Sitkovsky, Professor da Academia de Ciências Sociais, ligada à Comissão Central do Partido Comunista, a verdadeira elite governamental da Rússia, afirmou publicamente: "O PK de Mikhailova não tem relação alguma

com o misticismo. Quando alguém pensa, irradia energia e essa energia é mais forte em algumas pessoas. O PK é um fato físico-fisiológico"(193-267)

Evidentemente não havia nenhum grupo de ocultistas amadores envolvidos no caso de Nelya Mikhailova. Nunca, desde o fim do século XIX na Inglaterra e na França, tantos cientistas de projeção tinham examinado um assunto tão fora do comum quanto a psicocinese. De mais a mais, eram cientistas que aceitavam os dogmas do materialismo comunista. Nem todos estavam investigando Mikhailova, mas tinham-se mostrado interessados e eram suficientemente liberais para examiná-la.

A tradutora ao nosso lado esforçou-se por dar mais uma espiada no Pravda.

- É um ataque maldoso a Mikhailova! - exclamou. - E atacaram também alguns cientistas que trabalharam com ela!

Seguiu-se breve pausa matutina na conferência para digerir as notícias.

- Isto é muito serio, - disse Naumov. - Estamos proibidos de exibir o filme de Mikhailova e a Senhora Mikhailova foi proibida de assistir à conferência.

- A ordem foi transmitida, - continuavam dizendo os russos, mas ninguém lhe especificou a origem.

A nossa tradutora fumegava.

- Esse artigo está cheio de mentiras. Chamam Mikhailova de impostora e trapaceira. Afirmam que ela surrupiou cinco mil rublos do povo. A última história que circulou dizia que Mikhailova estava vendendo geladeiras imaginárias de porta em porta. Só querem fazer confusão. É tudo bobagem. É o que sempre acontece quando surge alguma coisa nova por aqui.

Finalmente pudemos dar uma olhada no famoso artigo do Pravda. Lemos o que se escrevia a respeito da "feiticeira" Nelya, "que sobrepujou visivelmente a personagem Patsyuk, do conto de fadas de Gogol, em matéria de intimidade com poderes asquerosos. Mikhailova executa os seus hábeis truques com a ajuda de ímãs", dizia o autor pudicamente, "escondidos em 'lugares íntimos', acima e abaixo da cintura". Mas não explicava a maneira pela qual os ímãs, mesmo escondidos em lugares íntimos, conseguiam movimentar objetos não magnéticos, como vidros, ovos, maçãs e pão. Soubemos que o autor nunca vira Mikhailova. Chegara à conclusão de que o PK era impossível e que, portanto, ela devia estar usando ímãs.

Os cientistas russos andavam de um lado para outro sem saber o que fazer. Naumov pôs-se a confabular com vários consultores.

- Estamos sendo expulsos da Casa da Amizade, - disse-nos alguém. - Todo o segundo dia da conferência foi cancelado.

Comparadas com as sessões da sociedade psíquica que freqüentávamos no Ocidente, e que tendiam a ser tão calmas quanto um concerto de música de câmara, as reuniões soviéticas sobre ESP formavam um estranho contraste. Voltou-nos à mente o convite para assistir à conferência que os soviéticos nos tinham mandado. De acordo com um erro tipográfico na tradução inglesa, estávamos sendo convidados pela "União das Sociedades Soviéticas de Diabolismo" e não pela "União das Sociedades Soviéticas da Amizade". (Explica-se à confusão: a palavra inglesa que significa Amizade, Friendship, teria sido escrita, por um erro de tipografia, Fiendship, que pode ser traduzido em português

por Diabolismo.) Afinal de contas, talvez tivesse sido precisa, considerando-se as selvagens "boas vindas" dadas à conferência pelo Pravda.

O ataque jornalístico desfechado contra Nelya Mikhailova e publicado na manhã em que se abriu a conferência, foi uma "saudação" premeditada. O Pravda, órgão oficial do Partido Comunista, é controlado, segundo se supõe, pela facção de Brezhnev. Os artigos não acontecem por acaso no diário de seis páginas. Menos de uma semana antes, outra reunião russa de ESP se realizou em Moscou. Nem o Pravda nem ninguém o atacou. Apenas Nelya, a principal atração dessa reunião com estrangeiros, fora excluída.

Outros sinais tempestuosos davam a entender que a atitude em relação à cooperação com estrangeiros estava mudando em mais de um setor. Em Leningrado, no Instituto do Cérebro Bekhterev, onde o mundial mente famoso Dr. Vasiliev chefiara o Departamento de Fisiologia durante anos, disseram-nos nada saber acerca do eminente cientista ou do seu trabalho. O discípulo e sucessor de Vasiliev na Universidade de Leningrado, Dr. Pavel Gulyaiev, contou-nos:

- Não me ocupo mais de parapsicologia. Meu instituto está fechado para consertos. Não se faz nada. Além disso, estou doente.

Seis meses depois, o Dr. Gulyaiev anunciou que a sua equipe de pesquisa criara um dispositivo capaz de detectar e registrar a aura humana e as auras de animais e até de insetos. Os soviéticos encontraram outras auras também mas, de acordo com o noticiário fornecido à imprensa, a "aura" encontrada por Gulyaiev é um campo elétrico complexo em

torno do corpo - uma espécie de segundo eu espectral. Eles esperam utilizar a "aura elétrica" para diagnosticar moléstias (330) (Veja Apêndice A, 1.) Outros cientistas comunistas afirmam que o laboratório de Gulyaiev esteve estudando com afinco, por mais de quatro anos, a telepatia entre gêmeos, a hipnose telepática e o controle de máquinas pelo psi.

Um amigo nosso de Leningrado contou-nos que uma diretriz do governo circulou por todas as universidades em fevereiro de 1968. "Não fale com estrangeiros", era a essência da ordem.

Esperávamos não ter de falar muito em política neste livro. Afinal de contas, por que nos seria necessário mencionar as maquinações de governos, sobretudo as complexas contorções do Kremlin, em conexão com pesquisas psíquicas? Mas à proporção que viajamos e conversamos com cientistas comunistas em muitos centros, alguma coisa que já sabíamos acentuou-se ainda mais vigorosamente - "tudo na Rússia é político".

Com o Pravda ou sem ele, a conferência não tardou a recomeçar. A leitura formal de documentos científicos soviéticos, naturalmente, fora cancelada. Em lugar disso, sem qualquer explicação, alguns cientistas russos fizeram palestras informais, prefaciadas com a declaração, "Estou aqui como particular. Não represento o meu local de trabalho nem grupo nenhum".

Os mesmos "congelamentos" e "degelos" políticos que, às vezes, caracterizam a cena literária russa invadem, não raro, as ciências. Segundo os ideólogos, a cibernética, há quinze anos, era uma heresia. Agora a saúdam como "a esperança da Rússia". Estaria a parapsicologia passando por

uma dessas fases de congelamento? Ou seria a oposição uma simples cortina de fumaça dirigida a nós, ocidentais?

Em julho de 1968, a revista francesa Planète registrou importante conferência sobre ESP realizada em Moscou em fevereiro daquele ano. Muitos dos mais notáveis cientistas da URSS ocupados em pesquisas sobre o paranormal estavam lá. "Explosiva!" foi o comentário de Planète. "A ciência soviética parece haver tomado a frente nas pesquisas sobre a parapsicologia!" Nessa reunião, importantes cientistas russas revelaram trabalhos amplíssimos, atualíssimos, sobre telepatia, que então se faziam em muitos centros. (Os seus descobrimentos são circunstanciadamente relacionados mais adiante neste livro.) A própria agencia de publicidade soviética, Novosti, escreveu, a propósito da conferência: "É manifesto que a ciência oficial na URSS se inclina, ativa e apaixonadamente, para os enigmas da parapsicologia".

A soviética Novosti esperava com ansiedade a conferência de que estávamos participando: "Ela mostrará todos os testes importantes feitos por físico eminentíssimo, como o Dr. Ya. Terletsky e o Dr. N. Kobosev, não somente no campo da telepatia mas também em outras áreas da parapsicologia". (158)

Dir-se-ia, portanto, que a parapsicologia estava florescente e vivinha da silva não muito antes de junho.

Aparentemente, porém, tinham surgido problemas na envio do filme de Mikhailova para a nossa conferência. Em conhecido russo aludiu a estranhas manobras que se teriam realizado nas semanas que antecederam a nossa reunião - "pessoas desconhecidas" acampanando parapsicologistas, tentativas para roubar o filme de Mikhailova, ameaças pelo telefone, violência física.

Principiamos a perguntar-nos se a pesada atmosfera russa de violências e arbitrariedades não estaria conturbando as imaginações. Talvez se tratasse apenas de uma coincidência, como costumam dizer os que não acreditam na ESP. Como no Ocidente, em Moscou também acontecem roubos e assaltos, embora não figurem em estatísticas públicas. Mas três outros russos, independentemente, apareceram com a mesma história. Quem queria o filme? Por quê? Se os russos o sabiam, não o diziam. Havia, como o descobrimos mais tarde, outras quarenta e seis películas sobre o PK de Mikhailova, e a Kiev Films, naquela ocasião, estava rodando um filme, Os Segredos do nosso Cérebro, que incluía Nelya. Documentos científicos a respeito do PK e da ESP tinham sido apresentados em mais de vinte e seis conferências sobre parapsicologia, todas fechadas para estrangeiros, exceto a que se realizou em 1966 e em que Mikhailova não foi discutida.

Teria alguém chegado à conclusão de que Mikhailova estava repentinamente conseguindo uma publicidade exagerada em sua terra e no Ocidente? O filme de Naumov daria aos ocidentais a sua primeira visão da talentosa Nelya. Um comunista de outro país, um engenheiro, contou-nos

- Segundo o nosso serviço secreto, toda a confusão foi obra de cientistas dirigidos par "certas" organizações secretas soviéticas.

Que era o que havia em relação a Nelya capaz de causar todo esse charivari? Para levar a tamanhas complicações, era mister que existisse algo mais que o fato de poder ela, ao que se dizia, fazer que um açucareiro fosse de uma ponta a outra de uma mesa.

Descobrimos depois que, coincidindo com o artigo do Pravda que a atacava, fora iniciada uma campanha de mortificantes chamados telefônicos dirigidos a Senhora Mikhailova. Isso dava a impressão de um trabalho organizado. Em primeiro lugar, não havia listas telefônicas na Rússia. Para descobrir um número de telefone, o interessado precisa ter um trabalho danado, fazendo filas diante de cabinas especiais de endereços nas ruas. Em segundo lugar, o nome "Nelya Mikhailova" é um pseudônimo. Os que quisessem telefonar para ela teriam de conhecer-lhe o verdadeiro nome, Ninel Sergeyevna Kulagina, e o endereço. Os chamados irritantes se tornaram tão constantes e maldosos que os cientistas finalmente decidiram esconder a Senhora Mikhailova num subúrbio afastado de Leningrado por algum tempo. Em resultado disso, ela não pôde assistir à conferência e nenhum visitante estrangeiro pôde vê-la.

Naquele primeiro dia da conferência, só pudemos fazer conjeturas. Um cientista ocidental comentou:

- Existem muitos cientistas soviéticos importantes nesse campo que não estão aqui. Já li os seus relatos de pesquisa sobre a ESP em publicações científicas.

Mas os russos que lá estavam decidiram tirar o máximo proveito possível das horas que passassem na Casa da Paz e da Amizade. Sustentada apenas por uns poucos goles de água mineral, a conferência prosseguiu, direta, da manhã à noite, sem novas interrupções e sem comida. Depois fomos todos cercados por uma multidão de russos ansiosos, que falavam depressa e desejavam discutir psi e trocar informações. Acicatados pela crise, os conhecimentos de russo de Sheila voltaram-lhe com certa fluência. Tinha-se a

impressão de que os soviéticos seriam capazes de continuar por mais doze horas.

Os soviéticos que tinham viajado de todos os cantos do país a fim de assistir à conferência não se mostravam dispostos a ser preteridos. Quando uma série de rodas invisíveis faziam parar a conferência, outras rodas começaram a girar. Havia uma sala livre na Embaixada Tcheca equipada com um projetor cinematográfico de 35 mm. Talvez ali pudéssemos ver o filme de Mikhailova, assim como um filme tcheco sobre o mesmo tópico do PK. Decidiu-se levar a cabo esse plano no segundo dia da conferência.

Não esperávamos pisar solo tcheco tão depressa em nossa excursão. Ainda havia uma solidariedade superficial entre a Rússia e a Tchecoslováquia - muitos tchecos, pelo menos, pareciam pensar assim. Procurarmos solo estrangeiro no interior da Embaixada Tcheca não nos parecia tão estranho quanto nos parece agora, após a invasão russa da Tchecoslováquia.

Mesmo assim, era evidente na Rússia que nem tudo andava bem entre os dois países. Os ocidentais que pediam, na rua, informações sobre como chegar à Embaixada Tcheca eram recompensados com olhares de gelo. Se fossem conhecidos, os interpelados lhes viravam as costas e se afastavam.

Como uma das intérpretes russas da conferência disse rapidamente: "Esta conferência, por certo, nunca será noticiada pelos jornais soviéticos!" E, efetivamente, não o foi. Mas a "reportagem" soviética não ficou nisso.

Vladimir Lvov, por muito tempo crítico oficial da parapsicologia, e o jornalista que primeiro imaginou "ímãs

em lugares íntimos" de Nelya Mikhailova,lia chegou a negar que se tivesse realizado a conferência. Em carta publicada pela revista britânica New Scientist de 25 de maio de 1969, Lvov escreveu: "Não se realizou nenhuma conferência internacional em Moscou na Casa da Amizade, sob a presidência de Eduardo Naumov, em junho de 1968".

Isso, aqui, tem graça. Mas o grupo a cujo serviço Lvov se colocou nada tem de engraçado no interior da Rússia. Lvov não é um adversário leal, que trava uma luta leal e que fala em nome de cientistas cujas especialidades são contrariadas, em suas leis, pela ESP. Lvov representa o elemento ultraconservador ou, para usarmos um rótulo mais simples, o elemento neo-estalinista na ciência e na política soviéticas, que se opõe a qualquer discussão pública da ESP no interior da Rússia e a divulgação de qualquer trabalho científico que se faça sobre o assunto. Depois que deixamos a Rússia, no verão de 1968, os neo-estalinistas, como toda o mundo sabe, voltaram para valer.

6

TERÃO OS SOVIÉTICOS ENCONTRADO O SEGREDO DA MENTE SOBRE A MATÉRIA?

Os projetores zuniram e, finalmente, pudemos ver o famoso filme de Mikhailova sobre o PK. Longe do retrato da Senhora Mikhailova traçado pelo Pravda, que a colocava

entre a cara-metade de Belzebu e uma bruxa de Baba Yaga (a célebre feiticeira dos contos de fadas russos), vimos na tela uma mulher de quarenta e um anos, ainda jovem, cheia de corpo, atraente, de rosto franco e olhos escuros e expressivos. Dir-se-ia quase que ela poderia ser parente do cosmonauta Yuri Gagarin, com os seus traços tipicamente eslavos - pômulos salientes e nariz arrebitado. Trazia os cabelos escuros penteados para trás, formando um coque, uma blusa de rendas sem mangas e uma saia simples.

As experiências estavam sendo realizadas no novo apartamento de Nelya, num distrito surpreendentemente moderno, recentíssimo, na orla de Leningrado. Esse distrito fizera parte outrora da linha de frente que ela defendera durante a guerra.

Nascida dez anos depois da revolução russa e da turbulenta Guerra Civil, Nelya só tinha catorze anos quando os nazistas invadiram o solo russo e principiou o assédio de Leningrado. A sua própria cidade era o campo de batalha. Como muitas crianças de Leningrado, Nelya precisou fazer-se soldado. Em companhia do irmão, do pai e da irmã, juntou-se às linhas de frente do Exército Vermelho. Durante o pesadelo surrealista que durou três anos, quando a ração diária de pão era de umas cem gramas, a temperatura no inverno chegava, por vezes, a quarenta graus abaixo de zero, a água e a eletricidade estavam cortadas, e a cidade era arrasada pelas bombas e pelo fogo da artilharia, Nelya serviu no Tanque T-34 como rádio-operadora. "Ela participou corajosamente do ataque", assevera um folheto do Exército Vermelho, e ainda não tinha vinte anos quando foi nomeada primeiro sargento do 226.° regimento de tanques. Na Rússia, durante a guerra, não era fora do comum que moças

ascendessem ao posto de sargento. A fome em Leningrado durou quase novecentos dias. Mais tarde, Nelya e quase toda a sua família serviram num trem blindado que ajudou a trazer provisões à cidade assolada. A luta finalmente terminou para a jovem quando ela foi gravemente atingida pelo fogo de artilharia. A bravura de muitos cidadãos, como a de Nelya, valeu a Leningrado o título oficial de "Cidade Heróica".

Agora, casada com um engenheiro, Nelya tem um filho que está terminando o serviço militar. Recentemente se tornou avó.

A Senhora Mikhailova estava sentada a uma mesa grande, redonda e branca, diante de uma janela de cortinas de rendas. Disseram os russos que ela já fora examinada por um médico, que a submeteu à ação dos raios-X para certificar-se de que não havia objetos nem ímãs escondidos em sua pessoa, nem fragmentos de Shrapnel alojados em seu corpo em conseqüência dos ferimentos recebidos na guerra. Mas não encontraram coisa alguma.

Os cinco homens da turma de cinegrafistas, mais os cientistas e repórteres se aproximaram. Naumov colocou diante de Nelya uma bússola adaptada a uma pulseira, um cigarro em posição vertical, uma tampa de caneta, um cilindrozinho de metal semelhante a um saleiro, e uma caixa de fósforos em que se via representada uma espaçonave lunar - versão figurativa do espaço externo em confronto com o espaço "interno". Os objetos, brilhantes, contrastavam com a mesa clara, como uma natureza morta de Dali à beira do sobrenatural.

Os olhos escuros de Mikhailova concentraram-se na bússola - o objeto mais fácil para iniciar o aquecimento

preliminar. O PK é mais fácil com objetos que rolam, dizem os pesquisadores ocidentais. Com relógios e bússolas não há fricção estática.

Mikhailova leva, às vezes, de duas a quatro horas para revelarem os seus poderes sobrenaturais, disse Naumov em seu comentário, enquanto assistíamos ao filme mudo. Nelya manteve os longos dedos paralelos à mesa, uns quinze centímetros acima da bússola e entrou a agitar as mãos num movimento circular. O esforço lhe acentuou as covinhas do rosto. Passaram-se vinte minutos. O seu pulso, acelerado, batia 250 vezes por minuto. Ela virava a cabeça de um lado para outro, os olhos fitos na agulha da bússola. As mãos se moviam como se estivesse dirigindo uma orquestra invisível. E, logo, como se os átomos da agulha da bússola estivessem sintonizados com ela, a agulha estremeceu. Lentamente, começou a girar em sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, girando como o ponteiro grande. Depois, toda a bússola, com o invólucro de plástico, a correia de couro e tudo o mais, principiou a rodopiar.

À medida que toda a bússola andava a roda, como um carrossel, as linhas debaixo dos olhos de Mikhailova se escureceram e as rugas da testa se aprofundaram, com a intensidade do esforço. Ela caiu para trás, exausta.

- A quantidade de poder que ela possui também depende das condições atmosféricas, - contou-nos Naumov. - O seu poder de PK diminui quando o tempo se enfarrusca.

No filme, Naumov espalhou o conteúdo de uma caixa inteira de fósforos sobre a mesa, a uns trinta centímetros, mais ou menos, de distância de Nelya. E depôs um cilindrozinho de metal não magnético e uma caixa de fósforos perto deles.

- Ela é seletiva, - explicou Naumov. - E capaz de mover um ou dois objetos do grupo.

Mikhailova tornou a descrever círculos com as mãos acima dos objetos. O esforço fazia-a estremecer. Debaixo do seu olhar todo o grupo de fósforos se moveu, como numa corrida de toras num rápido rio de energia. Ali perto, o cilindro metálico também se mexeu. Ainda misturados como se estivessem formando uma jangada, os fósforos chegaram até a borda da mesa e, um por um, caíram ao chão. Naumov pôs outro punhado de fósforos e uma caixa de metal não magnético dentro de um grande cubo de plexiglass. O cubo destinava-se a eliminar a possibilidade de correntes de ar, fios ou arames. As mãos de Mikhailova afastaram-se alguns centímetros do cubo de plexiglass e os objetos começaram a saltar de um lado para outro no interior do recipiente plástico. Fosse qual fosse aquela energia, o certo é que ela penetrava com facilidade o plexiglass.

Mikhailova pareceu novamente esgotada. Já perdera um quilo e meio naquela meia hora. Dir-se-ia que estivesse convertendo em energia a substância do próprio corpo. Muitos médiuns ocidentais também acusaram essa perda de peso durante as experiências de PK.

- Ela estava realmente muito mais doente do que parecia no filme, - contou-nos Naumov mais tarde. - Tão grande foi a tensão exercida sobre o seu coração que tivemos de interromper a filmagem diversas vezes. Levamos sete horas para fazer o filme e, depois, ela ficou algum tempo sem poder falar nem enxergar. Durante vários dias depois dos testes, os braços e as pernas lhe doíam, ela se sentia atordoada e não conseguia dormir.

Mikhailova era autêntica ou não passava de uma "mistificação", como lhe chamavam os céticos soviéticos? Pelo que tínhamos visto até aquele momento, a experiência de PK estava sendo feita em boas condições, na presença de observadores competentes. Não se tratava de um filme de amadores, mas de um trabalho caro, realizado por profissionais, filmado por técnicos hábeis.

Recordamos a recente visita do escritor soviético Lev Kolodny ao apartamento de Mikhailova (80) Ele estava ocupado em tomar notas durante a entrevista, quando, erguendo os olhos, viu a tampa da sua caneta-tinteiro arrastando-se na sua direção, sobre a toalha de rendas que cobria a mesa.

- Senti um nó na garganta, - disse ele. A tampa da caneta parecia estar deslizando sobre a superfície irregular da toalha. Mikhailova sorriu quando um copo de vidro também derivou em seguimento da tampa da caneta de Kolodny. - Os dois objetos se aproximaram da borda da mesa como se fizesse isso todos os dias. A toalha não se mexia... os outros copos ao lado do meu continuavam no mesmo lugar. Estaria ela, por acaso, soprando neles para deslocá-los? Não havia corrente de ar na sala e Mikhailova não estava respirando forte. Por que um jarro que se achava no caminho deles também não se mexeu? Passei as mãos pelo espaço que havia entre Mikhailova e a mesa. Não encontrei fios nem arames. Se ela estivesse usando ímãs, estes não teriam exercido atração alguma sobre o vidro.

Kolodny pegou nos dois objetos que se moviam, examinou-os, apalpou-os, na esperança de encontrar alguma pista. Distraidamente, colocou o copo sobre a tampa da caneta para formar uma redoma. Mikhailova pareceu

intrigada com o arranjo. Olhou para a tampa enquanto sorvia o chá. A tampa da caneta pôs-se a correr de um lado para outro debaixo do copo.

"Que espécie de energia poderia ter causado esse movimento, e quais são as leis que a regem?" perguntou Kolodny a si mesmo.

De todos os fatos psíquicos da vida, o PK, ou telecinese, como lhe chamam às vezes, é um dos mais estranhos. Os movimentos espontâneos de objetos ocorrem geralmente em momentos de crise na vida da pessoa. O relógio do vovô "que parou de repente, e nunca mais andou, quando o velho morreu", foi lembrado numa canção. A telepatia não produz o mesmo choque que produz, por exemplo, uma mesa a perseguir-nos pela sala.

O famoso escritor soviético Konstantin Paustovsky conta o seu horror em A História da Minha Vida, quando um termômetro que ele pedira emprestado e colocara cuidadosamente sobre a mesa principiou a andar. "Olhei para a mesa e tive a impressão de que os meus cabelos estavam eriçados. O termômetro, de repente, começou a mover-se devagar na direção da borda da mesa. Eu queria gritar, mas não consegui emitir som algum. O termômetro chegou até a beiradinha da mesa, caiu e quebrou-se."

Entretanto, outro incidente de PK ocorreu com Paustovsky. Durante a Guerra Civil na Rússia, lembra-se ele, houve uma grande escassez de água em Odessa. "Tínhamos de transportar a água em baldes e despejá-la num grande recipiente de vidro no corredor do prédio de apartamentos. Um belo dia, ouvi o meu amigo Yasha berrar como um desesperado no vestíbulo. Saí correndo do quarto e deparei com um espetáculo fantástico, Diante dos nossos olhos

assombrados, a imensa garrafa andava sozinha! Por vários momentos ela ficou inclinada, como a Torre de Pisa. Em seguida, ergueu-se no ar, caiu e espatifou-se no chão. Partiu-se em milhares de pedacinhos e a nossa preciosa água, esparramando-se pelo corredor, desceu a escada. Teríamos tido tempo, naturalmente, de segurar a garrafa, mas ficamos ali, olhando, como se estivéssemos enfeitiçados."

Como é que Mikhailova consegue viver com fatos como esses ocorrendo constantemente à sua volta?

- Até a poucos anos eu não sabia que era capaz de mover as coisas à distância, - diz ela, - Fiquei muito perturbada e nervosa nesse dia. Eu caminhava na direção de um guarda-louça no meu apartamento quando, de repente, um jarro que estava no guarda-louça chegou até a borda da prateleira, caiu e quebrou-se.

"Depois disso, todos os tipos de mudança começaram a acontecer no meu apartamento", conta ela. Objetos pareciam "atraídos" na sua direção, coma se o inanimado se houvesse animado. Dir-se-ia que ela tivesse um trasgo em casa. Habitualmente, dizem os cientistas, as atividades de trasgos são causadas por um jovem da família - quase sempre na época da puberdade. Os objetos parecem mover-se por conta própria - portas e janelas se abrem e fecham, luzes se acendem e apagam sozinhas, as leis da gravidade dão a impressão de haver-se invertido.

Mas, à diferença da maioria das pessoas atormentadas por um trasgo, Nelya compreendeu, de chofre, que a "força" vinha dela. Descobriu que podia controlá-la. Podia fazer que as coisas acontecessem pelo simples fato de querê-lo. Podia concentrar e focalizar a vontade essa energia extraordinária. Em casa, com a família, carregando o neto no colo, fez um

brinquedo distante aproximar-se. Enquanto uma amiga a manicurava, ela fez que um vidrinho de esmalte se movesse sem tocá-lo com as mãos, em que o esmalte ainda não secara. O cachorro da família também via, pasmado, os objetos perto da sua dona começarem a girar. O marido, fascinado, fez um filme amador com base nos seus estranhos poderes de PK.

- Acho que herdei essa capacidade telecinética de minha mãe, - diz Mikhailova. - E também a transmiti a meu filho.

Muitas vezes, enquanto esperávamos sentados à mesa de um restaurante, pensávamos com alguma inveja na propalada capacidade de Mikhailova de sentar-se à mesa e fazer que o "jantar" saltasse na sua direção.

O escritor soviético Vadim Marin, ligado ao grupo de pesquisas Popov, descreveu-a: “A Senhora Mikhailova estava sentada a uma mesa de jantar. Um pedaço de pão se achava sobre a mesa, a alguma distância dela. Concentrando-se, Mikhailova olhou atentamente para ele. Passou um minuto, depois outro... e o pedaço de pão começou a mover-se, Movia-se aos arrancos. Perto da borda da mesa, os seus movimentos se tornaram mais suaves e mais rápidos. Mikhailova abaixou a cabeça, abriu a boca e, precisamente como num conto de fadas, o pão (perdoem-me, mas é que não tenho outras palavras para descrevê-lo) pulou para dentro da sua boca!”.

"Eu não estava hipnotizado, - acrescenta ele tranqüilizadoramente. - Foi tudo filmado."

A influência de Nelya sobre a comida registrou-se mais seriamente num filme realizado por cientistas. Estes colocaram um ovo cru numa solução salina dentro de um aquário de vidro, Nelya se achava a quase dois metros de

distância. Quando as testemunhas e a câmara a focalizaram, Nelya fez o improvável. Com o PK, afiançam os soviéticos, conseguiu separar a clara da gema. Em seguida, reuniu-as. (114)

O PK afetava a matéria orgânica. Poderia também afetar os cromossomos, o DNA ou o tecido humano? Um físico nos contou que Nelya era capaz de provocar queimaduras de terceiro grau no próprio estômago por meio do PK. Nesse mesmo sentido, pesquisadores no Ocidente já descobriram que, em rigorosas condições experimentais, alguns médiuns influíram na atividade das enzimas e bactérias.

No mesmo filme, segundo se afirma, a Senhora Mikhailova também teria movimentado simultaneamente cinco cigarros que os cientistas colocaram em posição vertical debaixo de uma redoma de vidro. Depois disso, os cigarros foram esmigalhados para mostrar que não continham nenhum corpo estranho.

Na conferência, vários russos mencionaram a experiência do ovo e do cigarro vertical para refutar os céticos dos fios e dos ímãs. Alguém, porventura, já tentou amarrar um ovo cru com um fio ou erguê-lo do chão utilizando um ímã? Mas ainda havia uma refutação melhor, cientificamente comprovada.

Passando da vida ao laboratório, do PK espontâneo ao PK de laboratório, em que consiste essa insólita energia? Como acontece? Que mecanismo faculta a Nelya passar por cima das leis de gravidade, da física e da química? Um sem-número de testes de PK feitos no Ocidente, rigorosamente controlados, mostram que os seres humanos podem influir na queda mecânica de dados dentro de uma caixa. Os

pesquisadores também registraram, por meio de gráficos, o PK dirigido a fungos, plantas e material radioativo.

Que dizer, porém, da criatura humana que exercia a influência? Quais eram as suas reações durante o PK? Sem instrumentos para medir o PK, os pesquisadores só podiam catalogar os relatos das testemunhas de vista e, de vez em quando, os filmes infravermelhos de médiuns talentosos, como Eusapia Palladino ou Rudi Schneider. "Esquadrões de combate à fraude", formados de céticos, quase desmantelaram fisicamente esses médiuns na busca de truques mágicos. Os cientistas, em lugar de admitir que o PK poderia ocorrer em certas "condições humanas", assim como leis diferentes encontram aplicação em condições espaciais exteriores, rejeitaram de plano o PK.

Um grupo de cientistas soviéticos aceitou o desafio de estudar o PK no ser humano. Se Nelya Mikhailova não era uma impostora e estava realmente emitindo uma energia desconhecida sobre os objetos que se achavam a mesa, que estaria acontecendo dentro dela? Que estaria acontecendo em torno dela?

O Dr. Genady Sergeyev, do Instituto Fisiológico A. A. Uktomskii (um laboratório militar de Leningrado) refletiu no problema. A psicocinese supunha uma ação da mente a distância. Poderia um detector à distância do médium captar vestígios da energia do PK, desse potencial humano desconhecido?

O Dr. Harold Burr, Professor de Neuroanatomia na Universidade de Yale, estabeleceu em 1935 que toda matéria viva, desde uma semente até um ser humano, é cercada e controlada por campos eletrodinâmicos. Esse invólucro de energia em volta do corpo é uma espécie de molde

eletrônico. À proporção que o corpo se renova, o campo de força faz que o novo tecido assuma a forma apropriada?ao Mais tarde, o Dr. Leonard Ravitz, neuropsiquiatra de Yale, descobriu que a mente poderia influenciar esse campa de força ao redor do corpo. Medindo o campo eletromagnético sobre a pele, Ravitz descobriu até que poderia determinar o estado de espírito de uma pessoa e a profundidade da hipnose.

Em Leningrado, o Dr. Sergeyev entrou a imaginar se esse campo de força teria alguma relação com o PK. A mente poderia influenciar diretamente o casulo de energia que nos envolve o corpo. Conseguiria ele descobrir um meio de medir esses campos biológicos e o impacto da mente sobre eles à distância em torno de Nelya?

Sergeyev apareceu com uma nova invenção, um detector que capta "campos biológicos" (eletrostáticos e magnéticos) a uns quatro metros do corpo humano sem qualquer contato direto. Vimos, num filme, os gráficos feitos por esses detectores, mas informaram-nos de que a sua construção "não era pública". (Veja o Apêndice A, 2A.)

Sergeyev pôs a funcionar os seus dispositivos de detecção a fim de medir o campo de força de Mikhailova enquanto ela descansava. Ele descobriu que o campo eletromagnético que se encontra constantemente ao redor do corpo dela é apenas dez vezes menor do que o 0,6 gauss do campo magnético da própria Terra. O campo de força eletromagnético em volta de Nelya é muito mais forte do que o comum, diz Sergeyev. O Instituto de Metrologia de Leningrado encontrou o mesmo campo magnético intensificado em torno do corpo dela. (184)

O Dr. Sergeyev, homem intenso, sólido, de quarenta e tantos anos, foi o único russo que discutiu a sua pesquisa no segundo dia da conferência. O "campo de força" do próprio Sergeyev irradiava seriedade enquanto ele falava. Operador de rádio no Báltico durante a guerra, matemático, estudara também neurofisiologia, e era tido evidentemente em alta conta pelos colegas.

- Ele realizou um trabalho brilhante, - afirmou-nos um cientista tcheco.

Em quase todos os laboratórios que visitamos nos países satélites vimos que os livros mais recentes de Sergeyev sobre pesquisas do cérebro eram cuidadosamente estudados. Os cientistas comunistas estavam sobretudo alvoroçados com o novo descobrimento de Sergeyev relativo a um aspecto inusitado do cérebro de Mikhailova.

- A maioria das pessoas gera uma voltagem elétrica três ou quatro vezes maior na parte posterior do cérebro do que na parte anterior, - disse Sergeyev. - O cérebro de Mikhailova gera uma voltagem cinqüenta vezes maior na parte posterior do que na anterior.

(Claro está que essa descarga elétrica do cérebro é tão fraca que precisa ser ampliada 4 milhões de vezes para ser registrada e observada.)

Sergeyev, que descobriu esse padrão cerebral em cerca de 7% das pessoas que já testou, acredita tratar-se de um bom indício de que elas têm um poder psíquico superior ao comum.

O segundo filme sobre a Senhora Mikhailova apareceu na tela.

- Tudo o que os senhores viram até agora no primeiro filme é a expressão externa da telecinese. E o PK visto como

qualquer um poderia observá-lo, - disse Sergeyev. - Agora, com novos instrumentos, podemos ter uma idéia do que é a telecinese vista por dentro. Vamos descobrir o que acontece a um ser humano quando ocorre o PK.

Nesse filme, Mikhailova apareceu sentada no interior de uma câmara de EEG, eletronicamente insulada, de um laboratório de fisiologia Leningrado. Trazia na cabeça um capacete de couro, que lembrava os primeiros capacetes dos aviadores, cobertos de elétrodos. Tinha nos pulsos braceletes de couro também providos de elétrodos. Como um astronauta, estava toda amarrada e cheia de fios. Instrumentos mediam os batimentos cardíacos e as ondas cerebrais. A certa distância dela, os novos detectores de Sergeyev mediam os "campos biológicos" a quase quatro metros do seu corpo.

Como já o havia feito, Mikhailova começou a mover as mãos circularmente acima dos objetos que estavam sobre a mesa. O rosto enrugou-se-lhe com a intensidade do esforço enquanto ela forcejava por ativarem os seus poderes de PK. (Fizemos um resumo do que aconteceu depois valendo-nos dos elementos fornecidos pelo filme, por entrevistas subseqüentes e pelas reportagens já publicadas). (198-300-180-184).

Durante a fase de aceleração, o EEG acusou tremenda atividade na regido do cérebro que controla a visão. Seria a explosiva atividade dessa parte do cérebro uma das razões por que ela ficava, às vezes, temporariamente cega depois de um teste de PK? Enquanto Nelya se concentrava ferozmente, o eletrocardiógrafo revelou que os seus batimentos cardíacos se haviam quadruplicado, passando a 240 por minuto.

O abjeto diante de Mikhailova principiou a mover-se. Seriam os novos detectores capazes de surpreender o PK em ação? Súbito os detectores de Sergeyev mostraram uma coisa que os pesquisadores ainda não tinham tido ocasião de ver. Os poderosos campos magnéticos à volta do corpo de Mikhailova puseram-se a pulsar! Era como se ela tivesse obrigado uma onda de energia a vibrar através do invisível invólucro energético à sua volta. O cérebro e o coração pulsavam em ritmo com essas vibrações em seu campo de força! Não somente pulsava todo o seu campo de força, mas também os detectores mostravam que esse campo de força pulsante se focalizara na direção do seu olhar.

Mas como é que esse campo de força pulsante, que ela focalizava num objeto, o fazia mover-se?

- Acredito que as vibrações nos campos que lhe cercam o corpo atuam como ondas magnéticas, - teorizou Sergeyev. - No momento em que ocorrem, as vibrações ou ondas magnéticas fazem que o objeto focalizado pela Senhora Mikhailova, mesmo que seja alguma coisa não magnética, proceda como se estivesse magnetizado. Fazem que o objeta seja atraído nu repelido por ela.

A teoria do Dr. Sergeyev (198) sobre o PK também se na apregoada descoberta soviética de uma nova forma de energia que circula através do corpo humano e da qual se faz menção em capítulos subseqüentes. (Veja o Apêndice A, 3 e 4.)

De modo que a expressão "mente sobre matéria" não era totalmente sobre campo de força. No entender dos soviéticos, esse campo de força vibrante seria o mecanismo mediante o qual a mente produz, ao menos, algumas espécies

de PK. A serem corretos os testes os soviéticos lavraram um belo tento no domínio do PK.

Era estranho estarmos fechados no interior da Embaixada Tcheca em Moscou ouvindo cientistas russos discorrerem sobre o descobrimento de "vibrações". Os russos talvez não se tenham dado conta disso, mas durante décadas se tem perguntado a médiuns em transes profundos: "Que é que faz o PK, a ESP ou os transes acontecerem?" E dos médiuns do mundo inteiro, sem nenhum contato entre si, têm vindo respostas quase idênticas - "vibrações". Os médiuns em transe explicam que o corpo humano é feito de um "campo" ou "corpo de energia", que vibra. Quando se acelera a freqüência de vibração desse campo, a energia ou a informação de outra "dimensão" pode passar através de nós. Mas enquanto Burr-Ravitz não descobriu os campos invisíveis de energia do corpo, ninguém sabia exatamente o que os fazia vibrar, nem como acontecia uma coisa dessas. Uma médium inglesa, Grace Rosher, predisse que logo teríamos instrumentos de alta freqüência para intensificar os poderes da ESP, acelerando as vibrações dos nossos campos energéticos. Afirmam os soviéticos que já inventaram maquinas para criar campos magnéticos e outros tipos de campos artificiais que aumentam o poder psíquico, principalmente a telepatia e o PK. (Veja o capítulo 10.)

De acordo com o Dr. Ravitz no Yale Journal of Biology and Medicine de 1951, a ação do Sol e da Lua também influi no campo de força do corpo (361) O Dr. Sergeyev concorda: "A ocasião mais favorável para o PK é durante os distúrbios magnéticos da Terra causados pela atividade das manchas solares".

Dizem os soviéticos que três coisas afetam os nossos campos de força e, portanto, o nosso poder psíquico: (1) os campos produzidos por máquinas; (2) os campos naturais produzidos pelo Sol, pela Lua e provavelmente pelos planetas; (3) e as mais importantes de todas, as emoções humanas. E, afiançam os soviéticos, não somente se faz sentir o efeito emocional do médium sobre o próprio campo de força, como também as emoções dos observadores.

- Foi muito difícil persuadir disso alguns cientistas, - explicou Eduardo Naumov. - Eles esperam que os seres humanos funcionem como se fossem máquinas. Não parecem compreender que os campos de força deles mesmos poderiam estar afetando a Senhora Mikhailova. Ela é uma personalidade extremamente excitável e nervosa. Alguns cientistas, que não conhecem psicologia nem bio-informação, irradiam impressões desagradáveis e suspeitas, que ela capta. Somos capazes de realizar uma demonstração de PK a qualquer momento mas, em presença de pessoas desagradáveis, a Senhora Mikhailova leva, às vezes, sete horas para fazer girar a agulha da bússola. A influência negativa deles não ajuda. Pelo contrário. Cercada de pessoas amistosas, a agulha da bússola pode começar a mover-se até cinco minutos depois.

O campo de força humano, a história do casulo dinâmico de energia que nos envolve, mal havia principiado. Os soviéticos não dispunham apenas dos detectores do Dr. Sergeyev para delinear esse "envolvimento" à distância; tudo faz crer que eles também possuem um método de fotografá-lo. (Veja os capítulos 16, 17, 18.)

O que estava começando a emergir era uma nova imagem do ser humano, não uma criatura alienada, mas um

ser enredado no fluxo e no refluxo de tudo o mais que o cerca. Os campos magnéticos pulsantes das máquinas, da Terra, da Lua e do Sol, os nossos pensamentos e emoções, bem como os dos outros - tudo influi nos campos de força dos nossos corpos e, por seu turno, dizem os russos, em nossos poderes psíquicos.

O Dr. Sergeyev fez outra descoberta desconcertante. Colocou os detectores a alguma distância do corpo de um homem clinicamente morto. Não se registraram ondas cerebrais, não se observaram batimentos cardíacos. Mas os detectores puseram-se a funcionar! A quatro metros do corpo sem vida do homem os campos de força eletromagnética estavam pulsando. Dir-se-ia que alguma energia estivesse sendo liberada. (100)

A famosa médium e clarividente Eileen Garrett, Presidente da Fundação de Parapsicologia de Nova Iorque, afirmou ter visto espirais de energia saindo dos corpos de pessoas mortas recentemente, até três dias após a morte. (302) Estariam os detectores de Sergeyev captando o mesmo fenômeno?

O que é mais estranho ainda é que os gráficos do detector obtidos do corpo clinicamente morto eram semelhante aos registros do detector conseguidos quando Mikhailova movia objetos à distância. Em ambos os casos, de PK e de morte, parecia haver liberação de energia.

- Com a nova pesquisa do Dr. Sergeyev, - disse o Dr. Zdenek Rejdak, ilustre cientista tcheco ligado ao Instituto Militar de Praga, - deixamos para trás o velho método de observar a telecinese somente pelo lado de fora. Agora podemos detectar e registrar esses extraordinários poderes

humanos por meio de instrumentos. E o primeiro passo para compreender e aproveitar a nova energia.

Um dos observadores ocidentais, o Dr. Jurgen Keil, da Universidade da Tasmânia, escreveu: "Os cientistas russos e tchecos na reunião encararam os fenômenos [psíquicos] como fatos físicos que finalmente serão controlados como os das ciências ortodoxas. O enfoque russo é mais impressionante e merecem um estudo sério dos países ocidentais" (319)

Uma coisa parece clara a respeito das pesquisas sobre Mikhailova e todos os registros de mudanças assombrosas das ondas cerebrais, batimentos cardíacos e campos eletromagnéticos. Os detratores de Nelya deviam pensar, na verdade, em algo menos arcaico do que ímãs e fios. Modificar as ondas cerebrais tão drasticamente utilizando apenas fios ou ímãs seria também, por si só, uma proeza "supernormal".

Que haveria por detrás da história de impostura (300) que envolvia Mikhailova? Teria sido tudo fabricado?

Nelya Mikhailova não surgiu como médium consumada de PK no cenário científico soviético. Alguns anos antes, estivera convalescendo de uma doença num hospital de Leningrado. Para passar o tempo, dedicou-se ao bordado. Certo dia, quando a enfermeira lhe trouxe uma sacola de meadas de várias cores, Nelya, sem olhar, enfiou a mão na sacola. Queria uma linha vermelha, outra amarela e outra verde. Quando retirou a mão do funda da sacola, eram essas as cores que estava segurando. Num relance, compreendeu que as escolhera entre muitas meadas misturadas dentro da sacola, sem as ver. De uma forma ou de outra, a sua mão reconhecera as cores.

Voltando para casa, viu um artigo de jornal a respeito de Rosa Kuleshova, que, dizia-se, era capaz de "ver" as cores com as mãos. "Também posso fazer isso!" pensou Nelya, agitada. Precisando submeter-se a um exame médico, mencionou a idéia aos seus médicos, os Drs. S. G. Feinburg e G. S. Belyaev. E uma das típicas ironias da ciência que o Dr. Feinburg, cético confirmado a respeito da "visão sem olhos" e da capacidade psíquica em geral, acabasse sendo um dos primeiros confirmadores da existência de tais aptidões.

O descobrimento dos seus novos talentos não tardou a levar Nelya a um dos maiores fisiologistas da Rússia, o Dr. Leonid Vasiliev. O Dr. Vasiliev realizou meticulosas experiências sobre a sua capacidade e fez que ela demonstrassem os seus dotes paranormais diante de dezenas de cientistas. Em 1964, convocou-se uma conferência especial de notáveis cientistas para assistir à demonstração de Mikhailova e, de acordo com o número de janeiro de Smena, a conferência foi um sucesso.

O Dr. Vasiliev entrou a fazer conjeturas sobre como poderia morrer a visão cutânea. Se as mãos de Mikhailova podiam "ver", era possível que estivessem emitindo alguma espécie de energia "X". Ora, se havia uma energia, ela talvez pudesse fazer outras coisas além de ver sem olhos. No meio de uma experiência de visão cutânea com Mikhailova, Vasiliev se lembrou de que um famoso pesquisador grego, o Dr. A. Tanagras, descobrira que um dos seus pacientes era capaz de fazer girar a agulha de uma bússola mantendo as mãos acima dela. Na inspiração do momento, Vasiliev arranjou uma bússola, colocou-a diante de Nelya, e animou-a a tentar. Ela nunca experimentara fazer isso antes e,

naturalmente, não tivera a oportunidade de preparar-se com antecedência para o teste. Estendeu as mãos sobre a bússola e ali as conservou. A agulha moveu-se. O Dr. Vasiliev descobrira uma talentosa portadora de PK! Daí por diante executou uma série de experiências de PK. Logo descobriu que Mikhailova, por meio do PK, era capaz de mover também outros objetos à distância. (184) Nelya Mikhailova, a mocinha que estivera na frente de batalha durante o cerco de Leningrado, via-se agora na frente de outra luta, para descobrir novos potenciais do ser humano. Fez inúmeras demonstrações de PK para cientistas. Em certa ocasião, pesquisadores universitários lhe pediram que modificasse o curso da areia numa ampulheta. Em lugar de mudar o curso da areia, consoante os relatos, ela mudou, à distância, a própria ampulheta. (331)

Antes que o PK de Nelya fosse inteiramente testado, aconteceu uma desgraça. Nelya foi acusada de trocar dinheiro no mercado negro. Se ela realmente o fez, não sabemos. Mas operar no mercado negro na Rússia deve ser quase tão comum quanto abusar da velocidade no Ocidente. Fomos muitas vezes abardados por pessoas que comerciavam no mercado negro na Rua Gorky em Moscou. Em Leningrado e em Kiev, até no interior de hotéis, sobretudo em elevadores, soviéticos tentavam negociar sapatos, roupas ou dinheiro. Mas embora seja uma infração corriqueira, a conversão fraudulenta de fundos é um delito grave na URSS.

Mikhailova foi condenada à prisão. Somente a intervenção de um cientista de tamanho prestígio quanto o Dr. Vasiliev, agraciado com a Ordem de Lenin, uma das mais altas condecorações da União Soviética, conseguiu

salvá-la. Ele argumentou que ela deveria estar mentalmente desequilibrada na ocasião em que fez o negócio (se é que realmente o fez) e, aparentemente, as autoridades permitiram que Nelya fosse conduzida a um hospital em lugar de ser levada para a cadeia.

- As acusações de "fraude" não tinham nada que ver com as suas capacidades telecinéticas, - avisou-nos o Dr. Rejdak. - Nunca se descobriram ímãs no corpo da Senhora Mikhailova. O Instituto de Metronomia da Rússia, que a estudou, constatou apenas um campo magnético intensificado perto do seu corpo... mas nenhum ímã escondido. Entretanto, em lugar de examinar o fenômeno mais atentamente, os observadores limitaram-se a concluir que poderia haver ímãs escondidos, rematou Rejdak.

'Todos nós temos um campo de força ao redor do corpo, mas o de Nelya é mais forte que o da maioria. Os cientistas que a estudaram chegaram à mesma conclusão. Mas os cientistas do Instituto de Metronomia recusaram-se a tirar as viseiras. Não lhes ocorreu que a capacidade de Nelya para mudar o seu inusitado campo de força poderia ser à base do seu PK.

Não há dúvida de que um rol impressionante de cientistas soviéticos concordou com Rejdak, Sergeyev e Naumov em que o PK de Nelya não era uma impostura.

O Dr. Rejdak fez pessoalmente experiências com Mikhailova e relatou-as no Pravda tcheco. (180)

"'Visitei a família Mikhailova [Kulagïn] na noite do dia 26 de fevereiro de 1968. O Senhor Blasek, um editor meu amigo, estava em minha companhia, como também estavam um médico, o Dr. J. S. Zverev, e o Dr. Sergeyev. O marido dela, um engenheiro, também se achava presente. O Dr.

Zverev realizou um meticuloso exame físico da Senhora Mikhailova. Os testes feitos com instrumentos especiais não apresentaram nenhum indício da presença de ímãs ou de qualquer outro objeto escondido.

"Examinamos a mesa por todos os modos e solicitamos a Senhora Mikhailova, muitas vezes, que mudasse de lugar. Passamos uma bússola ao redor do seu corpo, da cadeira e da mesa, com resultados igualmente negativos. Pedi a ela que lavasse as mãos. Após concentrar-se, ela fez girar a agulha da bússola mais de dez vezes, depois moveu toda a bússola com o seu estojo, uma caixa de fósforos e uns vinte palitos de fósforo ao mesmo tempo. Coloquei um cigarro diante dela. Ela movimentou-o também com um olhar. Em seguida, desfiz inteiramente o cigarro, mas nada encontrei no seu interior. Nos intervalos entre cada série de experiências ela era novamente examinada pelo médico".

"Pus o meu anel de ouro em cima da mesa. Ele se moveu mais depressa do que todos os outros objetos. Disseram-me que, seja qual for a sua natureza, essa energia afeta mais o ouro do que qualquer outro material. O anel de ouro que se moveu foi tirado por mim do meu dedo e colocado sobre a mesa. A Senhora Mikhailova passou as mãos sobre ele e o anel deslocou-se na sua direção. Fios ou quaisquer outros meios de apreensão estavam inteiramente fora de cogitações".

Os palitos e a caixa de fósforos eram nossos e a Senhora Mikhailova não tivera a oportunidade de prepará-los. Pedimos-lhe que não somente aproximasse mas também afastasse de si os palitos. Também lhe pedimos que movesse apenas um palito especificado por nós, que se achava no

meio dos outros. De acordo com o testemunho do Dr. Rejdak, ela fez tudo isso.

"Mais tarde, colocamos duas bússolas a sua frente e que solicitamos que movesse apenas uma delas." Ela o fez. A energia telecinetica da senhora Mikhailova pode ser dirigida pela sua vontade, concluiu Rejdak.

“Escolhi alguns objetos de vidro e porcelana que estavam no bufete e coloquei-os sobre a mesa. Eu mesmo tirei xícaras, pratinhos, um saleiro de vidro do guarda-louça. Foram selecionas por mim e ela não teve a oportunidade de prepará-los. Pesavam cerca de duzentas gramas cada um. A Senhora Mikhailova fê-los andar também. A pedido nosso, movimentou objetos que se achavam numa cadeira ou no chão. A fraude era impossível, visto que ela estava sentada numa sala muito bem iluminada, controlada pelo Dr. Zverev, pelo Dr. Sergeyev, pelo Senhor Blasek e por mim mesmo”.

- Fizemos outra experiência curiosa, - contou-nos o Dr. Rejdak. - Enchemos uma tigela de vidro de fumaça de cigarro e colocamo-la de cabeça para baixo diante dela. À distância, ela cortou a massa de fumaça aa meio, como se fosse uma substância sólida.

"Realizadas essas experiências, a Senhora Mikhailova se sentiu totalmente exausta. Quase não tinha pulso. Mal podia mover-se e o seu rosto estava pálido e contraído. Perdera quase dois quilos em meia hora. De acordo com o relato do Dr. Zverev, o EEG revelou intensa excitação emocional. Os seus batimentos cardíacos eram arrítmicos. A taxa de açúcar no sangue subira muito e o sistema endócrino estava perturbado. Todo o seu organismo se achava enfraquecido como que em conseqüência de uma tremenda reação ao stress. Ela perdera a sensação do gosto, doíam-lhe os braços

e as pernas, não conseguia coordenar os movimentos e sentia-se zonza. Mais tarde, contou que o seu sono foi agitado." (Veja Apêndice A, 5 e 6.)

Vimos ainda outro filme de Mikhailova que mostrava fenômenos semelhantes de PK. Nesse filme ela aparece não só dentro de casa mas também fora, num jardim. Os objetos perto dela giravam ou deslizavam em direções diferentes. Isso nos faz pensar no que pode acontecer num carro em que ela viaje como passageira. Recentemente alguns filmes de Mikhailova chegaram ao Ocidente.

Cientistas de outros países satélites também a examinaram. Entre eles figuras o Dr. Georgi Lozanov, diretor do Instituto de Sugestologia e Parapsicologia da Bulgária. Ele assistiu a testes de PK em Leningrado e planeja realizar novos trabalhos com Mikhailova em seus próprios laboratórios.

O Dr. Mïlan Ryzl, antigo bioquímico e parapsicologista de Praga, que se refugiou nas Estados Unidos, aludiu a Nelya Mikhaïlova em seus artigos no Ocidente, insinuando que ela talvez seja uma impostora. O Dr. Ryzl foi o primeiro cientista comunista a receber um prêmio ocidental (o Prêmio Mc Dougall de 1963) pelo seu trabalho no campo da parapsicologia. Depois, infelizmente, como muitos comunistas que recebem prêmios e dinheiro no Ocidente, começou a ser encarado com desconfiança por alguns dos seus colegas soviéticos. Em resultada disso, nunca foi convidado para testar o PK da Senhora Mikhailova, e o que ele tem escrito sobre Nelya parece basear-se nos artigos inexatos de jornal de autoria de Vladimir Lvov.

Depois da conferência, enquanto tomávamos o champanha e a sorvete de praxe, um jovem físico

extremamente parecido com o romancista Pasternak falou-nos dos seus próprios testes com Mikhailova. Ele também apresentara um relatório a respeita da conferência.

- Esta é a verdadeira ponta da caneta que ela moveu, - disse o Dr. V. F. Shvetz, apontando para a caneta que estava em sua mão como se ainda conservasse vestígios da energia indefinível que Mikhaïlova irradiava. - Como físico, sei que a telecinese não pode existir, mas armo ser humano sei que a vi. Todos os físicos do centro atômico de Dubna estavam interessadíssimos em telecinese, - ajuntou ele. - Mas pareciam acreditar que, se o admitissem, precisariam abandonar a física e começar a estudar parapsicologia!

- Que pensavam dela os outros físicos? - perguntamos.

- Numa importante experiência de Moscou, os físicos (alguns famosíssimos) organizaram pessoalmente a experiência. Colocaram diversos objetos não magnéticos no interior de um cubo de plexiglass. Ela moveu os objetos telecineticamente. Eles disseram: °"Devemos ter cometido algum erro na preparação do teste! Talvez algum tipo de energia conhecida tenha passado pela fração de milímetro que existe entre a mesa e o plexiglass!" - Shvetz reprimiu o riso. - Foram tão criticadas as suas declarações, que eles resolveram tornar a testá-la.

- Se Mikhaïlova pode mover um objeto, - perguntamos, - poderá também mover moléculas químicas como o nitrato de prata numa emulsão fotográfica? Em outras palavras, poderá fazer aparecer cima imagem num papel fotográfico?

- Sim, - afirmou Shvetz. - Ela pode fazer as letras “A” ou “O” aparecerem num papel de fotografia, Ás vezes pode também transferir a silhueta de uma imagem que viu para o papel fotográfico.

É possível que o descobrimento do campo de força flutuante em torno de Mikhailova durante o PK projete alguma luz sobre a estranha capacidade de Ted Serios nos Estados Unidos para criar, segundo se afirma, imagens dos seus pensamentos em filmes Polaroid. Os soviéticos que conhecemos e que estavam trabalhando com Nelya mostravam-se ávidos de informações a respeito de Serios.

Em março de 1968, o Dr. Ya. Terletsky, da cadeira de física da Universidade de Moscou, detentor do Premio do Estado, declarou no Pravda de Moscou: "As demonstrações de telecinese de Mikhailova me parecem naturais. Pode haver forças, nem eletromagnéticas nem gravitacionais, capazes de mover objetos como o faz Mikhailova? Sim, pode haver. Cheguei a essa convicção como físico. Por que estão essas forças ligadas ao homem e ao seu cérebro? Para responder à pergunta precisamos de novas pesquisas cientificas." (193)

Uma nova força, uma energia ligada às pessoas, uma energia conhecida ou desconhecida que pode ser dirigida pela mente. Eis o motivo par que a excitação, o interesse, atingiram graus insuspeitados na União Soviética. Se pensarmos no PK como força que empurra palitos de fósforo ao redor de uma mesa, ou que faz voar jarros de água pelo ar, não estaremos atinando com a idéia dos soviéticos. Eles estão procurando as leis gerais implícitas nesse fato espetacular, mas essencialmente destituído de importância, como só foi importante o papagaio empinado para captar uma centelha de raio porque conduziu ao descobrimento das leis fecundas da eletricidade.

O Dr. Alexei Gubko, do Instituto Ucraniano de Psicologia, acredita: "Utilizaremos o PK e a ESP na

educação e no controle mental das máquinas" (26). Outros soviéticos dizem: "Usaremos essa bio-energia em processos físico-químicos e na medicina". Até agora, as pesquisas soviéticas feitas com Mikhailova já forneceu valiosas percepções do desconcertante fenômeno do biomagnetismo, outro campo a que atualmente se dá ênfase na Rússia. A mente de Mikhailova podia fazer que vibrassem os campos eletromagnéticos à sua volta. Na Inglaterra, Baker e Delawarr descobriram que até campos magnéticos muito fracos, ao vibrarem, são rapazes de diminuir a taxa de colesterol no sangue e o número das células brancas. (293)

Alguns cientistas comunistas acreditam que essa nova forma de energia que se irradia dos seres humanos pode ser coligida e armazenada. (Veja o capítulo 28,) "O PK parece ser o mais fácil dos fenômenos psíquicos como objeto de experiências básicas. Através do PK desvendaremos as forças existentes por detrás de grande parte do paranormal, dando-nos um domínio mais amplo das forças vivas do universo", disseram eles.

Mas o PK também tem a seu lado negro. Depois de uma violenta erupção de atividade de PK do gênero trasgo, que durante meses perseguiu as instalações elétricas e mexeu com móveis num edifício de Rosenheim, na Alemanha Ocidental, Herr Brunner, porta-voz do Departamento de Obras de Rosenheim, chamado para investigar, comentou na Revista de Parafísica (Vol. 3, N.° 3, 1969): “Foi alarmante imaginar as catástrofes que poderiam ocorrer no domínio da tecnologia se tais forças, independentes da vontade dos técnicos, pudessem influenciar relés [elétricas] e perturbar funções de todos os gêneros. Por essa razão, no interesse do bem-estar comum da humanidade, os cientistas deveriam

tentar iluminar esse canto escuro dos nossos conhecimentos”.

"Tornou-se necessário postular a existência de um poder até agora desconhecido da tecnologia, de natureza, força e direção indefiníveis. É uma energia que está muito além da nossa compreensão."

Bastaria uma rapidíssima aplicação dessa energia "X" a qualquer instalação complicada - uma base de mísseis, uma usina de energia hidrelétrica, as instalações elétricas de uma cidade moderna - para provocar o caos total. Um parapsicologistas norte-americano comentou: "O PK pode ser a arma decisiva".

Pesquisadores soviéticos do PK, como Naumov, nos repetiram fervorosamente: "Espero apenas que o PK não caia nas mãos de quem possa empregá-lo como arma".

No verão de 1969 nos chegaram notícias de uma fonte fidedigna de que novos trabalhos sobre PK e Nelya Mikhailova continuam a realizar-se na Rússia. O trabalho envolve intensas investigações dos campos que lhe cercam o corpo. Diz-se que os soviéticos encontraram outras pessoas, além de Nelya Mikhailova, dotadas de talentos semelhantes.

Pesquisas sobre PK, de natureza não revelada, estão sendo levadas a cabo em Tbilisi, na Geórgia. Fora disso, cientistas soviéticos afirmam estar investigando o pronunciamento de um biologista francês, segundo, o qual, através do PK, os seres humanos podem influir no ritmo de degenerescência radioativa. (156) Esse cientista, que prefere permanecer anônimo se bem seja muito conhecido na literatura parapsicologia, pediu a adolescentes que tentassem acelerar ou retardar a decadência radioativa da matéria. E, segundo afirma, o contador geiger mostrou que eles foram

bem sucedidos numa série de testes. É interessante que ele tivesse escolhido crianças, um grupo freqüentemente associado a exibições do gênero trasgo. Mas os russos estão provavelmente mais interessados na afirmativa de que o enigmático PK pode influenciar a matéria básica. Talvez Nelya também possa afetar a matéria radioativa.

Nelya parece ser uma médium versátil, como Eusapia Palladino e outros médiuns famosos de antanho. Afirma-se que ela é telepata, clarividente, psicométrïca e dotada de PK. Os soviéticos, porém, não a encaram como artista ou como personalidade de exótica plumagem. Vêem em Nelya um meio para descobrir princípios. As questões importantes a seu respeito não devem centralizar-se na médium propriamente dita, mas em descobrimentos científicos como o do Dr. Sergeyev - de que os campos biológicos flutuantes estão, aparentemente, relacionados com o PK. Os comentários dos esquadrões de combate à fraude e as denúncias de "ímãs em lugares íntimos", totalmente impertinentes, não têm qualquer relação com a pesquisa em neurofisiologia. Nelya tem sido um meio para ajudar os dentistas a elucidarem esses novos caminhos. E não é muito fácil ser um meio. Existem os ataques pessoais, soezes, de noticiaristas como Lvov, que acarretam uma fuzilaria de cartas e chamados telefônicos desagradáveis. Além das perseguições públicas, Nelya também é submetida a uma grande tensão física durante os testes de PK.

Mas Nelya Mikhailova cresceu lutando; cresceu durante o cerco de Leningrado, numa das piores situações de privação e tensão que o mundo já conheceu. Não há razões para crermos que venha a atirar a toalha no tablado enquanto os cientistas acreditarem que podem descobrir mais coisas

sobre o potencial e a maravilha ainda não compreendida do ser humano, amarrando-a como um astronauta e prendendo-a num laboratório cheio de máquinas.

7

ESPAÇO INTERNO E ESPAÇO EXTERNO

Quando Yuri Gagarin se tornou o primeiro homem a girar no espaço ao redor da Terra, as pessoas saíam às ruas de Moscou cobertas de cartazes em que se lia: "Hurra! O Cosmo é nosso!" As multidões embandeiradas e comovidas, jubilosas e cantantes, que se comprimiam na Praça Vermelha, eram reais. As profundas reverberações no plexo solar eram genuínas. Nenhum burocrata teria podido ordenar a ressonância emocional que empolga a maioria dos soviéticos à idéia do cosmo. Eles têm "anseios ascensionais".

Os parapsicologistas não estão imunes à mística do espaço. Sonham fundir a exploração do espaço interno com a do espaço externo. Têm razões de sobra para prosseguir. K. E. Tsiolkovsky, pai da técnica russa dos foguetes, é uma figura em que parecem combinar-se os irmãos Wright e Lindberg no panteão soviético. Na década de 1930, ele disse: "Principalmente na era, que está próxima, dos vôos espaciais, as capacidades telepáticas serão necessárias. E elas ajudarão o desenvolvimento da humanidade. Ao mesmo tempo em que o foguete espacial deve levar os homens ao conhecimento dos grandes segredos do universo, o estudo dos fenômenos psíquicos pode conduzir-nos ao

conhecimento dos mistérios da mente humana. E precisamente a solução desses problemas que nos promete as maiores conquistas." (373)

Três decênios mais tarde, em 1967, a publicação russa Notícias Marítimas dizia: (357) "Os cosmonautas, quando estão em órbita, parecem capazes de comunicar-se telepaticamente com maior facilidade entre eles do que com as pessoas que ficaram na Terra. Um sistema de treinamento de psi foi incorporado ao seu programa de treinamento. Espera-se que isso os ajude a perceber e evitar perigos iminentes."

Os parapsicologistas estão pensando em vastas extensões do espaço. A telepatia, cuidam eles, poderá ser a linguagem comum quando os cosmonautas saudarem pela primeira vez as espaçonaves de outros sistemas solares; a ESP poderá ser um canal de comunicação entre a Terra e outras civilizações da galáxia. Talvez a ESP seja usada para estabelecer contato com OVNIS (objetos voadores não identificados) ou compreendê-los. (51) primeiro que tudo, os soviéticos voltaram a sua atenção para uma criatura que já está nos seus laboratórios: o ser humano.

Eles gostariam de aparelhar os cosmonautas com poderes vivos próprios, a fim de apoiar o seu mecanismo eletrônico no espaço. Um desses planos de apoio vivo envolve mensagens codificadas através da ESP. Na Terra, a telepatia fluiu de câmaras blindadas, que cancelam as ondas de rádio. Teoricamente, a telepatia poderia ser usada na comunicação espacial quando o rádio se apaga, o que é muito importante porque as demoras e hiatos radiofônicos aumentarão à medida que as astronaves se afastarem da Terra. A idéia do código principiou a tomar forma entre os telepatas no fim da

década de 1950, mais ou menos quando o Sputnik I entrou em órbita. Mensagens em código permitiriam aos parapsicologistas enviar e receber informações específicas, amiúde abstratas. Em lugar das imagens mudas, a linguagem se moveria telepaticamente.

Em março de 1967, os soviéticos transmitiram uma mensagem telepática codificada de Moscou a Leningrado. (82-357) Para fazê-lo, reuniram muitos dos seus novos conhecimentos de fisiologia da ESP. O constante Karl Nikolaiev recebeu a mensagem. Yuri Kamensky enviou-a - violentamente. Kamensky imaginou, com todos os seus sentidos, que estava tirando o shashlik de Nikolaiev. Esmurrou-lhe o rosto, chutou-lhe as pernas, derrubou-o ao chão. (Como escreveu o repórter soviético desses testes, "Oh, felizes cientistas!") Um longo assalto, que durou quarenta e cinco segundos, representou um traço em código Morse. Assaltos curtos de quinze segundos representavam um ponto. Kamensky não sabia a palavra que estava enviando de Moscou, através do espaço. Ele só tinha uma lista de traços e pontos. Em Leningrado, a Dra. Pavlova e o Dr. Sergeyev ligaram Nikolaiev ao aparelho de EEG e a outros dispositivos de registro. O sensível Nikolaiev começou a receber os impulsos telepáticos. O EEG indicou os comprimentos de recepção - longos e curtos. Cônscio da emoção que lhe era dirigida, Nikolaiev também anotou a duração de cada assalto psíquico. Sete sinais Morse formavam a palavra transmitida. Da primeira vez, calculando o comprimento, Nikolaiev captou direito os sete sinais Morse. Decifrados, descobriu que Kamensky enviara de Moscou a Leningrado, de cérebro a cérebro, a palavra MIG, que significa "imediato", e a comunicação imediata, seja de

Minsk a Pinsk, seja de uma espaçonave à Terra, é o que os parapsicologistas têm em mente.

Códigos telepáticos intricados também foram usados com êxito e estão sendo testados e aperfeiçoadas em laboratórios búlgaros (110) e tchecos (378). Mas talvez a primeira pessoa a propor o sistema básico tenha sido um homem que provavelmente nunca pensou em esmurrar o nariz de ninguém, Douglas Dean, eletroquímico, técnico em computadores e ex-presidente da Associação de Parapsicologia da América do Norte. Em 1960, o Dr. Dean soube de uma descoberta acidental feita pelo Dr. Stepan Figar, de Praga. Figar descobriu que o pletismógrafo, um dispositivo que registra alterações no volume do sangue, poderia indicar quando alguém estivesse sendo influenciado pelo pensamento de outra pessoa.(36) Dean começou a partir desse ponto. Com os engenheiros Robert Taetzsch e John Mihalasky do Newark College of Engineering de Nova Jérsei, ele transformou o antiquado pletismógrafo num sistema telepático que poderia, um dia, ser usado por astronautas.

Em primeiro lugar, descobriu uma coisa extraordinária. Quando um emissor telepático se concentra no nome de uma pessoa a que estamos ligados por laços emocionais, podemos acusar uma alteração do volume sangüíneo. Deitados num estado de descontração, não temos consciência de estar recebendo mensagens telepáticas. Entretanto, "captamos" alguma coisa, que, às vezes, ocasiona diminutas alterações em nosso torpe. Ao que tudo indica, 25% das pessoas podem acusar essa recepção telepática inconsciente. (286-88)

Antes dos soviéticos, Douglas Dean demonstrou claramente, através dos gráficos imparciais fornecidos por

um instrumento, que a telepatia pode influir nos processos corporais.

Em 1964, Dean falou a respeito do seu proposto "Sistema de Comunicação Psi" perante o Conselho de Sociedades Tecnológicas de Canaveral, por ocasião da Primeira Conferência Espacial. No sistema telepático de Dean, o emissor se concentra num nome que tem uma carga emocional para o receptor. Este, ligado ao pletismógrafo, acusa uma mudança do volume sangüíneo. A mudança equivale a um ponto no código de Morse. O traço é representado pela ausência de emissão durante um período específico de tempo. (322, 356) Utilizando os seus nomes carregados, Dean comunicou-se entre uma sala e outra, entre um edifício e outro, e entre Nova Iorque e a Flórida, a 1820 quilômetros de distância.

- Com isso estamos pensando, sem dúvida, na comunicação espacial, - contou-nos Dean. - É provável que es russos estejam olhando também nessa direção Por exemplo, quando nos aventurarmos a chegar mais longe, digamos a Júpiter as comunicações de rádio se atrasarão por mais de uma hora. Achamos que nos será possível eliminar esse atraso com o auxílio da telepatia. Ou, teoricamente, empregando a clarividência ou precognição, talvez se possa estabelecer uma comunicação instantânea...ou quase.

Todos os parapsicologistas russos que conhecemos tinham ouvido falar em Douglas Dean na distante Newark. Muitos outros russos também sabiam dos seus trabalhos. Em 1966, o Komsomolskaya Pravda apresentara um apanhado da obra de Dean.

Tanto os sistemas de comunicação psi norte-americanos como soviéticos transmitiam as suas mensagens

essencialmente fundadas nos processos físicos inconscientes provocados pela telepatia. Pensamento-Nikolaiev-gráfico-analisador-decifrador: o ser humano é um componente num sistema de comunicação, exatamente como uma válvula de imagem de televisão. O humano é a parte mais sensível: máquina alguma consegue reproduzi-lo. O sistema de Dean tem uma quantidade adicional. O receptor não precisa ser um médium rigorosamente treinado. Entretanto, infinitamente melhor amparados do ponto de vista financeiro do que o dedicado Dean, os russos, com os seus aparelhos caros e os seus "receptores" especializados, podem desenvolver um sistema mais flexível.

Haverá alguma razão para pensar que isso os perturba?

Louis Pauwels, redator da revista francesa Planète, comentando a informação que lhe enviou a Novosti sobre o importante congresso de parapsicologia realizado em fevereiro de 1968, observou que muitos notáveis cientistas soviéticos aparentemente acreditam que a pesquisa do psi é importante para favorecer a ciência e a tecnologia. "Muitos afirmaram que, na aventura do espaço, os astronautas talvez recorressem à telepatia a fim de comunicar-se com a Terra ou entre si." E Pauwels acrescentou: “Isso reafirma a posição assumida em 1966 por um cientista russo no congresso de Astronáutica em Paris”.

Os soviéticos parecem estar-se esforçando muito.

- Num dos nossos testes, - observou Naumov, - Nikolaiev foi mantido numa sala escura durante sete horas. Ligado aos instrumentos, foi preciso alimentá-lo com uma colher.

Em seus esforços por elaborar um sistema de comunicação psíquica, os soviéticos puseram de lado a idéia

fixa de só mandar imagens telepáticas. Tentaram enviar cargas de emoção. E também tentaram transmitir telepaticamente cargas de sons - zumbidos ou silvos.

Kamensky concentrou-se em descargas longas e curtas de sons para projetar uma palavra entre dois laboratórios em Leningrado. Essa palavra de código também tinha sete sinais Morse e cada qual foi emitido, em forma de impulsos, sete vezes. Segundo a Dra. Pavlova, na primeira vez Nikolaiev recebeu conscientemente cinco cios sete sinais. Na segunda, seis. Combinados, os resultados permitiram que se decifrasse a palavra "Ira", que era a correta. (152) Dois outros nomes pulsaram telepaticamente, Jenine e Lenin. (162) Será o emprego de nomes um eco do sistema de Dean?

- Das vinte e uma letras transmitidas telepaticamente em código, dezoito foram captadas com absoluta clareza nesses testes, - observou Naumov. - A nossa meta, naturalmente, é enviar mensagens muito mais extensas, o que significa que teremos de inventar novas combinações. Por enquanto, o cérebro acaba criando um hábito, uma resposta condicionada. Precisamos usar um regime durante quinze minutos e depois passar para outro.

Utilizando imagens telepáticas, os soviéticos também conseguiram enviar palavras em código de Moscou a Tomsk, cidades distantes uma da outra parte 4 800 quilômetros. (78)

Esses sistemas de comunicação psíquica, pelo menos os que nos foram descritos, não estão suficientemente aperfeiçoados para permitir aos cosmonautas a transmissão de lances de xadrez a adversários em outras espaçonaves. (Alguns soviéticos estão persuadidos de que um dos usos práticos da telepatia consiste em jogar xadrez fora deste mundo.) Seria estranho, contudo, que os soviéticos não

continuassem tentando aperfeiçoar um sistema de comunicações telepáticas espaciais. Até o conservador Dr. Ippolit Kogan, diretor da Seção de Bio-Informação Popov, disse à imprensa soviética que a telepatia terá aplicação sempre que for impossível empregar outros meios de comunicação. "Pode ser usada em vôos espaciais", disse ele. "Imagine-se a pane de um rádio num vôo cósmico. Bastaria transmitir telepaticamente o número 5, por exemplo, informar às estações terrestres que o rádio não estava funcionando e que elas precisariam tomar providências. Isso exigiria, naturalmente, uma pessoa especializada, que seria recrutada entre as bem dotadas e exercitadas." Kogan também é de opinião que expedições perdidas ou que estejam correndo perigo na Terra poderiam usar um SOS telepático. (158) E tendo em mente a curiosa aliança entre psi e submarinos, códigos telepáticos poderiam ligar um submarino a um navio ou à terra firme. De maneira ainda mais secreta, o exército poderia usar um sistema dessa natureza quando outros tipos de comunicação fossem inconvenientemente barulhentos.

Alguns cosmonautas russos já testaram a telepatia aqui ou no espaço? Não o sabemos. Talvez o soubesse o Dr. Eugene B. Konneci, quando era Diretor de Biotecnologia e Pesquisas Humanas e Tecnologia para a NASA. Em 1963, ele confessou aos delegados à Décima Quarta Federação Internacional de Astronáutica em Paris: "A natureza e a essência de certos fenômenos de comunicação eletromagnética entre organismos vivos constituem, segundo se afirma, objeto de estudos altamente prioritários dentro do programa espacial tripulado soviético". Konneci acrescentou que o grosso da ciência ocidental estava começando a

reparar nesses fenômenos e aludiu aos trabalhos do Dr. Henry Puharich, neurologista e parapsicologista norte-americano. (405)

Em 1967, outro ilustre norte-americano, profissional liberal, trouxe a Rússia a notícia de que lá se falava em psi no espaço. Os parapsicologistas soviéticos lhe haviam contado que os cosmonautas faziam experiências psíquicas "realmente fenomenais". A União Soviética está tentando experimentar todos os meios possíveis de comunicação entre o cosmo e a Terra, explicaram os russos. Um cosmonauta, por exemplo, recebia instruções para concentrar-se em certos princípios e objetos. Num momento determinado, telepatas na terra lhe registravam o pensamento. Como tudo o que é militar, disseram eles, os dados e resultados serão classificados. (283)

Do lado mais leve, dois cientistas tchecos nos contaram que Khrushchev, famoso por vangloriar se de tudo o que havia debaixo do Sol, não ignorava o psi. Afirma-se que o Presidente Khrushchev teria dito: "Já usamos a ESP no espaço".

Kay Sterner, Presidente da Fundação de Parapsicologia da Califórnia em San Diego, era a única norte-americana na conferência de Moscou em 1966. Relata ela que, segundo se depreendia das discussões, um considerável trabalho soviético estava sendo feito sobre as faculdades psíquicas nas condições de ausência de peso do espaço externo. Os soviéticos também estavam treinando cosmonautas em ioga e hipnose para realizar experiências no espaço, de acordo com a Senhora Sterner. "É claro", observou ela, "que eles faziam muito mais perguntas do que declarações". (358)

Talvez por termos chegado durante um período de congelamento, todas as vezes que fazíamos alguma pergunta sobre o espaço, recebíamos a mesma resposta:

- Sim, mas por que vocês não nos falam sobre os astronautas norte-americanos? Eles estão fazendo alguma coisa com o psi?

Isso, evidentemente, não facilitava a conversação. Não existem relatórios oficiais de treinamento de ESP em nosso programa. Não queríamos impingir aos russos outra história parecida com a do Nautilus. Se eles já não tinham marcado um primeiro tento, uma história como essa aparelharia seguramente o próximo cosmonauta com exercícios de ESP.

O único anúncio de treinamento de ESP para cosmonautas estampado em Notícias Marítimas relaciona-se em parte, provavelmente, com um plano engenhado pelo falecido Professor Gellerstein, doutor em biologia e parapsicologia da Popov. Em 1966, o Dr. Gellerstein realizou uma palestra sobre precognição, assunto que acabava de ser excluído da lista proscrita. Os cosmonautas viajarão a velocidades tão grandes, disse ele, que terão de ser capazes, literalmente, de prever u futuro. A fim de poder reagir a emergências em tempo hábil, precisam aprender a ver o que vai acontecer. Alguns raros seres humanos têm, aparentemente, o dom da predição. Por conseguinte, relatou Gellerstein, fora elaborado um programa para treinar cosmonautas a desenvolver pelo menos alguma dose de precognição. (96)

Mais uma vez, os soviéticos põem a sua fé no treinamento, na idéia de que, se uma pessoa pode fazer uma coisa, muitas talvez possam exercitar-se para fazê-la. À parte a crença marxista no treinamento, Gellerstein poderia

também se reportar à autoridade moral do pioneiro espacial Tsiolkovsky, cujas idéias, como as da maioria dos heróis soviéticos, são vigorosamente repetidas. Tsiolkovsky estava convencido de que "o homem terá de desenvolver capacidades psíquicas latentes para operar corretamente no estranho meio espacial".

À medida que enceta novas investigações de campos biológicos e do próprio homem, o nosso programa espacial, que já tem a seu crédito uns 2 500 novos progressos científicos, poderá trazer-nos também novas e surpreendentes conquistas no campo da ESP.

8

OVNIS E PSI. PROCURANDO O MESSIAS CÓSMICO

A autoridade em espaço K. E. Tsiolkovsky, que acreditava num universo abundantemente povoado, era o refúgio de alguns cientistas soviéticos que começaram a ver coisas estranhas, oficialmente não existentes.

Por volta das 21 horas e 30 minutos do dia 26 de julho de 1965, três astrônomos soviéticos, Roberto Vitolniek, Esmeralda Vitolniek e Yan Melderes, estudavam nuvens luminosas em Ogre, na Letônia. Olhando na direção do noroeste, repararam subitamente numa estrela brilhantíssima que se movia lentamente para oeste. Depois de vê-la com os

binóculos, os astrônomos apontaram à pressa o telescópio para a "estrela".

"Vimos um disco em forma de lente, de quase 100 metros de diâmetro, com uma esferazinha visível no centro. Três outras esferazinha giravam devagar em torno do grande disco. As quatro esferas eram de um verde fosco. Todo o sistema diminuía de tamanho como se afastasse da Terra. Depois de uns vinte minutos, mais ou menos, as esferas externas principiaram a apartar-se do disco. A que estava no centro também pareceu distanciar-se dele. Às 22 horas todas haviam desaparecido."

Os astrônomos calcularam que esses estranhos objetos verdes se achavam a cerca de 260 quilômetros da Terra. "A julgar pela velocidade do seu movimento no campo de visão, o sistema permanecia imóvel no espaço e o seu aparente movimento nada mais era do que a rotação da Terra", disseram os astrônomos. (232)

Alguns anos antes, difundiram-se rumores a respeito de grandes objetos brilhantes que percorriam os céus do Cazaquistão, aterrorizando os camponeses e fazendo-os voltar à igreja. "Na verdade, o radar soviético vem captando objetos voadores não identificados há vinte anos", anunciou o Dr. Felix U. Ziegel, do Instituto de Aviação de Moscou, num fascinante artigo publicado pela revista Smena, em abril de 1967. Outros relatos surpreendentes se seguiram em revistas como Baikal, Técnica da Juventude, Vida Soviética, Conhecimento e Trabalho. O Dr. Ziegel, ligado aos parapsicologistas de Popov, teve permissão para divulgar a história do OVNI e liberar algumas narrativas explosivas, que haviam pressionado as autoridades durante anos. Ziegel escolheu observações bem documentadas de cientistas

merecedores de crédito. Um exame de alguns dos observadores citados por Ziegel mostra que não havia probabilidade de que eles confundissem a Lua, um pedaço de bola incandescente, ou Vênus em ascensão com um pires. E também mostra por que os parapsicologistas já começaram a teorizar acerca das maneiras de comunicar-se com inteligências vindas do espaço.

Uma expedição geofísica de Leningrado, composta de oito homens, estava acampada nas montanhas do Cazaquistão. Eram 23 horas do dia 16 de agosto de 1960. A súbitas, viram um brilhante objeto alaranjado, em forma de lente, correndo acima dos topos das montanhas. O chefe do grupo, Dr. Nikolai Sochevanov, Professor de Geologia e Mineralogia, afirmou que o diâmetro do estranho objeto era 50% maior do que o da Lua visto do seu ponto de observação. Conservando uma velocidade constante, o disco alaranjado voou do norte para o sul, ziguezagueou no rumo do sudeste, descreveu um arco e desapareceu atrás das montanhas. As suas bordas eram menos luminosas do que o centro. (262)

Outro grupo de cientistas acampado no norte do Cáucaso também avistou um disco avermelhado cabriolando no céu. O chefe desse grupo, o geofísico Dr. V. G. Krylov, descreveu-lhe a trajetória como "um tanto ou quanto errática, finalmente espiral". O disco mudou de cor: passou do vermelho para o branco azulado.

Em 1964, todos os ocupastes de um avião soviético, um TU-104A, que fazia o trajeto normal entre Leningrado e Moscou, viram um disco grande, brilhante, de aparência metálica, passar por baixo do avião. O Dr. Vyacheslav Zaitsev, estudioso dos OVNIS na história antiga, estava

felizmente a bordo do aparelho. Contou que o disco, que se manteve paralelo ao avião por algum tempo, tinha uma protuberância no centro, que parecia uma cabina. A Dra. Ludmila Tsekhanovich, astrônoma geodética, também avistou no Cáucaso um disco brilhante parecido, e acompanhou-lhe o curso, diurno, no ano de 1965. Esse tinha igualmente uma protuberância em forma de cabina. (262)

Ao que tudo indica, certo número de aviões soviéticos foi seguido per objetos desconhecidos, que se diriam inteligentemente governados. Famosos pilotos russos. Valentin Akkuratov, navegador-chefe da aviação polar soviética, relatou um dos seus encontros com OVNIS em 1956.

"Estávamos empenhados no reconhecimento estratégico do gelo na Groenlândia. Saímos das nuvens para uma nesga de céu claro e, de chofre, notamos um aparelho desconhecido que seguia um rumo paralelo ao nosso, à esquerda. Parecia uma grande lente irisada de bordas pulsantes. Julgando tratar-se de um aparelho norte-americano desconhecido, voltamos a mergulhar no meio das nuvens, a fim de evitar um choque. Depois de quarenta minutos de vôo, as nuvens se acabaram. A bombordo do nosso avião, continuava o mesmo estranho objeto. Não vimos sinais de asas, vigias, antenas ou quaisquer gases de escapamento. Decidimos examiná-lo mais de perto e, abruptamente, alteramos o curso para aproximar-nos dele. Quando, porém, mudamos a direção do aparelho, a desconhecida máquina voadora também mudou a sua, permanecendo sempre paralela a nós. Volvidos uns quinze minutos, a misteriosa nave acelerou a marcha, subiu e

desapareceu. Voava a uma velocidade que parecia impossível para nós". (263)

Que eram essas coisas brilhantes, coloridas, que cabravam violentamente sobre a Rússia, voando atrás dos seus aviões? "A hipótese que encontra a menor quantidade de abjeções é a de que os OVNIS são veículos de civilizações extraterrestres", observou o Dr. Ziegel. Outros cientistas insignes estavam dispostos a especular. "Pode ser", disse o Dr. Vasily Kuprevich, Presidente da Academia de Ciências da Bielo-Rússia, "que seres do espaço exterior ainda estejam visitando a Terra sem estabelecer contato com as pessoas. O seu desenvolvimento intelectual talvez tenha atingido tal nível que eles fazem de nós o mesmo conceito que fazemos dos nossos antepassados, os homens das cavernas". (202)

A propósito da existência de uma vida aprimorada em outras partes da galáxia, realizou-se uma conferência em 1967 "Sobre as Civilizações Espaciais", dirigida pelo grande astrônomo armênio Vitor Ambartsumyam. A citada conferência chegou à seguinte conclusão: a existência de civilizações extraterrestres na galáxia pode ser praticamente havida como certa; por conseguinte, deveriam ser encetados desde já os estudos preliminares dos problemas científicos e técnicos das nossas futuras ligações com elas. (32)

"Possuímos observações muito bem documentadas de todos os pontos da URSS", revelou Ziegel. "É difícil acreditar que sejam todas ilusões de ótica. As ilusões não são claramente registradas em chapas fotográficas e no radar." Ele mencionou um duplo rastreamento, de que participou o Major Baidukov, da Força Aérea, que voava à noite sobre Odessa em abril de 1966. O major localizou um abjeto não

identificado no seu radar. Várias unidade; terrestres de radar também captaram o mesmo pique, que voava alto, e viram-no baixar, em quarenta e cinco minutos, de 50 para 17,5 quilômetros de altura da terra. (Circularam até rumores de que alguns cosmonautas soviéticos no espaço externo teriam visto um pires perto da sua cápsula.)

"Não creio que convenha a um verdadeiro cientista abordar problemas com a mentalidade do homem que disse da girafa: Esse bicho não existe, continuou Ziegel. Sem rejeitar a hipótese dos visitantes do espaço, ou qualquer outra teoria, precisamos iniciar um estudo sistemático do enigma dos OVNIS. Utilizemos os nossos observatórios astronômicos, meteorológicos e geofísicos, as nossas unidades de rastreamento de foguetes e satélites espaciais, o radar dos nossos aeroportos e os nossos radares hidrometeorológicos".

O primeiro pronunciamento público de Ziegel sobre os OVNIS na URSS provocou manifestações do Dr. J. Allen Hynek, Presidente do Departamento de Astronomia da Northwestern University e um dos principais cientistas norte-americanos que se consagraram ao seu estudo. Escrevendo em Playboy, o Dr. Hynek confessou o seu principal receio: numa bela manhã ele abriria o jornal e leria: "Russos desvendam o mistério dos OVNIS". Nos devaneios de Hynek, os soviéticos apareceriam com alguma explicação cósmica, ainda não imaginada, dos OVNIS. Ou, o que seria muito mais traumático, relatariam o primeiro contato com membros de uma civilização extraterrestre que andassem fazendo reconhecimentos na Terra. "Qualquer uma dessas histórias abalaria de tal maneira a América que o lançamento do Sputnik em 1957 pareceria, retrospectivamente, tão

importante quanto o anúncio russo de uma abundantíssima colheita de trigo", disse Hynek. (309)

Conhecendo os métodos soviéticos, o Dr. Hynek observou ser muito improvável que Ziegel proclamasse a necessidade de um estudo científico em larga escala dos OVNIS se algum já não tivesse sido iniciado.

Um mês antes de qualquer manifestação pública sobre os OVNIS, os parapsicalogistas, de qualquer maneira, já entendiam haver alguma razão para discuti-los. Os parapsicologistas acertaram com dois grupos de físicos a realização de um seminário sobre "Possíveis maneiras de comunicar-nos com civilizações extraterrestres". (132) O engenheiro Yu. Dolgin falou sobre a busca científica atual de civilizações no espaça exterior. Depois a discussão se dirigiu para os OVNIS. Acredita o Dr. Ziegel que a parapsicologia poderá prestai grandes serviços ao homem. E ele talvez se referisse a pesquisas psíquicas quando disse: "Aqui parece que estamos lidando com uma espécie de realidade ainda inexplorada". Mas referia-se aos OVNIS. Falou no desenvolvimento de sistemas de comunicação para sondar o espaço à procura de respostas inteligentes. "Será pura coincidência que as observações se intensifiquem sempre que Marte está mais próximo da ferra?" perguntou Ziegel. "Ninguém sabe." Um sistema de comunicação apropriado poderia provocar uma resposta do até agora insociável OVNI. A telepatia talvez fosse a solução. Nenhum dos participantes do seminário, naturalmente, vira ainda um ser espacial. Mas os soviéticos já estavam preparando os seus "discursos" para o caso de serem indicados.

O Dr. Vyacheslav Zaitsev, outro participante das reuniões de parapsicologia, não está convencido de que

ninguém jamais tenha visto um visitante cósmico. Ele acredita, e passou anos documentando as suas teorias, que homens do espaço pousaram na Terra e trouxeram consigo a aurora da civilização humana. "Deuses do céu", é como lhes chama. Filólogo da Academia de Ciências Bielo-russa, Zaitsev compulsou velhos documentos, sobretudo documentos sagrados, para chegar às suas idéias. "O relato bíblico da destruição de Sodoma e Gomorra parece uma explosão nuclear", assinala Zaitsev não desarrazoadamente, "descrita por uma testemunha sem cultura".

Segundo o Dr. Zaitsev, as sagradas sagas indianas, entre as quais o Ramayana, falam em "carros celestiais de dois andares com muitas janelas. Rugem como leões, vestem-se de chamas rubras, e disparam no céu como se fossem cometas". O Mahabharata e vários livros sânscritos descrevem circunstanciadamente esses carros "acionados por um relâmpago alado... A nave librava-se no céu e demandava a região do Sol e das estrelas".

Alguns arqueólogos soviéticos acreditam que os carros podem ter deixado "registros". Recentemente foram descobertos 71G discos de pedra em cavernas na montanha Bayan Kara Ula, entre a China e o Tibete. Essas "gravações", que os soviéticos verificaram conter traços de metais, têm sulcos como um disco moderno de vitrola e um furo no centro. Calculam os arqueólogos que eles foram feitos por volta do ano 10 000 A.C, e supõem que talvez sejam uma forma de escrita. Refere Zaitsev que, quando se tiram partículas dos discos, eles vibram como se contivesse uma carga elétrica. Na opinião do Dr. Zaitsev, esses discos poderiam dar novo significado às veneráveis lendas chinesas

de homens magros, de rosto amarelo, que desceram das nuvens. (256)

Zaitsev escora a sua tese dos "Deuses do Céu" num amplo conhecimento da história da arquitetura. Os povos primitivos, supõe ele, afeiçoaram os seus edifícios sagrados inspirando-se nas máquinas dos visitantes do espaço e, assim, imortalizando-as. Ele tem livros cheios de exemplos. A forma da cápsula espacial norte-americana Gemini pode ser encontrada em estruturas antigas. Aparece, notadamente, num exemplar da arquitetura judaica, mostrado num compêndio, o túmulo erguido no vale de Cedron. Correspondentemente, a silhueta de um edifício sagrado fenício, o túmulo de Amrites, lembra o Vostok soviético. A forma do Vostok também se encontra nos primitivíssimos "stupas" talhados em templos indianos cavernais. Pagodes chineses, como o famoso pagode de ferro perto de K'ai-feng, igrejas, minaretes muçulmanos, todos têm "anelos de céu", de acordo com o Dr. Zaitsev. Ele aponta para os minaretes que rodeiam Santa Sofia em Istambul: dir-se-iam foguetes prontos para o lançamento.

"Preservados pelos êxtases messiânicos da religião, esses símbolos cósmicos inspirados pelos nossos primitivos visitantes e benfeitores chegaram à Rússia através do cristianismo. Vejam as flechas das igrejas. Comparecem a cúpula acebolada do Campanário de Ivã, o Grande, no Kremlin, com a proa em forma de sino da espaçonave Vostok." O Dr. Zaitsev disse aos parapsicologistas que, se novas pesquisas corroborarem essas teorias, o homem terá de modificar as suas idéias acerca das origens da civilização e das religiões, "e as nossas idéias sobre as crenças messiânicas. Se fomos realmente visitados há alguns séculos,

é possível que estejamos no limiar de um "segundo advento" de seres inteligentes do espaço exterior". (257)

Para Zaitsev, o "segundo advento" não é apenas uma alusão teológica. Ele acredita que Jesus, representante de uma civilização mais adiantada, tenha vindo do espaço externo. Isso explicaria, em parte, os seus poderes sobrenaturais, as suas tremendas capacidades. "Em outras palavras, a descida de Deus à Terra é realmente uma ocorrência cósmica", diz Zaitsev. Nesse sentido, ele entende que os soviéticos deveriam considerar a vinda de Deus como um verdadeiro acontecimento histórico. F sugere apenas que o termo Deus seja mudado para "Cosmonauta Jesus Cristo". (314)

Será isso demais? Na Rússia, as idéias de Zaitsev geraram profundo interesse. Ele é apenas um dos cientistas soviéticos para os quais as nossas civilizações foram iniciadas por seres vindos do espaço exterior. Antes que Zaitsev enunciasse a suas teorias, o Professor Modesto Agres, doutor em matemática física, causou sensação na Gazeta Literária (fevereiro de 1966) propondo a tese de que a Terra foi visitada por homens do espaço durante um milhão de anos.

O Professor Agrest alude às "tectitas", rochas misteriosas encontradas no Líbano, que desconcertaram a ciência. Formaram-se graças a uma radiação nuclear. Por que não seriam mísseis provenientes do espaço? Como Zaitsev e outros, Agrest se confessa intrigado pelos "Dogus", estátuas com 25 000 anos de idade descobertas no Japão e que, afirma-se, parecem astronautas em trajes espaciais. Agrest acredita também que os eventos e as personalidades bíblicas mostram a intervenção de visitantes cósmicos.

Embora pareçam estranhas, essas idéias não constituem temas de comentários frívolos e esporádicos, mas foram apresentadas como hipótese científica séria, apoiada em vasta documentação. O Dr. Iosif Shklovsky, membro correspondente da Academia de Ciências, escreveu: "Agrest considera ousadamente que muitos acontecimentos bíblicos surpreendentes se baseiam numa visita de astronautas de outros planetas a Terra. [...] No verão de 1962, uma hipótese semelhante foi aventada por Karl Sagan, conhecido astrofísico norte-americano. Claro está que nem a hipótese de Agrest, nem a versão desenvolvida por Sagan com base nessa hipótese têm, até agora, amparo científico sério. Não obstante, ambas merecem consideração e não devem ser postas de lado como baboseira não científica".

“Nunca encontramos alguém que tivesse visto um pires - até irmos à Rússia e conversarmos com um professor de física. Quando palestramos com esse cientista de quarenta e cinco anos, que leciona numa prestigiosa universidade soviética, os OVNIS tinham caído novamente em desgraça. ‘Sei que isso soa estranho’, disse-nos ele, ‘mas eu mesmo já vi os tais pires por duas vezes. No verão de 1960, com um grupo de pessoas, eu estava esperando a passagem de um carro na estrada de Samarcanda, a uns quarenta e cinco quilômetros de Tashkent. Isso aconteceu entre nove e dez horas da noite. O OVNI, mais ou menos do tamanho de uma estrela grande, passou pelo nordeste do céu. Inverteu a marcha e deslocou-se na direção da terra com sinuosas ondulações de luz. Tinha-se a impressão do movimento de um inseto do gênero Nepa. No dia seguinte, fiz indagações e constatei que numerosos habitantes de Tashkent tinham visto o mesmo objeto. O fato de não se tratar de um avião, nem de

um meteorito, nem mesmo de um Sputnik artificial era comprovado pela direção quebrada do vôo e pelas suas tremendas mudanças de velocidade".

"Cerca de um mês depois, no mesmo verão, eu me achava na Criméia com dois conhecidos professores de arte e seus alunos, quando vi o segundo OVNI - na realidade não foi apenas um, foram cinco. Vimo-los executar uma espécie de manobra no zênite, parecida com as brincadeiras dos pirilampos." Esse professor, como o Dr. Ziegel, também fez alusão ao famoso meteorito de Tunguska, que derrubou uma floresta siberiana em 1909. A publicação Relatórios da Academia Soviética de Ciência, em 1967, divulgou estudos para mostrar que, fosse o que fosse o Sue tenha caído na Sibéria, não foi um cometa nem um meteorito. Nesse mesmo ano, o Instituto de Pesquisa Nuclear Conjunta, em Dubna, apresentou um relatório segundo o qual a explosão de Tunguska, que deixou grande quantidade de radioatividade, tinha todas as características de uma explosão nuclear. Finalmente, o Dr. Ziegel demonstrou, em 1966 (antes da publicidade do pires), que o objeto de Tunguska descreveu no ar um arco imenso, de 600 quilômetros, antes de cair. "Ou seja", diz Ziegel, "ele executou uma manobra". (263)

Consoante alguns observadores, estranhos objetos ainda estavam executando manobras sobre terras comunistas. A revista militar tcheca Periscópio (1966) declarou: "Recentemente, OVNIS tem sido visto sobrevoando a União Soviética, a Polônia, a China e a Tchecoslováquia".

Em outubro de 1967, o Major-General Porfiri Stolyarov, da Força Aérea, foi nomeado presidente da Comissão Cosmonáutica da União, grupo não oficial que se incumbe de estudar os OVNIS, e do qual fazem parte muitos

cientistas e heróis da União Soviética. (301) A sociedade anunciou que faria uma palestra pela televisão, ruas não chegou a fazê-la. Ziegel propôs um estudo dos OVNIS de âmbito mundial aos visto que naquele ano novas observações haviam sido feitas na Rússia. A Estação Astrofísica da Montanha, da Academia de Ciências da URSS, no Cáucaso, relatou duas observações notáveis.

Numa noite clara e cheia de estrelas, o astrônomo H. I. Potter viu uma formação densa, leitosa, com um núcleo vermelho, tirante ao róseo. A nuvem empalideceu e sumiu, mas o centro vermelho continuou pairando. Durante duas horas, Potter tirou fotografias. Poucas semanas depois, pessoas que estavam passando as férias em Kislovodsk, estação de veraneio nas montanhas, alvoroçaram-se ao ver um crescente brilhante zumbindo no céu. Num ponto mais distante da montanha, na estação de astrofísica, o astrônomo Anatoli Sazanov e dez cientistas avistaram e rastrearam o mesmo fenômeno. Tênues fitas luminosas, como uma espécie de escapamento, seguiam os cornos do crescente. Finalmente, o brilho se dissipou e viu-se que o objeto era um disco. (263)

Antes de chegarmos à Rússia, os OVNIS estavam oficialmente extintos. O Dr. Ziegel, que, pelo visto, se apresentara na TV e criara o que as autoridades consideravam um espetáculo demasiado sensacional, estava de férias, umas longas férias que durariam enquanto durasse a celeuma pública. Por conseguinte, a discussão dos OVNIS, das civilizações extraterrestres e das maneiras de se comunicar com elas teriam de ser riscada da conferência de parapsicologia de junho. Todas as observações de pires mencionadas neste capítulo, excetuando-se a história que o

nosso amigo testemunhara, foram publicadas pelos soviéticos. Sputnik, revista soviética distribuída cm vinte e oito países não comunistas, reproduziu algumas.

Em março de 1968, a Academia Soviética de Ciência declarou: "a pesquisa de OVNIS é anticientífica". Se eles existissem, os cientistas saberiam da sua existência. Afirmou a Academia: "Nenhum dos nossos astrônomos viu jamais um OVNI. Eles nunca foram avistados por nenhum dos nossos cientistas que têm a sua base em terra. As nossas unidades de defesa, que guardam o país dia e noite, nunca viram um OVNI". Por isso mesmo, concluía a Academia, não poderia haver OVNIS. (414) A maioria dos observadores ocidentais acredita que o pronunciamento se destinasse apenas ao consumo interno, e tivesse sido feito para acalmar o povo, pois um povo calmo é uma boa coisa aos olhos das autoridades.

Isto é, publicamente.

- Ora, - disseram vários russos com os quais conversamos. - Os discos voadores voltarão de novo no próximo degelo.

O Dr. Carl Jung, o grande psicanalista, escreveu um livro sobre discos voadores. Eles podem ou não existir materialmente, pensava Jung. O que lhe interessava era a mítica luminescência dos OVNIS. Que mudanças, no mais profundo da psique, traduzem as suas observações? perguntava ele a si mesmo. Como o demonstram as teorias populares de Zaitsev sobre os "Deuses do Céu", o lado mítico e místico do disco voador projeta sombras férteis sobre a Rússia.

Não é uma coincidência o fato de parapsicologistas, astrofísicos e ovnistas se juntarem em seminários em

Moscou. O mesmo impulso, o mesmo anseio por descobrir os profundos indizíveis da vida estão implícitos na exploração do espaço interno e externo. A Rússia mística não morreu. Está simplesmente, lentamente, mudando as aparências da sua busca. Afastando-se por necessidade da religião, voltou-se para a ciência. Procura nela uma definição nova, maior, do eu humano. Procura nela uma nova compreensão do lugar desse eu no plano das coisas. A parapsicologia sonda o íntimo do ser. A Astronáutica sonda o exterior, a brilhante e negra abóbada infinita que se estende sobre as terras infinitas dos soviéticos. Ambas têm, atrás de si, os inquietos e atormentados séculos da Rússia.

Os soviéticos surgiram com poderes telepáticos no chão; lançaram homens ao espaço. Não é improvável que tenham combinado, ou venham a combinar, os dois. E menos provável que descubram que têm uma história desfavorecida pelas estrelas, que homens do espaço desceram trazendo os dons de Prometeu. Entre esse provável e esse improvável pende o enigma do OVNI. Toda a gente presume o que sejam esses objetos exasperantes, que voam a alturas consideráveis. Se revelaram alienígenas, e se acreditarmos no que escrevem os autores de ficção científica e no que nos dizem os ocultistas acerca de seres de outros mundos, que nos procuram, guiados por vibrações simpáticas - nesse caso, um russo não oficial talvez diga a primeira palavra intergaláctica.

Numa palestra sobre seres espaciais dotados de inteligência superior, o Dr. Ziegel perguntou: "Não haverá a possibilidade de um entendimento comum, visto que nascemos no mesmo universo e obedecemos às mesmas leis da natureza?" O otimismo de um russo culto, um admirador

de Zaitsev que encontramos certa noite em Moscou, depois de jantar, foi mais longe ainda.

- Eles são como pais amorosos no céu, - disse ele. - Agora que possuímos a força nuclear para destruir-nos e para prejudicar o sistema solar, eles virão. Não deixarão que nos aniquilemos.

9

O IMPACTO TELEPÁTICO

O pianista tocou uma valsa. Entre os braços do parceiro, uma jovem começou a rodopiar sobre o polido tablado de danças de uma estação de veraneio no Mar Negro. Numa ante-sala, o Dr. K. I. Platonov, psicologista, levou a mão aos olhos e concentrou-se. A súbitas, no meio de um passo, a moça que dançava caiu em transe hipnótico. Telepaticamente, Platonov interrompera a jovem que dançava, a Srta. M.

No Congresso de Psiconeurologistas Russos de 1924, Platonov tornou a hipnotizar telepaticamente a Srta. M. diante de uma sala cheia de cientistas. A animada jovem estava conversando, ou pelo menos assim o imaginou, com um grupo de médicos, que aguardavam o início de uma demonstração hipnótica. Não se via Platonov, escondido atrás de um grande quadro negro. Ele levou a mão à testa, como um sinal, e a Srta. M., de repente, adormeceu. Em seguida acordou-a e, logo, tornou a adormecê-la. (154 -237)

Platonov encontrara mais que uma forma exótica de curar a insônia com a sua magia. A capacidade de adormecer as pessoas e despertá-las telepaticamente à distância de uns poucos metros ou de mil e tantos quilômetros tornou-se a contribuição mais completamente testada e aperfeiçoada dos soviéticos à parapsicologia internacional. A experiência soviética. A capacidade de controlar a consciência de uma pessoa por meio da telepatia está sendo agora explorada nos laboratórios de Moscou e Leningrado. O teste do adormecer e despertar, entretanto, granjeou um longo e intrigante pedigree científico antes de ser finalmente revelado no princípio da década de 1960.

Pouco depois da convenção de 1924, algo inusitado aconteceu a uma aluna de dezenove anos de uma faculdade de Kharkov. "Quando vão começar as experiências, Professor Dzelichovsky?" perguntou a moça ao seu professor de física. A curiosidade exasperava-a. Mais de um mês antes, ele lhe pedira que se submetesse a alguns testes muito importantes. Tratava-se de um pedido lisonjeiro. No entanto, ela voltou a interrogá-lo sobre o assunto, ele limitou-se a dizer que o equipamento estava atrasado e continuou falando sobre a solução que, naquele momento, ia despejando num tubo de ensaio.

O Professor A. V. Dzelichovsky convidava-a freqüentemente a ir ao laboratório durante a longa espera. Agia quase como um professor particular, que nunca se cansava de vê-la nem de falar-lhe - mas de falar sobre tudo, exceto as experiências de que ela deveria participar. Por fim, a curiosa jovem começou a aparecer no laboratório a qualquer momento. "Houve alguma razão especial que a trouxe aqui?" perguntava Dzelichovsky. E a única coisa que

ela conseguia fazer era corar e balbuciar: "Não... não, apenas senti vontade".

Sem o saber, a moça já participava de experiências muito especiais. Enquanto fazia o que esperava que fosse uma conversa trivial a respeito do tubo de ensaio que estendia à aluna, com o fito de distraí-la, ele viu, de repente, que as pálpebras da jovem começavam a bater e depois se fecharam. A sua respiração tornou-se mais vagarosa, mais profunda, mais regular. Ela adormecera profundamente.

Numa sala próxima, K. D. Kotkov, psicologista, também tinha os olhos cerrados. Mas não estava dormindo, embora repetisse mentalmente, sem cessar: "Durma, durma". Ao mesmo tempo, imaginava vividamente o rosto da jovem. Kotkov descobriu que o ingrediente mais importante nessa tentativa de controle telepático secreto era desejar. Ele desejou que a rapariga adormecesse até sentir "uma espécie de êxtase de triunfo. Conheci que ela estava dormindo". Tomou nota do tempo e dispôs-se a despertá-la.

A jovem estudante acordou, pestanejou, com o tubo de ensaio ainda na mão, e continuou a conversar com o jubiloso, mas assombrado, Dzelichovsky. A experiência dera certo! E a moça não percebeu coisa alguma do que acontecera.

Durante a série de experiências, que levaram dois meses, Kotkov pôde produzir na jovem o estado de consciência operando do outro lado da cidade. A telepatia também era responsável pela compulsão que a levava ao laboratório do Dr. Dzelichovsky. Do seu apartamento, o Dr. Kotkov a dirigia mentalmente. A fim de evitar a possibilidade de que ela fosse espontaneamente ao laboratório, o que seria muito

improvável, dormisse no meio de uma sentença, os professores cronometraram os testes com precisão militar.

Kotkov tentou obliterar telepaticamente a consciência da rapariga trinta vezes. Não falhou em nenhuma delas. (237)

Adormecida, em pé, segurando um tubo de ensaio, a moça parecia em transe. Os russos descobriram, mais tarde, que se pode, até certo ponto, conversar com uma pessoa telepaticamente adormecida e interrogá-la, como se estivesse apenas hipnotizada. Será a telepatia realmente ma espécie de hipnose? Não exatamente, afirmam os soviéticos. Os mecanismos que anulam a vontade e provocam o transe são diferentes. A hipnose, de acordo com os soviéticos, provém geralmente da linguagem, de palavras e ordens sugestivas. A força telepática que nos derruba é gerada por homens como Kotkov, que conservam de nós vigorosas imagens visuais.

A hipnose telepática brilha no centro dos fartos experimentos que o Dr. Vasiliev realizou com diligência, mas não pôde revelar durante o regime de Stalin. A realidade da onda de sono telepática, sustentada por colunas de dados, foi para muita gente à parte mais surpreendente das Experiências de Sugestão Mental de Vasiliev, finalmente publicadas em 1962. Brilhante fisiologista, o jovem Leonid Vasiliev, com os bastos cabelos escuros, os traços enérgicos e a simpatia pessoal, possuía um caráter que se lhe ajustava á figura leonina. Porfiado e audaz em suas pesquisas, o seu espírito percorria facilmente o domínio de muitas disciplinas. E, como se verificou, mostrou uma nobreza especial não falseando a verdade quando poderia ter sido, e talvez o fosse, prejudicial a ele aferrar-se a ela.

Teorias sobre as ondas materiais que transportam a comunicação telepática de um cérebro a outro zumbiam na

cabeça de Vasiliev quando, em 1953, foi incumbido de uma tarefa que lhe agradou. Stalin já detinha o absoluto controle do país. Chegaram instruções ao famoso Instituto do Cérebro Bekhterev, em que Vasiliev trabalhava, para estudar a fundo a telepatia. Mais uma vez, ninguém esclareceu a procedência das instruções, a não ser que vinham da própria cúpula diretiva. Aos cientistas soviéticos incumbia desvendar um mistério secular. Eles mostrariam ao mundo que a telepatia caminha sobre ondas físicas conhecidas.

Em primeiro lugar, Vasiliev necessitava da telepatia, a telepatia que se ligaria e desligaria no laboratório como um feixe de luz para ser examinado e decomposto em comprimentos de ondas. Os médiuns bem dotados escasseavam. Além disso, Vasiliev precisava de uma demonstração indiscutível da telepatia, uma demonstração que pudesse ser prontamente reduzida a termos estatísticos. A sua resposta, naturalmente, foi o simplíssimo transe telepático.

Vasiliev e os seus colegas, I. F. Tomashevsky, fisiologista, e o Dr. A. V. Doubrovsky, psiquiatra, apresentaram dois bons pacientes do sexo feminino: Ivanova e Fedorova, ambas com vinte e cinco anos e ambas clientes neuróticas de Doubrovsky. A diferença da jovem de Kharkov, quando se iniciaram as experiências, Ivanova sabia alguma coisa do que estava acontecendo. Jazia numa cama de campanha. Em sua mão direita, elétrodos rasteavam correntes elétricas da pele que não podiam ser conscientemente controladas. Com a mão esquerda segurava um aparelho em forma de balão. "Continue a apertá-lo, com força", ordenaram-lhe. Em outra sala, os impulsos elos dois dispositivos eram registrados num gráfico. Se ela

adormecesse, as linhas cheias de projeções pontudas passariam a ser inteiramente horizontais.

Os cientistas fizeram-nas dormir telepaticamente um sem-número de vezes durante um período de três anos, de uma sala a outra, de um edifício a outro. Chegaram até a ligar o aparelho em forma de balão ao rádio de Ivanova em sua casa, de modo que pudessem captar-lhe os sinais no laboratório. Enquanto ela jazia na cama, deixaram-na inconsciente telepaticamente. À proporção que a consciência ia e vinha em Ivanova e Fedorova, Vasiliev preparou armadilhas para as ondas telepáticas. Tentou captar as "ondas de Cazzamalli", assim designadas em homenagem a um neurologista italiano, que afirmava ter detectado ondas de rádio que saíam crepitando das pessoas quando estas se imaginavam em cenas violentas, tais como saltando de uma trincheira para um ataque à baioneta. Sintonizando, um depois de outro, os comprimentos de ondas especificados, Vasiliev não ouviu uma única crepitação.

Mas ainda havia muitas outras ondas. Vasiliev encerrou Ivanova numa jaula de ferro de Faraday, que obstava a passagem das ondas eletromagnéticas. A telepatia processou-se como de costume. Os cientistas começaram a ficar preocupados. Se não se pudesse provar que a telepatia tinha uma base física, ela se acabaria juntando aos emigrados políticos da União Soviética. Vasiliev construiu uma cápsula de chumbo, que seria uma barreira até para a irradiação. Tomashevsky, o emissor, trepou numa escada e escorregou para dentro do que parecia uma enorme geladeira antiga. Em seguida, abaixou a pesada tampa abobadada. Esta se encaixou numa canaleta cheia de mercúrio e a cápsula ficou perfeitamente selada. Nenhuma onda poderia entrar ou sair

dali. Seria impossível qualquer manifestação de telepatia nessas condições. Tomashevsky imaginou Fedorova adormecida no interior da jaula de Faraday. Ela perdeu a consciência. Essa telepatia de impacto parecia funcionar ainda melhor no interior de todos os anteparos de chumbo.

"Ficamos assombrados!" escreveu Vasiliev. "Estávamos como que hipnotizados por esses resultados inesperados!" (402) E ficaram preocupados. Com a idéia fixa de homens que tentavam isolar um novo elemento num pedaço grosseiro de minério, os dedicados parapsicologistas passaram a desacreditar o próprio trabalho. Tentaram provar que era a resposta condicionada, e não a telepatia, que provocava a inconsciência dos pacientes. Essa tentativa malogrou-se e eles experimentaram a telepatia em nov m pacientes - um professor, um operário, um estudante, um intérprete. Mesmo assim descobriram que a consciência poderia ser telepaticamente obscurecida.

Vasiliev sabia que as ondas eletromagnéticas diminuem de intensidade à medida que aumenta a distância. Mandou Tomashevsky para Sebastopol, perto da Criméia, mais de mil e seiscentos quilômetros ao sul. Dessa vez, Ivanova não sabia que estava sendo submetida a uma experiência. Ela compareceu à clínica psicoterapêutica para a sessão costumeira com o Dr. Doubrovsky. Conversaram os dois durante uma hora e nada aconteceu. Não fora a curvatura da Terra, mas um obstáculo bem mais comum aos viajantes que obviara à telepatia. Tomashevsky sentira-se tão nauseado que não pudera emitir coisa alguma no dia marcado. Mas recuperou-se antes da sessão seguinte de Ivanova. Sozinho no passeio de tábuas que dava para o mar, concentrou-se. A mil e seiscentos quilômetros de distância, Ivanova perdeu a

consciência à hora aprazada, enquanto conversava com o Dr. Doubrovsky.

Ironicamente, o incansável Vasiliev construíra o que ainda constitui a melhor prova (conhecida) de que as ondas eletromagnéticas não transportam a telepatia. "Avaliamos perfeitamente", escreveu Vasiliev em 1937, a responsabilidade que assumimos por chegar a uma conclusão dessa natureza". O mundo só conheceu as notícias a respeito em 1962, quando, já no fim da vida, Vasiliev pôde publicar as suas Experiências de Sugestão Mental. "Fiz o melhor que pude, façam melhor do que eu os que puderem fazê-lo", rezava a inscrição do livro procrastinado e explosivo de Vasiliev.

Agora os parapsicologistas de Leningrado e Moscou estão mais uma vez empenhados na manipulação telepática da consciência, desta vez registrando êxitos com o EEG. Em Técnica de Rádio,73 o Dr. Ippolit Kogan, dirigindo-se a outros cientistas, falou numa moça, Olya, hipnotizada normalmente e, depois, ligada ao EEG. Numa sala separada, o emissor, Dr. Vladimir L. Raikov, também estava ligado a um EEG. Em momentos esparsos, ele recebia sinais para acordar Olya com o EEG. Raikov conseguiu pensar em Olya acordada seis vezes em onze. Eduardo Naumov mencionou uma série semelhante. A telepatia despertou o paciente seis vezes em oito. Naumov observou que, assim que se envia a ordem telepática para acordar, o transe se torna cada vez menos profundo, voltando a plena consciência em vinte ou trinta segundos. No laboratório de Leningrado do Dr. Pavel Gulyaiev, amigos de pacientes foram treinados para fazê-los dormir telepaticamente.

Por que voltaram os soviéticos a trabalhar com afinco no controle telepático da consciência? Como Vasiliev, é provável que o Dr. Kogano esteja fazendo por motivos teóricos. Ele demonstrou matematicamente que um portador eletromagnético de telepatia não é impossível em princípio e envolveria comprimentos de onda de mais de mil e seiscentos metros. Por que outros cientistas talvez estejam investigando o controle da consciência através da ESP é outra questão.

Sonho telepático - ou será apenas um transe? Perdemos simplesmente a consciência ou sonhamos os nossos sonhos particulares? Ou alguma outra coisa mantém o domínio? Os soviéticos de hoje se mostraram muito sovinas na divulgação dos detalhes psicológicos da sua manipulação telepática da consciência. Vasiliev, porém, fez algumas revelações dignas de nota. Fedorova e Ivanova podiam ser interrogadas enquanto se achavam em transe telepático. Sabiam amiúde quem as estava apagando psiquicamente. Pela primeira vez no espaço de dois anos, Vasiliev forçou mentalmente Fedorova a dormir. Perguntada, enquanto se achava em transe, sobre o que acontecera, ela disse: "Vasiliev está entrando devagarinho na minha cabeça. [...] " Várias salas mais longe, Vasiliev decidiu pensar num pássaro, um abutre. "Vasiliev", continuou Fedorova, "os olhos dele estão saltados como os de um galo. Ele está sentado numa mesa circular. [Correto.] Foi ele quem fez. Ele tirou tudo de mim." Quando Vasiliev começou a devolver telepaticamente a consciência, Fedorova, ainda em transe, disse: "Pare com isso, Professor Vasiliev. Assim terei de acordar.. , mas não quero".(237)

Esse tipo de telepatia não somente deixa uma pessoa em transe, como também parece abrir um bom canal de comunicação. Indagada acerca dessa estranha conexão, a mulher disse que era como um telefone, ou como estar na extremidade de um novelo, ligado a uma corda que poderia desenredá-lo ou tornar e enredá-lo.

Se a telepatia pode ser intensificada, amplificada como um sinal de telefone, os arquitetos terão um novo problema, prediz o Dr. Stefan Manczarski, da Polônia, encontrar um modo de isolar apartamentos a fim de obstar à telepatia não desejada. Manczarski, que acredita que ainda existe vida nas teorias eletromagnéticas, é um dos poucos cientistas que escrevem sobre telepatia como um método extraordinariamente eficaz para difundir a propaganda. "Uma grande vantagem prática", disse ele, se bem acrescentasse que as pessoas agredidas por anúncios telepáticos talvez não se entusiasmem pela idéia. (278) Manczarski, chefe da turma polonesa para o Ano Geofísico Internacional de 1957, é o único polonês que tem publicado obras sobre psi desde que terminou a guerra. As suas experiências o induziram a pensar que a telepatia funciona sobre ondas, que poderiam ser ampliadas como as ondas de rádio ou qualquer outra onda que utilizamos diariamente. Como o rádio e a televisão, telepatia se converteria num novo processo sutil à disposição dos que exercem influência sobre o mundo. As idéias do Dr. Manczarski a respeito às ondas são discutíveis. Mas que se há de dizer da possibilidade de vir à telepatia a tornar-se um dia um instrumento para influenciar pessoas?

Os pesquisadores russos atuais não discutem quem pode ser induzida telepaticamente a um estado de transe. De

acordo com os cientistas mais velhos, se pudermos ser levados a um estado de hipnose profunda (mais ou menos 20% das criaturas humanas podem sê-lo) poderemos ser postos a dormir, de longe, telepaticamente. Não obstante, o Dr. Platonov calculou que apenas quatro pessoas em cem podem ser normalmente reduzidas à inconsciência por intermédio da telepatia.

A hipnotização telepática de alguém será provavelmente considerada cerro um ato mais estranho, mistificante, quase diabólico, na América do que na Rússia. E é o hipnotismo, mais que a telepatia, que parece chocar as pessoas. Estamos começando a acostumar-nos com ele. Desde o inicio do século os russos têm afiado as suas habilidades hipnóticas e explorado amplamente as suas possibilidades. Na União Soviética, o hipnotismo é um instrumento comum, como os raios-X, empregado em medicina, psicoterapia, fisiologia, psicologia e pedagogia experimental.

Enquanto os exploradores ocidentais da mente, começando com os complexos freudianos, dramáticos como tragédias gregas, desvendaram coisas surpreendentes a respeito da personalidade, os seus equivalentes soviéticos moveram-se numa direção diferente. Com a ajuda da hipnose, investigaram as capacidades mentais. Como simples exemplo, os hipnotistas descobriram que, ao entrarmos em transe, podemos dizer precisamente por quantas árvores e por quantos postes telefônicos passamos no trajeto de nossa casa ao consultório do médico. Tais observações conduzem a complexos estudos de memória. Era natural que os russos tentassem elucidar a mente psíquica pela hipnose. Desde o século XIX sentiram os europeus igualmente que esta pode facilitar os dotes psíquicos. Um norte-americano, Stanley V.

Mitchell, quando Presidente da Guilda Internacional dos Hipnotistas, descobriu que a hipnose revelou um tipo muito feliz de ESP numa excursão russa em 1964.

Mitchell relatou na revista Fate (setembro de 1964) que os médicos de uma clínica soviética por ele visitada lhe destinaram uma enfermeira como paciente para que ele pudesse demonstrar as suas técnicas. A enfermeira caiu rapidamente em transe; e executou, em rigor, todas as instruções de Mitchell. Só depois veio ele a descobrir que a enfermeira não entendia inglês. Ela utilizava automaticamente uma espécie de transformador psíquico para converter em ação as ordens que ele dava em inglês. Mitchell encontrou na Polônia uma situação semelhante, em que a ESP anula as barreiras da linguagem. Uma velha estava sentada numa sala assistindo a hipnotização de uma jovem parenta. Quando Mitchell deu as suas ordens, a mulher também caiu em transe. Nesse estado, Mitchell pôde comunicar-se com ela, posto que ela quase não falasse inglês. Intrigada, interrogou a velha. Ela confessou-se capaz de compreendê-lo perfeitamente sob a ação da hipnose. "Mas quando o senhor não me hipnotiza, só me diz cha, cha, cha."

O Dr. Vasiliev, justificadamente orgulhoso do seu trabalho pioneiro com a hipnose telepática, disse que lamentava não terem os ocidentais adotado e usado o seu teste do adormecer-acordar. O excesso de escrúpulos em relação à hipnose que vigora no Ocidente era uma das razões por que não se administravam aos pacientes pílulas soporíferas telepáticas nos laboratórios norte-americanos.

Os soviéticos aperfeiçoaram e confirmaram a realidade do transe telepático, mas nunca afirmaram tê-lo descoberto. Isso foi feito pelos franceses. Alguns dos primeiros registros

desse tipo de truque psíquico apresentou como figura principal Léonie B., uma camponesa francesa de cinqüenta anos, médium de talentos variados.

Uma experiência especial com Léonie tem todo o fascínio desconcertaste de um filme dos Irmãos Marx, lá pelos idos de 1886. Aconteceu uma noite, depois do jantar, no Havre. À volta da mesa estava sentada a nata da pesquisa psíquica européia: Pierre Janet, psicólogo e um dos pais da parapsicologia francesa; o seu colaborador, o Dr. M. Gibert; Julius Ochorovicz, ainda lembrado como o mais famoso pesquisador psíquico da Polônia; Frederic Myers, da Inglaterra, um dos fundadores da Sociedade Britânica de Pesquisas Psíquicas; e dois eruditos de reputação praticamente equivalente.

Os seis decidiram verificar se Gibert seria capaz de deixar Léonie em transe a distância, proeza que ele já realizara em outras ocasiões, e se poderia chamar a mulher, enquanto em transe, para junto de si. Todos sincronizaram os seus relógios. Em seguida, Gibert retirou-se para o seu escritório; os demais se endereçaram à casa de Léonie, a pouco mais de um quilômetro dali, do outro lado da cidade. Conservando-se na sombra, cercaram a casa. "Naquele momento", escreveu Ochorovicz, "não havia ninguém em casa a não ser Léonie, que não estava esperando nenhuma atividade de nossa parte." Exatamente no instante aprazado, Léonie saiu de casa e encaminhou-se para o portão do jardim. Escondido num dos cantos da casa, Ochorovicz reparou que Leonie tinha os olhos bem fechados. Leonie, porém, virou-se e tornou a entrar em casa. Ochorovicz anotou mais tarde que, naquele instante o emissor, Gilbert,

“em resultado do seu esforço mental, desmaiou – ou adormeceu.”

Logo depois Léonie reapareceu andando depressa - tão depressa que quase atropelou o Professor Janet, que saíra do seu esconderijo. "Felizmente, ela não se advertiu do que a cercava ou, pelo menos, não os reconheceu."

Durante dez minutos, de olhos fechados, Léonie caminhou com êxito "evitando os postes e o tráfico das ruas". Nenhum dos outros pedestres pareceu notar coisa alguma insólita em relação a Léonie, segundo o testemunho de Myers. Talvez estivessem demasiado ocupados em olhar, feito basbaques, para a turma de empertigados cavalheiros que seguiam atrás dela, tomando notas.

De repente, Léonie vacilou; parecia confusa. (Por quê? porque Gibert decidira que a experiência toda era inútil e se pusera a jogar bilhar.) Passados alguns instantes, Léonie voltou a apressar-se. (Ele mudara de idéia e recomeçara a emitir.)

Com o grupo no seu encalço, Léonie chegou ao seu destino no momento em que Gibert, sem saber o que poderia ter acontecido aos outros, saía correndo para a rua. Os dois trombaram.

Léonie passou por cima do confuso Gibert e entrou, quase que à força, na casa. Correu de uma sala para outra, perguntando, ansiosa: "Onde está ele? Onde está ele?" Vasculhou o sobrado, depois o andar térreo, sempre seguida pelos seis sábios alígeros, que faziam o possível e o impossível para não ser ultrapassados. Finalmente, Gibert deixou-se cair numa cadeira e chamou-a.

"Ela segura-lhe o braço", recorda Ochorovicz. "Exulta!" Exultante também estava Ochorovicz, que se acabara

convencendo de que podemos realmente influenciar pessoas à distância.

Se algum cientista soviético atual já viveu momentos estranhos como esses, chamando uma pessoa no meio das ruas de Moscou, não fala sobre o assunto, Mas os russos aludiram, mais de uma vez, aos seus esforços para guiar os movimentos de pessoas no interior dos seu laboratórios valendo-se da telepatia. Numa TV de circuito fechado, os parapsicologistas da Popov observam um paciente em transe numa sala isolada. Poderá a ESP não somente desacordá-la, como também derrubá-la? Poder-se-á guiar telepaticamente a direção - para a frente, para trás, para este lado, para aquele - da sua queda?

"Numa série de testes", referiu Eduardo Naumov, "fez-se o paciente cair dez vezes em dez. E ele caiu na direção telepaticamente ordenada oito vezes em dez." (133) Naumov mencionou casualmente que mais de mil pessoas tinham sido experimentadas nos últimos anos nesses testes de desacordar e derrubar.

A orientação psíquica de uma pessoa, da maneira como se orienta eletronicamente um míssil, foi levada um pouco mais adiante com Karl Nikolaiev, de acordo com um relato feito pelo conceituado Dr. Kogan em Tecnologia de Rádio e numa conferência sobre "Problemas científicos da bio-informação" realizada na Casa dos Cientistas de Moscou da Academia Soviética, à qual assistiram mais de setecentos cientista (75) Naumov, que possuía aparentemente algum talento psíquico, foi o emissor. Inteiramente consciente, Nikolaiev tentou deixar que Naumov o guiasse pela sala, que continha dez alvos. "Tivemos retroação nesse teste", informou Kogan, querendo dizer com isso que Naumov, em

outra sala, ouvia Karl descrever, por meio de um microfone, a direção em que estava caminhando. Esse arranjo permitiu a Naumov tentar corrigir mentalmente as falhas na direção de Karl enquanto este se achava em movimento. Em vinte e seis tentativas diferentes, Naumov dirigiu Karl para o alvo treze vezes. No dizer de Kogan, as probabilidades de se fazer uma coisa dessas por acaso são mínimas.

Em seus laboratórios bem arrumados, os parapsicologistas soviéticos manipulam a consciência, mas isso não passa de um minúsculo filmezinho da mente comparado com as espalhafatosas excursões psicodélicas que floresceram no Ocidente. Segundo se tem afirmado, o psi cruza, às vezes, a consciência psicodélica. Em seu livro, O Misterioso Fenômeno da Mente Humana, Vasiliev conta que deu a uma moça, sem nenhum dote psíquico aparente, uma boa dose de mescalina. Quando ela se achou sob a plena ação da droga, ele apresentou-lhe dez caixas pretas de plástico seladas. Nem Vasiliev nem a sua feliz aluna (ela achava o mundo "lindo") conheciam os pequeninos objetos enrolados em algodão no interior das caixas. "Diga-me o que está vendo aqui", disse Vasiliev, colocando uma caixa diante da jovem Ela deu uma risadinha nervosa. "Como foi que o senhor conseguiu botar isso aí dentro? É um grande edifício de pedra". Abrindo a caixa mais tarde, Vasiliev encontrou no seu interior um selo de um rublo com a imagem do grande prédio de pedra do Telégrafo Central de Moscou. A jovem não se deu ao trabalho de falar sobre uma das caixas. Marcou, porém, cinco tentos parciais cocas., as oito caixas restantes. Diante de um pacote que continha dois raminhos vermelhos de árvore, por exemplo, disse: "Vejo uma mancha vermelha". Era o ano de 1946, em que se iniciou e período

mais paralisante do regime de Stalin. Aparentemente, contudo, a jovem fez uma viagem muito rara e muito boa com o seu Professor Vasiliev. Observação dela: "Tudo parecia tão lindo! Tinha-se a impressão de poder fazer qualquer coisa".

Quanto às experiências psico-psicodélicas, o Dr. Milan Ryzl menciona que M. S. Smirnov, do Laboratório da Visão do Instituto de Problemas de Transmissão de Informações da Academia de Ciências da URSS, lhe escreveu particularmente a respeito de testes com a psilocibina. (382) Afirma-se que Smirnov, seguindo a técnica de Vasiliev, obteve alguns êxitos psíquicos com a psilocibina.

Entretanto, em seus esforços para alterar a consciência, os parapsicologistas soviéticos parecem ater-se a variações da hipnose telepática tradicional. Vasiliev e os seus colegas pareciam prospectores peneirando ondas eletromagnéticas. O ouro que buscavam era o "mecanismo" da telepatia. Em lugar de "ouro", acabaram encontrando "cobre" na forma de um teste conveniente de adormecer-despertar que servia para todos os propósitos. Vasiliev utilizou-o como um espécime de telepatia para dissecar, como dissecaria um sapo em experiências de fisiologia. Mas o teste que ele aperfeiçoou talvez encerre os elementos de um futuro muito mais ativo e interessante. A manipulação da consciência alheia por meio da telepatia, a orientação do paciente em transe permite que se figurem facilmente empregos interessantíssimos. Experimente-se a espionagem. Focaliza-se o olho mágico no ajudante-de-campo do general. Aplicam-se-lhe sugestões hipnóticas para puxar esta alavanca, roubar aqueles documentos. Ele acorda, como a estudante de Kharkov, sem saber o que aconteceu. A Srta. M. entrou em transe enquanto

dançava uma valsa. E se a Srta. M. estivesse dirigindo um automóvel, pilotando um avião, ou fazendo às vezes de sentinela?

Esta é a fantasia fácil das histórias supersônicas de suspense. Mas não seria ingenuidade presumir que nenhum pesquisador pensou jamais nesses usos possíveis da telepatia? O famoso soviético Wolf Messing, com a sua capacidade amplamente comprovada de influenciar a mente alheia, comentou em sua autobiografia a ocasião em que conseguiu sair de um edifício, passando por guardas que tinham ordens para detê-lo. "Este caso, e outros semelhantes, deveriam fazer-nos reconsiderar a opinião tantas vezes exposta de que ninguém deve executar, sob a ação da hipnose, um ato contrário às suas convicções. Estou certo de que os guardas não me teriam deixado passar se eu lhes tivesse sugerido que dessem passagem a Wolf Messing; entretanto, utilizando o meu poder mental, fi-los ver em mim o alto funcionário que teria passagem livre em qualquer circunstância. Da mesma forma, um homem sob a ação da hipnose pode receber instruções para matar um coelho quando, na realidade, está atirando a um homem". (119)

Essencialmente, o que parece provável que os soviéticos estão procurando em seu estudo do efeito da ESP sobre a consciência é o controle num sentido mais genérico, cotidiano, difundido. Ouve-se com freqüência a palavra controle na URSS, não como conceito político, mas em seu significado relativamente otimista, científico.

- A ciência aprendeu a controlar a natureza externa em benefício da humanidade, - disse-nos um cientista de Moscou. - Agora estamos tentando aprender as leis que governam a natureza interna. E assim como a compreensão

da natureza externa nos permitiu, por exemplo, gerar eletricidade para iluminar cidades imensas, assim também a capacidade de controlar os recursos inexplorados do homem poderá acarretar-lhe igualmente benefícios surpreendentes.

O controle da esquizofrenia é muito bom. O controle das atitudes de uma pessoa por outra pessoa, por uma raça ou por uma nação já não é tão bom.

O bioquímico tcheco Dr. Milan Ryzl diz que um russo lhe afirmou: "Quando os meios apropriados de propaganda forem habilmente usados, será possível moldar a consciência de qualquer homem de modo que ele acabe empregando mal as suas capacidades embora continue convencido de que está servindo a um propósito honesto." (382) E Ryzl continuou: "A URSS tem meios para esconder do resto do mundo os resultados dessa pesquisa e, se as suas aplicações práticas forem possíveis, não há dúvida alguma de que a União Soviética as fará".

10

QUE É O QUE NOS FAZ MÉDIUNS?

Os parapsicologistas soviéticos pareciam nunca ter ouvida o cliché "Ligue, sintonize, passe". Mas esses amplificadores russos da mente estão tentando por todos os meios ligar o psi e não param de falar em sintonizá-lo. Que é o que lhe movimenta a força psíquica latente? Em 1965 o grupo Popov começou a coligir casos de ESP espontânea. Um estudo da ESP no momento em que ela se manifestasse,

carregada de emoção e de vida, através da trama da rotina cotidiana, talvez revelasse alguma coisa dos seus métodos evasivos. Talvez proporcionasse pistas para ativar o psi à vontade.

O falecido biologista da Popov, Dr. I. Gellerstein, relatou uma recente experiência de ESP de um conhecido advogado russo, Alexandre Coney, "homem de espírito crítico, analista sensato e arguto, sem nenhum misticismo". (96)

Viajando de trem para Moscou, Coney sonhou que um velho amigo, Lajechnikov, lhe estendia a mão e o fitava súplice, com olhos súplices. Fazia muito tempo que não via Lajechnikov nem pensara muito nele. Lajechnikov estava velho, precisava ir visitá-lo logo, decidiu Coney, e voltou a adormecer. Lajechnikov tornou a aparecer-lhe em sonhas. Desta vez agarrou-lhe a mão. Perguntou-lhe qualquer coisa em tom imperativo. Coney não conseguiu lembrar-se do que era, mas disso lhe ficou um sentimento tão forte que, chegado a Moscou, resolveu não adiar por mais tempo a visita ao velho amigo.

Encaminhou-se diretamente para um quiosque de endereços. O quiosque estava fechado fortificado, lembrou-se de que era domingo. Não havia meio de encontrar o novo endereço de Lajechnikov. Para dissipar a estranha sensação que lhe proporcionara o sonho, pôs a andar.

Desceu a Rua Nikitsky, depois a Rua Zoologicheskaya - e, mais uma vez, uma vívida lembrança de Lajechnikov o empolgou. Como que obedecendo a um impulso irresistível, Coney sobresteve e olhou para a porta da casa por que estava passando. Na placa parafusada na parede, lia-se, "E. E. Lajechnikoa". Uma velha atendeu ao toque de campainha e conduziu-o ao sobrado.

"Você chegou muito tarde, Alexandre", disse ela. Ali, no seu caixão, jazia Lajechnikov. E a mulher continuou: “Veja só, ele se lembrou de você antes de morrer. Dizia constantemente, Eu quisera que Alexandre estivesse aqui. . . ele poderia ajudar-me!”.

"E indiscutível que essas coisas acontecem", observou Ippolit Kogan, diretor da Popov. "Mas por quê?" Em sua tentativa de descobrir todas as condições capazes de ativar a ESP, os soviéticos finalmente se deslocaram do trauma óbvio de encontrar-se uma pessoa em seu leito de morte para coisas um pouco menos óbvias, como o movimento da Lua, as flutuações dos campos magnéticos.

"Estudei a telepatia espontânea durante quase quarenta anos", observou o Dr. Leonid Vasiliev pouco antes de morrer, em 1966. "Juntei centenas de relatos fidedignos desse tipo de comunicação espontânea. Há alguns dias uma mulher me comunicou uma experiência inusitada com o próprio filho." (238)

A mulher escreveu: “Não sou supersticiosa, mas o que me aconteceu há onze anos ainda é um estranho mistério para mim. Naquela época, meu filho estudava no Instituto Politécnico de Kiev é ficou tuberculoso. Estava sendo tratado em Kiev. Sabedora de que o seu estado de saúde era sério, passei muitas noites sem dormir. No intuito de afugentar um pouco as preocupações, passei, muitas vezes, noites inteiras lendo livros”.

"Numa dessas noites, enquanto me achava no meio da leitura do Poema Pedagógico de Makarenko, tive a impressão de que uma corrente elétrica me passava pelo corpo, e ali, nítido, diante de mim, vi o rosto exausto e contorcido pelo sofrimento de meu filho! Ele me olhava

como quem implora, como se estivesse tentando dizer-me qualquer coisa. Imobilizada, olhei para ele - e, logo, num ápice - ele se foi. Tremendo, assustada, compreendi então claramente que meu filho já não existia - que morrera naquela mesma noite. Chorando, anotei, com mão trêmula, a hora, o dia, o mês e o ano.

"E era verdade. Mais tarde recebi a comunicação de que, naquele mesmíssimo instante, em Kiev, a trezentos e sessenta quilômetros de distância, meu filho morrera."

Comentário do Dr. Vasiliev: "Essa mulher nunca teve alucinações antes nem depois do fato".

Um pesquisador ocidental procuraria destacar com precisão o momento em que surgira o rosto do menino - antes, durante ou depois da morte. A possibilidade do "depois" não é levada em conta pelos soviéticos.

Uma mensagem igualmente ambígua ocorreu em relação ao tempestuoso pianista e compositor russo Anton Rubinstein. Numa noite horrível e borrascosa, Rubinstein jantava com seu aluno, Guilherme Nichia. Era uma noite medonha, contou Nichia, até para Leningrado, a cidade das tormentas. Rubinstein perguntou ao discípulo o que lhe recordavam os ventos contínuos e uivantes. "Os lamentos das almas perdidas", respondeu Nichia. Seguiu-se uma discussão sobre a possibilidade da vida futura. "Tenho a certeza de que existe uma vida futura", exclamou Nichia, "e, se eu morrer primeiro, voltarei à sua procura, para prová-lo!" Rubinstein encarou no discípulo. Finalmente declarou, com grande solenidade. "Está feito. Se eu for primeiro, tentarei fazer o mesmo."

Seis anos depois, em 1894, Nichia, vivendo em Paris, foi violentamente despertado do sono por um grito horrendo. O

rosto de Rubinstein, grotescamente contorcido, pairava acima dele. Trêmulo, Nichia sentou-se na cama, acendeu todas as luzes e procurou convencer-se de que o pesadelo acabara. Não se lembrava do pacto com Rubinstein até que, na tarde seguinte, viu as manchetes: RUBINSTEIN MORRE DE REPENTE. Um amigo de ambos, que estivera à cabeceira do músico em Leningrado, finalmente contou a Nichia que Rubinstein, sufocado por um insulto cardíaco, morrera com o grito mais horrível, mais raivoso, mais agônico que ele ouvira em toda a sua vida. Nichia concluiu: "Até na morte, como sempre o fizera em vida, Rubinstein cumpriu a palavra".

Irradiando um crescendo de horror e de agonia, Rubinstein ativou uma espécie qualquer de poder supernormal e, aparentemente, tentou fazer o que prometera. Mas, pela experiência de Nichia, é impossível determinar se ele se achava em nosso estado ou em outro, um possível estado futuro. O investigador seleciona esses relatos, desapaixonado como o funcionário que tem por função examinar a procedência das reclamações de fregueses descontentes, separando o que restou de uma casa devastada pelo fogo. Para as pessoas eletrizadas por uns poucos momentos psíquicos, todavia, tais experiências podem ser um ponto cardeal na sua vida e na sua filosofia.

O Dr. Bernardo B. Kajinsky surge, ao lado de Vasiliev, como um pioneiro da pesquisa psíquica na Rússia desde o início da era soviética. Ainda jovem durante a Revolução, Kajinsky morava em Tbilisi. Certa noite, acordou sobressaltado. Ouviu qualquer coisa - um estranho tinido de prata. Dir-se-ia, pensou Kajinsky, que alguém estivesse mexendo uma bebida, batendo a colher contra os lados do

copo. Na manhã seguinte, preocupado demais com o estado de saúde de um amigo, vítima da epidemia de tifo que então grassava em Tbilisi, nem sequer se lembrava do sono interrompido. Atravessou, à pressa, a distância que o separava da casa do outro menino, na extremidade oposta à cidade. A mãe do seu amigo abriu-lhe a porta, chorando. "Oh, Bernardo", disse ela, "ontem à noite fui levar-lhe o remédio e, quando encostei a colhe: nos lábios dele, os seus olhos se tornaram estranhos... opacos. E ele morreu! Nesse mesmo instante ele morreu!"

Dono de um espírito mais analítico do que muita gente, Kajinsky perguntou à mãe desconsolada quais tinham sido os seus exatos movimentos antes de chegar à cabeceira da cama. "Fui para o quarto, deitei o remédio num copo, mexi-o - com quê? Ah, sim, com uma colher, com uma colher - levei-o para ele, e então . . . "

Kajinsky era um materialista convicto. Mas ficou também convencido, pelo resto da vida, de que fora o som da colher mexendo o remédio do amigo que o despertara. (275) Enervado, perturbado, Kajinsky, naquela manhã, votou-se à pesquisa científica dessas comunicações proféticas.

Qualquer investigador nos dirá que uma crise, pura e freqüentemente mortal, é um brilhante fator vermelho em muitíssimos casos de ESP espontânea. Além da necessidade desesperada de comunicar-se por qualquer meio, existe outra razão por que a crise é registrada com tamanha freqüência nos anais psíquicos. A visão pungente de um amigo que agoniza vibra na memória como manchas luminosas na retina. Não podemos esquecê-la; parece merecedora de documentação. Casos menos devastadores de telepatia e clarividência podem ser esquecidos ou não ser verificados.

Para ampliar os seus arquivos, a Sociedade Popov publicou anúncios em que pedia aos russos que lhe enviassem as suas experiências inusitadas. O pedido, aparentemente, se divulgou. Topamos com um engenheiro náutico num parque de Leningrado que insistiu numa volta repentina pela cidade. Ele se deteve diante de um pálido canal.

- Do outro lado fica a casa onde mataram Rasputin. E foi lá que o arrastaram pela neve.

Pareceu-nos um bom momento para contar-lhe por que estávamos na Rússia. Ele não sabia muita coisa a respeito de parapsicologia, mas disse:

- Vocês deveriam procurar um instituto em Moscou. Pelo que sei, as pessoas mandam para lá os seus sonhos habituais e os seus pressentimentos incomuns.

Um norte-americano, versado em trabalhos psíquicos, contou que dois anos antes cientistas soviéticos o haviam informado de que estavam pagando alguns copeques a camponeses para que lhes remetessem, pelo correio, os seus sonhos e visões. Todos os casos coligidos, segundo o repórter, eram examinados por um computador (283) Não nos foi possível confirmar a história, mas não deixa de ser um plano razoável para os soviéticos, apaixonado pela cibernética e pela recuperação da informação.

EMISSOR TELEPÁTICO - O MÉDIUM ESQUECIDO?

A encenação de uma emergência não é a técnica ideal de laboratório para quem, como os russos, está tentando pôr em ação dotes psíquicos. Mas, além da emergência, há o que

quer que seja óbvio em casos de ESP espontânea que os soviéticos, pelo menos, reconhecem. A pessoa que está em apuros, à pessoa que se debate tragada por areias movediças, tem por certo alguma relação com a súbita investida da ESP ao amigo que dorme pacificamente em casa. No Ocidente, o emissor tem sido uma cifra, um personagem esquecido nos quatro últimos decênios. Dir-se-ia que qualquer pessoa que estivesse no laboratório poderia representar-lhe o papel - geralmente um dos cientistas interessados no assunto. Os soviéticos consideram o emissor - ou indutor, como lhe chamam - um médium. Exercitam-no, estudam-no com máquinas psicológicas quase tanto quanto estudam o receptor.

Que é o que ocorre na emissão de uma mensagem telepática? Conhecido médium russo, Mikhail Kuni, tinha algumas sugestões para os cientistas. Homenzarrão de cabelos grisalhos, que já passou dos sessenta anos, possui uma testa enrugada que nos dá a impressão de que vive em permanente e amável concentração. Como Wolf Messing, ele realizou "Experiências Psicológicas" diante de públicos numerosos por muitos anos.

- Kuni possui realmente uma notável capacidade de ESP, - contou-nos Eduardo Naumov, que o testou.

Como os cientistas que estudaram a ESP espontânea, Kuni sabia muito bem que a emoção exasperada pode acarretar uma experiência psíquica. Há muitos anos, quando era estudante de arte, acordou um dia com uma sensação de medo. "Tive um sonho terrível", disse aos dois amigos com os quais repartia o seu apartamentozinho de Moscou. "Vi minha mãe sendo mordida por um rato! Era tão nítido!... Tive a impressão de estar ali. Depois vi minha mãe deitada

na cama; estava pálida e sofrendo, literalmente perto da morte." O jovem artista pôs-se a olhar, taciturno, por entre as cortinas de rendas da janela. Os amigos não conseguiram dissipar o pressentimento que o angustiava.

Mais tarde, no mesmo dia, chegou um telegrama da cidade natal de Kuni, Vitebsk, a poucas centenas de quilômetros a oeste de Moscou. Datado de 21 de fevereiro, rezava deste teor: "MAMÃE MUITO MAL. VENHA IMEDIATAMENTE".

"Fui a Vitebsk no dia seguinte", recorda-se Kuni, "e encontrei minha mãe num estado muito grave. Dez dias antes, a 11 de fevereiro, um rato lhe mordera a perna. Todos cuidaram que a mordida não fora profunda, nem perigosa. Mas a ferida gangrenou. No dia 20 ela amanheceu muito mal, com febre alta. De manhã cedinho, no dia 21, realizou-se uma conferência médica, e os facultativos decidiram amputar-lhe a perna, embora se sentissem preocupados com os possíveis resultados, pois minha mãe era diabética. Tendo ouvido fragmentos da conversa deles, mamãe chegou à conclusão de que o seu estado era desesperados. Isso foi, mais ou menos, às 10 horas da manhã, enquanto eu ainda estava dormindo em Moscou. As imagens, as informações que minha mãe escutou, e o penoso abalo que lhe causaram me chegaram telepaticamente no auge da sua experiência emocional". (26-93)

A visão de sua mãe doente provocou tamanho impacto em Kuni que o afastou da pintura e o conduziu ao palco, em que fazia demonstrações dos seus poderes psíquicos. Trabalhando com centenas de pessoas, Kuni descobriu que a emoção não é a única coisa capaz de acionar o computador psíquico.

"Surdos-mudos são melhores emissores do que a maioria das pessoas", diz ele, confirmando a sua observação num sanatório para mudos em Gelendzhik. “Havia três surdos-mudos voando comigo no helicóptero de Sochi a Gelendzhik. Dois homens estavam sentados na frente e uma mulher atrás, ao meu lado, na retaguarda do aparelho. No momento em que um dos homens na frente começou a virar a cabeça na nossa direção, a mulher, que estava lendo um livro ao meu lado, ergueu a cabeça para fitá-lo. O inverso ocorreu também. Mal havia a mulher interrompido a leitura com o manifesto propósito de comunicar qualquer coisa, quando o surdo-mudo que estava na frente se voltou para ela”.

"O trabalho que fizemos em Gelendzhik confirmou a nossa hipótese de que os surdos e os mudos (e todas as pessoas em menor grau) têm a capacidade de sentir o olhar de uma pessoa que não estão vendo, isto é, de sentir o sinal "telepático" de outra pessoa. Excluindo-se todas as coincidências possíveis, os testes de telepatia que também fizemos com os surdos e os mudos foram igualmente bem sucedidos."

Tanto Muni quanto Wolf Messing sustentam que os surdos-mudos têm uma capacidade maravilhosa de projetar pensamentos. Por quê? Os dois médiuns concordam em que isso se dá porque os surdos e os mudos aprenderam, à guisa de compensação, a visualizar com perfeição. A capacidade de visualizar facilmente, vividamente, no dizer dos soviéticos, é indispensável à transmissão bem sucedida da telepatia. O Dr. K. I. Platonov descobriu-o ao tentar hipnotizar pessoas telepaticamente. Não lhe bastava, constatou Platonov, concentrar-se mentalmente nas palavras

"descontraia-se", ou "durma", ou outras ordens verbais que empregava para induzir ao transe pacientes vis-à-vis. "Com a telepatia eu era obrigado a visualizar o meu paciente adormecido".

Além de aconselhar os emissores a "conservar uma imagem vigorosa e viva na mente", que mais lhe dizem os soviéticos? O biofísico Yuri Kamensky, que possui volumosa bagagem de conhecimentos adquiridos pelo método das tentativas e erros, em conseqüência das suas inúmeras tentativas de estabelecer contacto telepático com Karl Nikolaiev, dá os seguintes conselhos a quem desejar enviar urna mensagem de ESP. Fique à vontade e deixe a tensão cair do seu corpo como um roupão de banho. Psicologicamente, afaste toda e qualquer preocupação ou emoção. Sature-se de confiança. "Ao iniciar a transmissão de uma imagem, não se entregue a nenhum monólogo interior", recomenda Kamensky. "Comece tocando o objeto. E preciso ter dele uma clara representação cutânea. Em seguida, pense nele. Por fim, visualize com a maior clareza possível o rosto do receptor. Imagine-o olhando para o objeto, tocando no objeto."

Satisfeitas essas condições, relatou Kamensky (158) trinta e quatro pessoas diferentes captaram corretamente sete objetos dentre dez que lhes foram enviados. Se o leitor não encontrar dificuldade em satisfazer as condições de Kamensky, já terá, por força, uma espécie de controle superior. E é precisamente para lograr esse tipo de controle que os russos se exercitam.

A idéia nova de um elemento sensorial em psi ajusta-se às proezas dos surdos-mudos no terreno da ESP, pois eles tendem naturalmente a aprimorar o toque e a visão. O

médium Kuni explorou a combinação sinta-e-veja. "Fiquei segurando na mão direita um copo de chá quente. Tentei com todas as minhas forças projetar essa sensação a um grupo de dezessete homens, que se achavam em outra sala e tinham sido hipnotizados. Perguntou-se aos homens o que estavam sentindo. Em maior ou menor grau, todos responderam que sentiam calor na mão direita. Em seguida espetei-me com um alfinete. Antes mesmo que o grupo pudesse ser interrogado, todos, quase ao mesmo tempo, gritaram de dor. Repetimos os testes, com êxito, utilizando grupos de quinze a vinte pessoas. (93)

"Se uma pessoa pode fazer isso, outras pessoas também poderão fazê-lo", insiste Nikolaiev. Os russo dão muito peso a essa teoria. Eles não estão apenas treinando telepatas; acreditam também que outros russos devem ser capazes de mover caixas de fósforos, como o faz a médium de PK Nelya Mikhailova.

Afirma o Dr. Genady Sergeyev ter encontrado uma insólita diferença de potencial no cérebro de Nelya. Agora os soviéticos estão dizendo que localizaram outras pessoas com a mesma diferença de potencial, de cinqüenta para um, entre a parte anterior e a posterior do cérebro. Grupos de gente assim, escolhida por ser também agressiva e competitiva, estão tentando com afinco, em sessões práticas, despertar qualquer coisa neles mesmos que lhes permita movimentar uma agulha, debaixo de uma tampa de vidro, quando olham para ela. Eduardo Naumov refere alguns êxitos iniciais. Acreditam os soviéticos que uma agulha é a coisa mais fácil de se movimentar com o PK.

Se a telepatia é uma habilidade ou um talento, não acha também o leitor que deve começar com o que é fácil, assim

como aprender a ler numa cartilha e não num livro escrito por Teilhard de Chardin? Os soviéticos têm algumas idéias sobre o que é fácil e difícil na comunicação telepática. A Dra. Lutsia Pavlova, que descobriu "modelos" de telepatia em ondas cerebrais, fez uma observação que, confirmada, talvez desconcerte alguns parapsicologistas. Aparentemente, fazer uma pessoa adivinhar cartas de ESP para ilustrar a telepatia - o teste em que se baseia a maior parte da pesquisa ocidental da ESP - é precisamente a maneira mais difícil de tentar gerar ESP.

"Achamos melhor não mandar sinais telepáticos depressa demais. Se diferentes bits telepáticos chegarem com excessiva rapidez, as mudanças no cérebro associadas à telepatia principiam a confundir-se e acabam desaparecendo. Os testes com cartas de ESP são elaborados com a idéia de transmitir grande quantidade de bits num período curto de tempo para se obter uma prova estatística", assinala a Dra. Pavlova. "Isso não quer dizer que devamos abrir mão das experiências quantitativas sérias, mas não nos esqueçamos das melhores condições para a transmissão telepática". (152)

Por outro lado, o Dr. Vladimir Fidelman parece ter dado nova vida ao teste estatístico. O engenheiro Fidelman dirige em Moscou o que mais se aproxima de um espetáculo psicodélico de luzes. O seu grupo decidiu tentar mandar números telepaticamente. A maioria dos experimentadores pediria a um emissor que se sentasse diante de uma carta em que estivesse estampado, digamos, o número 6. Esperava-se que o emissor modelasse o seu pensamento vacilante imprimindo-lhe a forma de um sólido 6.

Fidelman recorreu à eletrônica. Bombardeou o emissor com uma série de números 6, 6 em luzes brilhantes, 6

luzindo continuamente. "Seis, seis", murmurava também o emissor, repetidamente, à medida que a luz pulsava. Fidelman criou i.ma espécie de encantamento poli-sensorial.

À proporção que continuava o bombardeio do emissor telepático, o número correto se formava e "estabilizava" no pensamento do receptor, a alguma distância dali. De vez em quando, de acordo com os experimentadores, expulsava-se um número original errado.

"Na realidade, qualquer pessoa pode mandar telepaticamente a imagem de um número assim", declarou o Dr. Fidelman numa conferência especial sobre parapsicologia realizada só para russos em fevereiro de 1968. "Aceitamos como emissores todos os que desejassem tentá-lo. Observamos, porém, que o número de repetições precisava poder transmitir um número que variava, entre os emissores, desde menos de dez segundos até um minuto e meio de descargas luminosas. Na transmissão telepática de 135 números, a uma distância de dois quilômetros e meio, cem foram recebidos com absoluta clareza". (78)

(O êxito de Fidelman com o bombardeio de luzes nos faz pensar em alguns circos, com as suas luzes e sons caleidoscópios, que pulsam e anunciam "a suprema forma legal de acionar a sua mente".)

Muito antes de Fidelman fazer os seus testes, Mikhail Kuni descobriu que algum poder especial poderia surgir entre a mente e os números. Um dia, quando ele beirava os doze anos de idade, um amigo na escola deixou cair uma caixa de fósforos, espalhando os palitos pelo chão. Kuni disse instantaneamente: "São trinta e oito". Riram-se os colegas mas, depois de contados os fósforos, verificaram que ele tinha razão. Para seu próprio assombro, Kuni descobriu

que, sem pensar, era capaz de dar imediatamente o total de tudo - fósforos espalhados, dentes de um pente, imensas colunas de algarismos. Dir-se-ia que as respostas se acendessem em sua mente como números num totalizador. De uma feita, numa excursão à China, Kuni se deteve para fotografar um tanque de peixes, depois saiu e esqueceu a câmara. Mais tarde se lembrou: "Ah, coloquei a câmara no chão no momento em que estava passando o 87.° peixe dourado!" Os extraordinários feitos matemáticos de Kuni fazem parte agora do seu espetáculo telepático. (326) Há alguns anos, em Dubna, cidade perto de Moscou, apelidada de "Atomgrad" porque nela está localizado o Instituto de Pesquisas Nucleares Conjuntas da Academia de Ciências, Kuni enfrentou dúzias dos mais renomados cientistas da URSS. Entre os testes típicos ideados para exibir os aspectos do seu cérebro que lembram os de um computador, figura uma experiência com círculos desenhados. Kuni pediu a um físico, que se achava entre os espectadores, que cobrisse de círculos um imenso quadro negro. "Eles podem entrecruzar-se. Podem ficar um dentro do outro. Desenhe-os como quiser."

Kuni desceu do palco para que lhe vendassem os olhos. Finalmente, os cientistas viraram o quadro negro para o público. Dado o sinal, o médium atarracado, agachado como um leopardo para o bote, virou-se e retirou a venda dos olhos. O quadro negro estava quase branco de tantos círculos. "167!" Os principais cientistas da União Soviética levaram mais de cinco minutos para fazer os cálculos necessários à verificação da resposta instantânea e correta de Kuni.

Depois desse número de feitiçaria numérica e telepática, Kuni recebeu uma carta dos cientistas do Instituto de Pesquisas Nucleares Conjuntas: "Se não fôssemos físicos, seria dificílimo verificar que o cérebro de um homem é capaz de realizar tais milagres". (Dubna, 12 de abril de 1959) (252)

Os cálculos instantâneos de Kuni talvez não sejam o que toda a gente chama psíquico, mas revelam, por certo, uma conexão superior com o lado inferior da mente, a parte que os soviéticos tanto desejam pôr em ação. Seguindo uma linha mais rigorosamente psíquica, os parapsicologistas de Moscou decidiram estudar a relação de Kuni com os números. Colocaram dois quadros negros em salas amplamente separadas, vigiando a sala de Kuni por meio de um circuito fechado de TV. Naumov relatou: "Comecei a escrever números num dos quadros negros. Ao esgotar-se o tempo marcado, verificamos o quadro negro de Kuni. Ele escrevera os mesmos números. Além de possuir um talento notável, Kuni sempre cooperou com os cientistas, ajudando-os a compreender como funciona a telepatia".

DESENVOLVENDO A CAPACIDADE PSÍQUICA

Ao tentar provocar manifestações telepáticas de pessoas que não são médiuns plenamente desenvolvidos como Kuni, os soviéticos forcejam por facilitar o estabelecimento, entre emissor e receptor, de um rapport (137) - palavra que, nos dicionários soviéticos, inclui uma multidão de harmonias, físicas e psicológicas. O emissor e o receptor praticam a

telepatia, freqüentemente, na mesma sala, de modo que o emissor possa corrigir mentalmente os erros praticados pelo receptor.

- Suspeitamos de que um médium, natural e inconscientemente, afina as suas ondas cerebrais pelo ritmo do cérebro de outra pessoa, - disse-nos um dos físicos mais jovens. - Esse rapport o ajuda a captar o pensamento alheio ou, como no caso dos médiuns curadores, a influir de certo modo na outra pessoa. Achamos que muitas pessoas podem aprender a afinar-se uma pela outra em cerca de três meses.

Mas não disse como.

Os soviéticos parecem extasiar-se ao descobrir provas de harmonia física entre o emissor e o receptor - corações batendo em ritmo, cérebros funcionando segundo o mesmo padrão - no momento da comunhão telepática.

- Quando Kamensky e Nikolaiev estão em contato telepático, o coração dos dois bate coma se fosse um só! - contou-nos Naumov com um sorriso.

Ele e o Dr. Sergeyev descobriram que, ao fazer-se o contato durante o envio telepático da emoção havia sincronização no ciclo da atividade cardíaca do emissor e do receptor, que se patenteava claramente no eletrocardiógrafo ligado a cada um dos médiuns, distantes um do outro. Havia um aumento simultâneo da arritmia, uma pulsação cardíaca mais rápida e bulhas cardíacas mais acentuadas. Os cientistas falaram também em mudanças simultâneas da freqüência e da estrutura espectral da curva de registro do tremor durante o momento do "contato biológico" na telepatia. (133)

Acreditam os soviéticos que esse estranho rapport corporal seja altamente significativo e talvez facilite a telepatia. Lima das suas finalidades é tentar produzir a

harmonia biológica. Procurando obter capacidades psíquicas ligadas e médiuns afinados um com o outro, os russos recorreram a campos artificiais. "Cercamos o emissor e o receptor de campos magnéticos artificiais, antes dos testes de ESP e durante os mesmos testes", disseram eles. "Isso lhes dá uma energia adicional. Os campos não precisam ser fortes, pois os fracos funcionam igualmente bem." E eles afirmam que a telepatia melhorou consideravelmente sob o impacto desses campos.

- Os senhores dirigem íons negativos aos candidatos a médiuns? - perguntamos. (tons negativos são partículas com carga elétrica negativa. Como fisiologista, o Dr. Vasiliev conquistara o Prêmio Lênin e renome internacional pelo seu trabalho sobre os efeitos dos íons no corpo.)

- O nosso equipamento é complexíssimo. Usamos campos ionizados, e muito mais do que isso. Mas não lhes podemos dizer nada sobre o assunto porque é segredo, - retrucaram os russos.

Nessas circunstâncias, voltávamos ao problema que atormentou os não iniciados durante séculos. Seria tudo aquilo uma encenação ou os soviéticos conseguiram realmente qualquer coisa?

Recentemente, um físico francês, o Dr. Jacques Bergier, revelou: "O Instituto Pavlov de Moscou pesquisou clandestinamente a influência de campos magnéticos de alta freqüência sobre a telepatia durante todos os anos do regime de Stalin, muito embora a telepatia fosse mal vista nessa ocasião". Poucos anos atrás, o Dr. V. A. Kosak, do Instituto Pavlov, declarou: "A clarividência e a ESP são provocadas por um campo de forças não necessariamente eletromagnéticas". (276)

Nos Estados Unidos, um engenheiro eletrônico de Washington comunicou à Fundação de Parapsicologia: "trabalhando com máquinas de alta freqüência, meus colegas e eu verificamos de repente que, em certas ocasiões, somos telepáticos". Uma companhia tinha sido organizada para investigar.

Os russos parecem pensar que forças naturais, do tipo das que influem em todos nós, podem ajudar a provocar ou arrefecer o psi. Mikhail Kuni menciona uma noite lúgubre que passou num palco, no dia 8 de julho de 1966. "Naquela única noite cometi mais erros do que cometeria normalmente durante meses de apresentações. Precisei repetir três ou quatro vezes algumas experiências para fazê-las direito.

"Eu me sentia muito bem, mas não conseguia mobilizar os meus poderes de vontade e concentração. E sei por quê. Naquela noite, Moscou foi sacudida por terrível tempestade, acompanhada de raios e trovões. Quando há raios e trovões o meu trabalho é sempre mais difícil, mas o que é que se pode fazer? - rematou ele em tom de piada. - A gente programa as excursões sem consultar o departamento meteorológico. Preciso tentar apresentar-me como um jogador de futebol, com qualquer tempo."

O tempo não afeta unicamente a telepatia. "As tempestades acompanhadas de raios diminuem o poder de PK de Nelya Mikhailova", diz o Dr. Sergeyev. À diferença dos empresários, os parapsicologistas soviéticos estão agora diligenciando impedir que os médiuns sejam obrigados a apresentar-se quando são más as condições atmosféricas.

ASTROLOGIA - OU BIOLOGIA CÓSMICA?

Há uma imagem que está tomando forma lentamente na parapsicologia soviética, um filme cinematográfico do ser humano, que o mostra como um campo que pulsa e interage dinamicamente com todos os outros campos, como uma nota que ressoa com todas as outras notas da sinfonia. Essa visão viva e interativa de todas as coisas está atrás do interesse aparentemente astrológico dos russos pelas manchas solares.

- Referimo-nos à atividade solar na ocasião do nascimento de uma pessoa, - esclareceu Eduardo Naumov.

Mas como é que isso afeta a aptidão de uma pessoa para usar poder psíquico?

- É muito cedo para conclusões finais, mas as provas estatísticas que estamos acumulando parecem indicar que os bons receptores que nascem freqüentemente quando o Sol está calmo, e os bons emissores quando há atividade das manchas solares.

Outros cientistas comunistas descobriram que a ESP flui mais facilmente nos períodos de Lua cheia.

Os jornais comunistas não trazem horóscopos diários, nem existem revistas populares sobre o assunto, mas os cientistas em vários campos estão começando a estudar a antiga ciência. O físico Dr. Konstantin Kobyizev, da Universidade de Moscou, fez conferências e escreveu sobre esse movimento para a astrologia. E disse-nos:

- A influência de vastas radiações periódicas de energia solar sobre a Terra é um fato científico, estabelecido com exatidão. Pelos relatos publicados na revista Vida do Partido, vê-se que o pioneiro soviético em biologia cósmica, Dr. A. L. Chijevsky, professor honorário de muitas universidades

asiáticas e européias, mencionou correlações entre ciclos de atividade das manchas solares e epidemias na Terra, incluindo invasões de gafanhotos e ratos. E o que é talvez mais significativo, existe uma correlação entre esses ciclos de atividade das manchas solares e grandes migrações de pessoas, cruzadas, guerras e revoluções.

"As compilações de gráficos da atividade solar coincidem com tabelas cronológicas de todos os movimentos de massas humanas a partir de 1917. Isto foi verificado por uma comissão especial, aqui chefiada pelos Drs. Lunacharsky e Semashko".

"Esses ciclos solares se repetem todos os sete, onze, trinta oitenta anos. Existe um fluxo de plasma ardente e talvez energia. Na Terra, nessas ocasiões, podem prevalecer, por são agravadas por uma torrente de radiações solares, que ativam os acontecimentos e a resolução dos líderes".

"Nos anos de grande atividade solar irrompem tempestades magnéticas, e é por isso que as eletrocomunicações, às vezes, se interrompem completamente, e aumentam o número de suicídios, psicoses, desastres de automóvel e morte de pessoas com sérios distúrbios cardíacos. ns anos de atividade mínima do Sol correspondem a epidemias de outras doenças, como a difteria e a terremotos. A descoberta das leis que regem tais processos nos permitiria preparar-nos de antemão para eles e tomar as providências necessárias."

O apoio às observações soviéticas provém de muitos cientistas do Ocidente, como o Professor Cecil Maby (Bacharel em Ciências, membro da Real Sociedade Astronômica, etc.), que descobriu que o ciclo de 11 anos e meio das manchas solares tem nítido efeito sobre a

meteorologia, o crescimento das plantas e até sobre a produtividade industrial humana. O pesquisador francês Dr. Michel Gauquelin também alude a descobrimentos semelhantes em seu livro “Os Relógios Cósmicos”.

De que maneiras nos interessam essas emanações? O Dr. Leonardo Ravitz afirmou que as fases da Lua, a posição do Sol, os raios cósmicos e os raios gama, a irradiação das manchas solares e outras perturbações do campo magnético da Terra exercem um impacto sobre os campos de força que nos envolvem os corpos. O seu descobrimento da natureza cíclica das mesmas influências intensificou o estudo incipiente dos bio-ritmos no Ocidente.

O Dr. Robert Becker, do Hospital da Administração dos Veteranos de Syracuse, em Nova Iorque, revelou num simpósio espacial em 1962 que as mudanças sutis nos campos magnéticos da Terra (causadas pelo Sol, pela Lua e pelos planetas) modificam realmente o campo de força do corpo humano, o qual, por sua vez, afeta o sistema nervoso. Terão também essas influências do espaço exterior alguma relação com o PK e a ESP?

"A ocasião mais favorável à ocorrência do PK é quando a atividade das manchas solares provoca perturbações magnéticas na Terra", declarou na conferência o Dr. Sergeyev.

Os russos estão investigando a relação entre os campos magnéticos e a ESP (161) e fazem observações sistemáticas sobre o tempo magnético e as condições cósmicas, através do Observatório de Pulkovo antes de explorar os canais telepáticos. (Como as temperaturas, os campos magnéticos variam todos os dias. À semelhança do que acontece com o tempo, o rigor das tempestades magnéticas também é

variável.) As experiências soviéticas com o psi são feitas, às vezes, no meio da noite, para aproveitar as melhores condições. Uma das razões por que a possibilidade de repetição tem sido, há muito tempo, o bicho-papão nos testes de ESP levados a cabo no Ocidente é talvez porque não se costuma tomar em consideração nenhuma dessas variáveis condições.

Na tentativa de pôr em ação a ESP, os soviéticos pensam em ângulos de que a maioria dos pesquisadores jamais cogitou - principalmente porque alguns fatores só foram descobertos no início das explorações espaciais e no Ano Geofísico Internacional em 1958.

A ESP PODE SER INTERCEPTADA?

Entendem os soviéticos que a estática cósmica influi na ESP. E a estática de outras mentes? Para descobri-lo, os russos tentaram interceptar as próprias comunicações telepáticas. E apareceram com um terceiro elemento na telepatia, o "interceptor".

- Kamensky estava tentando, mais uma vez, mandar imagens telepáticas de Leningrado para Nikolaiev em Moscou, - contou-nos Naumov. - Sem que nenhum deles o soubesse, havia um interceptor em Moscou, num prédio diferente daquele em que se achava Nikolaiev. Como verão, esse homem, Vitor Milodan (eu era a única pessoa que sabia da sua presença) interveio de maneira bem sucedida na comunicação telepática.

Naumov desenrolou um grande gráfico do teste. Vimos que Nikolaiev captou três das cinco imagens transmitidas. Mas o interceptor Milodan, cuja presença Kamensky

também ignorava, obteve boas informações acerca de dois itens, um compasso e uma escova de unhas de prata. A respeito da escova, escreveu corretamente: "Sujo, duro, de uns 7,5 cm por 3,75 cm. E de prata e retangular". Presumimos que o misterioso Milodan pertence ao grupo de médiuns completamente afastados da publicidade.

Indicando as colunas de "Hora: Minuto: Segundo" do seu gráfico, Naumov ressaltou:

- O interceptor sabia precisamente os minutos em que a telepatia fluía entre Kamensky e Nikolaiev. Ele acertou cinco vezes em cinco, embora eu só lhe tivesse dito que a transmissão se efetuaria durante a noite.

(A anotação do segundo em que pensamos que alguém nos está transmitindo qualquer coisa e do segundo em que esse alguém interrompe a transmissão é um elemento importante nos testes russos de telepatia.)

Falando sobre o seu espetáculo luminoso de envio telepático de números, o Dr. Fidelman nos disse:

- Pudemos verificar também a possibilidade de interceptar a telepatia.

Naumov acrescentou outra informaçãozinha:

- Se o interceptor for um médium muito poderoso, poderá falsear a transmissão.

Ao que tudo indica, o receptor poderia captar as idéias mandadas pelo interceptor em vez de captar as idéias transmitidas pelo emissor. Se os soviéticos tiverem razão, e esta é uma área que eles, provavelmente, investigarão de maneira exaustiva, parece que até um espião moderno e sofisticado, armado de ESP, poderá ter as suas mensagens interceptadas. Mas poderá ter a oportunidade de sintonizar qualquer outra corrente telepática que esteja circulando. O

conhecimento de que a telepatia pode ser interceptada ou falseada é importante para quem pretende usar praticamente o psi, que é a meta soviética. Um norte-americano que conferenciou com grupos soviéticos de psi afirma que eles estão pensando em utilizar oficialmente médiuns muito bem treinados, mais ou menos como os egípcios usavam os seus videntes e os gregos as suas pitonisas - médiuns como auxiliares secretos do serviço de inteligência. Qualquer governo folgará de ter a seu serviço toda a inteligência que puder obter.

Uma das grandes razões para toda essa preocupação na Rússia parece estar-se revelando agora - os chineses. Segundo um boato que circula no Ocidente, parte do entusiasmo pela parapsicologia nasceu do medo da China. Como um boato dentro de outro, ouvimos dizer na Rússia que o Presidente Mao, dois anos antes, ordenara aos cientistas chineses que encetassem uma das suas inimitáveis e fulminantes abordagens da Fronteira da parapsicologia. Releva notar que estão sendo feitas pesquisas de psi nas remotíssimas partes de Vladivostok e Khabarovsk, na disputada fronteira chinesa.

A ESP prevaleceu sempre de maneira especial em tempo de guerra. O biologista Dr. Vasily Efimov, colega de Vasiliev, contou-nos na conferência que a riqueza de experiências psíquicas no campo de batalha conduziu-o à pesquisa da ESP.

- Em ocasiões de intenso sofrimento, os poderes telecinéticos e telepáticos são despertados. Comecei a pensar que havia qualquer coisa na ESP quando soldados feridos me narravam as suas experiências. Todas as suas capacidades

psíquicas eram aguçadas pelos perigos da frente chinesa durante a ultima guerra.

Um caso de ESP espontânea, que trazia de mistura a guerra e a morte, envolveu o escritor soviético Nikolai Ostrovsky, famoso pelo seu romance Como Foi Temperado o Aço. A Primeira Guerra Mundial deixou o adolescente Ostrovsky meio cego e semiparalisado.Laboriosamente, porém, usando um dispositivo que lhe permitia sentir as letras através do papel, escreveu dois livros de grande sucesso, do tipo "o homem pode triunfar de tudo".

Em 1936, a mãe de Ostrovsky teve um pressentimento ambíguo. "Sou uma simples camponesa", disse ela aos redatores da revista Ogonyok, "por isso não se aborreçam se eu lhes contar o meu sonho. Eu estava dormindo em minha casa, sozinha, em Sochi. Em meu sonho vi aviões que voavam sobre o mar, muitos aviões que rugiam e rugiam até me doerem os ouvidos. Compreendi que a guerra estava começando. No sonho, saí correndo de minha casa. Vi meu filho Kolya [isto é, Nikolai] em pé, ali, completamente bom outra vez, de capote e capacete, segurando um fuzil. Em toda a volta dele havia trincheiras, fossos, cercas de arame farpado. Eu queria perguntar-lhe qualquer coisa a respeito daquela guerra, mas percebi que não seria possível perguntar coisa nenhuma. Depois eu quis voltar para minha casa. Mas os fossos aumentaram, os fios de arame farpado se agarraram aos meus pés ..."

A Sra. Ostrovsky despertou acreditando que a guerra viria, e o que era pior, "que alguma coisa, sem dúvida, sem dúvida, acontecera a Kolya em Moscou". Decidiu comprar uma passagem de trem para ir ter com ele. Logo depois chegou uma carta do filho, em que este lhe dizia que se

sentia melhor do que nunca. "Li a carta, mas a minha melancolia não me deixou. E eu disse entre mim: 'Aonde pensa que vai, minha velha? E por que, já que ele mesmo escreveu, dizendo que tudo está bem?' " A Sra. Ostrovsky desistiu dos seus planos.

Mais tarde, naquela mesma noite, a Senhora Ostrovsky tornara a adormecer quando acordou, sobressaltada, com pancadas na porta. Uma amiga lhe gritou, através da porta, que Kolia estava doente e que ela precisava levantar-se incontinenti e embarcar para Moscou. "Senti o coração entalado na garganta, mas só pude dizer o trem de hoje já passou".

A amiga insistiu: "Daremos outro jeito". Em seguida, aproximando-se ainda mais da porta, prorrompeu em soluços: "Kolya já não existe, Kolya morreu!"

Cinco anos mais tarde, um mês depois que os alemães invadiram a Rússia, o sonho premonitório da Sra. Ostrovsky teve farta divulgação na imprensa soviética. Mas uma experiência psíquica de maior utilidade prática, muito parecida com a do tipo do "interceptor" da ESP, foi a que teve Kolya Zvantsov durante a luta pela posse de Kharkov. Também foi publicada pela imprensa soviética. Numa noite de maio, durante a primavera ardente de 1942, fora dos limites da sitiada Kharkov, Kolya Zvantsov, um soldado, adormecera na trincheira. Passara o dia todo espreitando os campos, esperando que aparecessem os temidos nazistas. Até nos sonhos os campos imóveis se estendiam, expectantes, à sua frente. De repente, sempre sonhando, ele viu tanques nazistas que avançavam, esmagando tudo, rompendo os pontos mais fracos das linhas soviéticas. Pelo alto, um ataque de surpresa dos aviões de bombardeio concentrou-se

nos defensores em desordem. Ao amanhecer, Kolya relatou o seu sonho ao comandante russo, que embora atarefadíssimo, se dispôs a ouvi-lo. Em seguida, ajustou as suas defesas com o fito de neutralizar o plano de batalha alemão delineado no sonho de Kolya, no momento em que os tanques germânicos assomaram no horizonte. A luta desenvolveu-se exatamente como Kolya previra - com uma diferença: graças às informações do soldado russo, os alemães foram repelidos.

Não seria uma vantagem incalculável para qualquer país poder alimentar e aguçar os conhecimentos psíquicos do seu povo? Nesta época de desastres rotineiros, não seria maravilhoso poder exercitar homens e mulheres para usarem os seus poderes psíquicos em emergências? Não seria uma boa idéia ouvir as pessoas possuídas desse talento, pesar-lhes as impressões e cotejá-las com as dos canais mais comuns? Os russos parecem achar que a tentativa vale a pena.

11

DOS ANIMAIS À CIBERNÉTICA: A PROCURA DE UMA TEORIA DO PSI

- Afinal, que é o psi? - perguntamos a um grupo de soviéticos. - Que é a eletricidade? - perguntou, em resposta, um deles.

Os russos gostam de mostrar que ninguém conhece, na realidade, a resposta a nenhuma das duas perguntas. Entretanto, só as raras pessoas como Wolf Messing podem efetivamente utilizar o psi, ao passo que qualquer um pode

aprender a usar a eletricidade. A diferença é uma teoria: tendo uma teoria da eletricidade podemos, por conseguinte, iluminar cidades, frigir ovos e congelar alimentos com ela. Para poder usar o psi sem esperar que ele se manifeste, como um relâmpago, pesquisadores em toda a parte, sobretudo os práticos comunistas, estão à cata de uma teoria.

O Dr. Vasiliev apareceu com o seu estranho e potente impacto telepático enquanto buscava uma teoria da telepatia. Desde a Revolução, os soviéticos ambicionam encontrar uma teoria científica para desmistificar o psi. Alguns dos primeiros caçadores de teorias trabalharam com "médiuns" de quatro patas, um grupo de cães talentosos. Os russos nos contaram visivelmente enternecidos, as suas famosas experiências com cachorros. Essas experiências permanecerão como a mais extensa e a melhor comunicação telepática científica já estabelecida com animais. Acontecem, porem que os soviéticos não se comunicaram com vira-latas para descobrir a sua teoria. Valeram-se de caninos muito ilustres.

Marte, robusto cão alsaciano muito bem treinado, era um astro circense. Os Russos, que parecem nascer amando o circo, deliciavam-se com Marte, o cachorro que dançava, contava e no momento de baixar o pano, ficava em pé e dizia “Mamãe!. Marte apresentou-se nos principais teatros da Rússia com Vladimir Durov, espalhafatoso, bigodudo e fanfarrão, que muita gente conhecia pela alcunha de "Bobo do Povo". Durov era quase tão famoso pelo modo como estalava o chicote da sátira nas barbas de parlapatões altamente colocados, quanto por dispensá-lo no treinamento dos seus animais.

Uma noite, Marte deu um espetáculo para o público mais seleto da sua vida, os acadêmicos V. M. Bekhterev e Alexandre Leontovich. A fim de impressionar os cientistas, Marte teria de fazer algo mais do que chamar sua mãe. Teria de mostrar que um cachorro também pode ser médium. Tudo fora ordenado. Bekhterev entregou a Durov uma nota com as instruções relativas à tarefa que lhe cumpria induzir o animal, telepaticamente, a efetuar. Durov colocou a cabeça de Marte delicadamente entre as palmas das mãos. Olhou, imóvel, em silêncio, para os grandes olhos do cão, depois retirou as mãos. Nada aconteceu. Durov tornou a olhar imperiosamente para os olhos do cachorro. Marte libertou-se dele, passou por uma porta e correu para uma sala menor, atrás do laboratório, onde nunca entrara até então. Três mesas em desordem, com papéis e livros, estavam espalhadas pela sala. Marte ficou em pé sobre as patas traseiras diante da primeira, colocou as patas sobre a borda do móvel e pareceu examiná-lo. Deixou-se cair novamente no chão, dirigiu-se à segunda mesa e repetiu a "busca". Por fim, encaminhou-se a terceira e, aparentemente, localizou o que estava procurando. Tirou um livro de telefones de cima da mesa e levou-o, preso entre os dentes, a Durov, no laboratório. Marte captara a mensagem - telepaticamente. O acadêmico Bekhterev pedira o livro de telefones. Marte, o veterano ator, ajudara a comprovar a crença de Durov de que todos os animais conhecem telepaticamente os pensamentos dos donos.

O bem apessoado e rebelde Durov tinha uma porção de idéias revolucionárias. Com o seu exemplo, demoliu os tradicionais métodos russos de treinar animais pelo medo e pelos castigos desapiedados. Os ursos não tiveram mais de

ser levados a uma grade em brasa para aprender a dançar. Durov demonstrou que eles valsavam e andavam de bicicleta muito melhor quando eram acarinhados e ensinados com bolinhos de mel. Durov treinou cerca de mil e quinhentos animais incluindo alguns, como o tamanduá, que nunca, até então, haviam sido amestrados pelo homem. Camelos, galas, ratos, gatos, guaxinins, todos trabalhavam juntos como atores em peças especialmente escritas para eles no "Teatro dos Animais" de Durov.

Dono de um rapport aparentemente ilimitado com animais, Durov provavelmente não poderia deixar de observar que existe um tipo especial de comunicação, sem palavras, sem sinais, entre o homem os bichos de estimação - algo em que sempre insistiram as pessoas que gostam de animais. Durov começou a fazer experiências com a telepatia animal. Tentou valer-se do psi, em lugar de empregar gestos ou assobios ultra-sônicos, para conseguir que o seu animal matemático latisse a resposta correta no picadeiro do circo. Estudioso de zoologia e ator, quis comprovar experimentalmente as suas teorias. Durante um espetáculo noturno em Leningrado, reconheceu Vladimir Bekhterev no meio do público. Somente Pavlov era mais famoso como professor de ciências naturais do que o renomado neurologista Bekhterev. Durov, todavia, nunca fora tímido. Antes da Revolução, ele e o seu sedicioso leitão Chuska-Fintiflushka tinham sido proibidos de entrar na cidade de São Petersburgo por haverem satirizado o Ministro da Fazenda do Czar em presença da vítima e diante de um público imenso, que gargalhava descompassadamente. Tinham sido expulsos também de Odessa e Yalta por ataques satíricos aos governadores militares. Na Alemanha, Durov e

Chuska-Fintiflushka foram declarados persona (e leitão) non grata por haverem insultado o Kaiser Guilherme. Com todos esses antecedentes, Durov dirigiu-se ao grande neurologista Bekhterev e disse-lhe que havia qualquer coisa acontecendo no cérebro de animais e de gente que a ciência ainda não explicara. "A telepatia pode ser usada no treino de animais", afiançou Durov.

Bekhterev convidou Durov, Marte e Pikki, um scotch terrier, a visitarem o seu apartamento para uma experiência. O neurologista foi à primeira pessoa a idear testes de ESP para cães, nos quais tentava eliminar quaisquer pistas sensoriais que pudessem estabelecer-se, consciente ou inconscientemente, entre o treinador e o cão. Em testes de laboratório ulteriores, levados a efeito com Marte e Pikki, em Moscou, Durov geralmente não ficava na sala de experiências e, muitas vezes, não era sequer o emissor telepático. Bekhterev descobriu que o pequeno terrier Pikki era capaz de executar ordens mentais assaz complicadas. Segundo se afirma, Pikki, acionado por um pensamento, atravessava a sala de um salto, trepava numa cadeira, pulava numa mesa e ia buscar o pedaço de papel que lhe tinham pedido. O cãozinho também saltava sobre os móveis e tocava com a pata, corretamente, um retrato pendurado na parede, quando apenas Bekhterev conhecia a tarefa imposta e a conservava em sua mente. De acordo com os registros soviéticos, os animais, como os telepatas humanas, chegavam, de vez em quando, a captar pensamentos nas fronteiras da mente da experimentadora Uma tarefa que o cientista imaginara e depois rejeitara, era, de súbito, espontaneamente executada pelo cão.

Em Moscou, Bekhterev vendava os olhos do emissor ou fazia-o esconder-se rapidamente atrás de um biombo, ou sair da sala, assim que ele enviava a sua ordem telepática, para evitar que pudesse fornecer uma pista qualquer ao cachorro em sua caçada psíquica. O observador que ficava com o animal só se inteirava da tarefa depois da sua execução.

Obedecendo a ordens telepáticas, Marte e Pikki iam buscar coisas e também latiam. Marte, sobretudo, era apresentado no teatro como cachorro contador. Numa experiência típica, o famoso Marte jazia aos pés do acadêmico Leontovitch. Numa sala distante, Bekhterev entregou uma nota a Durov. Durov abriu-a e franziu o cenho. Rabiscou qualquer coisa no pedaço de papel, devolveu-o e principiou a concentrar-se. Marte levantou-se, ergueu a cabeça e latiu sete vezes. Voltou a esparramar-se no chão. Mas logo, quase instantaneamente, para surpresa de Leontovitch, ergueu-se de um salto e latiu mais sete vezes.

Durov explicou a Bekhterev que os seus animais só estavam treinados para contar até nove. Durov simplesmente dividira o número proposto pelo cientista, catorze, em sete e sete. Os soviéticos constataram que, exatamente como os médiuns humanos, os seus cães preferiam tarefas com um quê emocional. Marte e Pikki gostavam de dar os seus latidos psíquicos diante de um estimulante animal empalhado.

"A sugestão mental pode afetar diretamente o comportamento de cachorros treinados", escreveu o acadêmico Bekhterev em 1920, ao publicar o seu trabalho com os cães de Durov, Marte, Pikki e um São Bernardo chamado Lorde. Bekhterev, professor do parapsicologista Leonid Vasiliev, não era tão ilustre que se designasse de

aprender com intrépidos atores caninos. Embora fosse interessante por si mesma, a telepatia com cachorros também quadrava ao primitivo e continuado interesse soviético por comandar ações pela telepatia, pela ESP cinética, uma área geralmente desprezada no Ocidente.

Bekhterev passou a interessar-se por todo o espectro psíquico e organizou uma comissão e científica especial para estudar a telepatia de pessoa a pessoa. (Esse grupo afirmou ter conseguido transmitir com êxito mais de metade das novecentas imagens que tentou comunicar telepaticamente.)

Ao passo que o interesse de Bekhterev se transferia para pessoas telepáticas, Durov continuou com animais. Entre 1922 e 1924, tentou converter os seus cães dez mil vezes em farejadores de laboratório. Ao as marcas, havia apenas dezesseis os cachorros tivessem realizado que se afirma, quando se contaram todas probabilidades em dez milhões de que as suas tarefas por coincidência. (276)

Outro parapsicologista soviético pioneiro, o engenheiro Bernardo Kajinsky, passou a trabalhar com Durov. Dir-se-ia que o Dr. Doolittle se tivesse encontrado com o Capitão Nemo de Júlio Verne. Kajinsky, pesquisador psíquico, era o herói mal disfarçado de um famoso romance soviético de ficção científica, O Dono do Mundo, de Alexandre Belyaev, autor russo freqüentemente comparado a Júlio Verne. O livro é uma espécie de drama cósmico em que o bem luta contra o mal, à maneira de Tolkien, e os heróis, o "Dr. Kachinsky" modelado à imagem de Kajinsky, e "Durov", cujo nome lembra o de Durov, finalmente triunfam do perverso antagonista que, possuindo o segredo da telepatia, quase consegue dominar o mundo. O curioso é que, enquanto os futuros aquanautas e astronautas norte-americanos

alimentavam a sua imaginação lendo Júlio Verne, os jovens soviéticos partiam em vôos imaginários para o espaço interior da mente.

Em seu livro Rádio Comunicação Biológica, Kajinsky recorda o primeiro encontro com Durov:

"Eu queria experimentar pessoalmente a ESP quando conheci Durov em 1919. Eu disse-lhe: Quero saber como a gente se sente ao receber uma mensagem telepática e quero sentir a ESF muscular".

"'É fácil, disse Durov. 'Sente-se e fique imóvel por alguns momentos".

"Ele virou as costas para mim e escreveu depressa qualquer coisa num pedaço de papel. Colocou o papel sobre a mesa, com a parte escrita para baixo, e cobriu-o com a palma da mão".

Não senti nada fora do comum mas, automaticamente, os dedos da minha mão direita tocaram a pele atrás da minha orelha. Mal tive tempo de abaixar o braço quando Durov me mostrou o papel. Coce a cabeça atrás da orelha direita, escrevera ele.

Como fez isso? perguntei, incrédulo.

Tudo o que fiz foi imaginar que a pele atrás do meu ouvido direito precisava muito de ser coçada e que eu tinha de erguer a mão para poder coçá-la. Qual foi a sua sensação?'

"Eu, naturalmente, não sentira nenhuma transferência de pensamento. Apenas tivera vontade de coçar a cabeça atrás da orelha".

"Durov assumiu um ar triunfante. O mais notável foi que você fez o movimento que tinha sido concebido no meu cérebro como se estivesse seguindo a sua própria associação

de idéias e movimentos, como se estivesse agindo em obediência a ordens de dupla natureza: sentiu o efeito da irritação da pele atrás da orelha, e sua mão fez o movimento para alcançá-la; era a orelha em que eu havia pensado".

"A imagem em seu cérebro foi inconscientemente captada pelo meu, observei.

"Somos duas estações vivas de radio, pilheriou Durov."

Kajinsky estava decidido a saber como a mensagem passará da mente de Durov para a sua, ou como passava da mente de Durov para a de um cachorro.

Depois de anos de pesquisas, ele anunciou haver detectado ondas eletromagnéticas de alta freqüência, de 1,8 mm de comprimento, que saíam da cabeça de Durov em plena concentração. Hoje em dia, os soviéticos dizem que o equipamento de Kajinsky era demasiado primitivo para provar o que quer que fosse de maneira definitiva.

Enquanto trabalhavam, Kajinsky e Durov conversavam acerca da força aparentemente hipnótica dos olhos, a forja do olhar. Uma vida inteira de observações práticas convencera Durov de que o olhar humano tinha energia concentrada em dose suficiente para paralisar a fera mais rosnante. Ele convenceu um circo repleto de russos em pânico de que o seu olhar, pelo menos, tinha um poder extraordinário. Consoante a biografia soviética do grande treinador de animais, um enorme urso pardo, exasperado pelas maquinações de um empregado vingativo, certa vez se enfureceu durante um espetáculo. O urso enfiou os dentes no braço de Durov, atirou-o ao chão, transpôs o alambrado e avançou para a multidão, que, a essa altura, berrava histericamente. Durov correu atrás do urso. A fera enorme voltou-se ainda uma vez, ameaçadora, para ele; Durov não

arredou pé. O urso sobresteve. "Olhando bem nos olhos da fera, repreendendo-a severamente, Durov foi-se dirigindo lentamente para a saída, levando o urso após si". (28)

Kajinsky perguntava a si mesmo se havia mais do que o impacto psicológico num olhar penetrante. Quase todos já sentimos, alguma vez, a necessidade de virar-nos e, ao fazê-lo, demos com alguém atrás de nós que nos fitava. Coincidência? Os soviéticos parecem ter o hábito de estudar as coincidências. Durov experimentou cravar o seu olho mágico em várias nucas humanas no laboratório. Quase todos os seus pacientes, afirmou, sabiam dizer quando ele os fitava por trás. Eram capazes até de determinar o ângulo de onde vinha o olhar. A irradiação poderosa e invisível emitida pelos olhos poderia ser, pensou o Dr. Kajinsky, a força desconhecida que fazia pulsar a telepatia. Mas as primeiras tentativas para identificar um raio emitido pelos olhos de Durov malograram-se.

Vladimir Durov, o primeiro ator circense a receber o título de "Artista da União Soviética", morreu na década de 1930. O seu centro de estudos animais ainda floresce. E o seu interesse pelo poder do olhar subsiste nos círculos científicos soviéticos. Em seu número 8 (1963), Planète refere que o acadêmico P. P. Lazarov chefiou uma turma na década de 1940 que asseverou ter descoberto que o olhar não será sentido se interpuser uma fina malha de metal entre o paciente e a pessoa que olha para ele. Experimentaram-se a mescalina e outras drogas psicodélicas numa tentativa para aumentar a misteriosa força dos olhos. Na década de 1960, um distinto cientista francês afirmou que os soviéticos acreditam possuir provas bastantes de que os olhos emitem raios. Quem e o que capta esses raios? A glândula pineal,

dizem os soviéticos. A glândula pineal, profundamente encastoada no interior do cérebro, é geralmente identificada com o "terceiro olho" - o olho místico, que tudo via, de antiga fama. O Dr. Kajinsky lembrou que os iogues hindus dizem ser o terceiro olho um dos centros físicos envolvidos na ESP. De acordo com os russos, sabe-se que a glândula pineal é maior nas crianças do que nos adultos, e mais desenvolvida nas mulheres do que nos homens. E possível, dizem eles, que ela conserve a capacidade visual não desenvolvida do que se poderia denominar o terceiro olho, que "vê" e emite ondas magnéticas para o exterior, como o órgão comum da visão. Mais uma vez os soviéticos, ao tentarem deslindar alguma coisa aparentemente sem importância, como a sensação engraçada de que alguém está olhando para nós, acabam com um enigma ainda maior, introduzindo a sua perspectiva científica na matéria e nas doutrinas do ocultismo clássico.

Em 1962, o Dr. Kajinsky pode finalmente publicar a sua Radio Comunicarão Biológica, livro em que relata a sua vida dedicada a ESP. Nele se refere ao trabalho que Durov e explana circunstanciadamente a idéia de que os bastonetes do olho poderiam agir como antenas minúsculas de rádio que emitissem sinais telepáticos. Ele admite que isso pouco ajuda a explicar a telepatia quando as pessoas estão muito longe uma da outra, mas "qualquer verificação de ação a distância fará que os cientistas passem a examinar esse campo vital". Como o pioneiro espacial Tsiolkovsky, Kajinsky acreditava que a capacidade psíquica é um desenvolvimento evolutivo imediato, muito necessário - e não apenas para ser utilizado no espaço. Como o nosso mundo descobre novas torrentes de informações, acrescentando novas facetas como um

cristal cintilante, Kajinsky entendia que nós precisamos do psi para não nos atrasarmos.

Como inúmeros outros soviéticos que sondaram as possibilidades do paranormal, Kajinsky também se sentiu na obrigação de advertir que a telepatia poderia ser mal empregada para influenciar subconscientemente as pessoas e contra a vontade delas. Escrevendo durante a era estalinista, sublinhou que o mau emprego da telepatia poderia ser um grande perigo para todo o gênero humano.

Bernardo Kajinsky foi um dos mentores psíquicos de Eduardo Naumov e foi o jovem e cinético Naumov quem finalmente conseguiu que a Academia de Ciências de Kiev lhe publicasse depois que ele foi recusado em Moscou. (Em áreas controvertidas o que uma junta de censores considera demasiado arriscado, outra pode aceitar). Naumov está ativamente empenhado em levar ao publico russo o conhecimento das coisas psíquicas. Ele exibiu-nos um gráfico com uma curva, que subia e descia, e que mostrava o andamento das publicações sobre parapsicologia. Em 1957 houve 3 artigos contra o assunto, e nenhum a favor. Em 1966, dos 152 artigos que se relacionaram com a pesquisa psíquica, apenas quinze tomaram uma posição negativa.

Quando comecei a trabalhar com Kajinshy – disse Naumov, - ele me fez investigar também a força do olhar, sobretudo do olhar das cobras e dos tigres.

O interesse de Naumov pela confrontação rosto a rosto continua. Numa tarde, ele expôs, com fluência, fatos recentíssimos relativos à pesquisa cientifica norte-americana sobre cristais líquidos.

- Esses cristais líquidos são feitos pelo homem. Se cobrirmos o rosto com eles, começaram a irradiar cores.

Medindo as radiações a distancia, podemos medir as emoções que se modificam na pessoa e o que e mais importante, as moléstias. Este e apenas o principio de sua utilidade. O futuro pertence aos cristais. Como sabem, algumas pessoas acreditam que o cérebro e os olhos são uma forma de cristal liquido – ajuntou Naumov com um brilho especulativo nos olhos.

Afirma-se que tanto no instituto de Durov como no instituto Pavlov de Moscou subsiste um interesse mais ou menos disfarçado pela pesquisa no campo da parapsicologia. Perguntamos a Naumov se fazia atualmente alguma investigação como a de Durov.

- Há interesse, realmente, pela exploração das capacidades telepáticas dos animais, mas o grande problema reside em encontrar alguém que possua o rapport e o brilho de Durov.

Os soviéticos estão tentando compreender a capacidade de regresso ao lar revelada por vários pássaros, insetos e animais - outro fenômeno corriqueiro, mas ainda não explicado. Livros e até filmes cinematográficos têm documentado os movimentos de cães que percorrem milhares de quilômetros de território desconhecido para juntar-se aos seus amos. Numa das poucas investigações parapsicológicas sobre animais que se realizaram na América do Norte, o Dr. J. B. Rhine e sua filha, a Doutora Sara Feather, narraram as atividades de animais que rastrearam donos perdidos, e que eles denominaram "rastreamento de psi".

Os pesquisadores russos do domínio psíquico parecem utilizar os animais hoje em dia mais ou menos como utilizam cobaias. Ao que se afirma, usaram uma coelha para verificar

se ela "intuiria" fisiologicamente o momento em que os seus filhotes seriam mortos, a muitos quilômetros de distância, no interior de um submarino. Sentiram-se intrigados pelas primeiras notícias de uma experiência científica francesa destinadas a verificar se os ratos poderiam predizer o futuro, se poderiam vaticinar o que, ao menos para os ratos, seria uma catástrofe - a própria morte. Primeiro, os cientistas observaram o comportamento dos ratos. Depois, uma máquina escolhia, ao acaso, o rato que seria morto. Diz-se que os ratos escolhidos para morrer comportam-se estranhamente de antemão parecendo ter um pressentimento, saber qualquer coisa que os cientistas ainda não sabem.

Muita pesquisa básica soviética com animais tem causado sensação entre os especialistas da ESP. Num laboratório soviético, um bandozinho de peixes rodopiava e girava nas águas claras de um aquário. O cientista soviético Dr. Y. A. Holodov observava-os com todo o cuidado. Ele criara um campo magnético fraco, mas permanente, no aquário. Os peixes reagiram. Holodov descobriu que os peixes desenvolviam respostas condicionadas ao magnetismo. Mas por quê? Nem os peixes nem ninguém têm receptores para o magnetismo. Talvez o magnetismo, que por si mesmo é um enigma, fosse diretamente "recebido" pelo cérebro dos peixes. (50-190-236) O magnetismo parecia ser a contrapartida do comportamento da telepatia. Haverá uma conexão, uma analogia?

Os peixes movendo-se rapidamente num campo magnético invisível não parecem tão notáveis quanto o Pikki de Durov recebendo uma mensagem telepática para ir farejar um quadro. Entretanto, esse tipo de tratamento básico, assim como as experiências mais ousadas com médiuns constitui a

matéria da parapsicologia soviética. Estimula o impulso teórico para descobrir como funciona o psi.

Os pesquisadores soviéticos divergem no tocante aos melhores caminhos para elaborar a teoria do psi. O Dr. Ippolit Kogan, chefe da Seção de Bio-Informação da Sociedade Popov da Tecnologia de Rádio e Comunicações Elétricas, acredita que a pesquisa deveria concentrar-se na telepatia. Diz ele, com efeito, que sabemos como controlar, em termos, a telepatia; por isso mesmo, por que não concentrar nessa área todas as nossas energias? Com sobrancelhas que parecem desenhadas a carvão, cabelos grisalhos anelados e bastos, o Dr. Kogan é mais conservador do que muitos cientistas que conhecemos. Representa uma geração um pouquinho mais velha, que passou por uma infinidade de horrendas situações na Rússia, sobretudo em relação à ciência soviética oficial. No entanto, dentro dos limites da telepatia que traçou para si mesmo e para o grupo Popov, Kogan realizou um trabalho notável pela originalidade e pela imaginação. Foi o principal responsável pela maioria dos testes russos de telepatia relacionados neste livro. Foi o inventor do "método dos traços" para rastrear a ESP nas ondas cerebrais.

Matemático, Kogan demonstrou que, em princípio, a telepatia entre pessoas que se acham próximas umas das outras poderia ser transportada por ondas eletromagnéticas. (73) Nisso, ele difere de muitos colegas. Segundo as palavras do Dr. Alexei Gubko, do Instituto Ucraniano de Psicologia, pesquisador experimentado, "a maioria dos cientistas inclina-se agora a acreditar que o cérebro irradia um tipo especial, até hoje desconhecido, de energia, responsável pela telepatia".

Kogan, porém, fez mais do que participar da velha caça às ondas. Como ciberneticista, está tentando explicar a telepatia com a teoria da informação. Entende Kogan que, durante a telepatia, o "pensamento" do emissor não lhe sai do cérebro para flutuar no espaço na direção do receptor. Ao invés disso, o receptor capta "a informação sobre o pensamento". Essa informação pode ser projetada por meio de um "campo de psi" para chegar ao cérebro do receptor, onde gradativamente se torna consciente. É por isso que quase toda mensagem telepática na Rússia é dividida em "bits de informação recebidos por segundo". (Veja no Apêndice B outras notícias sobre o trabalho de Kogan e também as teorias inéditas do matemático físico Igor Shishkin, expoente da idéia de que uma força até agora desconhecida está implícita na telepatia.)

A combinação entre cibernética e ESP é uma idéia nova. O conceito de pessoas telepáticas como transmissores e receptores de rádio foi substituído por um modelo delas como sistema cibernético. Os soviéticos falam em aparelhos cibernéticos que imitariam a telepatia nas pessoas, e muitos grupos de parapsicologia estão ligados à cibernética e a laboratórios biônicos.

- Por que não investigar todas as espécies de fatos psíquicos se estamos tentando encontrar respostas para algumas das grandes perguntas que se fazem sobre a ESP? - indaga o biologista Eduardo Naumov. Em lugar de sair à cata do psi matematicamente ou com modelos cibernéticos, Naumov é de opinião que ele deve ser buscado na multiplicidade da experiência viva. A seu ver, a parapsicologia deveria estar no centro de todos os ramos do conhecimento, na junção de todas as disciplinas, como

síntese do saber, desde a filosofia até as artes, desde a ciência até a religião. Assim como um corpo diplomático compila uma visão do mundo valendo-se dos despachos de embaixadores em muitos países, assim a parapsicologia compila uma nova visão do homem recorrendo, para isso, a pesquisas na biologia, na medicina, no biomagnetïsmo, na eletrônica, na fisiologia, para citarmos apenas umas poucas áreas. – A Parapsicologia é convocada para estudar a natureza do próprio homem, diz Naumov. E isso inclui todas as atividades do homem (130) – No seu entender, a parte psíquica de nós mesmos está envolvida em tudo que fazemos.

Por este motivo, acredita Naumov, a pesquisa da ESP não deveria concentra-se na Telepatia, mas abranger o PK, a fotografia Psíquica (como a que feita por Ted Sérios no Estados Unidos), a rabdomancia, a visão sem olhos, precognição, o Biorapport (a influência de um membro de um grupo sobre os demais) e os aspectos psicológicos do psi, que muitos soviéticos tendem a negligenciar.

Para poder abranger essa visão ampliada do psi, Naumov, rompeu com o grupo Popov de Parapsicologia, que trabalha exclusivamente com a telepatia, e fundou a sua própria seção de pesquisa, ligada a Associação Cientifica e Técnica de Engenharia de Instrumentos. O trabalho atual de Naumov compreende sua grande variedade de assuntos, como o estudo de um homem que se utiliza o PK para movimentar verticalmente um cigarro, num copo, mais só quando está bêbedo, as pesquisas no campo da visão epidérmicas, a criação de filmes do telepata Karl Nikolaiev. Os Soviéticos também estão sondando a fotografia psíquica.

Acreditamos que qualquer pessoas exercitada fará isto – disse naumov – mas a capacidade da maioria das pessoas para tirar fotografias como Ted Sérios é muito pequena. Estamos planejando utilizar instrumentos especiais e campos artísticos a fim de reforçar os traços do talento.

Naumov prosseguiu, em outro estado de espírito:

- Umas das coisas mais importantes para a parapsicologia foi o nosso recente descobrimento de correntes que fluem no corpo e que não são sangüíneas nem elétricas. (Naumov referia-se a novos descobrimentos no domínio da parapsicologia e da fisiologia, conhecido pelo nome de efeito Kirlian, do qual tratamos nos capítulos 16,17,18) – Estamos estudando as mãos dos médiuns enquanto trabalhavam, empregando as técnicas de Kirlian, como também o efeito da telepatia e da radioestesia sobre as plantas.

Organizamos recentemente um seminário para discutirem as nossas pesquisas acerca da influencia telepática sobre os grupos, obtemos uma impressão eletromagnético total do grupo. Em seguida, introduzimos no grupo uma pessoa nova. O modelo eletromagnético total do grupo se modifica O efeito da pessoa sobre o grupo parece registra-se telepaticamente – disse Naumov. E o dedicado e jovem cientista rematou com a sua predição – No futuro os problemas da atual psicologia do homem revolverão em torno da parapsicologia. Ver-se-á que o psi é um aspecto central do subconsciente, da personalidade e das emoções.

Parece que vai uma longa distância desde os cães telepáticos Marte e Pikki até a cibernética e a visão do psi como elemento da própria vida. Mas se Naumov e outros tiverem razão, e o que chamamos psi for uma força dinâmica que tudo invade, ela deverá necessariamente manifestar-se

em animais como se manifesta em nós. O psi seria, nesse caso, qualquer coisa sutil que nos liga a todas as formas de vida.

12

REENCARNAÇÃO ARTIFICIAL

Recentemente, num amplo estúdio batido de sol em Moscou, um grupo de estudantes de arte contemplava com suma atenção o modelo. Profundamente mergulhado na própria visão da jovem, cada qual olhava para baixo e para cima, confrontando as curvas do modelo com a figura que principiava a delinear-se no caderno de desenho. Nenhuma cabeça se voltou quando o professor, Dr. Vladimir L. Raikov, entrou na sala e pôs-se a andar entre eles em companhia de um visitante.

- Quero que conheça um dos meus melhores alunos, - disse Raikov.

Uma moça de pouco mais de vinte anos se levantou, aparentemente de má vontade. Logo, porém, como se tornasse em si, voltou-se, rápida, para o visitante e estendeu-lhe a mão.

- Sou Rafael de Urbino, - disse ela.

O nome pronunciado surpreendeu menos o visitante do que a maneira displicente com que a rapariga, aparentemente normal, inteiramente desperta, tentava fazer-se passar pelo grande pintor da Renascença.

- Poderia dizer-me, por acaso, em que ano estamos? - perguntou ele.

- Ora essa! 1505, naturalmente.

Precisando de um momento para pôr em ordem as idéias, o visitante recuou para focalizar a câmara na bonita e jovem estudante. O Professor Raikov perguntou-lhe:

- Você sabe o que ele tem na mão?

- Não!

- Nunca viu nada parecido com isso?

- Nunca. Nunca vi nada parecido com isso em toda a minha vida.

Depois de tirar algumas fotografias, o visitante recomeçou a falar sobre câmaras, jatos, Sputnik, e - à proporção que a jovem se mostrava mais inflexível nas negativas - sobre tudo o que lhe vinha à mente e que se relacionava com 1966, o ano em que estavam vivendo.

- Fantasmagorias! Isso tudo é bobagem. Os senhores estão-me aborrecendo com tolices! - bradou a moça, exasperada.

- Está bem, muito obrigado por ter-nos permitida falar com você, - atalhou o professor. - Volte para o trabalho. Desenhe! Desenhe da melhor maneira que puder, Mestre Rafael.

- Eis aí um exemplo, - disse o Dr. Raikov ao visitante, redator da Komsomollskya a Pravda, - do que denominamos reencarnação.(228)

Essa reencarnação de Rafael em Ira, jovem estudante de ciências, não levara o psiquiatra Raikov a uma pesquisa através de teias de aranha e adros desmantelados de igreja para corroborar a história da moça de uma gloriosa existência passada. Raikov, que trabalha com os parapsi-

cologistas da Popov, sabe como esse Rafael se reencarnou - e sabe como se reencarnaram os três outros Rafaéis da classe. Raikov os chamou à vida. Ele é um mestre hipnotista.

Com a sua marca dinâmica de reencarnação, Raikov está tentando provocar o surgimento do talento, talvez do próprio gênio, em seus alunos. Não estamos dando às pessoas, com a reencarnação, alguma coisa externa, alguma coisa que elas não possuem, dizem os soviéticos. Vias pouquíssimas pessoas compreendem os poderes extraordinários que possuem.

- Só sou capaz de evocar o fenômeno da reencarnação quando o paciente se acha num transe excessivamente profundo, - declara Raikov. - E uma nova forma de transe ativo.

A ação é o toque dominante da reencarnação de Raikov. Alla é uma estudante adiantada de física da Universidade de Moscou. A arte, realmente, não lhe interessava muito. Ela sentia que não tinha talento para o desenho. Os seus esboços, quando se ofereceu para participar das experiências de Raikov, lhe confirmavam a opinião, pois não revelavam muito maior sentimento que os desenhos mais esquemáticos.

- Você é Ilya Repin, - insistiu o Dr. Raikov dirigindo-se a Alla em estado de transe profundo. Repin, grande pintor russo do início do século, ainda é vigorosamente estudado na União Soviética. - Você pensa como Repin. Vê como Repin. Possui as capacidades de Repin. Você é Repin. Por conseguinte, o talento de Repin esta às suas ordens.

Depois de algumas sessões de reencarnação qualquer um perceberia que Alfa estava desenhando muito. Após dez tardes como Repin começou a querer desenhar nas horas de folga e passou a andar com um caderno de desenho. Em três

meses, quando Raikov concluiu o curso que lhe destinara de vinte e cinco lições, Allá desenhara como um profissional – não como Repin nem como Rafael, duas das suas muitas reencarnações, mas tão bem quanto um desenhista competente. O novo talento explodiu de maneira tão vibrante em Allá que ela esta pensando seriamente em mandar as favas os teoremas da física e consagrar ao cavalete.

- Alla não poderia ter aprendido a fazer isso no estado comum de hipnose profunda que é passivo – explica Raikov. Este, que pertence à nova classe de jovens estudantes soviéticos da mente, tem grande experiência de transes passivos, em que a sua palavra e uma ordem para o paciente. Raikov exibiram os seus poderes com o grupo Popov na maioria das experiências telepáticas do grupo, e escreveu artigos científicos acerca da estimulação de fenômenos psíquicos sobe o efeito da hipnose. Ele pode induzir facilmente Allá a um transe passivo, Ordenou-lhe que representasse nesse estado diante de um visitante. Sobre a ação da palavra hipnótica de Raikov. Allá de olhos cerrados, andou pela sala com movimentos vagarosos de uma sonâmbula. Raikov estendeu-lhe um copo invisível de suco de maçã. Ela engoliu o "suco" de um trago.

- Obrigada, - disse, - isso me faz sentir melhor.

Na reencarnação, Allá e ela mesma – ainda que a pessoa acerte ser o mestre Rafael. Mostra-se alerta, inteiramente acordada. Vê o modelo o lápis, o caderno de desenhos. Compõem conscientemente o próprio esboço, Poe os próprios sentimentos no trabalho que está fazendo. Sem ser um Svengali convertido em pintor, Raikov se matem fora de cena no que diz respeito a Alla. E um observador – o homem que aciona o interruptor.

- A reencarnação conduziu a moça a um estado em que ela se submete às novas leis desconhecidas e a meta do meu trabalho, - afirmam Raikov, - A reencarnação é importante por si mesma. Abre diante de nós o lado inexplorado da psique humana. (171)

O Dr. Vasiliev, o parapsicologista pioneiro, concordou com a importância da psique não explorada. Pouco antes de morrer, escrevendo sobre as rates e a inspiração criativa, afirmou: “Com o progresso da parapsicologia estamos mais perto de desvendar os mistérios da criatividade. Sabemos agora que as faculdades psíquicas e criativas do homem têm muita coisa em comum”. (241)

Os parapsicologistas e os críticos de arte reconhecem geralmente que a criatividade e a inspiração são disparadas com a força que os cientistas denominaram ESP.

Mas – “Você pode aprender a desenhar em vinte lições fáceis”? O descobrimento da artista Alla parece demasiado fácil. E o seria concordam os soviéticos, por exemplo, por qualquer um dos sistemas usuais de instrução. Mas, dizem eles, a reencarnação permite que a mente se torne supercriativa, porque lhe faculta operar de acordo com leis novas, quase “mágicas”. Essas leis produzem dons estáveis. Alla, ao que parece., não desceu do seu alto nível artístico depois que se afastou De Raikov. Nem os outros pacientes.

O Dr. Raikov e seus colaboradores testes iniciais com vinte jovens estudantes (de pouco menos ou pouco mais de vinte anos) sem dotes artísticos, mas inteligentes. Raikov proporcionou a cada um de cinco a vinte experiências de reencarnação. Depois da encarnação final como gênio, alguns desenhavam melhor do que os outros, mas todos haviam progredido acentuadamente e Raikov tem quadros

para prová-lo. Todos acabaram, em sua opinião, donos de um novo talento, recém-descoberto. (239)

A atividade como mestre reencarnado não deixa restos de lembranças. No estado não reencarnado – e isso nos surpreende – esses estudantes, a principio, recusaram-se a acreditar que tivesse desenhado as imagens que lhe eram exibidas – e prováveis não quiserem crer que houvesse assinado "Repin" ou "Rafael" com um bonito floreio no fundo do quadro. Entretanto à proporção que as sessões progrediam, a habilidade para o desenho, adquirida como Repin, principiou a filtrar-se-lhes nas próprias personalidades conscientes. Ao revés de todas as experiências anteriores, os estudantes descobriram que eram, afinal, capazes de desenhar.

- Por volta da décima sessão, - contou-nos Naumov, - o novo talento, estabilizado, passa a fazer parte do equipamento consciente do aluno. O que este adquiriu não o abandona.

- O estudante está pensando, formulando relações e juízos, adquirindo a própria experiência durante a reencarnação. Conseqüentemente, o potencial criativo que desenvolve e estende fica sendo seu, - explica Raikov.

Outro cientista, O Dr. Milan Ryzl, trabalhando em Praga no principio da década de 60, engenhou um sistema hipnótico para evocar nas pessoas o talento psíquico em lugar do talento artístico. Alguns pacientes de Ryzl também contataram que o talento da ESP que neles floresceu sobe o efeito da hipnose estabilizou-se como uma capacidade nova, conscientemente controlada, na vida cotidiana.

Perguntado se não estaria apenas transplantando alguma coisa nos estudantes em estado receptivo, Raikov observou:

- Como hipnotísta, limito-me a deixá-los nesse estado de supervigília mas, depois disso, não lhes imponho coisa nenhuma; o que acontece, às vezes, é precisamente o contrário.

Raikov lembra-se de uma moça que ele reencarnou, não como artista, mas como famosa rainha inglesa.

- Desejamos dar um baile, - anunciou a súbita rainha. - Você, - disse ela a Raikov, - saia e encarregue-se dos preparativos. É minha ordem! - ajuntou, em tom imperativo, quando Raikov, que habitualmente dava as ordens, pareceu hesitar.

Raikov reencarnou outro estudante, Volodnya, como um artista russo do século XIX designado simplesmente por "N". Como "N", Volodnya considerava Raikov o seu modelo pessoal. Dedicou os seus quadros a "meu melhor modelo e amigo, 1883". Enquanto desenhava, "N" gostava de expor as suas teorias sobre arte.

- Você não gostaria de publicá-las? - perguntou o modelo Raikov.

- Naturalmente, - suspirou o rapaz, - mas elas nunca passariam pelo crivo de censor.

Nessa ocasião, outro psiquiatra entrou na sala.

- Ah, - exclamou Raikov, - aqui está o censor. Eu gostaria que você o conhecesse.

O médico-censor estendeu-lhe a mão. Volodnya deu um salto para trás, escondendo a mão nas costas.

- Nunca! Nunca apertarei a mão de um censor czarista! - E, pondo-se a andar carrancudo em torno deles, gritou para Raikov: - Meu amigo, ponha para fora daqui todos os censores!

Raikov não pôde resistir à tentação de apresentar o ardente Volodnya a outra estudante, Elena, também momentaneamente reencarnada como o famoso "N".

- N só pode ser uma pessoa. E eu, naturalmente, sou essa pessoa. Esta moça... é uma impostora, - observou Volodnya para Raikov.(172)

Como os demais, Volodnya era de opinião que adquirira talento artístico em pouquíssimo tempo. Como escreveu um autor soviético: "Os estudantes têm a impressão de que todas as dificuldades iniciais ficaram para trás. Parece-lhes que aprenderam as técnicas do desenho enquanto reencarnações numa sucessão de mestres - Repin, Rafael, Matisse e outros. Agora estão prontos para sintetizar e desenvolver o próprio estilo." O ensino de Raikov é semelhante ao ensino tradicional da arte, em que o estudante se sentava com um caderno de desenho, num museu, diante dos quadros de grandes mestres - com uma diferença: a reencarnação de Raikov sintetiza dias em horas e anos em meses. Em seu caderno de desenho, Alla passou em três meses, das figuras rabiscadas para um bom retrate. O seu súbito florescimento artístico através da reencarnação custou-lhe apenas umas poucas horas por semana.

Raikov apresentou estudantes tom perspectivas mais amplas do que "ver" através dos olhos de pintores famosos. Ele conseguiu que a sua aluna Luba regredisse hipnoticamente de modo que pudesse ver o mundo com olhos de criança. Mas ela não tornou a vê-lo como uma Luba mais moça foi reencarnada em outra pessoa, chamada Olga, na idade de cinco, oito, dez e catorze anos. Em seguida, Raikov proporcionou um acervo ainda maior de experiência. Reencarnou-a num menino chamado Ilya, com as mesmas

mudanças de idade, até os dezessete anos que era a idade de Luba na ocasião. Os desenhos dela refletiram as diversas paradas em seu trajeto de reencarnação. As imagens desenhadas como menina mostraram uma maior plasticidade e suavidade.

Raikov deu a um adulto uma dose ainda mais estranha de experiência ampliada. Nesse caso ele se afastou da linha principal do seu esforço para evocar a criatividade, a menos que se considere a cura de si mesmo como um ato possível e criativo. Na qualidade de psiquiatra Raikov enfrentou o problema de Boris, um alcoólatra crônico de meia à idade, dono de alguma cultura. O homem aparecia de vez enquanto para tratar-se na clínica psiquiátrica. Continuava a beber sucedendo os períodos de delirium-tremens e a família, cansada, já estava prestes a desistir e a deixá-lo. Tivéssemos nós algum poder que os bem dotados nos dessem para podermos ver-no a nós mesmos, como os outros nos vêem! Escreveu Robert Burns. O Dr. Raikov imaginou que tinha poder dessa natureza. Decidiu reencarnar Boris os parentes dele. O psiquiatra começou com a mãe de alcoólatra porque este ultimo sentia "carinho e amor".

- Quem é você?

- Eu sou Tatiana Nikolaevna respondeu Boris, pronunciando o nome de sua mãe. Raikov contou ao homem reencarnado que o filho dela estava deitado no sofá, tomado de um estupor alcoólico.

Ele ficou azul é nauseado, as coisas vão mesmo muito mal, continuou Raikov. Batendo sempre mesma tecla.

O paciente com os olhos arregalados, atirou-se no sofá, praticou em seu filho a respiração artificial, borrifou o rosto com água imaginaria, deu-lhe um remédio invisível nu,a

colher invisível, e suplicou aos médicos que lhe prestassem os primeiros socorros.

- Como foi que v.c. pode beber desse jeito – lastimou a mãe reencarnada. – Você está morrendo por causa da bebida. Sua mulher vai abandoná-lo, sua filha não poderá gostar de você

Raikov produziu um som gorgolejante com uma garrafa de água.

- Tatiana Nikolaevna, seu filho parece estar bebendo outra vez, - disse ele.

"Tatiana" com o rosto vincado pela repugnância, tentou arrancar a garrafa do "filho" invisível e espatifá-lo no chão.

Mais tarde, Raikov reencarnou em Boris a filha dele.

- Papai, - disse Boris com a voz calma, suave, parecida com a da filha, - papai, por que tornou a beber? Que aconteceu com você? Isso e terrível para mim.

E lagrimas rolavam pelo rosto de Boris reencarnado na própria filha.

Finalmente, Raikov evocou a esposa do homem e outros membros da família. Boris não recordava cosia alguma desses momentos carregados de emoção em que fora reencarnado, sucessivamente, em alguns de seus familiares. Mais, um belo dia, ele confidenciou ao seu psiquiatra, o Dr. Raikov, que, de repente entrará a pensar nos sentimentos que devia inspirar aos parentes. Parecia sentir-lhe quase que fisicamente a cólera e a repugnância:

Comecei a ver tudo o que havia de detestável na minha embriagues através dos olhos deles, E pavoroso.

No dizer de Raikov, essa reencarnação medica, interessando aos laços mais forte de Boris com a vida, pouco

a pouco ajudou a assumir uma atitude crítica em relação ao comportamento.

- Um tipo de reencarnação, - diz Raikov, - pode ser uma excelente adição ao tratamento psicoterápico.

Pode ser também usado na reabilitação de criminosos.

As experiências medicas de Raikov está naturalmente interessado no lado fisiológico da reencarnação, que propicia as pessoas como uma estudante de medicina, que confessou não somente não saber desenhar, mas também não gostar de arte, o rápido desenvolvimento de uma aptidão para o desenho. Ligando os dispositivos habituais de observação, raikov confirmou a suposição de que o transe da reencarnação e uma coisa nova, diferente do costumeiro transe passivo da hipnose profunda, em que o EEG mostra o ritmo alfa de repouso. Na reencarnação o ritmo alfa desaparece completamente e o EEG acusa um padrão semelhante ao que se registra na vigília (171)

Enquanto uma estudante vive como se fosse Rafael, fisiologicamente parece estar super acordada. O Cérebro revela intensa concentração, sem nenhuma distração. Dir-se-ia que todo o ser movimentasse a luz de um refletor inexorável. Em muitos sentidos, a reencarnação e a antítese do sono. Não obstante, tem afinidades com o transe comum. Os estudantes caem num sono profundo antes de tornar-se em si. Muito embora Raikov não faça menção da amenesia, eles nunca se lembram de um único momento que tenham vivido como outra pessoa. De acordo com os soviéticos, somente um hipnotista muito competente e capaz de conduzir as pessoas à liberdade da reencarnação. Nem todos os pacientes poder ser submetidos aos primeiro passo, o transe profundo. E o próprio Raikov já desistiu de

encaminhar algumas pessoas nesse transe para uma atividade de reencarnação.

Raikov utiliza um novíssimo instrumento inventado por um talentoso físico de vinte e nove anos de idade, Vitor Adamenko para controlar o seu trabalho. Essa maquina registra o fluxo de energia do corpo, utilizando como pontos de controle para os seus eletrodos os pontos de tratamento pela acupuntura da medicina chinesa tradicional. Os antigos chineses tradicionais introduziram longas agulhas em pontos específicos da pele para curar moléstias. O físico Adamenko liga os seus fios ao mesmos lugares da pele e captam as mudanças da energia corporal causadas por alteração de consciência e variáveis estados emocionais.

No laboratório de Raikov, Adamenko ligou a sua maquina chamada CCPA (Condutividade dos Canais dos Pontos de Acupuntura), para testar voluntários e grupos de controle. Depois foi a vez de Raikov, que colocou pacientes em estado de hipnose passiva. Completamente sobre o seu domínio, estes viam jardins de rosas que o experimentador evocava para eles, faziam gestos de sonambulismo . Também produzia nos pacientes a hipnose de reencarnação. E os hipnotizados como os estudantes “Rafaeis” e “Repins” agiam totalmente por conta própria quando em transe.

Ao cabo de muitas sessões, Raikov e Adamenko cotejaram os gráficos da CCPA. Encontraram pronunciadas diferenças entre as diversas formas de hipnose que Raikov experimentara. Por meio da CCPA podemos registrar objetivamente a atividade psíquica da mente em estados de sonambulismo e em varias níveis de hipnose, relataram os dois na Revista de Neuropatologia e Psiquiatria de 1968 do Instituto Médico de Sechenov. (173). Eles haviam

descoberto um novo meio de ver o interior da mente, de registrar a consciência. Esses estados são muito difíceis de medir por qualquer outro método, disseram Raikov e Adamenko descobriram que havia até maior atividade na mente durante a reencarnação do que a que existe quando uma pessoa está totalmente acordada. Isto corrobora os descobrimentos do EEG, segundo os quais a reencarnação e um estado de "supervigília", muito diferente da hipnose comum, passiva.

A CCPA registra as mudanças da energia corporal à medida que variam a emoção e a consciência. Proporciona um modo claro, científico, ele mostrar como o pensamento realmente nos afeta. Os parapsicologistas tentaram verificar, finalmente, se a CCPA seria capaz de captar algum e efeito corporal do pensamento à distância. (Veja o Capítulo 18.) A ciência norte-americana não parece ainda ter feito uso da CCPA. Mas os cuidadosos relatos publicados pelo prestigioso Instituto Médico Sechenov implicam certamente que a CCPA - novo modo de olhar para dentro e aprender a sutil interação do pensamento e do corpo, da psique e do soma - terá usos muito mais amplos do que o simples registro dos estados mentais de artistas reencarnados.

A capacidade musical, tanto quanto o talento artístico, também foi acentuado por Raikov. Ele reencarnou o grande violinista Fritz Kreisler num estudante do Conservatório Musical de Moscou. Acreditando ser Kreisler, o rapaz começou a tocar a maneira de Kreisler. Essa capacidade consolidou-se-lhe no estado consciente.

Afirma Raikov que a reencarnação pode ser usada no treinamento artístico, musical e científico. O seu rápido salto do descobrimento para a aplicação reflete a preocupação

soviética pela busca de métodos novos e radicais de ensino. The Other Side of the Mind, (405) do financista e escritor W. CIement Stone e da jornalista Norma Lee Browning, mencionou as primeiras atividades da pesquisa renovada da ESP na Rússia, no inicio da década de 1960. Sensível à competição global entre a URSS e os Estados Unidos e ao maior, embora freqüentemente descurado, recurso de que podem dispor as nações - o poder da mente - Stone foi a Washington, onde conseguiu uma entrevista com Oliver Caldwell, que então exercia as funções de Comissário Interino de Educação Internacional, ligado ao Departamento de Saúde, Educação e Bem-Estar. Grande conhecedor de assuntos russos, Caldwell disse a Stone e Browning:

- Estou abismado com o ceticismo e, às vezes, com a hostilidade que encontro quando tento falar a norte-americanos sobre algumas das experiências que estão sendo realizadas na URSS no domínio da parapsicologia e outros campos correlatos. Isso me parece particularmente estranho porque existe uma documentação, já traduzida, à disposição dos interessados, que confirma a maioria das coisas que vi na URSS. Estou realmente perplexo, porque, se as Estados Unidos não fizerem um esforço sério para atravessar essa nova fronteira, daqui a dez anos Talvez seja tarde demais.

Caldwell falou de muitas e ousadas avenidas que os soviéticos estavam explorando em seu impulso para desvendar as capacidades intelectuais do homem. Contou uma conversação que tivera com o falecido Lev Landau, um dos dois ou três maiores físicos da Rússia, sobre a próxima possibilidade de afinar duas mentes telepaticamente. Disse-lhe Landau: "Quando isso acontecer, o professor poderá transmitir a um estudante conhecimentos que transcendem a

capacidade normal da sua mente, passando por cima do seu mecanismo de defesa e atingindo os 90% do cérebro normalmente vazio".

Como estimulante da criatividade e para a utilização da parte adormecida do cérebro na ciência pura, Raikov e seus colegas reencarnaram um gênio matemático europeu num estudante universitário de matemática. O que acentua a superconcentração da reencarnação é a crença do estudante de que também é gênio, diz Raikov. No rapaz, sumamente confiante, nenhuma inibição bloqueia o fluxo criativo. Ele utiliza em seu trabalho "reservas" que normalmente permanecem inexploradas durante toda uma existência. A experiência obtida por esse estudante nas horas em que é um gênio matemático reencarnado também se reflete em sua vida de todos os dias. As suas notas melhoraram vertiginosamente. Mas se você, leitor, imagina poder tentar a reencarnação como um curso intensivo ultra-rápido, não faça isso. Raikov é explicito em relação aos perigos muito reais de uma tentativa desse gênero. Ninguém, afirma ele, a não ser um psiquiatra hipnotista muito competente deve procurar evocar personalidades separadas em outra pessoa (ou em si mesmo). Todos os alunos de Raikov sobreviveram entusiasmados à reencarnação. Sentiram-se "bem", "descansados", depois das suas sessões. Afirma-se que eles dominaram automaticamente a técnica da auto-hipnose, que os ajudou a intensificar a força de vontade e a memória.

O imaginativo Raikov tentou uma experiência engenhosa com um engenheiro aeronáutico - a reencarnação no futuro, que a maioria dos ocidentais denominaria precognição.

- Você é um grande inventor do futuro, - disse Raikov ao engenheiro. - Com os seus conhecimentos poderá desenhar facilmente um método de fotografar foguetes cósmicos.

O "homem do futuro" concordou e pôs a trabalhar.

- Guardamos os desenhos em lugar seguro para verificar, mais tarde, se estão corretos, - diz Raikov.

As pesquisas de raikov sobre reencarnação artificial, depois de publicadas, despertaram o interesse de profissionais em muitos campos diferentes (168)

Os grandes médiuns possuem afinidades com artistas. Eles também parecem às vezes, ter acesso a conhecimentos e poderes que não se encontram em seus eus cotidianos. Como os artistas com os seus segundos eus e as suas musas, os médiuns também tem os seus eus maiores e, às vezes, controlam personalidades. Dir-se-ia que o artista dirige o poder por meio das palavras, das notas, das tintas e das massas, ao passo que nas artes psíquicas o meio é o médium.

A maneira por que as pessoas talentosas podem acionar a inspiração interessou ao parapsicologista Vasiliev. O "encanto mágico" que ele encontrou era pessoal e subjetivo. Algumas, como Rachmaninoff, vão passear pelo campo, outras se deitam com a cabeça voltada para o norte. Ou podem vestir uma roupa especial, rezar, ler um livro, beber, conter a respiração, olhar na bola de cristal, nadar, apontar lápis, esfregar um anel. Para Vasiliev, todas as excentricidades a que as pessoas recorrem servem para pôr em ação uma resposta condicionada altamente individualizada. Em certo momento do passado tivemos uma súbita inspiração. A mente procura alguma coisa que a "tenha causado", teorizou Vasiliev. Damos com algo que talvez não fosse a "causa" verdadeira. Mas passará a sê-la se

for repetida ritualmente todas as vezes que se desejar a inspiração, Segundo Vasiliev, Schiller conservava maçãs podres sobre a mesa de trabalho. E dizia não poder escrever sem lhes sentir o cheiro. Acreditava Vasiliev que Schiller deveria ter concebido ou escrito uma passagem brilhante, um dia, no outono, enquanto as maçãs se estragavam no chão. O cheiro forte de ranço tornou-se a mola da sua inspirarão.

Raikov explica da mesma forma o caminho para a inspiração através da reencarnação:

- A palavra "Repin" ou "Rafael" é apenas um símbolo que ajuda a hìpnotista a penetrar o mistério das capacidades do homem para chegar às reservas do organismo não utilizadas em estado de vigília.

Usando a palavra "Repin", diz Raikov, o hipnotista rompe a "crosta" dos centros do cérebro que continuam despertos durante a hipnose, criando assim grande excitação em outras áreas cerebrais. Em seguida, tudo se concentra no trabalho criativo: desenhar, desenhar, desenhar, como Repin.

O Dr. Raikov é de opinião que a reencarnação permite ao estudante estabelecer conexão com 90% das células cerebrais que normalmente jazem adormecidas. Um ocidental familiarizado com a psicologia de Jung dirá que o símbolo "Repin" permite ao estudante estabelecer conexão com o inconsciente coletivo e abordá-lo. Há uma porção de teorias sobre o que está acontecendo e muito semântica para acompanhá-lo, mas o ponto crucial e a circunferência do eu cotidiano, a definição do eu. O que quer que estabeleça conexão no momento de inspiração esta fora do círculo do "eu". Uma das metas dos parapsicologistas comunistas é aumentar a circunferência do eu: ligar essa

parte expectante do ser, acender as luzes, pôr mais vida em movimento. A idéia é aumentar o âmbito e o poder, como a passagem do ukelele para a guitarra elétrica.

Que dizer de uma forma de aumento mais demorada - a reencarnação no sentido tradicional? Os parapsicologistas ocidentais, notadamente o Dr. Ian Stevenson da Universidade de Virgínia, começaram a fazer investigações científicas de supostos casos de reencarnação. Nos países da Cortina de Ferro que visitamos, fora da Rússia, encontramos um interesse ativo pela idéia. Dada a filosofia política da União Soviética, este ainda é um assunto demasiado melindroso para se investigar cientificamente na URSS. Talvez a última palavra russa sobre a reencarnação deva ser dita par um homem que continua sendo lido e reverenciado na Rússia, Tolstoi. No início do século XX, Tolstoi escreveu: "Toda a nossa vida é um sonho. Os sonhos da nossa vida presente são o meio em que desenvolvemos as impressões, os pensamentos, os sentimentos de uma vida anterior. Assim como vivemos através de milhares de sonhos em nossa vida presente, assim a nossa vida presente é apenas uma dentre os milhares de vidas a que chegamos vindos da outra vida, da vida mais real - e à qual voltamos depois da morte. A nossa vida é apenas um dos sonhos daquela vida mais real.

"Eu o creio. Eu o sei. Eu o vejo sem nenhuma dúvida." (249)

13

O TEMPO –

NOVA FRONTEIRA DA MENTE

- A que distância fica Pulkovo? – perguntamos á agencia de viagens soviéticas Intourist, em Leningrado. Estávamos arranjando uma entrevista com o famoso astrônomo de Pulkovo, o principal observatório da Academia de Ciências da URSS, o Observatório de Greenwich da Rússia.

- Fica a umas quatro horas de leningrado, - disse-nos uma moça de Intourist.

- Mas no mapa não parece tão longe assim.

- Talvez fique apenas há uma hora, - emendou ela. Continuamos a fitá-la com uma expressão de duvida.

- Ou vinte minutos, quem sabe? – voltou a jovem.

Ficava, realmente, a vinte minutos de distância, desde o nosso hotel. Na esplanada Moskovsky, até os cumes de Pulkovo, de onde se avistava leningrado. Ironicamente, íamos ao Observatório de Pulkovo com a intenção de discutir o próprio tempo – não o tempo mais ou menos impreciso da funcionaria da Intourist, mas uma assombrosa e nova teoria do tempo desenvolvida por um dos mais renomados astrofísicos soviéticos, o Dr. Nicolai Kozyrev.

A estrada para o observatório, que é o meridiano nacional da URSS, passa por reluzentes e novos edifícios suburbanos de apartamentos, centros comerciais e, logo em seguida, por fileiras de pedras denteadas e serrilhadas, usadas para deter o avanço dos tanques germânicos durante o cerco da cidade. O mundialmente famoso laboratório, iniciado em 1839, achava-se na linha de frente e fora barbaramente destruído pelos nazistas, tendo sido os seus custosos instrumentos reduzidos a minúsculos fragmentos de

metal e os seus prédios a requeimados esqueletos. Sem embargo de tudo isso, lá está ele ainda, no seu cume, sobranceiro á cidade de Leningrado.

Estranhamente a vida de Nikolai Kozyrev segue de certo modo paralela a do seu grande observatório. Ótimo estudante, publicou o seu primeiro artigo cientifico quando tinha apenas dezessete anos. A lógica e a precisão das suas idéias deixaram pasmados os cientistas. Nessa idade precoce ele se interessava por atmosferas solares e estelares, eclipses solares e equilíbrio das radiações. Aos vinte, formou-se em Física e matemáticas pela Universidade de Leningrado. Aos vinte e oito já alcançava a distinção como astrônomo e lecionara em vários colégios. Cheio de novas idéias, a vida não poderia corre-lhe melhor. Nisso a desgraça bateu-lhe a porta. Em 1936 por ocasião das repressões Stalinistas foi detido em 1937, se iniciaria para ele onze anos que passaria num campo de prisioneiros. Em que terá pensado o astrônomo nesses lúgubres e duríssimos anos que passou observando o céu sem telescópio

Mesmo privado do equipamento astronômico, a sua inteligência e intuição se mostraram intensamente ativas. Quando, afinal, reabilitado, pode voltar à astronomia, Kozyrev fez uma serie de predições brilhantes sobre a Lua, Vênus e Marte. Muito mais tarde, as sondas espaciais soviéticas provaram que ele tinha razão. Em 1958 anunciou no mundo que atividades vulcânicas na alua, na cratera Alphonsus. O seu boletim foi eletrizante para os futuros vôos espaciais, pois significava, em essência que havia na Lua vastos recursos naturais e enormes mananciais de força, que poderiam ser utilizados para estender ainda mais a exploração espacial. Os astrônomos e cientistas do mundo

inteiro responderam com um cético dar de ombros a declaração. Classificaram-no de excêntricos, a cata de gases da Lua. "Sabiam" que isso não era possível. Mas o Dr. Harold Urey detentor norte-americano do Premio Nobel, depois de conversar, com Kozyrev em Moscou, voltou tão impressionado com o cientista soviético que instou junto a NASA para que se investigassem suas teorias. Foi atendido. Organizou-se o enorme projeto "Moon Blink". A NASA descobriu emissões de gases n aLua, o que indicava que esta possui recursos naturais e pode ser uma valiosa propriedade imóvel. Kozyrev tinha razão.

Agora quando Kozyrev propôs uma surpreendente teoria do tempo, alguns cientistas norte-americanos mostraram dispostos a ouvi-lo. O tempo, diz Kozyrev. E uma forma de energia! É para as propriedades do tempo que devemos olhar se quisermos descobrir a fonte que mantém o fenômeno da vida no mundo. (177)

O Dr. Albert Wilson, Vice-Diretor dos Laboratórios de Pesquisa Avançada na Califórnia, que conheceu o Dr. Kozyrev numa conferência internacional, disse-nos:

- Kozyrev é um homem notável, dono de uma intuição profunda. Ele formulou alguns conceitos básicos que podem perfeitamente ser correto. As implicações são revolucionárias. (100)

O Dr. Kozyrev veio receber-nos à entrada de um dos edifícios do Observatório de Pulkovo. Já com mais de sessenta anos, alto, bem apessoado, de aparência distinta, apesar de todas as vicissitudes por que passou, com os cabelos prateados e os intensos e pálidos olhos azuis dá-nos a impressão de uma grande calma, de uma qualidade quase espiritual. Vendo-lhe a pele queimada do Sole o porte

atlético, não nos surpreendeu saber que ele se encarrega, freqüentemente, de todos os penosos preparativos das próprias experiências, quer nas vertentes dos vulcões ativos do Kamchatka, perto do Mar de Bering, quer na tundra gelada.

Ele guiou-nos por um labirinto de corredores e salas, todos com portas duplas, e fez-nos passar pelo Museu de Pulkovo - uma sala abobadada cheia de reluzentes instrumentos de cobre, manuscritos de Guinou, o telescópio que pertenceu a Pedro, o Grande. No caminho que levava ao seu laboratório e à sua sala de trabalho, muitas fotografias mostram com pormenores o trabalho de reconstrução do laboratório após a devastação nazista.

Na sala ampla e alta de Kozyrev, atulhada de equipamentos de laboratório, o astrofísico nos conduziu à sua mesa, perto da janela. O giroscópio verde-mar sobre a escrivaninha, disse-nos ele com um sorriso, desempenhara papel de relevo em suas experiências com o tempo.

Como é que o pensamento que estamos formo?ando vai instantaneamente de nós, por via telepática, para outra pessoa, ou de nós para outra parte do mundo? Alguns cientistas soviéticos entendem que a ESP talvez suponha uma forma desconhecida de energia; depois de dezessete anos de experiências rigorosamente controladas, minuciosas, o Dr. Kozyrev acredita haver encontrado essa energia. Os seus instrumentos registraram modelos de uma energia desconhecida, que se junta à atividade de mecanismos conhecidos e efeitos químicos. A essa energia ele dá o nome de "Tempo". (86)

- O tempo é a propriedade mais importante e mais enigmática da natureza. Não se propaga como as ondas

luminosas; aparece imediatamente em toda a parte. As propriedades alteradas de um segundo de tempo aparecerão instantânea e simultaneamente em toda parte. assim como o tempo está em toda a parte, ligando-nos a todos nós e a todas as coisas no universo, - disse-nos o Dr. Kozyrev em Pulkovo.

O "tempo" de Kozyrev possui propriedades que, no seu entender, podem ser estudadas no laboratório do cientista. Ele descobriu, por exemplo, que essa energia "X", ou “tempo”, é mais densa perto do receptor de uma ação e mais tênue perto do emissor. E mostrou-nos alguns dos instrumentos que inventou para delinear esse efeito insólito. O equipamento básico inclui giroscópios de precisão, pêndulos assimétricos e balanças de torção. Quando dispostos num arranjo complexo, os instrumentos reagem, acusando alterações na densidade do tempo perto de uma ação mecânica (esticar um elástico) ou de uma ação química (queimar açúcar).

Esta é a essência do que acontece numa das experiências mais simples: um longo elástico é esticado por uma máquina. Pode-se considerar o elástico como tendo dois pólos. A extremidade de "puxamento" ou de causa e a extremidade de "estiramento" ou de efeito. Quando o elástico é esticado, o equipamento de registro, que consiste principalmente num pêndulo assimétrico feito com um giroscópio, forma um arco na direção do pólo de efeito. A deflexão é imperceptível a olho nu, mas facilmente registrada nos instrumentos sensíveis. E um efeito importantíssimo, pais mostra que se verificou um aumento da densidade do tempo, de acordo com o Dr. Kozyrev.

- Isso não tem relação alguma com os campos de força. Nós impedimos e eliminamos, por meio de cálculos, qualquer influência possível de uma força eletrostática ou de qualquer outra força.

Considerando-se o extraordinário gabarito de Kozyrev como cientista, é provável que ele saiba o que está dizendo.

Os seus instrumentos também mostram uma atenuação do tempo perto da extremidade de "causa" do elástico. O registro da densidade do tempo pode ser feito com instrumentos até quando o equipamento de "causa e efeito" está resguardado por uma parede de um metro de espessura.

- Ele reage mesmo através de tubos de ferro.

A relação química de causa e efeito também mostra a mudança na densidade do tempo. Usa-se amiúde a queima de açúcar, visto que os compostos orgânicos dão esplêndidos resultados.

- Pressupomos, - diz o Dr. Kozyrev, - que o tempo é tênue ao redor da causa e denso ao redor do efeito.

Num sentido muito real, o que o Dr. Kozyrev encontrou nessas experiências pode ser denominada PK. Os fatos químicos atuam sobre o pendulo giroscópio à distância. Movem-no sem o emprego de nenhuma força conhecida. Diria o Dr. Kozyrev que a "densidade do tempo" produz essa ação surpreendente à distância. Habitualmente não pensamos no PK como matéria que afeta de longe a matéria, mas como a mente que afeta a matéria. Terá o pensamento algum efeito sobre a densidade do tempo?

- Tem, - replicou o Dr. Kozyrev. - O pensamento afeta positivamente a reação. Quando penso, de propósito, em poesia ou em qualquer coisa emocional durante o teste, a mudança registrada é maior do que quando penso em

cálculos matemáticos. Os nossos pensamentos podem modificar a densidade do tempo.

Nesse caso, teria a densidade do tempo alguma relação com a telepatia?

- A telepatia sempre depende da densidade do tempo. O tempo seria mais tênue perto do emissor do pensamento e mais denso em torno do receptor. Já fizemos experiências em nosso laboratório para tentar mudar artificialmente a densidade do tempo. Quando pudermos densificar o tempo à vontade, poderemos provocar a telepatia quando bem o entendermos, - acha o Dr. Kozyrev.

Que mais influi na densidade do tempo?

Exatamente como os rabdomantes ou os médiuns Mikhail Kuni e Nelya Mikhailova, o equipamento experimental foi afetado por modificações da "densidade do tempo" causadas por tempestades de raios, condições meteorológicas, mudança de estações.

- Um dia, eu me preparei para mostrar o efeito a cientistas. De repente, sobreveio uma tempestade de raios e não houve reação. A experiência simplesmente deixou de funcionar, - disse ele, rindo-se.

- Também realizamos os nossos testes no extremo norte, em Murmansk. A coisa ali funcionou esplendidamente. Aqui em Pulkovo o efeito é mais pronunciado no inverno do que no verão. - Ele apontou para as imensas janelas duplas que abriam para o mar de flores brilhantes, agitadas pela brisa. Era a época das Noites Brancas de Leningrado e a noite inteira permaneceria clara. - A atividade das coisas que crescem no verão, dia e noite, interferem nas reações que estamos estudando. No inverno, quando a neve cobre tudo, as reações são muito fortes.

O Dr. Wilson, dos Laboratórios Douglas, da Califórnia, está preparando experiências semelhantes e será interessante verificar o impacto que a vegetação luxuriante e o calor da Califórnia terão sobre os testes.

O Dr. Kozyrev não é parapsicologista. No que concerne à reputação e à obra realizada, foi o cientista mais importante que conhecemos. Esta tentando elucidar uma nova visão do mundo, uma nova cosmogonia. Consoante a sua teoria, os fatos psíquicos ocupariam os lugares que lhes pertencem. Deixaria de ser, como o são na atual concepção da Ciência, uma coisa alheia ao sistema, uma coisa que parecia ser negada para proteger o sistema.

O Dr. Kozyrev já ventilou alguns problemas para os parapsicólogos. Parece que precisaremos de uma geografia da Telepatia. Em latitudes onde o tempo e denso, como no extremo norte, a telepatia deverá fluir com maior facilidade. A ESP talvez flua também mais facilmente onde houver menor quantidade de seres vivos. Quem sabe se é por isso que a ESP, segundo se afirma, flui mais livremente no espaço exterior. (357-358)

O equipamento do Dr. Kozyrev pára medir a densidade do tempo poderá ajudar o estabelecimento da transmissão eficaz da ESP.

- A gravidade também produz efeito sobre a densidade do tempo, - disse o Dr. Kozyrev, – e o mesmo acontece com a densidade da matéria.

Isto começa a soar como as descobertas de vários rabdomantes que sempre sustentam que diferentes substancia na terra emitem o que eles denominam “vibrações” diferentes. Assim identificam eles a substancias escondidas debaixo do seus pés. Afirma o Dr. Kozyrev que está

encontrando algo semelhante no laboratório. Quando uma ação cria maior densidade não se dissipa instantaneamente; subsiste por mais tempo em algumas substancias do que em outras. Permanece duas vezes mais tempo no alumínio do que no chumbo e cinco vezes mais tempo na madeira do que no chumbo. (88)

O Dr. Kozyrev descobriu outra característica da energia que ele denomina tempo - possui um padrão de fluxo.

O Dr. Kozyrev pensou em todos os organismos vivos - animais. plantas, gente. Os nossos dois lados, o direito e o esquerdo, não são imagens invertidas um do outro. O coração ocupa uma parte maior do lado esquerdo que do direito. Os micróbios produzem colônias de estrutura espiralada. O protoplasma, material básico de construção da vida, também não é simétrico. A assimetria é uma propriedade fundamental da vida. Isso não pode ser produto do acaso, refletiu o Dr. Kozyrev. Talvez a assimetria seja um mecanismo especial, destinado pela natureza a intensificar a força vital das coisas vivas. Talvez a energia do "tempo" flua de acordo com esse modelo. A ser assim, imaginou o Dr. Kozyrev, seria possível vê-lo e medi-lo num corpo que gira, como um giroscópio. A alteração do modelo do tempo num sistema rotatório acrescentaria ou subtrairia energia.

Após anos de cuidadosas experiências, o Dr. Kozyrev e seus colegas descobriram que, num sistema rotativo que gira para a esquerda, o fluxo do tempo é positivo - adiciona energia. Ao passo que num sistema que gira para a direita o fluxo do tempo é negativo.

Constataram os cientistas de Leningrado que, colocada perto do equipamento de causa e efeito, uma substância orgânica feita de moléculas que giram para a esquerda

(como, por exemplo, a terebintina), acentua o "PK". O dispositivo registrador forma um arco ainda mais pronunciado na direção do elástico. Quando se usa uma substância orgânica feita de moléculas que giram para a direita (como, por exemplo, o açúcar), esta diminui o "PK". Na opinião do Dr. Kozyrev, o sistema do nosso mundo gira para a esquerda e tem um fluxo de tempo positivo, que adiciona energia ao universo.

O tempo não é apenas um padrão de fluxo, diz o Dr. Kozyrev, é também um regime de fluxo. Ele chama "regime de fluxo" à diferença entre causa e efeito.

- Quando se modifica o regime de fluxo de tempo através de uma substância, perde-se peso, - esclareceu-nos o Dr. Kozyrev. - Isso significa que a "levitação" é perfeitamente possível. A ciência está procurando, passo a passe, descobrir métodos de levitação.

Esse tipo de levitação não funcionaria apenas em relação a pessoas, mas também em relação a objetos, máquinas.

- Há mais de dezessete anos, - disse o Dr. Kozyrev, - os nossos testes revelaram ser possível demonstrar a influência de um processo sobre outro à distância. Achamos que essa influência é exercida pelo tempo.

(Em sua opinião, o PK e a ESP geralmente acontecem através da energia do tempo.)

- E que nos diz o senhor da médium de PK, Nelya Mikhailova? - perguntamos. - A sua teoria ajudaria a explicar a capacidade que ela tem de influenciar todas as espécies de substâncias à distância?

Ele assentiu com a cabeça.

- Os filmes científicos da Sra. Mikhailova que já vi nos induzem a acreditar que ela pode mover objetos colocados

debaixo de um vidro, e não apenas objetos metálicos, mas xícaras de chá, cigarros, fósforos, etc. Eu gostaria muito de testá-la, - acrescentou.

- Como foi que o senhor, um astrofísico, veio a interessar-se por PK e por telepatia?

Estendendo-nos um trabalho científico se que apresentara numa Conferência Internacional de Astronomia na Bélgica, em 1966, Kozyrev explicou:

- Existem pares de estrelas que chamamos de estrelas duplas. A princípio, as duas estrelas não são as mesmas mas, pouco a pouco, no decorrer de um período de tempo, a estrela secundária começa a parecer-se com a primária. Apresenta o mesmo brilho, o mesmo raio, torna-se do mesmo tipo espectral. A distâncias tão enormes, esse efeito de imagem invertida não poderia resultar da ação de campos de força. Tudo faz crer que a estrela principal influi na estrela satélite através da energia do tempo. E quase como se as estrelas comungassem por telepatia, - rematou ele com um sorriso.

Em seu artigo científico, pergunta o Dr. Kozyrev: "Por que nada se encontra em estado de equilíbrio no universo?" E sugere: "É possível que todos os processos nos sistemas materiais do universo sejam as fontes que alimentam a corrente geral do Tempo, o qual, por seu turno, pode influir no sistema material.

"Acostumamo-nos a pensar nas estrelas como em enormes reatores nucleares, mas cheguei à conclusão de que as reações nucleares não desempenham o papel mais importante. Que é o que dá às estrelas a sua energia?

"O tempo, à medida que se desenvolve numa realidade física, confere ao mundo novas propriedades. E para o tempo

que deveremos olhar quando quisermos encontrar a fonte que mantém o fenômeno da vida no mundo." Em outras palavras, as estrelas recebem do tempo parte da sua energia.

O principal inconveniente das nossas ciências exatas, ao parecer do Dr. Kozyrev, é que elas consideram idênticos o passado e o futuro. A ciência não faz distinção entre um e outro. O nosso sentido psicológico do tempo, no entanto, parece dizer-nos que ele se move do passado para o futuro e que a eternidade não é um pedaço de filme que possa ser passado facilmente de trás para diante. Segundo conjetura o Dr. Kozyrev, o tempo possui uma propriedade tangível, em que reside toda a diferença entre o passado e o futuro, entre causa e efeito. Essa propriedade mostra que o tempo está dirigido apenas num sentido, do passado para o futuro. Pode encontrar-se a sua velocidade, afirma o Dr. Kozyrev, teórica e experimentalmente.

- O tempo, - diz ele, - contém todo o mundo de ocorrências ainda inexploradas. Relaciona-se com todos os fenômenos da natureza. Participa de todas as coisas que acontecem em nosso universo.

Supõe o Dr. Kozyrev que o tempo é uma forma de energia que realiza ou permite fatos psíquicos. (Não "transporta" a telepatia no sentido usual da palavra, pois não se propaga; está imediatamente em toda a parte.) A idéia do Dr. Kozyrev ajudaria, acaso, a explicar a profecia. Segundo o parapsicologistas grego. A. Tanagras o cumprimento das profecias está ligado a campos de energia que os humanos dirigem subconsciente a coisa viva ou objetos. Dessa maneira estão ligados a precognição e o PK. De acordo com tanagras motivos inconscientes atraem para nós a energia desconhecida “psi” em forma de acontecimentos, como um

imã atrai limalhas de ferro. Um médium às vezes consegue decifrar esses modelos de energia e portanto, o futuro. A energia a que Kozyrev dá o nome de “tempo” pode ser a mesma força que utilizamos no pensar de tanagras, para formar os nossos destinos.

Seria impossível fazer justiça as idéias e experiências do Dr. Kozyrev em espaço tão limitado. Como se há de imaginar, grandes quantidades de cálculos complicados e dados fornecidos por testes amparam as atuais conclusões do Dr. Kozyrev. Fizemos de tudo uma supersimplificação aproximada, esperando dar apenas uma idéia muito geral do pensamento e da obra deste homem notável. Se o eleitor quiser aprofundar-se no assunto, um dos artigos científicos do Dr. Kozyrev foi traduzido pelo Departamento do Comercio dos Estados Unidos, através do seu Serviço Conjunto de Publicações, Nº 4 e Adam Drive, S.W. Washington, D.C. 20443 (Possibilidades de um estudo experimental das propriedades do tempo, JPRS, 2 de maio de 1968, 3 dólares).

Serão plausíveis as novas e extraordinárias idéias de Dr. Kozyrev sobre a natureza do tempo e do mundo? Fizemos a pergunta ao Dr. Albert Wilson, dos laboratórios de Pesquisas Douglas, da Califórnia.

- Creio que alguma muito parecida com a hipótese de Kozyrev será ponto pacifico na teoria física nos dois próximos decênios, com implicações revolucionárias. Talvez seja preciso que se passe uma geração de trabalho para que o salto que ele deu venha a ser acrescentado ao corpo dos conhecimentos científicos. Certo ou errado esse tipo de especulação imaginativa sugere um novo modo de encarar o mundo e isto é sempre valiosíssimo

Um ilustre cientista ocidental também expôs a idéia do "tempo como energia". O notável físico teórico norte-americano Dr. Charles A. Muses (num Prefácio a Communication, Organizatïon, and Scïence, de Jerome Rothstein) (369) diz que o tempo, conquanto subjetivo, possui características quantitativamente mensuráveis: "Veremos finalmente que o tempo pode ser definido como o modelo causal fundamental de toda liberação de energia". Ele acredita que a energia liberada pelo tempo vibra ou oscila.

O Dr. Gardner Murphy, Presidente da Sociedade Norte-Americana de Pesquisas Psíquicas, tem observado com freqüência: "Quando tivermos uma nova compreensão do tempo, compreenderemos a ESP. Todas as peças se ajustarão". É pequeno o grupo de pessoas capazes de elaborar uma nova teoria científica do tempo. Dr. Nikolai Kozyrev é uma delas e a força do seu talento está agora canalizada nessa direção. Recentemente, ele aperfeiçoou o seu equipamento, de modo que a energia por ele cognominada "tempo" é ainda mais facilmente demonstrada no laboratório. (100)

Antes de sair de Pulkovo perguntamos, por simples curiosidade:

- Existe vida extraterrestre?

- É muito provável que exista, em algum lugar, - respondeu o Dr. Kozyrev. - Eu mesmo nunca a vi, mas talvez haja seres vivos em Vênus.

O astrônomo conduziu-nos para fora, passando pelos edifícios do laboratório, os quais, à semelhança da maioria dos prédios de Leningrado, são pintados a pastel, alguns de verde e branco, outros de branco e alaranjado. Grandes

massas de flores em pleno viço, sebes entufadas, trepadeiras em flor, fervilhavam ao Sol. Caminhamos até o ponto das montanhas de onde se avistava toda a cidade de Leningrado. Famosos pontos de referência rebrilhavam no meio da bruma: o domo dourado da Catedral de Santo Isaque, a flecha de ouro sobre o edifício do Almirantado e, por toda a cidade, os muitos canais e braços do Rio Neva, que conduziam ao mar, a abertura para o mar de que Pedro, o Grande, tanto desejara fazer a sua "Janela para o Ocidente".

Ao mesmo tempo em que aponta o imenso telescópio de Pulkovo para as profundezas azuis do espaço, ao mesmo passo que observa o rotativo giroscópio verde-mar em seu laboratório, Nikolai Kozyrev também tenta abrir uma "janela" - uma janela do espírito para uma nova e brilhante visão do universo. O seu tipo de reflexão teórica, que abarca toda a existência, poderia iluminar os enigmas que desafiam os seus colegas parapsicologistas. A penetração do Dr. Kozyrev no tempo e no mundo poderá levar à compreensão de que precisamos para reivindicar e usar, afinal, a dimensão psíquica em toda a sua variedade.

14

VISÃO SEM OLHOS

No principio da década de 1960 umas 300.000 pessoas viviam na cidade montanhosa dos Urais Nizhniy Tagil. Uma das mulheres que menos chamava a atenção na cidade era Rosa Kuleshova, tão desgraciosa e tão sem trato quanto uma

batata lavada e colocada sobre a pia da cozinha. Vivendo na cidade industrial de Tagil, orientada para a mineração, na fronteira entre a Europa e a Ásia, Rosa, com os seus vinte e dois anos, habitava us próprios sonhos. Desde os dezesseis anos, a menina baixinha, rechonchuda, com os vestidinhos utilitários estampados, dirigira grupos dramáticos para os habitantes da aldeia portadores de deficiências visuais. Vários membros da sua família eram cegos, e com eles Rosa aprendera a ler Braille proficientemente.

Um belo dia, Rosa notou algo estranho. Depois disso, um extravagante devaneio entrou a suplantar nela todos os outros: ensinaria os cegos a ver - a ver luz, cores, imagens, e até a ler sem a ajuda de Braille.

Na primavera de 1962, Rosa contou ao seu médico, Iosif M. Goldberg, que era capaz de ver com os dedos. Ele não se mostrou muito inclinado a acreditar nisso. Mas ela fez-lhe uma demonstração. Com os olhos cuidadosamente vendados pelo próprio Goldberg, moveu o terceiro e o quarto dedos da mão direita sobre folhas de papel, nomeando cores: "Verde, vermelho, azul claro, alaranjado". Goldberg colocou jornais, revistas, livros, debaixo dos dedos impossíveis de Rosa. A mão lia tão facilmente quanto os olhos. Parecia-se com a mão de qualquer outra pessoa, mas Rosa agia como se tivesse um segundo par de olhos na ponta dos dedos.

- Quando descobri pela primeira vez que eu podia ver com os dedos coisas impressas, - confessou Rosa ao Dr. Goldberg, - pensei que seria maravilhoso poder ler apontamentos guardados no bolso durante os exames da escola.

Goldberg, neuropatologista, verificou e reverificou. Finalmente, levou a sua paciente a uma conferência regional

da Sociedade de Psicologistas, que se realizou em Nizhniy Tagil no outono de 1962. Pela primeira vez na vida, Rosa sentiu uma porção de olhos focalizados em sua pessoa, embora não pudesse vê-los através das bandagens que os psicologistas lhe haviam enrolado em torno da cabeça. Os dedos notáveis de Rosa, contudo, viram a cor da roupa dos cientistas, as tonalidades dos objetos tirados dos bolsos deles. A sua mão "olhava" para uma pessoa numa fotografia. Ela descreveu a postura e a aparência do homem. Como o conseguia? Prática, explicou Rosa:

- Exercitei-me durante várias horas por dia nos últimos seis anos.

Com esse exercício de dois dedos, o nome Rosa Kuleshova não tardou a surgir nas manchetes. Os russos leram tudo o que se escreveu sobre ela. E o mundo inteiro também. "O enigma de Tagil", "o milagre de Tagil", apregoado por professores e decantado em toda a parte, desde o jornal do Partido até a Revista de Filosofia, Rosa foi levada a Moscou, aos laboratórios da Academia Soviética de Ciências. Ela emergiu célebre de tudo isso, certificada como autêntica. Era capaz de "ver" com a mão. Possuía o que os soviéticos, no primeiro momento, denominaram "o fenômeno de Rosa Kuleshova", o que os franceses chamam de "capacidade para-óptica", e a que os norte-americanos dão os nomes de "visão sem olhos" ou "dermo-óptica".

Como uma Pandora desajeitada, Rosa deu origem a uma série de confusos acontecimentos. Russos de olhos vendados puseram-se a mover os dedos sobre jornais e folhas coloridas de papel, como os seus avós manejavam as pranchetas de Ouija antes da revolução. Começou a moda da visão sem olhos. A própria Rosa se viu presa no torvelinho da fama e

acabou precisando de cuidados psiquiátricos. Mas longe dos jogos e das luzes da publicidade, os pragmáticos cientistas soviéticos principiaram a descobrir aspectos fascinantes, potencialmente valiosíssimos, da visão sem olhos e a desenvolver um novo método para todos sentirmos o mundo.

Possuirá Kuleshova, cuja aparência não tem absolutamente nada de extraordinário, alguma coisa realmente extraordinária, um genuíno e específico sexto sentido? Teria um novo sentido biológico caído como uma partícula casual dos céus evolutivos e pousado sobre Rosa Kuleshova em Tagil? Um grupo de cientistas dirigidos por um neurologista, o Dr. Shaefer, convidou-a para a sua primeira viagem científica a uma clínica psiquiátrica em Sverdlovsk, onde se desenvolveria um programa de estudos de seis semanas. (37) A moça, provavelmente, é supersensível à contextura do corante, pensaram os cientistas. Mas Rosa, com os olhos cuidadosamente vendados, colocada atrás de um grosso anteparo de papelão, identificou o vermelho, o verde e o amarelo, mesmo quando as folhas coloridas eram postas debaixo de papel transparente, celofane ou vidro. Ela foi capaz ainda de ler caracteres impressos e páginas de música debaixo do vidro. Se não reagia à contextura, reagiria, por força, a minúsculas diferenças de calor. O preto, o branco e as cores do espectro absorvem e refletem quantidades variáveis de calor. O Dr. Shaefer decidiu aquecer chapas tingidas de cores "frias" - roxas e azuis - e esfriar chapas tingidas de tons "quentes", avermelhados. A vista na mão de Rosa não fez conta do quente nem do frio; ela identificou facilmente as chapas termicamente falseadas.

De regresso a Tagil e cada vez mais famosa, Rosa passou a ser a principal paciente do Doutor Abram Novomeisky, que trabalhava no laboratório de psicologia do Instituto Pedagógico de Nizhniy Tagil. Novomeisky pediu a Rosa que identificasse a cor e a forma de uma curva de luz num oscilógrafo. Ela o fez. Solicitou-lhe que resolvesse um problema de aritmética projetado, pelas suas costas, numa tela semelhante a um vídeo. Depois de quinze minutos de exercícios, ela conseguiu ler os problemas aritméticos com os dedos.(141) Rosa aprendeu também a discernir a cor e a altura de líquidos num tubo de vidro. Como o Dr. Shaefer, Novomeisky se convenceu de que a mão de Rosa via, mas não através de um toque supersensível, nem através do calor. O segredo das mãos videntes talvez residisse num fator desconhecido da pele, capaz de sentir a luz. Com um pouco de prática supervisionada, Rosa já estava identificando arco-íris projetados na palma de sua mão. Novomeisky filtrou todo o calor do raio de luz. Mesmo assim, Rosa conseguia separar com facilidade as cores do espectro.

Veio, então, o convite para o baile na história da Cinderela científica. O prestigioso Instituto de Biofísica da Academia Soviética de Ciências de Moscou convidou a Srta. Kuleshova, com todas as despesas pagas, para submeter-se a uma série de experiências em seus laboratórios. (14-313) Rosa encontrou novos mentores, M. S. Smirnov e M. Bongard. Dia após dia, exibiu aos moscovitas a sua maravilhosa capacidade de ver com os dedos. Finalmente, falando em nome do Instituto, Smirnov declarou: "Rosa Kuleshova é capaz de ler um texto tocando-o; identifica cores e luz com as mãos". A essa altura, as duas mãos de Rosa tinham desenvolvido a visão sem olhos e

discriminavam as cores de tudo, desde gravatas e luzes até pétalas de flores e cabelos. Ela via as imagens dos selos postais e logrou localizar os brincos de uma mulher numa fotografia. A essa altura, ao passo que Rosa se erguia cada vez mais alto sobre uma pilha de provas sólidas, os cientistas soviéticos começaram a desconfiar de que tinha em seus laboratórios um mutante evolutivo. Desenterraram-se de repente velhos relatos há muito postos de lado. A Revista Russa de Medicina Neuropsicológica publicara, no início do século, experiências levadas a cabo com uma mulher dotada de visão nas mãos, à semelhança de Rosa.

Na década de 1950, o psicologista soviético Dr. A. N. Leontyev 'treinou um grupo de homens para estremar a luz verde da vermelha (cujo calor havia sido filtrado) projetadas nas palmas das suas mãos.

No fim da década de 1950, o parapsicologista Leonid L. Vasiliev relatou que a visão sem olhos fora provocada num paciente alcoólatra no Hospital Psiquiátrico de Polotsk. Hipnotizado, o homem recebeu ordens para ler as manchetes e o texto de uma notícia colocada debaixo de uma folha de papel transparente.

Enquanto Rosa fazia experiências nos grandes laboratórios de Moscou, os cientistas da sua cidade natal procuravam outras pessoas que pudessem ver com as mãos, obedecendo nisso à idéia soviética: se um pode, outros também podem. Primeiro, tentariam desenvolver a visão cutânea em voluntários; a seguir, procurariam descobrir os Gomos e os porquês.

O Dr. Novomeisky começou com oitenta estudantes de artes gráficas do Instituto Pedagógico de Nizhniy Tagil. Constatou que uma pessoa em seis era capaz de reconhecer a

diferença entre duas cores depois de meia hora de treinamento. Que é o que sentimos ao ver com as mãos?

Com os olhos cobertos por vendas pretas, à prova de luz, freqüentemente com a cabeça e os ombros atrás de um anteparo, os estudantes de Novomeisky passavam os dedos sobre folhas de papel colorido. Boris M. revelou-se um aprendiz particularmente rápido.

- Sinto uma sensação de agarramento, de puxamento, uma sensação pegajosa.

- Esse papel é vermelho, - disse Novomeisky a Boris.

Os alunos de Novomeisky e as pessoas treinadas em outros centros soviéticos concordaram mais ou menos em que as sensações produzidas pelas cores se dividem em sensações macias, pegajosas e ásperas. O azul claro é o mais macio. O amarelo, muito escorregadio, é menos macio. O vermelho, o verde e o azul-escuro são pegajosos. O verde é mais pegajoso do que o vermelho, porém menos áspero. O azul-marinho é o mais pegajoso de todos, porém mais duro do que o vermelho e o verde. O alaranjado é duro, muito áspero, e provoca uma sensação de travagem. O roxo produz um efeito de travagem ainda maior, que parece retardar a mão e é mais áspero ainda. (Observaram os experimentadores que os dedos dos estudantes treinados realmente se moviam com maior dificuldade sobre o roxo que trava e o vermelho que "pega" do que sobre o amarelo "escorregadio".) (142)

Considerando o espectro das cores, Novomeisky assinala que, ao partirmos de cada lado do verde, que é a cor mediana, a sensação pegajosa, áspera, aumenta à proporção que o dedo se encaminha para cada uma das extremidades da faixa.

De acordo com os soviéticos, o preto produz a sensação mais pegajosa, viscosa e trovadora de todas. O branco é macio, se bem provoque uma sensação de maior aspereza que o amarelo. À sua maneira autodidática, Rosa criou uma descrição diferente das sensações percebidas pelos seus dedos videntes. Sentia as várias cores como cruzes, linhas retas, linhas sinuosas, pontos. Era corno se respondesse mais diretamente a alguma espécie de campo das cores do que os estudantes.

Claro está que não existe nenhuma aspereza, viscosidade ou calor reais, mas essas novas sensações da visão cutânea eram assim traduzidas pela consciência. Novomeisky colocou lâminas de alumínio, chapas de latão e chapas de cobre vermelho sobre as folhas coloridas, aquecidas por baixo. Correndo os dedos sobre as várias capas metálicas, os estudantes de olhos vendados ainda diziam: "Isto se agarra a mim, é pegajoso", quando o vermelho ficava por baixo; ou então; "É muito macio", quando o azul-pálido se escondia sob o metal.

- Somente depois de muitas sessões a nova sensação passou a evocar automaticamente o verde ou o preto aos olhos da mente, - disse Novomeisky.

Se quisermos ensinar nossas mãos a enxergar, os soviéticos recomendam (154) que aprendamos, em primeiro lugar, a sentir a diferença entre duas cores de grupos diferentes - como o vermelho pegajoso e o macio azul-claro. Despertada a visão cutânea, sugerem os russos que tentemos separar as pedras de um jogo de damas em pilhas pretas e brancas, e as cartas de baralho em naipes vermelhos e pretos. Se quisermos competir seriamente com os soviéticos, teremos de continuar até que os nossos dedos consigam ler

tão bem quanto passeiam pelas páginas amarelas. Três voluntários de Novomeisky aprenderam a decifrar desenhos com os dedos, assim como a ler números e letras debaixo do vidro.

Poderíamos aprender a conhecer a cor de alguma coisa ou mesmo ler uma sentença simplesmente movimentando as mãos sobre ela como um bruxo de antanho? Os cientistas tentaram fazer que os estudantes passassem da visão manual por contato à visão manual distal (à distância).

A princípio, os estudantes russos não puderam realizar essa espécie de mágica, mas continuaram tentando. O Dr. Novomeisky, que acredita na existência de uma relação qualquer entre a visão sem olhos e os campos eletromagnéticos, pós o seu anel colorido numa bandeja isolada. Súbito, os estudantes entraram a reagir a alguma coisa acima da cor. As suas mãos sentiam algo no ar. Dir-se-ia que cada cor emitisse radiações até certa altura, estendendo-se a uma determinada distância no espaço. Pessoas diferentes sentiam as cores em alturas diferentes, mas os "degraus" para galgar o espectro eram semelhantes. Boris M. sentiu a "barreira" vermelha a 35,5 cm acima da página; Ludmila L. a 45,5 cm; Arkady A. a 71 cm; e Larissa L. a 78,5 cm. Para todos eles, o vermelho era o que atingia maior altura. O azul-claro era o que menos se estendia. (11-91-143)

No começo, os estudantes de arte só conseguiam identificar a cor por uma espécie de rebordo no espaço. À medida que a sua habilidade se requintou, Novomeisky começou a ouvir: "Isso queima como se minha mão estivesse sobre uma chama", ou "Isso parece gelado, é como se o frio saísse em forma de suor". Os estudantes soviéticos

elaboraram uma escala aproximada de sensações identificadoras. De um modo muito geral: o vermelho queima, o alaranjado aquece, o amarelo é apenas morno. O verde é neutro. O azul-pálido esfria, o azul-marinho gela, o roxo esfria e belisca ao mesmo tempo.

Além do calor e do frio, os estudantes também disseram que as cores picam, travam, apertam, beliscam e, ao que parece, assopram nas suas mãos.

Atualmente, os soviéticos estão tentando verificar se a visão sem olhos pode ser explicada pelo que já se conhece ou se envolvem princípios ainda ignorados da ciência. Alguma coisa que ninguém parece ter assinalado é que as escalas de cor e de sensação postas lado a lado pelos estudantes russos são muito semelhantes às escalas cotejadas há mais de cem anos por dúzias de pessoas dotadas de ESP que trabalhavam com um químico alemão, o Barão von Reichenbach. Essas pessoas, segundo se afirma, recolhidas a salas completamente escuras, eram capazes de ver uma força que emanava de cristais e outros objetos. "Há um pólo azul que produz uma sensação agradável de frio na mão. E há um pólo, entre alaranjado e vermelho, que tem calor, uma tepidez repugnante", afirmavam elas. Von Reichenbach deu a essa emanação desconhecida o nome de "força ódica".

Os soviéticos entraram a conjeturar: estará a pele captando o campo do objeto, estar-se-á auto-refletindo o campo da mão ou trata-se de alguma interação de campos? Os mistérios da visão sem olhos nos lembram, neste ponto, os enigmas da rabdomancia. Fosse o que fosse que estava acontecendo no reino hipotético dos raios e partículas, os estudantes, agitando as mãos, eram empurrados para uma nova dimensão. Eles experimentaram as rútilas variedades da

luz e da cor que coruscavam a sua volta de um modo inédito, mais íntima. Se a vista sem olhos não é um sentido novo, é uma nova sensação. Podemos sentir conscientemente a cor e a luz.

Para os estudantes de arte isso era um acrescentamento, se bem não fosse um grande acrescentamento. A visão sem olhos dificilmente poderia substituir o deleite visual de ver os vermelhos, os verdes, os alaranjados frescos de uma salada improvisada, quanto mais o resto do mundo. A conquista realmente memorável, implícita na visão sem olhos, está em seu possível emprego pelos cegos, as pessoas com que Rosa sonhava durante os seus longos anos de autodidaxia.

Depois de descobrir que alguns alunos do Instituto Pedagógico Sverdlovsk também poderiam adestrar-se na visão sem olhos, o Dr. Yakov Fishelev dirigiu-se à escola Pyshma para os cegos. (116) Ele pediu a uma menininha do segundo ano, Nadia Lobanova, que lhe estendesse a palma da mão. Em seguida, projetou luz na mão dela e disse: "Isto é vermelho". Depois: "Isto é verde". Em poucos dias, Nadia aprendeu a dizer corretamente o raio que lhe coloria a mão. Em poucas semanas aprendeu, rela primeira vez, a conhecer o resto do arco-íris. O Dr. Fishelev passou a menininha cega para o papel colorido. E, mais uma vez, ela aprendeu a reconhecer as cores. Fishelev colocou o papel debaixo do vidro. Nadia ainda reconhecia o seu novo mundo de cores. O Dr. Novomeisky apareceu em cena e escondeu as folhas coloridas debaixo de uma chapa de cobre. Quando Nadia identificou as cores, ele lhe contou que nem ele nem a sua professora podiam ver o que ela vira.

Nadia perdera a vista com menos de um ano de idade e não se lembrava das coisas que as outras pessoas chamavam de cores. Como foi que ela o determinou? "O vermelho é o mais quente", disse Nadia. Outra criança cega do segundo ano, Yuri, declarou: "O vermelho é áspero. Puxa os meus dedos".

Fishelev e cinco professores ensinaram mais dezoito crianças a sentir a luz e a conhecer o amarelo, o vermelho, o verde, o azul. Fishelev começou em maio de 1963 a tentar ensinar Nadia a distinguir os contornos das letras. Por semanas a fio ela fracassou. Mas Nadia e Fishelev continuaram. No dia 15 de outubro, a menina teve êxito. Reconheceu, pelos dedos, as letras de uma cartilha do primeiro ano. Leu a sua primeira palavra, que os soviéticos afirmam ter sido mir, e que significa, ao mesmo tempo, "paz" e "mundo" - o que é sumamente apropriado. Como a viagem a um novo continente, o descobrimento de um caminho, através do corpo, para a luz e para as cores exteriores poderia trazer um novo mundo a todos os cegos. Nesta década, a grande maioria dos exploradores tem sido constituída de soviéticos.

À medida que as crianças cegas, pouco a pouco, se encaminhavam para a sensação da cor, uma horda de jovens russos dotados de excelente visão empoleirou-se no carro da visão sem olhos, representando uma espécie de blefe nacional do cego. Pais leram o que se escrevia sobre a maravilhosa Rosa Kuleshova. Há quem diga que mais de 40 milhões de soviéticos a viram participar de um único programa de televisão. A mesma idéia sedutora pareceu estalar simultaneamente em centenas de lares russos. Talvez a Vaniazinha ou o Taniazinho também pudessem ver com as

mãos. Por que seriam menos talentosos do que a rapariga de Tagil? Enfeitadas de vendas para os olhos de todas as formas e cores, feitas em casa, inúmeras Vaniazinhas, Taniazinhos, Sashazinhos e Tashazinhos sentiriam instantaneamente a cor de um lápis ou de um livro, identificariam um objeto desconhecido, coma um pote verde. Ninguém mais teve mão na visão manual. Com uns poucos movimentos das palmas de suas mãos, as crianças, proclamavam os pais, eram capazes de ver imagens sob o tapete, o que papai escondera para elas debaixo do colchão, e até objetos guardados num cofre! Não há dúvida de que as academias abririam de par em par as suas portas para esses seres milagrosos e esqueceriam a mourejante Rosa. Durante breve espaço de tempo, as crianças foram levadas para Moscou; os cientistas precipitaram-se às cidades, próximas ou distantes, á fim de examinar essa epidemia de wunderkinder. A escritora russa G. Bashkirova narrou uma das peregrinações de uma comissão especial da Academia Soviética de Ciências para ver uma menina de dez anos, cujas extraordinárias capacidades haviam sido altamente apregoadas, numa cidadezinha industrial. Ela era uma das leitoras de "imagens através do tapete".

"A menininha já se acostumara à fama e suportava-a com dignidade, condescendendo em conversar com as visitas costumeiras." Em lugar de começar com a máscara especial para os olhos e a caixa de mangas pretas, usadas nos testes de laboratório, os cientistas puseram na criança óculos de motociclistas, de lentes opacas. Ela passou com facilidade pelos testes de identificação de cores envoltas em papel celofane. Estaria espiando, de um modo ou de outro? Eles seguraram as cartas acima da cabeça dela, depois mais à

direita. A cabeça da menininha inclinou-se para cima, virou ligeiramente para a direita.

"Discretamente, nós nos entreolhamos, ao passo que perto dali, todo derretido, deliciando-se com a filha singularíssima, estava papai." Deram-lhe cartas coloridas, fechadas em envelopes pretos. 'Estou tão causada', disse a menininha. 'Quero ir para casa.' (7)

A Srta. Bashkirova acrescentou que, pelo menos uma vez na vida se sentiu feliz por ter o nariz arrebitado como o da menininha. "Pus os óculos de motociclista e descobri que podia espiar, coisa que nenhum dos da', disse a menininha. 'Quero ir para casa.' (7)

Rosa Kuleshova também estava encontrando dificuldades para safar-se da confusão em que ela mesma se metera. A história da sua viagem a Moscou poderia resumir-se na frase célebre: "Cheguei, vi e venci". Mas quando voltou para Tagil com os lauréis da Academia, achou a vida chata. Telegrafou para Moscou: "Voltarei para dar mais espetáculos". Na capital, Rosa começou fazendo exibições perante cientistas, muitas vezes em suas casas. Fora da situação rigorosamente estruturada e controlada do laboratório, Rosa, como as crianças, começou a hesitar no meio de toda a sorte de afirmações fantásticas. Aceitou desafios que sabia incapaz de enfrentar, como o de ver uma cor colocada debaixo de três cartapácios. Fracassou. "Não se incomodem. Possa fazer coisas ainda melhores." Rosa afirmava que podia ler através de uma mesa, identificar uma imagem sentada sobre ela. Começou a dizer coisas desconexas sobre os cegos. Era evidente que todos agora poderiam aprender a ver. Bastar-lhes-ia aprender umas poucas regras simples que ela já conhecia. Mas só sabia

dizer coisas vagas quando lhe pediam que se explicasse. Recorreu ao palco científico.

A escritora Bashkirova, comprimida no meio do público erudito que foi assistir a "Uma noite com Rosa", contou que ela subiu ao palco como uma diva para receber a adoração dos fãs. Foi uma noite barulhenta e quente. As pessoas trepavam nas cadeiras para ver melhor a mulher-maravilha. "Razoavelmente modesta, porém faceira, dirigindo-se ao público, ela declama versos e faz piadinhas." As pessoas pedem-lhe que se movimente no palco a fim de poderem vê-la melhor. "Ela identifica uma carta de baralho com a mão - uma tempestade de aplausos. Pobre Rosa, como os seus patrões a estão estragando sem o saber! [...] No tumulto geral, a oportunidade de espiar surge dez vezes - como poderia deixar de fazê-lo, para ter maior certeza, quando centenas de olhos entusiasmados não se despegam dela! Uma santa não conseguiria ter mão em si!" conclui Bashkirova.

Rosa não era inteligente. Logo depois era apanhada com tamanha facilidade que o seu comportamento lembra mais um estado mental em vias de desintegração do que a própria charlatanice. Rosa perdeu peso, sentiu-se mal (era epiléptica desde que tivera uma infecção cerebral aos catorze anos); chorava o tempo todo. E o que ainda mais deprimia os seus apoiadores, como a escritora Bashkirova, é que estava perdendo a capacidade de ver com as mãos. (Os pesquisadores na Rússia e nos Estados Unidos chegaram à conclusão de que o tumulto emocional e a doença freqüentemente anulam a visão cutânea.) Com o auxílio de Smirnov e Bongard, da Academia de Ciências, o Dr. Gellerstein, seu professor favorito, finalmente atalhou as

dificuldades e tentou salvar o que ainda restava da pobre Rosa. Também queriam salvar os primeiros e sólidos testes feitos com ela, que a Academia ainda reconhecia.

Rosa gostava de jogar cartas. Os cientistas induziram-na a ler cartas com os dedos. Logo depois, com os olhos novamente vendados, atrás de anteparos, um grande pedaço de papelão ajustado em torno do pescoço e estendido como uma mesa, a mão coberta por um pano preto para maior controle, Rosa voltou a determinar a cor dos raios de luz, a reconhecer listras claras e escuras no papel, e a ler letras miúdas.? Às vezes, enquanto as suas mãos liam, um dos cientistas, atrás dela, comprimia-lhe as pálpebras com os dedos, empregando nisso, dizem os soviéticos, uma pressão de centenas de quilos. Ninguém pode espiar quando alguém lhe comprime os globos oculares. Mesmo depois que se suspende à prolongada pressão e os olhos se abrem, a pessoa ainda assim não pode ler durante vários minutos. Mas foi a própria Rosa, e não um cientista sádico, quem imaginou esse método excessivamente direto, porém eficaz, de provar que a sua pele via e lia.

Quando o repórter Bob Brigham, de Life, (368) a visitou na clínica de Moscou em 1964, ela apertou os próprios olhos fechados, com força, com os dedos dele. E assim identificou cores - azul e alaranjado - primeiro esfregando as mãos no papel e, em seguida, movimentando-as sobre as cores, a uma distância de 15 cm. Brigham decidiu experimentá-la com os seus cartões de visita, de que ela não poderia ter conhecimento. Rosa leu as letrinhas miúdas sem um erro - com o cotovela. "Mesmo que ela tivesse podido espiar", afirmou Brigham, "não teria visto o cartão, completamente oculto pelo seu antebraço".

O Dr. Gregory Razran, chefe do departamento de psicologia do Queens College de Nova Iorque, e especialista em psicologia soviética dos Institutos Nacionais de Saúde, levou Life à surpreendente Rosa. Razran examinou-a na Rússia e conferenciou com os Drs. Novomeisky e Goldberg.

Falando para Life sobre o descobrimento soviético da visão sem olhos, disse o Dr. Razran: "Trata-se, afinal de contas, do tipo de coisa em que a gente automaticamente não acredita. Já não existe, porém, a menor dúvida em meu espírito sobre a validade dessa obra".

Em toda a minha vida, não consigo lembrar-me de nada que me tenha emocionado mais do que a perspectiva de abrir novas portas à percepção humana. Mal consigo dormir à noite. [...] Ver sem olhos - imaginem o que isso pode significar para um cego!"

No meado da década de 1960 havia, segundo se propalava, numerosos russos com uma visão cutânea plenamente desenvolvida; uns poucos, como Tania Bykovskaia, pareciam ter chegado a ela naturalmente. Aluna do sétimo ano, Tania foi "descoberta" pelo seu professor de biologia. Na primeira tentativa, disse a cor de uma caneta. O professor começou a fazer experiências e Tania, dali a pouco, conseguia identificar uma gravura num livro passando os dedos sobre ela. Uma comissão do Instituto Médico de Kuban, em Krasnodar, examinou-a. Relatou a comissão que, embora tivesse os olhos muitos bem vendados, ela foi capaz de dizer as cores de duas bolas escondidas da sua vista, mas não da sua mão, atrás de um biombo. Também descreveu imagens de um machado, de tenazes e de um despertador. Tania explica como descobriu a sua visão sem olhos:

- Cerra vez, enquanto eu estava deitada na cama, apanhei um livro e conheci o título sem olhar para ele. Mas não achei que isso fosse importante. (401)

A maioria dos novos possuidores da visão sem olhos não foi chocada ao calor do entusiasmo popular. Foi treinada por cientistas. Na Conferência Científica da Divisão de Ural da Sociedade de Psicologistas, em Perm, em 1965, o Dr. S. N. Dobronravov de Sverdlovsk afirmou que até 72% das crianças têm possibilidades de visão cutânea, "mais notável nas crianças de sete a doze anos". Nessa conferência, os cientistas "supersensacional, carnavalesca" que estava prejudicando os pacientes e a tranqüilamente se os pacientes fossem concordaram em que a atmosfera paira em torno da visão sem olhos investigação. O trabalho continuaria desconhecidos do público.

Calmamente, o Dr. Novomeisky tentava obter informações para ajudar os cegos. Ele descobriu que os adultos cegos não desenvolvem a prática da visão sem olhos com a mesma presteza das crianças cegas. Os adultos provavelmente não acreditavam que as mãos pudessem ver. Além disso, a sua sensibilidade tátil adquirida e o hábito de tentar "ler" as contexturas bloqueavam a percepção das sensações dermo-ópticas. Mas quando Novomeisky colocou papel colorido em bandejas "insuladas", dez adultos cegos experimentaram de chofre todas as sensações da vista sem olhos conhecidas dos estudantes videntes.

- Com a bandeja insulada, - referiu Novomeisky, - não encontramos uma única pessoa cega que não manifestasse tendências positivas para a visão cutânea. (143)

A idéia da insulação surgiu enquanto Novomeisky tentava compreender o mecanismo da visão sem olhos.

Alguns cientistas aventaram a hipótese de que as pessoa talentosas dotadas de visão cutânea possuem células especiais - bastonetes e cones, como os que se encontram nos olhos - na pele dos dedos. Outros se inclinavam para uma hipótese "radiante", julgando que a capacidade pudesse ser causada por raios infravermelhos ou mesmo raios radioativos de isótopos existentes no corpo que carambolavam nos objetos e voltavam à palma. Novomeisky desconfiou de alguma interação de campos eletromagnéticos. Observou que, estando o material ou as mãos "ledoras" de cegos ligados a terra, a visão sem olhos se anulava gradativamente.

Parece que a eletricidade tem alguma relação com a visão sem olhos. E à luz também. Como a vista normal, a vista cutânea diminui na penumbra e geralmente cessa no escuro. Dois alunos videntes de Novomeisky revelaram-se capazes de ler com a mão em câmaras especiais à prova de luz. E Rosa conseguiu ler grandes letras numa sala escura; conseguiu também determinar a cor de alguns corantes de anilina, meias de algodão e lápis.

Novomeisky colocou o seu melhor estudante de arte, Boris M., sob intensa luz vermelha. Boris não pôde identificar cores debaixo dessa luz; aliás, ninguém pode fazê-lo com a visão normal. Mas Boris também não conseguiria identificar cores à luz do Sol quando tentou fazê-lo pela primeira vez. Depois de alguns exercícios, começou a notar que havia uma diferença de sensação entre as cores mesmo debaixo da luz vermelha. Depois que aprendeu a identificar as diferenças, a sua mão viu o que seus olhos não viam - as cores sob a luz vermelha.

Novomeisky ensinou Vasily B., um metalúrgico, que cegara completamente sete anos antes, a conhecer novamente as cores com a mão pelo toque e a distância. Quando lhe apresentaram um papel prateado, Vasily disse:

- Uma coisa esbranquiçada, como se fosse cinzenta... não, é a cor do metal, do aço azulado.

Percorrendo com os dedos um papel avermelhado, cor de cereja, Vasily disse:

- É quase vermelho. Cor de cereja. É a cor das cerejas quando ainda não estão maduras. (154)

Ao se desligarem as luzes, Vasily, como os treinados videntes, sentiu que a visão cutânea lhe deixava a palma das mãos, os dedos, e então, "sensações, por assim dizer, lhe fluíam da ponta dos dedos para o espaço". A luz acendeu-se. "Luz! Posso sentir a luz que esta voltando!" exclamou Vasily, tremula. Estava profundamente comovido. Pela primeira vez em sete anos, sentia o desaparecimento e a volta da luz.

- Os cegos deveriam viver em salas brilhantemente iluminadas, -declarou Novomeisky. Quando uma lâmpada de trezentos watts substituía a costumeira lâmpada de cem watts do laboratório, o cego Vasily sentia a "barreira da cor" de um objeto a uma distância muito maior, que chegava até a 90 cm. A cor da luz na sala também faz diferença. O semelhante acentua o semelhante. Numa iluminação azul, por exemplo, o azul é muito mais fácil de ser identificado. Pode-se senti-lo a uma distância maior. (143-144)

Estas simples observações soviéticas, se continuarem a ser confirmada, poderão ser de muito maior ajuda para os cegos do mundo do que a tentativa de substituir o Braille pela visão sem olhos. Se certos objetos críticos, como

maçanetas de portas, torneiras, telefones, alças de potes, pratos, principalmente objetos móveis, foram coloridos, digamos, de amarelo numa sala brilhantemente iluminada par lâmpadas amarelas, os cegos poderão ser capazes de ver com a pele quase tão facilmente quanto nós localizamos urna cafeteira com os olhos.

Tanto o cego Vasily quanto Genady G., portador de uma deficiência visual, aprenderam a determinar letras e números passando as mãos com cuidado, no ar, acima deles. Genady, embora tivesse a vista tão má que não conseguia ler nem as letras maiores, teve os olhos cuidadosamente vendados como precaução adicional. Os registros do Dr. Novomeisky esclarecem que ele pôde identificar sete números, de 6,5 cm de altura, à distância, na primeira tentativa. Nas sessões seguintes, leu com facilidade uma dúzia de números extensos como 606, 16904, 4906137.

O Dr. Iosif Goldberg, o descobridor de Rosa, concluiu, trabalhando com cegos, que aqueles cuja deficiência é causada por avarias do olho ou do nervo óptico podem desenvolver a visão sem olhos. Mas as pessoas portadoras de lesões nos centros ópticos do cérebro são incapazes de ver com a pele.

Novomeisky descobriu também que as mãos podem ler letras a uma altura maior acima dos textos quando colocados sobre chapas carregadas de uma corrente fraca de eletricidade positiva. Mais uma vez, os soviéticos partiram no encalço de uma descartada capacidade humana, acariciaram-na, treinaram-na, e depois tentaram utilizá-la praticamente com dispositivos auxiliares artificiais. Poder-se-ia, acaso, aperfeiçoar uma espécie de atril de leitura,

ligado a uma corrente, para ajudar os cegos a ler ou, pelo menos, a ver imagens?

À parte os cientistas do Ural, outros pesquisadores estão tentando explorar a visão sem olhos em benefício dos cegos. Em Yerevan, antiga capital da Armênia, o laboratório de biofísica da Academia de Ciências local treinou estudantes com êxito. Um segundanista de universidade, cego, chegou a aprender a "ver" com as mãos enfiadas em luvas de borracha.

Algo ainda mais estranho estava acontecendo em Odessa, no Laboratório de Fisiologia da Visão do Instituto Filatov. O Dr. Andrei Shevalev ensinou a visão sem olhos a Vania Dubrovich, de oito anos de idade, que perdera a vista nos primeiros tempos de vida. Os seus olhos e os seus nervos ópticos tinham sido extraídos. A turma de Shevalev entreviu uma possibilidade mais interessante para ela na visão cutânea do que na leitura pela ponta dos dedos. Shevalev ligou uma lente à testa de Varria. O menino aprendeu a sentir a luz através da lente, a discriminar níveis de claridade. Shevalev falou em experiências para desenvolver a vista sem olhos na testa, depois em novos trabalhos com lentes ópticas para tentar focalizar objetos do meio das sobrancelhas. Finalmente, os soviéticos esperam que esses "óculos" da pele permitam aos cegos obter os seus pontos de referência e orientar-se com maior facilidade em quaisquer ambientes. (202)

Isto evoca uma imagem ocultista do monóculo para o terceiro olha. Mas os soviéticos afirmam que toda a nossa pele tem possibilidades de visão. Nos laboratórios, Rosa aprendeu a ver com a mão esquerda e, depois de duas semanas de prática vigiada, os dedos dos pés começaram a

conhecer fracas sensações de cores. Uma estudante de música de Karkov, de nove anos, Lena Bliznova, testada em institutos conceituados, via, segundo se afirma, com as mãos, os ombros e o estômago. Existem relatos de outros treinandos que sentem a luz e a cor com a língua, o cotovelo e o nariz. Parece ser possível, com a prática, conhecermos a vermelho, o verde, o amarelo, todo o espectro enfim, com todo o nosso corpo, uma expansão sensorial a ser acrescentada ao aparelhamento dos artistas mais versáteis. Ver com todo o corpo, sentir a cor, soprar, premir, puxar, aquecer, e gelar, é a sinestesia, a substituição dos sentidos, é ver a música, é ouvir o perfume, celebrada por poetas como Baudelaire, proclamada pelos comedores de cubas de açúcar com LSD.

Não poderiam a leitura da imagem, a identificação da cor, ser realizada por telepatia ou pela clarividência, em lugar de realizar-se pela visão cutânea? Talvez o sejam, conforme a ocasião. Os soviéticos, todavia, dizem que Rosa Kuleshova não revelou capacidades psíquicas. Em Odessa, o Dr. Shevalev referiu que os seus colegas haviam descoberto poder influenciar, muitas vezes, por telepatia, uma criança que tentava desenvolver a visão sem olhos. Por isso mesmo, todos os testes do instituto e os do centro da cidade de Magnitogorsk são elaborados de modo que ninguém sabe qual é a cor que uma criança está lendo no momento.

O mundo científico norte-americano tem dado às notícias sobre Rosa Kuleshova o desdém que se dá ao que é novo e não ortodoxo. Surgiu, porém, uma mulher de Michigan, Patrícia Stanley, capaz de fazer muitas coisas que Rosa fazia. Aqui e ali, uns poucos cientistas começaram a examinar a visão sem olhos.

Um homem pelo menos não pode deixar de observar a comoção soviética em torno da visão sem olhos sem um dar de ombros gaulês. Jules Romains, o romancista francês, agora com mais de oitenta anos, publicou um estudo original de visão dérmica em 1920. Tendo estudado fisiologia e histologia, ele afirma ter focalizado a visão sem olhos porque "eu esperava o advento de uma psicologia da descoberta, que estaria muito menos preocupada com a multiplicação de discursos inteligentes sobre fatos há muito conhecidos do que ansiosa por descobrir novos materiais. A identificação de um sentido ainda ignoradas encabeçava o programa de uma psicologia da descoberta". (367)

Muito antes dos soviéticos, Romains descobriu que toda a pele tem capacidade de visão ou, como ele a imaginou, capacidade para-óptica. As mãos e o rosto são as partes mais sensíveis. Os pacientes de Romains também aprenderam a conhecer as cores, a ler caracteres impressos, e a sentir a distância por meio da visão cutânea. Uma comissão especial de oftalmologistas verificou com êxito alguns dos seus pacientes. Outros fizeram demonstrações do novo sentido diante de luminares como Henri Bergson e Anatole France.

Reportando-se ao seu tratado, publicado há muito tempo na França e nos Estados Unidos, e à sua teoria sobre o que dá ensejo à visão sem olhos, Romains escreveu: "Eu estava esperando que isso fosse explicado e discutido por outros. Quarenta anos depois ainda estamos longe da meta". Ele observa que os cientistas russos e norte-americanos podem perder o seu tempo explicando a visão sem olhos, se o quiserem, "mas deveriam, pelo menos, ter a decência de não anunciar os seus modestos resultados como um descobrimento sem precedentes".

Uma pessoa que Jules Romains jamais acusou de falta de originalidade foi Rosa Kuleshova. Rosa sempre foi havida por instável, dona de uma personalidade mórbida, e agora parece que está esquizofrênica. Não obstante, teve, sozinha, a idéia maluca de que a pele pode ver. É menos culta que os estudantes que se ergueram na sua esteira, que aprenderam a ver sem olhos muito mais depressa do que ela. Mas eles não estariam tentando distinguir o vermelho do verde com os dedos se não fosse por ela. Foi Rosa quem pôs em movimento a pesquisa contemporânea sobre a visão sem olhos. Em conseqüência desse trabalho, os cegos talvez possam, um dia, mover-se um pouco mais facilmente num mundo refletido de luz e de cor, e nós, os outros, talvez encontremos a nossa vida sensorial um pouco mais cheia.

Hoje em dia, na União Soviética, a visão sem olhos tem um nome novo, mais bonito: "bio-introscopia". Quanto mais se aprofundam os soviéticos na bio-introscopia, tanto mais estranhos, tanto mais fantásticos parecem os seus descobrimentos. De acordo cota a última remessa de artigos científicos, estudantes treinados são capazes de determinar a cor de um objeto depois que ele foi retirado. (40) É como se um objeto deixasse um vestígio colorido no ar. O principal impulso da pesquisa bio-introscopia centraliza-se agora na descoberta do mecanismo da visão sem olhos. Talvez seja um fenômeno eletromagnético, como desconfia Novomeisky. Entretanto, outros cientistas assinalam que os próprios testes de Novomeisky mostram uma força que na realidade não se comporta como nenhuma forma conhecida de eletricidade, embora tenha analogias com o magnetismo. Talvez haja também, pensam os russos, um traço de outra

força no "Fenômeno Kuleshova", qualquer coisa relacionada com os mistérios da rabdomancia ou do PK.

Quanto ao que existe por detrás da visão sem olhos, o norte-americano Dr. Razran disse a Life: "Pelo que sabemos, isso pode revelar-se uma espécie inteiramente nova de força ou radiação, até agora não detectada nem pressentida. Não há nada ridículo na idéia. Afinal de contas, a história do descobrimento nesse campo resume-se em termos sentido primeiro alguma coisa, depois penetrado no mar de energia que nos cerca e procurado o que pode ter causado a sensação".

Se realizar alguma das promessas da visão sem olhos soviética, algum crédito terá de ser concedido ao pequeno ninguém de Tagil, que teve um palpite, depois um sentido de missão, e pôs-se a trabalhar, por conta própria, conseguindo que os seus dedos vissem. Só por isso, Rosa Kuleshova merece ser chamada alguém.

15

RABDOMANCIA: DA "VARINHA MÁGICA" AO "B.P.E."

A leste das lendárias cidades asiáticas de Tashkent e Samarcanda, no luxuriante vale das montanhas que bordejam a China, ergue-se a deslumbrante e branca cidade de Alma-Ata, quase enterrada em jardins e perfumada pelos milhares de flores que lhe decoram as ruas. Nos arredores desta capital de Casaquia, onde crescem em profusão

damasqueiros selvagens e macieiras, alguma coisa aconteceu na manhã do dia 21 de outubro de 1966 que teria surpreendido o antigo conquistador dessa área, Gengiscã.

Ao lado do Rio Alma-Atinka, duas imensas montanhas explodiram de repente e foram espatifar-se nas ravinas, lá embaixo. Torrentes de pedra vieram abaixo em conseqüência dessa explosão, provocada pelo homem. Três milhões de metros cúbicos de rochas desceram, cascateando sobre três quilômetros de obstáculos.

Um grupo de pesquisadores, muitos dos quais vindos da famosa Universidade de Kirov, de Alma-Ata, observaram as montanhas detonadas de vários pontos de observação. O Dr. Valery Matveev, chefe do Grupo de Levantamento Geológico de Alma-Ata, registrou em seu diário: "Estávamos a dezesseis quilômetros do local da explosão. A nossa turma fez observações por mais de meia hora antes da explosão. Os nossos instrumentos registraram duas nítidas anomalias geofísicas debaixo do solo em que estávamos".

A explosão sacudiu a tranqüila manhã de Alma-Ata, as casas estremeceram nos alicerces, os quadros caíram das paredes, os vidros retiniram. A água dos canais da cidade esparramou-se pelas ruas. A turma de geologia de Matveev tornou a fazer o mapa da região que ela já tinha cartografado. De repente, os seus instrumentos registraram mudanças crescentes nas curvas das duas anomalias. Durante dezesseis minutos os gráficos "se fragmentaram", os perfis tornaram-se cada vez maiores. No vigésimo minuto, uma terceira força subterrânea apareceu de repente. "Nas horas que se seguiram, o quadro da zona subterrânea modificou-se estranhamente. Depois de quatro horas, todas essas variações desapareceram. As duas primeiras curvas que tínhamos

registrado antes da explosão tomaram forma outra vez." (157)

A única coisa naquela manhã de outubro em Alma-Ata que não teria sido estranha a Gengiscã era o principal instrumento de registro utilizado pela turma de Matveev. Ao lado de magnetômetros e outros petrechos geológicos, os geólogos soviéticos percorriam a zona cujo levantamento estavam fazendo com varinhas mágicas! As estranhas reações à explosão registradas pelas varinhas são outro mistério que os soviéticos terão de explicar em sua investigação completa da rabdomancia. Nos últimos anos, os russos compilaram grande quantidade de dados acerca da rabdomancia.

Por mais de sete mil anos, a arte da radioestesia (ou seja, a sensibilidade às radiações) tem sido praticada - e inclui a rabdomancia da água e de todas as especiais de coisas, desde minérios até tesouros enterrados, com uma varinha ou pêndulo hidroscópico. As histórias sobre os poderes aparentemente sobrenaturais de rabdomantes para descobrir assassinos e ladrões com a varinha fazem parte do folclore. Baixos-relevos do Egito primitivo mostram hidromantes equipados com varinhas hidroscópicas e até com capacetes providos de antenas. Reis da antiga China, como King Yu (2200 a.C.), são retratados carregando varinhas mágicas.

Hoje, nos jângalas mortais do Vietnã, engenheiros da Primeira e da Terceira Divisões de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos também usam varinhas hidroscópicas - agora com propósitos de sobrevivência - afim de localizar com êxito minas escondidas em túneis e granadas de morteiros enterradas.

Que é o que faz uma varinha hidroscópica mover-se quando um rabdomante caminha sobre um túnel ou sobre um curso d'água subterrâneo? Será o homem sensível às "radiações" de vários objetos? Por que os rabdomantes de muitos países referem um sem-número de histórias de êxitos, ao passo que a maioria dos cientistas no Ocidente não titubeia em afirmar que nunca assistiu a um teste aceitável de rabdomancia?

Sem poder exibir um atestado apropriado, científico, de nascimento para explicar a sua origem, a rabdomancia tem existido no Ocidente como um enjeitado, fora do domínio da ciência. Na União Soviética, os cientistas adotaram esse órfão. Na URSS, a rabdomancia é um campo legítimo de estudos científicos. Os principais institutos de geologia de Moscou e Leningrado têm grandes grupos de geólogos, geofísicos e fisiologistas que estão investigando a rabdomancia.

O Dr. A. A. Ogilvy, Presidente do Departamento de Geologia da Universidade de Moscou, anunciou 157 que os soviéticos "se achavam no limiar de um renascimento do antigo campo da prospecção - o descobrimento da base científica da rabdomancia. A rabdomancia será usada para resolver problemas e poderá suplantar muitos métodos geofísicos contemporâneos." E acentuou para o seu público soviético: "Não há nada de místico na capacidade que tem o corpo do homem de reagir a minas ou à água subterrâneas".

Talvez seja mais difícil para os cientistas soviéticos ser tão céticos da rabdomancia quanto os seus equivalentes ocidentais. Muitos cientistas russos acham que podem operar com êxito a varinha hidroscópica. Não se restringem a verificar as afirmativas dos rabdomantes; podem estudar em

primeira mão o fenômeno da radioestesia. Geólogos experimentados, estão em melhores condições para interceptar as ações da varinha hidroscópica.

Há alguns anos, o Professor G. Bogomolov, ilustre geólogo soviético, apanhou a antiga "varinha mágica", como lhe chamam os russos. Para sua surpresa, descobriu que poderia determinar a profundidade de cursos d'água e cabos subterrâneos, e até o diâmetro de canos de água. O Dr. Bogomolov e dois hidrólogos, os Drs. Tareev e Simonov, compenetraram-se de que a rabdomancia era mais que uma "crença mística" ou uma auto-sugestão. Um depois do outro, os testes mostraram que o homem parecia possuir a estranha capacidade de sentir substâncias situadas profundamente na terra. Esse talento é vital para a ciência; precisa ser compreendido e usado, pensaram eles. Na era fechada de Stalin, tiveram a ousadia de dar a lume as suas conclusões sobre a varinha mágica numa publicação científica, a Revista de Eletricidade, de janeiro de 1944.

Poderia realmente funcionar a rabdomancia? O artigo provocou controvérsias no seio da comunidade científica. Reuniram-se comissões. Mais de cem homens, alguns de um instituto de geologia, outros do Exército Vermelho, receberam a incumbência de participar de atividades rabdomânticas em grande escala. "Vocês terão de encontrar cabos elétricos, canos e nascentes de água", disseram-lhes.

Os cem rabdomantes bem dirigidos, cada qual com um galhinho de árvore em forma de Y, passaram a percorrer lentamente a terreno. Cada homem segurava o galho pela extremidade forquilhada, mantendo-o paralelo a terra. No momento em que passavam por cima de um cabo elétrico ou de água subterrânea, a extremidade livre do galho se

abaixava ou levantava. A inclinação do galho para cima ou para baixo dependia, segundo os soviéticos, da direção em que fluía a corrente no cabo ou do curso d'água.

As comissões científicas chegaram a uma conclusão: "Sim, a rabdomancia funciona. A 'varinha mágica' é o mais simples de todos os instrumentos eletrofisiológicos concebíveis". Elas descobriram que a forquilha de madeira revela uma supersensibilidade a objetos subterrâneos nas mãos de um ser humano. A força da misteriosa atração exercida sobre o galhozinho chegou a cem e até mil gramas por centímetro.

Nada parecia defender os humanos da sensibilidade às radiações que movimentavam a forquilha. Por mais depressa que caminhasse o rabdomante ou por mais cuidadosamente que se protegesse com chapas de borracha ou de aço, ou mesmo com uma armadura de chumbo, a varinha hidroscópica continuava reagindo nas suas mãos à água subterrânea. E a varinha só se mantinha imóvel quando a água corria no interior de uma mangueira de borracha.

O galho forquilhado usado pelo rabdomante soviético tinha de ser cortado de uma árvore sombrosa. Mas depois de dois ou três dias a sua sensibilidade diminuía muito, e o rabdomante precisava ir procurar um salgueiro, um pessegueiro, uma hamamélide e arrancar outro galho. Os russos descobriram que, se o galho se quebrasse acidentalmente e o rabdomante tentasse emendá-lo, a "magia" desaparecia.

Serão as mulheres melhores rabdomantes do que os homens? Os russos procederam a uma série de duzentos testes. Em 20% das experiências feitas com homens e em 40% das experiências realizadas com mulheres, a varinha

hidroscópica principiava a mover-se logo que o rabdomante chegava a um lugar onde havia um estrato de chumbo, zinco ou ouro, a uma profundidade de 73 metros. (187-214)

Depois de muitas experiências, minuciosamente avaliadas por métodos estatísticos, os russos concluíram que a varinha mágica pode ser usada com notável sucesso na solução de problemas técnicos: localização de cabos elétricos subterrâneos, canos de água, pontos estragados em redes de cabos; e também na procura de minerais e de água. O hidromante tcheco S. Dokulil contou aos russos em 1961 que se dedicara à localização de poços com a varinha hidroscópica para cooperativas em toda a Tchecoslováquia durante trinta e dois anos. (Na Tchecoslováquia ficamos sabendo, através de cientistas, que "o Exército tcheco provou concretamente a natureza prática da rabdomancia em condições de guerra". A revista do exército tcheco, periscópio, em 1966, estampou um artigo especial sobre o possível emprego da parapsicologia na guerra, incluindo a rabdomancia.)

Hoje em dia, a rabdomancia está escondida na ciência soviética sob um novo nome, seguro e desmistificado - o Método dos Efeitos Biofísicos ou "BPE" - afim de ocultar-lhe as origens mágicas. E claro que o principal objetivo de todo esse trabalho sobre o BPE é descobrir os enormes recursos naturais das terras soviéticas. A despeito, porém, de toda a sua pressa em utilizá-lo, os russos não estão negligenciando outro fator da inclinação da varinha mágica - o "por que" de tudo isso. Que espécie de "comunicação a distância" haverá entre o corpo, a varinha e o minério enterrado debaixo de toneladas de terra? A compreensão da energia ou das forças aparentemente misteriosas envolvidas

no processo, poderia, a longo prazo, revelar-se mais valiosa do que o descobrimento de água na região vu de ouro nas montanhas. Talvez seja uma energia que já conhecemos, como o eletromagnetismo, ou talvez v homem possua um órgão sensorial incógnito que capta informações transmitidas por minerais. As suposições se intensificaram à medida que a pesquisa da rabdomancia se expandiu em meados da década de 1960.

O soviético que dirige o renascimento da rabdomancia é um insigne cientista de Leningrado, especialista em geologia e mineralogia e autoridade em rabdomancia, o Dr. Nikolai Sochevanov. No verão de 1967, dirigiu uma expedição ao Zabaikal na região setentrional da Quirguízia, perto da fronteira da Rússia com a China. O próprio Sochevanov serviu de "operador" - sinônimo atualizado de "rabdomante".

Terá um vasto e poderoso rio, uma massa de energia colossal e precipite maior efeito sobre a sensibilidade do nosso corpo do que um corregozinho? Se estivermos sobrevoando um terreno acidentado, alguma parte nossa reagirá à força dos rios e dos cursos d'água, à profundidade das minas, e as medirá? O diário de Sochevanov, escrito durante a expedição, contém alguns dados a respeito. "Voamos sobre o Rio Chu. O "índex" (vara hidroscópica) mostrou o perfil costumeiro de uma seção úmida. Mas o rio, a despeito da vasta quantidade de água e da velocidade da corrente, não fez o "índex" reagir de maneira especialmente forte. Só perto da praia, de cada lado, a força era tão grande que obrigava a vara hidroscópica a fazer uma revolução. Tudo indica que o atrito da água com a praia era uma causa dessa liberação de energia. A água não parece influenciar muito vigorosamente v homem onde uma imensa quantidade

de água se move a grande velocidade, senão onde ela satura uma grande massa de solo e se move lentamente ao longo de pequenos capilares."

Os depósitos minerais que se acham debaixo da terra emitem alguma espécie de radiação a que nós, de uma forma ou de outra, somos sensíveis?

"As minas influenciam a vara hidroscópica tão fortemente quanto a água", diz Sochevanov. "Quando cruzamos um rio, o indicador pode fazer duas rotações e, quando cruzamos um riacho, uma. Mais sobre um depósito de chumbo, logo abaixo da superfície, a vara hidroscópica girou dezoito vezes. Dezoito revoluções num trajeto de menos de dez metros de comprimento! Está claro que isso ocorreu acima de um depósito muito espesso de minério. Mas os nossos "operadores" também localizaram claramente depósitos de minério de apenas 7,5 cm de espessura a uma profundidade superior a 150 metros."

A força que move a vara parece tão grande que pode, às vezes, arrancá-la das mãos do operador. Mas enquanto este a segura, a vara descreve círculos.

Sochevanov decidiu aposentar a tradicional varinha mágica russa de madeira em forma de Y e criar uma vara que girasse com facilidade. O número de rotações, pensou ele, seria uma boa indicação da força que estava tentando medir. Pez o seu instrumento de aço. À diferença da vara de madeira recém-cortada, a de aço pode ser usada em qualquer tempo do ano em qualquer número de experiências.

Para fazer uma vara hidroscópica ao jeito soviético, precisamos de um pedaço de arame de aço de 1,50 m de comprimento e 1/8 de polegada de espessura. Faça um laço de 20 cm no meio do arame e estenda as pontas para fora uns

15 cm de cada lado e uns 30 cm para baixo de cada lado a fim de formar um "U". Dobre para fora 7,5 cm dos lados para formar pegas. (Veja fotografia.) O espaço entre os lados mede 60 cm. A vara é segura horizontalmente nas mãos estendidas com as pegas encostadas nas palmas, como um mancal de roletes. Quando o rabdomante caminha sobre um cabo elétrico ou sobre um curso d'água subterrâneo, a vara gira. (A vara ocidental típica de amadores pode ser feita com pedaços de 85,5 cm de arame usado nos cabides de arame. Dobra-se, cada pedaço em ângulos retos a 20 cm da ponta para formar um "L". Com um pedaço em cada mão, paralelo um ao outro e a uma distância de 7,5 cm, os ponteiros de 65 cm se aproximam ou afastam um do outro sobre a área rabdomântica. As pessoas que utilizam esse tipo de varas hidroscópicas afirmam ter muito êxito na localização de qualquer coisa, desde tesouros ocultos até canos, água de infiltração ou raízes de árvores, em seus próprios quintais.)

Sochevanov afirma que o número de giros da sua vara ajuda a calcular a profundidade e o volume de cursos d'água e depósitos minerais subterrâneos. Depois disso, ele engenhou um dispositivo automático de registro, ligado à vara, que lhe registra o comportamento num gráfico. A seu ver, essa atualíssima adição torna a vara um meio mais fidedigno e objetivo de prospecção. A partir dos gráficos obtidos com a varinha hidroscópica, os cientistas soviéticos construíram perfis de diferentes áreas da superfície da Terra. Estabeleceram as "anomalias" máximas (os lugares em que as varas giraram com maior velocidade e maior força). Confrontaram os gráficos obtidos por vários rabdomantes que percorreram o mesmo trato de terra. Os estudos feitos com o eletrocardiógrafo mostram que praticamente qualquer

pessoa, rabdomante ou não, acusa uma alteração fisiológica ao caminhar sobre uma zona debaixo da qual existem minérios ou água, mas os rabdomantes, de uma forma ou de outra, o fazem consciente e objetivamente pelo movimento da vara hidroscópica. Assim como as pessoas têm diferentes tempos de reação antes de acionar os freios de um automóvel, assim os diversos rabdomantes, segundo a descoberta soviética, reagem a velocidades diversas à aparente estimulação muscular de uma zona rabdoscópica.

Utilizando rabdomantes cuja sensibilidade conhecia, Sochevanov localizou as diferenças nas reações da vara hidroscópica em vários momentos do dia e do ano, e sob as mais dessemelhantes condições meteorológicas. Os seus dados talvez indiquem uma razão do malogro de muitos testes superficiais de rabdomancia no Ocidente. Seja qual for à natureza dessa força, que sobe dos minérios e da água existentes na crosta da Terra, o fato é que ela flutua. Os rabdomantes, por exemplo, encontram dificuldade em obter uma reação durante tempestades. Aparentemente, as alterações das condições meteorológicas e geofísicas obrigam a força proveniente dos minerais a refletirem-se como raios de luz em ângulos distintos. A rabdomante australiana Evelyn Penrose corrobora , as afirmativas russas sobre as variações durante o dia e durante o ano. Diz ela que o ouro, por esse motivo, é particularmente difícil de se encontrar. Ao nascer do Sol, a reação rabdomântica está logo acima do depósito de ouro mas, à proporção que o Sol se movimenta pelo céu, o campo de força do ouro se deflete para outros lugares a alguma distância do veio real. (337) Depois que os geólogos descobrem o grau de deflexão, podem efetuar as correções necessárias.

Os "operadores" russos de rabdomancia também foram para os campos em caminhões, automóveis e ônibus. Os dispositivos de registro das suas varas hidroscópicas, presos ao eixo de propulsão dos carros, registraram a relação entre a velocidade do carro e as revoluções da vara.

- A velocidade em que o rabdomante viaja não altera a sensibilidade da vara hidroscópica, - diz Sochevanov.

A velocidade aproximada de 19 km por hora a vara hidroscópica fez, mais ou menos, um número duas vezes menor de revoluções do que a pé. A 64 km por hora o número de revoluções era vinte vezes menor do que a 19 km. O número das revoluções da vara variava sempre de acordo com a velocidade.

- A carroçaria metálica do ônibus ou do automóvel também não influi na reação rabdomântica, - afirma Sochevanov. - Dentro ou fora do carro, o rabdomante consegue a mesma resposta. Isso significa que essa energia desconhecida não é elétrica, porque a carroçaria metálica do carro protegeria o rabdomante contra a energia elétrica e o isolaria dos campos ionizados da terra.

Outros enigmas surgiram na investigação científica soviética da vara hidroscópica. Os "operadores" tentaram praticar a rabdomancia com luvas de algodão, borracha e couro. Nem o algodão nem a borracha afetam o fenômeno, mas quando um rabdomante calça luvas de couro, sejam elas luvas grosseiras de trabalho, sejam luvas macias e elegantes, elas agem como isoladores e "matam" imediatamente os poderes divinatórios da vara. Que espécie de força penetra o aço e não penetra as luvas de couro?

Poderia a força da vara ser acentuada de alguma forma? Os soviéticos tentaram ligar mais "antenas" ao rabdomante,

um metro e meio de arame a cada pulso. Os "sinais misteriosos" revelaram-se dez vezes mais fracos.

Sochevanov entrou a conjeturar se o magnetismo poderia ter alguma relação com o "por que" da varinha hidroscópica. Poderosos ímãs em forma de ferraduras foram presos à parte posterior da cabeça dos operadores. Quando os ímãs ficavam muito próximos da cabeça, o número de revoluções da vara diminuía, mas a uma distância de vinte centímetros a varinha mágica nas mãos do operador movia-se inesperadamente na direção do ímã.

O Dr. S. Tromp, da Holanda, que também estudou o desconcertante problema da influência do magnetismo sobre o corpo humano, descobriu que alguns rabdomantes eram capazes de delinear um campo magnético artificial de apenas 0,001 graus numa sala. Os rabdomantes também eram capazes de anunciar uma perturbação do campo magnético da Terra, mais tarde confirmada por medidas feitas com o auxílio de magnetômetros. (412)

Poderia a hipnose melhorar a rabdomancia? O hipnoterapeuta de Leningrado, Dr. A. Zakarov, testou três operadores. Colocados num transe hipnótico profundo, ordenou-se-lhes que aumentassem o número de revoluções da vara. Os operadores em transe, com os músculos relaxados, mal podiam segurar com firmeza a vara hidroscópica e, em lugar de aumentar, as revoluções diminuíram. A hipnose não parecia acentuar a sensibilidade às misteriosas radiações.

Poderia um rabdomante transmitir a sua sensibilidade a uma pessoa que não fosse rabdomante? Sochevanov reuniu um grupo de não-operadores - indivíduos que nunca tinham conseguido obter resposta alguma com a varinha

hidroscópica. Cumpria-lhes caminhar sobre um terreno acima de cursos d'água subterrâneos. Quando um rabdomante experimentado tocava na mão de um não-operador durante o teste, a varinha mágica empunhada por este íntimo parecia viver de repente. Fosse como fosse, a sensibilidade a forças localizadas profundamente na terra eram transferíveis de uma pessoa a outra.

Poderia o mesmo processo funcionar ao revés? Poderia o cético sem talento bloquear a sensibilidade de um rabdomante? Quando vários "não-operadores", que eram também céticos declarados, tocavam num rabdomante, extinguia-se de todo o efeito rabdoscópico. A vara parava de girar nas mãos do operador.

Os russos também quiseram saber se um rabdomante poderia aumentar a sua sensibilidade com a ajuda de outros rabdomantes. Formando uma cadeia, um grupo de rabdomantes procurou transmitir o seu poder de sentir a um rabdomante postado à frente do grupo. A força não aumentou. E os geólogos referiram que esta equivalia à força do rabdomante mais forte do grupo.

Ao analisar cientificamente o Método do Efeito Biofísico (rabdomancia), os russos reuniram, no dizer do engenheiro Vitor Popovkin, "tremenda quantidade de material: publicações de investigadores, diários, relatórios de operadores, exames de anomalias, tabelas, gráficos, fitas de EEG" (210-215-157)

As conclusões soviéticas coincidem com as pesquisas sobre rabdomancia levadas a efeito na Alemanha e na Holanda. Quando um rabdomante obtém uma reação da vara, na realidade todo o seu corpo está reagindo - não parece haver um "órgão" sensorial determinado para isso. O

Professor J. Walther, de Halle, na Alemanha Ocidental, descobriu que os rabdomantes acusam um aumento da pressão sangüínea e uma aceleração das pulsações quando se encontram sobre uma zona rabdoscópica. O Dr. S. Tromp, geólogo holandês, que investigou a rabdomancia para a UNESCO, referiu, na Revista Internacional de Parapsicologia, em seu número de inverno de 1968, que a reação do corpo à água ou aos minerais encontrados na terra pode ser nitidamente registrada por meio de um eletrocardiógrafo.

As inúmeras experiências realizadas por geólogos, biologistas, fisiologistas e mineralogistas russos apontavam todas para uma conclusão a que muitos pesquisadores ocidentais também tinham chegado: existem campos de força de natureza desconhecida.

"Os organismos vivos [plantas, animais e pessoas] reagem a esse campo físico desconhecido, que provém das proximidades de minas ou depósitos de água subterrânea", diz o Dr. Ogilvy. Esta foi uma declaração de considerável importância, vindo, como vinha, do Presidente do Departamento de Geologia da Universidade de Moscou, uma das mais respeitadas do mundo. Que espécie de reações têm as plantas, animais e pessoas diante desses campos desconhecidos? Poderão eles, como afirmam inúmeros rabdomantes, afetar-nos a saúde?

O Dr. E. Jenny, Diretor do Hospital Infantil de Aarau, na Suíça, colocou camundongos numa longa barraca, que ficava metade para dentro e metade para fora de uma zona rabdoscópica. Os camundongos recusaram-se a dormir dentro da zona. No período de tempo que medeou entre 1939

e 1940, 6 434 camundongos dormiram fora dela, e apenas 1.626 dormiram em seu interior.

O Dr. Jenny e os seus colegas também descobriram que pepinos, aipos, cebolas, milhos, sebes de alfenas e freixos não crescem quando plantados à superfície de uma zona rabdomântica. Os peritos agrícolas não encontraram defeito algum no solo nem qualquer razão que obstasse ao crescimento das plantas. O mesmo tipo de plantas, ao lado das primeiras, mas plantadas fora da zona, desenvolvia-se prolificamente (412)

Que efeitos têm as zonas rabdomânticas sobre a saúde humana? Isso ainda não foi devidamente investigado, mas alguns cientistas observaram que pessoas reumáticas, colocadas numa zona rabdoscópica, experimentam contrações musculares ou dores nas juntas. Na antiga China já se sabia que viver e trabalhar numa zona fortemente rabdomântica pode provocar tensão no corpo.

Se bem pareça haver mistérios cada vez maiores no comportamento da varinha mágica, os soviéticos continuaram insistindo no ângulo pragmático da rabdomancia. "Nem todos os empregos da rabdomancia nos são conhecidos", observou Sochevanov na revista Conhecimento é Poder em 1967, "mas até agora descobrimos que numa seção de terra em que se fizeram exames geológicos, as anomalias rabdomânticas coincidem com desconhecidas anomalias geofísicas. Os lugares assinalados pela vara coincidem com pólos elétricos "anormais" da Terra, áreas que amiúde prospectamos com a ajuda de explosivos". E ajuntou: "Os exames rabdomânticos com helicópteros são programados para medir intensas anomalias em alturas diferentes da Terra".

Qualquer acionista de uma companhia de mineração ou de petróleo conhece, provavelmente, o custo da exploração e o custo das perfurações inúteis e dos poços inativos que se escavam antes da descoberta de um poço produtor de petróleo ou uma mina lucrativa. Um exame feito por um rabdomante a fim de complementares outros exames geológicos talvez ajudasse a eliminar alguns erros e poupar milhões de dólares.

No princípio dos anos trinta, aparentemente, o governo da Colúmbia Britânica, no Canadá, soube compreendê-lo. O Ministro das Finanças, o Procurador Geral, o Ministro das Minas e o Ministro Interino da Agricultura tinham em grande conta a rabdomante australiana Evelyn Penrose, que haviam encarregado de prospectar, por meio da rabdomancia, minerais e petróleo na Colúmbia Britânica. Os seus descobrimentos, disseram eles, "coincidiram exatamente" com os relatórios técnicos e geológicos. O Ministro Interino da Agricultura afirmou: "Tendo acompanhado pessoalmente a Srta. Penrose em excursões de pesquisa de água e petróleo, estou em condições de atestar-lhe a extraordinária capacidade. Tomando por base unicamente o seu parecer, iniciaram-se muitas operações de perfuração e escavação e inúmeros relatórios altamente satisfatórios nos chegaram às mãos após a escavação dos poços". (337)

Com vastíssimas e variadíssimas terras para abrir, os soviéticos tencionam poupar somas tremendas de rublos e mão-de-obra utilizando a rabdomancia em coordenação com a geologia, no intuito de localizar precisamente depósitos de minérios. Em lugar de desaprovar a rabdomancia, os soviéticos a observaram, viram algumas coisas acontecer e,

depois de um sem-número de experiências, passaram a utilizá-la.

No dia 31 de outubro de 1966, a Sociedade Astro-Geodésica de Moscou realizou um seminário especial de rabdomancia. Em abril de 1968, importante conferência científica, que durou dois dias, exclusivamente dedicada ao Método BPE (aliás, rabdomancia), ocorreu em Moscou. O Dr. Ogilvy reuniu cientistas de todas as partes da União Soviética, que apresentaram trabalhos e exibiram filmes sobre as suas pesquisas e o uso da varinha hidroscópica. Os delegados à conferência relataram, por exemplo, que o "método do efeito biofísico" estava sendo empregado na República de Iacute, no norte da Sibéria (117) em atividades geológicas na Lituânia (69) na procura de água no deserto (8) na prospecção de depósitos de minérios na Ásia Central russa (16) e estava sendo extensamente estudada no campo e no laboratório pelos institutos de geologia de Leningrado e Moscou. (212)

Em contraste com o enfoque soviético de explorar tudo, alguns cientistas ocidentais parecem conservadores que tentam, desesperados, preservar a derradeira espécie de idéias obsoletas. Fora da coutada científica, faz muito tempo que a rabdomancia tem sido usada em todos os países do mundo. Verne L. Cameron, famoso rabdomante norte-americano, afirma que a varinha hidroscópica é utilizada pela quase totalidade das companhias que lidam com água e oleodutos nos Estados Unidos. Os britânicos inventaram uma varinha hidroscópica complicadíssima, tão sensível que, segundo parece, pode ser usada em arqueologia. Com o seu equipamento mecanizado e registrador de rabdomancia, os soviéticos já percorreram um longo trajeto a partir da

"varinha mágica". Será difícil prever o próximo rumo da rabdomancia na URSS mas, em vista do engenho soviético, pode-se dizer, sem medo de errar, que será surpreendente.

Além de localizar água e minerais, outros empregos da radioestesia têm fascinado a humanidade há séculos: a capacidade de diagnosticar moléstias com um pêndulo e o intrigante aspecto sherlockiano da rabdomancia - a possibilidade de localizar criminosos, assassinos, objetos roubados, ou de seguir a pista de ladrões com uma varinha hidroscópica ou um pêndulo. Os russos, evidentemente, também estão estudando esses empregos.

Foi deles que ouvimos, pela primeira vez, a história do lendário Jean Aymar, da França, relatada pelo procurador da Coroa, em Lião: "Chegando ao porão onde o assassínio fora perpetrado, Aymar revelou sinais óbvios de agitação. Começou a tremer, acelerou-se-lhe o pulso, e o galho forquilhado em suas mãos apontou para o lugar onde os cadáveres tinham sido encontrados. Tendo "afinado" a sua vara hidroscópica, saiu à caça dos assassinos. Ao longo do percurso, localizou todos os lugares em que os fugitivos tinham parado, conhecendo, para assombro dos circunstantes, as camas em que haviam dormido, as mesas em que tinham comido, os jarros e os copos que haviam tocado."

O Abade Mermet, um dos primeiros pioneiros da radioestesia, insistia em que se tratava de uma ciência e que não tinha relação alguma com o ocultismo. Os êxitos que se lhe atribuem incluem achados arqueológicos, feitos a pedido do próprio Papa, e a localização dos sobreviventes de uma expedição ao Pólo Norte. A capacidade de Mermet de rastejar pessoas desaparecidas era conhecida em toda a

Europa. Em 1934, os registros franceses mostram que ele descobriu o paradeiro de vinte pessoas desaparecidas. Segundo as histórias do seu £arejamento radioestésico, ele era capaz de rastear os passos de um suicida ou de um homem assassinado até o local onde ocorrera à morte. Se a vítima tivesse sido afogada, o cadáver era seguido até o ponto, no lago ou no rio, em que se detivera. Com o pêndulo, o abade indicava a profundidade exata em que seria encontrado o corpo. Invariavelmente, dizem os relatos, os corpos eram descobertos exatamente no lugar designado.

Os cientistas-rabdomantes soviéticos estão longe da suposta mestria detetivesca ao abade, mas estão começando a estudar a reação da varinha mágica às pessoas e aos minérios. Os dados experimentais que reuniram mostram que as pessoas podem ser classificadas em quatro grupos diferentes, de acordo com as polaridades do campo de força em torno de seus corpos.

O primeiro grupo inclui todas as mulheres e alguns homens: à aproximação do rabdomante, essas pessoas fazem que a varinha hidroscópica seja atraída por elas. Os três grupos restantes são compostos apenas de homens. Quando o rabdomante se aproxima de um homem do Grupo 2, seja de que lado for, a varinha hidroscópica é "repelida", e afasta-se do indivíduo em questão. Os Grupos 3 e 4 revelam uma polaridade meio por meio: o Grupo 3 atrai a varinha do lado das costas e do estômago e a repele do lado do ombro. O Grupo 4 registra o efeito inverso: o ombro "atrai" a varinha; as costas e o estômago a repelem.

O cientista holandês Dr. S. Tromp também apresentou mapas de polaridade do corpo humano usando um eletrocardiógrafo no rabdomante para registrar as mudanças.

Por que a varinha hidroscópica divide as pessoas em quatro classes? Os soviéticos o ignoram. Exatamente como ignoram o que são as "anomalias" que a varinha acusa nas profundezas da terra depois de uma explosão, como a grande explosão de Alma-Ata. Os cientistas soviéticos não sabem sequer por que a varinha gira sobre massas escondidas de ouro ou de água. Sabem que o ser humano, como acontece em outras áreas da parapsicologia, é um componente vital do sistema, parte do aparelho de rabdomancia. Afirmam os soviéticos que a varinha não se inclinará se for ligada diretamente a um veículo qualquer e assim impelida sobre a terra.

Acreditam os soviéticos que campos de força desconhecidos cercam a água, os minerais e muitas outras coisas, e que alguns dentre nós somos capazes de senti-los. Como? Raciocinam, como fazem com o PK, que talvez o próprio campo de força do corpo interaja com os campos das coisas prospectáveis pela rabdomancia. Partindo dessa premissa, um rabdomante norte-americano rebatizou o seu aparelhamento de rabdomancia, chamando-lhe "Aurâmetro".

Aparentemente, segundo os eletrocardiogramas, quer possamos ou não praticar a rabdomancia, o nosso corpo continua registrando zonas rabdomânticas num plano inconsciente. Transparece dos testes soviéticos que a sensibilidade do corpo é realmente fantástica. Reflete minas, água subterrânea, os mutáveis campos magnéticos da Terra, cabos elétricos dentro e fora de edifícios, campos eletrostáticos e eletromagnéticos de outros corpos humanos.

Qual é a natureza do homem? Estudando os conhecimentos antigos sem quaisquer preconceitos e utilizando meticulosos e modernos testes científicos, os

cientistas soviéticos estão começando a deparar com algumas surpresas. Estão começando a descobrir que o ser humano ligado à varinha mágica é mais mágico do que imagina.

16

FOTOGRAFIA KIRLIANA - RETRATOS DA AURA?

"Um panorama espetacular de cores, galáxias inteiras de luzes, azuis, douradas, verdes, roxas, coruscando e faiscando!"

"Um mundo ainda não visto abriu-se-me diante dos olhos. Labirintos luminescentes, chamejantes, cintilantes, tremeluzentes. Algumas centelhas eram imóveis, outras erravam sobre um fundo escuro. Acima dessas galáxias fantásticas de luzes fantasmagóricas havia rútilas labaredas multicores e nuvens escuras."

"E indescritível! Chamas elétricas se acendem, depois se acendem fogachos ou coroas azuis e alaranjadas. Grandes canais de um roxo resplandecente, centelhas ardentes. Algumas luzes brilham sempre, outras vão e vêm como estrelas errantes. E fantástico, fascinante, um jogo misterioso - um mundo de fogo!"

Como relâmpagos de verão... "crateras" entravam em erupção - sem lavas candentes, mas com o resplendor da aurora boreal!

Esses relatos extraordinários de um pasmoso mundo novo de luzes multicoloridas, que pulsavam, não procediam

de soviéticos alucinados pela vertigem de um circo elétrico psicodélico. Não eram visões de uma viagem feita sob o império do LSD. As galáxias faulhantes e os radiosos labirintos, brilhantemente coloridos, e as fúlgidas labaredas vistas por eles vinham do próprio corpo humano. As luzes resplendentes do corpo tornavam-se visíveis quando este era colocado num campo de correntes elétricas de alta freqüência.

Seria a "aura" que eles estavam vendo, o colorido invólucro do corpo que os médiuns e clarividentes há muito afirmam que vêem e utilizam para diagnosticar o estado de saúde de uma pessoa? Seria este o corpo astral - o corpo luminescente de energia que, no dizer dos médiuns, todos possuímos?

Entretanto, não era um grupo de médiuns que assistia a esse fenômeno na Rússia. Eram cientistas - os mais notáveis sábios russos do prestigioso Presídio da Academia de Ciências da URSS, cientistas e pesquisadores de alguns dos principais institutos e universidades de toda a União Soviética. A partir daquele momento, eles levariam uns vinte anos para começar a compreender exatamente o que haviam descoberto sobre os estranhos poderes do corpo humano.

O conceito da aura humana, nuvem radiante e luminosa que envolve o corpo, remonta a séculos. Gravuras do primitivo Egito, da índia, da Grécia, de Roma, mostravam as figuras sagradas circundadas de uma orla luminosa muito antes que os artistas da era cristã principiassem a pintar os santos rodeados de halos. Essa convenção, na realidade, pode ter-se baseado nas observações de clarividentes que viam, segundo eles mesmos asseveravam, uma radiância envolvendo os santos. A famosa médium, Senhora Eileen

Garrett, afirma em seu livro Awareness (303) "Sempre vi todas as plantas, animais e pessoas cingidas de uma orla indistinta". De acordo com o estado de espírito das pessoas, diz ela, essa cercadura muda de cor e de consistência.

Os clarividentes, porém, apressam-se a assinalar que a aura, na verdade, é uma denominação imprópria; a seu ver, o corpo humano é interpenetrado por outro corpo de energia, e a luminescência desse segundo corpo, que se irradia para o exterior, é que eles vêem como a aura. Contemplamos, dizem, como que um eclipse do Sol pela Lua, sendo o luminoso corpo astral completamente oculto pelo corpo físico. Paracelso, filósofo, químico, alquimista e médica, também acreditava que um corpo semicorpóreo ou "estelar" vive na carne e é a sua imagem invertida.

No início da década de 1900, o Dr. Walter Kilner, do Hospital de São Tomás, em Londres, descobriu que, olhando através de telas de vidro coloridas com dicianina, distinguia realmente a aura ao redor do corpo humano. Tratava-se, no dizer de Kilner, de uma radiação em forma de nuvem que se estendia por uns quinze ou vinte centímetros e mostrava cores distintas. O cansaço, as moléstias ou o estado de espírito alteravam o tamanho e a cor dessa radiação, que também sofria a influência do magnetismo, da hipnose e da eletricidade (321) Ele desenvolveu todo um sistema para diagnosticar moléstias pela aura, e as pesquisas sobre ela continuam na Europa.

Nós mesmos podemos aprender a ver a aura, dizem alguns médiuns. Se ficarmos diante de uma parede lisa numa sala quase escura e entre fecharmos os olhos, veremos ligeiros traços de uma energia semelhante à fumaça saindo das pontas dos nossos dedos. Para um médium, essa fímbria,

semelhante a fumaça, cheia de cores, muda constantemente de acordo com a saúde e o estado de espírito da pessoa.

A primeira insinuação de que o corpo humano encerrava mais coisas do que haviam cuidado os cientistas russos, começou em 1939, em Crasnodar, capital da região do Cubão, no sul da Rússia, perto do Mar Negro. "Onde posso mandar consertar o meu equipamento técnico?" perguntou um cientista a um colega. Os consertos de qualquer tipo são um verdadeiro problema na Rússia. Nos institutos de pesquisas, nos laboratórios, nas empresas, todos concordaram: "Mande chamar Semyon Davidovich Kirlian, se quiser um conserto bem feito. É o melhor eletricista de Crasnodar".

Kirlian foi chamado. No instituto de pesquisas em que ele teria de apanhar o equipamento, viu, por acaso, a demonstração de um instrumento de alta freqüência de eletroterapia. Enquanto o paciente recebia tratamento através dos elétrodos da máquina, Kirlian notou, de repente, um minúsculo lampejo de luz entre os elétrodos e a pele. "Conseguirei fotografar uma coisa dessas?" conjeturou ele. "E se eu pusesse uma chapa fotográfica entre a pele e o elétrodo?"

Mas os elétrodos eram feitos de vidro e a chapa fotográfica se estragaria se fosse exposta à luz antes de ligar-se a máquina. Teria de usar um elétrodo de metal, que seria perigoso. "Não tem importância", disse, ao ligar o elétrodo de metal à própria mão. "É preciso fazer algum sacrifício pela ciência."

Ligou a máquina. Sentiu uma dor lancinante na mão, debaixo do elétrodo metálico. Era uma queimadura séria. Três segundos depois desligou a máquina e foi correndo

mergulhar a chapa fotográfica na emulsão. Á medida que a fotografia se revelava no quarto escuro, pôde constatar nela uma estranha marca, uma espécie de luminescência nos contornos dos dedos.

- Estudei a fotografia com sofrimento, emoção e esperança, tudo combinado, - diz Kirlian. - Teria eu uma descoberta nas mãos? Uma invenção? Ainda não estava claro.

Ele descobriu que os cientistas já haviam observado esse fenômeno, que fora incluído em seus relatórios de pesquisas e depois esquecido. Kirlian tinha um palpite intuitivo de que estava na pista de alguma coisa. Persistiu. O seu talento e o seu engenho altamente conceituados em eletrônica entraram logo a funcionar no novo projeto. Outras técnicas de fotografia sem luz - raios-X, raios infravermelhos, radioatividade - de nada serviram. Ele teria de descobrir um processo inteiramente novo para registrar em filme a energia luminosa procedente do corpo humano.

Com sua esposa Valentina, professora e jornalista, Kirlian inventou um método inteiramente novo de fotografia, que compreende umas catorze patentes.

Figura 01

Grupo de parapsicologistas soviéticos discutem registros recentes testes de telepatia. Da esquerda para a direita: o médium Karl Kikolaiev, o biólogo Eduardo Naumov, um cientista não identificado, o biofísico Yuri Kamensky e o telepatista e estudante universitário Alex Monin.

Figura 02

À esquerda Nelya Mikhailova, a médium russa de PK e alguns objetos que ela moveu com seu poder PK e a direta Wolf Grigorevich Messing, o mais celebre médium da União Soviética, foi testado por Joseph Stalin – e passou nas provas.

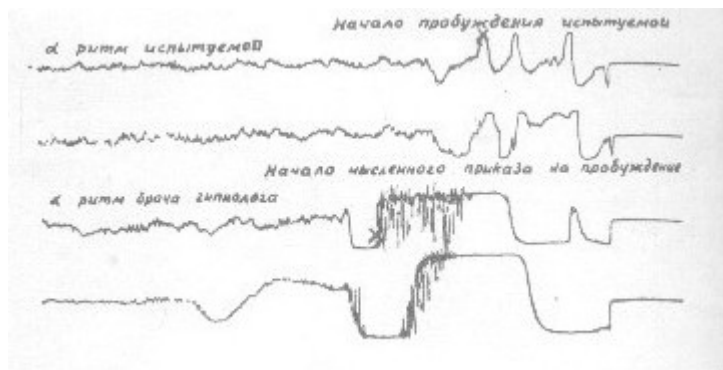



Figura 3

Hipnose por telepatia: este gráfico russo registra as ondas cerebrais alfa do paciente (as duas linhas superiores) e do hipnotista (as duas linhas inferiores) tais como foram traçadas no EEG. O “X” na terceira linha assinalada o inicio da ordem mental do hipnotista para que o paciente acordasse: o “X” na primeira linha assinala o ponto (pouco depois) em que o paciente começou a obedecer.

Figura 4
Desenho da nova varinha hidroscópica

Figura 5

Modelo de descarga de energia da pele do peito humano. Os clarões mudam de cor e de padrão à medida que mudam a saúde e o estado de espírito. No dizer de alguns médicos soviéticos, os pontos da pele de onde emergem os clarões mais brilhantes talvez correspondam aos pontos de acupuntura estabelecidos pela medicina chinesa.

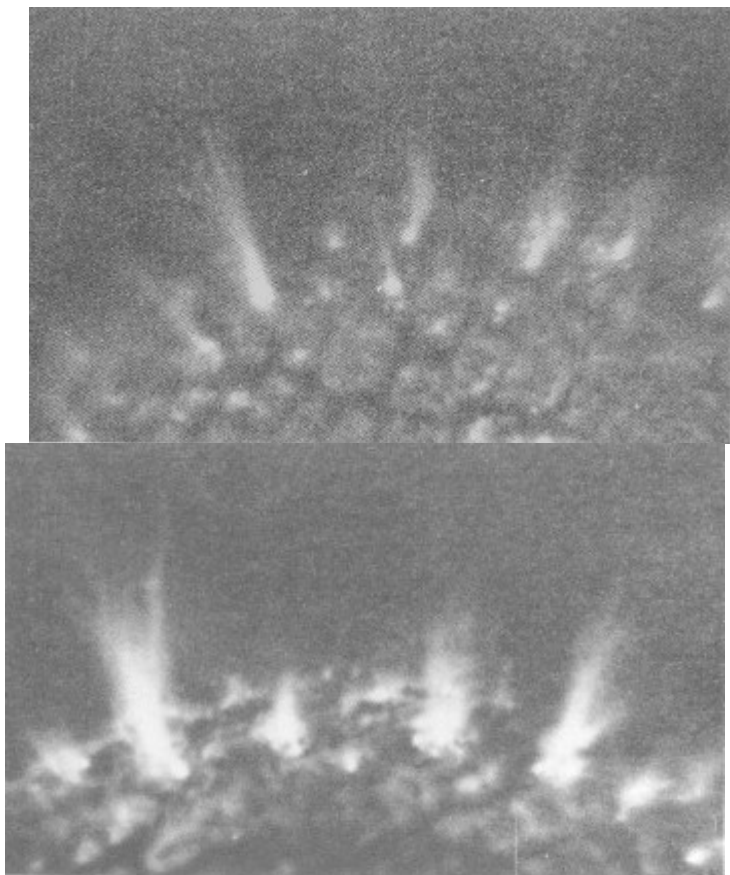



Figura 6

Cada uma dessas fotografias mostra uma ponta de dedo humano aumentada cinqüenta vezes.

- A Fotografia da esquerda e a de um homem saudável, calmo e tranqüilo.

- A Fotografia da direita se vê o dedo de um individuo cansado e emocionalmente tenso. Num estado de fadiga ao que tudo indica e maior a quantidade de energia que sai do corpo.

Figura 7

Brotos de lilás vistos numa fotografia comum

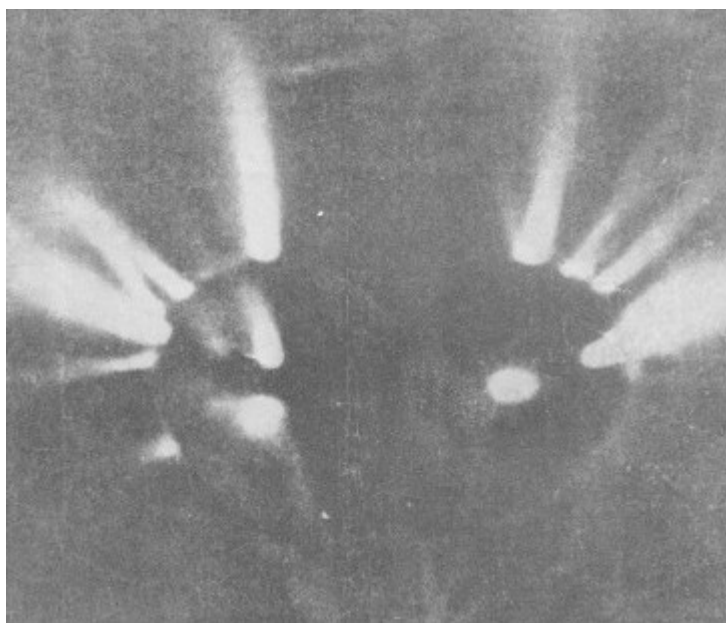



Figura 8

Os mesmos brotos fotografados num campo de corrente elétrica de alta freqüência. Plumas de luz saem dos brotos, formando uma coroa luminosa ou halo.

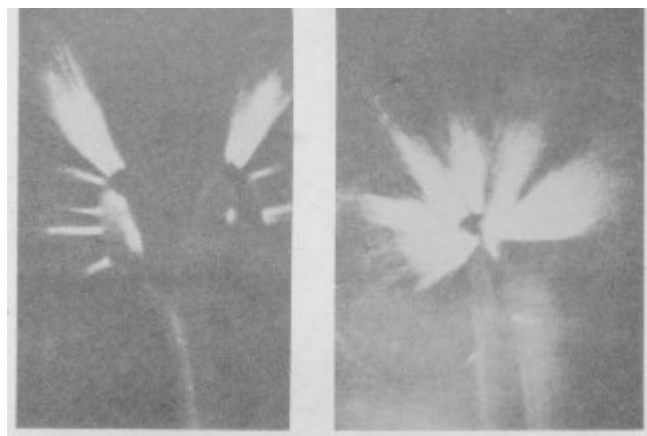



Figura 9

Em cima à esquerda: Cada broto foi cortado pela metade. A coroa radiante continua brilhando, desta feita de maneira mais clara. A energia e descarregada do centro.

Em cima à direita: Os brotos foram inteiramente cortados. A energia continua a sair da planta, como uma vela romana, dando a impressão de seguir um caminha específico através da planta.

Figura 10

A coroa radiante de dois brotos inteiros. Ocasionalmente, pequeninas bolas de fogo circulares partem em diferentes direções e desaparecem rapidamente da vista.

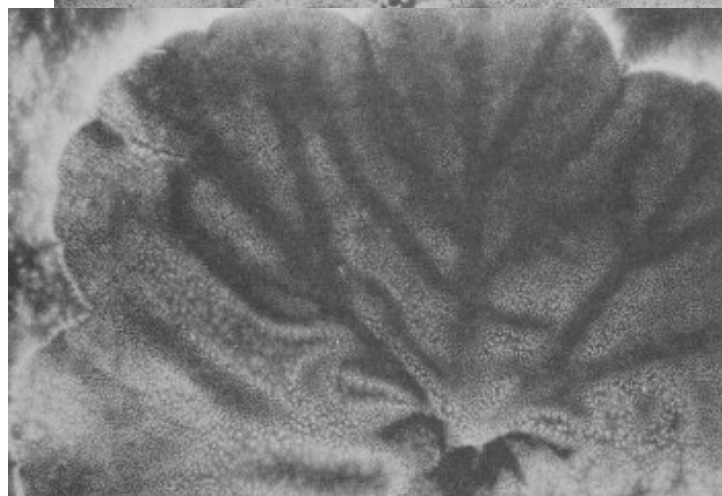



Figura 11

A foto à esquerda: Uma folha que acaba de ser arrancada da planta cintila e resplandece

A foto à direita: A mesma folha, que já começou a fenecer, mostra como a energia da vida principia a dissipar-se antes da morte.

Figura 12

Pontos de acupuntura que estimulados, intensificam, segundo se afirmam à sensibilidade psíquica.

Figura 13

Bretislav Kafka (1891-1967), famoso escultor Tcheco e um dos primeiros exploradores do domínio psíquico

Figura 14

Basicamente, a fotografia com campos elétricos de alta freqüência envolve um gerador de oscilações elétricas, ou oscilador, de alta freqüência, capaz de produzir de 75 000 a 200 000 oscilações elétricas por segundo. O gerador pode ser ligado a vários grampos, chapas, instrumentos ópticos, microscópios comuns ou microscópios eletrônicos. Insere-se o objeto que deverá ser investigado (dedo, folha, etc.) entre os grampos, juntamente com o papel fotográfico. Ligando-se

o gerador, cria-se um campo de alta freqüência entre os grampos que provoca, aparentemente, a irradiação de uma espécie de bioluminescência dos objetos para o papel fotográfico. Não se faz mister uma câmara para o processo de fotografia.

As primeiras fotografias foram uma "janela aberta para o desconhecido", dizem os Kirlians. Colocada no campo de uma corrente de alta freqüência, uma folha arrancada de uma árvore revelava miríades de pontos de energia. Ao redor das bordas da folha viam-se desenhos turquesinos e vermelho-amarelados de clarões saídos de canais específicos da folha. Um dedo humano colocado no campo de alta freqüência e fotografado parecia um complexo mapa topográfico, com linhas, pontos, crateras de luz e clarões. Algumas partes do dedo semelhavam uma casca de abóbora esculpida com uma luz a brilhar no interior.

Mas as fotografias mostravam apenas imagens estáticas. Os Kirlians não tardaram a aperfeiçoar um instrumento óptico para poder observar diretamente o fenômeno em movimento. Kirlian colocou a mão debaixo da, lente e ligou a corrente. E um mundo fantástico, nunca visto, desvelou-se diante do marido e da mulher.

A própria mão parecia a Via Láctea num céu estrelado. Sobre um fundo azul e ouro, o que estava acontecendo na mão lembrava um espetáculo de fogos de artifício. Clarões multicoloridos se acendiam, seguidos de centelhas, cintilações, relâmpagos. Algumas luzes brilhavam como pistolões, outras fulguravam e depois se apagavam. Outras ainda luziam a intervalos. Em certas partes da mão havia nuvenzinhas escuras. Resplendores serpenteavam ao longo

de labirintos que faiscavam como espaçonaves a caminho de outras galáxias.

Que significavam aqueles clarões? Que estavam iluminando? As centelhas que pulsavam não se movimentavam ao acaso. O seu jogo parecia obedecer a leis.

Mas que leis eram essas?

Os Kirlians colocaram uma folha recentemente arrancada debaixo da lente de um microscópio ligado ao gerador de alta freqüência. Viram uma imagem semelhante à da mão humana. Em seguida experimentaram uma folha meio murcha. Dir-se-ia uma grande metrópole que apagasse as suas luzes para dormir. Experimentaram uma folha quase totalmente murcha. Não havia clarões, e as centelhas e "nuvens" mal se moviam. Enquanto eles observavam, a folha parecia morrer diante dos seus olhos e a morte se refletia na imagem dos impulsos de energia.

- Parecíamos estar vendo as atividades vitais da própria folha, - disseram os Kirlians. - Uma energia intensa e dinâmica na folha fresca, menor na folha meio murcha, nula na folha morta.

Os observadores examinaram todas as substâncias concebíveis sob o seu microscópio de alta freqüência - couro, metal, madeira, folhas, papel, moedas, borracha. O padrão de luminescência diferia em cada um deles, mas as coisas vivas apresentavam detalhes estruturais inteiramente distintos dos das coisas inanimadas. Uma moeda de metal, por exemplo, mostrava apenas um brilho regular em toda a sua volta. Mas uma folha viva continha milhões de luzes faiscantes, que fuzilavam como jóias. Os clarões ao longo das suas bordas eram individuais e diferentes.

- O que vimos no panorama através do microscópio e dos nossos instrumentos ópticas lembravam o painel de controle de um imenso computador. Aqui e ali as luzes se acendiam e apagavam... sinais de processos internos. Se alguma coisa estiver errada no interior ou as condições do aparelho necessitarem de um ajustamento, o técnico na mesa de controle poderá ler os sinais das luzes, - disseram os Kirlians.

- Nas coisas vivas, vemos os sinais do estado interior do organismo refletidos no brilho, na opacidade e na cor dos clarões. As atividades vitais internas do ser humano estão escritas nesses hieróglifos de "luzes". Criamos um aparelho para escrevê-los. Para lê-los, no entanto, precisaremos de ajuda.

Por volta de 1949, os Kirlians tinham uma série completa de instrumentos que lhes permitiam examinar o jogo das correntes de alta freqüência em seres humanos, plantas, animais e objetos inanimados. Concluíram, então, que já tinham aperfeiçoado bastante a técnica para mostrarem os seus resultados a biologistas, fisiologistas, botânicos e outros cientistas.

Não tardou que os luminares do mundo científico soviético se deslocassem para Crasnodar. Eram os famosos e os curiosos. Havia membros da Academia de Ciências, Ministros do Governo. Durante mais de treze anos,. centenas de visitantes acorreram. Biofísicos, médicos, bioquímicos, peritos em eletrônica, criminologistas, todos iam bater à porta da casinha de madeira, pré-revolucionária, que se erguia na Rua Kirov, em Crasnodar.

Com os óculos e a calva incipiente, Semyon, que irradia a tranqüila concentração de um campeão de xadrez, e a

esposa, Valentina, bonita, de cabelos escuros, recebiam com agrado as visitas sem conta nas duas salas frugais em que moravam e trabalhavam. Numa sala, dormiam e comiam; a outra, um vestibulozinho de entrada, fora convertida em minúsculo laboratório e atulhada de instrumentos que eles tinham inventado para a fotografia de alta freqüência.

Um dia, apareceu o Presidente de um dos principais institutos de pesquisa científica. Trazia consigo duas folhas idênticas para serem fotografadas pelos Kirlians com os novos processos. As duas folhas "gêmeas" pertenciam à mesma espécie de planta, e tinham sido arrancadas exatamente ao mesmo tempo.

O casal Kirlian estava trabalhando naquela noite nas fotografias quando aconteceu uma coisa estranha. Pelas experiências feitas com folhas de várias plantas eles sabiam que cada espécie tem o seu padrão único e próprio de energia - como se fossem padrões individuais de testes de televisão transmitidos de cada tipo de planta.

Mas as fotografias das folhas "gêmeas" que os cientistas lhes tinham dado diferiam radicalmente uma da outra. Seriam as folhas de duas espécies diferentes? Teriam eles cometido um engano?

Tiraram fotografias após fotografias, sempre com os mesmos resultados. A luminescência de uma folha mostrava clarões arredondados, esféricos, simetricamente espalhados por toda a imagem. A segunda folha exibia minúsculas figuras geométricas escuras, reunidas em grupos esparsos, aqui e ali.

Semyon e Valentina trabalharam a noite inteira, até a manhã seguinte, tirando uma série interminável de fotografias das duas folhas. Fosse qual fosse a maneira pela

qual ajustavam o equipamento, os resultados eram sempre idênticos.

De manhã, cansados e aborrecidos, mostraram os desconcertantes resultados ao célebre cientista que os visitava. Para surpresa de ambos, o rosto do homem se iluminou.

- Vocês o conseguiram! - exclamou, emocionado.

Os dois exaustos inventores esqueceram o cansaço ao ouvir as explicações do botânico:

- As duas folhas foram arrancadas da mesma espécie de planta, efetivamente. Mas uma dessas plantas já tinha sido contaminada com uma moléstia grave. Vocês o descobriram incontinenti! Não há absolutamente nada na planta nem na folha que indique que ela foi infectada e não demorará a morrer. Nenhum teste que se faça agora com a planta e com a folha mostrará que há nela qualquer coisa errada. Mas com a fotografia de alta freqüência, vocês lhe diagnosticaram precocemente a doença!

Notícias eletrizantes para os Kirlians! O casal estudou cuidadosamente a folha doente. Nem no momento da sua morte, ocorrida um dia ou dois mais tarde, a folha apresentou qualquer outro sinal externo de enfermidade. (A planta de que a folha fora arrancada morreu algum tempo depois.) Os Kirlians começaram a compreender que as galáxias de luzes faiscantes que viam nas fotografias de alta freqüência correspondiam a uma espécie de corpo energético equivalente da folha. Muito antes de manifestar-se no corpo físico da planta, as doenças já existem nesse "corpo energético equivalente".

Alguns institutos estavam levando aos Kirlians centenas de "pacientes verdes" - folhas de matreiras, macieiras, fumo,

etc. Em todos os casos, os Kirlians puderam verificar se a planta se achava doente ou não muito tempo antes de se registrarem quaisquer alterações físicas patogênicas nas folias ou nas plantas, estudando-lhes o corpo energético equivalente em fotografias de alta freqüência.

O diagnóstico da moléstia de uma planta muito antes que ela realmente a atacasse, permitia que se neutralizassem as condições mórbidas e talvez se salvassem preciosas colheitas agrícolas.

As implicações filosóficas eram ainda mais extraordinárias. Dir-se-ia que as coisas vivas tivessem dois corpos: o corpo físico, que todo o mundo pode ver, e o "corpo energético" secundário, que os Kirlians viam nas fotografias de alta freqüência. O corpo energético não parecia mera radiação do corpo físico. De certo modo, era o corpo físico que parecia espelhar o que acontecia no corpo energético. Qualquer desequilíbrio que se verificasse no corpo energético seria indicação de doença e, pouco a pouco, o corpo físico refletiria a mudança. Aplicar-se-ia o mesmo a seres humanos? indagaram eles.

Em certo dia, os Kirlians estavam esperando, de um momento para outro, a visita de dois famosos cientistas de um Instituto de Moscou. Antes de qualquer visita, eles costumavam colocar os aparelhos em condições de funcionamento, a fim de que tudo estivesse pronto para uma demonstração.

Por alguma razão desconhecida, o dispositivo óptico, "temperamental", recusou-se a trabalhar. Fosse qual fosse a maneira pela qual Kirlian tentava focalizá-lo, a imagem não aparecia com nitidez através da lente. À pressa, os Kirlians desmontaram o equipamento e tornaram a montá-lo. Nada.

Sempre os mesmos resultados confusos. Verificaram outros instrumentos para certificar-se de que estavam todos em perfeita ordem. Kirlian pôs a mão nos instrumentos e tirou fotografias experimentais com mais quatro dispositivos. Estes também apresentavam falhas. Nas fotos só se viam pontos escuros e nuvens. Freneticamente, Kirlian desmontou tudo. Com as peças do equipamento espalhadas sobre a mesa, inclinou-se para montar de novo um dos instrumentos quando, de repente, sentiu uma tontura e perdeu os sentidos. Esses eram sempre o prenúncio de um distúrbio iminente do sistema vascular, que o acometia de tempos a tempos. O único remédio era o repouso imediato.

Valentina Kirlian pôs o marido na cama e mal acabara de montar de novo os instrumentos quando os dois ilustres visitantes bateram à porta. Ela realizou a demonstração do processo fotográfico colocando a ponta do dedo sobre as chapas fotográficas e ligando a corrente de alta freqüência. Todas as fotografias saíram nítidas e bem focalizadas. Ela pôs a mão debaixo do instrumento óptico especial para observação direta. O jogo dos clarões de luz em sua mão apresentou-se claro e distinto. Os cientistas ficaram entusiasmados e toda a demonstração foi um sucesso.

Depois que os cientistas se foram naquela noite, Kirlian desceu, cambaleante, da cama. Não era estranho que todos os instrumentos, de repente, se pusessem a trabalhar direito quando Valentina os operava, mas se recusassem a trabalhar com ele?

- Nós nos revezamos em todos os instrumentos. Não havia dúvida nenhuma. As minhas mãos mostravam um padrão confuso e caótico de energia, borrado e obscurecido. As mãos de Valentina mostravam um padrão nítido do fluxo

energético que se descarregava, com clarões coloridos brilhantes e bem definidos.

O que Semyon vira antes e cuidara ser um defeito da lente ou um erro de focalização do equipamento, era, na realidade, um prenúncio da própria moléstia, que se manifestava no "padrão de energia" da sua mão antes de manifestar-se fisicamente como um ataque da doença. Agora, a doença aparecia claramente na fotografia de alta freqüência como uma confusão total nos clarões de energia.

"Não há nada de mau que não encerre alguma coisa de bom", pensou Semyon enquanto jazia na cama, convalescendo. Talvez lhes fosse possível diagnosticar todos os tipos de doenças muito antes que elas se manifestassem como distúrbios físicos. Talvez o próprio câncer pudesse ser identificado enquanto fosse apenas uma confusão de padrão de energia, antes de ser um tumor no corpo. Os Kirlians compreenderam que tinham feito uma descoberta importante ao verificar que a doença alterava tremendamente a descarga de energia que vem do corpo. Não demorariam em descobrir que muitas outras coisas também afetam essas coruscantes galáxias de luz nos seres humanos.

- O nosso aparelho óptico especial deu-nos mais trabalho do que tudo o mais que inventamos, - confessaram eles. - Seria difícil imaginar instrumento mais caprichoso. Precisava ser sintonizado de três maneiras, por meio das lentes ópticas, da tensão e da descarga de alta freqüência. O êxito da demonstração dependia inteiramente da proficiência e da prática. Era impossível não ficar nervoso com ele.

Os Kirlians estavam verificando os seus instrumentos para uma demonstração que teriam de fazer na presença de

outro visitante importantíssimo quando sobrevieram dificuldades.

- Eu estava olhando para a minha mão através do ocular quando, de repente, tive a impressão de que todos os clarões da imagem tinham entrado em greve, - disse Kirlian. - Os clarões roxos começavam a rodopiar, depois se tornavam amarelo-rosados; em seguida, todo o campo parava de girar, como se tudo houvesse saído de foco.

Substituíram a lente, imaginando que o vidro se tornara superaquecido. Voltaram a verificar. Tudo estava bem novamente.

O cientista chegou e principiou a demonstração. As fotografias imóveis foram tiradas sem dificuldade, mas quando Kirlian, nervoso, pôs a mão debaixo da lente do dispositivo óptico, a máquina recomeçou a pintar o sete. Através do ocular não lhe foi possível ver o fundo da mão e os canais dos padrões de luz apareciam confusos.

- Desculpe-me, por favor, - pediu ao eminente visitante. - Preciso ajustar a máquina.

Trocou as lentes às pressas, ajeitou novamente o dispositivo, ligou o gerador - e lá estava, mais uma vez, fora de foco, a mesma imagem infernal da sua mão.

Cansado de esperar, o visitante pediu para olhar pelo ocular. Estranhamente, pensou Kirlian, o cientista pareceu gostar do que via. Semyon suspirou, intimamente aliviado e, à proporção que aumentava o interesse do visitante pelo fenômeno, percebeu que a sua tensão se dissipava. De fato, chegou até a sentir-se calmo. Nesse momento, o outro manifestou o seu assombro pelo que via através do ocular.

Kirlian lembrou-se, de súbito, que o tempo se esgotara. Não era aconselhável deixar a mão por muito tempo no

campo de alta freqüência. Ao terminar a demonstração, ele mesmo olhou pelo ocular. A máquina, agora, estava trabalhando perfeitamente e ele não a ajustara!

"Que criação despótica!" exclamaram, desesperados, os inventores. No momento em que desejavam exibi-la, a invenção se comportava como uma criança malcriada. Em sucessivas demonstrações eles encontraram a mesma dificuldade até que, de um momento para outro, deram com a explicação. Eram eles mesmos e não as máquinas, que se portavam extravagantemente. Era a excitação nervosa deles, as preocupações deles com a reação dos visitantes ilustres, que se achavam impressões no panorama das luzes que lhes vinham da pele.

Desde os primeiros segundos da demonstração (e até enquanto se preparavam para ela) as suas emoções e pensamentos refulgiam nos sinais coloridos dos clarões. Se os visitantes tivessem sabido decifrar o código, interpretar as cores e posições dos lampejos teriam visto muito mais que um simples espetáculo de luzes nas mãos dos Kirlians.

- Essas mudanças no padrão de energia ocorrem com extrema rapidez, - assinalaram os inventores. E ajuntaram, com um sorriso. dirigindo-se aos observadores: - No interesse da ciência, tomem um copo de vodca.

Observando as próprias mãos na descarga de alta freqüência, os visitantes puderam ver a influência estimulante do álcool aparecer instantaneamente nos padrões multicoloridos de energia do corpo. Claro está, acrescentaram os Kirlians, que a própria atitude do observador desempenha a sua parte e influi no momento em que os clarões de energia podem ser descarregados.

Doença, emoção, estados de espírito, pensamentos, cansaço, tudo isso provoca uma impressão característica no padrão de energia que parece circular de contínuo pelo corpo humano. (Nas gravuras, vê-se a ponta do dedo de uma pessoa normal, sadia, fotografada pelo processo kirliano. A segunda fotografia mostra a mesma ponta de dedo da mesma pessoa, porém desta vez muito fatigado e supertensa. Uma quantidade maior de energia parece sair do corpo quando a pessoa esta cansada.)

Durante séculos, os médiuns têm descrito um fenômeno a que deram o nome de aura. E pela nuvem de energia que enxergavam ao redor das pessoas, diagnosticavam doenças e estados de espírito. É provável que a aura vista pelos médiuns seja feita de numerosos elementos do campo de força humano, incluindo talvez a radiação térmica, campos eletromagnéticos e muitas outras coisas que ainda não conhecemos. As fotografias kirlianas parecem mostrar, pelo menos, alguns elementos da aura, alguma parte dela que nenhum outro dispositivo mostrou ou registrou até agora. Os médiuns disseram muitas vezes que a aura tinha uma relação qualquer com "freqüência", e o processo kirliano torna visível essa forma da aura fazendo correr campos elétricos de alta freqüência através das coisas vivas. Dizem os Kirlians que, variando-se a freqüência, pormenores diferentes aparecem nas fotografias da bioluminescência.

Cem anos atrás, o famoso químico alemão, descobridor do creosoto, Barão Von Reichenbach, relatara também extensa pesquisa sobre uma espécie de energia ou luminescência, que se irradiava de seres humanos, plantas e animais. Chamara-lhe "força ódica", em honra do deus norueguês Odin, a fim de dar a idéia de que algo que "se

difunde por tudo". Curiosamente, os relatos de Von Reichenbach são idênticos às descrições soviéticas e ao que vimos nas fotografias coloridas dos Kirlians.

Dentro de duas cores básicas: azul e vermelho-amarelado, os médiuns de Von Reichenbach descreveram "clarões verdes, vermelhos, alaranjados, roxos, que aparecem e desaparecem. O vermelho-arroxeado surge e morre num vapor semelhante à fumaça; tudo isso entremisturado com um sem-número de chispazinhas ou estrelinhas brilhantes" (362)

Nas fotografias kirlianas coloridas de folhas de plantas vimos às mesmas cores fundamentais: azul e amarelo-avermelhado. Dentro dessas cores havia clarões policromos. No entender de Reichenbach, as cores azuis e amarelo-avermelhadas indicavam que a "energia ódica" estava polarizada.

Em Londres, usando lentes especiais, coloridas, o Dr. Walter Kilner afirmou ter visto o mesmo fenômeno. Essa aura de energia em torno do corpo estava sempre em movimento e, exatamente como o mostravam as fotografias dos Kirlians, dele emergiam clarões multicores de energia que se perdiam no espaço. Saúde má, cansaço, depressão, tudo influía na aura, de acordo com Kilner, que logo aprendeu a fazer diagnósticos baseados nas cores e na forma da aura. Kilner descobriu que algumas pessoas eram capazes de mudar, a seu talante, as cores da própria aura. Várias manchas de padrões perturbados indicavam áreas doentes, segundo consta do seu livro The Human Aura. Eram os mesmos padrões que os Kirlians haviam descrito.

O mundo científico soviético estava presenciando agora o mesmo fenômeno nas fotografias kirlianas. Quem era a

bioluminescência? Para alguns cientistas soviéticos, “essa energia não é elétrica nem eletromagnética”. Teriam os Kirlians topado com uma estranha e nova energia? Deveriam e poderiam prosseguir em seus estudos?

Durante treze anos o destino da fotografia kirliana e da sua fantástica e nova "janela aberta para o desconhecido" permaneceu numa posição crítica incerta. “Trata-se de um grande achado, um diamante bruto” disseram ministros do governo.

E uma forma inteiramente nova de fotografia, disse o acadêmico Gleb M. Frank, então Diretor Científico do Instituto de Física Biológica da Academia de Ciências e agora chefe da nova e exuberante Cidade da Ciência - "Pushchino" perto de Moscou. "Conheço há muito tempo a fotografia kirliana", disse ele à imprensa soviética. "Eu mesmo apresentei o método kirliano ao laboratório de fotografia aplicada e cinematografia da Academia de Ciências. Essa técnica precisa ser usada por toda a ciência e toda a tecnologia", concluiu o eminente acadêmico.

Professores de medicina, como o Dr. S. M. Pavlenko, Presidente do Departamento de Patologia e Fisiologia do Primeiro Instituto Médico de Moscou, afirmou: "A fotografia kirliana pode ser empregada no diagnóstico precoce das moléstias, sobretudo do câncer".

Cientista médico, o Dr. Lev Nikolaevich Fedorov ficou "empolgado" com o processo kirliano. A instâncias suas, o Ministério da Saúde Pública da URSS financiou algumas pesquisas de Kirlian. Infelizmente, o Dr. Fedorov morreu e os subsídios acabaram.

O Instituto Agrícola de Kuban, dirigido por P. F. Varukoi, compreendeu que o processo kirliana seria

sumamente proveitoso para a agricultura. "Queremos estudar o descobrimento. Encontramos o dinheiro para financiar o projeto, mas o governo nos recusou o pessoal científico para realizar o trabalho."

Os Kirlians foram elogiados pelo acadêmico soviético A. V. Topchiyeva, do Presídio da Academia de Ciências da URSS, que declarou publicamente: "o prosseguimento dos estudos é indispensável. A fotografia de alta freqüência apresenta indubitável interesse científico".

A. F. Garmashev, Presidente da Comissão de Invenções do Governo Soviético, declarou à imprensa que considerava a descoberta de Kirlian um triunfo. "Precisamos trabalhar nela imediatamente".

O Dr. L. A. Tumerman, ilustre biofísico soviético do Instituto de Radiação e de Biologia Físico-Química da Academia de Ciências instou com a Academia que proporcionasse um laboratório aos inventores.

Quase todos os cientistas, médicos, pesquisadores, que tinham visto a fotografia de alta freqüência e o notável fenômeno de "bioluminescência", voltaram convencidos de que a técnica de Kirlian seria útil em todas as áreas da ciência e da tecnologia. (10) A medicina, a odontologia, a criminologia, a geologia, a agricultura, a arqueologia, a medicina legal, todas poderiam ser beneficiadas pelo descobrimento kirliano. Inúmeros pesquisadores começaram a trabalhar por conta própria.

Entrementes, à semelhança de Marie e Pierre Curie, que pesquisavam o rádio, Semyon e Valentina Kirlian lutavam, pacientes, na tentativa de desvelar os misteriosos "hieróglifos luminosos" que tinham encontrado saindo de seres humanos. Pouco a pouco, os registros dos seus

descobrimentos, cada vez mais volumosos, encheram dois pesados volumes.

Trabalhando dia e noite em seu minúsculo laboratório, aperfeiçoaram, à própria custa, um processo depois do outro. Criaram novos instrumentos ópticos e novas técnicas, que permitiram associar a fotografia de Kirlian ao poderoso microscópio eletrônico. Dedicado e patriótico, o casal doou ao Estado as patentes de todas as suas invenções.

Os Kirlians haviam feito, durante um quarto de século, minuciosas experiências sobre essa misteriosa energia humana. Veriam, um dia, a União Soviética e o resto do mundo o seu notável descobrimento?

No início da década de 1960, jornalistas soviéticos publicaram algumas revelações contundentes sobre a situação da invenção de Kirlian.(9-10) "A situação é tão má quanto antes da Revolução", disse um deles, "quando os burocratas czaristas recuavam diante da incerteza da novidade!" O indignado redator prosseguiu: "Todos os cientistas que viram o trabalho dos Kirlians concordam em que é urgente a pesquisa e estão convencidos de que o seu descobrimento poderá trazer grandes benefícios ao homem. Entretanto, vinte e cinco anos se passaram depois que os Kirlians fizeram a descoberta, e os Ministérios encarregados ainda não liberaram verba alguma para eles nem para nenhum instituto científico de pesquisas com o fito de prosseguir nesse trabalho."

Por fim, na década de 1960, aconteceu! A súbitas, a invenção kirliana emergiu de um abismo burocrático. Concedeu-se aos Kirlians uma pensão, um novo apartamento num distrito novo e agradável de Crasnodar e um laboratório especialmente aparelhado. Iniciou-se uma pesquisa científica

em larga escala sobre a fotografia kirliana em institutos, laboratórios e universidades de toda a URSS. Em 1962, a Revista da União Soviética,(98) noticiou que estabelecimentos inteiros de pesquisa científica tinham sido incumbidos de trabalhar no fenômeno de Kirlian. (Veja Apêndice A, 9.)

Semyon Davidovich Kirlian e Valentina Chrisanfovna Kirlian tinham criado um modo de vermos o invisível. Mas que significava isso - esse Dédalo de energia colorida dentro de nós? O mundo da ciência soviética fora colocado na pista de algumas descobertas realmente terríveis sobre a natureza do homem. A "janela aberta para o desconhecido" de Kirlian poderá revolucionar o conceito que fazemos de nós mesmos e do nosso universo. Ao que tudo indica, eles descobriram muito mais do que a aura.

17

A CIÊNCIA SONDA O CORPO ENERGÉTICO

Existe um "corpo astral", um "corpo energético", cópia do corpo físico do ser humano? Durante séculos, videntes, escritores, clarividentes, assim como antigas filosofias e religiões se referiram a um corpo invisível que todos possuímos. Ele tem sido chamado, através dos séculos, "corpo sutil", "corpo astral", "corpo etérico", "corpo fluídico", "corpo Beta", "corpo equivalente", "corpo pré-físico", para citarmos apenas alguns dos seus nomes.

Pessoas que tiveram um membro amputado continuam, não raro, sentindo a perna ou o braço que falta como se este ainda estivesse lá. Os médicos explicam a sensação dizendo que se trata de uma alucinação que satisfaz a um desejo, de nervos que ainda registram o que se foi, ou de uma tendência psicológica pata continuar encarando o corpo como um todo. Mas os médiuns e clarividentes afirmaram amiúde ter "visto" membros fantasmas. O braço ou a perna que falta persiste em forma fluídica, dizem eles, e continua ligado ao corpo.

Consoante alguns médiuns, esse duplo humano é maior do que o corpo físico e a aura ou luz que se vê em forma de radiações à volta do corpo é simplesmente a borda externa do duplo humano.

Uma das médiuns mais notáveis e merecedoras de confiança do nosso tempo, Eileen Garrett, mulher de negócios muito bem sucedida e Presidente da Fundação de Parapsicologia de Nova Iorque, escreve em seu livro Awareness: "Durante toda a minha vida eu soube que todos possuímos um segundo corpo - um duplo. O duplo é um fato distinto nos ensinamentos orientais e teosóficos e, como tal, considerado um corpo energético, uma área magnética associada ao corpo humano físico, em que as forças imateriais do cosmo, o sistema solar, o planeta e o nosso meio mais imediato são normalmente transformados na vida e na crença do indivíduo".

A aura ou "orla" é uma fase da operação do corpo energético humano ou duplo, diz ela. E o mais importante de tudo é que o duplo pode ser usado para a expansão da consciência. "O duplo é o meio da projeção telepática e clarividente."

A ser exata a teoria da Sra. Garrett, o segredo da ESP está ligado ao chamado "corpo astral". Mas que provas científicas temos nós da existência desse "corpo energético"?

O Dr. Wilder Penfield, da McGill University de Montreal, realizou inúmeras operações em que extirpou maciços segmentos do cérebro de pacientes. Sem embargo disso, a "mente" parecia continuar funcionando como antes, sem qualquer distúrbio da consciência. "Talvez precisemos visualizar sempre um elemento espiritual... uma essência espiritual capaz de controlar o mecanismo. A máquina jamais explicará cabalmente o homem, nem os mecanismos explicarão a natureza do espírito", diz o Doutor Penfield. (400)

Uma médium inglesa conceituadíssima, Geraldine Cummins, disse 284 alguma coisa na década de 1930 surpreendentemente pertinente ao que descobriríamos na Rússia. "A mente não opera diretamente sobre o cérebro. Existe um corpo etérico que é o elo entre a mente e as células do cérebro Partículas corpusculares muito menores do que as que os cientistas já conhecem viajam ao longo de fibras do corpo etérico, ou duplo, para certas regiões do corpo e para o cérebro. Eu poderia chamar-lhes unidades de vida [...] Esse corpo invisível - por mim denominado duplo ou mecanismo unificador - é o único canal por cujo intermédio à mente e a vida podem comunicar-se com a forma física. Se uma fibra se romper entre ambos, ocorrerá incontinenti uma falha no controle. [...] Cada animal tem um corpo unificador invisível feito de éter modificado. Deverá ser possível inventar, com o tempo, um , instrumento que nos permita perceber esse corpo."

Se o chamado duplo pudesse, um dia, tornar-se visível e acessível à ciência, os resultados seriam revolucionários. Isso não somente abalaria consideravelmente o nosso conceito de nós mesmos e dos outros seres vivos, mas também daria novos horizontes à medicina, à psicologia, à religião, à biologia. O estudo do "duplo" nos ensejaria também maiores possibilidades de dominar a telepatia e a clarividência.

Terão os soviéticos feito a descoberta? Terão eles tornado visível o duplo humano? Será este passível de estudos? Os Kirlians descobriram a fotografia de alta freqüência num palpite intuitivo em 1939. Nos anos 60, a pesquisa sobre os fenômenos de bioluminescência, revelados pela câmara de Kirlian, se processava em universidades e institutos de pesquisa em toda a URSS.

Na Rússia, um jovem cientista soviético, estudioso da fotografia de Kirlian, sentou-se à mesa conosco. De uma pasta abarrotada de papéis retirou um maço de fotografias.

- Vejam isto, - disse ele, estendendo uma grande fotografia da folha de uma planta muito aumentada. A fotografia fora produzida pelo método de Kirlian num campo elétrico de alta freqüência. Era o tipo de imagem de folha com o qual nos havíamos familiarizado - uma massa de luzes cintilantes espalhadas por toda a extensão da folha; aqui e ali, clarões vívidos e brilhantes e, ao redor das bordas, uma aura precisa de luminescência. Ele estendeu-nos uma segunda fotografia. Parecia à mesma folha, só que... no meio do lado direito tivemos a impressão de ver uma linha. Além dessa linha, os contornos faiscantes e as veias se diriam mais impalpáveis, o fundo mais penugento.

- Esta é a mesma folha da primeira fotografia, - explicou o jovem cientista. - A verdadeira folha foi cortada. Extraiu-se uma terça parte dela. Mas o padrão de energia de toda a folha ainda está aí!

Em outras palavras, estávamos vendo, na realidade, o "fantasma" de parte da folha - um equivalente fantasmagórico de pura energia.

- Que substância é esta? - perguntamos, apontando para a parte cortada da folha que não deveria estar lá.

- É uma forma de energia, - respondeu o cientista. - Essa energia pode ter origem na atividade elétrica ou em campos eletromagnéticos, mas a na natureza é inteiramente outra. Nós a consideramos uma espécie de plasma. (Em física, o plasma é o quarto estado da matéria - torrentes de massas de partículas ionizadas.)

- Que comece quando se corta mais de uma terça parte da folha?

- A folha morre e todo o seu "corpo energético" desaparece.

Quando um ser humano perde um dedo ou um braço ou tem uma perna amputada, ainda conserva o corpo "equivalente" - uma espécie de fantasma do dedo ou da perna?

- Sim, - confirmou o cientista, inclinando afirmativamente a cabeça.

Pelo que tínhamos visto, os soviéticos pareciam ter provas de que existe uma espécie de matriz de energia em todas as coisas vivas, uma espécie de corpo unificador invisível ou luminescência que nos penetra o corpo físico. Mas que é exatamente esse corpo energética? Como funciona? De onde vem?

Os estudos que responderam a essas perguntas foram iniciados nas proximidades dos centros espaciais soviéticos no longínquo Cazaquistão. Na respeitadíssima Universidade de Kirov do Cazaquistão, em Alma-Ata, biologistas, bioquímicos e biofísicos reuniram-se em torno de um imenso microscópio eletrônico. O equipamento dos Kirlians fizera um longo trajeto. Agora estava preso àquele sofisticado e intricado instrumento eletrônico. Olhando pelo ocular do microscópio eletrônico, os cientistas viram na silenciosa descarga de alta freqüência alguma coisa outrora reservada apenas aos clarividentes. Viram o "duplo" vivo de um organismo vivo em movimento.

Fizeram-se inúmeras experiências com plantas, animais e seres humanos vivos utilizando o efeito kirliano. Que era esse "duplo"? "Uma espécie de constelação elementar, semelhante ao plasma, feita de elétrons e prótons ionizados, excitados, e possivelmente de outras partículas", disseram eles. "Ao mesmo tempo, porém, o corpo energético não é apenas formado de partículas. Não é um sistema caótico. E, por si mesmo, todo um organismo unificá-lo." Atua como unidade, dizem eles e, como unidade, emite os próprios campos eletromagnéticos é à base de campos biológicos.

Em 1968, os Drs. V. Empuxem, V. Grishchenko, N. Vorobev, N. Shouiski, N. Fedorova e F. Gibadulin anunciaram o seu descobrimento: todas as coisas vivas - plantas, animais e seres humanos – possuem não só um corpo físico, constituído de átomos e moléculas, mas também um corpo energético equivalente, a que dão o nome de "Corpo do Plasma Biológico". (75-60-198)

As implicações são tremendas:

Num trabalho científico volumoso como um livro, publicado pela Universidade do Cazaquistão, "A essência biológica do efeito de Kirlian", (Alma-Ata, 1968), eles descreveram as pesquisas levadas a efeito com o "corpo energético" vivo. (Veja Apêndice A, 7.)

"A bioluminescência visível nas fotografias de Kirlian é causada pelo bioplasma e não pelo estado elétrico do organismo", dizem eles. Um dos traços mais característicos desse corpo energético colorido e vibrante, que existe em todas as coisas vivas, é "a sua organização espacial específica". Possui forma. No interior do corpo energético, afirmam os cientistas, os processos têm o seu próprio movimento labiríntico, absolutamente diverso do padrão de energia no corpo físico. O corpo bioplasmático também é polarizado.

"O plasma biológico do corpo energético é específico de cada organismo, de cada tecido e, possivelmente, de cada biomolécula", afiançam eles. "A especificidade determina a forma do organismo."

Nos últimos anos, inúmeros cientistas de muitos países têm pressuposto a existência de uma espécie de matriz, uma espécie de padrão organizador invisível, inerente aos seres vivos. Na União Soviética, por exemplo, o Dr. Alexandre Studitsky, do Instituto de Morfologia Animal de Moscou, picou um tecido muscular em pedacinhos e enfiou-os na ferida feita no corpo de um rato. A partir desses pedacinhos, o corpo reconstituiu um músculo inteiramente novo, como se existisse um padrão organizador

Um neurologista norte-americano descobriu que poderia atinar com vestígios do padrão de campo elétrico do membro cortado de uma salamandra. (275) Outros cientistas,

tomando de um glóbulo de protoplasma, que deveria crescer no braço de um animal fetal, o colocaram no lugar da perna. Daí nasceu uma perna, e não um braço, o que supõe, mais uma vez, um campo organizador.

Será o corpo brilhante de luz que os Kirlians descobriram esse molde ou padrão organizador? Em caso afirmativo, que relação existe entre o importantíssimo corpo energético e o corpo físico?

Nas fotografias que os cientistas soviéticos nos mostraram, vimos que, embora se corte parte do corpo físico de um ser vivo, o corpo bioplasmático subsiste, inteiro e claramente visível, num campo de alta freqüência. Quando o corpo energético desaparece, a planta ou o animal morre.

"Existe uma relação rigorosa entre o corpo físico e o corpo energético (entre a matéria atômico-molecular e o estado plásmico das coisas vivas)", asseveraram os cientistas de Casaquia. A energia de qualquer ser vivo é feita da energia das suas células físicas e da energia móvel do bioplasma, dizem Inyushin, Grishchenko e os seus colegas.

Que é o que gera essa energia bioplasmática? Como reabastecemos o corpo energético? Os cientistas de Casaquia descobriram que o oxigênio que respiramos converte alguns dos seus elétrons excedentes e um certo quantum de energia no corpo energético. Na silenciosa descarga de alta freqüência foi-lhes possível assistir efetivamente ao processo no instante em que este ocorria.

Ao que tudo indica, a respiração carrega o corpo bioplasmático, renova as reservas de energia vital e ajuda a regularizar os padrões energéticos perturbados. A filosofia hindu da Ioga sempre sustentou que a respiração carrega

todo o corpo de "força vital" ou "prana", e a Ioga prescreve exercícios específicos de respiração para conservar a saúde.

Agora os biologistas da Universidade de Casaquia começaram a compreender por que respirar o ar ionizado tem "um grande efeito medicinal em muitas espécies de doenças". Segundo os soviéticos, muitas doenças principiam quando se deteriora o suprimento de bioplasma. Eles descobriram até que o simples borrifo de uma ferida com ar ionizado; lhe acelera consideravelmente a cura, uma vez que os íons negativos ajudam a restaurar o equilíbrio do corpo plasmático.

"Com esse conceito do corpo de plasma biológico, podemos abrir novos caminhos para a compreensão do crescimento do câncer, dos tumores e de outras formas de moléstias", escreveram os biologistas.

Os cientistas também estudaram o impacto de várias cores sobre o "bioplasma". E chegaram à conclusão de que cada cor lhe altera a atividade e produz nele oscilações específicas. O azul, por exemplo, parece intensificar a descarga de luminescência. Talvez a base da visão sem olhos resida nas reações do bioplasma humano à cor. Eles constataram também que campos magnéticos fracos estabilizam a luminescência do bioplasma.

Na conferência de parapsicologia de Moscou, conhecemos o Dr. V. Inyushin, um dos cientistas de Alma-Ata, que dirigiu parte dessa pesquisa. Enquanto insistia conosco para que fôssemos a Alma-Ata conhecer-lhes o trabalho e perguntava por que os biologistas e bioquímicos norte-americanos não se votavam à pesquisa da parapsicologia e por que nenhum deles fora enviado à conferência, explicou:

- O descobrimento de Kirlian abriu a possibilidade de estudar os estudos plasmáticos do organismo. É através do corpo de plasma biológico que reagimos a todas as ocorrências cósmicas. Quando se registram perturbações do Sol [ou súbitas e temporárias explosões de energia de pequenas áreas da superfície solar], os nossos biologistas registraram toda a sorte de reações biológicas em seres humanos, plantas e animais, - disse o Dr. Inyushin. - Esses distúrbios do Sol causam alterações em todo o equilíbrio plasmático do universo, as quais, por seu turno, interessam o bioplasma dos organismos vivos. Tudo isso redunda em modificações físicas que podemos ver.

Os descobrimentos soviéticos coincidiam exatamente com o que Eileen Garrett, a médium, havia dito. E nós nos pomos a imaginar se os soviéticos não estarão começando a formular, diante do funcionamento do corpo bioplasmático, novas bases científicas para outro antigo sistema de pensamento: a astrologia.(61) O biologista cósmico soviético, Dr. Chijevsky realizou extenso trabalho sobre o impacto exercido pelo ciclo de 11 anos e meio dos distúrbios solares acima citados sobre a vida humana. (19-21-304)

Durante séculos, muitos médiuns afirmaram ser possível separar à vontade o "corpo astral" do corpo físico. Sustentam alguns médiuns que não somente podem movimentar esse corpo energético, mas também viajar nele. Os soviéticos estão atualmente estudando os iogues que afirmam realizar viagens fora do corpo. (24) Em ocasiões de crises, transes, coma ou sob a influência de anestésicos, diz-se que esse corpo energético se desprende espontaneamente. O Dr. Charles Tart, da Universidade da Califórnia, Davis, está começando a fazer experiências com viagens fora do

corpo.(408) Harold Sherman, escritor, médium e diretor da fundação dos Associados na Pesquisa da ESP em Arkansas, tentou realizar estudos de pessoas que asseguram ter tido esse tipo de experiência.

No momento da morte, ao que se supõe, o corpo energético abandona o corpo físico. Dizem os médiuns: "O corpo etérico, ou corpo energético, e o corpo físico se interpenetram - o primeiro é uma cópia exata do segundo. Por ocasião da morte, emergimos simplesmente do nosso invólucro de carne e continuamos a viver como corpo energético".(335)

E pouco provável que os soviéticos se animem a sondar a vida futura. E também pouco provável que o corpo bioplasmático dos soviéticos seja a explicação cabal das chamadas viagens astrais. No decurso, porém, das suas extensas pesquisas com o processo kirliano, os soviéticos fotografaram muitas vezes o momento da morte. Por ocasião da morte do corpo físico de uma planta ou de um animal, os russos viram fagulhas e clarões do corpo bioplasmático arremessando-se, pouco a pouco, ao espaço, nadando para longe e desaparecendo. Gradativamente se dissipava toda e qualquer luminescência proveniente da planta ou do animal mortos. Entrementes, detectores à distância do campo biológico continuavam a detectar campos de força pulsantes do corpo morto. Virá essa energia do corpo bioplasmático em dispersão? Com a ajuda da fotografia de Kirlian talvez seja possível desvelar um pouco mais o mistério da morte.

Valentina Chrisanfovna Kirlian e Semyon Davidovich Kirlian possibilitaram a todos nós ver, pelo menos, parte da aura. Eles parecem haver fotografado o lendário corpo energético, o nosso segundo corpo, o corpo sutil. Assim

como os Curies encontraram um universo novo e turbilhonante no interior de um pedaço de rádio, assim os Kirlians encontraram "galáxias inteiras de luzes - azuis, douradas, verdes, roxas" e "um mundo de fogo, grandes canais de luz coruscante e cintilante" nos seres vivos, em nós. De todas as coisas novas e insólitas que se nos depararam por detrás da Cortina de Ferro, o descobrimento dos Kirlians nos parece, potencialmente, a mais importante. Depois de vermos as suas brilhantes e belas fotografias, nunca mais seremos capazes de pensar em nós mesmos ou em qualquer outra pessoa nos termos sólidos, opacos, inertes, com que pensávamos antes.

As implicações da asserção soviética de que existe um corpo energético, ou astral, são vastas. Nenhuma área do nosso pensamento, seja ela a filosofia, a ciência, a arte, a religião, a medicina, deixará de ser, mais cedo ou mais tarde, afetada pelo conceito de que não possuímos um corpo, senão dois. Temos dado a ele o nome de corpo secundário. Mas é bem possível que se trate do corpo primário. Pode dar-se que, através dele, estejamos ligados a todas as coisas do universo de maneira mais vital do que jamais imaginamos.

Para a parapsicologia, a compreensão do corpo energético do homem será, porventura, a chave de mistérios seculares. Tudo faz crer que a Sra. Garrett tivera razão ao afirmar a existência de um corpo energético humano, ao descrever-lhe às características e ao referir-se ao impacto do sistema solar sobre ele. Teria tido razão ao afirmar que esse corpo energético é o meio dos fatos psíquicos?

Os Kirlians haviam dado aos parapsicologistas uma assombrosa e nova técnica exploratória e os parapsicologistas se valeram imediatamente dela no estudo

do corpo energético e da ESP. A aventura estava começando...

18

O CORPO ENERGÉTICO E A ESP

Um corpo energético, um segundo corpo, um corpo sutil, sensível, que reage quase imediatamente a uma mudança de pensamento ou de estado de espírito, ou às alterações do meio, é uma idéia recentíssima na biologia soviética. Tão recente que as ondas de choque ainda não se fizeram sentir em outras áreas da ciência. Mas a aura e o chamado corpo austral foram descarregados há muito tempo na província dos parapsicologistas e estes não tardaram a compreendê-los.

- O descobrimento de uma energia que circula pelo corpo, que não é sangue nem eletricidade, tem grandíssima importância para a parapsicologia, - disseram-nos cientistas respeitados. - Poderá proporcionar as pistas há tanto tempo esperadas para uma explicação sensata de uma infinidade de fatos supernormais, da rabdomancia à telepatia e à cura psíquica.

CURA

À parte as "feiticeiras" que curam, sobretudo nas aldeias siberianas, a União Soviética possui alguns conhecidos e respeitados médiuns curadores, capazes, segundo se afirma, de curar todas as espécies de doenças pela imposição das

mãos. Dois curadores muito conhecidos da cidade de Tbilisi, capital da República Soviética da Geórgia, são o Camarada Kenchadze e o Coronel Alexei Krivorotov.

Krivorotov, que agora passou para a reserva, trabalhou por mais de sete anos, como médium curador, com o filho, que é médico. Afiançam os soviéticos que ele tem êxito principalmente na cura de doenças das costas, radiculites, infecções e muitas moléstias do sistema nervoso. (89) A cura não é instantânea, mas exige cerca de um mês de tratamento.

Depois de ter sido cuidadosamente examinado e diagnosticado pelo jovem Dr. Krivorotov, o paciente é colocado numa cadeira. O coronel se posta atrás dele, com as mãos a uns cinco centímetros do seu corpo. Sem tocá-lo, passa as mãos em torno da cabeça, depois das costas. Os pacientes costumam dizer que sentem um grande calor irradiar-se das mãos do coronel, que nunca chegam a tocá-los. Quando um órgão interno está doente, os pacientes afirmam com freqüência sentir um tremendo calor saindo do lugar, como se o órgão, dizem eles, estivesse sendo abafado. Krivorotov também sente o calor que emana do paciente e, assim, localiza com exatidão o foco da doença. Durante o tratamento, os pacientes asseguram que as mãos de Krivorotov lhes queimam o corpo. Os testes, contudo, não revelaram nenhuma alteração da temperatura cutânea do paciente nem de Krivorotov. Na realidade, as mãos do coronel eram frias ao toque. Muitos pacientes declararam que a sensação de queimadura persistia até dois dias depois do tratamento, embora os testes médicos tornassem a mostrar que a temperatura se mantinha normal.

- Creio que a energia vem de alguma fonte externa, - diz o Coronel Krivorotov. Muitas vezes, enquanto está tratando

dos seus pacientes, os observadores ouvem ruídos, como de pequenas explosões ou descargas, que parecem provir do espaço entre as suas mãos e o paciente.

Há três anos, os cientistas soviéticos decidiram submeter Krivorotov a experiências utilizando o método da fotografia de Kirlian. Seguiu-se um longo mês de testes. Não se publicaram os resultados, mas fomos inteiradas por uma fonte fidedigna de que as fotografias de alta freqüência das mãos de Krivorotov durante o tratamento acusavam uma completa mudança nos padrões de energia provenientes da sua pele. "Antes", "Durante" e "Depois", as fotografias kirlianas mostravam características distintas. O brilho da emissão e a força dos clarões dependiam do estado de tensão ou descontração de Krivorotov. No momento em que parecia estar provocando uma sensação de intenso calor no paciente, o brilho total das suas mãos diminuía e numa areazinha se desenvolvia estreito canal de intenso brilho. Dir-se-ia que a energia que lhe saía das mãos podia ser focalizada como um feixe de laser.

A técnica kirliana mostrava também variações na dor que os pacientes experimentavam; a dor forte correspondia a cores brilhantes e intensas; a diminuição dos fenômenos dolorosos traduzia-se por cores pastel. Valentina Kirlian foi à primeira pessoa a mostrar que a dor e o ferimento provocavam a emanação de uma cor nítida e brilhante do corpo. Um dia, falseou o pé no laboratório, caiu e torceu a perna. Não gritou por socorro. Ao invés disso, chamou o marido para ajudá-la a examinar a própria perna nos campos de alta freqüência. E o casal viu cores inusitadamente vivas.

Além da dor, emoções súbitas e fortes também produzem mudanças da cor e da luz que emanam do corpo. Quando

uma pessoa está encolerizada ou cansada, a aparelho de Kirlian revela que uma luz mais forte se destaca do corpo num padrão distinto. Tais modificações da cor e da intensidade luminosa parecem afetar-nos o corpo físico. Afetariam outros seres vivos também?

O Dr. Bernard Grad, da McGill University de Montreal, talvez tenha uma pista nesse sentido. Grad demonstrou exaustivamente que, se um médium curador segurar água num frasco selado e essa água, mais tarde, for despejada sobre sementes de cevada, as plantas crescerão mais do que as nascidas de sementes não tratadas pela mesma água. Mas - e esta é a parte mais desconcertante - se pacientes psiquiátricos deprimidos segurarem os frascos de água, o desenvolvimento das sementes será retardado.

Sugere o Dr. Grad que parece haver algum "fator X", ou energia, que emana do corpo humano para influir no crescimento de plantas e animais. O estado de espírito da pessoa afeta essa energia. E, no dizer de Grad,(305) a mesma "energia", até agora desconhecida, tem as mais amplas implicações para a ciência médica, desde a cura até os testes de laboratório.

Talvez o que os Kirlians fotografam saindo da mão do curador e o aumento dos clarões brilhantes que eles vêem em pessoas encolerizadas ou amedrontadas seja a energia "X" que o Dr. Grad descreveu. Os Kirlians fotografaram a energia brilhante que flui do curador para o paciente. É possível que o seu aparelho nos possa mostrar igualmente, com exatidão, a maneira pela qual a energia que se desprende das mãos de uma pessoa emocionalmente deprimida influi na água e nas plantas.

Os trabalhos preliminares com a fotografia kirliana até agora parecem indicar que a cura psíquica envolve uma transferência de energia do corpo bioplasmático do curador para o corpo bioplasmático do paciente. As mudanças ocorridas nesse nível finalmente se refletem no corpo físico e, segundo se afirma, curam-no. Se descobríssemos como funciona o corpo bioplasmático, talvez pudéssemos desenvolver novas formas de cura baseadas na equilibração das suas energias, possivelmente com íons negativos, pulsações eletromagnéticas ou campos magnéticos oscilantes. O diagnóstico médico também poderá receber grande impulso proporcionado pela fotografia kirliana. Uma série recente de experiências de diagnóstico com a técnica de Kirlian num sanatório de Sochi foi, segundo dizem, coroada de sucesso.

Afirma-se que os médiuns não operam as suas "maravilhas" apenas em seres vivos. Há pouco tempo, o Dr. Jacques Errera, Consultor de Assuntos Nucleares do governo belga, andou metido num trabalho com um curador que impunha as mãos sobre um pedaço de carne fresca. Esse "tratamento" parecia preservar a carne, que não se decompunha nem se deteriorava pelo espaço de um mês, embora não fosse refrigerada. (162) A responsável por isso era uma espécie de energia X. Seria, acaso, a mesma energia que os Kirlians haviam fotografado jorrando das mãos do Coronel Krivorotov?

Na URSS, o Dr. Pedro Kapitsa, filho do famoso físico que aperfeiçoou as bombas atômicas e de hidrogênio da Rússia, interessa-se pelo estudo desse fator X, mencionado pelo Doutor Errem. Encontramos o Dr. Kapitsa em sua sala no Instituto de Problemas Físicos de Moscou.

- Ainda não iniciamos nenhuma experiência com esse fenômeno, - disse-nos Kapitsa, - mas estou muito interessado por esse tipo de pesquisa porque estamos começando a encontrar problemas dessa natureza em várias áreas de pesquisa científica por aqui.

O estudo kirliano do corpo energético conduziu a fatos inesperados e promissores em outra forma de medicina, talvez ainda mais insólitos para nós do que a cura psíquica. Os russos atulharam a nossa bagagem de livros sobre acupuntura, sistema chinês de medicina que tem séculos de existência e realiza curas com agulhas.

- É importante, é o que há de mais recente na pesquisa da ESP, - disseram-nos os russos. Talvez se tratasse de uma grande revolução, mas a única resposta que obtiveram de nós foram os nossos olhares atônitos. Não sabíamos da medicina chinesa mais do que o nome, que, aliás, demorou para acudir-nos à lembrança, enquanto os russos forcejavam virilmente por dizer-nos em inglês: - Há uma conexão importante entre os "buracos chineses" e a ESP!

Parece existir, no domínio da aura, do corpo energético e talvez da telepatia, uma conexão entre a acupuntura e a ESP. É uma estranha história. Os pedaços desse fantástico quebra-cabeça começaram a ajustar-se na década de 1950.

O CORPO ENERGÉTICO E A ACUPUNTURA

O Dr. Mikhail Kuzmich Gaikin, cirurgião de Leningrado, olhava intensamente para as miríades de desenhos de luzes que se despegavam da mão de Kirlian e da sua sob o impacto dos campos de alta freqüência. O Dr. Gaikin lera um artigo sobre os Kirlians na Gazeta Literária em 1953. Qualquer

coisa na fotografia que acompanhava o artigo fez uma idéia pulsar-lhe no cérebro. Determinou fazer a longa viagem a Crasnodar, a sudeste da Criméia.

Os Kirlians mostraram a Gaikin fotografias do corpo de um homem que parecia um carnaval de luzes. A seguir, no campo de alta freqüência, Gaikin assistiu a um espetáculo inacreditável de fogos de artifício em suas próprias mãos - grandes canais de relâmpagos roxos cintilavam, turbulentos. Havia luzes silenciosas vermelho-amareladas e azuis, que se diriam "estrelas anãs". Parecia haver depressões em forma de crateras das quais não irrompia a lava ardente, mas um resplendor como de luzes árticas. Dir-se-ia que algumas dessas luzes se projetavam no espaço.

- De onde vem essa caravana de luzes? Para onde vai? - perguntou Kirlian a Gaikin. - Por que as luzes vermelho-amareladas e as luzes azuis são sempre parelhas? E por que têm tamanhos diferentes? Por que os grandes clarões são roxos? Esse colorido panorama de luzes deve obedecer a alguma lei. Talvez os mistérios da natureza viva estejam codificados nas cores dessas luzes.

Gaikin pôs-se a matutar - seriam os clarões eletricidade dos nervos? Mas a sua localização não correspondia às terminações nervosas da pele. De mais a mais, os mesmos clarões eram emitidos pelas plantas e as plantas não possuem sistema nervoso. Não parecia haver diferença entre as células que brilhavam e as que não brilhavam.

Os desenhos de luzes que ele viu no corpo humano recordaram-lhe uma coisa com que topara na China. Como cirurgião-chefe na Frente de Zabaikal em 1945, o Dr. Gaikin vira médicos chineses curar moléstias que sempre reputara incuráveis - artrite reumatóide, epilepsia, tipos de surdez. Os

médicos usavam a antiga forma chinesa de medicina - a acupuntura. (Em seu livro Hiroshima, John Hersey refere que a acupuntura cura até os efeitos da radiação nuclear.) Como funciona ela? perguntou Gaikin aos chineses.

- Uma energia que denominamos Força Vital, ou Energia Vital, circula pelo corpo seguindo caminhos específicos, - disseram-lhe os chineses. - Essa Energia Vital pode ser extraída de setecentos pontos da pele, assinalados há milhares de anos.

Os chineses inseriam finas agulhas nesses pontos para corrigir desequilíbrios no fluxo da suposta energia primária e, assim, aparentemente, curavam a moléstia.

- Veja bem, - acentuaram eles, - estes setecentos pontos da pele estão em comunicação com órgãos situados profundamente no corpo e com todo o estado mental e fisiológico da pessoa. A mudança do fluxo de energia nesses pontos muda a Energia Vital nas profundezas do corpo.

A dissecção não revelava traços dos caminhos da chamada Energia Vital. Aquilo não tinha sentido para Gaikin, que estudara a medicina ocidental. Mas uma coisa tinha sentido. Os pacientes melhoravam. Ele estudou a acupuntura, experimentou-a e viu que dava certo. Nos últimos vinte anos, milhares de médicos soviéticos e europeus experimentaram a acupuntura e estão-na empregando atualmente.

Na minúscula salinha dos Kirlians, enquanto olhava para as fotografias de um ser humano submetido aos campos de alta freqüência, Gaikin teve a impressão de que o seu palpite valera a pena. Os lugares em que as luzes mais brilhavam pareciam corresponder aos pontos de acupuntura que os chineses haviam assinalado em priscas eras! Gaikin sentia-se

emocionado. Era até possível que o descobrimento de Kirlian proporcionasse a primeira confirmação científica desse sistema de medicina que tinha cinco mil anos de existência. Talvez houvesse também uma relação entre os canais de luz transbordaste vistos pelos Kirlians e os caminhos da Energia Vital descritos pelos chineses de outrora.

Os Kirlians também estavam intrigados. Com as suas idéias insólitas sobre a natureza do corpo humano, a medicina chinesa talvez conduzisse à teoria global de que eles precisavam para reunir num bloco as suas muitas e aparentemente desconexas descobertas.

Os Kirlians aprenderam muita coisa sobre acupuntura. E nós também. (Veja o Apêndice A, 9.) Depois de compulsar obras russas. francesas e britânicas sobre o assunto, começamos a compreender melhor por que os nossos amigas russos se achavam tão excitados com a acupuntura, e por que supunham poder, através dela, chegar a uma compreensão mais perfeita do descobrimento kirliano e de certas fatos psíquicos. Poderá a acupuntura, por exemplo, explicar as diferentes cores dos Barões que eles vêem saindo de uma coisa viva?

No dizer dos chineses, o corpo do homem tem duas espécies de energia: a elétrica e a "vital". A Energia Vital não é eletricidade, mas comporta-se como se o fosse. À semelhança da eletricidade, ela adquire polaridade positiva e negativa. Será isto uma pista para as duas cores básicas, o azule o amarelo-avermelhado, que apareciam nas coisas vivas fotografadas pelos Kirlians?

Consoante a opinião de alguns russos, a acupuntura ajudará a revelar o significado médico das fotografias dos

Kirlians com maior precisão do que o estudo geral da aura. Sustenta a medicina chinesa que os pontos da pele estão ligados, por meio dos caminhos da Energia Vital, aos órgãos internos. Um ponto, por exemplo, na parte interna da ponta do dedo mínimo da mão direita fica no caminho da energia que conduz ao coração.

Esses pontos parecem manifestar-se nas fotografias de Kirlian coma clarões de luz brilhante. Se a intensidade, a cor e a localização dos clarões puderem ser interpretadas, os médicos terão uma janela que lhes permitirá conhecer o estado de órgãos internos profundamente situados, como o pâncreas ou o cérebro, e muitas vezes difíceis de diagnosticar.

De todos os estranhos fenômenos que encontraram com o seu dispositivo de alta freqüência, o que mais impressionou os Kirlians foi à capacidade de ver a moléstia antes do tempo. Aqui estava alguma coisa que os adeptos da acupuntura pareciam conhecer a fundo. Há até um velho aforismo na medicina chinesa: "O médico superior cura antes que a doença se manifeste. O médico inferior só pode tratar da doença que não pôde prevenir". Acreditam os chineses que a ciência curativa mais elevada lida com esse nível invisível de energia. Através da leitura das pulsações, um facultativo experimentado determina se existe algum desequilíbrio no corpo equivalente de energia. Aquilata as possibilidades de desarranjo num órgão muito antes que esse desequilíbrio de energia se traduza num fato físico. A seguir, tenta reequilibrar o fluxo de energia e impedir a doença iminente. (Na antiga China, as pessoas inscritas nos programas oficiais de atendimento médico ao povo pagavam

ao médico de acupuntura para que este os impedisse de ficar doentes. Se adoecessem, era o médico quem lhes pagava!)

As fotografias kirlianas associadas ao conhecimento da acupuntura talvez conduzam a uma nova perspectiva tocante a algumas espécies de precognição Todo órgão do corpo, segunda a teoria da acupuntura, comunica o seu estado à pele, através dos caminhos da energia em forma de padrões energéticos. Um clarividente pode olhar para nós e profetizar: "Você ficará tuberculoso daqui a dais anos". Em lugar de dar uma espiada no futuro, o profeta se inteira de problemas já existentes em nosso corpo energético ou os vê refletidos nas mudanças de cor da nossa aura? (404)

Até agora, vindas da ala esquerda, as idéias da acupuntura pareciam concordar com o que os Kirlians haviam observado experimentalmente. Era estranho. E os paralelismos iam mais longe ainda. Os Kirlians haviam descoberto que as emoções, os estados de espírito e os pensamentos têm um efeito drástico sobre as nossas fotografias energéticas.

Eles ficaram sabendo que, na medicina chinesa, somos sempre encarados como um toda - conceito que inclui o corpo, a mente e o meio. Dizem os chineses que tanto os estados mentais habituais quanto os repentinos estados de espírito se refletem na Energia Vital. De acordo com eles, essa energia liga a mente ao corpo físico. Tal é o modus operandi das doenças psicossomáticas, o meio pelo qual a mente afeta o corpo. Um estado mental negativo de depressão atua sobre a Energia Vital como uma substância tóxica e se acabará manifestando em forma de doença. Inversamente, uma disfunção do corpo pode causar uma enfermidade mental. A correção do desequilíbrio da Energia

Vital no corpo corrige o estado da mente. (Por esse motivo, a acupuntura passou a ser um auxiliar da psicoterapia na União Soviética.) (246)

Algo mais do que simples estados de espírito deve ter provocado as mudanças registradas nas luzes que emanavam das mãos dos Kirlians. Crêem os adeptos da acupuntura que a Energia Vital no corpo liga o homem ao cosmo. Ocorrendo uma mudança no universo e no meio, produz-se uma ressonância na Energia Vital do corpo humano, a qual, por seu turno, afeta o corpo físico. Dessa maneira, o corpo se ajusta às mudanças que acontecem à sua volta. A Energia Vital, dizem os chineses, sofre a influência de uma porção de coisas: das estações, dos ciclos da Lua, das marés, das tempestades, dos ventos fortes e até dos níveis de ruído. Afirma-se que uma doença e o seu tratamento podem ser afetados por qualquer uma dessas mudanças ocorridas no meio. Finalmente, a Universidade do Cazaquistão asseverou que o corpo bioplasmático é afetado por mudanças na atmosfera, exatamente como o predizia a teoria da acupuntura. (60)

Graças ao alerta Dr. Gaikin, o improvável aconteceu e a acupuntura e a fotografia kirliana passaram a andar juntas. Primeiro que tudo, a combinação acarretou um processo memorável na espécie de medicina usada por milhões de pessoas em todo o mundo. Um dos grandes problemas da acupuntura sempre foi à exata localização dos minúsculos (menos de um milímetro de extensão) pontos de tratamento da pele. Depois de estudar o processo kirliano, o Dr. Gaikin e o engenheiro Vladislav Mikalevsky de Leningrado inventaram um dispositivo eletrônico que localiza os pontos

de acupuntura com uma precisão de um décimo de milímetro. Chama-se "tobiscópio".(27)

A Rússia apregoou essa invenção. O governo soviético exibiu-a na Expo 67 de Montreal, ao mesmo tempo em que fazia alarde de outros progressos da ciência soviética, como a espaçonave Vostok e o quebra-gelo atômico Lenin.

Os soviéticos encaram com seriedade a acupuntura. (Veja o Apêndice.) Estudam-na em institutos de projeção, como o Instituto Médico Gorki e o Instituto Kirov de Medicina de Guerra em Leningrado; os seus cientistas reuniram grande quantidade de dados experimentais; mostraram que, seja qual for à natureza dessa energia, ela não viaja sobre a pele, mas segue um caminho interno profundo. A acupuntura foi desenvolvida, modernizada, combinada com os EEGs, os eletrocardiogramas, etc.; na URSS e na Europa, os seus adeptos não somente utilizam agulhas para estimular os pontos da pele mas também empregam a eletricidade estática, o som, a cortisona e o creme das glândulas supra-renais em massagens. (17, 246-297)

Iluminada pela fotografia kirliana, a acupuntura pode levar a novas formas de tratamento médico, mas existe uma implicação mais ampla, e talvez mais benéfica, nesse acasalamento do antigo com o moderno: uma visão mais unificada do homem; uma visão do ser humano ligado ao cosmo; uma visão do homem consciente, através do seu corpo secundário ou bioplasmático, das mudanças que se verificam nos planetas, no meio e no tempo, bem como das doenças, dos estados de espírito e dos pensamentos dos outros, e que reage a tudo isso; uma visão do homem como parte integrante e engrenada da vida na Terra e no universo.

Com os seus pontos assinalados, a acupuntura também propiciou um método plenamente desenvolvido para descobrir exatamente como o corpo bioplasmático reagia a todas as mudanças à sua volta. Os parapsicologistas agarraram-se à possibilidade e assim nasceu à idéia singular da acupuntura como instrumento de pesquisa da ESP.

A ACUPUNTURA, A TELEPATIA E O CORPO BIOPLASMÁTICO

Seja ela o que for, a telepatia - onda física ou coisa imaterial - quando nos atinge, precisa estimular-nos fisicamente para que possamos receber a mensagem ou ver a visão. Nos Estados Unidos, os anos de pesquisa de Douglas Dean no Newark College of Engineering mostraram que, ao chegar-nos à mensagem telepática de alguém, modifica-se o volume do sangue em nosso corpo. A nossa mente consciente não tem percepção disso, mas um pletismógrafo, que revela as alterações do volume sangüíneo no polegar, mede com precisão a mudança? (286-288)

No Rosary Hill College de Buffalo, Nova Iorque, a Irmã Doutora Justa Smith descobriu, depois de complicadíssimas pesquisas científicas, que o psi pode afetar até as enzimas. (399) As mais recentes pesquisas russas em Leningrado tinham demonstrado, ao que se dizia, que as alterações verificadas nas ondas cerebrais coincidem com o momento em que a telepatia atinge o corpo. Não precisamos estar necessariamente conscientes dessa mudança. (151-152) Pesquisas realizadas em seres humanos com o polígrafo

(detector de mentiras) também fornecem indicações do momento exato em que a ESP atinge o corpo, embora o conhecimento desse fato também possa não ser consciente. (340)

Tudo faz crer que a telepatia tem relação com o corpo inteiro. A ESP parece penetrar todos os níveis da atividade física corpórea. Há alguns anos, a Sra. Garrett afirmou que o corpo energético, ou duplo humano, "é o meio da projeção telepática e clarividente". Teria ela razão? Poderia "o meio ser a mensagem"?

Os soviéticos puseram-se a conjeturar se o corpo energético capta primeiro a mensagem telepática e depois a reflete em nosso corpo físico. Eles precisavam de uma forma de medir claramente o efeito, se é que havia algum, da telepatia sobre a energia bioplasmática. Não podiam valer-se da fotografia kirliana. É perigoso colocar o corpo inteiro em campos de alta freqüência durante um lapso qualquer de tempo. Em vez disso, voltaram-se para o antigo caminho da energia bioplasmática (ou Vital). A acupuntura pousava no mundo da eletrônica.

Um físico jovem e empreendedor, Vitor Adamenko, inventou uma versão melhorada do tobiscópio a fim de localizar os pontos de acupuntura. Em seguida, inventou um novo aparelho, a CCPA - Condutividade dos Canais dos Pontos de Acupuntura. (Veja o Capítulo 12.) A explicação cabal do como e do por que funciona a CCPA é complicada. Em palavras mais simples, ela utiliza uma combinação estratégica de pontos de acupuntura para medir as mudanças da energia bioplasmática do corpo. As variações energéticas podem ser registradas num gráfico e a intensidade da reação exposta numa escala numérica.(173)

Manuseamos alguns dados a respeito e uma fonte digna de todo 0 crédito nos forneceu o seguinte relato: uma turma de pesquisadores de Moscou decidiu usar a CCPA em experiências de ESP. Ligou às máquinas um grupo de controle e um grupo experimental de voluntários. Em seguida, os voluntários foram hipnotizados. Um médico, numa sala distante do mesmo instituto, tentou mandar sugestões telepáticas a voluntários específicos. À medida que o seu pensamento pulsava, os cientistas observavam atentamente os gráficos da CCPA. Viram, assombrados, que as agulhas oscilavam para frente e para trás sobre a escala numérica à proporção que variava a intensidade das ordens mentais do médico. A telepatia estava influindo na energia bioplasmática dos corpos dos pacientes!

Tudo indica que a telepatia é captada pela energia bioplasmática. O grande salto de imaginação dos cientistas fora recompensado. Os antigos cânones da acupuntura os haviam conduzido a um novo modo de registrar a telepatia. Dar-se-ia, porventura, que a mensagem de ESP se dirigisse primeiro ao corpo bioplasmático e depois ao corpo físico? Poderiam os cientistas assinalar o caminho preciso dos diferentes pensamentos nos mapas de acupuntura do corpo? Terão pensamentos diferentes intensidades diferentes? Estas são algumas das perguntas que se impuseram aos pesquisadores russos. Os jovens cientistas já coligiram provas objetivas, científicas, de que o corpo bioplasmático tem conexão muito íntima com uma infinidade de fatos psíquicas não explicados.

PONTOS QUE NOS TORNAM MÉDIUNS?

Poderemos tornar-nos médiuns por meio da acupuntura? Alguns cientistas comunistas acham que sim. Os médiuns afirmam que podemos expandir a nossa consciência através do corpo energético humano. Os indícios parecem sugerir que, muitas vezes, a informação telepática é captada pelos nossos corpos mas nunca atinge a nossa percepção consciente. Pela estimulação de certos centros do corpo com drogas ou exercícios, talvez seja possível tornar consciente a ESP que se aproxima. A filosofia indiana, assim como inúmeros clarividentes, sustenta que a força psíquica funciona através de certas glândulas - sobretudo a hipófise e a epífise.

Cientistas que encontramos na Tchecoslováquia e na Rússia acreditam que, visto poderem os pontos específicos de acupuntura comandar o fluxo de energia bioplasmática que passa pelos órgãos e pelo cérebro, a força psíquica talvez possa ser estimulada com o emprego da acupuntura.

E nos mostraram diversas fotografias em que se detalhavam pontos de acupuntura no braço.

- Estimulando esses pontos com agulhas, pode-se intensificar a capacidade psíquica de uma pessoa, - disseram eles. - Mas não tentem fazê-lo se não tiverem um acupunturista experimentado.

A AURA, O CORPO ENERGÉTICO E AS PLANTAS

O processo kirliano produziu algumas fotografias muito estranhas de plantas. Luzes multicoloridas brilham em torno das plantas como urna luminosa cota de armas que identificasse cada espécie.

Nas fotografias kirlianas, todavia, podemos ver também alguma coisa invisível para todos, exceto para o olho psíquico: raios de energia que fazem girar bolas de luz destacadas de uma planta e precipitadas no espaço. Utilizando o método kirliano, os cientistas fotografaram um caule de lilás com duas borbulhas. Na primeira fotografia viram plumas de luz que saíam das borbulhas e espiguetas luminosas formando uma coroa. Em seguida, cortaram cada borbulha pela metade. As espigas radiantes continuaram aparecendo, mais claras ainda. Os cientistas cortaram completamente as borbulhas. E viram grandes feixes de energia partir da ponta do caule, saídos de caminhos específicos. O caule da planta brilhava como um pistolão.

E havia outro mistério. De tempos a tempos, bolinhas eram disparadas em direções diferentes e logo desapareciam no espaço. O trabalho dos Kirlians com as plantas mexeu com alguns cientistas soviéticos e os levou a investigar de novo a famosa descoberta de radiações da matéria viva feita na década de 193 pelo conhecido russo, Dr. Alexandre Gurvitch. (306) (Veja o Apêndice A, 8.)

Familiarizados com as fotografias de plantas tiradas pelos Kirlians, os soviéticos que conhecemos se mostravam interessadíssimos por outra espécie de trabalho com plantas. Insistiram conosco, de todas as maneiras, para que lhes fornecêssemos detalhes do surpreendente trabalho de Cleve Backster, que causou sensação na América do Norte. Dono da Escola Backster de Detecção de Mentiras de Nova Iorque, e reconhecido perito em polígrafos, Backster anunciou, em 1968, que as plantas têm emoções, memória e ESP! No decorrer de vários anos de cuidadosas pesquisas, descobriu que as plantas acusam uma reação mensurável num detector

de mentiras quando qualquer coisa viva morre em sua presença. As plantas parecem reconhecer os próprios donos e responder a pensamentos e emoções de pessoas à sua volta. Diz Backster: "Isso talvez indique a existência de uma percepção primária ou consciência em todas as células vivas" (269-270)

Será a energia que jorra das plantas nas fotografias kirlianas o meio vegetal de percepção? Será o corpo bioplasmático das plantas que reage à morte de coisas vivas ao seu redor?

A Sra. Garrett, que visitou o laboratório de Backster, observou-nos: - Posso dizer como uma planta está reagindo pelas mudanças da sua "orla" ou aura, exatamente como vejo as auras que envolvem as pessoas.

É possível que, um dia, quando se fizerem pesquisas sobre o corpo energético das plantas com o aparelho de Kirlian, se descubra à explicação do impacto altamente pesquisado que o PK, o pensamento, a oração e a musica parecem exercer sobre as plantas.

UMA JANELA ABERTA PARA O DESCONHECIDO

- O homem é muito mais que uma máquina! - disseram-nos com unção os cientistas soviéticos, e a fotografia kirliana demonstra que possuímos mais dimensões do que supúnhamos. O fato brilhante da existência do corpo energético é um descobrimento que envia investigadores em todas as direções - investigadores destinados a estabelecer algumas idéias novas sobre nós mesmos.

O corpo bioplasmático que, segundo se supõe, todos possuímos, reage ao pensamento, à emoção, ao som, à luz, à

cor, aos campos magnéticos, a qualquer mudança sutil do meio, desde a relva que pisamos até os planetas que raras vezes notamos. Um novo ponto de vista sobre a astrologia? Sobre os biorritmos? Sim, mas talvez haja também implicações para a medicina, a psiquiatria, e até para a sociologia e a filosofia. Aqui está o mundo quase inexplorado da nossa sutil interação com todos e com tudo; o mundo do "plasma", do mudável "tecido" do universo, que liga todos a todos, e nós, no dizer dos russos, fazemos parte do tecido.

O descobrimento kirliano tem implicações globais para as coisas psíquicas também. Com ele talvez se demonstre que a cura psíquica do corpo e da mente é uma questão de equilíbrio das energias do corpo bioplasmático. Depois de compreendida, essa espécie de cura poderia ser feita com precisão e não da maneira precária como hoje se faz. Se a telepatia se move em nosso corpo bioplasmático, pode tornar-se compreensível à razão por que a ESP parece ser captada por todo o nosso corpo físico, por que o sangue e as ondas do cérebro reagem à telepatia, quer estejamos recebendo uma mensagem consciente, quer não a estejamos recebendo. Além disso, existe a visão sem olhos e a rabdomancia. Até agora, ninguém conseguiu explicar por que a varinha hidroscópica se inclina onde há água debaixo da terra e os dedos são capazes de conhecer as cores. Talvez o corpo bioplasmático seja o elo que falta e que nos conduzirá à explicação dessas e outras capacidades inusitadas, como o PK de Nelya Mikhailova. (Veja o Apêndice A, 4.)

O efeito kirliano e a descoberta de um corpo energético pelos biofísicos soviéticos também proporcionam uma

confirmação independente da extensa pesquisa sobre a existência de um "corpo equivalente", feita nos Laboratórios Delawarr, em Oxford, na Inglaterra. A pesquisa pioneira de George de la Warr no campo do biomagnetismo tem sido ignorada no Ocidente, mas os comunistas demonstraram considerável interesse por ela e até mandaram um cientista soviético visitar o Laboratório Delawarr há vários anos. A obra de George e Marjorie de la Warr tem vastas implicações para a parapsicologia e para a compreensão da "força" misteriosa que permite a percepção à distância por qualquer célula viva. (289-293)

Os cientistas que examinaram a fotografia kirliana gozam de alto conceito no mundo das ciências puras na Rússia e, em sua maioria, não têm conexão alguma com a parapsicologia. Uma grande universidade publicou circunstanciados relatos científicos delineando o corpo bioplasmático. E preciso que haja novas pesquisas dentro e fora da Rússia para que possamos dizer, definitivamente, que os cientistas soviéticos interpretaram com exatidão as belas fotografias dos Kirlians.

Entretanto, o descobrimento de Kirlian promete dar-nos algumas respostas há muito esperadas e produzir uma nova geração de perguntas.

"E fantástico - é um mundo de fogo!" E, o que é mais extraordinário, faz parte de todo ser humano. Como disse Semyon Kirlian: "Isto é um começo e não é pouco".

19

UMA FEITICEIRA SOVIÉTICA PREDIZ

Uma feiticeira num prédio suburbano de apartamentos em Moscou? Durante os preparativos para o qüinquagésimo aniversário da Revolução soviética, o escritor e redator do New York Timer, Harrison Salisbury, escreveu a respeito de conhecida feiticeira soviética,(392) que predissera: "A revolução bolchevique não viverá o suficiente para assistir ao seu qüinquagésimo aniversário". E evidente, diz Salisbury, que os moscovitas da era espacial não acreditam nos guardadores do caldeirão mas, sem embargo disso, as palavras da feiticeira "tiveram um efeito desagradável". O soviético sofisticado também diz não acreditar nos adivinhos que predizem todos os anos se a guerra vai ou não rebentar e vêem o futuro militar em brancos cogumelos que brotam ao pé de bétulas pálidas ë verde-escuros pinheiros. A escassez de cogumelos é um bom prenúncio de paz.

Espreitadores de bolas de cristal, magos, feiticeiras, bruxas, sábios que falam com os animais da floresta, sabidões que secam a vaca do vizinho ou tecem uma teia para pear um companheiro errante - os soviéticos podem ser capazes de enviar cosmonautas à Lua, mas ainda não conseguiram dispersar de todo a multidão confusa que dança ao luar sobre a boa terra preta da Rússia. Os "mágicos", como um amigo russo lhes chamou, não tem muito trabalho, mas subsistiram melhor nas cidades soviéticas do que os membros da outra profissão mais antiga do mundo. Na zona rural, as artes mágicas populares andam de um lado para outro e tecem os seus encantos exóticos. Não admira que persistam os velhos engabelos. A Rússia sempre foi íntima do invisível, sempre se empolgou com ele, sempre tentou

experimentá-lo e controlar-lhe as forças. O anseio básico permanece, trate-se embora do professor universitário ou dos ciganos maltrapilhos dos parques soviéticos que se oferecem para ler qualquer mão que lhes estenda alguns rublos.

De acordo com a feiticeira inglesa Sybil Leek, existem na Rússia assembléias organizadas de feiticeiras que mantêm comunicação subterrânea com todas as feiticeiras do Ocidente.

Por um salto fortuito dos acontecimentos - e esperamos que não tenha sido por artes mágicas - ficamos conhecendo uma feiticeira russa. ("Feiticeira" foi o nome com que ela mesma se identificou.) Chamar-lhe-emos Zima, mulher cujo caminho cruzamos, oportunamente, em Kiev, capital da República da Ucrânia, outrora capital de todas as Rússias. Há mil anos, quando Moscou era apenas um lamacento entreposto comercial às margens de um rio do norte, Kiev, poderosa nas artes e riquezas bizantinas, no saber e no comércio, dominava um suntuoso território. Há muito tempo desvinculada do poder, Kiev, hoje em dia, é uma cidade desafogada e graciosa, que no verão se converte em estação de veraneio, cheia de música.

A nossa feiticeira concordou em encontrar-se conosco num parque entre as rochas que orlam o Rio Dnieper. Com amigos, escalamos o que parecia um parque vertical até chegar a alguns bancos sobranceiros à torrente, que se estendia lá embaixo. Uma mulher esperava, sentada, num banco. Com os cabelos trançados e presos num coque desluzido, envergando uma blusa e uma saia, sardenta e queimada do Sol, mais parecia uma veranista de meia-idade, solidamente construída.

- Ah, estão aqui! - Ela riu-se porque chegávamos bufando. Uma amiga russa ajudou na tradução e fomos apresentadas a Zima. - Sou uma feiticeira, - disse ela. - Mas era também um bom papo. Na área do ocultismo, explicou, tivera algumas experiências quando criança. - Entretanto, só aprendi a utilizar os meus poderes depois que cresci. Tudo aconteceu porque uma parenta minha, de quem eu gostava muito, ficou doente. Não apenas doente do corpo; ela estava totalmente arrasada. Parecia até incapaz de terminar a escola. Os médicos desistiram. Todo o mundo desistiu, - suspirou Zima.

- Mas qualquer coisa me dizia que talvez as feiticeiras do campo, que possuíam os conhecimentos antigos, pudessem ajudar. Percorri as aldeias, através da Sibéria. Oh, - exclamou, - existe ali uma infinidade de feiticeiras e bruxos!

Falei com todas as que encontrei. Comecei a aprender.

Zima é de opinião que a sua viagem pelos "antigos conhecimentos" valeu a pena. Quando voltou à sua cidade com algumas poções e outros tantos conhecimentos, a parenta a quem ela tanto queria recobrou a saúde. Depois disso, Zima enveredou pelo caminho da feitiçaria, não por dinheiro, coma muitas feiticeiras russas, mas para desenvolver os seus poderes. (Zima tem instrução superior e, por estranho que pareça, trabalha num campo técnico.)

- Um médico que era um homem muito culto me deu isto, - disse ela. E exibiu uma admirável esculturazinha, cujas linhas pareciam crepitar de movimento, um objeto sagrado, que não pertencia ao cristianismo, mas a uma religião muito mais antiga. Era a sua ligação com um dos deuses. - Um deus risonho. Muito poderoso. E através dele que recebo as minhas informações.

Foi-nos permitido olhar, mas não tocar.

Os deuses estão em toda a parte, contou-nos Zima.

- Umas poucas vezes pude vislumbrá-los no ar. São lindos. Muita gente não acredita que existam. Mas isso não tem importância. Eles estão aqui.

Zima emprega o símbolo para unir-se ao seu deus e tornar conscientes as suas impressões psíquicas como a médium de Washington, Jean Dixon, emprega uma bola de cristal e os médiuns mais propensos à tecnologia olham para "uma tela vazia de TV em minha mente". Zima, contudo, ouve muito mais do que vê as suas informações.

- Mas agora já sou capaz de ver imagens do futuro na água. Imagens paradas. Ainda não se movem; já me disseram, porém, que elas se moverão se eu me exercitar.

As suas previsões são precisas ou lhe acodem em forma de símbolos?

- Às vezes, vêm simbolicamente. Não sei por que, mas sempre que vejo soldados com uniformes das guerras napoleônicas, é sinal de que há morte no meio.

Entramos a fazer conjeturas sobre a reação de uma feiticeira russa à parapsicologia. Encararia ela tudo aquilo como uma brincadeira de crianças, um recém-chegado? Zima a achava formidável. Lera a respeito do médium Karl Nikolaiev:

- Já não é sem tempo que os cientistas comecem a investigar. Se ao menos tivessem principiado um pouco mais cedo! O pessoal não sacudiria a cabeça quando eu via coisas.

"O pessoal" parecia significar, em particular, os parentes de Zima, muitos dos quais eram membros do Partido. A inclusão de Zima na família, com todos os seus deuses, devia ser para essa gente motivo de grandes dores de cabeça.

- Minha família também me chama de feiticeira, mas para dizer que sou louca. Meu primo fica danado da vida! - Zima riu-se, balançando o corpo para frente e para trás. - Ele chegou a rasgar um material de ocultismo que eu estava estudando e vi quando tentou jogá-lo pela privada. Mas tenho mais. É por causa dele que estou tão interessada nessa nova ciência da parapsicologia. - Assumiu de repente um ar solene. - Que dirá ele quando a ciência provar que se podem ler pensamentos e ver o futuro? Ein? - perguntou, dando uma cutucada numa das nossas companheiras. - Assim, pode ser que eu não esteja tão louca. Os errados talvez sejam ele , - rematou, prazenteira outra vez.

Estaria disposta a responder a algumas perguntas que lhe fizéssemos sobre o futuro?

- Ah, - fez Zima, chupando os lábios como se estivesse realmente experimentando a idéia. - Sim, está bem, - assentiu, finalmente, tirando de novo a esculturazinha da bolsa bordada com cores vivas.

Perguntamos o que aconteceria na eleição presidencial norte-americana. (Estávamos no dia 6 de julho de 1968; havia mais de cinco semanas que não recebíamos notícias dos Estados Unidos, a não ser a do assassínio de Robert Kennedy.) Com os cotovelos nos joelhos, Zima concentrou-se nas linhas rodopiantes do seu símbolo.

- Ele diz que a América marchará para a direita.

Você quer dizer que os Republicanos vencerão, ou o quê?

Silêncio. Zima "ouviu" outra vez.

- Ele está repetindo que a América marchará para a direita. E é a única coisa que a salvará. A América será

salva. As coisas, ali, provavelmente vão piorar, mas ainda será melhor, muito melhor do que qualquer outro lugar.

É difícil decidir o que quer dizer "direita" no dicionário de um antigo deus risonho ou no de um cidadão soviético, mas como não se aventou nenhum sinônimo, a nossa pergunta seguinte foi sobre o problema racial.

- Ficará mais calmo, - disse ela. - Os tumultos diminuirão, mas mesmo assim haverá uma luta muito forte.

E o Canadá?

- O Canadá se cindirá. Será dividido. Mas o povo não sentirá muito.

E os problemas do mundo?

- A China quer ser amiga da América. Vocês podem não acreditar nisso agora, mas ainda hão de ver. A Rússia e a China ficarão mais separadas, muito mais do que agora. E, - disse ela, com um largo sorriso, - ele diz que, um dia, a Rússia e a América serão amigas... um dia!

Aqui na Rússia, - prosseguiu, em tom mais sombrio, - as agitações estão chegando. Poderão durar até uns quinze anos. Depois disso, muitas das novas idéias que hoje estão sendo ventiladas terão uma oportunidade. Compreenderemos melhor o poder da mente. Daqui a quinze ou vinte anos a parapsicologia será importantíssima. Muitas pessoas que estão hoje nesse campo, ocuparão cargos elevados.

- As massas na Rússia não terão permissão para ler o seu livro sobre ESP. Mas uns poucos escolhidos o verão e lerão.

Zima fez algumas predições pessoais a respeito do nosso próprio futuro. Previu também um acidente meio exótico, pouco comum, que envolveria uma amiga nossa e que subseqüentemente se verificou.

- Chega, chega, - disse Zima. - Minhas amigas aqui me fariam falar a noite inteira. Não sei se o que acabei de dizer está certo ou errado. Vocês terão de verificar. Aliás, o que me espanta é que o deus tenha concordado em falar comigo. Hoje de manhã eu estava muito perturbada. Aconteceram coisas desagradáveis. Geralmente, nesses casos, não recebo nada durante dias e dias. Mas hoje nadei bastante e a água sempre me ajuda a afinar-me outra vez.

Teremos de esperar para ver se foram corretas ou não as predições de Zima a nosso respeito, visto que elas só estão "programadas" para acontecer daqui a alguns anos. Quanto às predições sobre acontecimentos internacionais manda a justiça que se diga que carecem um pouco dos elementos de cultura que lhes teria acrescentado um vidente ocidental. Os soviéticos só recebem fragmentos infinitesimais de notícias a respeito dos acontecimentos mundiais ou mesmo dos movimentos do seu país no cenário internacional.

Depois que Zima fez as suas predições no verão de 1968, realizaram-se as eleições presidenciais nos Estados Unidos e, como todo o mundo sabe, elegeu-se um presidente Republicano. Os tumultos raciais desde então foram menos violentos do que nos anos anteriores, ao passo que a luta continua num sentido mais construtivo. No panorama internacional, a China, pela primeira vez, estendeu alguns tentáculos na direção do Ocidente e preparou-se para estabelecer relações diplomáticas com o Canadá.

Só vários meses depois de havermos encontrado Zima tiveram os russos às primeiras gotas de notícias sobre refregas com os chineses nas fronteiras orientais. As informações chegaram como um tremendo choque para o cidadão soviético comum. A partir de então, o conflito ao

longo da fronteira sino-soviética piorou, com reencontros que se espalharam desde o ponto mais oriental de Khabarovsk até a Ásia Central. No interior da Rússia, a propaganda antichinesa se tornou virulenta e o governo proibiu as audições da Rádio de Pequim em território russo. A China desencadeou uma campanha anti-soviética total.

Parece que a predição de Zima de que as coisas na Rússia se agravariam começou a confirmar-se. Meses depois do nosso encontro com ela, os neo-estalinistas voltaram ao poder; expurgaram-se os liberais de posições importantes; os poucos dissidentes que falavam sem rebuços foram mandados para campos de trabalhos forçados. Talvez Zima tenha razão e só daqui a mais de um decênio as novas idéias poderão criar raízes na URSS.

Zima não quis fazer-nos companhia numa refeição ligeira.

- Sou vegetariana. Isso ajuda os meus poderes.

Apertamos as mãos. A nossa feiticeira deu-nos a ambas uma palmadinha no braço.

- Lembrem-se, peçam aos deuses. A única coisa que tem de fazer e pedir. Eles farão tudo por vocês.

Depois, afastou-se, perdendo-se no meio da noite, enquanto as sua sandálias matracolejavam pelo caminho íngreme.

Seja ela o que for além disso, Zima é uma mulher imensamente atraente, excêntrica, individualista, de espírito curioso, voltado para todas as direções, e transbordante dessa humaníssima simpatia com que muitos russos nos envolvem.

CURADORES POPULARES

Como Zima, as feiticeiras sempre tentaram predizer o futuro. Infinitamente mais fascinante para a maioria dos russos, contudo, era a idéia de que a feitiçaria poderia trazer-lhes um futuro cheio de rublos, prenhe de amor e, o que era ainda mais importante, extraordinariamente saudável.

A imprensa soviética vocifera contra as feiticeiras curadoras, mas o Komsomolskaya Pravda, jornal da juventude, aconselhou aos seus leitores: se você cair doente no campo e não houver um médico por perto, não se envergonhe de procurar, na emergência, um bruxo que lhe tenham recomendado. O conselho talvez não seja tão mau assim. Preparando os seus remédios, as feiticeiras russas elaboraram extensa farmacopéia popular que a ciência soviética está começando a estudar em seu próprio benefício. Os soviéticos descobriram, por exemplo, que existe poderosa atividade antibiótica em compostos especiais de morangos e framboesas, que as feiticeiras recomendam com freqüência.

Os atilados cientistas soviéticos estão estudando também outra velha e exótica forma de curar, apelidada "Terapia das Flores" pelo Dr. Nikolai Yurchenko. Depois de quinze anos de estudos num sanatório de Sukhumi, o Dr. Yurchenko acredita que determinadas plantas e árvores ajudam a curar determinadas doenças - efetivamente, e não apenas psicologicamente. A proximidade de rosas vermelhas, ao que se afirma, fortalece o sistema nervoso. Outro cientista, Akaki Kereselidze, do Instituto Georgiano de Agricultura Subtropical, prevê parques curativos cientificamente planejados para males específicos. Se você quiser viver até uma idade muito avançada, diz ele, "terá de cercar-se de beleza útil, e não de beleza ociosa". (421)

Houve, e parece que ainda há, muitos charlatães entre os médicos feiticeiros. Nos meados da década de 1960, a revista soviética Krokodile arpoou um bruxo de Bashkir, que tratava os seus pacientes fazendo-os engolir titica de galinha e vomitar honorários de vinte e oito dólares. Às vezes, noticiou Krokodile, até altas patentes do exército e bacharéis viajavam milhares de quilômetros para consultar esse dúbio mágico num celeiro. Em 1968, o jornal soviético Trud escreveu a respeito de dúzias de pessoas que faziam longos percursos para ir bater à porta de uma curadora de aldeia aparentemente mais eficaz, Ekaterina Zlobine, de sessenta e nove anos (se bem ela mesma diga que tem noventa). Mora na região de Volgograd e diagnosticam os cidadãos agarrando-lhes os polegares direitos. O seu tratamento é uma reza e um punhado de ervas milagrosas que custa oito rublos. A magia de Ekaterina já lhe valeu um televisor, uma geladeira e um táxi particular, além do amor dos conterrâneos, que alugam aposentos e vendem comida aos seus pacientes. A explicação oficial da polícia para deixá-la em paz é que ela está velha demais para incomodar e ser incomodada. Além disso, ninguém disse, até agora, que não curou pelo menos algumas pessoas.

No dizer de Zima, ainda existem feiticeiras do velho tipo de megeras cacarejantes, azedas e assustadoras como Baba Yaga, a bruxa dos contos de fadas russos, que vivia numa choça montada sobre monstruosas pernas de galinhas.

- Uma feiticeira maldosa mora perto da minha tia, - contou-nos Zima. - Raramente vou até lá, pois ela emite péssimas vibrações. E essa feiticeira está sempre fazendo coisas desagradáveis, como contar às pessoas quando vão morrer.

Essa é a espécie de bruxa que usaríamos para definhar o porco do vizinho.

O poder das feiticeiras sobre a saúde dos animais domésticos foi muitas vezes mais exalçado do que o seu poder de cura dos seres humanos. Em Doutor Jivago, Boris Pasternak evoca uma orgulhosa feiticeira russa, Kubarikha, que vive com os guerrilheiros numa floresta siberiana coberta de neve. Jivago vê Kubarikha pronunciar um encantamento (do tipo que ainda se usa) a fim de curar uma vaca sarnenta. "Beleza", a vaca, ficará boa, assegura Kubarikha ao dono do animal; depois, num momento de generosidade, revela uma visão fugaz do mundo invisível que lhes gira ao redor das orelhas. Lá, aqueles galhinhos trançados, aponta Kubarikha. Vocês acham que não há nada. Mas um duende está fazendo uma grinalda. Ela contempla os imóveis e negros pinheiros ao redor da clareira. Vê um furioso campa de batalha em que se perseguem mutuamente as hostes do Mal e do Bem. Kubarikha sabe que a neve torvelinhante, na realidade, são lobisomens à procura de filhotes perdidos de feiticeiros, e que a bandeira vermelha, a bandeira dos guerrilheiros, na verdade, é o lenço purpurino da morte atraindo os jovens para a hecatombe e espalhando a pestilência sobre a terra. Pasternak dá a Kubarikha uma formosa canção para cantar, uma canção de amor e de vida dirigida a sorveis brava. Ela vibra no atento Jivago, levando-o finalmente a buscar de novo a própria vida perdida.

Além das feiticeiras, outros curadores não ortodoxos vivem na URSS. Ficamos sabendo em Moscou que alguns médicos estão examinando uma médium chamada Rozova, capaz de "ver" clarividentemente e diagnosticar com proficiência uma série de enfermidades. Diz essa mulher que

os micróbios das doenças lhe "contam" o seu nome. Certo número de curadores psíquicos apareceu na década de 1960, sobretudo nas partes mais distantes da URSS. Um curador altamente conceituado esteve conosco na Conferência de Moscou.

- Ele tem bem mais de noventa anos, - murmuraram, insistentes, os nossos amigos soviéticos, embora o homem aparentasse, quando muito, sessenta e cinco.

Talvez o maior dos curadores populares tenha sido Karl Ottovich Zeeling. "Um homem de cabelos brancos como a Lua, que lhe chegavam até os ombros, barba, bondosos olhos azuis, e um rosto inteligente, concentrado", foi como um contemporâneo o viu nos anos 30. Os doentes acorriam de todas as partes para serem diagnosticados e tratados por Zeeling na longínqua cidade siberiana de Tomsk. Um cientista descreveu-lhe o trabalho: "Zeeling, um homenzarrão bem apessoado, estende a mão. Nada sabe a respeito do paciente, que está inteiramente vestido; não obstante, a sua mão pesquisa com facilidade, circulando acima do corpo.

" O senhor extraiu o apêndice, diz Zeeling.

" É verdade. Ontem foi o meu primeiro dia depois da operação, responde o paciente com um largo sorriso.

"Pessoas, pessoas doentes, entram na sala, uma depois da outra. Zeeling faz o diagnóstico de cada uma, dá a cada uma o método exato de tratamento."

Segundo um pequeno grupo de dedicados biologistas, Zeeling "diagnosticava" qualquer coisa. Estendia as mãos sobre ovos. "Macho." "Fêmea." Invariavelmente, diziam os cientistas, conhecia o sexo do pinto não nascido. As suas manoplas oscilavam sobre fotografias encobertas de pessoas.

E ele sempre conseguia identificar-lhes o sexo. Zeeling, que deveria ter a aparência de um eremita siberiano de antanho, reviveu algumas das mágicas lendárias dos espelhos. Ele era capaz de dizer corretamente aos cientistas o sexo da última pessoa que se mirara num espelho pendurado na parede.

Antes dos grandes expurgos do fim da década de 1930, o talentoso siberiano, ao que se afirma, ensinou a "ler" com as mãos alguns cientistas que tentavam medir as energias vivas provenientes do curador. E eles concluíram que o seu dom era a radioestesia. (31)

Zeeling costumava carregar um prisma. Olhando no seu prisma triangular, ele "via" alguma coisa que ninguém mais podia ver, o tempo que faria no dia seguinte. Recorda um dos cientistas: "Muitas vezes, enquanto caminhava pela varanda, o misterioso velho perscrutava o seu prisma e dizia: O azul está aumentando. Vai chover. Ele acertava sempre. De uma feita, Karl exclamou: Azul! Acaba de saltar, abrupta, repentinamente! Há um grande aumento. Leiam os jornais. Deve ter havido, em algum lugar, uma erupção vulcânica. Logo depois os jornais noticiavam violenta erupção vulcânica - no Oceano Pacífico".

Um membro, hoje idoso, do círculo de Zeeling disse recentemente: "Estudar a radioestesia quando nós a estudamos era perigoso. Caçavam-se pesquisadores como se caçam feiticeiras. Num golpe selvagem, desferido na época do culto da personalidade. [isto é, durante o regime de Stalin], Karl Zeeling foi assassinado em 1937".

Um cientista sobrevivente, que trabalhou com o curador, acredita que Zeeling será reabilitado como um dos primeiros e conceituados praticante da radioestesia médica, uma nova

área de pesquisa. Comentário do mesmo cientista sobre o sistema curativo de Zeeling:

"Ele nos conduziu a novas e extraordinárias idéias sobre a natureza da vida, particularmente sobre a natureza energética do pensamento - idéia que nos levam tão longe que ainda temos receio de expressá-las."

UMA ESTUFA SOBRENATURAL

Desde o princípio, as autoridades soviéticas foram, literalmente, caçadoras de feiticeiras. Tanto quebravam a espinha dos ocultistas úteis e dos místicos religiosos, quanto abatiam os impostores e gananciosos.

Não é tão difícil assim compreender, em parte, a desapiedada oposição dos primeiros soviéticos a tudo o que parecesse, de um modo ou de outro, aliado ao sobrenatural. A velha Rússia não era apenas um viveiro de crendices; era também um jardim botânico de dez mil quilômetros de superstições. Todas as coisas grotescas que o mundo conhecia e algumas que não se conheciam em parte alguma medravam na Rússia. Lobisomens de todos os gêneros e feitios rondavam as florestas à espreita dos incautos. Vampiros voejavam redivivos a cada pôr de Sol - não O elegante Conde Drácula, senão monstros que roncavam nas suas esfarrapadas vestes tumulares. Fantasmas deambulavam, uivavam espíritos noturnos. Não se tratava de lendas, pois o povo vivia tudo aquilo. As superstições na velha Rússia eram tão concretas e perniciosas quanto os piolhos que infestavam a maioria da população. Muita gente considerava os encantamentos, amuletos, poções, pós e mandingas verdadeiras necessidades da vida.

Entretanto, as feiticeiras pré-freudianas realizaram um bom trabalho analisando sonhos. Em lugar de ficar vendo televisão, as vovozinhas atiravam n'água pedaços de cera quente e viam o futuro quando eles endureciam. Muitas famílias possuíam um duende benfazejo doméstico e as ninfas animavam os campos.

De um modo geral, todavia, Calibã se achava com maior freqüência do que Ariel no invisível onipresente. A julgar pelos relatos, ocorriam engarrafamentos de tráfego de espíritos pouco limpos empenhados em entrar e sair de russos surpreendidos pela noite. Os relatos de médicos do fim do século XIX falam de mulheres numa parte do norte da Rússia periodicamente possuídas por demônios vociferantes, que as obrigavam a surrar quem estivesse por perto, quebrar pratos, espumar, dançar e amaldiçoar até caírem de pernas para o ar, quando o demônio escapulia. A sociedade já esperava essa possessão e, provavelmente por isso mesmo, o fenômeno ocorria quase que anualmente.

Tanto homens quanto mulheres precisavam acautelar-se dos íncubos e súcubos - demônios ou espíritos amantes. O Dr. Leonid L. Vasiliev refere um caso de um súcubo que lhe foi relatado por volta dos anos 20. Entrementes, milhares de truões erravam pelo país, venerados pelos camponeses, pelos fidalgos e até pelos bispos. Quase sempre idiotas infelizes, os seus conselhos eram solicitados pelos grupos mais elevados.

Muitas vezes esses desgraçados tinham um "discípulo" que lhes interpretava os balbucios para os não iniciados e faziam a coleta das oferendas agradecidas. Ramos estagnados da própria Igreja promoviam a crença em diabos e trasgos e davam origem a estranhos cultos masoquistas e

aos mais singulares arroubos de êxtase religioso. Uma dama aristocrática se tornou conhecida pela sua santidade porque desmaiava sempre, em êxtase divino, quando a preposição "de" era pronunciada em determinada parte da missa.

Tentando jogar uma ou duas tábuas por cima do pântano no fim do século XIX, Alexandre Aksakov, homem culto, viajado, conselheiro do Czar, veio a ser o primeiro pesquisador psíquico da Rússia. Foi ele quem levou o famoso médium norte-americano D. D. Home a São Petersburgo em 1861. Norte-americanos e ingleses discutiam teologia, metafísica e até teorias sobre a eletricidade para explicar os poderes de Home. Os russos, porém, chegaram a conclusões muito mais sólidas. Espalhou-se a notícia de que Home adquiriam os seus poderes dormindo todas as noites numa cama cheia de saudáveis gatos pretos.

Alexandre Aksakov, que se acabou tornando espiritualista, realizou inúmeras pesquisas interessantes e inteligentes. Como Pierre Janet na França, Frederic Myers na Inglaterra, William James nos Estados Unidos, Aksakov ajudou a dar forma a um novo campo de estudos. Infortunadamente, ele ainda é tabu em seu país e está totalmente esquecido fora dele. Talvez por ser russo, parece ter-se envolvido num número muito maior de acontecimentos psíquicos do que os seus colegas europeus. Durante uma sessão, cinco pessoas viram quando uma das suas médiuns "se evaporou, sumiu, da cintura para baixo" (264) Segundo se diz, isso perturbou tanto a médium que ela se recusou, durante dois anos, a participar de qualquer sessão. Produziu-se também uma situação típica de Lolita. O espírito de uma menina, reza a história, materializou-se e foi

violentamente atacado por alguns velhos sujos num canto escuro da sala em que se realizava a sessão.

Multidões de outros russos cultos apreciavam experiências mais "usuais", com pancadas na mesa, clarividência amadora, e testes de precognição. Com o seu pendor para as coisas do outro mundo, a Rússia inclinou-se naturalmente para o espiritualismo quando este apareceu no fim do século XIX. O próprio Czar Alexandre III estabeleceu um contato discreto com uma das irmãs Fax, nos Estados Unidos, em torno das quais se fundou o movimento espiritualista, pedindo-lhe que determinasse o dia mais propício à sita coroação. Pouco antes da Revolução, havia no país, devidamente catalogados, doze mil círculos espiritualistas organizados.

PODE UM JOVEM RUSSO TENDO APENAS A ESP...?

Do transbordante e efervescente sobrenatural da velha Rússia saíram os dois ocultistas mais famosos e poderosos dos tempos modernos: Rasputin e a Senhora Helena Blavatsky, que atearam vigorosamente as paixões e acicataram os instintos de controvérsia dos contemporâneos. O Horatio Alger do ocultismo russo, Rasputin saltou de uma choça na Sibéria para as salas incrustadas de tesouros do senhor absoluto de todas as Rússias. Como tinha a família real sob o seu jugo, de corpo e alma, muitos julgaram que o hipnótico monge Rasputin acabou governando o Império Russo.

E havia também Madame Blavatsky. Helena Blavatsky, maior, mais ousada e mais brilhante que a própria vida, não

se capta facilmente num volume. Criança ainda, foi encontrada muitas vezes hipnotizando pombos na torre da sua casa de campo; jovem médium, quase deu com os costados na cadeia quando ajudou a polícia russa a resolver um caso de assassínio. Como poderia saber tanta coisa se não estivesse envolvida no caso? Madame Blavatsky, porém, era capaz de fazer quase tudo. Fugiu do marido antiquado para trabalhar num circo montando cavalos em pêlo; lutou, vestida de homem, sob as ordens de Garibaldi; abandonada no campo de batalha quando todos a supunham morta, recuperou-se e tornou-se modista em Boston. Nessa ocasião fundou a Sociedade Teosófica.

Madame Blavatsky levou o seu séqüito cada vez maior à Índia, onde os seus poderes psíquicos atingiram a perfeição. Era capaz, segundo se dizia, de fazer surgir no ar suaves perfumes e frutas frescas; percorria o mundo todo em seu corpo astral; e, o mais importante, recebia comunicações das pessoas realmente extraordinárias que haviam deixado este mundo, os grandes Mestres do ocultismo, da tradição hermética. Alguns a tinham na conta de uma impostora, outros a julgavam autentica, mas todos concordavam em que ela nunca era a mesma. A conclusão mais recente a seu respeito é que Madame Blavatsky possuía grandes poderes psíquicos, mas não titubeava em recorrer a alguns truques quando a corrente psíquica falhava. Muito mais importantes do que os seus talentos teatrais são os dois enormes livros que escreveu, Isis Sem Véus e A Doutrina Secreta. Aparentemente, os Mestres a ajudaram a desvelar nessas obras os sutis conhecimentos preservados desde a Antiguidade e que logo renasceriam no mundo. Madame Blavatsky cobriu mundos dentro de mundos. Os seus

conterrâneos estão começando a investigar, à sua maneira, as áreas que ela tocou. Antes de morrer, em 1891, Madame Blavatsky fez uma predição sobre a sua terra natal: "Quando a Inglaterra deixar de carregar a tocha da democracia, da Rússia virá a maior civilização que o mundo já conheceu".

OS XAMÃS E A DANÇA DO SOBRENATURAL

Os xamãs, homens santos ou "médicos feiticeiros" da Sibéria pediam, segundo se afirmava, comunicar-se telepaticamente, ver clarividentemente, viajar fora dos seus corpos, predizer o futuro e curar os enfermos. Não usavam o talento psíquico por si mesmo. Eram os principais esteios, os eixos sociais dos seus povos. Como o seu talento poderia significar a vida ou a morte da tribo, a sua posição não era levianamente assumida. A pessoa que sentisse o chamado, retirava-se para a floresta a fim de aprender. Periodicamente, o aprendiz era submetido a exames extremos. Empurrado através de um buraco feito no gelo de um rio siberiano, recebia instruções para subir à superfície muitos metros adiante, rio acima. Acreditava-se que o mau discípulo sucumbiria. Precisaria de poderes supernormais para sobreviver; acreditava-se também que o perverso, não podendo atingir o conhecimento mais elevado, seria reprovado nos testes finais. Segundo o antropologista Gerald Heard, houve apenas um mau aluno que conseguiu passar por tudo isso. Assassinou o guru no meio do curso e pôs em ação o seu poder para expandir-se em outros sentidos. O seu nome era Gengiscã.

Os xamã tomavam drogas e entregavam-se a danças sagradas para chegar ao transe psíquico. O fogo ardia,

soavam os tambores, o xamã dançava cada vez mais depressa, até desmaiar. Os cânticos e o bater dos tambores lhe devolviam os sentidos e o xamã voltava a dançar, a saltar, a pisotear, num frenesi, até que o corpo caía ao chão e ele, expectante, partia para o mundo do invisível. A dança com a finalidade de chegar aos poderes psíquicos difundiu-se por outros lugares da Rússia. As feiticeiras rurais freqüentemente se entregam a uma dança lenta, que as ajuda nos seus encantamentos. Rasputin, produto híbrido do xamanismo e do misticismo cristão, era famoso pela capacidade de dançar freneticamente a noite inteira; terminada a função, estava eufórico e os seus espectadores, exaustos.

Há outro russo que também parece haver saltado para o terreno psíquico através da dança: Nijinsky - o grande Nijinsky. Os espectadores mais exigentes de Paris deixavam-se ficar sentados, olhando, quando as cortinas se abriam e, de repente, uma forma humana se erguia no ar, cintilava e rodopiava de um lado para outro do palco, deslumbrando-os, empolgando-os, como um verdadeiro deus com asas nos calcanhares. Até os críticos disseram que Nijinsky nunca saía do palco como os outros bailarinos: parecia subir, flutuar e desaparecer atrás das cortinas.

As pessoas que trabalhavam com ele notavam uma coisa nos seus saltos, que o público nunca observou. "Não é que ele suba mais alto", disse alguém, "é que ele desce mais devagar!" Em seu livro, Entre Dois Mundos, o psiquiatra Nandor Fodor menciona uma entrevista com sua amiga íntima, Romola, esposa do bailarino. Nijinsky, disse ela, nunca compreendeu por que outros dançarinos não conseguiam permanecer lá em cima como ele, por que não

podiam também controlar a velocidade da descida. De uma feita, Romola observou a Nijinsky: "É uma pena que você não possa ver-se dançando". E ele: "Mas eu posso! Sempre. Fico de fora. Eu me obrigo a dançar de fora".

A idéia de voar por conta própria sempre cintilou nas histórias russas, cheias de formosas princesas que deslizam elegantemente pelo céu noturno e de feiticeiras que, em lugar de voar montadas em vassouras, usam um almofariz e a respectiva mão. Voam no almofariz e o impulsionam com a mão.

Mas onde estava o segredo dos grandes saltos de Nijinsky? A dança, para ele, era um dom religioso, uma missão, que lhe permitia expressar verdades eternas através do corpo. Estudava Ioga, trabalhava com as tabuinhas de Ouija e era, segundo se afirma, um bom psicógrafo. Especulando sobre Nijinsky e a levitação, o Dr. Fodor recordou práticas hindus que contrariam a gravidade, e ressaltou o antigo dita segundo o qual aquele que desperta o Anahat Chakra no coração caminha pelo ar.

O pendor russo para a idéia do vôo fora do corpo, através da dança, para o poder psíquico em movimento através do movimento corporal, talvez explique, em parte, o permanente interesse da parapsicologia soviética pela telepatia cinética, que tenta ordenar a uma pessoa que se mova, à distância, numa espécie de ESP muscular.

A ALMA MÍSTICA DA RÚSSIA

O brilhante psicanalista Carl Jung escreveu sobre as grandes forças que infundem energia à psique inconsciente de uma nação. Jung se referia à Alemanha pré-hitlerista, mas

a sua análise se aplica a qualquer país. As forças vitais a que se negou a luz do dia fortaleceram-se e elevaram-se na noite da psique, até que as fúrias cavalgaram com as Valquírias. A Alemanha esbarrou no olho do irracional, arrastando consigo o testo do mundo. As manias nacionais continuarão, pensava Jung, até conseguirmos chegar a uma compreensão melhor das partes desconhecidas da nossa natureza. Ã diferença de Jung, entretanto, muitos preferiram ignorar-lhe o lado psíquico. O próprio Freud receava que, se abrissem às portas psíquicas, nós seríamos tragados pela maré negra do ocultismo. Mas acabou mudando de idéia a respeito do valor da parapsicologia.

Muitos soviéticos, como Vladimir Lvov, um dos principais oponentes da pesquisa da ESP, não mudaram de idéia. "Teme Lvov que qualquer passo que se afaste dos dogmas de Pavlov venha a mergulhar novamente a Rússia no antigo e aviltado ocultismo. Isso é mais do que repugnância pela superstição. Já é um verdadeiro medo das monstruosas compulsões do inconsciente. Sugerem alguns que esse medo instintivo de ser arrastado pelo irracional e pelo inconsciente é que, no fundo, motiva toda a oposição à investigação do ilógico".

Trata-se de um medo justificável na União Soviética. A psique profunda da Rússia mudou mais violentamente e de maneira talvez mais radical que a de qualquer outro povo. Até recentemente a Rússia tinha pouca estrutura racional em que pudesse escorar-se. Era o caos inconsciente, capaz de gerar um Ivã, o Terrível, que um dia, por capricho, manda matar dez mil pessoas e atirá-las ao rio até quase poder atravessá-lo sobre os cadáveres; um Ivã que passa o dia seguinte na igreja, batendo no peito, genuinamente

arrependido dos seus pecados; um Ivã que, no outro dia, volta a mergulhar no sangue. "Louco" é rótulo, não é explicação - exatamente como "maluca" era o apelativo conveniente para as feiticeiras rurais que, de vez em quando, viam clarividentemente o que estava acontecendo na aldeia mais próxima. A Rússia ainda tem feiticeiras, mas, o que é infinitamente mais digno de atenção, ainda tem, ou pelo menos tinha até a pouco, os seus terríveis Ivãs, os seus Stalins, os seus Berias.

A parapsicologia soviética, com as suas máquinas de EEG, a sua teoria da informação, os seus jovens e imaginativos cientistas, está começando a sujeitar os velhos poderes invisíveis das feiticeiras. Mas para psicologia é uma denominação pouco feliz na URSS. À diferença do que acontece no Ocidente, os seus investigadores quase não curam de psicologia. Isso suscita pontos de interrogação, como os cogumelos brancos ao pé das bétulas e pinheiros. Se eles finalmente aceitarem um nível do invisível e não outro, deslocar-se-ão os russos das inconscientes manipulações das corujas e cabos de vassoura para as conscientes manipulações de Fausto? Ou será este primeiro estudo do psíquico um movimento no sentido introspectivo, e a parapsicologia, como asseveram os seus adeptos soviéticos, será "convocada para estudar toda a natureza do próprio homem"?

A parapsicologia soviética está em marcha, como parece estar em marcha à mente russa, que reúne as suas energias para alguma nova mudança. O que nos leva de volta à clássica pergunta que a maioria dos escritores, mais cedo ou mais tarde, repete ao contemplar a terra que alimentou Gogol e o levou a escrever: "Rússia, não estás disparando como

uma tróica fogosa que nada consegue alcançar?... O espectador se imobiliza, como que assombrado diante de um milagre divino... Que força misteriosa impele essa tróica, esses cavalos como nunca se viram até agora?... Continuas correndo sob a inspiração divina! Rússia, para onde voas? Responde! Ela não responde".(39)

20

ESTAMOS EMPENHADOS NUMA CORRIDA DE ESP COM RÚSSIA?

Quando, finalmente, tomamos um trem em Kiev para a fronteira romena, entramos a imaginar como haveríamos de separar a "explosão de informações" que nos embalara durante o último mês. Tínhamos conhecido tantas pessoas, ouvido tantas coisas, ganho tantos livros e relatórios!

Havíamos perguntado a nós mesmas se os soviéticos teriam planos em relação a ESP. Enquanto rodávamos pelas terras cultivadas da Ucrânia, uma coisa ao menos parecia certa. Os planos existiam. Chegamos, então, à pergunta mais difícil. Que significava isso na Rússia? E, na era sensível das superpotências, na era das ações e reações, significaria alguma coisa para os Estados Unidos? Estaríamos, sem o saber, empenhados numa corrida pela ESP como tínhamos apostado uma corrida espacial no princípio da década de 1950?

Para se ter uma idéia de como se somam às pesquisas norte-americanas e soviéticas do psi, e do "que significa tudo

isso", convém encarar a parapsicologia soviética não só como fenômeno cultural dentre; da Rússia, mas também como ação da URSS no cenário internacional.

ESPIONAGEM, OU ARMA DE GUERRA

Uma clássica história de aventuras russa, O Senhor do Mundo, gira em torno da possibilidade de que o detentor do segredo do psi venha a governar o mundo. Estará essa possibilidade prestes a materializar-se, no entender dos chefes soviéticos? Será a ESP uma arma de guerra? Todas as pesquisas sobre a ESP na URSS, em última análise, são financiadas pelo governo. Existem muitos indícios, provenientes de múltiplas fontes, de que a pesquisa do psi como potencial militar é paga pelo Exército soviético, pela Polícia Secreta e por outros órgãos paramilitares. Os cientistas soviéticos que realizam pesquisas sobre o psi em áreas não militares amiúde encontram dificuldades para conseguir dinheiro.

- A pesquisa secreta do psi associada à segurança e à defesa do Estado está sendo levada a efeito na URSS, - diz o Dr. Milan Ryzl, que antigamente exercia as suas atividades em Praga. (382) As autoridades oficiais comunistas, os militares e a polícia secreta revelam um interesse inusitado, desproporcionado, pela parapsicologia, afirma ele. O soviéticos estão tentando aplicar a ESP a atividades policiais e militares.

- Há alguns anos, - esclarece Ryzl, - iniciou-se um projeto na URSS no sentido de aplicar a telepatia na doutrinação e reeducação de elementos anti-sociais .

Esperava-se que a sugestão à distância induzisse

indivíduos, sem que eles se dessem conta disso, a adotar as atitudes políticas e sociais oficialmente desejadas. Há indicações de que as verbas concedidas ao falecido Dr. Vasiliev para o seu laboratório estavam ligadas a alguma pesquisa secreta que lhe fora confiada. Entretanto, ninguém deveria ignorar os perigos de um possível mau emprego do psi, - adverte o Dr. Ryzl.

Cientistas soviéticos altamente colocados encaram a parapsicologia com seriedade e não com desdém. As notícias de pesquisas sobre o psi em submarinos soviéticos ajudam a confirmar o envolvimento militar na parapsicologia. Existem exposições de vários institutos militares em que se fazem pesquisas sobre a ESP na URSS. Compulsamos relatórios ocidentais confidenciais sobre tentativas soviéticas para treinar clarividentes com propósitos de espionagem. No dizer de W. Clement Stone,(405) está-se realizando uma pesquisa clandestina sobre psi no Instituto Pavlov de Atividade Nervosa Superior em Moscou, e o Instituto Durov tem cinqüenta cientistas que estudam telepatia. Um comunista nos informou que nas cidades de ciências da Sibéria também se pesquisa o psi. Ainda que nem tudo isso seja verdade, já não é sem tempo que os Estados Unidos se inteirem desses fatos.

A União Soviética tem a maior rede de espionagem do mundo. Essa inclinação para a espionagem inclui a coleta de informações sobre os seus próprios cidadãos, assim como de informações sobre o resto do planeta. Claro está que a telepatia e a clarividência constituiriam adições ideais a um arsenal de espionagem e afirma-se constantemente que esses grupos secretos apóiam a pesquisa da ESP.

Pondo-se de parte as atividades mais comuns da Espionagem, há o mundo dos campos e das forças, da busca de energias ainda desconhecidas, que impulsiona a parapsicologia soviética. Já se falou muitas vezes na energia que aciona o PK como sendo a "arma suprema". A médium norte-americana Jeane Dixon profetizou que o homem não tardará a encontrar novos empregos para os campos eletromagnéticos e explorará novas energias do cosmo. Será essa procura de campos outra razão por que os militares soviéticos "manifestam um interesse desproporcionado pela ESP"?

Disse uma autoridade ocidental bem informada: "Muitos soviéticos que estão fazendo pesquisas sobre ESP são amiúde corajosos e sinceros, mas estão nas mãos dos políticos". Reiterada como um leitmotif através de todos os pronunciamentos soviéticos sobre ESP, ouve-se a severa advertência: "O psi não pode ser empregado para o mal. Esperamos apenas que não venha a cair nas mãos dos que, em qualquer parte, seriam capazes de utilizá-lo como arma biológica". Foi-nos solicitado que transmitíssemos essa idéia aos Estados Unidos. Mas nunca ouvimos o mesmo refrão em nenhum outro lugar.

Sybil Leek, conhecida escritora e membro de uma assembléia britânica de feiticeiras, informa que funcionam na Rússia congregações subterrâneas e herméticas de feiticeiras, que estariam em comunicação com as congregações britânicas.

- De acordo com as informações que obtive, os Estados Unidos estão cinqüenta anos atrás dos russos em pesquisas psíquicas, - diz ela, referindo-se particularmente a ESP militar soviética.

Se nós, os ocidentais, nos tivéssemos dado ao trabalho de ler as publicações soviéticas na década de 1950, teríamos visto que inúmeros dados sobre a desenvolvimento do Sputnik foram publicados muito antes que ele, disparado no espaço, assombrasse o mundo. Hoje, continuamos desatualizados no que se refere ao material estampado em publicações soviéticas e em artigos científicos, sobretudo no campo da parapsicologia. No dizer de John Gunther, autor de Incide Rússia Today, "os cientistas norte-americanos continuam lamentavelmente ignorantes do que está acontecendo em suas esferas na Rússia, e isso pode ter sérias conseqüências práticas".

EXISTEM IMPLICAÇÕES RELIGIOSAS NA PARAPSICOLOGIA SOVIÉTICA?

Os primeiros bolcheviques acreditavam num novo mundo que eles pudessem construir - eram idealistas, utópicos, quase messiânicos em suas esperanças de um mundo melhor, diz o Dr. Nikolai Khokhlov, que abandonou a URSS e é hoje professor de psicologia nos Estados Unidos.(320) Khokhlov assinala que esses sonhos quase pereceram. Hoje existe um novo impulso interior entre os jovens soviéticos no sentido de construir um mundo melhor, de pôr em prática alguns dos componentes idealísticos que faziam parte do movimento comunista primitivo. Ao mesmo tempo, desenvolveu-se na União Soviética uma espécie de movimento "religioso". Como diz Svetlana Alliluyeva, "o

povo na Rússia é religioso, não porque estuda, mas porque sente".

Numa pesquisa sociológica de opinião levada a efeito na URSS, noticiada em Vida Soviética, (159) um jovem soviético comentou: "A geração mais nova viverá em melhores condições de riqueza material, mas nós teremos de lidar com problemas mais complexos. Esta é a tendência histórica. Ao passo que os nossos pais tinham difíceis problemas materiais para resolver, os nossos problemas mais graves serão espirituais".

Resta saber se a parapsicologia, através da sua nova concepção da natureza do homem, criará uma nova espécie de tendência espiritual. Se por "movimento espiritual" entendermos uma volta à religião e ao culto organizados, estaremos falando de uma coisa completamente alheia à parapsicologia soviética. Mas se por "espiritual" entendermos a tentativa da compreender o homem e o seu lugar no universo, a parapsicologia soviética poderá ser, em parte, a expressão de um movimento espiritual.

INTERFERÊNCIA POLÍTICA

Debaixo da superfície impassível, os anos 60 foram uma década de grande fermentação intelectual, de acesso a novas idéias, e de covas exigências de uma sociedade mais livre na Rússia. Como parte deste movimento no sentido de novas esferas, levantou-se a censura sobre a discussão pública da ESP na década de 1960, e uma série de publicações soviéticas estampou artigos notáveis sobre parapsicologia, assinados por escritores e cientistas. Muitas vezes, os críticos da ESP não encontraram mercado para o seu dogmatismo.

Na década de 1960, os dirigentes soviéticos principiaram a ver-se às voltas com alguma coisa até então inédita na URSS - uma oposição a certas políticas do governo, que se expressavam em demonstrações ostensivas e em revistas subterrâneas que circulavam abertamente (Heresia, Fênix, Sintaxe).

Os cientistas e escritores, quase sempre, eram os mais independentes na expressão dos seus pensamentos. Os cientistas formam um grupo de elite e materialmente privilegiado na sociedade soviética, com livre acesso às informações. O Dr. Andrei Sakharov, um dos pais da bomba-H soviética, vencedor do Prêmio Lenin, em seu famoso manifesto "Relatório Contra o Sistema", criticou asperamente o regime soviético e o controle ideológico dos intelectuais. Reclamou a cooperação entre o Oriente e o Ocidente, e a convergência do capitalismo e do comunismo. Sakharov foi espontaneamente apoiado por cientistas famosos, como o Dr. Pedro Kapitsa e o Dr. Igor Tamm. Jovens e velhos, os cientistas uniram-se. Em lugar de atacar publicamente esses homens mundialmente famosos, Brezhnev e as suas coortes tentaram tirar-lhes o tapete de baixo dos pés. Realizou-se uma sessão secreta para discutir o estado explosivo da ciência soviética. Restabeleceu-se o Ministério "estalinista" da Ordem Pública. Em 1968, o governo fixou novos controles sobre os 800 000 cientistas da URSS; daí por diante seria exigido deles que se submetessem a exames políticos de "reconfirmação", de três em três anos, para poderem continuar em seus postos. Só em Leningrado, mais de cem cientistas foram dispensados por inconformismo com a diretriz aprovada. (425)

Jornais comunistas desfecharam ataques contra os cientistas em geral, condenando-lhes os "seminários escandalosos", as "teorias especiosas" e a "ausência de uma clara diretriz política". A parapsicologia não foi esquecida nessa explosão contra a ciência. Criticando cientistas por suas investigações sobre a ESP, a Gazeta Literária realizou um falso teste de telepatia com Karl Nikolaiev e, quando ocorreu a ESP, omitiu os resultados em sua resenha negativa. O Pravda, órgão do Partido Comunista, atacou os cientistas por investigarem Nelya Mikhailova.

Significará isso que a pesquisa do psi era um lampejo multicolorido que morreu com a década de 1960? Não. Seria uma grande tolice acreditar numa coisa dessas, seja qual for o conceito que se faz da ESP. Será pouco provável que o elemento neo-estalinistas queira, ou venha um dia a querê-lo, frear o impulso da parapsicologia soviética. Os neo-estalinistas não são as únicas pessoas que ocupam posições elevadas na Rússia, e a sua própria oposição não parece mirar à parapsicologia, senão à discussão da ESP pelas massas, à grande divulgação pública das pesquisas e aos cientistas que gostariam de manter um livre intercambio de informações com os pesquisadores de outros países. Em longo prazo, os neo-estalinistas, que procuram obstar ao livre intercâmbio científico em qualquer campo, estão apenas contendo o seu país como lhe contiveram o programa espacial.

ESTADOS UNIDOS VERSUS RÚSSIA: UM COTEJO PSÍQUICO

Como se pode comparar a parapsicologia no Ocidente com a parapsicologia na URSS? Sustentam algumas autoridades: "Estamos trinta anos atrás dos russos". Outros dizem: "Mas os nossos métodos científicos são muito melhores e temos muito maior experiência". De certa modo, ambos têm razão.

O governo soviético apóia a pesquisa de parapsicologia com verbas que orçam por 20 milhões de rublos anuais. As verbas concedidas pela governo norte-americano, aparentemente, são nulas. Embora longo, este livro não começa sequer a cobrir todo o material que trouxemos. Os livros foram condensados em parágrafos. E, evidentemente, só nos foi possível estabelecer contato com uma fração diminuta dos cientistas empenhados em pesquisas sobre o psi na URSS. Limitamo-nos a arranhar a superfície.

1. A diferença mais importante entre a pesquisa norte-americana e a soviética é que esta última está voltada para o emprego do psi. O seu objetivo é a aplicação tecnológica. Nos Estados Unidos, a pesquisa da ESP como um todo só recentemente emergiu dos preliminares do estabelecimento da prova estatística da sua existência.

2. A pesquisa psíquica na URSS é considerada como um nova campo das ciências naturais, ligado à biônica, à fisiologia, à biologia, etc. Os russos chamam-lhe "bio-informação", "biotelecomunicação", "biocibernética". Os laboratórios de psi nos países comunistas estão nas universidades, nos institutos de tecnologia, nas faculdades. A pesquisa do psi é feita geralmente por cientistas puros. A pesquisa da telepatia é vista com bons olhos por muitos níveis de cientistas, desde os tecnologistas até membros da

elite da Academia Soviética de Ciências. Nos Estados Unidos, a pesquisa da ESP tem sido uma enteada da psicologia, mal tolerada pela comunidade acadêmica. Praticamente não se lhe concedeu espaço algum nas universidades.

3. Os soviéticos utilizam o enfoque de grupo da ESP, reunindo especialistas de muitos campos diferentes, a fim de proporcionar uma pesquisa interdisciplinar completa. Há cooperação também entre cientistas do bloco comunista. No Ocidente, os cientistas do psi tendem a trabalhar isoladamente, ou com um ou dois colegas do mesmo campo. A divisão entre os pesquisadores ocidentais é assombrosa.

4. Os soviéticos estão bem informados acerca da pesquisa ocidental. Sabem tudo o que é possível saber a respeito de médiuns como Cayce, Croiset e Serios, e estão familiarizados com o trabalho parapsicológico científico positivo que se realiza no Ocidente. Os ocidentais, em compensação, pouco ou nada sabem sobre os médiuns ou as pesquisas soviéticas.

5. A pesquisa soviética fundamental do psi é fisiológica. O trabalho ocidental, em regra geral, é estatístico, psicológico ou filosófico. A pesquisa soviética, altamente especializada, tem menor amplitude de campo. O nosso trabalho, mais vasto, abrange as humanidades, a religião, a psiquiatria, a filosofia. A pesquisa ocidental do psi tem oitenta anos atrás de si e uma riqueza de informações que os soviéticos já assimilaram em proveito próprio.

6. Não existe uma publicação soviética específica dedicada à parapsicologia. Publicações semipopulares trazem artigos de ordem geral sobre o psi; publicam-se, porém, artigos científicos em revistas científicas apropriadas

ao campo - cibernética, biologia, etc. Os institutos soviéticos dão a lume, periodicamente, coleções de artigos sobre trabalhos de parapsicologia. Nos Estados Unidos, os parapsicologistas raramente são bem recebidos pelas revistas científicas.

7. Não se pode deixar de notar o entusiasmo contagioso dos parapsicologistas soviéticos, a sua acessibilidade a novas idéias, o seu arrojo, a sua disposição para estudar esquírolas esquecidas de conhecimentos. Talvez os atraia a novidade do campo. Talvez a longa e inamovível hostilidade de acadêmicos e cientistas tenha tido um efeito mais estultificante sobre os nossos parapsicologistas do que a repressão política direta, ocasionalmente enfrentada pelos seus colegas soviéticos.

Alguns cientistas comunistas possuem capacidades psíquicas e não se vexam de falar nelas. Os pesquisadores ocidentais parecem ter medo de confessar a posse de um talento psíquico. Quase todos os pesquisadores soviéticos dão a impressão de haver tentado desenvolver dentro em si mesmos uma sensibilidade ao domínio psíquico, como os nossos psiquiatras precisam aprender alguma coisa das próprias complexidades antes de poder trabalhar com outros. Na Rússia, a atmosfera das relações com os médiuns está mais próxima da dos soberbas conservatórios musicais ou escolas de balé, em que os cientistas procuram constantemente melhores maneiras de aperfeiçoar, estimular e realçar talentos, do que do enfoque cético, tantas vezes encontrada no Ocidente, e que se poderia traduzir por esta frase: "Mostre-me, e mostre-me à minha maneira".

8. Até recentemente, o ímpeto que sacudia grande parte da pesquisa psíquica ocidental vinha de indivíduos ou

fundações particulares, que buscavam respostas ao problema da vida após a morte ou uma filosofia religiosa. Esse trabalho oferecia valiosa compreensão da estrutura inconsciente da psique e de outras dimensões. "Nas países comunistas, as pessoas aceitam a parapsicologia de modo mais realístico, como campo de significação científica potencial", diz o Dr. Ryzl. A motivação é menos espiritual.

A nossa intenção não foi avaliar o estudo espinhoso e, em muitas casos, extraordinário do psi no Ocidente. Bibliotecas inteiras têm sido escritas sobre ele e muitos outros livros surgirão, sem dúvida, à proporção que se desenvolver o trabalho nesse campo. Tentamos simplesmente avaliar a pesquisa psíquica soviética e as áreas em que ela se avantaja a nós.

Tentar sondar a ESP soviética e "tudo o que ela significa" é extremamente complexo. Na União Soviética se misturam, ao mesmo tempo, o arrasamento e um estupendo progresso. À medida que um número cada vez maior de aspectos da ESP na Rússia começava a desdobrar-se diante de nós, no correr da nossa viagem, não pudemos deixar de pensar num comentário feito pelo empresário norte-americano Sol Hurok. Famoso por haver levado artistas russos ao Ocidente, Hurok explicou: "Se fosse fácil, todo o mundo o faria". De certo modo, isso parecia aplicável à tentativa para compreender a natureza da telepatia e a atividade soviética no domínio da ESP. Como diz George Kennan, o ex-embaixador norte-americano na Rússia: "Só pode haver graus de ignorância a respeito da Rússia".

- A nossa conclusão parece justificada, - afirma o Dr. Ryzl, que já foi membro da Academia de Ciências tcheca. - A parapsicologia nos países comunistas e sobretudo na

URSS ocupa uma posição forte. Podemos esperar que ela e desenvolva com determinação. (382)

O eminente parapsicologista alemão, Dr. Hans Bender, chefe do Departamento de Psicologia da Universidade de Freiburg, fez inúmeras visitas aos laboratórios soviéticos de ESP. Já em 1964, dizia ele à escritora Norma Lee Browning; "Creio que as experiências de telepatia atrás da Cortina de Ferro podem ser mais significativas do que supomos. Insigne física norte-americano, o Dr. Joseph H. Rush, referindo-se à obra de Vasiliev, escreveu: "Se este livro [soviético] não estimular algumas novas linhas de pesquisa no Ocidente, o azar será nosso". (370)

O sigilo que cerca algumas pesquisas soviéticas lhes dificulta a avaliação exata. Não obstante, tudo faz crer que os soviéticos estão muitos anos à nossa frente em certas áreas da parapsicologia técnica. Estão na nossa frente em descobrimentos relativos à essência física do ser humano e à maneira pela qual o psi funciona em nós e através de nós. Estão na nossa frente no esforço concentrado por descobrir a energia básica que existe atrás do psi. Estão na nossa frente nas tentativas para controlar certos fatores variáveis, como a influência do tempo magnético durante os testes de psi. Parecem estar na nossa frente na procura e na criação de condições que libertem o potencial de psi presente em todo ser humano.

Não adiantará perguntar aos parapsicologistas norte-americanos: "Por que nos deixaram ficar para trás?" É até possível que tenham sido os cientistas puros do Ocidente que nos desapontaram. Os homens e mulheres que se dedicaram à pesquisa psíquica já foram suficientemente criticados e condenados. Eles não precisam de vaias, precisam de ajuda.

Precisam de dinheiro, de laboratórios bem aparelhados e apetrechados, de aceitação, de sangue novo. Precisam atrair pessoas jovens, altamente treinadas, sensíveis, de todas as áreas da ciência, da medicina e das humanidades, para a parapsicologia.

Desperta América! Dizem-nos isso praticamente depois de cada noticiário sobre uma centena de problemas diferentes e perigosos. Mas a parapsicologia é mais do que um "problema". É um domínio de nova compreensão. Como disse Neil Armstrong perante uma sessão conjunta das duas casas do Congresso: "Estamos entrando na Idade de Aquário, que tem enorme significação para a geração mais moça". As sondagens da pesquisa do psi fazem parte dessa nova idade. Tudo indica que, um dia, disputaremos uma corrida da ESP, como tivemos de disputar uma corrida espacial. Existem brilhantes e escuras compulsões na corrida pelo espaço externo - benefícios e conhecimentos que deverão ser conquistados por pessoas em toda a parte, vantagens militares que deverão ser exploradas. A mesma mistura de luz e sombra alimenta a corrida pelo espaço interno na Rússia.

"Viemos em nome de toda a humanidade", disseram os primeiros homens que pisaram na Lua. Eram norte-americanos. Parece-nos que a grande exploração do espaço interior deveria ser feita também em nome de toda a humanidade. É o que os soviéticos que conhecemos esperam e é o que os preocupa. Seria muito ruim se os Estados Unidos perdessem, por omissos, a oportunidade de explorar uma vasta vida desconhecida. As conquistas soviéticas na pesquisa do psi, em áreas fisiológicas e tecnológicas, são largamente ignoradas no Ocidente. Os seus pesquisadores

são impedidos, por restrições políticas, de investigar grande parte do trabalho que está senda feito no Ocidente. Parece-nos que a maior contribuição dos Estados Unidos deveria ser juntar as duas metades da pesquisa psíquica para formar um todo.

O Dr. Khokhlov, que viveu no Oriente e no Ocidente, diz:

- O destino do mundo depende hoje da compreensão comum, por parte de toda a raça humana, do que é realmente um ser humano, e da ampliação da noção comum do homem.

Os soviéticos estão desvendando as mais altas percepções sensoriais do homem e os inexplorados potenciais da mente humana. A maneira pela qual os Estados Unidos responderão ao desafio e a maneira pela qual os soviéticos utilizarão esses poderes récem-descobertos da mente talvez modifiquem o destino de todos nós.

II

BULGÁRIA

21

VANGA DIMITROVA, PITONISA BÚLGARA

Chegamos finalmente à terra fria e clara da Bulgária com as suas montanhas ondeantes e verdes e a sua costa lendária que dá para o Mar Negro. Nos Estados Unidos, a Bulgária é

conhecida (quando é) pelos roseirais que fornecem essência para os perfumes do mundo e como a pátria orgulhosa do iogurte. Mas a Bulgária não é tão-somente isso.

Um dos "valores" do país, neste momento, é Vanga Dimitrova, a vidente cega da Bulgária. Vanga, que vive perto da fronteira grega, na cidadezinha de Petrich uma grande médium, que se situa no mesmo plano de Gerard Croiset de Utrecht, na Holanda, e de Jeane Dixon, de Washington. Como eles, é famosa em sua parte do mundo, e multidões de pessoas lhe procuram a ajuda. Vanga descobre pessoas desaparecidas, ajuda a resolver crimes, diagnostica moléstias e lê o passado. Mas o seu maior dom é a profecia. Essa mulher cega, de meia-idade, prediz o futuro com assombrosa precisão. E vive num país suficientemente` sábio para poder apreciá-la.

A Bulgária teve seis mil anos para aprender a sabedoria. Situada na Península Balcânica, mais ou menos do tamanho do Tennessee (e pouco maior que o Estado de Pernambuco), divisa com a Romênia, a Iugoslávia, a Grécia e a Turquia. Depois de conhecer a sua Idade de Ouro no século XIII, caiu nas mãos dos sultões turcos. Os seiscentos anos de brutal domínio otomano foram finalmente encerrados com a ajuda da Rússia czarista há menos de um século. Vieram depois as selvagens, confusas e famosas intrigas balcânicas, que inspiraram uma era de filmes de espionagem e, na vida real, trouxeram o caos e inversões em todas as frentes. Os comunistas conquistaram o poder em 1944. No período de estabilidade política que se seguiu, eliminou-se a pobreza realmente aflitiva, extingui-se o analfabetismo. Existem agora dúzias de universidades, faculdades, hospitais e institutos médicos. Hoje em dia, os oito milhões de

habitantes da Bulgária estão provavelmente em melhor situação do que os habitantes de muitas partes da União Soviética, embora sejam mais pobres do que as populações de outros países satélites.

A nossa busca da história da pasmosa profetisa Vanga e do próprio psi na Bulgária começou na capital, Sofia, cidade que tem cinco mil anos, mas não dá a impressão de mocidade nem de velhice. Sofia apenas é - como a natureza. O seu povo fala naturalmente de coisas naturais mo a capacidade psíquica, com uma facilidade inconsciente que não encontramos em outros lugares. Depois de captar o sentimento nacional, que lembra a nota viva e harmoniosa de um vaso grego, não nos surpreendemos de que viva na minúscula Bulgária a primeira profetisa do mundo moderno sustentada pelo governo, Vanga Dimitrova. E não nos surpreendemos de que os búlgaros tenham encetado a sua pesquisa psíquica científica mais suavemente do que qualquer outro povo.

- Vanga Dimitrova nunca foi uma estranha em minha vida. Embora eu nunca a tivesse conhecido pessoalmente, ela conhecia a minha vida melhor do que eu mesma.

A autora desse comentário concordara em contar-nos à parte que Vanga representara em sua vida, em falar sobre a visão do futuro, desenrolada como uma tapeçaria, como se os fios da sua vida tivessem sido tecidos antes do seu nascimento.

Saímos do Grande Hotel Balcânico rumo à nossa entrevista. Diante de nós, a praça central matraqueava com os táxis e bondes enganchados uns nos outros. Do outro lado da praça se erguiam os catorze séculos da Igreja de Santa Sofia. À nossa direita, como um fragmento de barraca

metálica pré-fabricada que houvesse afundado, via-se uma igreja literalmente subterrânea usada durante a opressão turca. Os minaretes de uma mesquita se elevavam logo depois e um almuadem ainda chamava os fiéis à oração. Atrás de nós, no centro do pátio do hotel, viam-se as ruínas não totalmente arruinadas de um banho romano. Uma confusão de tempos, uma terra de épocas heróicas, um país que focalizava os seus conhecimentos do século XX sobre aquele ponto imóvel no olho do tempo - a médium cega que prevê e prediz.

- Como eu lhes disse, nunca a conheci. Meu pai foi procurá-la quando eu tinha doze anos. - A mulher que se achava diante de nós teria trinta e poucos. Possuía maneiras distintas e um bom emprego oficial. De pernas finas, cabelos castanhos avermelhados, olhos cinzentos, animava-se ao conversar. Depois que a conhecemos melhor notamos que; em momentos de distração, quando ficava sentada, esperando, num vestíbulo ou num café, o seu olhar pensativo lembrava o de uma estátua que fitasse os olhos em alguma lagoa de águas paradas.

- Meu pai era médico e materialista convicto. Foi procurar Vanga por simples curiosidade. Queria ver como procedia a mulher em relação às pessoas que a buscavam, se era uma impostora consciente ou inconsciente.

"Naquele tempo, Vanga já vivia na aldeia de Petrich, onde ainda vive. Conversava com as pessoas em sua casa, uma casa de camponeses, pequenina e rústica. Ela hoje não vive no luxo, mas está muito melhor do que estava. Quando meu pai chegou havia, como sempre, muita gente no pátio esperando ser admitida à sua presença. Ela assomou à porta e chamou meu pai. . . pelo seu apelido carinhoso, nunca usado

fora da família. Disse que o receberia primeiro porque ele era a única pessoa no pátio que não acreditava nela. Depois que ele entrou, Vanga narrou-lhe uma série de coisas sobre o passado dele. Meu pai foi casado três vezes. Ela descreveu os casamentos corretamente, contou-lhe pormenores, particularidades, coisinhas que só ele sabia, pois não as revelara sequer às últimas esposas”.

"A seguir, começou a falar sobre o futuro. Meu pai, predisse ela, morreria dali a catorze anos, em 1958, de câncer. Vanga falou também a respeito de meu irmão mais moço e a meu respeito. De todos os filhos, éramos os prediletos de papai. Vanga disse que eu faria um casamento feliz, mas que meu marido morreria de repente, pouco depois. Eu ficaria viúva com um bebê para criar. Disse que eu tornaria a casar, mas faria um casamento desastroso. O destino de meu irmão seria pior ainda. Ele morreria num estranho acidente aos vinte e poucos anos.

"A experiência de Petrich abalou profundamente meu pai. Vanga 8escrevera com muita clareza e com fartura de pormenores cenas íntimas do seu passado. O que ela predissera para ele e o resto da família não era de molde a entusiasmar-nos.

"Meu pobre pai voltou para casa terrivelmente transtornado. Precisava falar com alguém sobre isso e, assim confiou em minha madrasta. Contou-lhe tudo, fazendo-a prometer que nunca repetiria uma palavra a ninguém. Mas as senhoras sabem como são as mulheres. Não demorou muito que ela me contasse toda a História. Talvez achasse que também precisava confiar em alguém.

"Muitos anos depois, meu pai chegou à conclusão de que tinha uma úlcera. Sendo médico, não deveria ter falhado

assim no diagnóstico, mas talvez a sua vontade de acreditar que não sofria de uma coisa pior fosse tão grande que o diagnóstico lhe saiu errado. Sofreu duas operações. Na segunda, os médicos limitaram-se a olhar e tornaram a costurá-lo. Morreu de câncer... em 1958, na data predita por Vanga.

"Eu me casei. Um bom casamento, um casamento feliz. Senti-me ainda mais feliz quando nasceu meu primeiro filho. Depois, alguns meses mais tarde, inesperadamente, repentinamente, meu marido morreu... ainda muito moço. Casei pela segunda vez e o segundo casamento foi um desastre. Agora estou divorciada. Há poucos anos, meu irmão correu para pegar um bonde. Saltou. . . mas alguma coisa não deu certo. Ele perdeu o equilíbrio, caiu e morreu.

"Tudo aconteceu. Tudo o que Vanga disse que nos aconteceria aconteceu. Posso assegurar-lhes que ela estava certa. Mas não posso dizer-lhes porquê. Eu era uma criança, tinha doze anos quando meu pai foi procurá-la. Toda a minha vida se desenrolou diante dela, para que ela a visse. Por quê? Seria um plano, o destino, alguma coisa relacionada com a reencarnação? Por que Vanga pôde ver isso? Por quê?

Sentia-se a intensidade da pergunta. Sabíamos que ela não esperava que tivéssemos a resposta, mas tínhamos a impressão de que continuaria perguntando "Por que?" Talvez, algum dia, em algum lugar, encontrasse urna resposta.

- Não sei se acreditam em Deus, - continuou ela. - Não acredito nos rituais da igreja, nem nos dogmas, nem na espécie de imagem que eles pintam das coisas. Mas sei que há alguma coisa. Quando a vida vai bem, digo: "Obrigada,

meu Deus"; e quando vai mal, peço: "Ajuda-me, ajuda-me". Mas ainda não sei o que possibilitou a Vanga ver a minha vida.

"Foi provavelmente por ter falado primeiro com meu pai que ela se mostrou tão exata em suas predições sobre a minha família. Ela é sempre melhor no começo do dia. Essas coisas cobram os seus tributos. Além disso, está freqüentemente doente. Pobre Vanga. Não lhe quero mal, apesar de tudo. Ela deve levar uma vida muito triste."

Vanga Dimitrova é uma camponesa de quase cinqüenta anos, que vive com a irmã em Petrich, numa região montanhosa da fronteira entre a Bulgária, a Iugoslávia e a Grécia. Está longe de qualquer espécie de corrente de atividade ou influência mas, como vidente, tem o seu próprio gênero de corrente de influência. A vida de Vanga misturou-se inevitavelmente às dores, prazeres e experiências dos milhares de seres que recorreram a ela em último recurso e às guerras, revoluções e infortúnios da sua terra.

- É um grande consolo para mim ter podido ajudar algumas pessoas, - diz a mulher, que semelha a imagem de um oráculo popular redivivo. Sempre se veste de preto e, quase sempre, traz a cabeça envolvida no chalé de camponesa, que lhe acentua o rosto, redondo e cego; não é um rosto trágico, mas um simples rosto humano desadornado, que parece ter sido exposto a todas as intempéries. Havia um quê de obstinada resistência em seu vulto baixo, como também em seu caráter. Vanga já deu consultas psíquicas a dúzias de pessoas ao mesmo tempo. Não lida apenas com personalidades locais. O incessante desfile que lhe atravessa a soleira da porta inclui também os mais cultos e os mais requintados, que vão a Petrich movidos

pela curiosidade ou pelo desespero. Inclui celebridades do Ocidente - membros do jet set e pessoas famosas, que buscam informações de uma médium não envolvida em política e nos problemas do Ocidente.

Os cientistas que trabalharam com Vanga dizem-na “uma mulher respeitável”. Ela é mais que uma “feiticeira do campo”. È uma das maiores médiuns vivas de hoje.

- Ela, não raro, fica muito triste com as coisas que prevê – conta-nos um dos cientistas. – O seu dom psíquico a faz feliz. Mas, por outro lado, não pode viver sem ele. Não pode parar. E o modus operandi da sua personalidade.

O saber que ajudou alguém, que não é apenas uma cega inútil que se aquece ao Sol enquanto todo o mundo trabalha, parece sustentá-la contra a sobrecarga de "visões" infelizes - morte, doença, assassínios, lares desfeitos, carreiras malogradas - que se relacionam com que lhe passam pela sala de estar.

Vanga provavelmente não sabe que as predições que fez para o pai da nossa amiga se realizaram. Provavelmente nem mesmo se lembra do médico cético e das cenas da sua vida, passada e futura, que entreviu por alguns minutos. Mas, infelizmente para Vanga, algumas das suas profecias mais dramáticas e trágicas relacionavam-se com criaturas muito chegadas.

E seu irmão Tomás quem conta:

- Durante os anos maus da guerra, Vanga ajudou muita gente. As pessoas vinham procurá-la a fim de saber o que havia acontecido a amigos de que estavam separadas, conhecer o destino de entes amados, arrastados pela guerra. Vanga dizia-lhes quem ia morrer e quem voltaria, e quando.

"No princípio de 1944, meu irmão Vasil e eu decidimos juntar-nos aos guerrilheiros que combatiam os alemães. Fomos despedir-nos de Vanga. Assim que aparecemos, ela rompeu a chorar, e disse a Vasil:

- Você morrerá quando tiver vinte e três anos de idade.

- Diga isso à outra pessoa, - retrucou-lhe Vasil. - Não acredito. Não acredito numa única palavra.

"Passamos juntos a primavera e o verão nas montanhas, lutando contra os alemães. Depois, no outono, nós nos separamos. A unidade de Vasil atacou a aldeia de Foukso. Eles estouraram uma ponte e mataram muitos nazistas. Vasil foi ferido e acabou capturado por homens da SS."

Os alemães encurralaram todo o povo da cidade na igreja central. Cercados de metralhadoras, os habitantes de Foukso não puderam fazer nada quando os alemães obrigaram Vasil a descer a nave lateral da igreja e o puseram em pé. Espoucaram tiros na velha igreja. Vasil caiu ao chão, morto.

- Foi no dia 8 de outubro de 1944, em que meu irmão completava 23 anos.

A data da sua morte. A misteriosa capacidade de ver até vinte anos adiante no futuro é a parte mais insólita do talento psíquico de Vanga. Nem ela, nem os que a consultam têm, normalmente, o menor desejo de conhecer tais particularidades. Mas estas surgem gratuitamente. Quando lhe acontece ver uma data de morte, quase sempre acerta. Vanga não sabe por que se revela de repente o dia fatal.

- Para meu grande pesar, à medida que vejo detalhes cada vez maiores da vida dos outros, vejo também, com freqüência, as datas da sua morte. Muito antes que isso acontecesse, previ o dia em que meu marido morreria, muito embora ele não tivesse ainda quarenta anos. Vi também que

nada se poderia fazer para salvá-lo. Chamava-se Dimitri Georgeyev. Era um homem bom e generoso mas, infelizmente, se pôs a beber. Creio realmente que foi toda aquela gente que insistia em procurar-me, centenas de pessoas com as suas dificuldades a entrar e a sair da nossa casa, que o Levou à bebida. Ele morreu no dia 7 de abril de 1956, como eu previra. A partir desse dia, passei a vestir-me de preta. E desde a sua morte, não fui mais chamada pelo seu sobrenome, Georgeyev. Sou conhecida como Vanga Dimitrova.

A capacidade profética de Vanga talvez seja sensível à morte porque a primeira predição de que ela se lembra envolvia uma morte muito especial para ela. Quando fez treze anos, começou a ter períodos de cegueira.

- A idéia de não poder ver para o resto da vida transtornou-me horrivelmente. Meu pai e toda a família tentaram ajudar. Mas não adiantou. - Depois de duas operações malogradas, Vanga ficou cega outra vez, aos dezenove anos. - Disseram a meu pai que somente certa especialista poderia fazer alguma coisa, e por isso ele me levou para vê-lo. Mas foi tudo em vão. Se fôssemos mais ricos é possível que, hoje, eu estivesse enxergando.

Lubka, irmã de Vanga, conta o caso com maiores minúcias:

- Meu pai viajou com Vanga para outra cidade. O médico examinou-a e disse que Vanga recuperaria a vista se ele a operasse imediatamente. Em seguida, pediu a meu pai uma grande soma de dinheiro. Papai era um trabalhador migrante. Só conseguia trabalho em determinadas ocasiões. Estava longe de ter a quantidade de dinheiro exigida pelo médico...

embora eu saiba que a teria dado para ajudar Vanga, se a tivesse.

Vanga teria de ser cega. O pai levou a filha para casa. Lá chegada, Vanga confidenciou aos irmãos e irmãs que receava que o pai morresse logo. Disse que sabia disso. Tentaram confortá-la. Ela estava apenas imaginando coisas mórbidas porque não podia ver. Mas o pai morreu - no dia exato que Vanga especificara. Ela trocara uma visão por outra.

Naquele tempo, Vanga vivia numa aldeia da Macedônia, ao pé da fronteira búlgara. As pessoas começaram a acorrer à casa da família. Poderiam falar com a menina cega? Seria a vidente capaz de ajudá-las? Pouco depois, vieram das aldeias vizinhas. No verão turbulento, Vanga vaticinou uma mudança inesperada em sua própria vida. Ela disse a sua irmã Lubka:

- Dentro em pouco virá um homem de uniforme de outro país. Ele será o homem da minha vida.

Hoje, Lubka observa:

- Dessa vez, naturalmente, achávamos que ela estava errada. Afinal de contas, era cega.

No outono, um jovem soldado de belos bigodes pretos veia da cidade próxima de Petrich, na Bulgária. Era Dimitri Georgeyev, que procurava descobrir quem matara seu irmão.

- Eu sabia, - lembra-se Vanga, - mas não queria contar a Dimitri. Não queria que ele se vingasse. Ele insistiu. Finalmente, obriguei-o a jurar que não faria nada aos homens. Cantei-lhe, de um modo geral, as pessoas que estavam envolvidas, mas não citei os dois sujeitos que tinham realmente cometido o assassínio.

Um dos homens que Vanga "viu" como assassino acabou morrendo numa briga de rua. O outro, anos depois, confessou em seu leito de morte haver matado o irmão de Dimitri. Mas isso não era o mais importante. O soldado Dimitri voltou à Bulgária. Desmobilizado algum tempo depois, rumou diretamente para a casa de Vanga. A porta, disse apenas:

Vanga, vim aqui pedir-lhe...

Sou cega, não sou para você, - atalhou ela.

Não faz mal. Quero que seja minha esposa.

- E eu cedi, - conclui Vanga, que então se mudou, em companhia do marido, para Petrich, na Bulgária, do outro lado da fronteira. A população de Petrich tinha ganho uma vidente. Boris Gurov, lavrador de meia-idade, visitou incontinenti a nova vizinha. Seu irmão mais moço, Nikola, desaparecera em 1923, quando tinha apenas quinze anos. A família o procurara em toda parte, mas nunca se haviam encontrado pistas. Aquilo ainda atormentava o lavrador. Poderia Vanga dizer-lhe o que acontecera a Nikola em 192?

- Eu o vejo. Está vivo! - disse-lhe Vanga. - Vejo seu irmão Nikola numa grande cidade da Rússia. Ele cresceu ali. E um cientista. Mas...não está lá agora. É escravo dos alemães. Está num acampamento. Mas não se preocupe, virá procurá-lo no princípio desta primavera. Poderá reconhecê-la pelo uniforme cinzento. Estará carregando duas malas, - ajuntou Vanga.

Era estranho demais. Boris não podia aceitar a idéia de que o seu perdido irmão fosse um cientista soviético, e muito menos que estivesse, naquele momento, num campo de concentração. Voltou para casa convencido de que nunca

saberia a verdade. A título de curiosidade, repetiu a história fantástica de Vanga à sua família.

Reza a crônica local que, dois meses depois, numa madrugada de primavera, um estranho, cansado, parou diante da casa de Boris. Pôs no chão duas malas. Não parecia familiar a pessoa alguma da aldeia. Não pareceu familiar a Boris quando este saiu para falar com ele. Era Nikola. O irmão mais moço regressara depois de quase vinte anos. Nikola confirmou a visão de Vanga. Fugira para a Rússia, onde estudara e acabara se transformando em engenheiro. Ao estourar a guerra, entrara para o Exército Vermelho e, pouco depois, fora capturado pelos alemães. No acampamento, conseguira finalmente convencer os germânicos de que era búlgaro. E os búlgaros, nessa ocasião, estavam oficialmente aliados aos alemães. Os nazistas deixaram-no partir. Ele se dirigira, a pé, para casa em seu uniforme cinzento de prisioneiro.

Essa mulher cega, que vive nas selvagens montanhas da Trácia a que aludem Homero e Virgílio, acerta sempre em sua profecia? Pode ver o futuro com a mesma precisão com que nós ligamos um aparelho de televisão e vemos o que se passa na tela? Não de todo. Há dias em que o seu poder psíquico não funciona. Ela, às vezes, se equivoca. Nenhuma sensação especial lhe assegura que as suas predições estão certas ou erradas. Mas - e este é um grandíssimo "mas" - Vanga Dimitrova acerta quase sempre. De acordo com a documentação fornecida pelos cientistas, acerta em 80% das vezes. 80% do que vê do passado e do que prevê do futuro está absolutamente certo, e 80% não são uma percentagem despicienda nos anais oraculares.

Vanga é especialmente hábil em dar às pessoas informações sobre amigos e parentes desaparecidos. Durante a guerra, uma mulher iugoslava procurou-a para ter notícias do marido, tido por morto em ação.

- Ele não está morto, - disse Vanga. - Ele vai voltar.

E voltou - na ocasião predita por Vanga. O círculo da sua fama aumentou.

Mais recentemente, um lavrador búlgaro foi a Petrich, vindo de uma região relativamente distante. Poderia Vanga ajudá-lo a encontrar sua filha desaparecida? Calmamente, Vanga contou-lhe que a menina se suicidara, afogando-se num lago que havia perto da casa dele. O corpo, mais tarde, foi retirado do lago.

Um dia, uma mulher apareceu à porta de Vanga, embora já soubesse que a pessoa a cujo respeito desejava informações estava morta. Sua irmã fora enterrada quinze anos antes. Mas quais tinham sido as verdadeiras circunstâncias da sua morte?

- Sua irmã foi morta pelo próprio marido, - disse-lhe Vanga. - Ele conseguiu estabelecer um álibi falso, segundo o qual estivera em Sofia o tempo todo.

Segundo os relatos, o uxoricida foi finalmente encontrado.

No reino do trabalho psíquico de detetive, Vanga, cega, sentada em sua casinha, pôde dar à patrulha búlgara da fronteira informações suficientes para a captura de um bandido das montanhas, com sete mortes nas costas. Os jornais búlgaros afirmam que ela é amiúde utilizada pela polícia na solução de crimes.

Diz Vanga que não tem controle sobre as imagens mentais que se formam em sua mente. É precisa que elas venham naturalmente.

- Não posso forçá-las. Elas podem referir-se ao passado, ao presente ou ao futuro.

Não tem meios de saber qual o período de tempo que se iluminará de repente para ela.

Alguns anos atrás, um romancista búlgaro fez a viagem de seis horas de Sofia a Petrich. Vanga não respondeu às suas perguntas. Em vez disso, as palavras lhe saíam aos borbotões, delineando circunstanciadamente o enredo de um livro que o romancista acabara de escrever, mas que ainda não mostrara a ninguém.

- É uma história verdadeira, - disse Vanga. - Exceto no fim. No livro, a moça morre, o que não acontece na vida real. Ela ainda está viva. Mude o fim e conte a história como aconteceu. O livro ficará melhor.

Vanga acertara tão surpreendentemente a respeito do manuscrito que o autor lhe seguia o conselho e deixou viver a heroína. Afirma-se também que Vanga teria dito ao romancista que ele faria uma longa viagem à Rússia e que por duas vezes, escaparia por um triz de morrer acidentalmente. E reza a história, todas as predições, há seu tempo, se materializaram.

Estes são alguns dos relatos que lhe deram celebridade na Bulgária. Literal e figuradamente, Vanga é uma instituição nacional. Muitos búlgaros, quando falha tudo o mais, recorrem a ela. Pouquíssimos dentre eles, por mais horríveis que sejam os seus augúrios, lhe atribuem a imagem da feiticeira má. As pessoas falam nela com interesse e, geralmente, com respeito.

- As histórias que ouviram sobre Vanga Dimitrova são verdadeiras, - assegurou-nos uma jovem secretária em nosso hotel. - É uma mulher notável e merece um crédito tremendo por todas as pessoas que tem ajudado. Minha irmã está tentando conseguir uma entrevista com ela. Já não é tão fácil como antigamente, quando a gente ia para lá, fazia fila no pátio e ficava esperando. Agora é preciso fazer um requerimento a uma espécie de comissão que eles organizaram. A comissão marca um dia e esse dia, às vezes, demora um tempo enorme.

Para os estrangeiros, o custo de uma consulta é de aproximadamente 30 dólares. Para os búlgaros, a taxa orça por dez leva (5 dólares), e que, em muitos casos, equivale, no mínimo, a um dia de trabalho. O dinheiro não vai para Vanga, mas para o Estado. Vanga recebe um pequeno salário, equivalente, mais ou menos, a uns duzentos dólares mensais, pago pelo governo.

Os cientistas explicaram mais tarde que a comissão foi organizada por três razões: para impedir que Vanga seja sufocada por milhares de visitantes; para fazer registros adequados das suas profecias; e para entrevistar os que vão procurá-la. Isso permite aos cientistas acompanhar-lhe as predições à medida que passam os anos.

Que pensam os cientistas búlgaros desse oráculo cego que existe em seu meio?

Os Institutos de Sugestologia e Parapsicologia de Sofia e Petrich possuem uns trinta cientistas que estudaram as fenomenais capacidades psíquicas de Vanga empregando o equipamento mais moderno e mais sofisticado. O seu porta-voz principal é o Dr. Georgi Lozanov, diretor dos dois Institutos. O Dr. Lozanov, médico e psicoterapeuta há

dezesseis anos e praticante de Ioga há vinte e cinco, é o pioneiro da parapsicologia na Bulgária. Médico célebre, granjeou fama não só na Bulgária mas em todo o bloco de países comunistas pelos seus descobrimentos no campo dos poderes supernormais da mente. As suas palavras são acatadíssimas na Bulgária.

O Dr. Lozanov declarou publicamente às imprensas búlgara e iugoslava: "As histórias a respeito de Vanga Dimitrova não são fantasias, embora algumas contenham exageros. Ela é uma criatura extraordinariamente talentosa".

Um escritor iugoslavo perguntou ao Dr. Lozanov se Vanga era a profetisa mais talentosa do mundo.

- É difícil dizer. As capacidades precognitivas são como a poesia. Tudo depende do treinamento e, amiúde, da capacidade de traduzir a inspiração em palavras. Vanga, às vezes, trabalha num minuto. Outras, leva horas. A telepatia e, em certas ocasiões, a fantasia se misturam às suas predições. Os históricos dos casos, no entanto, parecem mostrar que ela lê o futuro para os que a procuram pessoalmente, e até para os que não a procuram. Possui capacidades psíquicas muitíssimo superiores às das pessoas comuns e da maioria dos médiuns. (205)

Há anos que Vanga tem sido um personagem para o dr. Lozanov.

- Ouvi falar em Vanga desde os doze ou treze anos. Ouvi tanta coisa que, depois dos vinte, decidi ir vê-la pessoalmente. Um amigo, Sasha Itrech, assistente na Universidade de Sofia, acompanhou-me.

Os dois jovens pesquisadores encostaram o carro fora da estrada, muito antes do perímetro urbano de Petrich, e puseram-se a andar. Não queriam que ninguém pudesse

fornecer a menor informação a seu respeito. Achava Lozanov que Vanga poderia ter espias espalhados pela aldeia, que lhe dessem informações a respeito dos recém-chegados.

- Entramos na fila com centenas de outros, - contou Lozanov, - e esperamos três horas inteiras para chegar à cabeceira. Nem sequer nos falávamos. Para que fornecer pistas a quem pudesse estar ali prestando atenção? Finalmente chegou a nossa vez. Sasha entrou primeiro. Vanga começou dizendo-lhe o nome e o sobrenome. Disse-lhe onde nascera e descreveu o apartamento de esquina, num segundo andar, em que ele morava naquele tempo. Disse-lhe, em seguida, o nome de sua mãe e identificou a moléstia de que ela estava sofrendo. Disse ainda a Sasha a data da morte de seu pai e o nome da doença que o matara. Forneceu todas essas informações como se as estivesse lendo num livro. A seguir, concluiu:

- Você está casado há sete anos, mas não tem filhos. Terá um daqui a um ano.

"Isso aconteceu exatamente como ela predissera.

"Chegou depois a minha vez. Quando transpus a soleira da porta, Vanga me interpelou:

- Georgi, por que veio? Você é um médico que cura com a hipnose. Quer experimentar-me. Por que veio agora? Chegou cedo demais. Voltará daqui a alguns anos.

"Ela parecia querer dizer que um estudo científico sério do seu talento profético talvez fosse possível naquela ocasião. Eu não disse nada. Ao invés disso, tentei minha primeira experiência. Usando todo o poder da minha vontade e a pequena capacidade telepática que possuo, imaginei ser outro homem, um homem que conheço muito bem. Ela

começou a predizer, mas as suas predições estavam erradas. E ela mesma mo confessou. Depois disse:

- Vá embora, não lhe posso dizer nada."

Observa Lozanov:

- O fato de eu ter pedido bloquear Vanga é muito interessante. Foi o primeiro elemento seguro que tive para a minha hipótese de que Vanga respigava o que dizia aos visitantes em suas próprias mentes, telepaticamente.

Lozanov não desenvolveu a sua idéia nem lhe mostrou a relação com a profecia. É muito fácil presumir que Vanga extrai os seus conhecimentos do passado e do presente do próprio consulente - mas que dizer do futuro? É possível que a vidente não os obtenha de um grande esquema geral que vê no céu mas, pelo menos em certos casos, carregamos conosco o nosso destino. Isso vai muito além da idéia do resultado lógico das ações ou pensamentos atuais. Que é o que, numa menina de doze anos, conduz logicamente à morte do marido dez anos depois, após o nascimento do primeiro filho do casal? Ainda que esse "desenho" estivesse na moça, como se prenderia ao pai que está em presença de Vanga?

Procurando compreender a profecia, muita gente figurou o tempo como um espetáculo que rola para nós numa esteira transportadora. Talvez os quadros já estejam lá, como os de uma procissão a vários quarteirões de distância. Comparam-se os profetas a pessoas postadas no alto de edifícios: vêem mais longe. Isso dá origem à idéia do "presente espaçoso" - à idéia de que alguns podem ver melhor o presente do que outros. O trabalho com Vanga indica que poderemos obter um novo vislumbre de compreensão se modificarmos a nossa perspectiva. Talvez haja em nós uma semente, um padrão

que atrai o futuro, exatamente como a glande atrai os elementos de que precisa para transformar-se em carvalho. A glande tem de transformar-se em carvalho, mas tem de transformar-se num carvalho velho, num carvalho de vinte galhos, de cinqüenta galhos? Se o carvalho estender um ramo na direção de uma linha de força, o ramo será cortado; mas se o estender em outra direção, o ramo subsistirá.

Para a mente do Dr. Lozanov, as teorias acerca da profecia de Vanga são menos importantes nesta fase do que o "trabalho duríssimo". "Seja ela o que for, tenho a certeza de que a profecia pode ser explicada cientificamente, e o será", diz ele. Com históricos de casos e documentação, as teorias podem começar a elaborar-se mais facilmente quando se organiza a experiência. Uma questão fundamental é saber se os auspícios de Vanga podem ser evitados. As suas palavras são uma advertência ou um decreto?

E muito mais fácil obter-se um vislumbre de compreensão observando o trabalho médico psíquico de Vanga. Pode ser que ela não esteja lendo embriões de tempo encerrados nos poderes de compreensão de nossas mentes, que habitualmente não podemos explorar, mas talvez esteja lendo informações sobre o nosso estado físico, constantemente sistematizados em nosso inconsciente. Vanga não é uma curadora e não pode, psiquicamente, receitar um remédio. O que ela faz é diagnosticar uma doença ou uma disfunção. E predizer se o doente sobreviverá ou sucumbirá sob o efeito das enfermidades.

Vinte anos se haviam passada depois que Vanga dissera ao jovem Lozanov que se fosse; não poderia fazer nada por ele. Depois, contudo, como ela predissera, chegara o

momento azado para a investigação e ambos tinham feito muita coisa um pelo outro.

- Nos últimos dez anos tenho tido centenas, talvez milhares de conversações com Vanga. Ela acabou confiando em mim e concordou em trabalhar comigo, - diz o Dr. Lozanov. - Fiz um sem-número de testes e experiências com ela. E verifiquei pessoalmente os seus antecedentes, tentando documentar os acontecimentos passados, que ela revelou às pessoas, e o futuro que predisse.

Os casos verificados por Lozanov refletem a amplitude dos dons de Vanga.

- Há vinte e cinco anos, uma mulher de aldeia da Macedônia perdeu o filho; o menino desapareceu. Foi visto brincando à beira de um rio. Os aldeões procuraram em toda a parte, mas não encontraram vestígios do garoto. A própria mãe, finalmente, concordou em que já não havia esperanças de achá-lo, - relatou o Dr. Lozanov. - Isso aconteceu durante a guerra, antes da libertação. Vinte e dois anos se passaram. A mulher acertou de procurar Vanga para informar-se de uma doença que a estava preocupando. "A senhora ficará boa", assegurou-lhe Vanga. E, de repente, ajuntou: "e seu filho logo voltará também. Vejo-o com um cigano. Ele cresceu. Se a senhora for amanhã a uma certa aldeia, o achará." A mulher rumou imediatamente para a aldeia que Vanga lhe indicara. E, lá, achou realmente o filho, tal como Vanga o descrevera. Ele, a princípio, não a reconheceu mas, à medida que ela mencionava acontecimentos passados, ele foi-se recordando, pouco a pouco. Hoje, os dois estão reunidos.

Lozanov visitou-os para documentar a história.

- Certa vez fui a Petrich e encontrei vários camponeses da aldeia de N. em casa de Vanga, - recorda-se Lozanov. - Eles queriam saber por que morriam as suas abelhas. "Por que vieram procurar-me?" perguntou-lhes Vanga. "Seria melhor se tirassem o veneno das suas colméias". Os camponeses se foram. Mais tarde, fui à aldeia de N. e perguntei-lhes se Vanga acertara. Eles disseram que sim. Ela lhes contara quem pusera o veneno nos cortiços e o envenenados, interpelado pelos apicultores, confessou tudo.

Lozanov guarda em seus arquivos, cada vez mais abarrotados, a história do chofer de um ministério do governo. O chofer foi procurá-la por simples curiosidade. Vanga disse-lhe que ele não era um bom homem. "Se soubesse o que você anda fazendo, sua mulher o abandonaria amanhã. Mas isso não é tão perigoso. Você sofrerá um acidente no dia 11 de novembro deste ano. Ficará muito ferido, mas não morrerá." O motorista riu-se e saiu. No dia 11 de novembro, deu uma trombada com o carro e feriu-se gravemente, conta Lozanov.

Disse Vanga:

- Não tenho medo de dizer às pessoas o que vejo mas, de um modo geral, não gosto de falar a respeito de problemas de casamento. Vejo muitas coisas sobre mulheres e homens casados. Quero ajudar, mas não os ajudaria se lhes dissesse que muita coisa do que vejo aconteceu ou acontecerá.

O Dr. Lozanov examinou também alguns dos feitos psíquicos mais estranhos de Vanga.

- Vanga visitou uma mulher grávida na aldeia de P., no sul da Bulgária. Ela disse à mulher que a criança que esta última estava esperando seria morta quando fosse pouco mais que um bebê. E mostrou a casa onde morava o futuro

matador. Tudo isso aconteceu. Mais tarde, a polícia prendeu o assassino na casa que ela indicara.

Em meados da década de 1960, pessoas de toda a Europa Oriental e, finalmente, da Europa Ocidental acorriam à casa de Vanga. Chegaram mesmo algumas da Austrália, dos Estados Unidos e do Canadá. Havia gente demais. Ela estava dando até cinqüenta consultas por dia. Como outros grandes médiuns, tinha-se a impressão de que Vanga poderia ser destruída pelo seu dom. Multidões de doentes, curiosos, preocupados - apareciam todos os dias e, muitas vezes, quando a longa fila se aproximava do fim, Vanga se sentia atordoada, e sua fala se arrastava, as imagens proféticas lhe apareciam borradas e confusas.

Em meados da década de 1960, entretanto, estava acontecendo outra coisa em Sofia. O provido governo búlgaro chegara à conclusão de que a clarividência e a precognição eram campos maduros e vitais de indagação científica. O governo fundou o Instituto de Sugestologia e Parapsicologia que, entre outras providências, ofereceu abrigo a Vanga e resguardou-a das exigências mais exorbitantes feitas às suas energias. Em 1966, ela passou a ser funcionária pública. Hoje, além do pequeno salário que lhe paga o governo, dispõe de duas secretárias e de um grupo de pessoas encarregadas de entrevistar os solicitantes. Fora isso, para estudá-la cientificamente, existe em Petrich um laboratório de parapsicologia sustentado pelo governo, inteiramente aparelhado e apetrechado, ligado ao grande Instituto de Sofia.

Um governo comunista que sustenta e estuda uma profetisa e clarividente pareceu-nos extraordinário. Alguns parapsicologistas ocidentais, que tinham visitado os países

da Cortina de Ferro há quatro ou cinco anos, asseguravam que os comunistas dificilmente se atreviam a mencionar o tópico "proibido" da profecia, mesmo em conversações particulares. Um ocidental que ventilara o problema da precognição numa conferência comunista aparentemente escandalizara os delegados. Sem embargo disso, o governo da Bulgária estava firmando um precedente no mundo inteiro ao estudar esse fenômeno de predição psíquica.

- Como foi que isso aconteceu? - perguntamos ao Dr. Lozanov, quando lhe fomos apresentadas no Instituto de Sugestologia e Parapsicologia em Sofia.

Lozanov, com os seus quarenta e três anos, o seu halo de cabelos grisalhos e anelados, as suas sobrancelhas nitidamente arqueadas e os seus quentes olhos escuros, cercados de risonhas rugazinhas, irradia uma preocupação profunda e bem-humorada pelas pessoas. É compacto, flexível, de estatura mediana. Conquanto seja um mestre hipnotista, não tem o olhar imperioso do hipnotista estereotipado. Em vez de furar-nos, os seus olhos nos atraem. Georgi Lozanov ri com freqüência e longamente - um riso que cresce sempre e parece ter nascido da última piada contada num reino de permanente deleite. Talvez Lozanov tenha encontrado parte do deleite que são apanágio dos gurus, durante os seus vinte e cinco anos de estudos das formas filosóficas mais elevadas da Ioga.

Depois de conversar rapidamente com ele, compreendia-se que houvesse conquistado a confiança e a cooperação não só de Vanga mas também de muitos outros médiuns - personalidades tão temperamentais e personalísticas que muitos pesquisadores se recusam a lidar com portadores de grandes dotes psíquicos. Lozanov combinara um severo

autodesenvolvimento, através da Ioga, com um rigoroso treinamento científico - extraordinária combinação que lhe deu profunda visão interior e rapport com as mentes fenomenais dos médiuns.

O Dr. Lozanov sorriu diante da nossa pergunta sobre o interesse búlgaro pelo paranormal.

- Não se esqueçam de que este é um país muito antigo, - disse ele. - É a terra de Orfeu.

Diz-se que Orfeu, que nós conhecemos como o deus da música e da poesia, viveu realmente na terra que é hoje a Bulgária. Reza a lenda que Orfeu foi um grande profeta, mestre e músico e, quando cantava e tangia a sua lira, os pássaros lhe voavam ao encontro, os peixes saltavam das águas e iam ter com ele, o vento e o mar se imobilizavam, os rios fluíam na sua direção, as árvores e as próprias pedras acompanhavam-no. E quando ele foi violentamente atacado, o seu corpo feito pedaços e atirado aos quatro ventos, a cabeça decepada de Orfeu, arrojada a um rio continuou a cantar.

- Possuímos uma longa tradição de cultura ocultista na Bulgária, - continuou Lozanov. - Muitas pessoas aqui têm experiências psíquicas. Talvez seja a atmosfera, - ajuntou, sorrindo, - mas o caso não é incomum. Isso explica, em parte, a disposição para examinar os fatos parapsicológicos. Na realidade, todos somos médiuns, mas nem todos somos capazes de utilizar o talento psíquico de maneira prática. Qualquer um de nós pode cantar algumas notas, mas os que têm queda para a música desenvolverão o seu talento até atingir um alto nível.

- Como foi que o governo passou a interessar-se pelo psi? - perguntamos.

- Trabalhei com a precognição durante vinte anos, - replicou Lozanov. - Pesquisei perto de sessenta e cinco médiuns na Bulgária. Eu sabia que haveria uma época na Bulgária em que os cientistas poderiam entregar-se a esse estudo. Trabalhei com Vanga Dimitrova cerca de dez anos. Houve muitas dificuldades e aqueles anos foram duros. Basicamente, eu tinha de provar que ela era, de fato, clarividente. Há uns três anos se organizou uma comissão para estudá-la. Gosto de comissões, - rematou, sorrindo.

Cônscio de que montes de estatísticas podem ser relutados ou ignorados, resultados de testes e testemunhos negados, argumentos lógicos destruídos, Lozanov decidiu deixar que os membros da comissão julgassem por si mesmos e chegassem às próprias conclusões mediante experiências e provas de primeira mão.

- Levei toda a comissão, um por um, a Vanga, - disse Lozanov. - Antes de irmos a casa dela, alguns me procuraram e perguntaram: "Por que você está perdendo tempo com Vanga? Por que não larga esse negócio de precognição e não se dedica exclusivamente à psiquiatria?" E eu lhes respondi: "Mais tarde falaremos sabre isso".

"Tivemos sorte naquele dia. Vanga estava no melhor da sua forma. Mostrou-se sumamente clarividente. Depois, alguns membros da comissão me procuraram e disseram: Precisamos experimentar. Precisamos estudar isso."

A comissão apresentou um relatório favorável a Vanga e, por ocasião do degelo, no meado dos anos 60, a parapsicologia recebeu o seu nihil obstar. Fundaram-se muitos Institutos de Parapsicologia. Outros grupos científicos, como o Instituto de Fisiologia, cooperaram plenamente com a pesquisa da ESP.

- O nosso apoio provém dos mais altos níveis do governo, - disse Lozanov, - dos mais altos. O governo nos deu excelentes condições para o trabalha. Nunca tivemos de preocupar-nos com dinheiro. Podemos levar avante qualquer projeto, em qualquer área do paranormal. Vanga é a primeira clarividente do mundo a ser colocada na folha de pagamento do Estado e o nosso governo criou boas condições para pesquisar a precognição.

Lozanov disse tudo isso com muito orgulho - orgulho pela Bulgária e pelo seu povo notável, a quem é extremamente dedicado.

Devemos dar os parabéns aos búlgaros por terem tido o discernimento e a coragem de ingressar num campo de estudos tão importante e valioso quanto a sondagem dos velados domínios da existência humana. Muitas vidas dentre os oito milhões de cidadãos da Bulgária foram tocadas pelas profecias de Vanga, quer a conheçam, quer não, e urge compreender melhor esse fenômeno. Se os estudos de profecia realizados pelo Instituto de Parapsicologia redundarem numa vitória científica, a Bulgária terá tido o mérito de dar ao mundo uma das maiores conquistas de todos os tempos.

- Têm chegado pessoas de todas as partes do globo para consultar Vanga e, durante muitos anos, mandamos questionários a mais de três mil delas, sistematicamente, a fim de verificar-lhe as predições. Até agora, a nossa pesquisa revela que 80% do que Vanga predisse estão certos.

"Seria muito arrojado dizer categoricamente que ela é precognitiva, - advertiu Lozanov. - Cumpre evitar pronunciamentos antecipados. Aqui prepondera a idéia de que, se a precognição existe numa pessoa, não temos medo

do que ela possa implicar filosoficamente. Se a precognição existe, encontraremos explicações para ela. Em minha opinião pessoal, não como diretor do Instituto, Vanga é médium; é capaz de predizer o futuro, embora não 100%."

Em regra geral, os cientistas comunistas acreditam gire os fatos paranormais provavelmente obedecem a leis específicas, que podem ser descobertas e aproveitadas. A definição comunista de "materialismo" inclui as leis das ocorrências científicas e, portanto, se os fatos psíquicos estão sujeitos a leis de comportamento, podem ser considerados "materiais".

Além de analisar históricos de casos, como estudavam eles a precognição?

A resposta de Lozanov não nos surpreendeu. Ajustava-se ao surto de pesquisa do paranormal que se registra em todo o mundo comunista: um esforço para compreender a energia básica inerente ao paranormal e a relação dessa energia com o corpo humano.

- Estamos estudando os campos de energia em torno de Vanga durante a precognição, - contou-nos Lozanov, - e a relação entre a, profecia e as outras formas de ESP. - Lozanov e os seus colegas fazem um estudo total da precognição: a mulher total e o panorama total dos seus pronunciamentos psíquicos. - Temos uma documentação completa, médica e de outros gêneros, de todos os dias da vida de Vanga durante os últimos anos. Por que tem ela bons e maus dias? Existem fatores médicos envolvidos nas suas profecias totalmente exatas do futuro? Os campos biológicos ao redor do seu corpo afetam a precognição e a clarividência? O seu cérebro funciona de maneira diferente do cérebro de outras pessoas? Que se pode dizer da sua

constituição psicológica? Estas são apenas algumas perguntas cujas respostas estamos procurando.

E prosseguiu:

- Não é possível estudar todos os aspectos paranormais dos seres humanos sem incluir no estudo muitas áreas da ciência. Por isso acredito que o melhor método de pesquisa da ESP consiste em reunir um grupo de muitos especialistas diferentes. O nosso Instituto conta com trinta cientistas, todos de especialidades distintas, que trabalham juntos para estudar Vanga e o psi em geral.

"O cientista puro que trabalha no campo da ESP nem sempre lhe compreende os aspectos psicoterapêuticos. E possível que escapem à sua observação alguns dos aspectos mais complexos da psique humana e das leis da sugestão. Nem tudo o que se refere a seres humanos é tão simples quanto alguns cientistas puros gostariam que fosse. Por outro lado, o psicologista ou psicoterapeuta sozinho talvez não consiga elucidar problemas técnicos de física ou de eletrofisiologia. Quando todos trabalham juntos, como fazemos aqui no Instituto, podemos obviar a alguns equívocos e evitar muitos erros. Claro está que, se um pesquisador chegasse um dia a deixar de cometer erros, não haveria desenvolvimento de espécie alguma!" O Dr. Lozanov interrompeu a sua vívida e brilhante explicação para dar uma risada.

Os búlgaros acreditam firmemente num enfoque unificado, interdisciplinar do psi. Afinal de contas, o ser humano não é uma máquina dividida em partes separadas, isoladas umas das outras.

- Procuramos também manter uma boa atmosfera ao redor de Vanga para protegê-la. Outros pesquisadores

poderão querer trabalhar com ela mas, até agora, ela só quis trabalhar conosco, - disse Lozanov.

Isso aliás, vem confirmar o fato de que Lozanov estabelece um rapport com médiuns mais perfeito que a maioria dos cientistas. O dia tem um número determinado de horas, e muitos bons médiuns preferem ajudar as pessoas necessitadas de auxílio a trabalhar num laboratório em testes científicos abstratos, cacetes ou penosos.

Já sabíamos alguma coisa sobre o tipo de predições que Vanga costuma fazer - datas de morte, acidentes futuros, as várias fortunas da vida.

- Examinando milhares de profecias de Vanga para diferentes pessoas, o senhor não depara, às vezes, com um modelo geral para pessoas de determinadas áreas ou países? - perguntamos. - Isso não lhe daria uma idéia de acontecimentos políticos futuros ou catástrofes naturais, como terremotos?

- Vanga não faz predições políticas, - respondeu ele em tom categórico. - Ela não quer fazer predições políticas, só predições pessoais.

- Bem, que é profecia? - indagamos finalmente.

Ele sorriu e pediu que nós lho explicássemos. Em lugar de fazê-lo, perguntamos como Vanga a explica. As pessoas carregam consigo traços do próprio destino? Ou a história do suturo vem de outro plano, de espíritos desencarnados, como querem alguns?

- Vanga nos afirma que vê quadros e ouve vozes. E diz às pessoas o que vê e ouve. Como cientistas, naturalmente, precisamos ser muito céticos em relação a essas vozes, mas é assim que ela diz que obtém as informações.

Haverá alguma coisa como o destino, o karma, a predestinação? Serão fixos alguns modelos das nossas vidas? A ser assim, por que uma pessoa está destinada à tragédia, ao passo que outra é abençoada com todas as facilidades e felicidades? Por que prediria Vanga a uma mulher grávida que o filho que ela traz no ventre será morto por um homem postado em tal e tal lugar? Seria o destino dessa criança nascer para ser assassinada?

Os milhares de búlgaros cujas vidas foram tocadas pelas profecias de Vanga calam-se ao ouvir perguntas como essas. Alguns, com os quais conversamos fora do Instituto, falam em reencarnação como possível explicação; outros respondem recorrendo às ciências modernas. Os búlgaros têm sido obrigados a enfrentar alguns mistérios da existência humana. Como explicar o destino de uma criança - o destino de um país como a Bulgária, cujo povo foi oprimido por brutais soberanos turcos durante um longo e tortuoso período de seiscentos anos?

Talvez por causa dos seus milênios de civilização, talvez por causa dos longos séculos de opressão, talvez por causa da atmosfera harmoniosa do país, a pequena população da Bulgária parece ter mais médiuns per capita do que a maioria dos outros lugares. Tem telepatas, clarividentes, profetas, curadores; o poder psíquico, virtualmente, é um recurso nacional.

- A nossa cultura ocultista remonta aos tempos antigos, - reiterou Lozanov. - Desde a Renascença, temos tido sociedades religiosas místicas. A mais poderosa dentre elas se parecia com a dos albigenses da França, exterminados pela Inquisição. Mas aqui sobreviveram e floresceram. A compreensão e a aceitação do elemento psíquico da vida

filtraram-se através da nossa cultura. Muitas pessoas em nosso país têm experiências psíquicas em vários níveis diferentes. Temos um bom "clima" para isso. As senhoras sem dúvida o sentiram aqui, na costa do Mar Negro, onde há uma ambiência muito espiritual, uma atmosfera de grande harmonia.

Existe, realmente, algo especial na costa búlgara do Mar Negro que nem o menos sensível dos cronistas de viagens pode deixar de notar. O bom "clima" se reflete na atitude sem preconceitos de muitos búlgaros para com a ESP. Surpreendíamo-nos constantemente ao descobrir que os búlgaros que conhecíamos por acaso estavam bem informados a respeito do psi e achavam naturalíssimo tudo o que a ele se referia.

- Telepatia, oh sim, - disse um rapaz que ficamos conhecendo e que estudava inglês na Universidade de Sofia. - Um professor meu fala muito em telepatia. Travamos discussões sobre isso e sobre a Lâmpada de Aladim, que, no seu entender, tem ligação com esse fenômeno. De acordo com as teorias dele, a Lâmpada de Aladim pode ter sido um resquício de uma civilização muito mais antiga e desenvolvida do que a nossa. Na sua opinião, a Lâmpada representava a exploração do poder psíquico para finalidades práticas... uma coisa que povos ulteriores, mais primitivos, chamariam de mágica.

Disse-nos um estudante de medicina:

- Pessoas como Vanga não são novidade. Os gregos tinham Cassandra e os oráculos de Delfos. A profecia sempre foi uma questão desconcertante. Lembra-me um caso, cujo relato encontrei, de uma mulher que precisava de psicoterapia. Ela se dizia condessa, condessa francesa, que

vivera há muitos séculos num castelo da França. E confessou aos psiquiatras que desejava ser levada para lá. A título de experiência, afinal, decidiram levá-la. Sem nunca ter estado na França, a mulher conhecia todas as salas do castelo e descreveu-as minuciosamente antes de viajar. Disse que havia um retrato seu em certo lugar. Os médicos localizaram o quadro, o retrato de uma condessa que ali vivera duzentos anos antes, a mesma mulher que ela afirmava ser. Procuraram todos os nomes por ela mencionados em velhas crônicas esquecidas, que só poderiam ser encontradas na França, e os nomes estavam todos lá. Ela chegou a dar descrições precisas de como se enfeitavam as salas para determinadas recepções e jantares de gala. Estava tudo certo.

"Reencarnação... - disse ele. - E uma idéia sumamente intrigante. Há outro caso que não me sai da cabeça: o de um homem que sonhou ter construído um palácio há centenas de anos, talvez há mil anos. Descreveu todo o plano da construção, a localização, etc. O homem estava obcecado pelo palácio. O clínico sugeriu a um arqueologista que examinasse o lugar indicado por ele. O arqueologista começou a escavar. E encontrou o palácio, construído exatamente como o homem sonhara havê-lo construído.

"Isso faz a gente pensar, não faz?" - rematou o estudante.

Hoje em dia o Dr. Lozanov está arrancando a capacidade psíquica do reino do misticismo em seu país e submetendo-a a disciplinas científicas rigorosas em seus laboratórios.

- Tudo pode ser explicado cientificamente, - diz ele.

Voltando ao trabalho de Lozanov com a Vidente de Petrich, não resistimos à tentação de perguntar:

- Vanga prediz o seu futuro?

- A primeira vez em que fui procurá-la, quando ainda era moço, foi à única em que ela me predisse alguma coisa, - respondeu ele. - Muita gente imagina que ela tem de fazer-me vaticínios, o tempo todo, mas agora, como vêem, a vida dela está intimamente ligada a acontecimentos de minha vida e ao progresso do Instituto. É muito difícil para ela predizer o próprio futuro e, portanto, também não prediz o meu. Além disso - ajuntou com um sorriso - não preciso de predições.

- Como veio a interessar-se pelas coisas psíquicas? Havia algum médium na sua família?

- Não, não, ninguém na minha família tem o menor interesse pela parapsicologia.

Mas, como muitos meninos nos países orientais, em que o hipnose era aceito logo, Lozanov, com o seu talento natural para hipnose, começou a hipnotizar os amiguinhos da escola. Um dia, perguntou a uma colega de classe em transe: “O que é que nosso amigo está fazendo em outra parte da cidade?” Os garotos verificaram a resposta do rapaz.

- Ele estava certo, - diz Lozanov. - O meu colega de classe demonstrou clarividência enquanto se achava em transe. Isso me fez pensar. Comecei a interessar-me por parapsicologia e Ioga e estudei psicologia e psiquiatria na Universidade de Sofia.

Lozanov viajou o mundo todo em função do seu trabalho no campo da parapsicologia e da sugestologia, não só o bloco de países comunistas, mas também a índia, a Europa, a Grã-Bretanha, a América. Em todos procurou pistas para a compreensão da clarividência e da precognição. Estabeleceu um calorosa rapport com alguns dos maiores profetas e clarividentes do mundo, entre os quais figuram os mais famosos iogues da Índia e Croiset, da Holanda, que

cooperara com ele num projeto de pesquisa conjunta. Jeane Dixon, de Washington, poderá visitar a Bulgária em futuro próximo.

- Talvez tenhamos, um dia, uma conferência de profetas, - observa Lozanov com uma boa gargalhada.

Muitos relatos e históricos de casos que envolvem Vanga foram publicados na Bulgária e recentemente numa história em série, dividida em cinco partes, na revista iugoslava Svet.(53-205) Até agora, porém, os dados científicos não foram liberados.

Quando tenciona publicar a pesquisa que fez de Vanga nos últimos der, anos? - perguntamos.

- Talvez daqui a um ano possamos publicá-la. Depende. Como a autoridade do Instituto está envolvida nisso, não diremos de maneira positiva que ela é capaz de predizer o futuro, - explicou Lozanov. - Diremos que o material sugere capacidades paranormais e, nesse caso, ainda não será necessária uma explanação.

Quando esse estudo for publicado, será o mais extenso, mais circunstanciado, mais amplo e (depois de conhecer as pessoas nele envolvidas) provavelmente o mais criativo que já se fez sobre um profeta vivo.

Vanga é um projeto de pesquisa em desenvolvimento para os cientistas búlgaros. Mas, até agora, o cuidadoso estudo que fizeram, indicando que ela tem acertado 80% das suas profecias, alimenta a crença búlgara de que se trata de uma médium excepcional. Os 80% de Vanga são ainda mais assombrosos por serem um cálculo científico de predições feitas dia a dia, e não apenas das mais notáveis, publicadas de vez em quando pela imprensa do país. E o triunfo das previsões de Vanga é construído com

acontecimentos específicos, preditos em relação a pessoas que ela raras vezes conhece, pessoas que não são famosas. Existem, talvez, menos dúvidas no que concerne à pureza do elemento psíquico nos tipos de predição de Vanga do que nas profecias de guerra em determinadas áreas, a queda de um líder mundial ou o divórcio de uma famosa estrela do cinema. O volume cada vez maior das provas de que a cega de Petrich pode ver o futuro, e freqüentemente o vê, nos faz pensar, quando não indica outra coisa, que possivelmente não conhecemos tanta coisa a nosso respeito e a respeito do mundo em que vivemos quanto o supõe a ciência dos compêndios.

Vanga é vidente há mais de trinta anos. Há mais de trinta anos tem sido cega para o mundo de todos os dias. Não lhe é dado ver as belezas que abundam em sua terra, o verde-azulado do mar, as longas carreiras de girassóis que crescem tão alto e tão pesados na ponta, as "hordas de tesouros" - os alguidares e taças de ouro, as jóias que fascinam e faíscam desde o terceiro milênio a.C. E ela não pode ver as novas coisas que, provavelmente lhe pareceriam ainda mais insólitas - as minissaias drapejando pelas ruas, as espaçonaves de brinquedo, a máquina de EEG que os cientistas lhe aplicam.

Mas Vanga, em sua existência conturbada como a própria Bulgária, parece ter feito um arranjo especial com o tempo, pois vê claramente através dele. Com os seus olhos despojados de visão, vê, pelo menos de vez em quando, o que os outros contemplamos cegamente.

CENTRO DE CONTROLE DA MENTE

A investigação dos mistérios da mente está hoje em plena efervescência na Bulgária, mas até o meado da década de 1960 poucos ocidentais tinham a oportunidade de saber muita coisa a respeito ou de mergulhar na magnífica herança búlgara, ou mesmo de surpreender mais que um vislumbre da sua formosa paisagem enquanto atravessavam o país no "Expresso do Oriente", rumo a Istambul. Nessa ocasião, a Bulgária, que parecia viver de acordo com antigos ritmos internos, decidiu reabrir as suas portas para o mundo. Em 1959, restabeleceu relações diplomáticas com os Estados Unidos e, gradativamente, se iniciou na indústria do turismo.

Quando as barreiras caíram e a hospitalidade se reafirmou, descobrimos que a pesquisa da ESP se processara em silêncio na Bulgária.(108-166) A primeira pergunta que quase toda a gente faz, naturalmente, é: Por quê? Considerando-se as necessidades desse pequeno país, por que seriam os seus recursos e energias canalizados para estudos psíquicos? Depois que começamos a investigar, a resposta surge, óbvia: porque é útil. As investigações búlgaras no terreno dos enigmas da mente já produziram uma respeitável colheita de novas idéias, que estão sendo aplicadas à psicoterapia, à medicina, à educação e à reabilitação.

A força inteligentíssima que ensejou muitas dessas conquistas é o Dr. Georgi Lozanov, chefe do Instituto de Sugestologia e Parapsicologia. Na capital da Bulgária, numa rua calma, sombrosa, há cinco minutos a pé da praça central

de Sofia, está situado o quartel-general desses novos estudiosos do espírito - um edifício recém-remodelado, atraente, de três andares, de tonalidade cinzenta, na Rua Budapeste. Passamos pela grade de ferro batido e alguns canteiros casuais de rosas.

Na sala de recepção, com os seus lambris de madeira e os seus livros, fomos recebidas pela Sra. R. Dimitrova (que não tem parentesco algum com Vanga), secretária-executiva do Dr. Lozanov.

- Ela é a minha mão direita, - diz ele. - Parece saber, até mesmo antes de mim, o que vou fazer em seguida.

Tínhamos mantido correspondência com a Senhora Dimitrova durante alguns anos e ela se dera ao trabalho de ajudar-nos com traduções e de localizar material publicado sobre os trabalhos búlgaros. Contou-nos, em francês:

E por serem todos aqui tão entusiastas que conseguiram realizar tanto.

Depois, explicando que ela mesma acabara de chegar de longa viagem à Etiópia com o marido, engenheiro, a Senhora Dimitrova apresentou-nos Franz Tantchev, funcionário de informações do Instituto, homem franzino, de fala macia e sorriso tímido e agradável.

Os dois nos levaram para conhecer o centro e nos apresentaram ao pessoal, formado de trinta cientistas de várias especialidades.

- Tenho colegas maravilhosos, - disse-nos Lozanov mais tarde. - São pessoas muito criativas, excelentes.

Há fisiologistas, engenheiros, médicos, físicos, especialistas em educação e psicologistas que parecem trabalhar com pasmosa compatibilidade, apesar dos. seus enfoques vastamente diversos do psi. Existem também

laboratórios especiais no Instituto para o estudo da parapsicologia; para o estudo da fisiologia da estimulação subsensorial; e uma terceira seção que investiga a psicologia da sugestão, isto é, a sugestologia.

Em cada laboratório havia uma quantidade de aparelhos eletrônicos complicados para a pesquisa fisiológica. Pelos nossos cálculos, o aparelhamento de uma única sala - em grande parte importado da Itália - não poderia ter custado menos de 100.000 dólares. E havia muitos laboratórios. Eles tinham máquinas de EEG, algumas com canais de doze pistas, outras, portáteis, com canais de oito, gravadores de vídeo, instrumentos para a eletrocardiografia, osciloscópios, equipamento fotográfico especial, estimuladores fóticos, salas especiais inteiramente encerradas em redes de arame, como grandes jaulas de Faraday.

- Utilizamos os eletroencefalógrafos para estudar os clarividentes com os quais estamos trabalhando, - explicou o Senhor Tantchev. Ao que parece, eles estão empregando também o equipamento de EEG que mede a distância as ondas cerebrais, em lugar do que trabalha com elétrodos presos ao couro cabeludo. - O equipamento em alguns laboratórios é utilizado para tentar descobrir exatamente o que acontece no cérebro quando se expande à memória, - esclareceu Tantchev.

O edifício no jardim de rosas em Sofia é uma espécie de centro de controle para o estudo de toda a pessoa. Ali, não se considera a ESP um simples fato psicológico, como acontece amiúde no Ocidente, nem um mero fato fisiológico, como tende a ser freqüentemente considerada na União Soviética. Os búlgaros levaram a investigação da mente e da matéria viva para debaixo de um amplo teto.

O Dr. Lozanov orienta as mais diversas pesquisas do psi. O Instituto estudou as bases da Ioga, o PK, a sugestão e a visão sem olhos. Esta estudando a natureza do sono e observando os sonhos através de rápido; movimentos dos olhos. Estudou tudo, desde o impacto das influências cósmicas sobre a telepatia até o poder da mente sobre as plantas. (Ele conseguiu fazer que as plantas atingissem uma altura três vezes maior.) O pessoal do Instituto conhece o trabalho surpreendente do norte-americano Cleve Backster, que usa detectores de mentiras para observar a "telepatia" com as plantas. Os búlgaros estão fazendo testes para repetir-lhe o trabalho em seus laboratórios. Estudaram mágicos cujas mentes semelham computadores e que são capazes de calcular mais depressa do que máquinas calculadoras. Num laboratório se investigava a telepatia em gêmeos, verificando informações segundo as quais, de certo modo, um modelo de onda cerebral artificialmente criado num gêmeo se reflete às vezes, no segundo gêmeo isolado em outra sala.

Um curto artigo de revista, sem qualquer indicação de origem, publicado no Ocidente, anunciara que Mikhail Drogzenovich, lavrador de cinqüenta e três anos da cidade búlgara de Stara Zagora era capaz de levitar-se - elevar-se acima do solo sem qualquer meio visível de sustentação. Em presença de "testemunhas científicas", dizia o artiguete, o robusto agricultor fechou os olhos e sentou-se num campo. Depois de intensa concentração, começou a elevar-se no ar, devagar, até ficar a pouco mais de um metro acima do solo. Os seus olhos permaneceram cerrados, afastando desse modo à hipótese de uma hipnose de massa dos observadores. Ficou sentado no ar durante uns dez minutos, enquanto as testemunhas verificavam a inexistência de cordas,

equipamento ou dispositivos mecânicos ligados ao suspenso Drogzenovich. A seguir, o lavrador voltou a sentar-se lentamente no chão. "Depois que estou no ar", teria dito ele, "sou incapaz de mudar de posição. Chego até lá em cima pela força de vontade."

Quando fomos apresentadas a alguns cientistas do Instituto (os quais, por coincidência, estavam empenhados no estudo das descobertas sobre as ondas cerebrais feitas pelo matemático de Leningrado Dr. Genady Sergeyev), interrogamo-los a respeito de algum trabalho de levitação. Se já tinham ouvido falar em Mikhail, o lavrador suspenso, não o admitiram. Mas disseram que o Dr. Lozanov fotografara iogues, na Índia, aparentemente capazes de desafiar as leis da gravidade e levitar-se por breves períodos de tempo.

O iogue que ele estudou e filmou, - disseram, - levitava-se enquanto estava deitado. Pareceu-nos, de certo modo, que ele exercitara os músculos das costas para saltar no ar. Todo o seu corpo se erguia horizontalmente vários centímetros, mas não se demorava no ar mais que um segundo.

Na biblioteca do Instituto o Senhor Tantchev mostrou-nos algumas das novas aquisições e publicações internacionais. Eles possuem um departamento de traduções que os mantém a par de todas as pesquisas relevantes feitas por cientistas estrangeiros em todas as partes do mundo.

Há qualquer coisa de contagioso na curiosidade, na franqueza e nos planos de exploração de qualquer tipo de desconhecido. O fascínio provocado pelo estudo da mente, dos potenciais do ser humano, parecia muito fone no Instituto de Sofia. O Instituto de Sugestologia e Parapsicologia, inteiramente financiado pelo governo, todavia, é mais que um simples centro de pesquisa. Filiado

às universidades búlgaras, o Instituto tem autoridade para conferir o título de doutor em ciências naturais como complemento de um programa de doutorado em filosofia, que inclui treinamento em pesquisa parapsicológica. Acentua o Dr. Lozanov que está. interessado em estabelecer um programa de intercâmbio estudantil com qualquer instituto similar do Ocidente.

SUGESTOLOGIA

A sugestologia é uma nova "logia" mais ou menos inventada pelo Dr. Lozanov. É um gênero inteiramente novo de expansão da mente. Na Bulgária, acompanha sempre a parapsicologia. A sugestologia é o estudo científico da sugestão. É um método de atingir e utilizar as reservas, poderes e capacidades desconhecidas da mente humana. Imbrica-se na parapsicologia.

Quando se vêem diante de uma ocorrência paranormal, muitos cientistas recorrem à explicação genérica, que não explica coisa alguma: "É sugestão". Lozanov decidiu examinar essa "chamada sugestão" e tentar descobrir como funciona. Através de extensas pesquisas experimentais, descobriu leis da sugestão, que aplicou em muitos campos, desde a medicina até a educação. A sugestologia não é hipnose. Com a sugestologia estamos sempre em estado de vigília e conscientes de tudo o que nos rodeia.

- Não creio que se possa pesquisar a parapsicologia sem conhecer alguma coisa sobre as leis da sugestão - diz Lozanov. - A ESP e a sugestão estão intimamente ligadas. É verdade que alguns acontecimentos aparentemente paranormais são, na realidade, sugestões em estado de

vigília. Por outro lado, porém, as nossas experiências demonstram que podemos aumentar as capacidades de ESP das pessoas com a sugestão. A melhor maneira é começar com a sugestão, visto que sabemos muito mais a seu respeito, e partir depois para a ESP.

"Tive muitas conversações interessantíssimas com iogues hindus sobre sugestologia em minha recente viagem à índia, - ajuntou. - Depois de conversar com eles cheguei à conclusão de que o que denomino 'estado sugestivo', em lugar de exercícios iogues específicos, talvez seja a chave dos seus poderes paranormais."

Referindo-se ao que já revelou, em parte, uma pesquisa sumamente prática que se processa em seu instituto, Lozanov sustenta:

- As novas ciências da parapsicologia e da sugestologia têm inúmeras aplicações praticas. A telepatia é um sistema de comunicações barato e promissor para a exploração espacial e submarina. Os fenômenos parapsicológicos podem ser aplicados à pedagogia; podem superar as barreiras da língua; podem auxiliar a reabilitação, corrigindo defeitos da elocução, da audição, da visão, assim como a psicologia e a medicina; podem fornecer-nos novos e riquíssimos materiais para nos familiarizarmos com possibilidades secretas e desconhecidas da personalidade humana. (66)

A CURA PELO PENSAMENTO

O Dr. Lozanov instituiu um programa de "cura mental" em larga escala nas clínicas médicas búlgaras.

- Os seus pensamentos "alimentam" a doença, - diz Lozanov. - As 'vidas de muitas pessoas estão cheias de

medo... medo da morte, medo de catástrofes, medo de doenças, medo da vida, medo do medo. [...] Pouquíssimos dentre esses medos realmente se justificam. O medo cria tensão e envenena o clima da nossa vida. A vida deveria ser um fluxo ininterrupto de felicidade. Mas não poderemos ser felizes enquanto estivermos fanaticamente apegados a coisas que, mais cedo ou mais tarde, teremos de perder.

Acredita Lozanov que o segredo da saúde física e da longevidade reside não só no exercício e no estado físico do corpo, mas também na constituição psicológica do indivíduo. O seu sistema de terapêutica mental visa a construir uma sólida barreira psicológica contra a doença no espírito do paciente. A base do seu sistema de cura é a Ioga. (222)

A Ioga fala de uma energia vital chamada "Prana", que circula pelo corpo, e sustenta que o pensamento pode dirigir essa energia, exatamente como o pensamento dirigiu a energia fotografada pelos Kirlians. Diz o Dr. Lozanov:

- Os "milagres" que um iogue realiza têm a sua explicação no papel vital desempenhado pelo córtex cerebral e pela força do pensamento ou sugestão: o iogue pode anestesiar-se usando o pensamento, ajudar a deter o fluxo de sangue, simular a morte, afetar as paredes do cotação, a pressão sangüínea, o metabolismo respiratório, etc.

Ele explica que a interação dos pensamentos do iogue com o seu corpo determina a saúde, a paz de espírito e a longevidade. Se uma pessoa sofre de uma doença, não deve pensar nela com terror, porque os seus pensamentos de medo a agravarão ainda mais. Para ajudar a restaurar o equilíbrio físico e mental do paciente, Lozanov não começa tentando remover qualquer sintoma específico, mas aplicando o

princípio iogue de relaxamento profundo, para suprimir a tensão e o medo.

- E menos importante curar do que ensinar a arte de viver, - diz ele.

No Sanatório do Sindicato em Bankya, na Bulgária, uma típica sessão de grupo de cura mental começa com Lozanov explicando como é possível à mente ajudar o corpo a sarar. A seguir, a voz calma, melodiosa, do psicoterapeuta se dirige aos pacientes descontraídos mas plenamente despertos: "Relaxem! profundamente, profundamente... não há nada que os perturbe. Todo o corpo está relaxado. Todos os músculos estão descansando. Vocês são capazes de superar todas as dificuldades". Depois de vinte minutos de sugestão positiva, enquanto os pacientes se relaxam, Lozanov conclui: "Vocês se sentem completamente bem. Dormem bem; têm bom apetite".

Finalmente, um cantor inicia a recitação melódica de uma poesia apreciada por todos. "E importante visarmos a um objetivo elevado, que nos incite a atividades criativas", proclama Lozanov. No dizer dos pacientes, as sugestões de cura parecem prender a atenção dos pensamentos mais íntimos da pessoa.

Entre os doentes há casos de indivíduos que sofrem de distúrbios funcionais do sistema nervosa assim como de várias neuroses e alergias. Os funcionários do sanatório asseguram que muitos se curam depois de algumas sessões de padronização do pensamento positivo - a processo a que Lozanov dá o nome de "sugestologia". E citam uma infinidade de casos. Tsonka M. sofria de uma neurose havia vários anos, que não cedera ao tratamento de uma série de médicos, mas, depois de umas poucas sessões de cura mental

ou "sugestologia" ficou completamente boa. Dobrinka P. sofria de uma forma de diabete; bebia mais de trinta litros de água por dia. Depois de certo número de sessões psicoterápicas com a sugestologia, curou-se.

- Muitos antigos pacientes voltam especialmente ao sanatório para agradecer ao Dr. Lozanov, - dizem os funcionários. (165)

Lozanov começou essa forma de cura mental quando trabalhava no Departamento de Psiquiatria do Instituto Médico de Pós-Graduação chefiado pelo Professor Emanuel Sjarankov. Afiançam os psicoterapeutas búlgaros que esse método de cura pode ser aplicado a inúmeros tipos de enfermidades. A sugestologia já está sendo amplamente usada em muitas instituições neurológicas e psiquiátricas do país.

O Dr. Lozanov acredita que o seu método de terapia mental não é apenas um grande benefício para a psicoterapia, mas também um instrumento valioso para o cirurgião.

- A mente pode anestesiar o corpo, - diz Lozanov. - A anestesia pela mente é superior ao emprego de drogas. Não somente torna a cirurgia indolor, como também diminui a perda de sangue, apressa a cicatrização da incisão, reduz o perigo de infecção e não tem efeitos pós-operatórios. A primeira operação importante realizada com o método da "anestesia pelo pensamento" de Lozanov realizou-se em Bykovo, na Bulgária, no dia 24 de agosto de 1965. Fez história no mundo médico.

O paciente, um professor de ginástica de cinqüenta e cinco anos. entrou na sala de Lozanov.

- Ouvi dizer que o senhor é capaz de provocar a anestesia pela mente, - disse ele. - Pois eu gostaria de experimentá-lo em minha operação.

Lozanov já empregara esse método em intervenções cirúrgicas de menor importância - pequenas incisões e serviços de odontologia. Aquele paciente precisava de uma complexa cirurgia abdominal para eliminar uma grande hérnia inguinal. A operação seria difícil e duraria, pelo menos, uma hora. Lozanov concordou em fazê-la usando o pensamento como anestésico.

- Encontrei-me várias vezes com o paciente e expliquei-lhe o meu método. Descobri que ele era um homem muito culto. Contei-lhe que não se tratava de hipnose. "O senhor estará plenamente consciente durante toda a operação. Não é auto-sugestão. Eu o orientarei o tempo todo."

O Dr. Ivã Kalpov e o Dr. Vasily Tanev fariam a operação, que seria inteiramente televisada e filmada para estudos médicos ulteriores. Lozanov explicou a sua técnica aos cirurgiões, e as enfermeiras conduziram o paciente à sala de operações. Lozanov começou o trabalho de sugestão do paciente pelo pensamento.

Quando os cirurgiões fizeram uma incisão de 5 cm, que interessava a pele e os músculos subcutâneos, o paciente não sentiu nada, estava plenamente consciente e falou com calma às figuras mascaradas em torno da mesa. Em seguida, os cirurgiões cortaram o saco da hérnia e começaram a sutura. O paciente não se acovardou. Fez uma piada com o tinido metálico dos instrumentos. Depois se lembrou de cada fase da operação. Lozanov sugeriu que ele diminuísse o afluxo de sangue à área operada e não houve, virtualmente, perda de

sangue. Sugeriu, depois que o corte foi costurado, que ele se cicatrizaria rapidamente e sem nenhuma infecção.

- Sinto-me muito bem, - disse o paciente, ao ser levado numa cadeira de rodas para a enfermaria.

- Não houve, virtualmente, dor alguma durante os cinqüenta minutos que durou a operação, nem sequer depois da operação, - disse o diretor do hospital, Dr. M. Dimitrov. - As incisões feitas nesse homem cicatrizaram-se muito mais depressa do que habitualmente. (233)

Essa operação, que utilizou a anestesia sugestiva (e não a hipnose, insistem eles) de Georgi Lozanov, foi para o cabeçalho dos jornais nos países do bloco comunista. Fazia muito tempo que estavam familiarizados com o emprego da hipnose em medicina, mas isso era diferente. Médicos estrangeiros, sobretudo da Polônia, acorreram à Bulgária a fim de investigar e aprender as técnicas da sugestologia médica. A partir de então, muitas operações se realizaram usando o método de Lozanov da psicoanestesia em pacientes plenamente conscientes.

- Acreditamos que a técnica da sugestão em estado de vigília continuará encontrando um lugar cada vez mais amplo e útil na prática dá medicina, - dizem os búlgaros. (49-147)

O emprego da sugestologia na psicoterapia e na medicina, feito por Lozanov, despertou críticas - sobretudo no tocante à operação de hérnia.

- Houve uma comissão, - disse Lozanov com um sorriso. - Cerca de mil médicos assistiram a uma conferência para ver os filmes da operação, analisar e discutir o procedimento cirúrgico. No fim das discussões, apresentei o paciente aos circunstantes. Ele disse-lhes o quanto ficara satisfeito. Três

anos depois, continua em esplêndidas condições. Que poderiam dizer a esse homem os médicos que se opunham a esse método?

O filme da operação e um relatório sobre ele também foram apresentados num congresso médico internacional, celebrado em Roma em setembro de 1967.

PARAPSICOLOGIA: ENSINANDO OS CEGOS A VER

Com a ênfase dada à parapsicologia aplicada na Bulgária, Lozanov utilizou a técnica soviética da visão sem olhos para ajudar os cegos. E entende que, sejam ou não conhecidas às razões por que ela funciona, a visão cutânea existe e podemos utilizá-la desde já para ajudar as pessoas.

- A fim de excluir qualquer dúvida sobre fraude e ter a certeza de que as experiências eram totalmente dignas de confiança, trabalhei com sessenta crianças cegas de nascença ou que tinham ficado cegas na primeira infância.

E muito embora fossem cegas, para maior segurança ainda, os seus olhos foram vendados e, durante a maioria das experiências, colocou-se um anteparo opaco entre o rosto da criança e o objeto examinado. Fizeram-se mais de quatrocentos testes em 1964. Das sessenta crianças testadas por Lozanov, três revelaram imediatamente capacidade para distinguir cores e figuras geométricas por meio da visão cutânea, sem qualquer treinamento. Mesmo quando os cientistas escondiam os desenhos e as cores atrás de uma chapa de vidro, essas três crianças conseguiam identificá-los.

- Mas o fator mais importante, - diz Lozanov, - é que as cinqüenta sete crianças restantes, adestradas, assimilaram a visão cinqüenta e cutânea.

Depois de várias sessões de adestramento, as crianças, pouco a pouco, aprenderam a distinguir uma cor da outra, embora nunca tivessem visto uma cor e fosse preciso dizer-lhes os nomes do que estavam sentindo. "Posso notar a diferença, mas nunca fiquei sabendo o que era", diziam elas.

"Gradativamente, essas crianças cegas foram exercitadas para reconhecer cores, figuras geométricas e até para ler", escreveu Lozanov na sessão de ciência e tecnologia da revista Narodna Mladej. (128) As crianças demonstraram a sua capacidade numa reunião científica em presença de médicos, psiquiatras e psicoterapeutas. Os exames revelaram que a visão cutânea pode ser treinada mas que, como acontece com outros talentos. os limites de capacidade variam em cada criança. Os detalhes completos dos testes foram publicados no livro de Lozanov Sugestologia e Sugestopedia. (112) Lozanov contou-nos mais tarde que a famosa profetisa cega da Bulgária, Vanga Dimitrova, também aprendera a visão cutânea como recurso para superar a cegueira.

OS PODERES SUPERNORMAIS DA MENTE REVOLUCIONAM A EDUCAÇÃO

Uma das chaves mais poderosas de inúmeros problemas que enfrentamos atualmente pode ser expressa numa palavra - educação. A educação nos ajuda a vencer a pobreza e a auxiliar os países subdesenvolvidos a produzir alimentos e materiais. A educação ajuda a resolver situações potenciais

de guerra elevando os níveis de vida; ensina-nos muita coisa a respeito uns dos outros e dá a cada um bom empurrão inicial na vida. Mas para que a educação, tal como a conhecemos, possa fazer tudo isso, precisará de décadas, talvez de gerações. E nós não temos tempo. E mesmo que o tivéssemos, a educação, muitas vezes, não consegue penetrar a mente dos perturbados ou retardados e; às vezes, não consegue sequer superar o imenso tédio dos bem dotados.

E se fosse possível uma transferência de informações sem os caminhos tortuosos dos sistemas atuais de ensino? E se um professor pudesse ensinar um aluno superando-lhe as limitações normais da mente e "transmitindo" conhecimentos apesar dos mecanismos de defesa dos 90% do cérebro que normalmente não se utilizam? Uma técnica que lograsse transpor a barreira mental que nos impede de fazer uso da maior parte das nossas capacidades intelectuais seria revolucionária.

Mas é precisamente isso que o Dr, Lozanov acredita haver criado, a saber, um método de ensino que torna a aprendizagem cinqüenta vezes mais rápida, aumenta a retenção, não requer virtualmente esforço algum da parte dos alunos, atinge da mesma forma retardados e brilhantes, jovens e velhos, e dispensa equipamentos especiais. Isso parece fantástico, mas os búlgaros possuem milhares de resultados controlados de testes para provar que encontraram um método nessas condições. No Instituto de Sugestologia e Parapsicologia, os arquivos revelam que centenas de pessoas de todos os níveis da sociedade aprenderam cursos inteiros de línguas de dois anos em apenas vinte dias. Pequenos grupos experimentais estão fazendo cursos básicos de matemática, física, química e biologia em semanas.

- Não se trata de hipnose nem de ensino durante o sono. E muito mais prático do que isso. O estudante está plenamente acordado e tem o completo domínio de si mesmo, - diz o Dr. Lozanov. - E uma espécie de contato entre a mente do professor e a mente do aluno, baseado em técnicas iogues, e Lozanov dá-lhe o nome de "Sugestopedia".

Numa sala típica de aulas do Instituto, doze pessoas - estudantes, donas de casa, operários, profissionais liberais, velhos e moços - estão sentados em poltronas reclináveis, como as dos aviões. A sala lembra muito mais uma sala de hotel que uma sala de aulas. A iluminação é atenuada, para acentuar o efeito calmante. Os alunos estão ouvindo música, suave e apaziguante. Dão a impressão de estar num concerto, completamente envolvidos pela harmonia dos sons.

Na realidade, porém, é uma aula de francês. Sobre o fundo musical de Brahms ou Beethoven, a voz do professor parece, às vezes, eficiente, como se estivesse dando trabalho para ser feito, as vezes suave e calmante, depois inesperadamente dura, imperiosa. A sua voz repete, num ritmo especial, numa escala especial de entonação, palavras e idiotismos franceses e as respectivas traduções. Mas os estudantes, na verdade, não estão prestando atenção. Foram instruídos para não prestar atenção, para não pensar se estão ou não ouvindo a professora. "Relaxem-se. Não pensem em nada." As suas mentes conscientes devem ocupar-se totalmente com a música.

No dia seguinte, os estudantes descobrem, surpresos, que muito embora tivessem a certeza de não haver aprendido coisa alguma, recordam, lêem, escrevem e falam com facilidade 120 ou 150 palavras novas, absorvidas durante a

sessão de duas horas. Assim também, a parte mais difícil do curso de língua, as regras de gramática, cria raízes da maneira menos penosa possível na mente dos alunos embalados pela música. No espaço de um mês, alunos sem nenhum conhecimento anterior de uma língua já conheciam duas ou três mil palavras e tinham bom domínio da gramática. Testes realizados um ano depois mostraram que eles ainda conhecem o material aprendido dessa maneira incrivelmente suave.

Como funciona isso? Lozanov baseou o seu método, que pode ajudar-nos a aprender de cinco a cinqüenta vezes mais depressa, na técnica iogue do relaxamento - o Savassana. Utilizando a sugestão e a auto-sugestão, relaxa-se a tensão muscular e o cérebro é aliviado das ansiedades e pressões usuais. Nesse "estado livre de consciência" relaxado, ou estado meditativo, a fadiga desaparece rapidamente, Liberto de todas as distrações que lhe estorvam o funcionamento, o cérebro semelha uma esponja capaz de absorver conhecimentos de todos os gêneros. O segredo da técnica consiste em que o material não chega à memória da maneira comum, porque o aluno não participa conscientemente do processo. Ao invés disso, tem "uma percepção calma, intuitiva, do material apresentado".

Durante o tempo em que o professor entoa palavras sobre um fundo musical, parece haver mudanças fisiológicas distintas no corpo e mudanças nas ondas cerebrais. O ritmo alfa do repouso predomina no cérebro. A memória e a inteligência mostram progressos algum tempo depois de uma sessão de sugestopedia.

A sugestologia começou a revelar alguma coisa a respeito da natureza maravilhosa da própria memória. Diz Lozanov:

- O cérebro do homem lembra-se de uma quantidade colossal de informações, até do número de passos que precisou dar para chegar ao ponto do ônibus. Tais "percepções desconhecidas" nos mostram que o subconsciente tem poderes assombrosos. Não há nada de sobrenatural na expansão da memória nem na percepção de informações telepáticas.

A ciência tem conhecido, há muito tempo, indivíduos dotados de memórias fabulosas, como Mikhail Kuni na Rússia, que, depois de olhar para uma página escrita, lembra-se dela, palavra por palavra. Parece que a sugestologia de Lozanov é capaz de dar a muitos de nós memórias fora do comum.

Depois que a mente se abre nesse estado semelhante ao de um devaneio, Lozanov descobriu que a capacidade de recordar é quase ilimitada, não havendo um ponto aparente de parada.

- É tão fácil recordar cem palavras quanto cinqüenta. Decidimos verificar até onde poderíamos ir e formamos classes de voluntários. Numa única sessão de apenas quinze minutos ensinamos quinze lições de um livro de gramática francesa, que continha cerca de quinhentas palavras novas. Imediatamente depois, demos uma prova escrita e, três dias mais tarde, outra. Os resultados foram excelentes, extraordinários. Todas as palavras tinham sido retidas, - diz Lozanov.

Em Sugestologia e Sugestopedia Lozanov apresenta os resultados de alguns desses testes com dados científicos

completos. Por meio da sugestopedia, os búlgaros expandiram o tempo num sentido muito real, ensinando num minuto o que, de ordinário, leva muitas semanas para aprender. Mas uma coisa tão boa parece ter de ser ilegal ou insalubre. "Não há tensão alguma", afirmam os alunos; "a gente não se cansa, nem mental nem fisicamente". Muitos estudantes freqüentam cursos noturnos no Instituto, depois de um dia longo e cheio de trabalho. Chegam amiúde cansados, às vezes com dor de cabeça. "As sessões meditativas nos deixam com uma esplêndida sensação de bem-estar, restaurados e revigorados", dizem não só os estudantes mas também os cientistas que assistem às sessões. "Até curam as dores de cabeça." Acrescenta Lozanov que, à diferença da hipnose, o novo método pode ser usado com qualquer pessoa. Não é necessário um pessoal com experiência médica, os professores são comuns, e não há problemas psicológicos nem legais, como poderia haver em se tratando do hipnotismo.

A sugestopedia operou maravilhas durante algum tempo na Bulgária. No princípio dos anos 60, Lozanov aperfeiçoou o seu método. Seguiram-se novos anos de testes no Instituto Médico de Pós-Graduação, no Instituto de Ciências e Pesquisa e no Instituto de Pedagogia. A afirmativa de Lozanov de que poderia melhorar de 50% a capacidade retentiva de uma pessoa com o emprego da sugestologia provocou uma saraivada de protestos dos céticos. Em lugar de debates intermináveis, lutando com resmas de estatísticas, ele empregou a abordagem pessoal. "Houve uma comissão."

Lozanov reuniu os membros da comissão num hotel de Sofia. Ali, todos os dias, eles se descontraíam num estado de devaneio desperto e ouviam lições de uma língua. Ao cabo

de várias semanas, apesar de muitas crenças firmes de que não poderiam aprender coisa alguma desse modo sem esforço, emergiram falando fluentemente uma língua estrangeira que antes não conheciam. Que poderiam dizer? Tinham aprendido a despeito deles mesmos. Em 1966, o Ministério da Educação da Bulgária fundou o centro de sugestopedia no Instituto de Sugestologia e Parapsicologia. O centro dá aulas regulares e estuda os processos fisiológicos e psicológicos responsáveis por essa fenomenal expansão da mente e da memória.

- Ainda estamos estudando, ainda estamos experimentando, ainda estamos modificando o método, - disse o Senhor Tantchev. - Todos os dias descobrimos coisas novas sobre a maneira como funciona a sugestopedia. As classes agora têm quatro horas de aulas por dia: duas para a sessão de sugestão, uma de prática e de testes e uma para novos materiais. Os alunos comparecem seis dias por semana durante três meses. Ao fim desse tempo, têm o equivalente de um curso de dois ou três anos, um vocabulário de seis mil palavras e um domínio completo da gramática. Sabem ler, escrever e falar fluentemente. Testes realizados um ano depois mostram que os estudantes retêm tudo o que aprenderam nesse curso.

"O próximo curso começa em outubro, - esclarece Franz Tantchev, especialista em línguas. - As senhoras deveriam voltar para visitar-nos nessa ocasião. E se fizessem o curso compreenderiam por que estamos tão emocionados."

Mais de mil e quinhentas pessoas de todas as condições sociais, cuja idade vai de dez a setenta anos, seguiram o programa do Instituto. Outras cinco mil estão na fila de

espera. Universitários principalmente telefonam sempre, suplicando que os deixem participar do programa.

- O interesse é facilmente compreendido se levarem em conta os resultados, - diz um professor de lingüística da Universidade de Sofia, hoje transformado em praticante do método.

Para quem, algum dia, já tentou aprender uma língua ou encher a cabeça de todos os fatos básicos necessários a qualquer disciplina, a sugestopedia parece boa demais para ser verdadeira. Mas ela é verdadeira. Os búlgaros têm volumes de testes e gráficos e estudantes poliglotas para prová-lo. Nós podemos reclinar-nos numa cadeira, descontrair-nos, ouvir música e aprender sem esforço e sem perceber sequer que estamos aprendendo.

- As possibilidades de se usar a sugestopedia em escala de massa são muito promissoras, - diz Lozanov. - E barato e idealmente exportável.

Neste momento precisamos muito mais de um salto para idéias e métodos novos, que funcionem no terreno da educação, do que desenvolver o lado intuitivo da nossa natureza. A sugestopedia poderia ser esse ponto de partida ideal: poderia ministrar cultura aos que dela necessitam em um ano, em lugar de dez. Ela talvez acabe de uma vez por todas com o velho argumento "do meio e da hereditariedade" no que respeita aos limites do potencial, humano, porque a sugestopedia ultrapassa os limites conscientes da mente e descobre-lhe os vastos poderes. Os estudantes de escolas superiores estão agitando as universidades, recusando-se a tolerar métodos de ensino seculares, obsoletos e terrivelmente longos. A sugestopedia ajudaria a demolir as "fábricas de fatos". Com os conhecimentos básicos instilados

com rapidez e sem esforço, as escolas poderiam tornar-se, cada vez mais, lugares de ensino e idéias criativas.

Educadores de muitas partes do mundo foram à Bulgária a fim de estudar as afirmativas da sugestologia. E voltaram para a índia, para a Alemanha e para a Rússia onde fundaram os próprios institutos de sugestopedia.

Os soviéticos, que têm consciência da educação, figuraram entre os primeiros que se valeram da sugestopedia búlgara. O estrondoso sucesso do Instituto Pedagógico de Línguas Estrangeiras de Moscou com o método de Lozanov ganhou um cabeçalho do Pravda em julho de 1969. (207) "Pode-se aprender uma língua num mês", escreveu o jornal, entusiasmado, e um grupo respeitável de professores soviéticos elogiou a sugestopedia. No Ocidente, a UNESCO e a Fundação Ford manifestaram o seu interesse e o Colégio Estadual de Medicina de Nova Iorque, em Albany, convidou o Dr. Lozanov para fazer ali uma conferência, que ele pronunciou em setembro de 1969. O novo livro do Dr. Lozanov sobre Sugestologia publicado na Bulgária e na Rússia logo poderá ser lido em inglês. Têm aparecido muitos artigos sobre a sugestopedia na imprensa búlgara 4. (4-43-153-164-223) Em Inglês, Bulgária Today fala no novo método de ensino do país. (222)

A sugestopedia de Lozanov, tirada da Ioga, adaptada às nossas necessidades modernas, é uma forma genuína de expansão da mente. É revolucionária - evolucionária, talvez. Que poderes, que talentos se manifestarão à medida que uma parte maior da mente se libertar? O Instituto Búlgaro de Sugestologia e Parapsicologia está tentando delinear os novos domínios. A sugestopedia talvez venha a ser uma das mais úteis contribuições da Bulgária para o mundo.

EXPLORANDO O PSI

Poderá o leitor enviar uma mensagem verbal telepaticamente, um verso, um pedido de socorro, uma cotação da Bolsa de Valores, qualquer coisa enfim? Como os soviéticos e outros, o Dr. Lozanov está desenvolvendo um sistema de mensagem telepática codificada que os russos mencionaram no número de 9 de outubro de 1966 do Komsomolskaya Pravda. À diferença dos outros, todavia, Lozanov não precisa utilizar aparelhos, como máquinas de EEG, para registrar as suas mensagens telepáticas, porque ele não se fia de pequenas reações inconscientes, físicas, para fazer chegar à mensagem.

O primeiro receptor telepático em código de Lozanov, um jovem búlgaro, sentou-se diante de dois manipuladores de telégrafo, um à sua mão esquerda, outro à sua mão direita. O emissor, postado a certa distância, ordena telepaticamente ao receptor que aperte o manipulador direito ou o esquerdo. Isso é automaticamente registrado. À proporção que um metrônomo tiquetaqueia, o emissor repete dez vezes cada ordem telepática. O receptor precisa captar seis ordens para que se considere o símbolo recebido. Nesse tipo de código, quando o receptor aperta o manipulador esquerdo está fazenda um traço, e quando aperta o direito, um ponto.

O Dr. Lozanov informou a Conferência de Parapsicologia de Moscou de 1966 que, de 1.766 ordens individuais enviadas telepaticamente, o seu paciente recebeu 1.215, ou sejam, 70% certas. "As probabilidades de que isso tenha acontecido por coincidência são menos de uma em um milhão", disse ele. "Com esse método telegráfico enviamos

não somente palavras individuais, mas também frases e sentenças inteiras. O emissor e o receptor estavam separados por várias salas." (110)

Lozanov dá grande valor aos testes de ESP que podem ser facilmente repetidos a qualquer momento, a pedido de interessados.

- Repetimos esse teste muitas e muitas vezes, - disse ele, - em presença de cientistas e médicos.

A partir de então, Lozanov realizou, literalmente, milhares de testes telegráficos com mensagens codificadas de ESP. Um dos seus pacientes é uma moça que, em outro tempo, foi tratada por ele.

Ela revelou grandíssima capacidade telepática, - diz ele. - Quando a experimentei nos testes telegráficos, recebeu a mensagem imediatamente. Obteve esplêndidos resultados, isto é, cerca de 80% dos testes. Durante um mês inteiro realizei experiências com ela todos os dias. Os testes de ESP com códigos e chaves levam geralmente várias horas. Descobrimos que podíamos transmitir longos trechos de informações por esse método.

Acredita Lozanov que esse modo de telepatia, que consiste essencialmente em transmitir a alguém o impulso para mover-se numa determinada direção, uma espécie de telepatia cinética ou ESP muscular, é um grande passo no sentido de fazer da telepatia algo que pode ser posto em uso.

- A telepatia pode ser usada praticamente, - assegura ele.

O que ele fez foi dar um feitio prático a experiências de ordem telepática do movimento de uma pessoa - a ESP cinética que durante tanto tempo intrigou os soviéticos.

Onde encontrou Lozanov médiuns talentosos para os seus testes de ESP? Além de estudar Vanga e outros

médiuns notáveis na Bulgária, ele também treinou pessoas comuns para se tornarem médiuns.

- Descobrimos, enquanto empregávamos a Sugestologia, que algumas pessoas se tornam telepáticas, - diz ele.

Os cientistas búlgaros decidiram estudar um pouco mais algumas técnicas que têm usado em Sugestologia. Poderiam ser as mesmas técnicas especificamente dirigidas para o aumento da ESP? Fizeram experiência.; de grupo com sessenta pessoas ao mesmo tempo. Primeiro que tudo, essas pessoas foram submetidas a testes de ESP com a finalidade de verificar o nível da sua capacidade natural. Em seguida se ministrou ao grupo, plenamente desperto, um programa Cuidadosamente preparando de sugestão. Seguiam-se testes de exame da ESP depois de várias sessões.

- Descobrimos que podemos melhorar a capacidade de todo um grupo de pessoas diferentes ao mesmo tempo com o método da sugestão. A capacidade telepática e clarividente pode ser cultivada e treinada pela Sugestologia, - diz Lozanov. - As leis dos fenômenos telepáticos parecem conformar-se com os da sugestão clínica no estado de vigília.

Isso não surpreende. Tudo faz crer que o estado livre, flutuante. imperturbado da consciência, fundamental para a Sugestologia, é idêntico ao estado de espírito geralmente considerado necessário à boa recepção da telepatia e da clarividência. Os estudos fisiológicos mostram que as ondas alfa predominam no cérebro durante a sugestologia e, de acordo com Lozanov, favorecem á recepção da telepatia.

- Existe estreita conexão entre a ESP e a sugestão, - diz Lozanov. Hipnotista experimentado e familiarizado com o trabalho do pioneiro russo da ESP, Dr. Leonid Vasiliev, Lozanov estudou, naturalmente, o clássico teste russo do

adormecer-despertar - obrigando uma pessoa à distância a perder a consciência por ordem telepática. Já em 1945 o Dr. Lozanov fez experiências dessa natureza, a longa distância, em larga escala. - Nesse estado de hipnose telepática, os pacientes sabem de fatos ocorridos a grandes distâncias do local em que se encontram. Descobrimos que a capacidade de clarividência em pacientes "adormecidos" também pode ser exercitada e aperfeiçoada.

O Dr. Nikolai Kamenov, membro da Academia de Ciências da Bulgária e o Dr. Milan Ryzl, bioquímico e parapsicologista tcheco, foram testemunhas da habilidade de Lozanov com a hipnose telepática. Esses testes ocorreram em 1964 no Departamento de Psiquiatria do Instituto Médico Búlgaro de Pós-Graduação, onde Lozanov trabalhava antes de dirigir o próprio instituto. O paciente de Lozanov era "Dusko", moço alto, forte, de cabelos escuros. O Dr. Ryzl já fizera uma série de testes preliminares com a capacidade de ESP de Dusko. Ryzl pediu-lhe que identificasse cartas coloridas escondidas em envelopes opacos. Ele conseguiu identificá-las, numa média muito superior à média das probabilidades.

Os três cientistas ficaram conversando com o paciente na sala. Lozanov explicou que as investigações sobre a capacidade psíquica de Dusko ainda estavam na fase preliminar e que as condições ideais de experiência para se conseguir o máximo dos seus talentos ainda não tinham sido plenamente desenvolvidas. Ryzl entregou uma nota a Lozanov. Dizia a nota: "Apesar disso, faça-o dormir telepaticamente!" Para provar que não havia acordo prévio entre os presentes, o Dr. Kamenov acrescentou à nota: "Faça-o dormir de outra sala, depois de cinco minutos".

O Dr. Lozanov pediu desculpas e saiu. Ryzl e Kamenov continuaram a conversar animadamente com Dusko. Passaram-se cinco minutos. Dali a trinta segundos, estava calmamente adormecido na cadeira. O Dr. Kamenov tirou várias fotografias enquanto Ryzl fazia observações científicas sobre o estado de Dusko. Kamenov foi até a sala em que se achava Lozanov, fotografou-o e, silenciosamente, entregou-lhe uma nota: "Acorde-o exatamente daqui a dois minutos".

Kamenov foi sentar-se novamente perto de Dusko. Exatamente dois minutos mais tarde Dusko acordou, como que por efeito de algum despertador telepático e reiniciou a conversação. A experiência foi repetida duas vezes. "O Dr. Lozanov demonstrou, com êxito a hipnose pela telepatia", declarou o Dr. Ryzl . (66-376-377)

No Instituto Médico de Pós-Graduação, sob a direção do Professor Emanuel Sjarankov, o Dr. Lozanov passou a metade das suas horas de trabalho em pesquisas sobre a visão cutânea, a telepatia e a clarividência.

- Fiz uma quantidade de experiências para tentar esclarecer a inter-relação telepática entre dois pacientes hipnotizados e também à relação de ESP entre o paciente e o hipnotista.

No seu entender, a idéia de ondas eletromagnéticas transportando a telepatia contradiz as suas próprias observações, mas ele é de opinião que, mais cedo ou mais tarde, descobriremos algum princípio fisiológico ligado à telepatia.

Lozanov também se opõe à tese de que a ESP é um retrocesso uma capacidade dos nossos primitivos antepassados que esta estiolando no homem civilizado.

- Pelo contrário, - diz Lozanov, - são os tipos de personalidades mais cultos, mais artísticos, os escritores, pintores e artistas, que têm essa capacidade. No homem moderno, a obtenção da conexão telepática é mais uma questão de inspiração artística.

Conversando com Lozanov em sua sala ampla, arejada, brilhante de cores e de flores no Instituto, perguntamos:

- Os cientistas aqui acreditam que a ESP é um fenômeno inteiramente físico?

- Essa é uma das principais incógnitas da parapsicologia, - respondeu o Dr. Lozanov. - Na Índia, fiz aos iogues a mesma pergunta. Os próprios iogues diferem muito em sua maneira de pensar. Alguns acham que o psi é puramente físico, pois certos iogues são extremamente materialistas, - ajuntou Lozanov num aparte. - Outros o consideram mental. E outros pensam que é físico e mental ao mesmo tempo. Ainda não se encontrou a conexão entre o mental e o físico. No tocante à futura pesquisa parapsicológica, essa conexão é a chave de um grande sucesso.

- Qual é o ponto de vista do seu Instituto?

- Os nossos cientistas estão trabalhando em muitas experiências, mas nós não temos uma hipótese oficial. Não publicamos as nossas experiências. Daremos a público a nossa obra quando pudermos provar tudo.

As demonstrações oficiais em presença de comissões científicas têm sido os degraus da carreira espetacular de Lozanov - o abre-te Sésamo que faz que a ESP seja aceita até pelos céticos.

- E possível para nós, em princípio, provar a ESP quando no-la solicitam. Deve ser possível prová-la a qualquer momento, e logo seremos capazes de fazê-lo. Ainda não

conhecemos todas as leis. Há vinte anos a hipnose se achava na mesma situação.... não se podia provar sempre. Hoje se pode, porque conhecemos as leis. Da mesma maneira precisamos descobrir as leis das forças psíquicas.

Em seus quarenta e três anos de vida, o Dr. Lozanov já fez muita coisa. Desenvolveu conceitos novos e radicais dos poderes da mente, testou-os e provou-os cientificamente, e conseguiu que essas idéias e técnicas fossem aceitas no mundo inteiro. A despeito da sua fama, que cresce rapidamente, ele é surpreendentemente modesto e isento de egoísmo.

- Este não é o tempo para personalidades nesse campo, - diz ele. - E tempo de trabalho, e muito trabalho.

Quando não está realizando as suas ciclônicas excursões à América, a Índia, à Alemanha, à Rússia, onde supervisiona a fundação de novos institutos de sugestologia, trabalha; às vezes, dezoito ou vinte horas no Instituto, onde dorme com freqüência, para não perder tempo. Lozanov consagra-se integralmente a ajudar as pessoas e parece fazer pouco caso das coisas materiais da vida.

- O essencial é que os médicos e psiquiatras possam ajudar toda a gente que precisa de ajuda. O dinheiro não é o mais importante, - diz ele. Recusa-se a instalar uma clínica psiquiátrica particular, o que, pelas leis búlgaras, lhe seria permitido fazer. E acrescenta: - Da mesma maneira, a sugestologia e a sugestopedia deveriam ser dadas ao mundo e não guardadas em benefício de uns poucos.

O Dr. Lozanov é particularmente leal ao povo búlgaro e ufano das suas realizações. Saímos da Bulgária levando a impressão de um homem sumamente amável, inteligente e dedicado.

Outra parte importante do trabalho de Lozanov tem sido fornecer informações ao público a respeito da ESP através do rádio, da televisão, de conferências e demonstrações. Durante uma transmissão da Rádio de Sofia, ele assegurou ao público: "A telepatia já abandonou os alfarrábios das antigas escolas místicas e ocultistas e está-se apresentando à luz do Sol nas mãos dos mágicos contemporâneos - os homens de ciência. Esse foi o caminho seguido por inúmeras descobertas científicas, que libertaram a sabedoria secular das massas do colorido fantástico que lhes emprestaram as várias épocas". (108)

No terreno da parapsicologia búlgara, hoje em dia, a ênfase não é dada às sociedades ou religiões secretas, e muito menos ao misticismo. Numa época científica, os búlgaros voltaram todo o espectro da ciência, da psicologia à física, para a ESP. A investigação é séria, mas não é sombria. Esses pesquisadores parecem encarar o psi com mais entusiasmo do que muitos outros; as pessoas se mostram menos constrangidas ou horrorizadas quando a ESP se manifesta em suas vidas. A evolução da pesquisa nos domínios psíquicos tem sido menos embaraçada do que na maioria dos países. P evidente que existem e elementos hostis a ESP na Bulgária, como existem céticos - no bom sentido da palavra - até entre os parapsicologistas.

Mas o "bom clima" se reflete no perímetro surpreendentemente amplo da parapsicologia búlgara; no Instituto de Sofia, com o seu grande corpo de pesquisadores científicos do psi, que trabalham em regime de tempo integral; e na qualidade excepcional de homens como Georgi Lozanov. Pode ser que ele seja o mais conhecido, mas existem muitos outros que se sentem atraídos pelo assunto.

Se Vanga Dimitrova já teve alguma visão particular, não podemos deixar de perguntar a nós mesmas que surpresas previu, reservadas para todos nós pela parapsicologia búlgara nos anos futuros.

III

TCHECOSLOVÁQUIA

23

A VIDA PSÍQUICA DA TCHECOSLOVÁQUIA

- Estão dançando nas ruas de Praga!

A informação vinha dos nossos amigos búlgaros, que tinham passado a noite ouvindo em seus rádios de ondas curtas as notícias estimulantes procedentes da Tchecoslováquia. Estávamos em fins de julho de 1968. Era um boletim notável a respeito dos tchecos, habitualmente reservados, e de uma cidade amiúde descrita pelos turistas como taciturna. Tratava-se, porém, da breve primavera da liberdade tcheca, e o povo estava comemorando. Logo depois, os búlgaros transmitiam uma notícia mais perturbadora:

- Os soviéticos foram proibidos de entrar na Tchecoslováquia.

- Isso quer dizer encrenca, - comentaram eles.

Levamos dias para conseguir lugares num avião que se destinava a Praga mas, quando embarcamos no imenso

Caravelle em Budapeste, compreendemos que tínhamos perdido um ou dois boletins. Só havia mais cinco pessoas a bordo. E quando chegamos ao novo e "moderno" aeroporto de Praga, fomos às únicas que desembarcaram. Os outros seguiram viagem para Paris.

Em nosso hotel de Praga, jornalistas ocidentais explicavam que ocorrera outro encontro naquele dia entre os soviéticos e os líderes tchecos, mas estes tinham saído com as honras da vitória do embate preliminar, fazendo apenas umas poucas concessões. O otimismo voltou ao país. Poucas foram notas pressagas - como as notícias enviadas pelos ocidentais, que tinham visto massas imensas de tropas que se diziam "em manobras" na Tchecoslováquia; ou o clarividente mencionado nos jornais eslovacos, que predisse: "O sangue correrá nas ruas antes do outono".

Na realidade, algumas semanas depois os tanques soviéticos atroariam pelas vetustas ruas de Praga. Teríamos muito pouco tempo para sondar alguns dos mais fascinantes e desconcertantes problemas que descobrimos em nossa odisséia psíquica.

A história do que está acontecendo hoje no domínio do psíquico acha-se intimamente ligada à história da Tchecoslováquia, à civilização da Tchecoslováquia, às próprias ruas de Praga - góticas, românicas, barrocas, renascentistas, rococós - que parecem ter sido menos construídas do que esculpidas.

A moderna Tchecoslováquia (pouco menor do que o Território do Amapá, com uma população de 14 milhões de habitantes) foi separada do Império Austro-Húngaro em 1918, e é um quebra-cabeça formado pela Boêmia, pela Morávia, pela Silésia e pela Eslováquia. Praga, capital da

Boêmia, remonta a milênios. A primeira universidade do Império Romano Alemão foi fundada em Praga em 1348 durante a Idade de Ouro da Boêmia, no reinado de Carlos IV. Ao tempo do Rei Venceslau, no século XIII, os tchecos já figuravam entre os povos mais civilizados da Europa.

No século XX, a Tchecoslováquia era uma das principais nações industriais da Europa. Veio depois a Segunda Guerra Mundial e a dominação nazista Em 1948, os comunistas do país deram um golpe e tomaram o poder. Durante uma década, mais ou menos, a Tchecoslováquia foi um Estado policial estalinista.

Não obstante, a despeito de tudo, Praga subsiste - Praga, uma cidade que foi denominada "rëgia", "indescritível, incomparável pelo esplendor das suas igrejas"; "rival de Florença" (Papa Pio II); "a Roma do Norte" (Auguste Rodin). Numa cidade tão velha, saturada de música, abarrotada de tesouros de arte, centro importante da ciência da Renascença, não admira que ainda sobrevivam resquícios dos antigos conhecimentos.

ALQUIMIA

Cruzando o Rio Moldau (Vltava), pela Ponte Carlos, que é um verdadeiro museu de estátuas, chegamos ao complexo brilhante de edifícios, jardins, museus e igrejas conhecido como Hradcany, que reúne, há um tempo, o atual governo, a residência do Presidente e a herança histórica, espiritual e cultural da Boêmia e da Tchecoslováquia. A cavaleiro do panorama erguem-se o Castelo de Praga (Hradcany) e a belíssima e gótica Catedral de São Vito. E aqui, construída entre os muros e as fortificações de Hradcany, está a

"Garganta de Ouro", as casas dos antigos alquimistas - colegas de um dos mais famosos alquimistas da Renascença; o Imperador Rodolfo II.

- Não é uma curiosa lenda? - perguntam os turistas.

Acontece, porém, que a alquimia nunca deixou Praga. Faz parte do caráter tcheco, como as casas dos alquimistas fazem parte das fortificações de Praga. Os alquimistas ainda trabalham na Tchecoslováquia. O seu equipamento é confeccionado por algumas das famosas fábricas de cristais da Boêmia. O físico francês Dr. Jacques Bergier confirmou a continuada existência da alquimia na Tchecoslováquia. Ele já foi contratado pessoalmente por três alquimistas de Praga. (343)

Durante muito tempo, a alquimia foi mal interpretada no Ocidente, como uma espécie de mania de converter metais vis em ouro. Para o alquimista, na realidade, o poder sobre a matéria e a energia é apenas um objetivo secundário. A verdadeira meta das suas atividades (que alguns supõem derivar da antiga ciência de uma civilização há muito extinta) é a transformação do próprio alquimista, a sua ascensão a um estado superior de consciência. Tudo se orienta para a transmutação do próprio homem, para a sua libertação espiritual e para a sua fusão com a "divina energia". Um dos grandes psiquiatras do nosso tempo, o Dr. C. G. Jung, achava que a alquimia poderia ser uma das chaves da compreensão das estranhas operações da mente.

No correr do seu trabalho para chegar a um grau mais elevado de consciência, o alquimista ficaria conhecendo, como um subproduto, a verdadeira natureza do universo, o controle de toda a matéria, os segredos da geração e da

liberação da energia, a cura universal de todos os males e o segredo do indefinido prolongamento da vida.

Poderia a alquimia conter fragmentos de uma ciência que se perdeu para nós? Poderiam os antigos ter conhecido coisas que só recentemente os nossos tecnologistas modernos começaram a descobrir? O engenheiro alemão Wilhelm Konig, contratado pela cidade de Bagdad para construir esgotos, descobriu no Museu de Bagdad algumas pedras chatas encontradas no Iraque e vagamente classificadas de "objetos rituais", que eram, na verdade, baterias elétricas usadas dois mil apor antes de Galvani. (343) Que outras coisas, rotuladas de "objetos de culto" em nossos museus arqueológicos se acabarão revelando componentes tecnológicos altamente sofisticados?

Acreditam os comunistas que existe estreita conexão entre a alquimia tradicional e a ciência de vanguarda. Faz já algum tempo que a imprensa científica da URSS tem manifestado abertamente um grande interesse pela alquimia e está procedendo a pesquisas históricas.

Sabemos de fontes fidedignas que existem agora no interior da Rússia florescentes grupos herméticos. Acontece que esses estudiosos dos conhecimentos herméticos são cientistas soviéticos e estão esquadrinhando antigos manuscritos alquímicos que lhes chegaram em forma de cópias de xerox. Alguns desses textos antigos - manuscritos árabes do século XII, por exemplo, - contêm dados sobre química, propulsão a jato e desenhos de foguetes destinados a bombardeios.

O pioneiro espacial soviético e um dos homens que desenvolveu a Astronáutica, K. E. Tsiolkovsky, revelou em seus diários (finalmente publicados em 1959, algum tempo

depois da sua morte) que, ao criar o foguete espacial, seguiu as idéias do iugoslavo Rogério Boscovitch, profundo conhecedor da alquimia que viveu no século XVIII. Além da elucidação das técnicas de fabricação e utilização dos foguetes e das viagens interplanetárias, as obras de Boscovitch também proporcionam a moderna explanação da radioatividade, demonstrações da existência de planetas em órbita ao redor de estrelas, teorias mecânicas estatísticas só desenvolvidas no Ocidente no século XX, e uma teoria unitária do Universo - uma simples equação para a mecânica, a física, a química, a biologia, a psicologia. A sua obra inclui a teoria dos quanta, a mecânica das ondas e o átomo formado de núcleos. (Sobre maiores detalhes, consulte a correspondência de Boscovitch na coleção Bestermann, Paris, França.) E muito possível que o urgente apelo de Tsiolkovsky endereçado aos soviéticos para que investigassem a ESP derivasse da sua leitura dos estudos penetrantes de Boscovitch.

Se bem os nossos especialistas científicos nunca tenham feito um estudo sistemático dos 100 000 livros e manuscritos sobre a alquimia que temos no Ocidente, os comunistas estão examinando com ansiedade esses velhos textos que enchem as bibliotecas de Praga. Aqui, entre os edifícios consumidos pelo tempo, persiste a ciência dos alquimistas. Praga, cujos telhados endentam o céu como notas de uma pauta de música, notas que talvez encerrem a fórmula de alguma modulação harmônica cujas vibrações são capazes de transformar a matéria - pois os alquimistas não reduziam a código os seus segredos apenas em manuscritos, mas também em arquitetura e em formas.

Que segredos descobriram os tchecos? Que alquimia estudaram? Aqui encontraríamos coisas que beiravam o fantástico.

Foi em Praga que o famoso rabino cabalista do século XVI, Yehuda Low, criou, segundo se afirma, o "golem" - uma figurinha de barro ou de madeira com as formas de um ser humano, a que ele teria dado vida. O golem levava e trazia recados e executava tarefas. Como fora dotada de vida a figurinha que tanto lembrava uma estátua? Dizia o Rabino Low que a energia podia ser infundida na matéria pela ajuda de uma combinação de letras que formam a palavra Shem, um dos nomes de Deus. O Shem foi escrito e enfiado no golem, trazendo-o â vida e à ação. (Aplicando as idéias do físico norte-americano Charles A. Muses (369) isso talvez signifique que as freqüências de vibrações que compreendem certos sons - e até palavras faladas - poderiam ser infundidas em madeira ou barro, dando possivelmente ao material propriedades magnéticas ou eletrostáticas capazes de agir sabre outras substâncias.)

Reza a lenda que o Rabino Low usava o seu golem como criado durante os dias da semana e dele extraía o Shem no Sábado para que pudesse descansar. Certa vez, o rabino se esqueceu e o golem saiu correndo para as ruas feito louco, aterrorizando as pessoas. Low capturou-o e lhe extraiu o Shem defronte da sinagoga. O golem caiu, feito em pedaços. Dizem que os seus restos continuam entre os entulhos no sótão da sinagoga. O Rabino Low tem também a seu crédito a realização de maravilhas alquímicos diante do alquimista Imperador Rodolfo II.

A lenda do golem penetrou fundo na cultura tcheca, inspirando muitos escritores modernos, como Karel Capek.

R.U.R., uma das suas peças internacionalmente famosas, dizia respeito a robôs quase humanos que se revoltaram contra o homem.

Encontramos hoje na Tchecoslováquia cientistas que mergulharam em textos antigos e deles emergiram com um processo não muito diferente do que o fabulosa Rabino Low deve ter usado para impregnar de energia biológica a madeira ou o metal.

Mas outra área importante da tradição alquímica era a necessidade de conhecer aspectos planetários precisos antes de empreender um projeto científico. A alquimia exigia conhecimentos astrológicos. E hoje na Tchecoslováquia há um Centro de Astrologia Científica financiado pelo governo comunista. (149) Aqui se emprega a ciência da cosmobiologia ou da astrologia na medicina e na psiquiatria. A astrologia é a resposta tcheca, à proibição do controle da natalidade imposta pelo Papa. "A astrologia", diziam os tchecos, "pode ser usada na prevenção da gravidez. Pode ser até usada pelos pais para escolher o sexo do filho."

Dadas as tradições psíquicas da Tchecoslováquia, seguia-se naturalmente que o povo do país se interessasse vivamente por questões que hoje fazem parte da parapsicologia científica.

O Dr. Karel Kuchynka, que hoje tem setenta e oito anos e é um dos pioneiros da parapsicologia tcheca, explicou: (92-162)

- Nem a ciência oficial nem as religiões oficiais poderiam dar as respostas finais aos segredos da vida ou do universo. Em nosso país se encontram representantes de todos os matizes e seitas religiosas: há antroposofistas, teosofistas, espiritualistas, adeptos da magia antiga, adeptos

das ciências do antigo Egito, alquimistas (e até o grupo mais velho e numeroso dos seguidores do Maharishi... muito antes que os Beatles ouvissem falar nele!). Creio que essa tendência quase geral é uma decorrência da estrutura subconsciente da alma tcheca, que deu origem aos grandes movimentos e reformas religiosas, especialmente as da Boêmia na Idade Média. (Aqui o Dr. Kuchynka se referia ao movimento fundado pelo reformador religioso tcheco João Huss, um século antes de Lutero.)

"O caráter crítico e meditativo do nosso povo aumenta esse interesse pelos fenômenos paranormais. Dessa maneira, o solo da Tchecoslováquia é mais favorável ao psi que o de qualquer outro lugar."

Da década de 1920 até a invasão germânica, por exemplo, uma das mais populares e principais revistas semanais da Tchecoslováquia tinha uma coluna permanente sobre a pesquisa científica no domínio da parapsicologia.

O Dr. Kuchynka descreveu a pesquisa do psi na Universidade de Praga realizada, desde o início do século XX, por neurologistas, psiquiatras, engenheiros, químicos, médicos e biologistas. Existem arquivos e arquivos de pesquisas sobre a telepatia como método para a solução de crimes, a psicometria, os médiuns e a grafoanálise, o PK, a clarividência, os trasgos, etc. Os cientistas tchecos figuraram entre os primeiros a estudar extensamente famosos médiuns da época, como Rudi Schneider, Madame Silbert e Stefan Ossowiecki.

Realizaram-se na Tchecoslováquia inúmeras conferências internacionais sobre parapsicologia. Numa delas, um "tribunal" formado pela nata dos cientistas e intelectuais tchecos atestou que, nas mais rigorosas

condições experimentais, a médium Madame Silbert obrigou um sino na sala bem iluminada a mover-se sem qualquer contato direto, fez aparecer relógios, anéis e outros objetos, criou fenômenos luminosos, tocou sinos à distância, moveu uma mesa pesada e, o que mais surpreendeu a todos, gravou o nome "Nell" e um pequeno triângulo no interior de uma caixa fechada de relógio e no interior de uma cigarreira também fechada, cheia de cigarros.

Entre os famosos médiuns de Praga estudados pelos cientistas tchecos se incluía Adolf Fencl-Bilovsky, que fazia predições, como Edgar Cayce. Entretanto, não ficava em transe para fazê-lo. Pegando numa folha de papel em que uma criança houvesse rabiscado qualquer coisa, descrevia com pormenores o futuro da criança, os seus talentos, as suas capacidades mentais, as suas futuras doenças e o tipo de trabalho que faria mais tarde. Todos esses vaticínios eram preservados num arquivo e o destino da pessoa, ao depois, cotejado com eles.

- Todas as características indicadas pelo médium correspondiam perfeitamente à verdade, - diz o Dr. Kuchynka.

"Estudando outros médiuns também, capazes de determinar os detalhes da vida de uma pessoa através de fotografias. Entregou-se ao Senhor Kordon-Veri o retratinho de alguém que lhe era totalmente desconhecido. Ele descreveu com minúcias a região em que a fotografia fora tirada, esclareceu que a pessoa retratada estava doente e se achava naquela região por causa da doença. Disse ouvir as palavras "Velebit" e Arbe". Ora, tudo isso estava certo: o retrato era de uma musicista tcheca que, durante a sua moléstia, se hospedara no Hotel Velebit na Ilha de Arbe, no

Mar Adriático. A descrição dos arredores do hotel correspondia precisamente à realidade. Segurando um esboço da mesma pessoa nas mãos, o clarividente declarou: Essa mulher tem um imenso talento para a música, mas está gravemente enferma e prestes a morrer, se já não morreu. Naquele mesmíssimo instante, 11 horas da noite, a musicista agonizava, vindo a falecer no dia seguinte, às seis da manhã."

O Dr. Kuchynka lembra-se de muitos testes de ESP a longa distância, em que se transmitiam desenhos telepaticamente; e também de um teste realizado com o célebre clarividente polonês Stefan Ossowiecki, de Varsóvia. Ossowiecki estava visitando o famoso balneário de Marienbad. Os cientistas decidiram pôr-lhe à prova o rapport clarividente com uma pessoa que lhe era completamente desconhecida. Um jornalista em Cracóvia preparou um desenho em sua casa e mandou uma cópia selada aos cientistas em Marienbad. Em seguida, a seiscentos e quarenta quilômetros de distância de Ossowiecki, fez o mesmo desenho na areia. Para excluir qualquer possibilidade de que o envelope fosse aberto ou de que alguém pudesse dar uma espiada no desenho e contar a Ossowiecki, o jornalista resolveu acrescentar alguns detalhes ao seu desenho na areia.

Num dado momento, Ossowiecki principiou a fazer um desenho na areia, em Marienbad. Pouco depois, ajuntou-lhe uma elipse e uma figura dentro da elipse. Em seguida, apagou a figura e substituiu-a por um "W".

Mais tarde, a comissão confirmou que Ossowiecki reproduzira exatamente o desenho do jornalista. Este explicou que desenhara primeiro uma elipse com uma figura

no interior, apagara esta última e a substituíra por um desenho da letra "W" dentro da elipse. Nem mesmo essa mudança escapara ao clarividente.

O Dr. Oscar Fischer de Praga também trabalhou com o famoso clarividente Eric Hanussen. No tempo de Hitler, Hanussen ganhou dinheiro e poder como médium e astróloga. Na década de 1930, foi assassinado pelos nazistas porque era capaz de ver, clarividentemente, muitos projetos secretos dos nazistas, o que se afigurou perigoso e inoportuno à hierarquia fascista, de acordo com o Dr. Kuchynka. (92-119)

Tão difundida era a compreensão da parapsicologia nos círculos intelectuais da Tchecoslováquia que o próprio Reitor da Universidade de Brno (a terceira cidade do país) escolheu para o seu discurso de posse este tópico: "O homem não tem apenas as 'portas' dos sentidos. Hoje em dia já não há dúvidas de que, em certas condições psicofisiológicas, a psique de um homem pode influenciar a de outro, mesmo sem a intervenção dos sentidos". Este foi o famoso biologista e fisiologista tcheco Dr. Eduardo Babak.

- Creio que a importância da parapsicologia para nós reside precisamente na sua possibilidade de elucidar, pelos seus descobrimentos, a verdadeira natureza do homem e de mostrá-lo ligado ao cosmo mais estreitamente do que ele já imaginou possível, - diz o Dr. Kuchynka.

O emprego da ESP na Tchecoslováquia não se tem limitado aos pesquisadores universitários e grupos particulares. Os militares tchecos revelaram em sua revista Periscópio, em 1966, que têm usado freqüentemente o psi na guerra. Certa tropa do exército tcheco, que alcançou êxitos fenomenais durante a campanha de 1919 entre a

Tchecoslováquia e a Hungria, admitiu, muito mais tarde, que a sua arma secreta tinha sido a ESP.

Um ex-militar nos confirmou o relato.

- Utilizamos a clarividência com grande proveito na campanha contra os húngaros em 1919. Colocávamos em transe soldados que tinham capacidade de psi e eles nos descreviam exatamente a posição do exército húngaro, ajudavam-nos a localizar soldados que tínhamos perdido, e assim por diante. Nunca me esquecerei de uma ocasião em que o médium nos disse: "Estou vendo os húngaros agora mesmo! São uns 150, mais ou menos. Estão tomando banho no rio e muito mal guardados". Ele deu-nos a localização exata. Partimos incontinenti. Cinqüenta dos nossos capturaram uma unidade inteira de 150 húngaros nus!

"Também utilizamos rabdomantes na Primeira Guerra Mundial para ajudar-nos a localizar armadilhas, armas, água potável e seguir com precisão a pista do inimigo. - Ele mostrou-nos fotografias de soldados tchecos trabalhando com a típica varinha hidroscópica forquilhada. - Está claro que o psi também foi usado pelos guerrilheiros na Tchecoslováquia durante a última guerra."

Em 1925, os militares tchecos publicaram um manual sobre ESP para o exército intitulado "Clarividência, Hipnotismo e Magnetismo", da autoria de Karel Hejbalik.

- A princípio, a ESP era usada pelos soldados tchecos sem o conhecimento do comandante, - diz Hejbalik. - Em Kremnica, porém, o Coronel B., que entendia de psi, assumiu o comando de três unidades e um batalhão. Ele colocava soldados médiuns em estado de hipnose profunda para melhorar-lhes a capacidade telepática, e depois lhes

ordenava que fizessem um reconhecimento por meio da clarividência.

O coronel e todos os oficiais que participaram da campanha ainda estão vivos e foram entrevistados por parapsicologistas tchecos.

- As informações que nos davam os soldados clarividentes eram sempre corretas, - disseram eles. - Baseados nelas, podíamos entrar em ação. Levávamos assim uma grande vantagem. A turma de reconhecimento clarividente protegia os movimentos da tropa.

Os registros históricos comprovam a eficácia do psi em combate, dizem os tchecos. "O exército tcheco obteve resultados extraordinários com o psi, concretamente confirmados na prática", afirma a revista do exército tcheco Periscópio.

De acordo com Miroslav Nanou, em seu livro. Não Somente os Uniformes Pretos, os médiuns eram usados para transmitir avisos e obter informações a respeito de campos de concentração, imigração e grupos de guerrilheiros durante a Segunda Guerra Mundial e a ocupação nazista.

- Muitos fatos que nos foram fornecidos pelos clarividentes estavam certos. As capacidades dos telepatistas foram utilizadas na guerra com excelentes resultados na consecução de informações sobre o inimigo, suas intenções, suas bases, seus aeródromos.

Diz o número de 1966 de Periscópio:

"Imagine-se uma organização militar com um corpo de clarividentes capaz de seguir os planos e as intenções do Estado-Maior de um exército estrangeiro, e localizar-lhe todas as bases. Isso poderia transformar a ESP, de uma arma militar, numa arma de pax!"

Atualmente, em todo o mundo comunista, o interesse militar pela ESP é muito grande.

- A pesquisa oficial da parapsicologia só foi interrompida durante a ocupação alemã, - diz o Dr. Kuchynka. - Os alemães proibiram nossas universidades de prosseguir nesse trabalho.

Parece, contudo, que a pesquisa da parapsicologia e o interesse por ela durante esses anos prosseguiu subterraneamente e nunca cessou de todo. Hoje, no regime comunista, o trabalho foi abertamente reiniciado. Encontram-se na Tchecoslováquia todas as facetas do panorama da pesquisa psíquica: estudos de reencarnação, alquimia, testes de ESP estatística, LSD e ESP, pesquisa do PK, telepatia, estudos de médiuns, trasgos, investigações de assombramentos, "psicotrônica" - novo tipo de pesquisa parapsicológica de uma nova forma de energia psíquica. Um médico tcheco, que foi outrora um dos médicos de Stalin, escreveu-nos que estava até investigando a pesquisa feita por Aksakov na Rússia. (Veja o capítulo 19.)

O jornalista inglês Theo Lang, do Sunday Mirror, que foi à Tchecoslováquia investigar a pesquisa do psi feita pelos tchecos, confessou-se "totalmente assombrado" com a aceitação da pesquisa psíquica não só pelos cientistas modernos mas também pelo público em geral. "Físicos, fisiologistas, bioquímicos e outros cientistas tchecos que entrevistei pareciam aceitar cabalmente outro mundo - um mundo de espíritos, fantasmas e trasgos, e acreditar que poderiam investigá-lo e traçar-lhe o mapa."

O Dr. Vladimir Drozen, Diretor da Faculdade de Pedagogia da Universidade de Hradec Králové, disse-lhe:

- A existência desse campo do psi não contraria nenhuma lei conhecida de física? (299)

PSICOTRÔNICA

- Aqui na Tchecoslováquia trocamos o nome de "Parapsicologia" pelo de "Psicotrônica". Com um nome novo, totalmente desvinculado de qualquer insinuação de ocultismo, conseguimos agora a cooperação de cientistas sérios na pesquisa do psi.

Quem falava era o Dr. Zdenek Rejdak, secretário científico de um dos centros mais ativos e respeitados da parapsicologia tcheca, a Comissão Tchecoslovaca de Coordenação para a Pesquisa da Telepatia, da Telegnose e da Psicocinese.

Alto, simpático, com uma vasta cabeleira loira, o Dr. Rejdak, embora com pouco mais de trinta anos, já possui longa experiência como pesquisador psíquico. Além de prestar serviços psicológicos ao exército, ter-se especializado em fisiologia e ser um escritor prolífico, Rejdak trabalhou durante dezesseis anos em parapsicologia com Bretislav Kafka, pesquisador francamente incomum.

- A psicotrônica, em essência, é a biônica do homem. Estamos tentando estudar o fenômeno do psi no homem e, secundariamente, coma tipo de energia, - disse-nos o Dr. Rejdak. (A biônica é uma nova ciência de sistemas que funcionam como sistemas vivos.)

O grupo de cientistas tchecos que ele dirige realiza ampla pesquisa do psi; produz filmes sobre o psi; organiza um Programa de Conferências sobre a ESP na Universidade do Povo, de Praga, com cientistas do Oriente e do Ocidente

como conferencistas; e acaba de publicar a primeira antologia internacional do mundo de artigos científicos sobre o psi, escritos por pesquisadores comunistas e ocidentais. (185)

O Dr. Rejdak tem qualquer coisa de um homem da Renascença, com um judicioso conhecimento não só de muitas áreas da ciência, mas também das artes, da literatura e da música. Acredita no enfoque interdisciplinar da psicotrônica (parapsicologia).

- Os descobrimentos no campo do psi beneficiarão todos os outros campos do conhecimento, - diz ele.

Em 1968, o grupo tcheco lançou um manifesto (veja o Apêndice C). No Ocidente, esse manifesto apareceu no Paraphysics Journal inglês e, no mundo comunista, foi apresentado na Conferência Internacional de Parapsicologia de Moscou.

Em lugar da natureza "dual" do homem e do universo, pressuposta pela ciência contemporânea, os tchecos sugerem que o homem possui uma natureza tríplice e o cosmo é "triádico". O terceiro aspecto do Homem e do Universo, dizem eles, é uma nova forma de energia - a energia "psicotrônica. (23) A energia psicotrônica pode transportar a telepatia, pode ser à base do PK, da clarividência, da cura e dos fenômenos paranormais, sempre que não existir uma explanação física ou biofísica.

- Estamos tentando descobrir a natureza da energia que causa os fenômenos psíquicos e estamos tentando isolar essa energia "psicotrônica", - diz o Dr. Rejdak. Os resultados da sua surpreendente pesquisa são detalhados mais adiante.

"Temos o apoio do Comitê Central do Partido Comunista, e a Academia de Ciências da Tchecoslováquia

aprovou, virtualmente por unanimidade, a pesquisa da psicotrônica, - continuou ele. - Foram colocados à nossa disposição todos os recursos das universidades. Se quisermos fazer um estudo eletroencefalográfico de um médium, por exemplo, o departamento de neurofisiologia e os cientistas de outros departamentos da Universidade Carlos cooperarão conosco e nos emprestarão o aparelhamento e os técnicos."

Como os soviéticos, os tchecos empregam, no estudo do psi, os mais modernos instrumentos de pesquisa científica. O trabalho atual inclui experiências inéditas, como a tentativa de transmitir telepaticamente sabores doces ou azedos. Realizam-se também extensas pesquisas sobre o PK. O grupo está produzindo três novos filmes em torno da parapsicologia, que abrangem a rabdomancia e a telepatia. E está estudando famosos clarividentes, médiuns, curadores e rabdomantes tchecos.

A nova instrumentação não é o único acrescentamento à investigação da ESP na Tchecoslováquia. Os cientistas tchecos estão aplicando igualmente novas técnicas matemáticas. Um cientista norte-americano que trabalha para um órgão do governo informou recentemente que os cientistas tchecos aplicaram a teoria da informação à telepatia de maneira insolitamente bem sucedida.

Os tchecos pensaram no "ruído", a quantidade de interferência num canal de comunicação. Decidiram pressupor que a telepatia era um canal de comunicação com um nível de ruído tão alto que quase toda a mensagem se perdia. A teoria da informação tem técnicas para superar o problema do ruído, cálculos que, entre outras coisas, dizem quantas repetições de um único bit de informação são

necessárias para uma recepção adequada. Aplicando esses cálculos, os tchecos pediram a duas pessoas que tentassem enviar e receber telepaticamente mensagens codificadas binárias (de dois símbolos), enquanto um computador elaborava as fórmulas necessárias da teoria da informação.

Relata o cientista norte-americano que os tchecos "obtiveram cerca de 98% de fidedignidade na pura comunicação telepática. Em outras palavras, num índice melhor até do que a fidedignidade da comunicação pelo telefone de campo ou por transmissores de rádio". Os dados sobre os testes apareceram em Analog. (281)

PESQUISA DA REENCARNAÇÃO

Para ter uma idéia dos antecedentes da atual explosão da pesquisa do psi na Tchecoslováquia, conversamos com muitas pessoas em outros ramos. Topamos, por acaso, com um grupo particular que fazia "pesquisa" de reencarnação. O grupo era formado de tchecos em boa situação financeira, que ocupavam cargos de responsabilidade nos negócios e na indústria. A maioria viajara muito, não somente pelo mundo comunista mas também por outros países.

- Temos feito predições para muita gente aqui, - contaram-nos eles. - Temos médiuns altamente experimentados na pesquisa da reencarnação.

De tudo o que ouvimos depreendemos que parte do material se assemelha aos vaticínios de Edgar Cayce ou ao trabalho da médium britânica Joan Grant, cujos romances, que narram com pormenores vidas passadas no Egito, em Roma, na Itália e na Inglaterra, surpreenderam os eruditos pela exatidão.

Grande parte dos dados atuais envolve existências passadas no Egito e na Atlântida.

- Verificamos os augúrios egípcios e ficamos surpresos ao descobrir que os dados eram sumamente precisos. Isso nos animou a continuar.

Os tchecos com os quais conversamos nos asseguraram que os médiuns que haviam descrito a vida nas cortes egípcias de antanho nunca tinham estado no Egito, nem tinham acesso ao material trancado em museus egípcios, grande parte do qual, em hieróglifos, só pode ser decifrado por uns poucos sábios no mundo. Entretanto, quando os detalhes do material tcheco foram examinados por egiptólogos, estes o declararam exato.

Nem os soviéticos nem os tchecos parecem achar a idéia da Atlântida difícil de acreditar. O Dr. N. F. Zhirov, químico insigne e membro da Academia de Ciências da URSS, publicou recentemente um estudo científico, Atlântida: Os Problemas Básico da Atlântida, apresentando provas da existência de um continente perdido. O livro foi bem recebido pelo mundo científico soviético. O físico russo, Dr. N. Ledner que também acredita na existência da Atlântida, passou vinte anos coligindo dados culturais, históricos e científicos sobre o continente desaparecido.

Supõe-se que o continente da Atlântida tenha existido no meio do Oceano Atlântico antes do ano 9000 a.C. e, segundo se alega, era tecnologicamente muitíssimo desenvolvido. (O Dr. Manson Valentine e o Dr. Dimitry Ribicoff do Atlantic College de Palm Beach, em Miami, referiram, no início de 1969, haver encontrado pedaços de ruínas de 15.000 anos de idade, no mar, perto das Bahamas. "Podem ser parte da Atlântida", disseram eles.).(403)

Os tchecos, que nunca ouviram falar em Edgar Cayce, nos forneceram dados sobre a Atlântida que concordam, de maneira muito estranha, com os relatos de Cayce. Até os nomes incomuns dos habitantes da Atlântida conferem.

- Hitler, - dizem os tchecos, - habitou a Atlântida.

Escreveram o nome que se supõe ter sido usado por ele na Atlântida e, em seguida, riscaram-no, repugnados.

A Tchecoslováquia experimentou longa e dolorosamente a fúria nazista. Em Lídice, todos os homens, todas as mulheres e todas as crianças de toda a cidade foram sistematicamente assassinados pelos nazistas.

Todos os edifícios e todas as casas foram arrasados, pedra por pedra, peça por peça, até que Lídice foi "varrida da face da Terra".

Descobrimos que os tchecos conheciam alguns dos escuros aspectos do movimento nazista que a maioria dos ocidentais desconhece.

- Os historiadores do Ocidente vêm tentando explicar Hitler com a lógica da causa e do efeito, com a vitória nas eleições, ou com um diagnóstico de loucura. Hitler, na realidade, era um habilíssimo praticante do ocultismo. O movimento nazista estava profundamente envolvido nas artes negra do ocultismo, - declararam os tchecos.

Na América se ignora, de um modo geral, que Hitler era clarividente e médium. Nasceu em Braunau am Inn, na Áustria, cidade famosa durante muito tempo pelo tremendo número de médiuns que produziu, particularmente Rudi e Willy Schneider, que assombraram a Europa com os seus feitos psíquicos. Hitler teve a mesma ama de leite de Willy Schneider. Foi aparentemente adestrado na mediunidade pela Professor Haushofer da Universidade de Munique, que se

teria iniciado, durante uma estada no Japão, numa das mais importantes sociedades secretas budistas.

Hitler tem a seu crédito exatas predições clarividentes acerca do curso da guerra e até da morte de Roosevelt, de acordo com o escritor Louis Pauwels e o físico Dr. Jacques Bergier em A Manhã dos Mágicos, que foi, por muito tempo, sucesso de livraria na Europa.

Ao que parece, Hitler não somente se cercou de astrólogos, clarividentes e profetas, como também era um deles. Os que o conheceram mais de perto atestam que ele parecia, em certas ocasiões, possuído de "personalidades estranhas", escuras, e falava com as suas vozes, segundo afirmam Pauwels e Bergier. Hitler mencionava a Última Tule, centro mágico de uma civilização desaparecida; Xambalá, o lendário acampamento subterrâneo no Himalaia, cujas forças de violência e poder controlam a humanidade; Agarti, outra cidade subterrânea lendária do Himalaia, cidade de bondade e meditação. Sonhava com seres - metade humanos e metade espíritos - que poriam um reservatório de energia nas mãos dos nazistas para dominar o mundo. Embora soem como fantasias de um demente para quase todos nós, essas idéias derivavam da magia tibetana. Como a própria suástica. Muitos nazistas se iniciaram em sociedades ocultas secretas em toda a Alemanha e se exercitaram na magia negra oriental. Foi com o fito de purificar o mundo para a chegada de uma raça de Deuses-Homens, de Super-Homens, predita por Hitler, que se chacinaram incríveis milhões e os nazistas operaram com tamanha disposição os fornos de gás. O mundo inteiro vacilou sob o impacto, não de um louco, mas de um mago "negro", disseram alguns dos nossos amigos tchecos.

- Hitler era um praticante das artes negras do ocultismo. Se não quisermos cair nas garras desses Poderes Negros outra vez, - disseram eles, - precisamos começar a compreender o psi, descobrir as forças que podem ser liberadas pela mente humana, as energias incríveis que ela controla.

Quando já nos despedíamos, alguns tchecos do grupo fizeram uma demonstração dos seus conhecimentos espetaculares de astrologia. Realizando mentalmente os complicados cálculos matemáticos de um mapa astrológico, prepararam mapas precisos e apresentaram um rápido vaticínio astrológico.

BRETISLAV KAFKA, PARAPSICOLOGISTA PIONEIRO

Um dos mais coloridos e famosos estudiosos dos fatos psíquicos na Tchecoslováquia morreu aos setenta e seis anos, pouco tempo antes da nossa visita. Chamava-se Bretislav Kafka.

- As suas idéias têm sido a origem de grande parte da nossa atual pesquisa do psi, - confessaram os cientistas tchecos. E nos mostraram o seu retrato: o retrato de um homem maciço, de rosto cheio de rugas como uma escultura boêmia de madeira.

Kafka foi um famoso escultor da Tchecoslováquia. As suas magníficas esculturas em pedra e madeira adornam muitos edifícios e catedrais de Praga, como a soberba catedral gótica de São Vito, ao lado do Castelo de Praga. Mas ao passo que as suas mãos realizam uma alquimia especial com a pedra, os seus pensamentos se voltavam para

o verdadeiro sonho do alquimista - a transformação e a libertação da personalidade humana e a descargo de forças psíquicas adormecidas.

Tendo enriquecido como escultor, instalou o seu estúdio a poucos quilômetros de Praga e ali encetou as suas viagens incríveis aos mistérios dos poderes da mente.

Escolheu para pacientes pessoas psiquicamente sensíveis, às quais pagava do próprio bolso. Empregou algumas como assistentes. Assim como o cinzel em suas mãos buscara e liberara a multidão de formas escondidas dentro de simples blocos de madeira e mármore, assim a sua mente esculpia novas personalidades partindo das pessoas singelas que trabalhavam para ele. Determinou criar nelas poderes psíquicos fenomenais.

Na zona rural da Boêmia - numa paisagem em que estátuas de santos barrocos guardam encruzilhadas, em que São João de Nepomuk protege as pontes contra as inundações, em que as imagens de São Floriano são uma defesa contra o raio - nessa zona, dentro de um estúdio atulhado de esculturas, algumas cenas estranhas se verificaram. Alguns assistentes foram colocados em transes hipnóticos que duraram toda a vida e dos quais nunca voltaram. Outros foram hipnotizados por dez ou catorze anos. Outros ainda foram colocados em estados profundíssimos de hipnose em vigília, que duravam doze ou catorze horas por dia.

No singularíssimo laboratório de parapsicologia de Kafka, os pacientes hipnotizados eram treinados em ESP até que as suas faculdades psíquicas se aperfeiçoassem. Depois de extenso treinamento do psi pela hipnose, afirma-se que os pacientes obtinham resultados fantásticos, atingindo

geralmente o nível dos 90% no dizer do Dr. Rejdak, cujos relatórios sobre Kafka aparecem na revista dos militares, Periscópio. (178)

Kafka escolheu sete médiuns notáveis, entre um sem-número de pessoas sensíveis, que tomaram parte em várias experiências. Em 18 de junho de 1925, por exemplo, Kafka e os seus médiuns estavam na cidade de Krásno nad Becva, na Tchecoslováquia. A expedição de Roald Amundsen achava-se a caminho do Pólo Norte. Kafka ordenou aos médiuns que vissem, clarividentemente, o que estava acontecendo no Pólo Norte.

- Há um nevoeiro terrível e um vento forte no Pólo, - disseram eles. - Ninguém da expedição ainda chegou lá. A tempestade é tão forte que não se pode chegar ao Pólo pelo ar.

No dia 20 de junho os tchecos souberam das notícias. Amundsen regressara com um avião sem ter podido alcançar o Pólo Norte.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Kafka usava os seus médiuns bem treinados para acompanhar os progressos da guerra, as decisões dos generais e as alterações nas linhas de frente. Colocava um médium em transe e ordenava-lhe que dissesse o que via na frente. Depois, outro médium, sem nenhum conhecimento do relatório do primeiro, era enviado à mesma área. Geralmente, os relatos de todos concordavam entre si, e Kafka tinha um apanhado geral do que estava acontecendo a centenas de quilômetros de distância.

Kafka também foi dos primeiros a influenciar telepaticamente o sono, realizando uma série de experiências em que as mensagens de ESP eram recebidas por pacientes adormecidos.

Havia igualmente ensaios sobre os poderes da hipnose. Numa experiência inusitada, um homem foi mantido em transe hipnótico numa sala, durante três semanas, sem comida.

- Você está num lindo jardim. Eis um pomar carregado de frutas. Apanhe e coma as que quiser. Que tal esta maçã? - perguntou Kafka, estendendo a mão para uma maçã imaginária.

Não, prefiro aquela que está no outro galho, - respondeu o homem.

Kafka fingiu colhê-la e o homem devorou-a com prazer.

Durante as três semanas o homem se sentiu em excelentes condições de saúde.

- Todas as funções fisiológicas foram diminuídas ao mínimo absoluto, - contaram os cientistas tchecos com quem conversamos. - O paciente não precisou sequer servir-se da privada.

Ao cabo das três semanas sem alimentos no fantástico jardim, o homem não somente estava passando bem, mas até engordara, ajuntaram eles.

Disse-nos o Dr. Rejdak:

- Kafka acreditava na existência de uma terceira forma de energia além das que conhecemos, e era de opinião que os homens são capazes de valer-se dela quando desejam fazê-lo. São também capazes de obter essa mesma energia de outras pessoas.

Tínhamos ouvido falar em místicos religiosos que se haviam alimentado apenas de comunhão, durante anos a fio. Seria a mesma coisa? perguntamos.

- Muito provavelmente. Kafka acreditava possível a transferência dessa energia de uma pessoa para outra ou até

de animais para seres humanos. Quando uma pessoa estava cansada, mandava-a deitar-se de baixo de uma vaca. Dizia que podemos tirar energia e força das coisas vivas que nos rodeiam.

O Dr. Milan Ryzl, antigo bioquímico de Praga, recordou-nos certos fatos a respeito de Kafka.

- Alguns dos seus pacientes eram treinados para curar. Outros, para desenvolver a clarividência e vários poderes psíquicos. Ele tinha ali um assistente, um homem que se tornou famoso como curador, mas que passava todo o tempo em estado hipnótico. Depois de vários anos desse sinistro treinamento, Kafka saía com ele a passeio e dizia-lhe apontando para uma árvore: "Olhe para aquele passarinho". O assistente olhava para o ponto indicado e o passarinho caía ao chão, morto.

De acordo com Ryzl, esse assistente exercia também poderoso efeito físico sobre outros animais.

Kafka acreditava que todas as coisas vivas - plantas, animais e gente - estão cercadas de um invólucro de energia, ou aura, a mesma - energia revelada nas fotografias kirlianas.

- Ele descobriu que os médiuns têm uma aura ou escudo de energia muita mais fino à sua volta. Têm, portanto, menos cobertura, menos proteção. Por isso são mais sensíveis, - explicaram os pesquisadores tchecos.

Kafka descobriu que os ""sensitivos" reagem muito mais vigorosamente às mudanças do tempo do que as pessoas comuns. E achava que o estudo protetor de energia tem alguma relação com as mensagens de telepatia que atingem o médium.

O estudo da energia viva - energia psicotrônica - é um dos principais objetivos da pesquisa tcheca hoje em dia. E ó

método de Kafka de dar às pessoas uma nova dimensão psíquica da vida através da hipnose, de criar clarividentes e médiuns pelo adestramento hipnótico, está sendo estudado pelo Dr. Milan Ryzl.

24

O DR. MILAN RYZL, CRIADOR DE MÉDIUNS

Milan Ryzl, que nos lembra um painel de instrumentos inteiramente ligado, crepitante de idéias, projetos, comentários e perguntas, olhou especulativamente para a jovem secretária sentada à sua frente no laboratório de ESP em Praga.

- Vamos tentar descobrir, Josefka, se um acontecimento profetizado pode ser modificado, pode sofrer uma interferência. O que quero dizer, - explicou Ryzl, - é o seguinte: imaginemos que você possa prever um terrível desastre de automóvel envolvendo alguém que você conhece. O desastre terá de acontecer? Ou o seu aviso poderá ajudar a pessoa a evitar o destino que a espera? Se o futuro pode ser mudado, até onde o pode ser? Completamente? Parcialmente? Ou quanto?

A jovem, conhecida como J.K., e que nós chamaremos de Josefka, não tinha respostas prontas para as velhas charadas da profecia. Ryzl não esperou o tempo suficiente para que ela cogitasse de alguma. Esperava que a moça apresentasse as respostas de maneira diferente. Que utilizasse a sua capacidade psíquica para predizer-lhe um

pedacinho do futuro - um pedacinho capaz de acionar-lhe o moinho científico.

- Costumavam dizer-nos que as ciências naturais podem responder a todas as perguntas, - disse o bioquímico Ryzl. - Mas não convém responder aos mistérios eternos, aos profundos problemas da filosofia e às perguntas da religião. Por isso me dediquei à parapsicologia. Quero estudar cientificamente algumas dessas perguntas seculares.

A fim de sondar os mistérios do tempo, elaborou uma tarefa desconcertante para Josefka.

- Esta noite, quero que você tente prever alguma coisa para uma amiga, alguma coisa que desejaria poder evitar. Depois tentaremos comunicar-nos com a sua amiga para ver o que acontece.

Josefka, murem de traços fortes, mas bonita, descontraiu-se quando Ryzl a induziu a um transe. A moça para quem ela decidira fazer uma previsão vivia a oitenta quilômetros de distância, fora de Praga. Em seus transes, Josefka, "uma moça de respeito, delicada e sensível, mas dona de uma vontade forte", costumava seguir à risca as instruções de Ryzl. Agora, porém, começa a dar sinais de cólera, a voz lhe soa abafada.

- Ela não deve ir!

Josefka mexeu-se desassossegada na cadeira.

- O que é que você está vendo? - perguntou Ryzl.

- A minha amiga. Está usando um costume e conversando com um homem, que não conheço... Um estranho para ela também. Estão num restaurante. Ele quer levá-la com ele... numa motocicleta. Ela não deve ir!

Na visão hipnótica de Josefka, a amiga instalou-se precariamente na garupa da motocicleta do estranho, e os dois saíram, estrondejando, pelo campo a fora.

- Pararam. Estão brigando. Agora continuaram a andar... Não, pararam outra vez... Tudo indica que a briga piorou... Ele rasgou a saia dela... Oh, meu Deus!

Ryzl, de repente, ouviu, cena por cena, a descrição de um estupro.

A profecia solicitada superara as expectativas de Ryzl. Para Josefka, que despertara e choramingava, ainda horrorizada com o que "vira", a experiência fora muito além de qualquer ensaio científico.

- Não me importa que isso pareça bobagem. Mas a primeira coisa que vou fazer amanhã cedo é telefonar para ela.

- Está claro que não poderíamos falar em ESP, - recorda-se Ryzi. - de modo que Josefka disse à moça que tivera um horrível pesadelo:

Mas antes que ela tivesse tempo para contar muita coisa acerca do, "pesadelo" pelo telefone, a amiga interrompeu-a:

- Você está muito atrasada! Isso já aconteceu... ontem à noite.

A moça estivera esperando o namorado num café, quando um homem se aproximara, dizendo-se encarregado de levá-la até o lugar onde estava o namorado. Segundo Ryzl, tudo o que Josefka descrevera em seu transe estava certo: a cor das roupas da amiga, a saia rasgada, a motocicleta, o aspecto do homem, as brigas na estrada e, finalmente, o estupro. Josefka não vira o futuro, como Ryzl esperava, mas dera-lhe uma transmissão ao vivo de um acontecimento presente. "Assistira" à cena de violência no

momento em que esta se realizava, a oitenta quilômetros de distância.

O mais surpreendente é que Josefka não era uma médium que Ryzl tivesse encontrado por acaso. Josefka não possuía nenhuma capacidade psíquica quando o conhecera, alguns meses antes. O Dr. Ryzl transformara-a numa clarividente num sistema singular de treinamento que ele mesmo inventara.

- Este foi, sem dúvida, um belo caso de clarividência da parte de Josefka, mas não terá valor nenhum para os cientistas. As pessoas envolvidas no incidente não se disporão a assinar declarações que provem a exatidão da clarividência.., sobretudo num caso de estupro, - disse Ryzl com um sorriso torto. - Mas aconteceu.

Ryzl, todavia, possui arquivos cheios de relatos de experiências de ESP precisamente documentadas, suficientes para fazer dele o mais conhecido dos parapsicologistas comunistas. (Veja Bibliografia.) Alguns dos seus trabalhos publicados internacionalmente envolvem Josefka, uma das chamadas pessoas "comuns" que ele ensinou a ser médium. Com um rápido olhar e um ligeiro comentário sobre o que está acontecendo à sua volta, Ryzl, com os seus quarenta e um anos, é um homem de múltiplas personalidades. Há o Ryzl elétrico, desinibido - até os seus cabelos, cheios e ondulados, têm uma aparência elétrica, semidomada - que aproveitará a oportunidade e apostará no cavalo que um dos seus médiuns tiver visto ganhando uma corrida. Este é o Ryzl que está sempre um passo à frente dos acontecimentos e conseguiu deixar a Tchecoslováquia, no fim de 1967, durante o rígido regime de Novotny, levando consigo para os Estados Unidos não somente a maleta arrumada à pressa,

mas também a esposa, os dois filhos, o assistente, a biblioteca e o automóvel.

E há o Ryzl meticuloso, o cientista metódico, que produziu alguns dos mais belos trabalhos contemporâneos sobre a ESP já realizados em todo o mundo. Enquanto ainda morava em Praga, tornou-se pesquisador adjunto do Laboratório Duke de Parapsicologia e o único comunista a receber o Prêmio McDougall, concedido pela Associação de Parapsicologia de Durham, na Carolina do Norte, pelos seus magníficos trabalhos na especialidade. Fala inglês, russo, alemão, tcheco e lê outras línguas. Desde o fim dos anos 50, Ryzl (que visitou com freqüência grupos de ESP na Rússia, na Bulgária e até na Índia) tem sido um elo - e durante algum tempo o único elo - entre os pesquisadores psíquicos do Oriente e do Ocidente.

E também o homem que o leitor deverá procurar se quiserem desenvolver os seus poderes mediúnicos. Ryzl criou um sistema psíquico que deu a voluntários descobertos na tua um sexto sentido atuante, plenamente desperto.

- Acredito que a maioria das pessoas tem capacidades psíquicas latentes, - sustenta Ryzl. - O problema é engendrar métodos para evocar esses talentos e controlá-los conscientemente.

Sexto sentido: Ryzl di-lo com freqüência e a sério. Gostaria de equipar-nos a todos com a ESP a fim de podermos usá-la com a mesma facilidade com que usamos os outros sentidos. O Dr. Leonid Vasiliev, pioneiro russo da parapsicologia, qualificou-lhe o método de desenvolvimento do sexto sentido como um dos processos mais promissores da parapsicologia. Numa grande experiência, que levou anos, Ryzl tentou evocar um sentido psíquico em quinhentos

estudantes. De acordo com os relatórios, cinqüenta, de um modo ou de outro, se tornaram médiuns.

Como foi que Ryzl o conseguiu? Ele orientou-se pelas pegadas do seu extraordinário conterrâneo, o escultor Bretislav Kafka. Recorreu à hipnose. Planejou o seu método de treinamento psíquico para tranqüilizar as pessoas passo a passo, indo do razoado ao aparentemente desarrazoado. (379) A hipnose lhe permitiu infundir confiança no estudante, contornar a mente lógica, tagarelando sobre argumentos e escrúpulos.

Josefka foi uma das pessoas que responderam não só aos anúncios de Ryzl, que pedia voluntários para uma experiência científica, mas também à sua técnica.

- Em nosso primeiro encontro, Josefka parecia ser a espécie de pessoa que eu queria, - contou-nos Ryzl, o Pigmaleão do Psi. - Revelou-se boa paciente hipnótica. Nunca tivera nenhuma experiência psíquica e pouco lhe interessava o assunto. Na realidade, as pessoas que se mostram muito interessadas não são as melhores pacientes. Estão sempre procurando imaginar se alguma coisa está acontecendo. Mas eu preciso de pessoas que compreendam que uma experiência científica é uma coisa específica que tem de ser levada escrupulosamente até o fim. Josefka era esplêndida nisso também. E um tipo altamente digno de confiança, de proveniência tcheco-alemã, descendente, ao que se diz, de Haydn, e sempre demonstrou grande interesse pela medicina. Infelizmente, porém, a situação da família não lhe permitiu entrar para uma escola médica.

Por mais de um mês, Ryzl realizou três sessões semanais com Josefka, a fim de obter um controle hipnótico absoluto sobre ela. Lima tarde, com o seu pendor para os testes que

fogem do prosaico, Ryzl transferiu a experimentação para um bonde apinhado de gente que sacolejava pelas ruas barulhentas de Praga, calçadas de pedras. Quando o bonde parou num cruzamento, Ryzl voltou-se para Josefka e murmurou a sua "poção soporífera", uma palavra de ordem hipnótica.

- Tire o seu anel, - ordenou à jovem que entrara instantaneamente em transe.

Trinta segundos depois, o bonde chegou ao outro lado do cruzamento e Josefka, inteiramente desperta, não compreendia que tivesse acontecido alguma coisa. E não fazia a menor idéia do paradeiro do anel.

No laboratório, enquanto Josefka se mantinha sob o seu domínio hipnótico, Ryzl treinou-a para visualizar - para ver, por exemplo, uma imaginária tulipa amarela com absoluta clareza, como se estivesse sendo focalizada por um holofote numa sala escura. À feição de muitos pesquisadores comunistas, Ryzl acredita que a capacidade de visualizar nitidamente é essencial a um bom desempenho psíquico. "Para compensar todas as deficiências da raça masculina", mimoseou Josefka em transe com um belo ramalhete imaginário de rosas vermelhas escuras. Apresentava aos estudantes do sexo masculino visões de atrizes tchecas com as pernas à mostra - ou, se fossem tecnologistas, minuciosas alucinações do último modelo de um automóvel. Um dos segredos do seu sucesso é que ele procura adaptar o seu método ao indivíduo, e não torcer a pessoa para ajustá-la ao sistema.

Enquanto os voluntários observam a sua brilhante alucinação hipnótica, Ryzl inicia a prestidigitação psíquica. Pede-lhes que vejam outras coisas - não alucinações, mas

coisas reais, que nos supomos incapazes de ver - um relógio de parede completamente escondido atrás de um biombo, ou o que as pessoas no andar de cima estão fazendo naquele momento.

Um voluntário, aluno do curso pré-médico da Universidade Carlos, assombrou Ryzl quando este tentou dirigi-lo para a ESP. Na primeira tentativa, o rapaz identificou corretamente todas as vinte e cinco cartas de ESP que estavam escondidas!

- O seu desempenho foi tão assombroso que decidi dar-lhe uma sugestão pós-hipnótica para que se lembrasse do que tinha feito. Foi o meu grande erro. Ele ficou horrorizado! As coisas psíquicas não devem, não podem acontecer. Era impossível. Como pudera eu obrigá-lo a fazer uma coisa tão contrária às leis da natureza? Ele não via a hora de afastar-se de mim. E nunca mais o vi.

Em regra geral, Ryzl precisa orientar os estudantes para a clarividência como uma torre de controle orienta um piloto, que está fazendo um vôo cego, até a aterragem.

- Você está vendo uma claridade, uma espécie de nevoeiro. Agora o nevoeiro está-se esgarçando. Você começa a distinguir um objeto. Quando as pessoas tentam solar a ESP, descrevem círculos verbais em torno do objeto. Uma mulher disse:

- Vejo uma espécie de brilho... uma cor metálica... e ângulos. - Os ângulos tornam-se mais claros. - Falei em lápis cruzados. Tenho a impressão de duas coisas que se cruzam, mas não são lápis. As extremidades que estão longe de mim são pontudas. Não consigo distinguir bem as extremidades próximas, mas... parece haver dois círculos que saem de um nevoeiro. É uma tesoura!

Ela acertara.

Os estudantes muitas vezes erram. Certos ou errados, Ryzl os abarrota de sugestões destinadas a incutir-lhes confiança. Quando uma pessoa parece incapaz de clarividência, Ryzl tenta a visão autoscópica. De olhos fechados, pacientes em transe recebem ordem para levantar-se mentalmente e afastar-se de si mesmos.

- Vire-se, veja-se, espere até poder ver o seu rosto, a sua camisa, as suas unhas.

Ryzl pede à pessoa que supõe estar em pé, fora de si mesma, que veja a hora em seu relógio de pulso, descreva o número de travessas numa cadeira situada a um canto. O paciente obedece. Ryzl lhe faz rasgados elogios, embora saiba que, nesse caso, provavelmente, é a memória inconsciente que está funcionando, e não a ESP. O passo seguinte é indisfarçavelmente psíquico.

- Agora dê uma espiada e descreva a mobília da sala ao lado.

A porta está fechada, o estudante nunca esteve na sala ao lado. Depois de "ficar de fora" é fácil chegar à "clarividência ambulante". Diz Ryzl:

- Conduzo o estudante, numa viagem imaginária, ao lugar que eu quero que ele veja psiquicamente. Digamos, aos Estados Unidos: "Você está vendo arranha-céus. Agora, caminha pela Broadway. Vire na esquina da Rua 44, vá ao terceiro prédio..."

Ryzl conduziu Josefka numa excursão imaginária e clarividente pelas ruas de Praga. Ela palmilhou as ruas estreitas, passou pela pastelaria, pela tabacaria, pela farmácia - pelos esguios edifícios de pedra, ornamentados como se o encolher-se e o esticar-se de alguma profunda urgência

cinética não pudesse resistir à tentação de modelar a pedra, dando-lhe a forma de fitas, querubins, arcos, colgaduras. Josefka apertou o passo no passeio imaginário pelas ruas, passou por prédios de apartamentos com pátios de pedra, por nichos inesperados em paredes de edifícios, cheios de raminhos de flores frescas "em memória de , assassinado neste lugar pelos nazistas". Finalmente, em sua clarividência ambulante, subiu a escada que conduzia ao próprio apartamento. Ryzl levou-a a cozinha, para ver o que a mãe estava fazendo.

- Essas experiências pareciam muito reais, - informou Josefka. - Não era, de manara alguma, como ver um filme. Eu tinha a impressão de estar realmente ali. Como se eu fosse capaz de tocar a mesa da cozinha, sentir o cheiro.

Os tchecos chamam a essas impressões, tácteis e outras, não verbais "tactear à distância". Ryzl afirma que Josefka e alguns dos seus colegas dos eram capazes de aparecer clarividentemente em casa de amigos e parentes e dizer, com exatidão, o que estavam fazendo.

Estejam os seus médiuns vê simbolicamente, há um grande problema de interpretação.

Aliás, sempre houve, desde os dias das dramáticas confusões torno do Oráculo de Delfos.

Sempre que pode Ryzl tenta mostrar aos estudantes que esse estranho sentido psíquico é uma vantagem. Três meses depois de haver recebido a sua educação psíquica, Josefka, um dia se queixou:

- Perdi as chaves do apartamento.

Pondo-a em transe, Ryzl disse-lhe que voltasse atrás no tempo e visse o que acontecera às chaves. Como se estivesse descrevendo um filme, Josefka contou-lhe:

- É de manhã. Minha avó está tirando as chaves da minha bolsa.

Finalmente, "viu" a velha senhora colocá-las numa prateleira do guarda-louça. Chegando a casa, Josefka encontrou as chaves no mesmo lugar onde as vira mentalmente. Em outra ocasião, ansiosa comunicar-se com a mãe, telefonou para casa. Ninguém atendeu.

- Concentre-se, - ordenou Ryzl, - e diga-me o minuto em que sua mãe vai entrar.

Mais tarde, por curiosidade, Josefka ligou para sua casa no instante que predissera.

- Alô, - respondeu a mãe. - Estou acabando de chegar.

Ao tentar induzir os seus voluntários a aceitarem um sexto sentido ou quando quer estudar a ESP como "ato individual, único e menos criativo", Ryzl emprega o enfoque qualitativo. Até ao propor testes estatísticos típicos aos alunos, usa-os muitas vezes de maneira informal, mais preocupado em ensinar do que em provar. Sabe, contudo, perfeitamente que, se quiser que outros parapsicologistas - particularmente os do Ocidente - dêem valor ao seu sistema de treinamento psíquico, terá de amontoar sólidas provas estatísticas de que um voluntário, com efeito, se tornou médium. (O seu prodígio mais extensamente documentado, Pavel Stepanek, um médium maravilhoso para os cientistas mais objetivos, é o tema do próximo capítulo.)

Ryzl documentou a proficiência psíquica de Josefka depois de seis meses de curso. Utilizou cartas de ESP enroladas no interior de várias folhas duras e opacas de papel. Nem ele nem Josefka sabiam qual era o símbolo que havia em determinado pacote. Ryzl verificou duas vezes cada carta embrulhada para certificar-se de que não havia

pistas sensoriais. Em seguida, entregou os pacotes, um por um, a Josefka em transe. Falando devagar, Josefka anunciou:

- Círculo... estrela...

Ela manuseou 250 cartas. As probabilidades do acaso são de 50 respostas certas. Josefka acertou 121. Há menos de uma probabilidade um trilhão de que pudesse ter feito isso acidentalmente.

Mas fora a técnica de Ryzl que ativara o sexto sentido de Josefka? Ele pediu-lhe que adivinhasse mais 250 cartas quando se achava inteiramente acordada. Ela acertou apenas as que lhe permitia o acaso. Durante o seu treinamento psíquico, Ryzl submeteu Josefka a vários testes estatísticos. Outra experiência particularmente impressionante envolvia cartas atrás de um anteparo. Ryzl queria que Josefka lhe dissesse duas coisas. O envelope selado contém uma carta? Se contiver, qual é o símbolo da carta? A ESP de Josefka silenciou quando se tratou de identificar os símbolos, mas fluiu livremente ao determinar se o envelope grosso, opaco, que ela não podia ver nem tocar, estava cheio ou não. Em quinhentos palpites nesse teste simples de cara ou coroa o máximo que se pode obter por acaso são 250 respostas certas, ou seja, a metade. Josefka deu 314 respostas corretas (372) As probabilidades de conseguir esse resultado por acaso são inferior a uma num milhão.

Aparentemente, Josefka aprendeu a sintonizar o talento psíquico sob o controle hipnótico de Ryzl. Havia vantagem nisso? Tanta quanto à capacidade de um boneco de ficar falando sentado no joelho de um ventríloquo. O objetivo declarado de Ryzl é dar às pessoas um sexto sentido plenamente integrado. Havia duas maneiras, pensou Ryzl, de fazer de Josefka uma médium durante vinte e quatro horas

por dia. Ou ela aprendia a dominar conscientemente a nova capacidade, ou teria de passar a vida inteira em transe.

Tentou primeiro a alternativa mais estranha, porém mais fácil. Numa noite de inverno, disse à hipnotizada Josefka:

- Queres que você permaneça em transe leve até voltar aqui, amanhã à noite. Mas, - advertiu, - proceda exatamente como o faria em estado de vigília.

Nenhum dos familiares nem dos colegas de trabalho de Josefka percebeu que ela andava, falava e comia com eles em transe, embora a mãe lhe perguntasse se acontecera alguma coisa.

- Você parece tão triste! - disse ela.

- Não, não aconteceu nada, - assegurou-lhe a filha.

O próprio Ryzl não tinha muita certeza de que a hipnose estava atuando quando Josefka entrou no laboratório no dia seguinte. Ele descreveu-a como uma mulher levemente bêbeda, que forcejasse por concentrar-se no que devia fazer.

Um teste mostrou que ela continuava em estado hipnótico.

- Seria impossível viver assim! - exclamou Josefka quando, finalmente, se viu livre. A existência lhe parecera tão triste e tão insípida quanto um quadro sem vida. Todas as coisas interessantes haviam desaparecido. E Ryzl notou que Josefka em transe perdera também a animação. Abriu mão da idéia de soltar no mundo uma coleção de zumbis mediúnicos.

O transplante do controle do novo sexto sentido de Ryzl para o paciente é uma operação delicada. Ryzl procura ensinar o indivíduo a colocar-se no estado de consciência necessário a ESP - "uma ativa inatividade mental". Josefka descobriu que precisava equilibrar-se numa corda cinzenta

entre o sono e a vigília. Com todos os pensamentos inibidos, era-lhe forçoso esperar pacientemente, passivamente, que a impressão psíquica aparecesse. Depois que as imagens se formavam, ligava o lado ativo, crítico, do seu espírito para avaliar e relatar o que lhe enchia a tela psíquica. Algumas pessoas perdem a ESP quando Ryzl já não pode instilar-lhes confiança hipnoticamente. Outras descobrem que a sua capacidade psíquica se congela em canais específicos. Para Ryzl, o risco vale a pena.

- Preserva-se a integridade da personalidade. E os estudantes que podem manipular os próprios estados de consciência são mais capazes de interpretar complicadas cenas de clarividência.

Josefka principiou a achar, às vezes, que era médium enquanto trabalhava durante o dia lidando com a logística da vida de uma cidade grande em Praga. Começou a sintonizar telepaticamente os pensamentos das amigas.

- E realmente engraçado, - confiou a Ryzl. - Às vezes, preciso fazer força para não rir de alguns pensamentos que capto. E que eles, geralmente, não têm relação alguma com o assunto que estamos tratando. Apreendo as outras coisas que estão passando pela cabeça delas.

Os seus empregadores lucraram com as suas capacidades que ela adquiriu no curso psíquico noturno, embora Josefka provavelmente não lhes tivesse falado sobre isso. Um aia, depois de haver vasculhado os arquivos do escritório, à procura de documentos importantes, compreendeu que, se possuísse o gabado sexto sentido, este seria um bom momento para usá-lo. Invocou a própria clarividência e conseguiu uma imagem dos documentos. Calmamente, vestiu o casaco e rumou para uma filial dos escritórios, a

alguns quilômetros de distância. A sala tinha sido completamente remodelada depois da última vez que ela já estivera, alguns meses antes. Segundo Ryzl, Josefka encaminhou-se diretamente para uma mesa que vira por meio da clarividência, abriu a gaveta e apanhou os documentos perdidos.

- De vez em quando, Josefka achava que o seu sexto sentido era uma maçada. Previa alguma coisa desagradável e precisava esperar que a previsão se realizasse. Sentia-se constrangida também ao confessar às amigas que possuía esse novo talento mas, de modo geral, parecia apreciá-lo, - contou-nos Ryzl.

Outra paciente, a Senhora Adolphaba, aparentemente se comprazia numa capacidade recém-descoberta para identificar o que quer que estivesse embrulhado numa caixa. Em 1965, uma turma de televisão ABC dos Estados Unidos apareceu no laboratório de Ryzl em Praga com o objetivo de filmar o pesquisador e os seus alunos para um documentário sobre ESP. Ignorando as câmaras que zuniam e os cabos que enchiam o laboratório usualmente plácido, a Senhora Adolphaba identificou com êxito para os norte-americanos três de quatro objetos que eles haviam previamente guardado em caixas. Pouco depois, no entanto, a Senhora Adolphaba deixou Ryzl por "motivos pessoais" - provavelmente cedendo às objeções da família.

Ryzl verificou que nem todos ficavam entusiasmados quando ele lhes conferia um novo sentido.

- As pessoas tinham medo de ser julgadas estranhas; algumas supunham que outro parapsicologista poderia pagá-las melhor. Havia uma moça que se estava tornando boa clarividente, quando ficou noiva. O noivo recusou-se a

permitir que ela voltasse ao meu laboratório, acreditando que eu fosse uma espécie de vampiro. Outras paravam porque estavam ocupadas demais, muitas estudavam na Universidade Carlos. A sua ESP sofria durante os exames, como sempre acontece quando as pessoas se preocupam, trabalham demais ou estão cansadas.

A maioria dos voluntários de Ryzl acabou com os mesmos cinco sentidos com que havia começado. Afirma ele que cinqüenta dos quinhentos indivíduos que tentou treinar desenvolveram a ESP. (379) Treze revelaram uma capacidade psíquica igual à de Josefka - telepatia, precognição, clarividência e clarividência ambulante.

- Esse número de quinhentas pessoas treinadas é um pouco ilusório. Incluí nele todas as pessoas com quem trabalhei, e até as que só compareceram a uma ou duas sessões. Foi necessário um ano de treinamento para que Josefka pudesse manipular a própria clarividência.

"Infelizmente, Josefka saiu também, no momento em que estávamos começando a conseguir alguma coisa com experiências de precognição. Perdeu a avó de repente. Tinha sido criada pela velha e a sua morte foi para ela um grande choque. Pouco depois, fez um casamento infeliz. Agora está divorciada. Veio dizer-me que queria voltar ao trabalho psíquico... mas acontece que, logo depois disso, deixei a Tchecoslováquia.

Por que Ryzl saiu da Tchecoslováquia? Ele fazia parte do Instituto de Biologia tcheco. Era membro da Academia de Ciências. Chefiava um grupo de pesquisas de parapsicologia. Tinha uma sala especial, aparelhada como um laboratório, em seu apartamento; fazia palestras sobre o seu sistema psíquico a classes de psicologia dá Universidade Carlos.

- E verdade, eu estava em excelente situação. Inaugurara um novo centro. Poderia fazer, praticamente, o que quisesse em matéria de pesquisa psíquica, - admite Ryzl. - No começo, no fim da década de 1950, não fora tão fácil. Encontrei uma oposição tremenda. E os céticos não criticavam baseados em razões científicas. Investiam com a parapsicologia fundados em motivos políticos, ideológicos. Os adversários usaram e abusaram nas ofensas pessoais.

Na ocasião em que Ryzl saiu, no fim do ano de 1967, graças em parte ao seu trabalho e à publicidade que dera à parapsicologia na Rússia e no Ocidente, o governo tcheco passou a encarar a parapsicologia com bons olhos. Ironicamente, foi o entusiasmo do regime ditatorial de Novotny pelo assunto que o obrigou a sair.

- Agora, as autoridades estão interessadas. A polícia secreta tcheca visitou-me. Isso foi antes de Dubcek. Queriam que eu fornecesse relatórios das pesquisas psíquicas realizadas nos países que visitava. E queriam que eu procurasse informações para transmitir-lhes. Acontece que sou cientista, não sou espião. Mas eles insistiram tanto que decidi sair de lá e tentar viver nos Estados Unidos.

Enquanto trabalhou na Tchecoslováquia, Ryzl fez mais do que a sua quota para provar a existência da ESP. O seu trabalho é mais bem documentado, pelo menos oficialmente, que o de qualquer outro pesquisador comunista. Entretanto, como a maioria dos homens que estão em ascensão no campo comunista, Ryzl se interessa mais por utilizar o psi do que por confirmar-lhe a validade ad nauseam. Quando a coqueluche da visão sem olhos tomou conta da Rússia, Ryzl experimentou a sua versão da visão sem olhos num asilo para cegos em Praga. Aparentemente, não estava muito

preocupado com campos de força ou com a sensibilidade cutânea. Tendo o mundo ouvira falar nos soviéticos que liam sem olhos. A crença popular era justamente o de que Ryzl precisava para "induzir" crianças cegas a verem clarividentemente. Hipnotizou meninas e meninos cegos de escolas primárias.

- Passem os dedos sobre esta caixa, - ordenou, apresentando um pesado relógio metálico de bolso com a tampa fechada. - Os seus dedos sentirão facilmente onde estão os ponteiros. Digam-me que horas são.

No meio do entusiasme geral, os meninos disseram as horas, numa percentagem muito superior às probabilidades do acaso. Pode ser que imaginassem estar lendo com os dedos, como Rosa Kuleshova, mas, ao que parece, era a velha ESP que lhes indicava as horas do dia. Ryzl, que transpira excitação e imprime aos testes uma atmosfera de aventura, mais que de tarefa, descobriu um jovem prodígio.

- Foi muito engraçado. Voltei à escola e tive uma surpresa. Um dos meninos me contou que era capaz de fazer o que eu fazia. Aparentemente, brincando de parapsicologista, conseguira hipnotizar outro menino cego. E saiu-se muito bem das suas experiências. Ordenou à criança hipnotizada, sob as vistas da professora, que identificasse a cor de carretéis de linhas que ela preparara.

Ryzl experimentou outros empregos do psi.

- Eu gostaria que vocês tivessem a mesma espécie de loteria nos Estados Unidos que temos em Praga, - disse ele, depois de interrogar-nos a respeito da Loteria Estadual de Nova Iorque. Se tivéssemos uma loteria como a que existe na Tchecoslováquia, haveria muito mais gente procurando os laboratórios para fazer experiências psíquicas. - Há quarenta

e nove números na loteria tcheca. Se a gente adivinhar seis, seja qual for a sua ordem, ganhará um grande prêmio, cerca de 10.000 dólares. Se adivinhar cinco, receberá a metade do prêmio, e assim por diante. E um perfeito arranjo para um teste de precognição, não acham?

"Nós atribuímos um símbolo a cada número da loteria e pedimos a Josefka, Pavel Stepanek e outros médiuns desenvolvidos por mim que tentassem prever os que iam dar. Na primeira semana acertamos um; na semana seguinte, três. Na tentativa imediata adivinhamos quatro números. E ganhamos uma boa soma. Para fazer a coisa direito, é preciso arranjar uma porção de médiuns que tentem predizer os números certos e, em seguida, tirar a média dos palpites. Dessa maneira se diminui a margem de erros individuais."

Ryzl acredita piamente na motivação. Antes de sair de Praga, pediu ao governo que amparasse os médiuns bem dotados, como fazia com outras pessoas talentosas.

- Se os médiuns fossem reconhecidos, se não precisassem preocupar-se com um emprego sem nenhuma relação com os seus poderes psíquicos, seriam muito mais capazes de nos ajudar a estudar os próprios dons.

Talvez por achar que não devia interessar outros parapsicologistas no negócio das loterias, Ryzl não documentou ir loto a experiência que fez com a ESP nesse terreno. Em vez disso, organizou o tipo de testes padronizados de precognição que a maioria dos pesquisadores costuma fazer. (372-381) Treinara Josefka por mais de seis meses. Ela já podia assumir, mais ou menos por conta própria, o estado de espírito exigido pela ESP. Ryzl limitou-se a ministrar-lhe instruções:

- Quero que me diga, em ordem, agora, os símbolos que o meu assistente vai pegar na semana que vem.

Escreveu e guardou os dez mil símbolos que Josefka citava fluentemente. Dias depois, o seu assistente de laboratório, usando técnicas caprichosas, mas cientificamente controladas, registrou dez mil símbolos. Em quatrocentos turnos de vinte e cinco símbolos cada um, Josefka conseguiu uma média de 5,79 por turno. As probabilidades de se fazer uma profecia dessa natureza por acaso são menos de uma em um milhão.

Tudo indica que Ryzl escolhera uma moça comum e a levara a ponto de poder ver o futuro, que se supõe inexistente. Predizer um terremoto ou um assassínio é muito mais emocionante do que adivinhar símbolos, como o fazia Josefka, mas a sua proeza praticamente, é ainda mais enigmática. A natureza abstrata, descolorida, destituída de emoção do teste elimina qualquer idéia de conjetura baseada em conhecimentos. E difícil acreditar na existência de grandes movimentos no interior da Terra ou na consciência que convirjam para a escolha de dez mil símbolos na semana seguinte. Por que daria a mente um salto à frente para captar os símbolos certos?

A precognição é a chave dos mistérios do psi, na opinião de Ryzl.

- Por isso não posso acreditar na teoria de que as ondas eletromagnéticas, de uma forma ou de outra, causam o psi. Elas não explicam a profecia. Algumas pessoas, sobretudo na Rússia, falam num campo do psi. Mas que é isso? E como explicaria a profecia? Acredito que a resposta resida numa nova compreensão do espaço e do tempo. E creio que é muito profunda. - Em seguida, num estado de espírito um

pouco diferente, ajuntou: - Os descobrimentos da parapsicologia indicam que devem existir realidades mais elevadas, acima da nossa vida material.

Em 1968, quando trabalhou por algum tempo na Fundação do Dr. Rhine para a Pesquisa sobre a Natureza do Homem, em Durham, Ryzl tentou realizar testes de precognição com alunas da Duke University.

Corro Josefka, diversas acertaram significativamente. Mas Ryzl não diz se levou alguma das melhores alunas ao hipódromo para ajudá-lo a abrir caminho no novo mundo.

- Levei Josefka às corridas, mas ela não as apreciou muito, porque a mantive em transe. Pedi-lhe que olhasse para o futuro e visse os números vencedores, que seriam colocados no quadro depois da corrida. Foi cômico. Ela acertou, mas nós perdemos a aposta. Josefka viu corretamente a coluna de números enfileirados do lado direito do quadro. Nessa corrida, porém, dois cavalos chegaram empatados na frente. Em lugar de figurarem na coluna usual, os seus números foram postos, lado a lado, no topo do quadro, em lugar que eu não lhe recomendara que olhasse.

Ryzl remói em sua mente a idéia de interferir num acontecimento futuro predito.

- Josefka e eu fizemos uma série de testes informais. Ela predizia, anotando-o num pedaço de papel que eu não podia ver, se eu me levantaria e sairia da sala ou continuaria sentado na cadeira. Depois, eu atirava uma moeda ao ar. Se desse cara, sairia; se desse coroa, ficaria. Fizemos isso uma porção de vezes e ela acertava sempre. Depois, só para ver o que aconteceria, decidi ficar na sala fosse qual fosse a indicação da moeda. E, dessa feita, Josefka não conseguiu

predizer os meus movimentos. Confessou que nada lhe acudia, que se sentia bloqueada. - A interferência com o futuro é uma coisa que Ryzl planeja estudar nos Estados Unidos. - Suponho que alguns acontecimentos não podem ser profetizados e que outros não podem ser mudados. Mas desconfio que muitos podem ser alterados se canalizar para eles um número suficiente de mentes.

Enquanto ainda estava na Tchecoslováquia, dirigiu as suas vistas científicas para domínios intrigantes e impalpáveis, como a profecia. O Dr. Ryzl escreveu sobre essas inusitadas investigações numa revista indiana: (374) "Realizamos tais experiências num laboratório de parapsicologia de Praga. Pacientes dotados de capacidades psíquicas dignas de confiança tentaram perceber várias formações e processos que não podem ser percebidos pelos sentidos normais, mas que são pressupostos por doutrinas religiosas e ocultistas - como, por exemplo, o chamado "corpo astral", a substancialidade da "alma", a sobrevivência da "alma" depois da morte, a reencarnação, etc."

Ressalta Ryzl que está perfeitamente cônscio de que, no estado atual dos conhecimentos sobre as faculdades do psi, seria prematuro colher extensas inferências dos experimentos. "Não obstante, muitas vezes, declarações feitas por pacientes psíquicos continham informações que se harmonizavam com as alegações, não raro heterogêneas, de sistemas ocultistas e religiosos."

Ele continua dizendo que, se podem tirar ilações dessas profundas aventuras pelo reino psíquico, a principal é que o mundo que percebemos normalmente é apenas um dos componentes de um todo maior. Existe outra realidade, que transcende os nossos sentidos, a nossa instrumentação diária

atual, e talvez até a imagem matemática do mundo traçada pela física teórica. E, no seu entender, serão necessários novos termos e novas coordenadas científicas para estudá-la.

"Sei que serei criticado por mencionar tais experiências", escreveu Ryzl, "mas assim exponho a minha convicção de que a parapsicologia parece destinada a encontrar o elo existente entre as ciências naturais empíricas e a religião - isto é, a possibilidade de integrar a religião, como ciência que trata de entidades supersensoriais, nas ciências naturais." Se essa meta for alcançada, o desenvolvimento da parapsicologia conduzirá a descobertas tão revolucionárias quanto o advento da cosmogonia de Copérnico ou a fissão do átomo, ou ainda mais revolucionárias do que elas.

Que dizer do sistema de treinamento psíquico de Ryzl como meio de auxiliar a parapsicologia? Trata-se, por certo, de uma tentativa importante de encontrar um caminho prático para o psi, de aumentar a nossa capacidade de conhecer. Muito embora Ryzl tenha deixado a Tchecoslováquia, o mundo comunista ainda considera o seu método um dos dois processos viáveis de desenvolver os médiuns necessários. (De acordo com o Dr. Sergeyev de Leningrado, o outro método de encontrar pessoas com ESP consiste em procurar uma diferença insolitamente grande de potencial elétrico entre a parte anterior e a parte posterior do cérebro. Os dois métodos, naturalmente, poderiam ser combinados.) A maioria dos cientistas ocidentais, até agora, parece mais interessada em estudar a capacidade de adivinhar cartas do mais famoso discípulo de Ryzl, Pavel Stepanek, do que em tentar desenvolver novos médiuns. É provável que muitos pesquisadores não tivessem o mesmo

êxito com a técnica de Ryzl - simplesmente por não serem Ryzl.

A personalidade do experimentador num sistema hipnótico combina-se inextricavelmente com o sucesso do projeto. Ryzl, entusiasta, exuberante, transbordante, dá-nos a impressão de que a ESP não é assustadora nem impossível. Assim como alguns pacientes e psiquiatras não conjuminam, assim também as personalidades de alguns pesquisadores não são as indicadas para fundir a ESP com os métodos de Ryzl. Este último afirma:

- A hipnose, sem dúvida, toda a gente. Só tive êxito no seu Precisamos criar outros métodos para não é a técnica certa para ser usada com emprego em 10% dos meus casos. evocar a capacidade psíquica.

Para que será usada a ESP?

- Para ganhar dinheiro e como arma, - afirma Ryzl, categórico. Nisso, ele é muito mais cínico do que a maioria dos pesquisadores norte-americanos, mas Ryzl, que é tcheco, talvez tenha razão. Certa vez, observou casualmente que as capacidades psíquicas em larga escala acarretarão, por força, inéditos problemas sociais, psicológicos e legais. Com o passar do tempo, naturalmente, o psi significará muito mais do que um palpite no mercado ou uma arma militar. Revolucionará a vida, de um modo geral.

Quando ele chegou aos Estados Unidos, o Boletim da Fundação Rhine para Pesquisas sobre a Natureza do Homem citou-o: "Os progressos nas ciências naturais e, naturalmente, toda a tendência para o desenvolvimento da civilização moderna deu ênfase aos aspectos materiais e técnicos da vida. Na civilização de hoje o homem se aparta cada vez mais da vida interior. Em minha opinião, a pesquisa

parapsicológica poderia inverter essa tendência e dirigir a atenção do homem para outros aspectos da sua existência cósmica e para outras forças e componentes da sua personalidade". (295)

O estudo dos potenciais do psi em cada indivíduo mal começou. Ryzl está cheio de idéias novas, de energia; é um homem fadado ao sucesso, que tanta aprecia as idas e vindas da fantasia quanto à pesquisa sólida; possui também uma compreensão melhor das tendências do psi no mundo comunista do que qualquer outra pessoa nos Estados Unidos. A sua saída da Tchecoslováquia, de um modo geral, não foi apregoada no , Ocidente, mas causou reverberações no bloco comunista. Ryzl pode revelar-se um felicíssimo acrescimento para os Estados Unidos, mormente se ele e outros tiverem razão em pensar que já principiou a corrida pelo espaço interior.

25

PAVEL STEPANEK, UMA RESPOSTA PARA OS CÉTICOS?

- A façanha de Pavel Stepanek raras vezes foi igualada, se é que o foi alguma vez, na história da parapsicologia – diz o eminente parapsicologista norte americano Dr. J.G. Pratt .(277)

- Não hesitamos em afirmar que os resultados (dos testes com Stepanek) fornecem provas da ESP – declararam Pratt e o Doutor Jan da Holanda. (352)

"Provas da ESP em Praga?" fez coro com eles a revista cientifica britânica The New Scientist. (274) Pavel Stepanek é o primeiro médium a ser citado nos últimos vinte anos, numa publicação científica do porte de Nature (Vol. 220, 1968).

Pavel Stepanek é capaz de fazer demonstrações de ESP a pedido! disse um grupo internacional de pesquisadores. Um novo astro nos domínios do psi havia sido descoberto em Praga!(390) Testado e atestado por parapsicologistas de uma infinidade de países, as pesquisas sobre Stepanek ocupam agora volumes das publicações mundiais sobre parapsicologia. (348-349-388-390)

Quem é esse ai Jesus dos parapsicologistas, esse wunderkind do psi, dessa sigla conhecida nos anais da pesquisa psíquica como P.S., como se fosse um raro elemento atômico ou um pós-escrito numa carta? Quando nós, finalmente, chegamos a Praga, foi um alívio conhecer a homem escondido atrás da simbologia científica.

Louro, de olhos azuis e nariz arrebitado, Pavel, geralmente alegre, parece alguém saído de uma era mais inocente, e lembra, de certo modo, o bom lenhador das histórias infantis. Além da sua gentileza antiquada, muito difícil que torna qualquer suspeita de fraude, Pavel Stepanek talvez seja o médium mais rigorosamente, mais exaustivamente testado do mundo - numa especialidade. E um mágico das cartas de ESP. Se houvesse um selo de aprovação nos laboratórios de psi, ele já o teria recebido.

Quando nos encontramos na Tchecoslováquia, Pavel nos pediu que assinássemos o seu livro de lembranças. Testemunhos manuscritos e recordações de visitas sucedem-se em suas páginas, assinados por cientistas geralmente

exigentes. Durante a década de 1960, mais de uma dúzia de parapsicologistas da Inglaterra, da Índia, dos Estados Unidos, do Japão e da Holanda viajaram para a Tchecoslováquia a fim de conhecer Stepanek, o mais famoso aluno do Dr. Ryzl. Pavel nunca se recusou a colocar os seus dons à disposição deles, chegando às vezes a tirar férias no trabalho para fazê-lo. No dizer dos agradecidos cientistas, o mais notável a respeito de Stepanek, um solteirão de quase quarenta anos, é a sua personalidade modesta, cooperativa, que nada tem de mediúnica.

Talvez não exista o que se pode chamar de prova inegável de alguma coisa, mas o trabalho parapsicológico realizado com Stepanek parece irrefutável. Esse tcheco modesto, levemente tímido, está-se revelando uma bêle noire para as pessoas que não acreditam na ESP.

Stepanek, o médium de laboratório do século, conta a sua história:

- Foi no verão de 1961. Um amigo me falou nas experiências que o Dr. Ryzl estava fazendo. As pessoas agora me perguntam por que decidi apresentar-me como voluntário. Foi a curiosidade, a simples curiosidade que me levou até lá.

A curiosidade o levou até lá. Depois foi a vez de Ryzl, que se pôs a instar com ele, a persuadi-lo com agrados, através do seu curso psíquico iniciado com a hipnose. Volvidos alguns meses, um sentido psíquico principiou a emergir em Pavel. Sentado, em transe, com o sorriso habitual relaxado, Pavel respondia corretamente: "círculo, estrela, linhas onduladas", quando Ryzl lhe perguntava: "que carta de ESP está escondida atrás do biombo?" O sexto sentido de Pavel, que se desenvolvia, afincou-se tão nitidamente nas

cartas escondidas que Ryzl experimentou outro teste - uma experiência rigorosamente controlada.

Pavel tinha de dizer apenas se o lado preto ou o branco de uma carta estava virado para cima dentro do envelope opaco Numa sala separada, fechada, a Senhora Ryzl, que também faz experiências de psi, preparou as cartas. Primeiro, recorreu à lista telefônica de Praga como fonte de números casuais - números ímpares significavam que a carta estava com a cor virada para cima, números pares significavam o contrário. Depois, enviou, as cartas, ao acaso, em envelopes bem arrumados e fechou-os. Os envelopes eram rigorosamente opacos; mesmo quando colocava um deles, vazio, diante de uma lâmpada, não enxergava claridade alguma através dele.

A Senhora Ryzl levou as cartas ao marido na sala de experiências. Ele começou a cortar o maço segundo uma fórmula exclusivamente sua, baseada na hora do nascer e do pôr do Sol em Praga. Quando os testes se iniciaram, nem os Ryzls nem Stepanek tinham meio algum de saber, pelos sentidos, se o lado preto ou o lado branco estava virado para cima no interior dos envelopes. Segurando o baralho atrás de um anteparo, Ryzl pegou a carta de cima. Pavel, em transe, fez a primeira de uma série de adivinhações que marcariam época.

Foi um sucesso. Depois de cada vez que terminavam as cartas do baralho, os Ryzls repetiam o meticuloso processo de colocá-las ao acaso nos envelopes. Pavel acabou fazendo duas mil adivinhações. A lei das probabilidades admite mil adivinhações corretas. As probabilidades são de uma em um milhão de se fazerem 1.114 adivinhações exatas. E foi o que fez Pavel Stepanek. (391)

O treinamento de Ryzl, aparentemente, pôs em ação a ESP de Stepanek. Mas havia uma grande diferença entre o novo poder psíquico de Stepanek e o de outros estudantes bem sucedidos. A sua clarividência não se irradiava em todas as direções. Fluía como um rio na direção das cartas de ESP. Quanto a dar um novo sabor à vida, esse tipo de sexto sentido não parecia muito proveitoso. Mas era uma oportunidade de ouro para Ryzl. O fiel Stepanek poderia ser exatamente a pessoa de que ele precisava para construir uma prova inatacável, inegável, de que um estudante se tornara médium graças ao seu treinamento hipnótico. Poderia a clarividência de Stepanek divisar cartas escondidas quando ele não estava em transe?

- Stepanek, na verdade, levou mais tempo para manifestar clarividência sob hipnose do que muitos estudantes, mas aprendeu a assumir o controle consciente da seu talento psíquico muito depressa, - refere Ryzl. Em pouco mais de um mês estavam ambos prontos para uma nova série de testes.

A Senhora Ryzl ajudou novamente o marido a preparar, ao acaso, um complexo maço de cartas. Dessa vez, ao entrar na espaçosa e arejada sala de testes, Ryzl não hipnotizou Pavel. Nem sequer lhe disse uma palavra de estímulo. Sentou-se e deixou que Stepanek tocasse cada envelope selado, rapidamente, com a ponta dos dedos. Pavel cravou os olhos no espaço, "com ar de experimentada concentração", e adivinhou. Os Ryzls descobriram que ele estava fazendo mais do que adivinhar. Era um médium. A clarividência lhe acudia mesmo quando inteiramente desperto. As probabilidades de acertar por acaso, em tais circunstâncias, eram aproximadamente de uma em doze mil. (391)

Stepanek era um médium por conta própria; Ryzl nunca mais lhe deu ajuda hipnótica. Em lugar disso, submeteu-o a uma série enorme de testes de cartas. Stepanek é a concretização do sonho de um estatístico da ESP. A fuzilaria de números de Ryzl abismou os pesquisadores do Ocidente. E estava um jovem cientista tcheco que asseverava ter encontrado um programa de treinamento de médiuns que nada tinha de místico, podia ser repetido, era mais ou menos científico e, acima de tudo, dava certo. E dispunha de um excelente adivinhador de cartas para prová-lo. O primeiro parapsicologista estrangeiro a desembarcar em Praga foi o Dr. J. G. Pratt, experimentado investigador que levara a efeito famosas experiências de cartas por sua conta, quando trabalhava com Rhine na Duke University. Pratt ideou testes de cartas para o celibatário tcheco. Pavel mostrou o de que era capaz e saiu da experiência médium (387) "a pedido", diz Pratt, "em condições que normalmente inibiriam o êxito".

Depois, três cientistas holandeses, J. T. Barendregt, P. R. Barkema e J. Kappers, voaram para Praga. Ryzl entregou-lhes totalmente o discípulo. Stepanek obteve magníficos resultados nos complexos testes de cartas que os três visitantes holandeses tinham inventado.

A seguir, surgiu novo mistério. Ryzl determinara estatisticamente que Pavel reagia de determinada maneira a certas cartas com mais freqüência do que a outras. (389) Os holandeses tomaram de algumas cartas favorecidas de testes anteriores, colocaram-nas em novos envelopes e as incluíram no maço em cada turno. Stepanek não poderia saber quando aparecia uma carta favorita. Apesar disso, continuou a adivinhá-las num padrão coerente.

- É como se ele pusesse uma marca psíquica na carta, - diz Ryzl, - Como se alguma força desconhecida o ajudasse a sintonizar uma carta e não outra.

Essa sintonização de cartas é conhecida como "efeito de localização" e neste momento pode estar conduzindo a um importante avanço na parapsicologia. Os holandeses, naturalmente, entraram a indagar a si mesmos se havia alguma coisa diferente nas cartas favorecidas, como o coeficiente de absorção de calor, que as tornava identificáveis até mesmo através de envelopes.

O Professor J. Kistemaker do Laboratório de Separação de Massas dos Países Baixos, e o Dr. J. BIom, do Laboratório de Fonética da Universidade de Amsterdã, verificaram as propriedades físicas dos baralhos. As cartas, concluíram, eram todas iguais. Não conseguiram encontrar nenhuma diferença entre elas. Os minuciosos holandeses pediram também a um campeão mundial de mágicas, Fred Kaps, que repetisse a façanha de Pavel com as cartas, em idênticas condições, valendo-se da sua mágica. Kaps, no entanto, acabou confessando que o seu sortimento de mágicas era insuficiente para repetir o desempenho de Stepanek. (385)

Stepanek parecia ser um homem para proezas de fôlego. Continuou obtendo resultados sensacionais nos testes a que o submetiam. Como médium, todavia, é uma espécie de músico de um instrumento só.

- É uma coisa curiosa, - diz Ryzl, - a clarividência de Stepanek sempre fluiu por esse canal, aprofundando-o cada vez mais. E, aparentemente, essa única capacidade de sair-se bem dos testes parece satisfazer qualquer motivação ou necessidade que ele porventura tenha de um sexto sentido.

O catolicismo encerra um profundo significado para Stepanek, que o pratica religiosamente.

- A Tchecoslováquia ainda é um país muito católico, - disse-nos ele. Terá tido ele, alguma vez, uma experiência mística? Terá tida, alguma vez, uma experiência psíquica qualquer em toda a sua vida, além das cartas? - Pessoalmente acho que uma coisa que me aconteceu era ESP, - contou-nos Stepanek. - Foi durante a guerra, quando eu era menino. Certa manhã acordei com uma sensação estranha, uma espécie de pressentimento. Sentia me terrivelmente inquieto, e disse a minha mãe que não poderia ficar em casa. Saí, atravessei a cidade na direção da casa de minha tia. De repente, as sereias começaram a tocar. Apareceram aviões no céu. Era o primeiro raide aéreo que se fazia contra Praga. Nossa casa não sofreu dano algum, nem aconteceu nada parecido. Eu apenas parecia saber que alguma coisa ruim estava para acontecer.

Stepanek leu histórias de outros médiuns, os médiuns famosos que captam pensamentos alheios, encontram crianças perdidas, ajudam a resolver crimes.

- Eu gostaria de tentar fazer mais com a minha ESP, - confessa. - Talvez venha a fazê-lo um dia. Mas os cientistas me pediram que não tentasse nada enquanto não tivessem acabado com as cartas. Por isso... - Pavel sorriu e deu de ombros.

À proporção que se avizinhava o meado dos anos 60, outros cientistas passaram pelas alfândegas tchecas carregando maletas cheias de cartas amarelas e brancas, verdes e brancas, pretas e brancas. Com as cartas verdes e brancas estava o Dr. John Beloff, da Universidade de Edimburgo. Trabalhando com Beloff, Stepanek apresentou

um dos seus poucos resultados negativos de psi. (384) Acertou um número menor de cartas do que teria acertado por acaso. Inconscientemente, usou a clarividência para errar. Quando Beloff colocou o maço sobre a mesa, Pavel já tinha feito 42.598 adivinhações certificadas e publicadas, além de uma infinidade de adivinhações não oficiais.

Vinte mil adivinhações antes, os cientistas já se haviam espantado de que ele tiveste podido continuar identificando cartas de ESP durante tanto tempo. Quase todos os bons pacientes de cartas perdem a capacidade à medida que o tempo passa no laboratório. Talvez por simples tédio, talvez porque, como afirmam pesquisadores soviéticos, o excesso de adivinhação das cartas de ESP causa confusão no modelo de ondas cerebrais. Ou talvez alguma outra faceta do teste anule e extinga as cartas de ESP até nos mais renomados médiuns. Grande parte da personalidade de Stepanek, entretanto, é representada pelo desejo de agradar e, à diferença de todos os outros, ele parece gostar muito dos testes de cartas. O Laboratório de Parapsicologia Duke, em seguida, despachou John Freeman, norte-americano, e a Srta. B. K. Kanthamani, indiana, para Praga. Enquanto Freeman e a Srta. Kanthamani calculavam os pontos que ele fizera em vários turnos de cartas, Stepanek andava, desassossegado, de um lado para outro, fumando cigarros norte-americanos sem parar. Finalmente, os cientistas emergiram do seu sanctum. Os bons tempos de Pavel tinham retornado. Voltando a mostrar-se alegre curro sempre, Stepanek deixou o laboratório sabendo que estava acertando no nível de um para dez mil. (386)

A essa altura, Ryzl já provara, praticamente, quase tudo o que podia com Stepanek. Os seus testes, reunidos ao trabalho

comprobatório de outros, lhe construíam a prova, inatacável e robusta como a superestrutura, de um arranha-céu. Ele criara um médium. Mas tirando a necessidade de obter uma prova correntemente aceitável, Ryzl não parece muito interessado em testes de cartas ao prosseguir em suas experiências de psi.

- Nunca se sabe realmente quando a clarividência está ocorrendo durante os testes das cartas, - assinala.

Apenas a fantasmagórica pós-imagem da ESP aparece nos cálculos estatísticos. Uma adivinhação tanto pode ser um palpite feliz quanto um lampejo de clarividência. Ryzl provou o seu ponto à saciedade. Stepanek, o pássaro que ele tinha na mão, fora muito mais pesquisado e discutido no Ocidente do que a sua técnica de treinamento. E mais fácil lidar com a ESP branca e preta de Stepanek do que adaptar o método de Ryzl de chocar médiuns. E muitos pesquisadores podem não estar abertamente interessados pela ênfase básica do sistema de Ryzl que, a criar espécimes de laboratório, prefere desenvolver uma qualidade psíquica nas pessoas, no meio de todas as surpresas da própria vida.

Para continuar mostrando o que tinha, Stepanek precisava de um novo mentor. Encontrou-o, finalmente, no empático Dr. Pratt, que agora estava na Universidade de Virgínia. Pratt visitou Praga inúmeras vezes, registrando cuidadosamente o funcionamento dos dons de Pavel. Depois, em 1968, uma coisa "maravilhosa" aconteceu a Stepanek.

- Eu estava tão emocionado quando cheguei em casa que entrei correndo e gritei: "Faça minhas malas, mamãe! Vou para os Estados Unidos!" Meus pais ficaram realmente surpresos. Eles nunca imaginaram que as experiências científicas que eu estava fazendo me proporcionariam, um

dia, uma viagem à América. Era uma experiência maravilhosa.

"De certas maneiras acho que me diverti mais em minhas viagens porque fui como médium. A coisa começou antes mesmo que eu saísse de Praga pela primeira vez, quando fui à Embaixada Norte-Americana para visar o passaporte. "Qual é a finalidade da sua viagem?" perguntaram eles. Eu respondi. Seguiu-se um longa pausa.

"Viajei por mar e encontrei uma porção de gente diferente. Passei um dia em Nova Iorque. Nos Estados Unidos o que mais me impressionou foram às luzes, - disse Pavel. - Tudo ali fica iluminado à noite inteira. Aqui não temos nada parecido. Era muito bonito. Enquanto eu estava em Virgínia, na Universidade, tomei um ônibus Greyhound para ir à Carolina do Norte visitar a Fundação do Dr. Rhine."

Turista entusiasta, Pavel se impressiona favoravelmente e gosta de lembrar-se do Times Square, das Lojas Bloomingdale, da casa do Presidente Jefferson em Charlottesville, da música popular e das pessoas que conheceu - a terceira geração de tchecos que vive em Virgínia, e vários luminares da parapsicologia.

Ryzl esperava poder dar aos seus voluntários um sexto sentido que lhes transformasse a vida. Stepanek aferrou-se as carta e com elas ficou. Indiretamente, porém, e talvez de um modo menos desconcertaste, a ESP que Ryzl conferiu a Pavel lhe transformou a vida. Na primavera de 1969, Pavel atravessou pela terceira vez a Europa a fim de passar um mês nos Estados Unidos. Na biblioteca da universidade em que trabalha como escriturário, é a única pessoa que já viu os Estados Unidos. O próprio Ryzl nunca tinha visitado o Ocidente antes de sair definitivamente da sua terra.

- Viram o meu filme? - perguntou-nos Stepanek, referindo-se a um filme que fizera com o Dr. Pratt, adivinhando cartas. - Ouvi dizer que foi exibido na Conferência de Parapsicologia de Moscou. - Dissemos que ele estava muito bem no filme. - Nunca imaginei que ainda seria artista de cinema. Principalmente em Moscou! - ajuntou ele a rir.

É manifesto que Stepanek se diverte francamente com a sua fama, que desabrocha, como alguém se divertiria aquecendo-se ao Sol no seu pátio, sem qualquer sinal de ufania.

Que pensam os amigos de Stepanek das suas aventuras psíquicas? - Converso, às vezes, sobre isso com a pessoa que me falou a respeito do Dr. Ryzl, mas todos os meus velhos amigos estão casados. Têm as suas preocupações. É diferente para uma pessoa sozinha no mundo, como eu... Em Praga, ninguém sabe da minha ESP.

Em seus inúmeros testes com o Dr. Pratt, a ESP de Pavel transferiu-se da simples adivinhação de cartas para um fenômeno muito mais obscuro e, no entender de alguns, muito mais importante. (274-353-355-350) Pratt está na pista do "efeito de focalização", a capacidade manifestada por Pavel de relacionar-se clarividentemente com cartas favorecidas, de saber, aparentemente, quando elas são apresentadas, por melhor que estejam embrulhadas. Pratt descobriu não só que Pavel tinha as suas cartas favoritas, mas que também estava começando a focalizar envelopes, muito embora não existissem indícios visuais, físicos, nenhuma diferença em relação aos outros. Esses envelopes eram colocados no interior de outros invólucros. Mesmo assim, Pavel conseguia focalizar os favoritos. Por fim, até os

invólucros começaram a ser objeto de focalização, e foram colocados em sobrecapas. Nos últimos testes, apresentaram-se a Pavel pacotes que continham a carta, o envelope, o invólucro e a sobrecapa, um dentro de outro.

É evidente que se faz mister um grupo de experimentadores e cálculos de computadores para identificar as árvores no meio dessa floresta de estatísticas, sendo as árvores qualquer um desses quatro elementos que Pavel focaliza na ocasião.

A focalização é um novo descobrimento. Em que consiste? Na opinião de Ryzl, Pavel talvez deixe uma espécie de marca psíquica em cartas adivinhadas, que reconhece mais tarde através da clarividência. Alguns pesquisadores acham que Pavel, como todos os outros adivinhadores de cartas, está profundamente entediado mas, em lugar de mandar a clarividência às favas, inventa inconscientemente o que fazer. Depois de anos de pesquisa sobre a focalização de Pavel, o Dr. Pratt entende que ela talvez seja uma pista para algum desconhecido "campo de psi".

Haverá um campo de psi em torno dos objetos e das pessoas? Será uma peculiaridade qualquer dos campos de psi que permite aos médiuns sintonizar alguns objetos e outros não?A psicometria supõe um campo nessas condições: um médium que esteja segurando um medalhão antigo, uma caneta, ou qualquer objeto que pertença a uma pessoa desconhecida poderá, de repente, sintonizar acontecimentos da vida dessa pessoa ou mesmo as histórias há muito encerradas de antigos donos de um velho objeto. Como se as coisas carregassem traços invisíveis de experiência, exatamente como parecem carregá-los as cartas favoritas de

Pavel. A focalização de Pavel, se algum dia for explicada, talvez ajude a decifrar muitas charadas da ESP.

Embora obscura e complicada, a focalização parece estar provando alguma coisa aos cientistas. Os estudos da ESF de Stepanek finalmente invadiram as publicações científicas pela primeira vez em vinte anos. Os pesquisadores estão começando a perguntar: "Será a ESP, afinal, cientificamente respeitável?" Quer se trate de adivinhar, quer se trate de focalizar, Pavel parece constituir uma prova que o mais ferrenho adepto do estabelecimento científico não poderá ignorar.

Com a sua singular ESP, Pavel é um médium importante. Continuou identificando cartas, através da clarividência, por mais tempo do que qualquer outro. Proporcionou aos parapsicologistas uma prova contemporânea positiva. Nisso talvez se encontrem os elementos de uma história arquetípica. O homem tímido, despretencioso, com o seu dom singelo, bate à porta do castelo inexpugnável. Tudo indica que as portas do estabelecimento científico, que nunca se abriram para os seus colegas mais espalhafatosos, hoje se abrem para Pavel Stepanek. Só por esse fato ele merece um lugar na história da pesquisa psíquica. E os próprios cientistas concordam em que isso não poderia acontecer a uma pessoa mais simpática.

26

CONTROLE ASTROLÓGICO DA NATALIDADE

A Lua cheia a brilhar como uma abóbora vazia iluminada por dentro, acima do topo das árvores; o frio crescente da Lua cavalgando em companhia das estrelas; a Lua invisível mas real, girando e movendo-se ao ritmo dos mares, das árvores, das ostras e talvez de todos nós. A Tchecoslováquia tem um centro científico, cheio de computadores, volumes de dados matemáticos, minuciosas informações médicas, que se preocupa muitíssimo com a Lua e os planetas. Mas não há, à vista nenhum astronauta e nenhum modelo de cápsula espacial. Os cientistas desse centro são ginecologistas e psiquiatras.

Dirigidos pelo Dr. Eugen Jonas, esses doutores estão tentando eliminar uma grande quantidade de sofrimento aqui mesmo na Terra. Para consegui-lo, dão "receitas" baseadas na posição da Lua, do Sol e dos planetas; em outras palavras, esses médicos tchecos estão usando a astrologia. Os seus conselhos astrológicos provém do Centro de Pesquisas Astra de Paternidade Planejada, em Nitra, fundado no ano de 1968 pelo governo tcheco. (1-125-220) O Doutor Jonas lutou por mais de um decênio para poder apresentar os seus importantes descobrimentos no campo da astrologia médica. Era uma coisa pela qual valia a pena lutar.

O Centro Astra da Tchecoslováquia acredita haver encontrado um meio de:

*Assegurar o controle seguro e fidedigno da natalidade sem pílulas, sem anticoncepcionais, sem operações;

*Ajudar muitas mulheres, aparentemente estéreis, a se tornarem férteis;

*Ajudar mulheres que não têm tido senão desmanchos e abortos a ter partos normais;

* Ajudar a assegurar a saúde dos bebês, eliminando as falhas do parto e o retardamento mental;

* Permitir aos pais a escolha do sexo dos filhos.

Trata-se, por certo, de uma pretensão considerável, mas os tchecos parecem estar a par dessa maneira extraordinária de resolver uma série de problemas trágicos. O Dr. Jonas, psiquiatra, não é um quiromante irresponsável. Franzino, dono de um sorriso gentil, dá sempre a impressão de ter velado até tarde, durante muito tempo, entregue aos seus cálculos. Conferências internacionais pediram a Jonas que apresentasse algumas das suas conclusões, obtidas com tanto esforço - a Conferência sobre Biorritmos, em Praga, patrocinada pela Academia de Ciências da Tchecoslováquia, a Conferência de Bruxelas acerca da Influência dos Planetas sobre o Homem, em 1968. A Sociedade Internacional de Paternidade Planejada está estudando, com a UNESCO, o trabalho de Jonas. O Instituto Max Planck de Heidelberg pediu para ver as suas conclusões estatísticas. (62) O acadêmico Petrov Maslaskov, do Instituto de Ginecologia de Leningrado lidera os estudos do descobrimento de Jonas na Rússia. Preclaros cientistas de várias especialidades da Tchecoslováquia e da Hungria, que se deram ao trabalho de examinar-lhe a pesquisa, advogam-lhe a causa. O controle da natalidade através da astrologia parece funcionar.

Originário da Eslováquia, perto da fronteira húngara, o Dr. Jonas encetou a sua luta em 1956. A Hungria promulgou uma lei que legaliza o aborto. Jonas, que era então um jovem médico psiquiatra, pôs-se a imaginar: "Não haverá um meio menos traumático de estabelecer o controle da natalidade?" Notara, em sua clínica, que mulheres de elevada sensibilidade nervosa pareciam experimentar um ciclo

recorrente de exacerbação do desejo sexual. Esse ponto culminante chegava em dias diferentes para mulheres diferentes. Mas recorria em todas elas, mais ou menos, de trinta em trinta dias. Pois esta a sua primeira pista.

Nas horas vagas, o Dr. Jonas estudara astronomia e astrologia. Sabia que a ciência constatara recentemente que a Lua influi nos seres humanos de várias maneiras, desde o aumento de incêndios premeditados em ocasiões de Lua cheia, até a diminuição do nascimento de crianças por ocasião de Lua nova. Também sabia que notáveis cientistas de outros séculos, de Hipócrates a Kepler e Leibniz, praticaram a astrologia. Os velhos astrólogos sempre sustentaram que os períodos de fertilidade têm relação com o crescer e o minguar da Lua. A relação, evidentemente, era mais complicada do que a idéia pura e simples de que o período de fertilidade das mulheres se limita a acompanhar as fases lunares.

Poderia Jonas encontrar alguma coisa nas veneráveis tabelas astrológicas que contribuísse para a luta moderna pelo controle da natalidade? Combinando as suas observações psiquiátricas e os dados sobre o nascimento de determinadas mulheres com os cálculos de astronomia e astrologia, enveredou por um emaranhado de cálculos. Descobriu uma coisa - uma configuração planetária, uma chave. Trata-se de um padrão individual que, basicamente, envolve a relação entre o Sol, a Lua e o nascimento de cada mulher. E Jonas chegou à conclusão de que, feito esse cálculo, se apuram os dias em que uma mulher é capaz de conceber, em todo o correr da sua vida. Se não mantiver relações sexuais nesses dias, não precisará mais preocupar-se com a possibilidade de uma gravidez intempestiva. Em

compensação, se quiser ter um filho, deverá aproveitar ao máximo os dias de fertilidade.

Jonas compilou os seus algarismos, tabelas, históricos e enviou a sua tese, pelo correio, à Academia de Ciências da Hungria e à Academia de Ciências da Tchecoslováquia.

"Não podemos ignorar as declarações do Doutor Donas, embora saibamos que a velha astrologia seguiu o caminho de todas as especulações", escreveu o Dr. Jirim Malcom, da Clínica Ginecológica de Praga, acusando o recebimento da tese. "O movimento das estrelas é um preciso indicador do tempo; usamo-lo para marcar o nosso tempo. Não está completamente fora de cogitação a hipótese de que ele influa também sobre o organismo humano. Se o Dr. Jonas deseja estudar as velhas experiências dos astrólogos e, estribado nelas, apresentar novas descobertas, pode fazê-lo."

Tudo certo. Donas tinha permissão das autoridades para prosseguir nas pesquisas e remeter-lhes as suas descobertas "em carta registrada". Muito bem, mas onde estava o apoio que possibilitaria a pesquisa, os grandes grupos de pacientes necessários aos testes de controle? Donas continuou por conta própria até que, em 1960, o Dr. Aurel Hudcovic o convidou para experimentar e provar as suas teorias na Clínica de Ginecologia de Bratislava.

Aqui, o descobrimento das boas novas do Dr. Donas começou a fazer muita gente feliz. Enfiadas de meninas ou meninos tendem a aparecer em algumas famílias. Muitos pais acabam com uma ninhada de sete meninos quando queriam apenas dois meninos e uma menina. "A astrologia permite aos pais escolher o sexo dos filhos", afirmava o Dr. Donas. Na Clínica de Bratislava ele fez os cálculos individuais para oitocentas mulheres que queriam ter

meninos. Noventa e cinco por cento ganharam o garoto encomendado! Pouco depois, uma comissão de ginecologistas perguntou-lhe: "O senhor não pode fazer a sua astrologia funcionar de trás para diante? Se lhe dissermos a data do ato sexual, não poderá dizer-nos qual era o sexo da criança?" Donas experimentou e, dessa feita, acertou em 87% das vezes. Testes mais recentes parecem indicar que os pais que estão usando o sistema de Jonas determinam o sexo do futuro filho em 98% das vezes. Dados científicos completos sobre o trabalho do Dr. Jonas com a sua astrologia médica estão incluídos em seu livro, Predeterminado o Sexo de uma Criança.

Era formidável poder ajudar os pais a terem a menina ou o menino que desejavam. Jonas, porém, sentiu-se perturbado por problemas muito mais difíceis e trágicos que se antolhavam aos pais. Estudando mais de cinco mil casos, descobriu que, excluindo os problemas hereditários, nasciam invariavelmente crianças mortas, deformadas ou retardadas quando a mulher concebia durante certas oposições do Sol e da Lua ou dos principais planetas em sua carta individual. "Mulheres nascidas durante a oposição do Sol e da Lua, ou seja, durante a Lua cheia, precisam tomar muito cuidado para não conceber quando há recorrência desse padrão. Elas correm um grande risco de ter bebês doentios, deformados."

O Doutor Donas contou a F. Rubro, do British Astrology Journal, o caso da Sra. V. Petrovis, de Nitra:

- Ela teve três filhos natimortos, um atrás do outro. Finalmente, conseguiu dar à luz um filho vivo, que nasceu deformado, três meses antes do prazo normal. Fizemos os cálculos a seu respeito e descobrimos algo insólito. Havia apenas quatro vezes durante o ano em que ela poderia

conceber um filho normal e saudável. Seguindo-os cuidadosamente, a Sra. Petrovis teve um filho inteiramente sadio, depois de nove meses normais de gravidez. A Sra. Petrovis é apenas um dentre inúmeros casos semelhantes.

Desejando eliminar muitos defeitos das crianças, Donas obteve autorização do Dr. Lubomir Hanzlicek, Diretor do Instituto de Pesquisas Psiquiátricas de Praga, para realizar estudos "cosmobiológicos" nas enfermarias.

Nesse meio tempo, o Dr. Kurt Rechnitz, professor universitário e ex-diretor da Clínica de Obstetrícia de Budapeste, na Hungria, ficou intrigado e empolgado com a afirmativa do Doutor Donas de que a astrologia poderia ser usada para um controle seguro da natalidade. Que maravilha seria se Jonas estivesse certo! Rechnitz mergulhou também na astrologia médica, cotejou mapas de mães, períodos de concepção e, finalmente, ampliou o sistema original. A título de experiência, fez os cálculos necessários e receitou o controle astrológico da natalidade a 120 mulheres que não queriam ter filhos. Nenhuma delas ficou grávida. O sistema Jonas-Rechnitz está sendo testado agora na Hungria e na Tchecoslováquia. (176)

Em meados da década de 1960, o Dr. Jonas possuía um volume impressionante de estatísticas e históricos de casos. A sua conta corrente bancária, entretanto, era muito menos impressionante. Ele gastara grande parte do próprio dinheiro comprando textos astrológicos raros. Viajara muitos países, conversando com ginecologistas, astrônomos, físicos e astrólogos, tentando reunir tudo o que lhe diziam.

- Um grande problema, - diz Jonas, - é que os ginecologistas não entendem de astronomia. Os astrônomos não têm a menor noção de obstetrícia, e todos acreditam que

a astrologia é a pior espécie de tolice supersticiosa que existe.

Dedicado, estudioso, Jonas sabia que precisaria do maior apoio possível para colocar os seus descobrimentos a serviço da humanidade. Reuniu as suas pesquisas e a sua coragem e solicitou ao Ministério da Saúde um laboratório e um salário. Os jornais da Eslováquia começaram a contar-lhe a história. A sua tiragem duplicou, triplicou. Uma escritora, Martina Janosovova, revelou que um simples artigo sobre Jonas, que escrevera para o jornal eslovaco Sloavenku, lhe valeu, pessoalmente, milhares e milhares de pedidos de ajuda. Um ano depois, a correspondência continuava chegando, como esta carta:

"Como se trata da minha felicidade, serei franca. Antes de casar, tive um aborto. Agora, depois de três anos de casamento, pareço estéril. Diz o médico que tanto eu quanto meu marido somos saudáveis. Decidi ter um filho a qualquer preço. Tentei até ser infiel para ver se ficava grávida, embora ame meu marido. A vida sem um filho não vale a pena ser vivida. Se a senhora pudesse ajudar-me..."

Outra mulher escreveu: "Em 1966, dei à luz um menino. Eu me sentia felicíssima. A felicidade, porém, não durou muito. O bebê morreu três meses depois. O sofrimento é ainda maior para mim porque parece que não consigo mais engravidar. Diga-me qual é o endereço do Dr. Jonas. Nós lhe ficaremos eternamente gratos."

"Ajude-nos", "Se ao menos...", "Por favor", "Nós lhe imploramos!" Súplicas inundaram a cadeia de rádio tcheca após a transmissão de um breve relato do trabalho experimental de Jonas. Mas na Clínica Psiquiátrica TBC, de

Sokolov, onde ele era médico-chefe, Jonas ouvia outros tipos de comentários.

- Você devia parar de tratar dos pacientes e começar a tratar-se, - disse-lhe um colega. - Não terá futuro se não desistir dessa astrologia.

Quando Jonas persistiu em solicitar apoio para uma pesquisa completa das suas descobertas, os colegas qualificaram-no de "pancada". A astrologia não poderia ter relação alguma com a medicina. Eles se uniram e não o deixaram fazer exames para alcançar novos graus em psiquiatria. Jonas pediu uma licença e foi para a Hungria.

Voltou com um documento assinado por uma junta médica húngara que lhe atestava a sanidade mental.

- Um pedaço de papel não prova que você está bom, - retrucaram os antigos colegas. - Pelo menos enquanto continuar lutando pelo seu descobrimento.

O governo estadual da Eslováquia enviou uma carta ao governo federal atestando a sanidade mental do Dr. Jonas. O Ministério da Saúde recomendou ao Dr. Jonas "que continuasse trabalhando" – mas nenhum apoio se anunciou. Um membro da Comissão Central do Partido Comunista tcheco interessou-se por ele. Examinou-lhe os relatórios, e em seguida interveio, solicitando-lhe prestar os exames mais adiantados. Jonas passou com distinção.

A despeito dos esforços de alguns colegas, Jonas e os seus descobrimentos pouco ortodoxos se tornavam conhecidos. O seu livro Predeterminando o Sexo de uma criança foi traduzido para seis idiomas. O seu trabalho de pesquisa recebeu atenção na Hungria, na Inglaterra e na Alemanha Ocidental. Os alemães até se ofereceram para dar-lhe um computador que lhe auxiliasse as pesquisas. Em seu

próprio país, dentro e fora da medicina, os cientistas foram-se juntando à sua volta. Finalmente, em 1968, o Ministério da Saúde da Tchecoslováquia fundou o Centro de Pesquisas Astra para a Paternidade Planejada, em Nitra. O diretor, Jonas, tinha, afinal, o pessoal e o aparelhamento com que tanto sonhara. (12) O governo autorizou o uso de questionários de jornal. Setecentas leitoras, só de dois jornais, enviaram informações detalhadas. Analisados, esses dados contribuíram para corroborar as idéias de Jonas. Em 1968, históricos de casos e uma descrição do sistema de Jonas foram apresentados pelo Dr. Zdenek Rejdak na revista Signal. (182)

Uma mulher que pediu ajuda a Astra depois de ler as notícias veiculadas pela imprensa, era uma obstara de Praga. Queria ter um menino. O instituto elaborou-lhe o mapa e calculou os dias que lhe assegurariam a concepção. Advertiu-a, no entanto, de que, mercê das inusitadas configurações da sua carta cósmica, não lhe seria fácil levar a gravidez a bom termo. Ela ignorou a advertência, engravidou e teve um mau sucesso. Tornou a escrever a Astra e perguntou quando, na opinião do instituto, lhe seria possível conceber um menino que viesse a nascer normalmente. O instituto mandou-lhe a informação. Ela voltou a abortar. Tentando compreender por que, o instituto procedeu a algumas investigações e a médica confessou que, na realidade, não seguira o plano que lhe fora prescrito. Afinal de contas, para ela, uma obstetra, tudo aquilo se afigurava inacreditável. Mas acabou decidindo experimentar mais uma vez, com a ajuda da Astro.

Hipócrates, o "Pai da Medicina", teria dito:

"O homem que não compreende astrologia deve ser chamado de tolo e não de médico." É pouco provável que o descobrimento de Jonas venha a transformar o médico da família em astrólogo, mas os obstetras talvez compreendam que há mais variáveis para ponderar em relação às suas pacientes do que até agora supunham.

Em Nitra, no centro de pesquisas de Jonas, estão sendo realizados grandes testes controlados. Fizeram-se cálculos astrológicos para voluntários: um grupo concordou em manter relações apenas nos dias que se supõem inférteis, e o outro apenas nos dias que se predizem férteis. Jonas acredita que, daqui a um ano, essa experiência demonstrará a validade das suas idéias sobre o controle astrológico da natalidade e do seu sistema para escolher o sexo da criança, ou será o fim de tudo. Outras experiências, com uma duração programada de dais anos, estão sendo levadas a efeito na Alemanha.

Os indivíduos podem pedir ajuda a Astro. Indicam a data, o lugar e, se possível, a hora do nascimento e recebem "cosmogramas". Os mais simples são os que se destinam ao controle da natalidade. Os que visam a ajudar mulheres que já tiveram filhos natimortos, maus sucessos ou filhos defeituosos requerera cálculos muito mais complexos. Com a ajuda dos computadores, a Astro afirma ter fornecido cosmogramas corretos de controle de natalidade em 100 % dos casos e trabalhos igualmente corretos em 98% dos outros casos.

Por que a posição da Lua, do Sol e talvez dos principais planetas por ocasião do nascimento de uma mulher lhe afeta, mais tarde, os próprios partos? Ninguém sabe. Os cientistas fazem conjeturas em torno dos efeitos da radiação sobre as

células, ou da imposição de algum padrão ou ritmo, ou da idéia de que, de uma forma ou de outra, nos encontramos em relação dinâmica com tudo o que existe no universo. (42) Diz o Dr. Rechnitz, da Hungria, que as fases da Lua talvez provoquem tensões no sistema nervoso e afetem os hormônios da mulher.

- Não admira, - afirma o obstetra Rechnitz, - que essa relação com a Lua fosse observada por um psiquiatra e não por um obstetra. - E prossegue: - O Professor Pfaff, de Erlangen, na Alemanha, foi o último mestre de astrologia; a partir de então, essa área se viu completamente dominada por charlatães, o que é um pecado, pois, como o demonstraram os descobrimentos de Donas, as suas leis deveriam ter sido investigadas até as raízes.

A cosmobiologia é uma ciência nova, que está começando na Europa e nos Estados Unidos. É possível que, um dia, ela responda aos "porquês" da descoberta de Donas. Mas o que precisamos efetivamente saber no momento é se o sistema da Astro funciona. Em caso afirmativo, como o indicam os primeiros indícios, esses cálculos maravilhosos podem ser postos imediatamente a trabalhar.

A astrologia médica do Dr. Jonas é uma boa noticia em todos os sentidos. À diferença da maioria dos descobrimentos científicos modernos, parece não haver nenhum lado escuro associado a ela. Que maravilhoso benefício seria só na área do controle da natalidade! Os tchecos afirmam tratar-se de um método 98% eficaz - tão bom quanto "a pílula" (62) Não há efeitos colaterais, não há náuseas, não há dores de cabeça, não há tensão nervosa, não há aumento de peso, não há preocupações sobre possíveis efeitos sérios em longo prazo. Como também não há

despesas adicionais para fazer todos os meses. É mais eficaz do que os dispositivos anticoncepcionais. E é, sem dúvida, para a mulher, um recurso muito mais fácil do que o aborto, com todos os seus riscos.

O controle da natalidade por intermédio da astrologia talvez fosse a resposta para os católicos confusos e amargurados de hoje (126) Se papa sanciona o método do ritmo, tecnologicamente valido mas altamente ineficaz, será difícil admitir que ele impugne o sistema da astrologia.

Mas o sistema da Astra não é apenas uma boa notícia para as pessoas que querem evitar filhos não desejados. É um descobrimento igualmente feliz para as pessoas que desejam filhos, cujo sexo poderá ser escolhido pelos próprios pais, se o quiserem. (122) No dizer dos entendidos, as mulheres infecundas podem ser ajudadas, evitando-se, em grande parte, o terrível sofrimento dos filhos que nascem mortos ou dos maus sucessos.

- As crianças não virão ao mundo deformadas, o retardamento mental será consideravelmente reduzido, se as teorias de Jonas continuarem ser corroboradas pelos fatos e forem aplicadas. (62)

Como poderá alguém negar-se a experimentar um sistema, por menos ortodoxo que seja, se esse sistema promete aliviar o sofrimento e a dor de crianças? E ninguém se arrisca à coisa alguma experimentando a astrologia médica de Donas. A compreensão desse tipo de astrologia também poderá ser um consolo para pais torturados por esta pergunta: "Por que meu filho é retardado? Que foi o que fizemos?" Em todas as direções, o descobrimento do Dr. Jonas aparece como um benefício positivo. Referindo-se a ele, num artigo escrito no jornal tcheco Pravda, um

conterrâneo de Donas afirmou: "Para quem gosta de crianças - esta será à base de uma existência feliz".

A luta de Jonas no sentido de por a astrologia a funcionar em benefício da humanidade numa base sólida parece ter valido a pena. Instigados pelo seu êxito, cientistas da Tchecoslováquia e da Hungria começaram a olhar para a astrologia - ou, como ela é agora freqüentemente chamada, a astrobiologia - a fim de verificar se ela pode favorecer outras áreas da medicina, (25-245) a ciências e as relações humanas. (174)

Estão sendo levadas atualmente a cabo testes maciços para averiguar, de uma vez por todas, se os surpreendentes descobrimentos do Dr. Eugen Jonas são realmente autênticos. Esperamos que o leitor ainda ouça falar muito nele nos próximos anos.

27

O PODER DAS PIRÂMIDES E A CHARADA DAS LÂMINAS DE BARBEAR

Durante uns cinco mil anos os homens têm feito toda a sorte de conjeturas sobre o significado das Grandes Pirâmides do Egito - uma das sete maravilhas do mundo e uma das mais estranhas obras de arquitetura que existem. Qual era a finalidade dessa estrutura, o maior edifício construído pelo homem sobre a Terra? Imagina-se que fosse um túmulo para o Rei Quéops, mas nele não se encontraram os seus restos. De acordo com o médium norte-americano

Edgar Cayce, a construção e a técnica verdadeiras da pirâmide foram obra de Hermes, descendente de Hermes Trimegisto. (366) A Grande Pirâmide, que se ergue no deserto, perto do Cairo, cobre treze acres, mede mil jardas ao redor da base, e foi construída com imensos blocos de pedra calcárea que pesam cinqüenta e quatro toneladas cada um. Não obstante, essas pedras foram erguidas, colocadas na pirâmide e ajustadas com um rigor de meio milímetro, como um rubi num relógio de precisão.

E há outro fato assombroso no que concerne à pirâmide: a patente tcheca de número 91.304 foi concedida em Praga com base num modelo da Pirâmide de Quéops. Dada a atual escassez de faraós, os tchecos versaram em utilizar a pirâmide em outra coisa.

Em Praga, enquanto visitávamos alguns amigos, notamos um modelinho de papelão da Grande Pirâmide colocado no topo de uma estante de livros, a mesma espécie de pirâmide cuja imagem se encontra estampada na nota norte-americana de um dólar. Dentro havia uma lâmina de barbear equilibrada sobre uma caixa de fósforos. Finalmente, vencidas pela curiosidade, perguntamos o que era aquilo.

- Gostariam de conhecer um dos segredos das pirâmides? - perguntaram os nossos hospedeiros, com largos sorrisos.

- Naturalmente.

- Pois muito bem, - começaram eles, - um dos segredos da pirâmide é a forma!

Lembramo-nos vagamente de que Edgar Cayce havia dito que os segredos da pirâmide estão escritos na linguagem da matemática, da geometria e da astronomia, assim como na simbologia dos tipos de pedra utilizados. Cayce sustentava que, para os que soubessem lê-la, a Grande Pirâmide era o

registro, escrito na pedra, da história e do desenvolvimento do homem desde os tempos primitivos até 1998.

- Mas que é o que faz a forma da pirâmide? - perguntamos.

- Gera energia, - respondeu o tcheco com expressão sisuda.

Seria aquilo uma brincadeira? Se não era, como se dava que os tchecos estivessem tão familiarizados com os "segredos das pirâmides"? Eles nos contaram. Há alguns anos, um francês, Monsieur Bovis, visitara a Grande Pirâmide do Egito. Uma terça parte da estrutura é a câmara do faraó. Cansado e afogueado, Bovis entrou. O ar pareceu-lhe insolitamente úmido. Mas havia outra coisa no recinto que o surpreendeu, uma coisa que não tinha conexão alguma com os faraós. Havia latas de lixo na câmara cheias de gatos e outros animaizinhos que se tinham perdido no interior da pirâmide e ali haviam morrido. "Há o que quer que seja de estranho nesses animais", disse Bovis entre si. "Eles não exalam o menor cheiro de podridão." Os animais estavam desidratados, mumificados, apesar da umidade. Aquilo lhe pareceu singularíssimo.

"Dar-se-ia", perguntou a si mesmo, "que a simples forma da pirâmide garantisse a preservação do cadáver do faraó no caso de falhar o complicado embalsamamento?" Observou que a relação entre as dimensões e as posições da base estavam certas com uma precisão de 5 segundos de grau nos eixos norte-sul, este-oeste - o edifício mais acuradamente orientado que a ciência da engenharia já conheceu. "Isto não pode ter sido por acaso", concluiu.

Bovis fez um modelo da pirâmide de Quéops, com uma base aproximada de uma jarda de comprimento. Orientou o

seu modelo corretamente no sentido do eixo norte-sul e, numa terça parte da estrutura, colocou um gato morto. Passado algum tempo, o gato mumificou-se. aos poucos, ele experimentou colocar tipos diferentes de matéria orgânica debaixo da pirâmide, principalmente matéria orgânica que apodrecia depressa. Escorado nessas experiências, concluiu que deveria haver alguma coisa na pirâmide que impede a decomposição e provoca uma rápida desidratação. (181)

Publicados, os relatos da pesquisa de Bovis chamaram a atenção do Senhor Karel Drbal, engenheiro de rádio de Praga, pioneiro do rádio e da televisão na Tchecoslováquia. "Por que teria a pirâmide esse efeito de mumificar a matéria orgânica?" matutou ele.

O próprio Drbal realizou diversas experiências com modelinhos da pirâmide de Quéops e concluiu:

- Existe uma relação entre a forma do espaço no interior da pirâmide e os processos físicos, químicos e biológicos que se verificam no interior desse espaço. Utilizando formas adequadas, talvez possamos acelerar ou retardar determinados processos.

O fato já tinha sido descoberto por uma firma francesa, que patenteou um recipiente, dotado de uma forma especial, para fazer iogurte. A forma ativava o processo.

As mundialmente famosas cervejarias da Tchecoslováquia, que deram origem às cervejas Pilsner e Budweiser, também sabiam que a forma do recipiente pode afetar o conteúdo. Uma cervejaria de Praga tentara adotar barris angulosos e chegara à conclusão de que a qualidade da sua cerveja desmerecia, sem embargo de haver usado os mesmos métodos de fabricação empregados com os barris redondos.

Algum tempo depois, o Sr. Drbal se lembrou de uma velha brincadeira que alguns amigos no exército costumavam fazer quando queriam mexer um com o outro. Na época em que Drbal estava de serviço, os soldados ainda usavam navalhas. Se alguém quisesse deixar um companheiro feito uma fera, bastava colocar-lhe a navalha no parapeito da janela, à noite, de modo que sobre ela incidisse a luz da Lua cheia. A navalha perdia o fio. Sabemos agora, contaram os tchecos, que a luz polarizada da Lua exerce um efeito desfavorável sobre o corte da lâmina, uma vez que a luz polarizada só vibra numa direção.

Mas não existe luz polarizada debaixo da pirâmide. Entretanto, perguntou Drbal aos seus botões, poderia a própria forma acumular ondas eletromagnéticas, raios cósmicos, ou quaisquer outras ondas de alguma energia desconhecida que existisse o tempo todo à nossa volta? A energia que se acumula na pirâmide pode ser a base do seu efeito sobre processos físicos, químicos e biológicos.

O fio de uma lâmina de barbear tem uma estrutura de cristal "viva". Depois de usada, o gume se deforma, mas a deformação não é necessariamente permanente. Alguns materiais são capazes de voltar à forma original após algum tempo, mesmo em sua estrutura de cristal. Teoricamente, calculou Drbal, se a lâmina for de aço muito bom, não estiver mecanicamente avariada e não for usada durante algum tempo, poderá recuperar o corte original.

Drbal usou uma lâmina Zenith nova cinco vezes. Colocou-a debaixo do modelo da pirâmide. Em seguida usou-a mais três vezes. Ela não perdeu o fio. Ele continuou a guardá-la na pirâmide nos intervalos das barbeaduras e surpreendeu-se ao verificar que poderia barbear-se mais de

cinqüenta vezes com a mesma lâmina. Iniciou uma longa série de testes com as lâminas e as pirâmides e descobriu que conseguia barbear-se coar algumas até duzentas vezes.

Concluiu que o meio no interior da pirâmide faz que os cristais da lâmina voltem à forma original mais depressa, de modo que a lâmina recupera o fio.(192)

Não tardou que fosse lançada a pirâmide de Quéops de papelão como afiador de lâminas de barbear!

- Isso aconteceu na década de 1950, quando não conseguíamos comprar lâminas importadas, de modo que o afiador realizou verdadeiros milagres com as nossas lâminas, de qualidade bem inferior, - pilheriaram os tchecos.

Logo depois as notícias do afiador de lâminas de barbear chegaram à Rússia e os soldados soviéticos começaram a erguer pirâmides em suas barracas. Conseguir uma lâmina de barbear decente naquele tempo na URSS era tão difícil que se tornara uma queixa constante dos jornais e revistas satíricas soviéticas. (No entender de alguns russos, isso ainda constitui problema.)

- Por que você não patenteia a pirâmide? - sugeriram os amigos de Drbal.

Este entrou em contato com o registro de patentes, que, diz ele, "não se escandaliza com facilidade, pois está sempre vendo 'máquinas de moto perpétuo' ".

Mas o registro preocupou-se com a nova patente. Os seus funcionários corresponderam-se com Drbal durante semanas a fio. Entretanto, que poderiam fazer se as lâminas ficavam realmente afiadas? Finalmente, o engenheiro-chefe do registro de patentes construiu pessoalmente um modelo da pirâmide. Obteve os mesmos resultados obtidos por Drbal e

por todos os outros que experimentaram a pirâmide: esta funcionou.

Em 1959, o registro de patentes da República da Tchecoslováquia expediu uma patente sob o número 91 304 ao Afiador de Lâminas de Barbear Pirâmide de Quéops, de Karel Drbal, de Praga. Pouco tempo depois, uma fábrica tcheca principiou a fabricar pirâmides de papelão em miniatura, que se venderam por algum tempo no mercado. Hoje se fazem e vendem pirâmides de plástico.

Em Praga conhecemos Karel Drbal, homem franzino, de rosto anguloso, agora com sessenta e tantos anos, que vive da sua aposentadoria. Encantador e urbano, explicou, um excelente francês, que nascera em Viena, onde o pai trabalhara por algum tempo. Mais tarde, trabalhara em Paris durante sete anos. Além de ser engenheiro e pianista, Drbal se interessara pela parapsicologia e fora investigador ativo.

- Que espécie de energia poderia fazer que a carne se mumificasse e as lâminas de barbear se aguçassem na pirâmide? - perguntamos.

Ele falou-nos sobre a obra do Abade Moreux, A Misteriosa Ciência dos Faraós, e mostrou-nos um livro que adquirira em Paris, muitos anos antes, chamado Ondas des Formes (Ondas das Formas) de L. Turenne, engenheiro e antigo professor de rádio. Várias formas, assegura Turenne - esferas, pirâmides, semi-esferas, quadrados - atuam como tipos diferentes de ressonadores da energia do cosmo, do Sol, e de toda a energia que nos cerca. Assim como a forma especial do violino confere tom e qualidade a um arco que toca uma corda, assim, aparentemente, a forma especial da pirâmide é uma cavidade ressonante para os cristais "vivos" da lâmina de barbear.

- Que efeito exercem as diferentes formas sobre os seres humanos? Afinal de contas, passamos a maior parte da nossa vida dentro de edifícios em forma de caixas ou em automóveis com tetos semi-esféricos ou oblongos.

- Algumas são muito saudáveis para os seres humanos, - explicou-nos Drbal. - A forma esférica, por exemplo, tem um bom efeito. A piramidal também. Acreditam certos pesquisadores que, se os hospitais fossem construídos dessa forma, os doentes sarariam mais depressa. Uma semi-esfera, por outro lado, exerce um efeito danoso sobre o organismo.

Ao que tudo indica, os notáveis domos geodésicos de Buckminster Fuller seriam ambientes sumamente saudáveis. Em Saskatchewan, no Canadá, arquitetos criaram salas trapezoidais e corredores fora do comum num hospital para esquizofrênicos e descobriram que o novo ambiente lhes era benéfico. Entretanto, ninguém aqui já pensou em função de alguma energia que fosse canalizada pelas formas.

- E uma teoria difícil de explicar e ainda não temos todas as respostas.

Os tchecos estão-se divertindo à grande com a sua pirâmide afiadora de lâminas de barbear. Mas atrás da brincadeira e dos jogos há questões que intrigam alguns cientistas. Afinal de contas, que é o que acontece debaixo da pirâmide?

Ficamos sabendo que cientistas da Universidade Carlos estavam estudando a força da pirâmide capaz de mumificar a carne. Nos capítulos sobre o descobrimento de Kirlian, mencionamos o fato de que os curadores psíquicos manifestaram a capacidade de mumificar a carne, num curto lapso de tempo, com uma espécie de força "X", que parecia fluir-lhes das mãos. O fenômeno atraiu a atenção de muitos

cientistas do mundo inteiro, como o Dr. Pedro Kapitsa na Rússia, o Dr. Jacques Errera na Bélgica, o Dr. Douglas Dean do Newark College of Engineering. Terá, porventura, a energia contida na pirâmide alguma relação com a energia projetada pelos curadores, que também mumifica a carne? Será semelhante a um fenômeno magnético? Terá alguma relação com o PK?

Mais tarde, nos Laboratórios Delawarr, na Inglaterra, vimos que é possível, com uma nova instrumentação complicada, registrar graficamente os modelos das frentes de ondas dos sons. Certas combinações de som apresentam formas geométricas precisas. O acorde final, por exemplo, do "Coro da Aleluia" de Handel - cinco notas que compreendem cinco freqüências diferentes - têm frentes de ondas que, sobrepostas, formam uma estrela geométrica de cinco pontas. Que é o que temos de aprender ainda no tocante à forma e às proporções? Serão realmente todas as formas do nosso mundo o resultado de combinações de vibrações de várias freqüências, como sugere o físico norte-americano Charles A. Muses? (369)

Alguns norte-americanos ventilaram a hipótese de que a forma piramidal é uma espécie de lente gigantesca capaz de focalizar um tipo qualquer de energia desconhecida. (162) Em óptica, como parece acontecer com a pirâmide, à forma é importantíssima. Outros notaram a semelhança entre a forma da pirâmide e a de certos cristais - é o caso, por exemplo, do cristal de magnetita (pedra-ímã), que lembra duas pirâmides unidas pela base, e sugeriram que a energia da pirâmide talvez tenha relação com o fenômeno magnético.

Voltamos ao engenheiro Drbal e à forma piramidal. Que outras utilidades poderia ter ela?

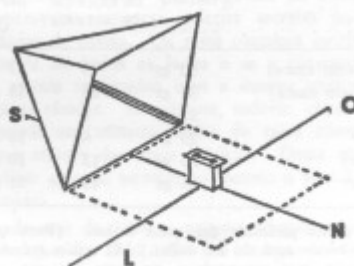
- Muitas outras utilidades estão para ser descobertas, mas uma coisa em que estive pensando ultimamente é o formato dos chapéus, - disse ele com um sorriso. - Por que são cônicos os chapéus tradicionais das bruxas? Pensem na forma inusitada dos barretes usados em muitas cerimônias religiosas. Talvez houvesse uma razão para elas. Comecei a fazer experiências com chapéus piramidais. Quem os experimentou afirma que eles aliviam as dores de cabeça. E quando não as aliviam, as pessoas pelo menos se divertem à grande. Está claro que cada chapéu tem de ser feito especificamente para cada pessoa, - rematou ele.

E é bem possível que, dentro em pouco, surja uma patente do seu "Chapéu Mágico".

Funciona realmente a pirâmide como afiador de lâminas de barbear? Uma das primeiras coisas que fizemos ao voltar para casa foi construir modelos de papelão da pirâmide de Quéops. Pouco depois, os nossos amigos também se puseram a construí-las. Podemos atestar que as lâminas de barbear voltavam a afiar-se e permaneciam afiadas quando conservadas nas pirâmides entre uma barba e outra. Obtivemos os melhores resultados com lâminas Gillette azuis comuns. A coisa parece funcionar menos bem com lâminas de aço inoxidável.

Como construir um afiador de lâminas de barbear do tipo da pirâmide de Quéops. Cada lado é um triângulo isósceles de lados iguais de 22,54 cm. A base tem 23,81 cm. A pirâmide pronta terá 15,24 cm de altura.

(Veja à página 390 as dimensões das pirâmides maiores.)

A. Coloque a pirâmide segundo o eixo magnético Norte-Sul da Terra

B. A lâmina de barbear deverá ser posta no centro exato, sobre uma caixa de fósforos ou outra base que tenha exatamente 5,08 cm de altura.

Se o leitor quiser verificar pessoalmente como funciona a pirâmide (veja o diagrama), corte quatro triângulos de papelão grosso (não corrugado) com uma base de 23,81 cm e os dois lados de 22,54 cm. Junte os lados com fita adesiva de modo que a altura da pirâmide seja exatamente de 15,24 cm, medida desde o ápice.

Trace os contornos da base da pirâmide numa folha grande de papel. Trace duas linhas dividindo o quadrado em quatro quadrados iguais. Oriente com precisão a linha norte-sul com o auxílio de uma bússola. Coloque uma caixa vazia de fósforos ou uma base qualquer de 5,08 cm de altura (um terço da altura da pirâmide) no centro do eixo norte-sul. Ponha uma lâmina de barbear que tenha sido usada várias vezes sobre o eixo norte-sul, em cima da caixa de fósforos. Os fios da lâmina deverão estar voltados para leste e oeste. Ajeite a pirâmide sobre a lâmina de modo que o ápice fique diretamente acima dela. Use o modelo traçado no papel debaixo dela como orientação. A pirâmide e a lâmina

precisam estar situadas exatamente no eixo norte-sul; a não ser assim, o efeito de afiação não funciona direito.

A pirâmide não deve ser colocada sobre nenhum dispositivo elétrico. Deixe ficar a lâmina usada debaixo da pirâmide uns seis dias, mais ou menos, antes de usá-la novamente. Depois disso, poderá usá-la todos os dias, se a conservar sempre na pirâmide entre as barbeações.

Ainda não tivemos tempo para verificar pessoalmente o poder mumificador da pirâmide, mas temos os resultados dos testes feitos pelo Sr. Jean Martial.

OBJETO	PESO INICIAL	DIAS NA PIRÂMIDE DE 15,24 CM DE ALTURA	PESO DEPOIS	DESIDRATAÇÃO**
Ovo de galinha (com casca)	52 gr	43	17 gr	66%
Ovo de galinha (sem casca)	33 gr	19	15 gr	53%
Bucho de vitela	33 gr	9	10 gr	70%
Bofe de carneiro	23 gr	6	10 gr	50%
Peixe (sem limpar)	35 gr	13	10 gr	71%
Miolo de carneiro*	93 gr	49	33 gr	75%

* Colocado numa pirâmide dez vezes maior. (Para quantidades maiores de carne, a pirâmide terá de ser maior.) O miolo (cérebro) se decompõe com muita facilidade, mas em nenhum momento em que esteve debaixo d- pirâmide apresentou indícios de decomposição, afirma o Sr. Martial.

** A quantidade média de desidratação da matéria orgânica na pirâmide foi de 66%.

* Colocado numa pirâmide dez vezes maior. (Para quantidades maiores de carne, a pirâmide terá de ser maior.) O miolo (cérebro) se decompõe com muita facilidade, mas em nenhum momento em que esteve debaixo da pirâmide apresentou indícios de decomposição, afirma o Sr. Martial.

* A quantidade média de desidratação da matéria orgânica na pirâmide foi de 66%.

Terão a pirâmide outras utilidades além da preservação dos alimentos e da afiação das lâminas de barbear? Poderá acelerar o crescimento das plantas, purificar a água? Terá a energia da pirâmide alguma relação com a força psíquica? Ainda não o sabemos.

Para os tchecos, existem duas espécies de geradores do que eles denominam "energia psicotrônica" - os geradores

cósmicos e os biológicos. Na sua opinião, a pirâmide é um gerador cósmico.

Os estudiosos da alquimia sustentam que os cientistas do antigo Egito codificaram informações na arquitetura das pirâmides, por entenderem que a arquitetura era uma forma mais permanente e ideal de comunicação para os iniciados da que a escrita. Dos seus estudos inferiram os pesquisadores da alquimia que há milhares de anos já eram conhecidos métodos secretos de liberação de energia.

Seja qual for à estranha energia associada à forma da pirâmide, o certo é que ela deixa perplexos os cientistas modernos e lançam em completa confusão as interpretações dos modernos equipamentos eletrônicos.

Na Universidade de Ein Shams, perto do Cairo, um grupo de cientistas, em 1968, pôs-se a trabalhar num projeto de um milhão de dólares para radiografar a Pirâmide de Quéfren em Gizé, perto do Cairo. Essa pirâmide, construída pelo irmão de Quéops, Quéfren, entre os anos de 2200 e 2700 a.C., ergue-se perto da Pirâmide de Quéops e é quase igual no tamanho.

Computadores e petrechos eletrônicos funcionaram durante vinte e quatro horas por dia, por mais de um ano, registrando em fita magnética o modelo de raios cósmicos que chegavam ao interior da pirâmide.

Os cientistas esperavam encontrar galerias secretas no interior dos 6 milhões de toneladas de massa. Os raios cósmicos incidem sobre a pirâmide uniformemente de todos os lados e se a construção fosse maciça, os citados raios seriam registrados com a mesma uniformidade por um detector colocado na câmara. Se existisse, todavia, câmaras secretas acima do detector, passaria um número maior de

raios cósmicos através das áreas ocas do que através das áreas maciças. Dessa maneira, poderiam o cientistas localizar galerias secretas ou mesmo o túmulo de Quéfren no Interior da pirâmide.

No começo do ano de 1969 o projeto atingiu o ponto culminante. O mais recente computador IBM 1130 foi entregue ao Centro de Computadores da Universidade de Ein Shams. Milhares de homem-horas foram gastas nas pesquisas e os cientistas fizeram centenas de rolos de gravações. Finalmente, em julho de 1969, o Dr. Amr Gohed, encarregado das instalações da pirâmide, deu uma notícia surpreendente ao jornal The Times, de Londres. Os cientistas haviam chegado a um impasse. Fosse o que fosse, o que estava acontecendo, disse o Dr. Amr Gohed, "desafiava todas as leis conhecidas da ciência e da eletrônica".

Um repórter de The Times, John Tunstall, tomou o primeiro avião para o Egito. Ficou observando enquanto o Dr. Gohed fazia passar uma das fitas gravadas na pirâmide pelo computador, que traçava no papel o modelo das partículas de raios cósmicos. Em seguida, o Dr. Gohed escolheu uma gravação feita no dia seguinte àquele em que tinha sido gravada a primeira fita e fê-la passar também através do computador. O modelo registrado era totalmente diverso.

- Uma coisa dessas é cientificamente impossível, - disse ele.

Mas estava acontecendo diante dos olhos dos cientistas. As primeiras gravações tinham despertado esperanças de um grande descobrimento de câmaras secretas ou túmulos. Agora, contudo, se verificava que as gravações não passavam de uma massa confusa de símbolos sem sentido.

- Terão sido todos esses conhecimentos científicos inutilizados por alguma força que transcende a compreensão do homem? - perguntou Tunstall.

Todas as medidas são dadas em centímetros.

Declarou a The Times o Dr. Gohed:

- Ou a geometria da pirâmide é um erro substancial, que seria capaz de afetar as nossas interpretações, ou existe aí um mistério indecifrável, que os senhores poderão chamar como quiserem: ocultismo, maldição dos faraós, feitiçaria ou magia. O fato é que existe uma força que desafia as leis da ciência e que opera na pirâmide.(413)

Tudo indica que os nossos cientistas modernos e todo o seu aparelhamento se viram rosto a rosto do mesmo fenômeno que os tchecos conhecem há muito tempo - o "poder da pirâmide". Foi essa misteriosa energia que os pesquisadores tchecos principiaram a estudar ainda mais.

TABELA DO TAMANHO DA PIRÂMIDE

ALTURA	BASE	LADOS
V 5	z 7,85	b7,47
10	15,70	14,94
15	23,56	22,41
20	31,41	29,89
25	39,27	37,36
30	47,12	44,83
35	54,97	52,31
40	62,83	59,78
45	70,58	67,25
50	78,54	74,73
55	86,39	82,20

60	94,24	89,67
65	102,10	97,14
70	109,95	104,62
75	117,81	112,09
80	125,66	119,56
85	133,51	127,04
90	141,37	134,51
95	149,22	141,98
100	157,08	149;46

Todas as medidas são dadas em centímetros.

28

GERADORES PSICOTRÔNICOS – MAQUINAS PSÍQUICAS?

O que vimos depois, ponto culminante da nossa estada na Tchecoslováquia, parece fantástico e é fantástico - mas pode ser autêntico. Deparou-se-nos uma galeria de objetos - polidos e brilhantes, ásperos e granulados, de aço, bronze, cobre, ferro, ouro - "geradores psicotrônicos", que fazem o impossível. Vimo-los apresentados num filme exibido pelos cientistas tchecos na Conferência Internacional de Parapsicologia em Moscou. Sopesamos os geradores psicotrônicos com as mãos. Nós mesmas operamos um deles.

Que são eles, afinal? A resposta não é fácil. Os tchecos começam por explicá-los da seguinte maneira:

- Os seres humanos e todos os seres vivos estão cheios de uma espécie de energia até recentemente desconhecida para a ciência ocidental.(186) Essa bio-energia, que nós denominamos energia psicotrônica, parece implícita no PK; pode ser à base da rabdomancia. Talvez se revele envolvida em todos os fatos psíquicos. Os geradores psicotrônicos a extraem de uma pessoa, acumulam-na e usam-na. Depois de carregados com a nossa energia, os geradores fazem algumas coisas que um médium é capaz de fazer.

Foi essa a primeira porta que abriram para nós e que dava para o mistério. Haveria corredores à nossa espera.

O gerador psicotrônico, ou gerador de Pavlita, como é chamado em homenagem ao seu inventor, nasceu, em parte, de antigos manuscritos e descobrimentos esquecidos, velhos conhecimentos combinados com a ciência moderna. Não é de hoje a idéia de uma bio-energia.

Diziam os antigos chineses que não somos uma coleção de peças a semelhança de uma maquina, senão uma central elétrica de insólita energia. Eles lhe chamavam Força da Vida ou Energia Vital. E acrescentavam que o Universo também está impregnado de Energia Vital, de modo que estamos assim ligados ao cosmo.

Os nossos vizinhos da Índia, os antigos hindus, falaram nessa força vital existente em nós, a que davam o nome de Prana. A Ioga moderna se baseia na idéia do Prana. Mas se a energia vital ou energia "X" é mais que um simples conceito filosófico, como se dá que ninguém no Ocidente a tenha encontrado?

- Encontrou, sim, - afiançam os tchecos. - Muitos "descobridores" provocaram uma comoção momentânea com a sua nova energia, mas foram esquecidos ou, quando

muito, relembrados como brilhantes maníacos, à proporção que a ciência ocidental corria para o seu grande florescimento tecnológico. A lista seguinte enumera os descobridores mais famosos. Mas houve muitos outros. Todos chegaram às suas descobertas por caminhos diferentes, todos deram a "ela" um nome diferente, mas o que mais surpreende é que concordam muito amiúde quanto às características da nossa suposta energia.

DESCOBRIDOR	NOME DA FORÇA
Antigos chineses	Energia vital
Antigos hindus	Prana
Polinésios de Huna	Mana
Renascença	
Paracelso	Munis
van Helmont	Magnale Magnum
Do século XVIII ao século XX	
Mesmer	Magnetismo animal
Reichenbach	Força ódica
Keely	Força motora
Blondlot	Raios-N
Radioestesistas	Força etérica -
L. E. Eeman	Força "X"
Medicina atual	Psicossomática [?]
Mundo comunista contemporâneo	
Cientistas soviéticos	Energia bioplasmática
Cientistas tchecos	Energia psicotrônica

Hoje em dia na União Soviética, grupos de cientistas puros estão estudando um novo descobrimento – Uma energia vital, até agora desconhecida, ligada aos seres vivos. Energia bioplasmática e o nome que lhe dão. Mas os russos têm uma grande vantagem a seu favor

Graças à descoberta de Kirlian (pormenorizadamente descrita nos capítulos 16, 17 e 18), a energia bioplasmática pode ser vista por qualquer pessoa em fotografia e microscópios eletrônicos. Pode ser cientificamente observada e estudada ao torvelinhar em rútilos clarões coloridos. Os cientistas do século XX, com os seus dispositivos rastreadores e registradores, arrancaram o antigo átomo grego do reino da filosofia e o trouxeram para o reino do real, convertendo-o numa energia prática. Pode ser que os soviéticos, começando com o aparelho de Kirlian, venham a

fazer o mesmo com a energia vital das antigas culturas. Ou talvez o façam os tchecos, com os seus geradores psicotrônicos. Eles também são responsáveis pela redescoberta.

Grisalho, já entrado na casa dos cinqüenta, Roberto Pavlita é um inventor e desenhista-chefe de uma grande indústria têxtil da Tchecoslováquia. Pessoalmente, é o tipo de homem de negócios, eficiente, que não perde tempo com bobagens. Durante trinta anos trabalhou particularmente em geradores psicotrônicos. Na sua opinião, eles governam essa recém-descoberta energia. Em meados da década de 1960, o nome de Pavlita chegou ao Ocidente no meio de uma confusão tremenda. "Homem de negócios tcheco é excelente médium de PK." Depois: "Pavlita não tem capacidade de PK". Mas, afinal, ele tem ou não tem? Para os que se achavam sentados nas salas de parapsicologia dos Estados Unidos não havia maneira de saber. A história que se desenrolou por detrás das notícias mostra como se gerou a confusão. Depois de trinta anos de experiências, Pavlita dirigiu-se à Universidade de Hradec Králové, a leste de Praga. Um eletrofisiologista, um físico e, por fim, todo o departamento de física realizou experiências com ele.

Os cientistas fizeram experiências com um dispositivo engenhado por Pavlita. No interior de uma caixa de metal hermeticamente fechada, um pregão dava voltas, acionado por um motor elétrico, que ficava embaixo. Sobre o pregão, os cientistas haviam equilibrado uma tira de cobre. Parecia uma letra T. A única outra coisa que havia dentro da caixa era um pequeno objeto metálico num canto, que não se achava ligado a coisa alguma. As revoluções da tira de

cobre, que não cessava de girar, eram registradas fotoeletricamente.

Enquanto os cientistas observavam, Pavlita mantinha-se a quase dois metros da engenhoca. Concentrado, tinha os olhos cravados nela. De repente, a tira de cobre se imobilizou, como se alguma coisa a estivesse detendo, imprimindo um movimento contrário ao pregão girante. Que poderia ser isso? Todo o aparelhinho estava magneticamente protegido.

Pavlita continuou a olhar. Os presentes observavam, muito atentos. Vagarosamente, a tira de cobre recomeçou a girar - mas desta vez na direção oposta. Dir-se-ia que uma força invisível no interior da caixa fechada a estivesse empurrando, fazendo-a rodar em sentido contrário ao do pregão a que estava presa. Durante dois anos os cientistas fizeram experiências com Pavlita.

"PK! Uma demonstração de PK, à prova de fraude", escreveu o jornalista britânico Theo Lang, que ouvira falar em Pavlita e voara para a Tchecoslováquia a fim de assistir a uma demonstração. (299) Os cientistas concordaram em que se tratava de uma demonstração à prova de alguma coita, mas do quê? Não conseguiam descobrir nenhuma força conhecida capaz de obrigar a tira de cobre a parar e a inverter o seu movimento enquanto Pavlita olhava para ela. Parece PK, mas não é - pelo menos não exatamente.

Pavlita assevera ser um tecnologista que opera uma forma de energia, ligando-a, desligando-a e dirigindo-a, como qualquer tecnologista dirige uma energia como a eletricidade. O pequeno dispositivo que não tem ligação com coisa alguma no interior da caixa fechada é um gerador psicotrônico. Enquanto Pavlita fica olhando, a sua bio-

energia, segundo se supõe, é transferida para o gerador, que a acumula e dirige. Acreditam os tchecos que muita gente poderia ter capacidade de PK dessa forma, com o gerador funcionando como intermediário.

O primeiro teste de "PK" de Pavlita era uma demonstração de que essa energia, cognominada vital ou psicotrônica, podia ser aproveitada e dirigida à vontade. Mas todos os seus descobridores afirmam que se trata de uma vasta energia universal. Os tchecos nos disseram, e tentaram mostrar-nos, que mesmo nesta fase do descobrimento eles podem fazer muito mais do que apenas imitar o PK.

A principal pergunta formulada por todos os ocidentais que deram com essa energia vital, ou psicotrônica, nos últimos quinhentos anos, resume-se no seguinte: que é o que ela faz?

Paracelso, alquimista e médico da Renascença, afirmava que essa energia se irradiava de uma pessoa para outra e podia atuar a distância. -° Ele a. acreditava capaz de purificar o corpo e restaurar a saúde, como também de envenenar o corpo e provocar a moléstia. O Dr. van Helmont, químico e médico flamengo do século XVII, cria que a energia facultava a uma pessoa afetar outra a distância. Para o famoso químico alemão, Barão von Reichenbach, era possível armazenar a energia e carregar com ela outras substâncias. Os praticantes polinésios de Huna, de que Reichenbach não tinha o menor conhecimento, concordavam em que a energia vital pode ser transferida dos seres humanos aos objetos.

Outros pesquisadores que, de tempos a tempos, se abalançavam a estudar essa energia humana de vez em quando redescoberta, diziam-na capaz até de mover objetos à

distância - em outras palavras, fazer o que faz o PK. Consoante a revista médica britânica Lancet de 30 de julho de 1921, o Dr. Charles Russ, membro do Real Colégio de Cirurgiões, mostrou ao Congresso Oftálmico de Oxford em 1921 que, dispondo de um aparelho apropriado, uma pessoa aciona um solenóide com o olhar. Houve outros médicos com dispositivos e idéias semelhantes, sobretudo na França. Um deles foi o Dr. Paul Joire, que desenhou um aparelho especial com uma agulha que girava, quando um ser humano o fitava ou ficava perto dele. Ele chamou à força desconhecida que causou a reação, "emanações de sistemas biológicos".

No correr dos anos, vários pesquisadores apareceram com "fatos" relacionados com essa energia supostamente inexistente. Ela podia ser refletida, refratada, polarizada e combinada com outras energias. Podia - afirmaram muitos - criar efeitos semelhantes ao magnetismo, à eletricidade, ao calor e às radiações luminosas, sem, no entanto, ser nada disso. Conduz mais devagar do que a eletricidade, mas constrói algo semelhante a uma carga eletrostática. Dizia-se que a estranha energia proveniente de seres humanos podia ser conduzida pelo papel, pela madeira, pela lã, pela seda e por muitas substâncias que são isolantes elétricos. E essa lendária energia, que fluía das pessoas, parecia estar ligada, de certo modo, às coisas psíquicas.(337)

Isto soa efetivamente coma o tenebroso enredo de um velho e místico filme de horror - os antigos segredos revividos. As esquivas sombras ocultistas, que parecem apegar-se automaticamente a uma idéia dessa natureza, talvez sejam uma das razões por que os nossos cientistas nunca levaram o assunto a sério. Mas os tchecos estão

dispostos a examinar fator. Depois de ouvir relatos de experiências com geradores psicotrônicos, o Comitê Central do Partido Comunista tcheco, há alguns anos, aprovou as pesquisas, que também contaram com o apoio da Academia de Ciências da Tchecoslováquia.

Em Moscou, na sessão da Conferência de Parapsicologia realizada na Embaixada tcheca, fomos apresentadas ao mundo do gerador psicotrônico. O chefe da delegação tcheca, Dr. Zdenek Rejdak, que trabalha para os militares, explicou:

- Todas as pessoas possuem capacidades psíquicas mas, na maior parte do tempo, não têm consciência delas. A força psíquica jaz adormecida ou é bloqueada, tornando a telepatia ou o PK uma raridade. Par pôr em funcionamento os poderes psíquicos, precisamos de alguma coisa que os desperte ou reforce. Se presumirmos que os seres humanos ou outros seres vivos desprendem energia, talvez possamos acumulá-la. Nesse caso, podemos fazer que a energia realize trabalho. E a ESP não precisa ser uma raridade. Pode funcionar o tempo todo e em quaisquer condições.(188)

Mais tarde ele nos contou:

- Ouvi dizer que os Estados Unidos também estão pensando em máquinas para fazer isso.

Os tchecos exibiram um notabilíssimo filme documentário, criado por um dos seus principais estúdios cinematográficos. Como os filmes tchecos, que são verdadeiros tours de force e provocaram a admiração de multidões em toda a América, esse filme científico fora artisticamente realizado nos mínimos detalhes, até na música eletrônica. O conteúdo, para um filme científico, era ainda mais surpreendente. Uma depois da outra, a câmara

focalizou o que pareciam ser esculturas modernas - formas brilhantes que poderiam ter sido criadas por Brancusi, e as mais complicadas por Dali. Outros objetos se diriam componentes, cortados com precisão, de máquinas ainda não inventadas, peças sobressalentes do ano 2001. Outras esculturazinhas ainda, de metal e madeira, lembravam os "objetos rituais" expostos nos museus de todo o mundo, desde o Museu Britânico até os pequeninos e poentos museus da Turquia asiática e do sul do Egito. Mas não se trata de esculturas; os objetos não se acham num museu. Estamos num apartamento comum, numa cidadezinha da Tchecoslováquia. Os dispositivos colocados sobre a mesa, ao que se supõe, armazenam a energia psicotrônica emitida pelos seres vivos. As criaturas humanas que estão doando a sua "energia" aos geradores, no filme, são o desenhista Roberto Pavlita e sua filha Jana.

- Os geradores acumulam a energia humana, - disseram-nos durante a projeção do filme. - Em seguida, realizam trabalho. Existem diferentes tipos de geradores para diferentes tipos de trabalho.

Mostram-nos um rotor que um motor elétrico faz girar. Roberto Pavlita e sua filha Jana colocam uma agulha sobre o rotor girante. Um gerador psicotrônico é apontado para a agulha. A energia, supostamente inexistente, detém a agulha.

A seguir, a câmara focaliza um aparelho que dá a idéia de uma gorda chave de fenda. Assim como Nelya Mikhailova aparentemente constrói aos poucos uma espécie de energia que atrai fósforos, vidros, pão, o gerador de Pavlita atrai para si pedacinhos de substância.

- A força de atração depende da quantidade de energia acumulada no gerador, - afirmam os tchecos.

Parece energia eletrostática - a força que se obtém quando se esfrega um pente num pedaço de lã, transformando-o num "ímã" que pega papel e outras coisas leves. A eletricidade estática geralmente não se manifesta debaixo d'água. O gerador de Pavlita é colocado na água; e mesmo assim continua atraindo e levantando pedacinhos e peças de material não magnético.

Como que para confirmar a nossa impressão de que os geradores nos lembram qualquer coisa que já vimos antes, o filme passa a apresentar cenas tiradas de antigos textos egípcios. A câmara põe em evidência uma antiga cruz egípcia, o sagrado símbolo da vida, e nela permanece.

Afirma-se que comissões de especialistas da Academia de Ciências da Tchecoslováquia e da Universidade de Hradec Králové - físicos autoridades em eletrônica, técnicos de rádio, eletrofisiologistas e matemáticos - investigaram os geradores psicotrônicos. Mostram-nos um gerador cuja força faz girar uma laminazinha. Os pesquisadores fizeram testes em que eliminaram a eletricidade estática, as correntes de ar, as mudanças de temperatura. A lâmina gira. Mas não reage a um ímã forte. Os especialistas experimentam com campos magnéticos. Não há diferença alguma. A "energia vital", que se supunha um conceito filosófico, continua a mover a lâmina. Os cientistas cobrem todo o dispositivo com uma campânula de vidro. Não obstante, a lâmina se move. Disseram-nos que eles a suspenderam na água. E ela continuou a girar.

Fora do filme, o Dr. C. Vesely, eletrofisiologista, o Dr. Jiri Macko, físico, o Dr. Peregrin e o Sr. H. Kuksin, que testaram e estudaram o equipamento de Pavlita na Universidade de Hradec Králové, declararam numa

entrevista: "as experiências excluíram qualquer agente físico concebível - até o calor". E vários membros da Academia de Ciências afirmaram: "Precisamos continuar a estudar a energia".

O Dr. Julius Krmessky, insigne matemático e físico tcheco, examinou essa energia não explicada, que se irradia dos seres humanos, e publicou importante artigo científico para a Cátedra de Física do Instituto Pedagógico de Trnava em 1963. Krmessky calculou a força necessária para fazer a lâmina girar a 1,2 x 10 a potência 3 dinas.

- Não pode ser o calor nem o ar, - concluiu. - A radiação atravessa o vidro, a água, a madeira, o papelão, qualquer tipo de metal (até o ferro) e a sua força não diminui. De mais a mais, parece que a mente a controla.(90)

Voltando ao filme, a câmara se desloca para sementeiras de feijão divididas em grupos experimentais e de controle. Outro gerador psicotrônico, um quadrado tachonado de metal que suporta um colo espiralado, em forma de verruma, está dirigido para uma das sementeiras. Dias mais tarde, as plantas que se desenvolveram a partir das sementes "radiadas" apresentam quase o dobro do tamanho das sementes "não tratadas". Já conhecíamos a experiência, que tínhamos visto na Universidade McGill, em Montreal. Numa série de testes escrupulosamente controlados, o Dr. Betnard Grad mostrou que mudas regadas com um frasco de solução salina que passara previamente pelas mãos de um conhecido curador davam plantas mais viçosas e mais altas do que as mudas regadas com água não tocada pelo curador. Disseram os tchecos que a sua energia psicotrônica era a força "X" implícita em muitos mistérios psíquicos.

O filme apresentou em primeiro plano outros testes, que indicavam empregos práticos dos geradores psicotrônicos. Garrafas fechadas de água poluída e tingida por um corante, proveniente de uma fábrica de produtos têxteis, são submetidas à ação da energia psicotrônica emitida pelos geradores de Pavlita. Doze horas depois a água está clara. O agente poluidor parece haver-se cristalizado e caído no fundo dos frascos. Uma análise química oficial da água, feita por um laboratório independente, aparece na tela: "A purificação da água poluída não poderia ter sido feita por um purificador químico", concluem os analistas. O que não foi dito no filme, mas nos foi contado depois por um dos cientistas, é algo ainda mais extraordinário:

- A análise descobriu que, fosse qual fosse a sua natureza, a energia provocou uma alteração na estrutura molecular real da própria água! Os dois átomos de hidrogênio separaram-se ainda mais um do outro.

Isso nos recordou também alguma coisa. Uma fonte científica norte-americana, digna de toda a confiança, nos havia dito que um conhecido laboratório químico dos Estados Unidos estudara a água contida num frasco selado que estivera nas mãos de um curador. Ao que se afirmava, parecia ter havido uma alteração molecular dessa água, uma expansão dos elos entre o hidrogênio e o oxigênio.(162)

- Esta é apenas uma parte infinitesimal das experiências de Pavlita, realizadas por ele e por muitos outros cientistas na Tchecoslováquia. Os geradores psicotrônicos obtiveram resultados em testes de telecinese, telepatia, clarividência.

Telepatia? Pois se era precisamente essa a finalidade do filme!

Nenhum dos ocidentais (inclusive e principalmente nós mesmas) parecia saber o que dizer desse tcheco com o seu engenhoso dispositivo, de poucas partes móveis, se é que tinha alguma, e que, no entanto, extraía uma energia maravilhosa, invisível, dos seres humanos. Que poderíamos dizer a esses conceituados e sólidos cientistas tchecos, que falavam com tanto ardor da sua energia psicotrônica? Os cientistas ocidentais observaram, cautos: "Isso merece um estudo sério".

Que pensavam os russos? Os estudiosos soviéticos já tinham visto o filme alguns meses antes. Anos atrás, alguns dos seus pesquisadores ventilaram a idéia de que urgia descobrir uma nova forma de energia para explicar fatos supernormais. E, naturalmente, a maioria dos russos presentes conhecia pormenorizadamente a pesquisa que estava sendo feita no corpo bioplasmático, descoberto pelos Kirlians - alguma coisa de que os ocidentais nem tinham idéia.

O Dr. Gerady Sergeyev, o neurofisiologista de Leningrado, comentou durante a conferência:

- O trabalho de Pavlita mostra que é possível transferir energia de corpos vivos para a matéria sem vida. A influência mais importante dessa energia se exerce sobre a água. Com efeito, usamos o mesmíssimo princípio no desenvolvimento dos detectores que examinam os campos em torno da Sra. Mikhailova durante as manifestações de PK.

Tanto Sergeyev quanto Rejdak falaram sobre o bioplasma eletrônico do corpo humano como base do PK e da energia psicotrônica. (198)

Soubemos mais tarde que um cientista russo, depois de ver o filme de Pavlita, tentara construir um gerador próprio.

- Ele fez o gerador com material errado, - disse o Dr. Rejdak. - Era muito grosseiro mas, pelo que me disseram, funcionou. Depois disso, entretanto, ele quis ouvir muito mais sobre os geradores.

Nós também queríamos ouvir muito mais. Quando fomos a Praga, inundamos os cientistas de perguntas sobre Pavlita e a psicotrônica.

O SEGREDO ESTÁ NA FORMA

- Conheci Pavlita há uns quatro anos, - contou-nos o Dr. Rejdak. - A notícia dos seus geradores, não sei como, chegou à Inglaterra. Um jornalista britânico veio até aqui, viu um gerador em ação e escreveu uma tremenda reportagem. A nossa imprensa, naturalmente, soube da história e estampou uma série de artigos polêmicos. A sensação foi enorme. O caso é que o governo [o velho regime Novotny] não sabia de nada a respeito dos geradores. Ficou tão surpreso quanto o público. Abafou-se inteiramente o assunto de Pavlita e da radiação biológica e alguns cientistas, entre os quais eu mesmo, receberam a incumbência de investigar. Em conseqüência dos nossos relatórios, Pavlita foi reabilitado.

Rejdak está muito bem qualificado para investigar. Além de ser psicologista, especializou-se em fisiologia e trabalhou em parapsicologia durante anos com o famoso escultor e pesquisador psíquico tcheco Bretislav Kafka. Os seus juízos pareciam merecer o respeito de outros cientistas da Tchecoslováquia e dos demais países comunistas. Que

descobrira ele em suas investigações sobre Pavlita que o convenceu de que não se tratava de fraude?

Antes de chegar a essa pergunta, quisemos começar pelo princípio.

- Onde foi que Pavlita encontrou inspiração para os seus geradores?

Entramos a fazer conjeturas sobre se as cenas egípcias do filme teriam significado algo mais do que um simples toque artístico.

Pavlita teve a idéia depois de estudar muitos textos antiqüíssimos.

Quais?

Os tchecos sorriram e abanaram a cabeça.

- Lamentamos muito, mas ainda não podemos revelá-lo.

A resposta não nos dava muita margem para continuar. A Tchecoslováquia está cheia de tratados esquecidos e livros antigos. Manuscritos que há séculos não têm sido compulsados mofam nas bibliotecas do Estado e nas coleções dos castelos medievais e chegam até a aparecer em sebos.

- Um dos nossos principais problemas com os geradores psicotrônicos neste momento, - continuaram os tchecos, - é que eles ainda não estão inteiramente patenteados. Como é natural, Pavlita não quer que os planos saiam do país.

Roberto Pavlita conhece o valor das patentes. Há anos, inventou um novo processo para a indústria têxtil. E continua a receber royalties do bloco socialista e da Europa Ocidental, principalmente da Alemanha.

- Felizmente, Pavlita pôde usar o dinheiro, até certo ponto considerável, nas pesquisas sobre a energia

psicotrônica. Ninguém mais lhe teria financiado o trabalho no início.

Os tchecos não estavam dispostos a dar-nos a dica para montarmos um gerador em casa. Mas estavam dispostos a abrir portas, na tentativa de proporcionar-nos uma visão adequada da psicotrônica. A porta seguinte que nos abriram foi a mais desconcertante.

- O segredo dos geradores está na forma. Essa foi à chave que Pavlita respigou nos seus estudos. A forma nos permite acumular energia e aplicá-la aos nossos propósitos.

Agora compreendíamos por que estavam eles tão apegados ao frívolo afiador piramidal de laminas de barbear. Nesse caso também o "segredo" parece ser a forma.

- De certas maneiras, o princípio dos geradores é como a arte. Construímos geradores de uma espécie de material para fazer uma coisa e de outra espécie de material para fazer outra coisa. A justaposição dos materiais dentro de uma forma específica fá-los funcionar. Pavlita utiliza cobre; ferro, aço, latão e várias espécies de metal e, às vezes, até madeira. A maioria dos geradores é uma combinação cuidadosamente formulada de metais.

"Quando os vimos pela primeira vez, - disse o Dr. Rejdak, alguns dos nossos cientistas se sentiram perplexos. Acontece, porém, que eu estava familiarizado com a pesquisa levada a cabo por Reichenbach, e percebi que o trabalho de Pavlita se processava segundo as mesmas diretrizes. É uma extensão da idéia do odoscópio de Reichenbach, porém modernizado e muito, muito mais complicado." (Reichenbach inventou um odoscópio que se supunha capaz de coligir o que ele denominava força ódica, a "energia que tudo invade".)

- Além dos geradores que acumulam a energia das coisas vivas, temos também geradores que acumulam energia "cósmica", ou energia do ambiente. A pirâmide é um exemplo de gerador que funciona com energia "cósmica".

Aparentemente, a energia psicotrônica dos tchecos (como a velha Energia Vital dos chineses) emana das coisas vivas e do cosmo, como acontece com a eletricidade "cósmica" existente no ambiente e com a bio-eletricidade proveniente do corpo humano.

Se alguém tivesse um gerador, como faria para carregá-lo com a própria energia?

- A energia não vem de determinado órgão do corpo. Vem de todo o campo de força da pessoa, por assim dizer. Muitos geradores são dotados de um ponto de fixação visual, esculpido neles, que se destina a auxiliar a concentração e a condução da energia.

Aqui está outra velha idéia, o ponto de fixação visual, hoje pregado nas salas de toda a América em conseqüência do influxo da filosofia oriental, o ponto de fixação visual que, segundo se afirma, acentua a concentração e liberta o poder psíquico ou espiritual. Sustentam os tchecos que, corretamente manipulado, esse poder é capaz de promover o crescimento de um gerânio ou fazer funcionar um motorzinho.

Temos de concentrar-nos em um pensamento específico enquanto tentamos carregar um gerador?

- Não. Não precisamos pensar em nada de especial nem querer que a nossa energia se transmita ao gerador. Basta olhar fixamente para o ponto a fim de dirigir a força, bastando que o gerador tenha sido feito adequadamente. Ora, nós desenvolvemos geradores automáticos que funcionam

sem que olhemos para eles. Acreditamos que possam captar a energia biológica de tudo o que vive - seres humanos, animais, plantas. Programaram-se testes para verificar se são capazes de acumular a energia proveniente de algo tão básico quanto um ovo fecundado.

Se a energia é realmente extraída de nós, não acabamos ficando cansados?

- Há apenas um levíssimo pós-efeito, que só é mais forte quando está envolvida alguma emoção. Mas ocorrem mudanças quando estamos carregando um gerador.

Os tchecos fizeram testes de EEG na filha de Pavlita enquanto ela carregava um gerador. Descobriram um "padrão inusitado". O cientista soviético Dr. Genady Sergeyev, que foi à Tchecoslováquia e testou Roberto e Jana Pavlita com EEGs e outros dispositivos de registro enquanto eles carregavam geradores, disse que havia uma mudança na estrutura dos campos biológicos em torno dos seus corpos. "Havia plasma eletrônico instável e frio no cérebro", relata ele. "Durante certas fases da atividade cerebral, foram emitidas ondas magnéticas, elétricas e de outros tipos."

- Vejam, - disseram os tchecos, - vocês podem tentar fazer um teste simples antes de irmos à casa de Pavlita.

O Dr. Rejdak tirou uma caixa de uma gaveta da escrivaninha. Dentro da caixa havia um palitinho redondo de madeira, de uns dez centímetros de comprimento, que parecia um removedor de cutícula, aparado nas duas pontas.

- Isto foi feito há dois anos, sob pressão, por um processo especial. Foi carregado por um gerador, de modo que é capaz de canalizar a energia biológica de uma pessoa.

Estendeu o palito a uma de nós e espalhou, sobre a mesa de café, pequenos fragmentos de alumínio, sal, estanho,

pedra, ferro, cristal, etc., mais ou menos do tamanho da unha de um dedo mindinho. Alguns eram magnéticos, outros, não.

Examinamos com cuidado o palito - nenhum sinal de adesivos ou do que quer que fosse. Não se aplicou atrito. Nem Rejdak nem nós o esfregamos em coisa alguma. Tocamos num fragmento de cristal.

O cristal grudou no palito. Com o cristal grudado, movemos o palito sobre um círculo de metal. O círculo grudou no cristal. Movendo o palito por cima da mesa, um a um, todos os fragmentos grudaram uns nos outros, até ficarem pendentes do palito formando uma espécie de corrente de balangandãs. Era como se estivéssemos brincando de Nelya Mikhailova, médium de PK. Ou seria, porventura, algum obscuro efeito de eletricidade estática?

- Todo o mundo pensa em eletricidade estática, - concordaram os tchecos, - e foi por isso que fizemos tantos testes para provar que não é. A energia psicotrônica, a energia que as senhoras estão usando neste momento em pequena escala, apresenta muitas semelhanças com a energia eletrostática, que é natural. Mas a energia psicotrônica é muito mais sutil. Esse palito, a propósito, já não funciona tão bem quando as pessoas estão cansadas.

Por quanto tempo fica uma carga num gerador?

- O gerador que acelera o crescimento das plantas, depois de carregado, funciona sem parar por três dias. Foi o maior prazo que já conseguimos até agora. Temos um desenho para acionar um motorzinho elétrico. No primeiro dia, ele precisa de meia hora de carga. Depois, uns poucos minutos por dia, e o gerador fará funcionar o motor durante cinqüenta horas, aproximadamente.

Se possuíssemos um gerador psicotrônico, que mais poderíamos fazer com ele? Seria realmente o que Marshall McLuhan denomina "uma extensão do homem" - ou melhor, uma extensão das nossas faculdades psíquicas? Se os geradores operam com a energia que se supõe existir por detrás dos fatos supernormais, poderiam os geradores ser "médiuns"?

Os cientistas tchecos, que parecem pessoas eminentemente sensatas e responsáveis, responderam afirmativamente. E mostraram pequenos trechos do filme para corroborar a sua resposta. Um gerador, disseram eles, poderia fazer o mais clássico de todos os testes de ESP, o teste das cartas.

Esse gerador "telepático" tem em cima um ponteiro giratório. As cartas de ESP são dispostas circularmente debaixo dele. O gerador é o "receptor". Em outra sala está sentada a pessoa que vai emitir, segurando o maço de vinte e cinco cartas baralhadas ao acaso. O emissor vira uma carta por vez com a figura para cima e concentra-se no seu desenho. Na primeira sala, o ponteiro do gerador gira lentamente e pára, indicando a carta com o mesmo símbolo da que está sendo contemplada pelo emissor. À proporção que o emissor vai virando as cartas do baralho, o gerador vai apontando uma carta depois da outra, enquanto um observador lhe anota as "escolhas" pela ordem.

Quantos pontos de ESP consegue fazer um gerador?

- O gerador é quase sempre 100% correto. Nunca erra.

Era engraçada a criatura que se destinava a ser o paciente de ESP do século! Mas não é um paciente, é uma máquina, posto que muito diferente das máquinas que nos são familiares. Até as máquinas comuns, como os computadores,

podem ser programadas para identificar um símbolo determinado quando o encontram. A "única" diferença é que o gerador psicotrônico, por trabalhar com outra espécie de energia, reconhece os símbolos através do espaço, através de paredes, quando uma pessoa olha para eles.

O engenheiro Drbal, especialista em eletrônica, procurou esclarecer:

- Todas as formas, sejam esculturas, desenhos, topos de edifícios como a pirâmide, têm frentes de ondas. Têm-nas também os padrões impressos nas cartas de ESP.

Pressupõe-se que, ao pensar no padrão que vê na carta, a pessoa intensifique a frente de ondas. E o gerador capta o padrão. Essa, pelo menos, é a hipótese.

- Em lugar de colocar cartas debaixo do ponteiro, podemos pôr uma batata, uma maçã, vários vegetais e frutas. Coloca-se outro conjunto igual defronte de uma pessoa, numa sala separada. À medida que a pessoa vai escolhendo cada um deles, o ponteiro sobre o gerador também gira e indica o vegetal correspondente.

Os seus geradores, acrescentaram os tchecos, também distinguiam as amostras de sangue e identificavam os pais de uma criança.

Nos Estados Unidos, Cleve Backster, chefe da Escola Backster de Detecção de Mentiras, em Nova Iorque, descobriu que a matéria orgânica - plantas, frutos, vegetais, amostras de sangue - parece ter uma forma de "percepção primária". As plantas, etc., comunicam-se entre si, às vezes através de grandes distâncias. E "reconhecem"; até células raspadas da boca de uma pessoa "reconheceram" o próprio dono, a crermos nos registros do polígrafo.

Terão os tchecos, com os seus geradores, conseguido isolar um fator básico qualquer existente nas coisas vivas e capaz de "perceber" e "reconhecer" a distância?

Os geradores de Pavlita movimentam rodas, aceleram o crescimento das plantas e purificam a água poluída, modificando-lhe talvez a estrutura molecular. "É tudo feito pela energia psicotrônica." Muito bem, mas se trata realmente de uma energia, que acontece quando a dirigimos para pessoas?

- Depende da espécie de gerador. Acreditamos que alguns apressem a cicatrização de feridas e a recuperação de várias moléstias. Mas outros têm um efeito danoso. Testamos a força de um tipo de gerador, por exemplo, sobre o cérebro. A filha de Pavlita ofereceu-se para ser a cobaia. A uma distância de vários metros, dirigimos a energia do gerador para a cabeça dela. O EEG acusou uma alteração em suas ondas cerebrais. Jana ficou tonta - a energia lhe afetou a orientação espacial e ela começou a girar.

"Têm sido feitas várias experiências com formas inferiores de vida. Lesmas, por exemplo, foram submetidas à força psicotrônica, que as obrigou a se recolherem ao interior dos caracóis e as deixou num estado semelhante ao da hibernação. Também fizemos testes com insetos."

Mostraram-nos fotografias do gerador utilizado. Dava a impressão de um bolo grosso, em forma de rosca, de metal, com uma fissura de um lado. O círculo de metal estava preso na ponta de uma vareta, como um espelho.

- Colocamos moscas nesse gerador. Elas morreram instantaneamente.

Se a energia psicotrônica matava moscas, mataria bactérias ou células doentes do corpo? Alteraria o material genético, o DNA e o RNA?

Antes que pudéssemos saber mais sobre esse raio da morte para moscas, outras pessoas vieram juntar-se ao nosso grupo.

UMA VISITA AO MERLIN TCHECO

O comboio de carros atravessou os subúrbios de Praga, entrou na zona rural boêmia e rumou para leste, na direção da cidadezinha em que morava Pavlita, o Merlin contemporâneo.

O homem que dirigia o nosso automóvel fora-nos apresentado como compositor.

- Sou especialista em criminologia, - contou-nos ele. - Trabalhei muito tempo com a polícia antes de dedicar-me inteiramente à composição.

Herdeiro de um nome ilustre, conhecido muito além da Tchecoslováquia, seu pai era um famoso compositor, seu avô granjeara fama como arquiteto de alguns formosos edifícios do Império Austro-Húngaro. O filho, conquanto menos conhecido, escrevera canções, "cantigas cheias de melodia".

Que sabia ele a respeito de Pavlita? Não muita coisa, mas tivera contato com inúmeras fraudes e trapaças engenhosas em seu trabalho policial. Se houvesse alguma suspeita, não tardaria a identificá-la.

- Ouvi dizer que Pavlita é um médium que faz PK, que move objetos. Isso é uma coisa que eu gostaria de ver.

Pelo visto, Pavlita causava confusão até em sua terra natal.

Tínhamos ouvido do Dr. Milan Ryzl nos Estados Unidos, antes de embarcar para Europa, que não encontrara provas de PK e que as afirmativas de Pavlita eram, provavelmente, auto-sugestão. A seu ver, correntes não controladas de ar poderiam ser a causa dos resultados de Pavlita. E possível que nos primeiros testes, anteriores à saída de Ryzl da Tchecoslováquia em 1967, não se tomassem medidas suficientes de controle para excluis de todo a possibilidade de movimentos de ar, capazes de mover uma laminazinha sobre um rotor. Mas as correntes de ar não têm influência alguma sobre a purificação da água, o crescimento das plantas, ou a "magnetização" de pedaços de vidro e metal. E Ryzl, ocupado com o próprio trabalho sobre o psi em Praga, nunca foi um dos principais investigadores de Pavlita. Muitas provas, com certeza, devem ter sido acumuladas até a reabilitação oficial de Pavlita, que só aconteceu depois da partida de Ryzl.

Tentamos explicar ao nosso companheiro que, segundo tínhamos ouvido, Pavlita não era exatamente um médium de PK, mas construíra geradores que punham em ação a energia humana causadora do PK.

- Isso é até mais difícil de engolir! - exclamou ele, e a esse respeito estávamos todos de acordo. - Sempre procurei manter uma atitude aberta, mas cética, em relação a tudo o que se refere à ESP. Não posso dizer que seja impossível, mas... - Enfiou a mão no bolso da capa de chuva e tirou dali dois "superímãs", rematando: - Espero não estragar a tarde de ninguém, mas talvez possamos descobrir mais alguma coisa a respeito dos geradores com estes trocinhos aqui. Tenciono experimentá-los nas máquinas de Pavlita.

Já havíamos atravessado, correndo, morros e vales durante várias horas, passando por bonitas aldeias de casas de pedra, de telhado vermelho, erguidas junto da estrada, por fontes de água mineral, à sombra de copas espessas de folhagem verde-escura, chafarizes barrocos e estátuas erguidas nas praças das cidades. De quando em quando, o nosso amigo apontava para torreões e muralhas denteadas no alto de um morro distante e nos contava, em rápidas palavras, a história de alguns dos castelos medievais que tornaram famosa a Tchecoslováquia.

A troco de quê passara ele a interessar-se por parapsicologia:

- Eu disse que era cético em relação à maioria das coisas, e sobretudo em relação à parapsicologia, mas não pude deixar de interessar-me pelo assunto. Há muito tempo, minha mãe consultou uma médium. A mulher disse-lhe uma quantidade de coisas que aconteceriam no futuro, relativas a ela e a mim. Essas coisas aconteceram. Decidi consultar pessoalmente a médium. Ela descreveu a mulher de que eu estava noivo naquele tempo, mas casse que não nos casaríamos. Disse mais que eu me casaria com outra pessoa; descreveu-me onde e quando eu conheceria minha esposa, como seria ela, e que o casamento acabaria dando em droga. Ela estava certa. Descreveu também, com minúcias, um acidente futuro em que eu quebraria a perna. Havia muitas outras coisas, e todas certas. E claro que parte das predições deve ter sido produto de coincidências ou sugestão, mas nem tudo. Creio que também sou cético em relação a essa explicação, fácil mas tola.

Chegamos, afinal, a uma cidadezinha e paramos numa rua orlada de altas e velhas árvores sombrosas e de uma

enfiada de prédios de quatro andares, encostados uns nos outros. Como em muitas cidades tchecas, esculturas clássicas e coloridos afrescos cercavam os edifícios. Uma figura de pedra, como um Atlas em miniatura, sustentava o topo do telhado no canto e observava os cruzamentos com olhos cautos. A rua estava deserta e a chuva fina que caía envolvia-a numa espécie de neblina. Um homem alto, de compleição atlética, olhos escuros e traços regulares, assomou à entrada de um edifício e encaminhou-se ao nosso encontro. Roberto Pavlita vestia com displicência slacks e uma camisa esporte axadrezada. Poderia ser tomado por um executivo norte-americano descansando num dia de folga.

Quando subimos ao apartamento, Jana, sua filha, de dezenove anos, conduziu-nos a uma espaçosa e clara sala de estar, trastejada com móveis claros, cuidadosamente polidos, em estilo escandinavo, um belo piano e muitos quadros. Deixou-nos em torno da mesa e, logo depois, reapareceu com café e um bolo. Jana era uma linda jovem, delicada e elegante, com a minissaia estampada, os cabelos avermelhados e curtos, muito bem arrumados. Um amigo tcheco a descrevera como "muito dócil", observando que ela fazia um trabalho pesado na pesquisa dos geradores sem uma queixa, embora não lhe sobrasse muito tempo para qualquer outra coisa. Naquela tarde, parecia ligeiramente assustada como anfitriã de um grupo poliglota.

Parecia haver muito pouca frivolidade na pessoa de Roberto Pavlita. Ele apresentou-se como um homem que não tem tempo para perder, acostumado a ir diretamente ao ponto e a resolver prontamente os assentos. Depois de rápida conferência com o Dr. Rejdak, apresentou-nos alguns dos

setenta ou mais geradores psicotrônicos que desenhara. Colocou-os sobre a mesa e deixou-nos examiná-los.

- São lindos, - comentou um dos tchecos.

E eram mesmo. A maioria dos nossos companheiros, até aquele momento, também não fora apresentada às maravilhas de Pavlita.

Pegamos no primeiro. Parecia a figurinha abstrata de uma antiga deusa da fertilidade - um retângulo de metal no lugar da cabeça e um trapezóide de ferro no lugar do corpo, com projeções que semelhavam seios. Se bem não tivesse mais de 15 ou 18 cm de altura, era pesadíssima. Desenhado na "cabeça", via-se um ponto de fixação visual, um desenho vertical em forma de ziguezague. Conforme a função a que se destinasse o gerador, o segmento da "cabeça" poderia ser removido e substituído por outros componentes. Como se carregava? Pavlita segurou-o para nós, com o polegar numa das projeções cônicas anteriores e outro dedo numa projeção posterior semelhante. Enquanto movíamos os olhos ao longo do ziguezague, o dispositivo captava e acumulava a nossa bio-energia.

Geradores circulares, como pequeninos sóis, estavam sobre a mesa: um círculo de ferro salpicado de pingos de ouro ou de latão, outros com desenhos em forma de ouros insculpidos. Alguns eram lisos como o gelo, mas havia-os também ásperos como porta de ferro batido.

- Que foi o que o levou a isto? - perguntamos a Pavlita.

- Sempre me interessei pela idéia de outra forma de energia, - respondeu ele. - Desde menino, quando freqüentava a escola.

Cursara uma escola técnica e, depois de formar-se, o seu talento inventivo o conduzira rapidamente a novos processos e a novas máquinas para a indústria.

Enquanto fumava um cigarro atrás do outro, Pavlita explicou algumas coisas que os geradores podem fazer.

- Cada movimento que uma pessoa faz numa sala deixa um modelo, uma marca. O gerador capta essa marca a uma distância de várias salas. O simples movimento da mão que descreve um círculo sobre a mesa já cria uma marca suficiente para ser captada e identificada pela máquina.

Um dos tchecos tentou explicar-nos, num inglês pausado, cauteloso: - A marca de que ele está falando é uma forma. Não é uma energia. Na opinião dele, faz-se uma espécie de entalhadura no ambiente. E a marca.

O compositor-criminologista não aceitou a idéia, como também não aceitou muita coisa que estava sendo dita. Pavlita mostrou-lhe particularmente um imenso livro de fotografias e artigos num canto da sala.

- Esta energia é verdadeira, - disse Pavlita, - uma força genuína da natureza.

Quando Jana era pequenina, ele e a esposa descobriram que ela entrara na sala onde se guardavam os geradores. Cuidando que os objetos brilhantes fossem brinquedos, a menina começara a brincar com eles.

- Nós a encontramos, mas o dedo mindinho de cada mão já estava paralisado, - disse Pavlita. - Felizmente, a paralisia foi temporária.

Enquanto os grupos discutiam sobre as várias teorias aventadas para explicar o funcionamento dos geradores, Pavlita organizou uma experiência na cozinha para nós duas. Era uma cozinha comum, bem iluminada.

Colocou um colar circular de cobre, de uns 25 cm de diâmetro e 12,5 cm de altura, sobre a mesa. Havia um espaço de 2,5 cm entre as duas pontas do colar. Um geradorzinho tubular, que parecia ser apenas uma peça oca de metal, sem partes móveis, sem fios, estava preso verticalmente ao colar, ao lado do espaço vazio. Em seguida, pôs uma bolinha de metal em cima do tubo. Dentro do colar, uma roda de estanho, que lembrava as varetas de um guarda-chuva, descansava sobre um suporte que parecia uma agulha.

Pavlita colocou um escudo de vidro entre ele e o dispositivo. Tirou o relógio. Estendeu o braço em torno do vidro e ajustou a bola de metal. Ato contínuo, pôs as mãos atrás da barreira de vidro e a carregar o gerador, olhando para um ponto dele, enquanto erguia e abaixava ligeiramente a cabeça. Chamou Jana para junto de si. Ela foi postar-se atrás do pai, dirigiu o olhar para o gerador e moveu a cabeça suavemente de um lado para outro. Eles não pareciam estar fazendo grande esforço muito grande.

Em menos de um minuto o gerador foi carregado; lentamente, a roda de estanho entrou a girar. Girava como se estivesse recebendo pulsações, depois mais depressa e suavemente. Não observamos nenhuma corrente de ar, nenhuma onda de calor que pudesse ter causado o movimento. Não havia ímãs à vista, nem fios, não havia nada preso debaixo da mesa. Nenhum cientista aceitaria aquilo como teste, mas era, sem dúvida, uma demonstração feita abertamente e muito bem iluminada. O Departamento de Física da Universidade de Hradec Králové, que examinara alguns dispositivos de Pavlita, assim como especialistas da Academia de Ciências da Tchecoslováquia, haviam concordado em que causas físicas normais tinham sido

totalmente eliminadas nos testes controlados. Então, como funcionava?

O Dr. Rejdak explicou que o cobre parece atrair essa energia psicotrônica e que o colar circular de cobre adquiria polaridade, sendo um lado positivo e o outro negativo. E presumível que a interação das forças dos dois pólos atraísse e repelissem a roda, forçando-a a mover-se

Pavlita limpou a mesa e voltou com outro tipo de gerador. Este era um longo retângulo oco de aço, de 17,5 cm de comprimento por 2,5 ou 5,0 cm de largura. Ele prendeu uma ponta cônica de alumínio à extremidade inferior.

- Aponta pode ser de madeira, de plástico, de qualquer coisa que não seja magnética, - disse ele.

Quando Pavlita terminou, o gerador dava a impressão de uma caneta esferográfica curta e grossa.

Os outros convidados juntaram-se a nós. Pavlita espalhou fragmentos de substância não magnética sobre uma lâmina de vidro. Várias pessoas testaram-nos com um ímã. Quando se compenetraram de que o magnetismo não tinha efeito algum sobre os fragmentos, Pavlita pegou o gerador, colocando os dedos em dois círculos de metal na face posterior. Moveu o polegar para trás e para diante sobre uma abertura recortada na face anterior, como se estivesse tocando clarineta. Depois encostou a ponta do gerador num pedaço de cobre. O cobre grudou na ponta. Em seguida levou o cobre a pedaços de cristal, de prata, de alumínio. Todos ficaram pendurados, uns grudados nos outros, na ponta da gerador.

- A energia está penetrando as substâncias não magnéticas, - disse ele. - Agora que pusemos carga nelas, qualquer coisa as apanhará.

Pediu-nos um palito de fósforo.

Oferecemos alguns, de madeira, que havíamos comprado na Romênia. Ele colocou um palito perto de um pedaço de alumínio, perto de outros fragmentozinhos. O nosso fósforo os atraiu, segurou e empilhou. A seguir, pediu-nos que aproximássemos um ímã dos pedaços. O ímã não teve efeito nenhum sobre eles. Não os atraiu. Esses fragmentozinhos de metal não magnético e de cristal, depois de carregados com a energia psicotrônica dos geradores, também atraíam ou repeliam o pólo de uma agulha magnética suspensa.

Pavlita colocou uma lâmina de vidra sobre um suporte e segurou um formidável ímã em forma de ferradura, de uns 12,5 cm de comprimento, debaixo dela. Dessa vez espalhou fragmentos magnéticos sobre o vidro e moveu-os com o ímã. Em seguida apontou o gerador para eles. O gerador apresou-os com facilidade, apesar da força do ímã que os atraía por baixo. O gerador também afastou as peças do ímã.

Em seguida, Pavlita despejou todas as substâncias não magnéticas num recipiente de vidro cheio d'água. (A energia eletrostática não funciona debaixo d'água.) O gerador não somente atraiu cada uma das substâncias, como pareceu fazer que a própria água se agarrasse à ponta, formando uma colunazinha líquida. O compositor pôs em ação os seus super ímãs. Os fragmentozinhos nem se mexeram. Experimentou-os na ponta do gerador; nenhuma atração. Pavlita afirmou que o seu dispositivo atraía até um pedaço de pano e, brincando, usou-o para puxar para fora a ponta do lenço do compositor, que estava dentro do bolso.

E com isso o nosso anfitrião decidiu encerrar as experiências. A essa altura, a Sra. Pavlita já voltara para casa. Uma mulher miúda, simpática, afobada, que nos

apertou cordialmente a mão e insistiu para que jantássemos com eles.

Na longa e escura viagem de volta a Praga, através de furiosas rajadas de chuva, grandes cintilações de relâmpagos alumiaram o céu, como armarias sobre um fundo de fortalezas carrancudas e vetustos castelos. A borrasca nos trouxe à mente algumas cenas de filmes em que se via o laboratório do Dr. Frankenstein no momento em que tenta infundir vida a uma criatura inanimada. Poderia essa estranha energia psicotrônica ter êxito como o tivera o "relâmpago" de Frankenstein? Poderia dotar de movimento o inanimado?

Terão os tchecos isolado a energia que permite a Nelya Mikhailova fazer que objetos não magnéticos se movam a distância? Terão capturado num gerador a força "X" das mãos do curador, que cicatriza as feridas e apressa o desenvolvimento das plantas?

Terá o homem poderes com os quais nunca sonhou, energias que podem ser isoladas e usadas? Talvez a energia psicotrônica seja uma chave para os fantasmas e até para as supostas substâncias ectoplasmáticas emitidas pelos médiuns. Os tchecos só mencionaram os empregos ela energia psicotrônica que acreditam haver confirmado. Na opinião deles, isto é apenas o início de uma descoberta - de uma assustadora descoberta. Ouvimos inúmeras conjeturas. E acabamos falando sobre o futuro que os tchecos encaram tão cheios de esperança, sobre filosofia e história.

- Na Tchecoslováquia, a história certamente se repete, - declarou um dos homens de negócios. - Há séculos que, de cinqüenta em cinqüenta anos, alguém nos invade. As

senhoras acreditam realmente que isso esteja a pique de mudar? - perguntou com uma risada cínica.

Mas os tchecos que encontramos em outros lugares, nas lojas, nos ônibus, em toda a parte, não se cansavam de repetir: "Os soviéticos nunca invadirão a nossa terra". Muitos caçoavam de nós por nos mostrarmos preocupadas.

- De que somos culpados? Não estamos abandonando o socialismo. A única coisa que queremos é criar um socialismo com um rosto humano. Estamos tentando assegurar a liberdade do indivíduo, a liberdade de expressão, a liberdade de indagação. As metas da experiência tcheca são as metas de toda a sociedade humana.

Em outro tipo de experiência, durante a fugaz primavera tcheca, tínhamos visto os geradores psicotrônicos. Para que servem eles? Nem mesmo os tchecos afirmam saber tudo o que há para saber acerca da nova energia. O ponto cardeal em suas mentes é que os geradores de Pavlita demonstram a existência de uma energia desconhecida, sutilmente entrelaçada com os seres humanos.

Se ela for real, se continuar a confirmar-se, daqui a vinte anos este relato soará como a descrição de um televisor ou de um fonógrafo feita por dois primitivos. Se antes que as patentes tivessem sido concebidas, houvéssemos assistido por acaso a uma demonstração particular da máquina falante do Sr. Edison, há noventa e cinco anos, teríamos escrito provavelmente sobre uma máquina singularíssima, quase inacreditável, que era capaz, quando Caruso cantava na sala, de captar-lhe a voz em sulcos da espessura de um fio de cabelo, feitos num prato de cera. Uma semana depois esse prato podia ser posto num rotor, uma espécie de braço de metal traçaria os sulcos e, como se o tempo deixasse de

existir, ouviríamos Caruso cantar a sua ária como um fantasma que houvéssemos evocado. E a cera ficaria carregada com a voz durante muito tempo, talvez até durante anos.

Os pouquíssimos - dois ou três - cientistas ocidentais que viram os geradores de Pavlita olham para eles com alguma desconfiança. Ninguém gosta de usar um barrete histórico de burro, como os membros da Academia Francesa, que botaram pessoalmente para fora das suas salas o agente do Sr. Edison e da sua maquina falante. Eles sabiam, afinal de contas, que a cera não fala, que toda a história era um truque barato de ventríloquo. Entretanto, ninguém, e sobretudo os cientistas, gosta de ser apontado como crédulo e simplório.

Muitos outros anunciaram o achado de uma nova forma de energia vital, e o seu achado deu em nada - assim como a América foi descoberta muitas -vezes antes de Colombo. Será Pavlita um impostor? Será um antigo escandinavo, cujas visões se dissiparão nas névoas do tempo e da obscuridade, ou será um Colombo?

Poucos dias depois de deixarmos Praga, a União Soviética invadiu a Tchecoslováquia. Segundo os homens da televisão tcheca, eles trouxeram maior quantidade de equipamento pesado de guerra do que o usado pelos nazistas alemães para ocupar o país. Os soldados soviéticos com os seus capacetes, acaçapados no castelo a cavaleira de Praga, vigiavam a cidade onde tínhamos visto hippies cabeludos pintando desenhos de Art Nouveau nas calçadas, escrevendo com floreios a palavra AMOR e a injunção: "Façam amor, não façam guerra". Tanques soviéticos percorriam as ruas onde havíamos conversado sobre os planos dos tchecos para a psicotrônica nos meses brilhantes e livres que estavam por

vir. Haveria muitos testes. Além disso, relatórios e documentações, teorias e filmes seriam apresentados nos Conselhos científicos do Ocidente, bem como nos países comunistas.

E agora? A nova energia pode desaparecer debaixo de uma nova cortina de ferro. Os tchecos nos revelaram que pessoas isoladas, na Europa e na América, trabalhavam tranqüilamente com essa "energia vital". E possível que alguém nos apareça com um gerador psicotrônico capaz de repetir os testes de Pavlita. Ou talvez ainda, apesar de todos os pesares, os tchecos cheguem à conclusão de que têm nas mãos uma boa coisa e permitam que o resto do mundo conheça maiores detalhes a seu respeito.

Estamos convencidas de que os cientistas tchecos acreditam haver topado com algo importante. Estão suficientemente seguros da sua crença para anunciar o que descobriram em conferências científicas no estrangeiro. Estamos convencidas também de que os geradores funcionam. Tudo se resume em saber por que, acionados por que espécie de energia? Tratar-se-á do Prana, da Energia Vital dos chineses, da energia bioplasmática do efeito kirliano?

O descobrimento de uma nova forma antiga de energia, de uma energia vital, de uma energia mais íntima que a eletricidade ou o raio-X, é uma idéia fascinante. Exige de nós um salto da imaginação. Supõe um campo de pouso fora dos círculos dos conhecimentos científicos atuais, um campo de pouso em que a mente e a energia não estejam mais irrevogavelmente separadas uma da outra mas, ao contrário, interajam para operarem as suas maravilhas.

Será a energia psicotrônica a energia sutil e vital que os místicos, os médiuns e os filósofos pressupuseram e que os cientistas, recentemente, andaram procurando nos fatos psíquicos? Os geradores de Pavlita reverberam na mente como pontos cintilantes de interrogação, que têm por fundo a agora desolada e muda paisagem tcheca.

29

IMAGEM, ENERGIA, POTENCIAL

O que encontramos tomando forma - por mais fantásticas e estranhas que algumas nos tenham parecido - nas três culturas muitíssimo diferentes uma da outra é, no fundo, a tangível manifestação de um impulso e de um anseio universais.

Estamos na era espacial, quer isso nos agrade, quer não. As nossas energias estão voltadas para o espaço exterior e também, obviamente, para o interior. Seminários de percepção, meditação, expansão da consciência, a idade do Aquário - o impulso introverso é o propulsor da época.

"A sociedade humana enfrenta hoje o dilema de um colapso ou de um avanço no campo da consciência humana para manter-se a par do avanço da ciência e da tecnologia", afirma o Dr. Shafica Karagulla em Breakthrough to Creativitysia Diretor da Fundação para a Pesquisa da Percepção Sensorial Superior, na Califórnia, o Dr. Karagulla, neuropsiquiatra conceituado, está estudando a capacidade dos médiuns de "ler" a aura e o corpo energético. Ela não é

típica. Ao passo que o anseio introspectivo domina as disciplinas acadêmico-científicas na Tchecoslováquia, na Bulgária e na Rússia, nos Estados Unidos ele é geralmente "extrovertido".

Talvez devêssemos estar "acumulando reservas" de médiuns. Os descobrimentos no terreno do psi, como os comunistas os entendem, e como a maioria dos outros avanços, podem ser empregados em atividades anti-humanas. O jogo da guerra fria, no entanto, não é a mensagem mais estrondosa que recebemos da parapsicologia comunista. O que veio de lá é tríplice e pró-humano, pró-gente.

O descobrimento da energia inerente ao psi "será comparável ao descobrimento da energia atômica", disse o Dr. Leonid Vasiliev. Igor Shishkin, brilhante e jovem matemático russo, comparou recentemente a descoberta das teorias do psi à descoberta das teorias da relatividade.

Exagero? Ao penetrarmos na parapsicologia comunista, começamos a perceber o que eles querem dizer, algo mais vibrante do que fórmulas abstrusas. Os comunistas estão olhando para além da maravilha isolada - do açucareiro que desfila, das imagens que chegam da Sibéria transportadas sopre o nada - para um mundo que fica logo além do horizonte da nossa percepção. O Dr. Genady Sergeyev, o Dr. Nikolai Kozyrev, os cientistas psicotrônicos tchecos e muitos outros estão tentando penetrar num mundo de energia realmente capaz de realizações. Estão tentando dar-nos um ponto de apoio num mundo em que já estamos vivendo, mas que poucos percebem ou manipulam. Depois disso, as áreas de um grandioso plano, da mente universal, a síntese mental

do ser - que poderão deparar-se a eles, representam um domínio cada vez mais amplo.

Vasiliev viu algo ainda mais revolucionário do que a nova energia que acompanha o psi - "a experiência direta de outra pessoa". Nunca sabemos se outra pessoa está representando, assinala Vasiliev, ou se é capaz de transmitir o que está sentindo, mesmo que o queira. O psi parece ser um elo mental, um elo corpóreo. A plena e direta experiência de outra pessoa é um potencial assustador.

A tendência da parapsicologia comunista é forçar, aqui e ali, o potencial humano de ação humana. Para os soviéticos, o psi é prático, pode fazer-nos mais. Eles estão estudando as maneiras de utilizá-lo: aprimorar a capacidade intelectual, artística, inventiva; comunicar-se no espaço e no fundo do mar; ajudar a localizar minerais e água; predizer pedaços do futuro; comandar o comportamento de outra pessoa a distância; ver a distância; lidar com os campos de força viva que cercam o corpo. Isso é apenas o começo.

Enquanto os cientistas mergulham na pesquisa do psi orientada para a prática, um sentido de unidade viva, de movimento e variedade infinitos, está começando a emergir do casulo do desconhecido e do não visto. Isto é o homem, um ser de energia numa galáxia de energias, dinamicamente ligado a toda a vida e às forças do universo.

De um modo global, a parapsicologia comunista pode sintetizar-se em três palavras: Imagem, Energia, Potencial. O mundo da pesquisa psíquica na Tchecoslováquia, na Bulgária e na Rússia é feito de esforços para penetrar a dimensão da energia universal, esforços para soltar o potencial ilimitado e não usado do ser humano. Como subproduto desses esforços, os parapsicologistas comunistas

estão começando a mostrar o que talvez seja o aspecto mais importante de todos: uma imagem mais profunda do ser humano.

Apesar de tudo o que ele promete, a oposição que se faz à pesquisa do psi ainda é poderosa, tanto no Oriente, quanto no Ocidente. Entretanto:

"Temos um bom clima para as atividades psíquicas na Bulgária."

"Fala-se muito na União Soviética em estudar os poderes latentes da psique do homem, os quais, como a própria ciência o demonstrou, são inusitadamente grandes."

"Existe uma tradição espiritual na Tchecoslováquia que conduz à investigação científica no domínio do psíquico."

O interesse pelo estudo da dimensão do psi também começou a manifestar-se na Polônia, na Romênia, na Alemanha Oriental. (Veja o Apêndice D.)

Será realmente a herança dos Estados Unidos tão infecunda que tenhamos sido privados de visionários e sonhadores, do interesse "pelo mundo não visto"? Ter-nos-emos tornado, com efeito, mais ingenuamente materialistas do que os próprios comunistas?

Encarando a oposição nos Estados Unidos, o psiquiatra Jule Eisenbud, no livro que escreveu sobre a fotografia do pensamento e que intitulou The World of Ted Serios, observa:

Desconfio de que, se a resistência ao psi for algum dia superada, isso não virá do trabalho sério e paciente que se faz nos laboratórios ou de qualquer número de palestras dirigidas a cientistas ou ao público culto, mas da sublevação geral das classes de uma população que está explodindo de muitas maneiras.

Os cientistas comunistas levam a sério à pesquisa do psi. Não se trata de uma brincadeira. Não se trata da província dos poucos entusiastas. Já não terá chegado o momento de olharmos também para esse lado desconhecido do ser? Agora, hoje e amanhã, é ocasião de pesquisas arrojadas, firmes. E já é tempo de todos nós, em todos os níveis, deixaríamos a covardia de lado e obedecermos, corajosos, ao preceito vital, Conhece-te a Ti Mesmo. Não é uma questão de curiosidade intelectual. Não é uma questão de provarmos a nossa falta de preconceitos. É uma questão de sobrevivência. A humanidade está empenhada numa luta de vida ou morte - Eros contra Tânato, chamou-lhe Freud. A dimensão psíquica tem força de vida, é o foco da criatividade e da inspiração. Tem liberdade e vida para dar aos que as tomarem. Foi por isso que alguns dos espíritos mais esplêndidos deste século - Madame Curie, Carl Gustav Jung, Franklin D. Roosevelt, William Butler Yeats, Thomas Edison, Winston Churchill, Albert Einstein - se interessaram ativamente pelo espectro psíquico. Com o estudo ordenado dessa dimensão, a parapsicologia se encontra numa junção, como a última pedra da pirâmide, onde podem encontrar-se as humanidades, a religião, a ciência e as artes.

Não podemos todos verificar as experiências comunistas nem convencer as autoridades a fazê-lo por nós. Mas podemos criar um clima. O Dr. Karagulla utiliza médiuns tirados dos escalões superiores dos negócios, da medicina, da tecnologia. Não poderíamos, ao menos, mostrar-nos tolerantes com o seu gênero de capacidades, de modo que eles não sejam sempre e necessariamente "anônimos"? Não poderia a opinião pública ajudar os cientistas que julgam precisar trabalhar anonimamente nesse campo? Se alguma

coisa que pode ser psíquica nos acontecer, devemos desfazer-nos do "papel de embrulho pardo e comum". Devemos admiti-lo a nós mesmos, aos outros, admiti-lo diante da torrente da vida.

O psi não pertence apenas ao laboratório. A estarem certos alguns dos muitos que refletiram sobre ele, o psi é um potencial humano. Pertence a todo o mundo.

Os parapsicologistas comunistas ainda têm muita coisa para fazer. A oposição que enfrentam, em certos casos, pode ser muito mais direta e letal do que nos Estados Unidos. Mas se há alguma coisa que as pessoas altamente cultas, altamente individualistas, que conhecemos possuem em comum, é o entusiasmo franco, a ausência de preconceitos e uma decidida inclinação para o psíquico.

O que os pesquisadores do Oriente e do Ocidente estão tentando descobrir parece merecer o arrojo e o esforço. Em Awareness, Eileen Garrett o descreve como o "descobrimento da orla de um campo evolutivo outrora existente". Essa notável médium e notável mulher de negócios continua: "A consciência humana está-se libertando rapidamente das restrições da forma. [...] O próximo passo do homem na direção da liberdade só parece possível nas áreas da consciência. Atualmente, nos infinitos do espaço-tempo, o homem pode viajar em consciência para onde quiser - se o quiser".

Em 1962, o Dr. Leonid L. Vasiliev pôde finalmente publicar Experiências de Sugestão Mental, o seu livro durante tanto tempo proibido sobre pesquisas psíquicas. Ele escreveu:

"Fiz o melhor que pude. Os que o puderem, façam melhor do que eu."

O desafio aí está, a aventura está no meio do caminho. Existe, à nossa espera, um universo que não conhece norte, nem sul, nem leste n~.m oeste. Como disse a Morsa: "É chegado o momento".

APÊNDICE A

l. Pesquisas de Campos de Força na Rússia

A pesquisa sobre os detectores de campos de força está sendo feita em Leningrado no Laboratório de Cibernética Biológica do Departamento de Fisiologia da Universidade de Leningrado. O grupo de pesquisa, chefiado pelo sucessor do Dr. Vasiliev, Dr. Pavel Gulyaiev, usa elétrodos de detecção de alta resistência extremamente sensíveis para delinear o campo de força ou "aura elétrica", como lhe chama.

Referem os soviéticos que as reações musculares que acompanham até um pensamento podem ser detectadas e medidas e que os sinais na aura elétrica revelam muita coisa acerca do estado do organismo. No entender do Dr. Gulyaiev, esse campo de força pode ser o meio pelo qual se estabelece a comunicação entre os peixes, os insetos e os animais.

A pesquisa soviética está dirigida para o emprego dos detectores do campo de força em diagnósticos médicos e no PK. Os sinais gerados por um pensamento poderiam ser captados a distância, amplificados e utilizados para mover objetos.

O dispositivo do Dr. Gulyaiev destinados a obter "eletro-aurogramas" é tão sensível que pode medir o campo elétrico de um nervo. Os nervos de uma rã, por exemplo, têm um campo elétrico de vinte e quatro centímetros. As emanações

elétricas em torno do corpo se alteram de acordo com a saúde, o estado de espírito, o temperamento. A distância a que esse campo pode ser medido depende da quantidade de tensão gerada. (Veja Parapsychology Newsletter, janeiro-fevereiro de 1969 e maio-junho de 1969.)

2. Os Detectores de Sergeyev

Os detectores de Sergeyev, aparentemente, medem o campo de força humano a uma distância de quatro metros do corpo. Embora nos tivessem dito que os dados relativos à construção dos detectores de Sergeyev não se achavam disponíveis, por terem sido declarados matéria sigilosa pelos militares, recente comunicação procedente de trás da Cortina de Ferro indica que alguns pormenores foram publicados pela Academia de Ciências soviética. Uma autoridade espacial norte-americana sugeriu que o detector de Sergeyev talvez seja semelhante ao Medidor de Intensidade do Campo de Cristofv, ou "dispositivo antifadiga" de Cristofv (Product Engineering, 4 de julho de 1966 e 13 de fevereiro de 1967) ou semelhante aos detectares de campos magnéticos utilizados na pesquisa espacial. (Veja Schafer, W. - "Further Development of the Field Effect Monitor", Life Sciences, Convair Division da General Dynamics, Relatório A G7-41582, pp. 125-12G.)

2A. Detectores de Campos de Força

Na Universidade de Saskatchewan, no Canadá, também se fazem pesquisas sobre a mensuração dos campos de força humanos à distância. O grupo canadense, chefiado pelo

conhecido Doutor Abram Hoffer e pelo Dr. Harold Kelm, está trabalhando com um detector (inventado por um norte-americano, David Thomson) que consiste em duas placas de condensador, um pré-amplificador e um registrador de linha, como o de um eletrocardiógrafo. Esse detector delineia a distância a "aura" elétrica invisível do corpo, ou campo de força. Quando, por exemplo, um paciente entra numa sala, o detector determina, à distância, se o seu nível de ansiedade é alto, médio ou baixo.

Ajudado pelo Dr. Jack Ward de Trenton, Nova Jérsei, o inventor Thomson descobriu que o campo de força de uma pessoa detecta as freqüências dos campos de força de outras pessoas à distância e é afetado por elas. Diz Thomson: "Os campos de força das pessoas sentem imediatamente o medo, a agressão, o pânico ou a benevolência em outra pessoa". A fim de provar o seu ponto, construiu um transmissor para emitir "ondas de ansiedade" - um campo eletromagnético como o de uma criatura humana extremamente ansiosa. As pessoas reagiam prontamente a elas. Thomson afirma que poderia esvaziar uma sala cheia de gente em quinze minutos simplesmente ligando o transmissor.

Thomson também construiu transmissores para expedir ondas "calmas", que imitam o campo de força de uma pessoa descontraída, jovial. Diz Thomson que os transmissores poderiam ser usados para acalmar crianças assustadas ou doentes nervosos em hospitais. (Veja a revista Maclean's, de setembro de 1968.)

O resultado obtido na Universidade de Saskatchewan, escreveu-nos o Dr. Hoffer, são "francamente encorajadores". A NASA também está fazendo pesquisas sobre campos de força.

No terreno da parapsicologia, esses detectores dos campos de força poderiam ser importantíssimos para ajudar a aumentar o psi ou a capacidade de rabdomancia de uma pessoa. A pesquisa também proporciona nova prova científica de que os campos de força de observadores e experimentadores podem ter um efeito profundo sobre os médiuns e os testes de capacidade psíquica.

3. Notas Sobre o PK do Dr. Genady Sergeyev - Testes com Nelya Mikhailova

Testes numa câmara de EEG. Registro: EEG; eletrocardiógrafo; detectores de campos de força a quatro metros do paciente.

Existe um grande desnível entre as características elétricas da parte anterior do cérebro de Mikhailova e as da parte posterior do seu cérebro (cinqüenta para um), ao passo que na pessoa comum o desnível é de apenas quatro para um. O campo de força usual ao redor do corpo de Mikhailova é dez vezes mais fraco do que o campo magnético da Terra.

Durante o PK a seu pulso se eleva para 240 pulsações por minuto. Verifica-se a ativação dos níveis profundos do lobo occipital e da formação reticular. Isso acentua a polarização do cérebro entre a parte da frente e a parte de trás, diz Sergeyev. Quando o desnível entre a parte anterior e a parte posterior do cérebro atinge determinado nível, e se registra uma atividade muito intensa no lobo occipital, a radiação dos campos eletrostáticos e eletromagnéticos é detectada pelos detectores dos campos de força a quatro metros do corpo. Os distúrbios sofridos pelos campos magnéticos durante o PK são de natureza casual com um

ressonância paramétrica numa freqüência de cinco ciclos. Os batimentos cardíacos, as ondas cerebrais e as flutuações do campo de força estão em relação. Os campos ao redor do médium de PK se intensificam mais longe do que mais perto da cabeça. Mikhailova parece focalizar essas ondas do campo de força numa área específica.

Ondas girantes no campo de força flutuante da médium podem influenciar a atividade molecular de substâncias e também a atividade do próprio cérebro, de acordo com Sergeyev. As ondas magnéticas existem separadamente das ondas eletrostáticas e podem reduzir o atrito entre o objeto e a mesa durante o PK. Em conexão com as ondas magnéticas, o material não magnético pode tornar-se magnético. (Esses efeitos foram provados há dez anos por Zelin, diz Sergeyev. A teoria da interação magnética é discutida no livro Ondas Giratórias de Akeezer e outros.) A ocasião mais favorável para tal ocorrência é quando ela está coordenada com perturbações magnéticas da Terra.

4. A Teoria do PK

Sergeyev baseia a sua teoria do PK na idéia de um campo de plasma não homogêneo no corpo, que os Kirlians de Crasnodar (Capítulos 16, 17 e 18) fotografaram e mediram e que está sendo pesquisado agora na Universidade Estadual de Casaquia pelo Dr. V. Inyushin et al. De acordo com os biologistas de Casaquia, esse bioplasma gera alguns dos campos biológicos à volta do corpo medidos pelos detectores de Sergeyev. A mente e as emoções exercem poderoso efeito sobre o bioplasma e, por seu turno, sobre o campo de força. Sergeyev aventa a hipótese de que, em

certas condições específicas, o bioplasma poderia ser a causa de fenômenos psicocinéticos. Em recente artigo científico ele cita as condições em que as mudanças do bioplasma aparecem ou desaparecem. ("Fogo Invisível", em Telepatia, Telegnose, Rabdomancia e PK, organizado por Z. Rejdak. Praga: Publicação oficial, Svoboda, 1969-70. Veja também Inyushin na bibliografia.)

5. Relatório Tcheco Sobre Nelya Mikhailova pelo Dr. Zdenek Rejdak e pelo Dr. Ottokar Kurz, publicado pelo jornal tcheco Pravda de 14 e 21 de junho de 1968 Parte do relatório foi traduzida e publicada pelo Paraphysics Journal, Vol. 2, N.° 3

“Depois das experiências de PK a Senhora Mikhailova se mostrava exausta, com o pulso quase imperceptível, mobilidade reduzida e uma depressão geral visível no rosto. De acordo com o relatório do Dr. Zverev, a perda de peso depois de trinta minutos de testes de PK vai de 800 a 1 000 gramas. O EEG mostrou intensa excitação emocional. O eletrocardiograma acusou uma ação arrítmica do coração; foi impossível diferençar as ondas P e T e os complexos de câmara do coração QRS. Registraram-se altas percentagens de açúcar no sangue. Em conjunto, os sintomas nos lembram uma reação de alarma de stress no organismo, ruas a maneira pela qual .tais alterações se verificam no caso da Senhora Mikhailova não é usual na prática normal. Perturbou-se a

função do sistema endócrino; as mensurações fisiológicas revelaram enfraquecimento do organismo. Ficou diminuída a faculdade de discriminação do gosto, perturbou-se o sono, registraram-se dores nos músculos do braço e da perna, como também vertigens e uma disfunção da coordenação”.

"Experiências de laboratório: os fenômenos de PK ocorreram numa câmara eletroencefalográfica insulada. A Senhora Mikhailova mostrou-se capaz de deslocar objetos leves de material plástico e metais, cujo peso oscilava entre dez e cinqüenta gramas. No momento da ocorrência dos fenômenos, observaram-se registros por meio de vários elétrodos, em EEG, em aparelho cardiográfico e também se obtiveram registros por meio de um aparelho a distância sem contato direto, indicando um campo flutuante eletrostático; este último apareceu no momento da tensão cerebral.

"A análise dos sinais elétricos na superfície do crânio indicou que o nível de energia dos sinais era consideravelmente menor do que o nível de energia das flutuações do campo eletrostático registradas a distância. Ao mesmo tempo, contudo, constatou-se a existência de uma correlação significativa, dentro de 5% entre os parâmetros da bioturbulência elétrica e a turbulência eletrostática. Tudo faz crer que no instante dos fenômenos de PK havia acentuada correlação entre essas características informacionais e, ao mesmo tempo, concentração de energia na direção em que estava fixado o olhar da paciente. Verificou-se ainda que a freqüência das pulsações cardíacas podia ser aumentada quatro vezes nessas condições. O ritmo de modulação do campo eletrostático intermitente estava associado, numa relação geométrica, às freqüências do coração e do cérebro,

o que dá a entender que o coração pode influenciar a função-freqüência do modular de campo-espaço. [...]

"Descrevemos apenas muito parcialmente alguns resultados da pesquisa do Dr. Sergeyev, mostrando que o aparelho pode detectar e registrar o caráter extraordinário desses fenômenos que têm por base o organismo humano."

6. Nelya Mikhailova – Algumas Referências Adicionais

Artigos sobre Nelya Mikhailova (Ninei Kulagina) apareceram no Pravda de Leningrado de 21 de janeiro de 1964, de 23 de fevereiro de 1964 e de 15 de março de 1964; no Izvestia em seu nº 28, de 1964, e no número de 24 de janeiro de 1964 do Smena. Uma reportagem sobre a pesquisa do Dr. Leonid Vasiliev com ela apareceu no Serena, no dia 6 de janeiro de 1964, intitulada "Na Sala de Conferências de Moscou". Os primeiros relatos da sua capacidade de PK foram estampados no Pravda de Moscou de 17 de março de 1968 - "Quando Caem as Maçãs", da autoria de Lev Kolodny (traduzido pelo Journal of Paraphysics, Vol. 2, n.° 4, Downtown, Wiltshire, Inglaterra.) "O Fenômeno do Psi", de Vadim Marin, Komsomolets de Moscou, de 7 de abril de 1968. "Milagre numa Peneira", de V. Chijov, Pravda de 24 de junho de 1968 (traduzido pelo Journal of Paraphysics, Vol. 2, n.° 4); A Noite de Leningrado de 16 de abril de 1968. O número de 25 de março de 1968 de The International Herald Tribune também estampou um artigo sobre Nelya Mikhailova.

Os cientistas tchecos Dr. Ottokar Kurz e o Dr. Zdenek Rejdak discutiram testes levados a efeito com Mikhailova

em "Acerca da Telecinese", no Pravda tcheco de 14 de junho de 1968 e de 21 de junho de 1968. "Telecinese ou Fraude?", escrito pelo Dr. Rejdak apareceu nas páginas do Journal of Paraphysics, Vol. 2, n.° 3, de 1968. Veja também "A Kulagina Cine Films", pelo Dr. Rejdak, Journal of Paraphysics, Vol. 3, n.° 3, 1969; "Notas sobre os filmes de Kulagina [Mikhailova]", de B. Herbert, Vol. 3, n.°5 - 3 e 4, 1969; os números subseqüentes publicaram outros artigos a respeito.

Um artigo sobre PK com material radioativo: "Isótopos a Serviço da Parapsicologia", Conhecimento é Poder, n.° 9, 1967.

Três artigos científicos assinados pelo Dr. Sergeyev, incluindo o seu trabalho com Mikhailova, aparecem em Telepatia, Telegnose, Rabdomancia e PK: Publicação Oficial, Svoboda, 1969-70. Os dois artigos de Sergeyev e Pavlova também, são importantes: Método Estatístico de Pesquisa sobre o EEG Humano, Leningrado: Academia de Ciências da URSS, Publicação Científica, 1968, e Questões da Análise Aplicada dos Processos Casuais, Moscou: Publicação da Rádio Soviética, 1968.

7. Emoções e Bioplasma

O Dr. Inyushin descreve o impacto das emoções sobre o bioplasma animal, tal como é visto através do método kirliano de campos de alta freqüência. Quando alarmados, coelhos exibiam modificações radicais na radiação bioplasmática. Gerou-se um bioplasma condensado. As radiações emitidas pelo bioplasma eram escuras, com clarões intensos de uma cor purpurina. Em condições normais, os

clarões são azulados e a densidade do bioplasma distribuída uniformemente numa configuração complicada. Na opinião de Inyushin, as técnicas kirlianas poderiam ser aplicadas em parapsicologia para determinar o estado psíquico do paciente, sejam ou não adequadas as condições experimentais de psi. V. M. Inyushin em "Plasma Biológico de Organismos Humanos e Animais", Telepatia, Telegnose, Rabdomancia e PK, organizado pelo Dr. Z. Rejdak, Praga: Publicação Oficial, Svoboda, 1969-70.

8. Radiação Mitogenética

"Todas as células vivas produzem uma radiação invisível!" O cientista russo Dr. Alexandre Gurvitch eletrizou o mundo com essa declaração nos anos 30, revelando a existência de uma pesquisa que soava como o PK entre as plantas.

Escolheu a raiz de uma cebola recém-brotada para servir de "emissor" e montou a raiz num tubo, como um "canhão biológico". Gurvitch apontou a ponta da raiz para outra raiz de cebola, o "receptor", também colocada num tubo, mas com uma área exposta do lado. Depois de três horas, Gurvitch contou o número de células da área exposta do "receptor" e o número de células do lado coberto. Havia um quarto a mais de células na parte exposta ao "canhão biológico". A raiz da cebola devia estar irradiando alguma espécie de energia!

Gurvitch instalou laminas de quartzo entre a cebola emissora e a cebola receptora. Mesmo assim a estranha energia continuava a passar de uma para a outra. Experimentou levedura como "receptor". O ritmo de

germinação da levedura aumentou 30%. O mesmo se verificou com o crescimento das bactérias.

Nos humanos, Gurvitch descobriu que o tecido muscular, a córnea do olho, o sangue e os nervos eram todos "emissores" do que ele denominava "radiação mitogenética". Tecidos cancerosos têm capacidade de radiação, mas já não a tem o sangue de doentes acometidos de câncer. Os hospitais da Europa começaram a usar esse teste de sangue para fazer diagnósticos. E chegaram à conclusão de que a doença afetava a radiação. Quando uma pessoa doente segurava uma cultura de lêvedo durante alguns minutos, isso já era mais do que suficiente para matar vigorosas células de levedura.

Em Nova Iorque, o Harper's Magazine de julho de 1934 saudou o descobrimento de Gurvitch - "A vida cuja roda é movida pela luz também pode ser um gerador de luz. Este é o pasmoso conceito proposto por uma série de experiências num laboratório russo".

Gurvitch não podia ver a radiação das coisas vivas. Só podia ordenar-lhe sistematicamente os efeitos. Ninguém mais podia ver o que Gurvitch encontrara ou compreender o que causara as variações dos resultados. Gurvitch propôs uma teoria de campos de força biológicos, que foi logo esquecida.

Depois os Kirlians aplicaram às plantas o comutador de alta freqüência. Todo o mundo pôde ver raios esquisitos e estranhas plumas de luz saindo das plantas. Hoje, os cientistas da Universidade Kirov do Cazaquistão voltaram a examinar os descobrimentos de Gurvitch. Afirmam os seus biologistas: "Existe uma nova possibilidade de verificar as idéias de A. G. Gurvitch, que se estribam no conceito do

plasma biológico como o meio em que se expande a força desse campo".

A fotografia kirliana pode provar que existe uma radiação proveniente dos seres vivos capaz de exercer influência sobre outros seres vivos.

O descobrimento de Gurvitch suscita uma infinidade de perguntas em outros campos também. A energia jorra das plantas - frutas frescas, vegetais. Quais são as implicações desse fato para os alimentos vivos? Constituirá, porventura, a energia existente nas plantas o seu verdadeiro valor alimentar, sendo ela destruída pelas nossas substâncias químicas, sprays e aditivos? E possível que a fotografia kirliana seja um grande trunfo na pesquisa sobre nutrição, agricultura, horticultura e campos correlatos.

9. O Efeito Kirliano

Devemos grande parte dos dados que possuímos sobre o Efeito Kirliano a inúmeras conversações particulares com cientistas soviéticos. Os seguintes artigos e documentos científicos estudam adicionalmente o descobrimento de Kirlian.

Kirlian e Kirlian, "Fotografia e Observação Visual por Meio de Correntes de Alta Freqüência", Revista de Fotografia Científica e Aplicada, Vol. 6, N.° 6, 1961. I. Belov, "As Fronteiras do Desconhecido", Inventor, N.° 6, 1964. I. Belov, "Clarões que Iluminam o Desconhecido", artigo de jornal, URSS, sem indicação da fonte, I. Leonidov, "Sinais - Do Quê?", União Soviética, N.° 145, 1962, reimpresso com outro título: "Os Russos Fotografam a Vida e a Morte", em Fate, de setembro de 1962.

Inyushin, Grishchenko, et al., "A Essência Biológica do Efeito Kirliano", O Conceito do Plasma Biológico, Alma-Ata: Universidade Estadual de Kiroc, no Casaquestão, 1968.

Inyushin, V. M., "Sobre a Questão da Atividade Biológica da Radiação Vermelha", Alma-Ata, 1965. "Sobre a Estrutura Energética do Organismo",

Conferência sobre Material Científico, Alma-Ata, 1966. "Sobre a Questão de Estudar a Luminescência num Campo de Alta Freqüência", Sobre a Influência Biológica da Luz Vermelha Monocromática, Alma-Ata, 1967. "Sobre os Aspectos Bio-energéticos da Influência da Energia Luminosa sobre o Organismo Vivo", Algumas Questões de Biologia Teórica e Aplicada, Alma-Ata, 1967.

Grishchenko, V. S., "O Quarto Estado da Matéria", Paris, 1944.

Juravlev, A. E., "Luminescência Viva", Publicação cientifica, 1966.

Keldysh,L.V., "Supercondutividade em Sistemas não Metálicos", Progresso da Ciência Física, Vol. 86, N ° 2, 1965.

Meshcheryakov, K. S., "Sobre as Leis de Interação da Massa e da Energia nas Células", Influência Biológica da Luz Vermelha Monocromática, Alma-Ata, 1967.

Pressman, A. S., Campos Eletromagnéticos e Natureza Viva, Moscou, Ciência, 1968.

Szent-Gyiorgyi, A Bioenergética, Physmatgiz, 1960.

Frank-Kamentski, D. A., Plasma, Quarto Estado da Matéria, Gosatomizd.

Chijevsky, A. L., Íons do Ar e a Economia Nacional, Gosplanizdat, 1960. Um estudo do impacto das radiações

solares sobre a atividade biológica aparece em A Terra no Universo, Moscou, Myicl, 1964.

Chinovet, A., e S. Buxbaum, "Plasma do Corpo Sólido", Progresso da Ciência

Física, Vol. 90, Nº 1, 1966.

Artigos sobre a relação entre o Efeito Kirliano e a Acupuntura:

Varsemova, D., "Nova Arma da Antiga Ciência", Gazeta Literária, N ° 16, maio de 1963.

Dyal, Igor, "700 Pontos Enigmáticos", Gazeta Literária, N.° 24, 1967.

Raikov, V. e Adamenko, V., "Questões de Pesquisa Objetiva de Estados Hipnóticos Profundos", Terapêutica da Doença Mental, Moscou: Sociedade de Neuropsiquiatras, Instituto Médico Sechenov, 1968.

Material adicional sobre acupuntura:

Drabkina, S., "Tobiscópio", Sputnik, N.° 5, 1969.

Vogralik, Vadim, "Alfinetadas de Saúde?" Sputnik, julho de 1969 (em inglês).

Vogralik, V. G., Princípios do Método Chinês de Medicina, Gorky, 1961.

Bon-Kan, Kim, O Sistema Kyung-rak, Base Científica e Material da Acupuntura, Pyong-yang; Academia de Ciências Médicas, Coréia do Norte, 1963 (em russo).

Dr. Wu, Wei-p'ing, Chinese Acupuncture, Rustington, Inglaterra: Health Science Press.

Lawson-Wood, D. e J., Five Elements of Acupuncture and Chinese Massage, Rustington, Inglaterra: Health Science Press.

Bach, Marcus, "Acupuncture - An Ancient Method of Healing", Fate, dezembro de 1968.

Becker, Raymond de, "Les grandes médecines anciennes ne sont pas méprisables' , Planète, março de 1969.

McCullough, C., "The Army Makes Them Hear", Toronto Globe and Mail, 7 de junho de 1969.

Moss, Louis, Acupuncture and You, Citadel, Nova Iorque, 1966.

Inglis, Brian, Fringe Medicine, Faber, Londres, 1964.

Inyushin, V., "Sobre os Aspectos Bioenergéticos da Influência da Energia Luminosa sobre os Organismos dos Animais", Algumas Questões de Biologia Aplicada, Alma-Ata, 1967.

APÊNDICE B
Teorias Soviéticas do PSI

O Dr. Ippolit Kogan aplicou de várias maneiras os seus conhecimentos matemáticos à parapsicologia. Inventou, por exemplo, logaritmos para determinar o grau de "correção" na recepção de uma imagem telepática. Um médium talvez não diga "um pote vermelho", mas dirá "metálico, quinze centímetros de largura, vermelho". Diferentes qualidades podem ser avaliadas para se determinar a correção. A fim de contornar um obstáculo que se opõe aos teoristas do eletromagnetismo - o fato de que a telepatia não parece diminuir com a distância - Kogan pensa em telepatia menos em termos de energia do que de informação. Uma analogia:

se estivermos usando a luz como energia, uma lâmpada para fotografias instantâneas, a fim de revelar um filme numa câmara, precisamos estar muito próximos da fonte luminosa. Se o seu objetivo for à informação, como a que se obtém de uma baliza iluminada, pouca diferença fará se houver um clarão ofuscaste ou um tímido bruxuleio a quilômetros de distância. Essa linha de reflexões aplica-se à telepatia para explicar por que ela não parece diminuir com a distância. Kogan demonstrou matematicamente que, em princípio, a telepatia poderia mover-se sobre ondas excessivamente longas (mais de um quilômetro e meio). Ele admite, paradoxalmente, que essas ondas só explicariam a telepatia entre pessoas muito próximas uma da outra e não separadas por grandes distâncias. Como também não exclui a hipótese de que outras forças, além das eletromagnéticas, estejam envolvidas na telepatia. Parte da obra original do Dr. Kogan, incluindo a sua matemática, pode ser encontrada em inglês - veja a bibliografia. (73-79, 416)

O matemático e físico de Leningrado, Igor Shishkin, que disse serem os argumentos de Kogan "a mais brilhante defesa do ponto de vista eletromagnético", tipifica um grupo maior de soviéticos, que olha para além do espectro eletromagnético. Supõem alguns que as energias do átomo são o "mecanismo" do psi. (127) A maioria, porém, acredita na existência de uma força ou campo desconhecido - às vezes difuso, as vezes semelhante à gravidade, disse Vasiliev.(45-46-237) Como muitos físicos soviéticos, Shishkin está trabalhando numa teoria das flutuações. O trabalho de alguns teoristas soviéticos da "flutuação" é apresentado em tradução para o inglês, Synchroton

Radiation, de A. A. Sokolov e I. M. Tunov, Pergamon Press, Londres.

Aplicando as teorias da flutuação ao psi, Shishkin se vale do trabalho do físico soviético teórico Terletsky e do trabalho de Broglie e outros para elaborar a sua hipótese: a telepatia deslocando-se mais depressa do que a velocidade da luz através da flutuação num campo teórico. Encontra-se, traduzido para o inglês, um pequeno trabalho que apresenta as idéias inéditas de Shishkin. (203)

APÊNDICE C

Manifesto tcheco apresentado em 1968 na Conferência de Parapsicologia de Moscou.

Psicotrônica

Recentemente, na Tchecoslováquia, um grupo de trabalhadores teóricos e práticos no campo da parapsicologia cunhou o novo termo psicotrônica em lugar de parapsicologia. O primeiro a empregar esse termo foi Fernand Clerc, o estudioso francês. Num artigo publicado por urna revista radio-tecnológica ele aludiu à possibilidade de conseguir, por um ato de vontade, que uma gota d'água se desviasse para a direita ou para a esquerda ao cair sobre o fio de uma navalha. Mas não levou adiante o estudo do fenômeno.

Decidindo empregar o citado termo, os supracitados trabalhadores argumentam:

1. O termo "parapsicologia" parece impróprio e inadequado a uma disciplina científica.

2. O termo "psicotrônica" mostra que a questão de que se trata são os fenômenos associados ao aspecto psíquico e ao sistema nervoso do homem e de outros seres vivos, de um lado, e os fenômenos de caráter energético por si mesmos, de outro. E precisamente a essa forma de energia que fazemos alusão todas as vezes que certos fenômenos físicos ou biofísicos desafiam a explicação pelas formas familiares de energia. Parece tratar-se de uma forma de energia muito mais sutil do que as ondas eletromagnéticas, e sempre associada ao componente e ao impulso psíquico. Tudo indica que não se devem excluir várias transformações e transmutações dessa forma de energia em formas familiares de energia. Visto que essa forma de energia, provavelmente, é superior às formas de energia até agora conhecidas, ela pode, de acordo com leis transformação, ser reduzida a formas inferiores de energia do mesmo modo que a energia eletromagnética se transforma em energia corpuscular quando um raio gama está atravessando um forte campo nuclear.

3. O novo termo "psicotrônica" é suficientemente genérico para incluir todos os fenômenos pertinentes, que estão sendo pesquisados atualmente e o serão no futuro.

4. Podem dispensar-se termos inadequados como fenômenos "parabiológicos" ou fenômenos "paraneurofisiológicos".

5. Na Tchecoslováquia e, freqüentemente, em outras partes do mundo também, ainda subsiste, por detrás da opinião pública, o ponto de vista de que é a "nata" dos ocultistas que está lidando com a parapsicologia. Essa opinião, não infreqüentemente, tende a desestimular cientistas sérios de cooperar com os que trabalham com a

telepatia, a telegnose, a telecinese e outros fenômenos do mesmo gênero.

Uma definição aproximada do novo termo pode ser a seguinte:

A psicotrônica, em essência, é a biônica do homem. O seu principal objetivo é completar o conjunto de leis que governam o mundo animado e o mundo inanimado com novos conhecimentos psíquicos, físicos e biológicos, derivados de manifestações extraordinárias da psique humana. Além disso, o objetivo é buscar as conseqüências práticas do problema em tela utilizando o homem como elo intermediário ou eliminando o homem e utilizando uma síntese artificial - como, por exemplo, ideando um "gerador" da energia usada pelo homem na transferência telepática , depois que se tiverem produzido provas definitivas de que nenhuma das formas familiares de energia - eletromagnética, gravitacional, ou qualquer outra - está envolvida nos fenômenos pesquisados. Aí está por que uma das principais finalidades da psicotrônica é investigar as características dessa nova forma de energia, denominada "energia psicotrônica" para propósitos de trabalho, tendo o "psicotron" por unidade, depois que se houver obtido uma prova experimental da sua existência. Uma segunda tarefa da psicotrônica consiste em transmitir os conhecimentos recém-adquiridos a mais disciplinas científicas, como a psicologia, a física, a medicina, a filosofia, e outras desse jaez, contribuindo para a elaboração de uma imagem de conhecimento científico tão complexa quanto possível.

De mais a mais, os supramencionados trabalhadores são ainda de parecer que, tendo sido estabelecida e definida a nova forma de energia - a energia psicotrônica - a concepção

"dual" de Broglie do elétron (que tanto pode parecer existir como matéria quanto pode parecer existir gomo onda) pode ser estendida a uma concepção "triádica", que expressa o mundo animado e o mundo inanimado da matéria em movimento em sua totalidade. Haveria, nesse caso, todas as razões possíveis para se reconhecer a "trialidade" cósmica como a lei suprema da natureza e da existência do homem.

Estabelecendo, portanto, os parâmetros da nova forma de energia, emprestar-se-á à concepção da matéria em movimento um terceiro aspecto. A definição da matéria em movimento será determinada por leis muito mais complexas do que as que se conhecem atualmente. Reitere-se que é importante não perder de vista o fato de que a introdução do novo termo "psicotrônica" e a definição do novo enfoque podem revelar-se proveitosas para se chegar a um acordo com os cientistas cuja atitude em relação às questões ora discutidas tem sido, até agora, eminentemente cética.

APÊNDICE D
A Parapsicologia em Outros Países Comunistas Europeus

Romênia: Talvez a pessoa mais conhecida que se interessa por parapsicologia seja o Dr. V. A. Gheorghiu, especialista em hipnose experimental do Instituto Psicológico de Bucareste. O Dr. Gheorghiu visitou os centros de psi soviéticos e da Alemanha Ocidental e apresentou um trabalho no Seminário Internacional de Parapsicologia de Moscou em agosto de 1966. Fez

referências a insólitas experiências em "Parapsicologia e Hipnose - As Relações entre Ambas".

Polônia: Desde o fim do século XIX até a Segunda Guerra Mundial, a pesquisa psíquica polonesa, fundada pelo famoso Julius Ochorovicz, figurou entre as mais ativas e as de maior alcance em toda a Europa. Havia cinco centros principais de pesquisa. Essa riqueza de investigações foi interrompida pela guerra e pelas vicissitudes políticas. Depois disso, até recentemente, a única pessoa que continuava a trabalhar publicamente nesse campo era o Dr. Stefan Manczarski, chefe do grupo polonês que participou do Ano Geofísico Internacional em 1957. Agora o psi parece estar retornando à cena.

Indagando das pesquisas atuais, recebemos esta resposta do Dr. Franciszek Chmielewski, Presidente da Sociedade Copérnico de Natura listas da Polônia:

"Temos a Seção Bio-Eletrônica da Sociedade Copérnico de Naturalistas da Polônia: os principais tópicos da atual atividade da Seção são os seguintes: (1) fenômenos elétricos em organismos vivos; (2) maior atividade nervosa em conexão com fenômenos parapsicológicos e com a hipnose; (3) a influência sobre organismos vivos de todas as espécies de radiação cósmica e terrestre.

"Entre os associados da nossa Seção Bio-Eletrônica se incluem muitos especialistas em radioestesia, hipnose e clarividência. Fora da Seção, existem na Polônia muitos cientistas cujo grande interesse é a radioestesia -. como, por exemplo, o padre, Senhor Jan Podbielski, e muitos que se interessam pela parapsicologia - como, por exemplo, o Professor Stefan Manczarski."

O Dr. Chmielewski incluiu esta lista de artigos científicos: S. Manczarski:

1/ "A questão da Telepatia em Estudos Radiotécnicos", Revista de Telecomunicações, N.° 10, 11/12, 1964; N.° 1/2, 3, 1947.

2/ "Aplicação da Cibernética e da Radiofísica em Parapsicologia", Revista de Telecomunicações, N.° 11, 1961.

3/ "O Hoje e o Amanhã da Teletransmissão". Trabalho apresentado no Simpósio da Academia de Ciências da Polônia, Varsóvia, em 4 a 6 de dezembro de 1963.

K. Jach

4/ "Pesquisa de Fenômenos de Telepatia em Conexão com a Hipótese das Ondas Eletromagnéticas". Não publicado.

K. Borun:

5/ "Telepatia: uma Área da Ciência", Almanaque do Trabalhador, 1962.

Em conexão com a Polônia, não se pode deixar de mencionar outro homem. Stefan Ossowiecki (1877-1944), nascido na Rússia de pais poloneses, logo descobriu o seu notável talento psíquico, que desenvolveu com a ajuda de um santo homem russo-judeu. Encarcerado por crimes políticos em 1917, Ossowiecki mudou-se para Varsóvia ao ser libertado quatro anos depois. Engenheiro químico, homem profundamente religiosa, nunca aceitou recompensas pelo uso do seu versátil talento psíquico. Ótimo telepata, era também clarividente notável, que se especializou na leitura de mensagens fechadas em envelopes duplos e em tubos de chumbo. Além de inúmeros cientistas poloneses, os grandes pesquisadores da época - Richet, Osty, Geley, Dingwall, von

Schrenk-Notzing, Vasiliev - testaram com êxito a telepatia e a clarividência de Ossowiecki. Diz-se também que ele era capaz de influir telepaticamente no pensamento e nos atos de outra pessoa e realizar a "projeção astral".

Quando a Alemanha invadiu a Polônia, deram um salvo-conduto a Ossowiecki e instaram com ele para que fugisse. Ele preferiu ficar.

Durante a guerra, utilizou os seus talentos da mais bela maneira possível: ajudando o movimento subterrâneo, prestando informações sobre pessoas perdidas e aprisionadas. Segurando um pedaço de roupa, dizia onde as vítimas tinham sido executadas, onde estavam enterradas. Relatos documentados descrevem-no localizando corpos específicos em valas comuns empilhadas de cadáveres. No dia da Revolta de Varsóvia ele observou:

- Vejo que morrerei de morte terrível. Mas tive uma vida maravilhosa!

Em poucas palavras, os nazistas mataram Stefan Ossowiecki com rajadas sucessivas de metralhadora. O manuscrito do seu última livro foi queimada com o seu corpo. Ele é lembrado como um médium confirmado e provado e homem boníssimo. Logo sairá um livro sobre Ossowiecki para familiarizar os norte-americanos com a sua vida extraordinária.

Realizamos extensas entrevistas com um cientista polonês e outros poloneses que visitaram o Ocidente e que mencionaram a atual pesquisa do psi. Com as reviravoltas que abalaram a Polônia no princípio de 1968, pediram-nos que omitíssemos o material que nos haviam fornecido. Basta dizermos que eles estão interessados em todas as áreas de pesquisa psíquica.

Hungria: Continua o trabalho sobre astrologia médica. Entre os inúmeros cientistas que a ele se dedicam estão o Dr. Kurt Rechnitz, professor universitário e ex-diretor da Clínica Obstétrica de Budapeste, e o Dr. Endre Magyari, de Budapeste. Não temos notícias sobre as pesquisas atuais do psi, muito embora a Hungria - como a Polônia - mostrasse atividade nesse campo antes da guerra.

Alemanha Oriental: Limitamo-nos a ouvir de outros cientistas comunistas: "Estão trabalhando lá". Em Croiset, Jack Pollack afirmar que os nazistas confiscaram extensos arquivas e os fundos da Revista de Parapsicologia holandesa e da Sociedade Holandesa de Pesquisas Psíquicas. Como não foram devolvidos, "devem estar na Alemanha Oriental ou em algum lugar atrás da Cortina de Ferro", diz Pollack.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL E REFERÊNCIAS

Todas as publicações são soviéticas, a menos que se indique expressamente outra coisa. As publicações em inglês estão assinaladas com um asterisco. Os números correspondem às referências feitas em todo o correr do livro.

1.ABSOLON, Amand, "Organização de Atividades no Centro de Pesquisas Astra", Trabalhos sobre Astrologia Científica. Bratislava: Pressfoto, 1969. Tchecoslovaco.

2. AGRHST, Modesto, "Visitas à Terra feitas por Seres Interplanetários", Gazeta Literária, 1959.

3. ANFILOV, G., "Transferência de Pensamento - É Possível?" Znaniesila, N.° 12, 1960.

4. ASSENOV, K., "Sugestopedia", Stoudentska Tribouna, Sofia, 14 de dezembro de 1965. BULGÁRO

5. ASTROV, M., "Novamente Sobre Telepatia", znaniesila, N.° 1, 1966.

6. BARNA, Balogh, "Relações Entre a Astronomia e a Antiga Astrologia", Trabalhos sobre Astrologia Científica. Bratislava: Pressfoto, 1969. TCHECOLOVACO (autor húngaro)

7. BASHKIROVA, G., "A Menininha Sensação", znaniesila, N.° 9, 1964.

8.BATENOV, A., "Aplicação Experimental do Método biofísico (Rabdomancia) na Procura de Água no Deserto". Trabalho apresentado no Simpósio sobre Rabdomancia sob a direção do Dr. A. A. Ogilvy, Presidente do Departamento de geofísica da Universidade de Moscou, de 11 a 12 de abril de 1968.

9. BELOV, I, "As fronteiras do Desconhecido", Inventor, N.° 6, 1964.

10. "Clarões que Iluminam o Desconhecido". Não há indicação de fonte. URSS, 1961.

11.BICARD, V., Comunicações Entre a Altura e a Estabilidade das Barreiras de Cor". Questões de Pesquisa Complexa em Dermo-Óptica. Sverdlovsk: Instituto Pedagógico, 1968.

12. BILIK, Stanislav, "Problemas do Dr. Jonas Resolvidos por Computadores", Trabalhos sobre Astrologia Científica. Bratislava: Pressfoto, 1969. TCHECOSLÓVACO

13. "Bio-Comunicações", Pravda de Moscou, 22 de março de 1967.

14. BONGARD, M. M. e Smirnov, M. S., "Sobre a Visão Dérmica de R. Kuleshova", Biofísica, N.° 1, 1965.

15."Telepathic Experiments, Necessary Requirements", Journal Paraphysics, Vol. 2. Nº 3, 4, 5. (Downton, Wilts., Inglaterra.)

16.BONDAREV, B. V., "Resultados de Experiências com Métodos Biofísicos (Rabdomancia) sobre Depósitos Minerais na Ásia Central". Trabalho apresentado no Simpósio sobre Rabdomancia chefiado pelo Dr. A. A. Ogilvy, Presidente do Departamento de geofísica Universidade de Moscou, 11-12 de abril de 1968.

17. BON-KAN, Kim, O Sistema Kyung-rak, Base Material e Científica Acupuntura. Pyong-Yang: Academia de Ciências Médicas, Coréia do Norte, 1963. (Em russo.)

18. BOULE, P., "É Necessário Estudar os Fatos", Ciência e Religião Nº 7, 1965.

19. CHIJEVKL, A. L., "L'action de 1'activité périodique solaire sur les phénomènes sociaux", Traité de Climatologie Biologique et Medicale. Paris: Masson, 1934. (Autor soviético.)

20. "L'action de 1'activité périodique solaire sur les épidémies". segundo Berg, Symposium Internationale sur les Relations Phémenales Solaires et Terrestriales. Bruxelas: Presses Académiques Européennes, 1960.

21. O Sol e Nós. Moscou: 1963.

22. CHIJOV, V., "Miracle in a Sieve", Pravda, 24 de junho de 1968 Tradução: Journal of Paraphysics. Vol. 2, N.° 4. (Dowmton Wilts., Inglaterra.)

23.CVERL., Psicotrônica e Filosofia, Telepatia, Telegnose, Rabdomancia, Psicocinese. Praga: Svoboda, 1970.

24. DOBROVICH, A., "Você Quer Sair de Si Mesmo?". Znanie-Sita, Nº 6 1969.

25.DOBSA, Istvan, "Diagnóstico Astrológico de Moléstias Difíceis Diagnosticar", Trabalhos sobre Astrologia Científica. Bratislava Pressfoto, 1969. Tchecolosvaco (autor húngaro.)

26. "Does Extra-Sensory Perception Exist?" Sputinik, fevereiro de 1968.

27. DRABKINA, S., "Tobiscope", Sputnik, N ° 5,1969.

28. DVINSKY, E., Durov - His Performing Animals. Moscou: Foreign Language Press.

29.DYAL, Igor, "700 Pontos Enigmáticos", Gazeta Literária, N.° 24, 1967.

30.EFIMOV, V. V., "Energetics of Nerve Processes". Trabalho apresentado no Seminário da Seção de Parapsicologia Técnica afiliada Instituto de Engenharia de Moscou, em 29 de março de 1967.

31. "Experiências em Radioestesia". Sibéria: 1962.

32. "Extra-Terrestrial Civilizations?" União Soviética de Hoje, março 1962.

33. "Visão sem Olhos", artigos sobre: Technology for Youth, N.° 4, 1963.

34. FESENKO, R. A., "Apanhado do Trabalho Realizado no Centro de Parapsicologia da Universidade de Utrecht". Trabalho apresentado; Seminário da Seção de Parapsicologia Técnica afiliada Instituto de Engenharia de Moscou, em 4 de fevereiro de 1967.

35. Fidelman V., "Métodos & Resultados da Transmissão Telepática de Números". Trabalho apresentado no Congresso sobre Problemas Científicos de Telepatia, Instituto de Tecnologia de Rádio A. S. Popov, 22 de fevereiro de 1968.

36. FIGAR, S., "A Aplicação da Pletismografia ao Estudo Objetivo da Chamada Percepção Extra-Sensorial", Revista da Sociedade de Pesquisas Físicas, (Londres), Vol. 38, 1959. (.Autor tcheco.)

37. GELLERSTEIN I, "Não é uma Questão de Fé", Nedelya, Izvestia.

38. "Não Estabeleça Limites para a Pesquisa", Ciência e Religião, Nº 3,1966.

39. GOGOL, Nikolai, Dead Souls, Nova Iorque: Pantheon Books, 1948.

40. GOLDBERG, "Em Reconhecimento de Indicações de Cor Através de Escudos de Metal", Questões de Pesquisa Complexa de Dermo-óptica. Sverdlovsk; Instituto Pedagógico, 1968.

41. GOLIKOV, H., YANVAREVA, E., VORONOV, A., "Uma Lembrança de Leonid Leonidovich Vasiliev", Arauto da Universidade de Leningrado, Série de Biologia, 2ª Parte, N.° 9, 1966.

42. GOLOVANOV, L., "O Ritmo da Vida e o Ritmo do Cosmo", Trabalhos sobre Astrologia Científica. Bratislava: Pressfoto, 1969. (Autor soviético.)

43. GORANOVA, A., "Sugestopedia", Zemedelsko Znami, Sofia, 9 de dezembro de 1965. BÚLGARO

44. GULAS, Stefan, "Astrologia e Economia", Trabalhos sobre Astrologia Científica. Bratislava; Pressfoto, 1969.

45. GULYAEV, P., "O Fenômeno do Psi, Uma Realidade", Revista Soviética, junho de 1961. (Autor soviético.)

46. "Campos Eletromagnéticos Cerebrais", tradução: International Journal of Parapsychology, Vol. 7, N.° 4, 1965. (Autor soviético.) (Nova Iorque)

47. "Fronteira da Biônica", Universidade de Leningrado, abril de 1967, N.° 24.

48. GURVICH, G., "Bio-Informação no Desenvolvimento e na Formação do Organismo". Trabalho apresentado no Simpósio sobre Parapsicologia e Saúde, Sessão de Parapsicologia Técnica, afiliada ao Instituto de Engenharia de Moscou, em 24 de abril de 1967.

49. "Sessão de Cura", Vecernji List, (Zagreb), 18 de setembro de 1965.

50. HOLODOV, U. A., "O Homem numa Teia Magnética", Znaniesila, Nº 7, 1965.

51. "Horizontes da Ciência". Palestra sobre Parapsicologia e sobre OVNIS. (20 pp.) Urss: 1968.

52. "Horizontes do Futuro". Palestras sobre Parapsicologia e Mitos, Harmonia do Cosmo, Ciência, Religião e Moral - a Nova Religião Necessária. (45 pp.) Urss: 1968.

53. HRISTOV, E., "Parapsicologia e Vanga", Jornal Pogled, 6 de junho de 1966. (Búlgaro)

54. HRÓUSSANOV, G., "Ciência e Sonhos", Zemdelsko Znami, Sofia, 5 de junho de 1961. (Búlgaro)

55. "Hipnose sem Hipnose? Sugestopedia", Znaniesila, N.° 3, 1968.

56. "Na Sala de Conferências de Moscou", (Ninei Kulagina), Smena, 16 de janeiro de 1964.

57. INYUSHIN, V. M., Três artigos sobre pesquisa básica em biologia, Questões de Biologia Teórica e Aplicada. Alma-Ata: Publicação Científica, Casaque SSR, 1967.

58. "Possibilidades de Estudar Tecidos em Descarga de Alta-Freqüência", (Efeito Kirliano), Influência Biológica da

Luz Vermelha Monocromática. Alma-Ata; Universidade Kirov, 1967.

59. "Plasma Biológico do Organismo Humano com Animais", Telepatia, Telegnose, Rabdomancia, Psicocinese. Praga: Svoboda, 1970.

60. INYUSHIN, V. M., GRISHCHENKO, V. S., et al., Sobre a Essência Biológica do Efeito Kirliano, (Conceito do Plasma Biológico). Alma-Ata: Universidade Kirov do Estado de Casaque, 1968.

61 . "A Culpa é da Lua?" União Soviética, Nº 202. 1966.

62. JANOSOVOVA, Martina, "Não Obstante, Ela se Move", (Astrologia médica), Pravda (tcheco) de 24 de maio de 1968. Tchecolosvaco.

63. JONAS, Eugen, "Fundamentos da Astrologia Aplicada", Trabalhos sobre Astrologia Científica. Bratislava: Pressfoto, 1969. Tchecolosvaco.

64. KADIKOV, Igor, "O Milagroso - Audição e Voz", Baikal, N.° 4, 1968, República Autônoma de Buriate, URSS.

65. KAJINSKY, B. B., Rádio-Comunicação Biológica. Kiev: impressa pela Academia de Ciências da Ucrânia, 1962.

66. KAMENOV, N., "Uma Experiência Telepática Bem Sucedida em Nosso País", Jornal da Noite, Sofia, 12 de dezembro de 1964. BULGÁRO

67. KAMENSKY, Yu., "Deixar Brilhar a Luz", Ciência e Religião, Setembro de 1966.

68. "Métodos e Resultados da Transmissão Telepática de Imagens". Trabalho apresentado no Simpósio sobre Parapsicologia e Saúde, Seção de Parapsicologia Técnica afiliada ao Instituto de Engenharia de Moscou, em 24 de abril de 1967.

69. KAPACHOWAS, V., "Aplicação do Método biofísico na Geologia Engenheiral". Trabalho apresentado no Simpósio sobre Rabdomancia, chefiado pelo Dr. A. A. Ogilvy, Chefe do Departamento de geofísica da Universidade de Moscou, em 20-21 de junho de 1968.

70. KATAIGORODSKY, A., "Que é Telepatia?" Gazeta Literária, 26 de novembro de 1964.

71. "O Mundo Está Cheio de Coisas Estranhas", znaniesila, N.° 6, 1965.

72. "Não é Preciso Temer os Fatos!" Znaniesila, N ° 1, 1966.

73. KOGAN, Ippolit, "É Possível a Telepatia?" Radiotechnika, N.° 1. 1966. Tradução: Radio Engineering, Vol. 21, pp. 75-81. Nova Iorque.

74. Bio-Informação, Hoje e Amanhã, Komsomolskaya Pravda, 9 de Outubro de 1966. Tradução: Journal Of Paraphysics, Vol 2 nº 1. (Downton, Inglaterra)

75. "Telepatia, Hipóteses e Observações", Radiotechnika, N.° 1, 1967. Tradução: Radio Engineering, Vol. 22, pp. 141-44. Nova Iorque.

76. Análise Informativa de Experiências Telepáticas, Radiotechnika, N °3, 1968.

77."Pesquisa sobre a Telepatia como - Canal Transmissor de Informações", Relatórios Anotados, 24ª Sessão Científica, publicada pelo Instituto de Radiotecnologia A. S. Popov, de Moscou, em 1968.

78. "Aspectos Informativos da Telepatia", Manuscrito (28 páginas), 1969.

79."Aspectos Informativos da Telepatia", Telepatia, Telegnose, Rabdomancia, Psicocinese. Praga: Svoboda, 1970.

80. KOLODNY, Lev, "Quando Caem as Maçãs", Pravda de Moscou, 17 de março de 1968. Tradução parcial pelo Journal of Paraphysics, Vol. 2, N.. 4. (Downton, Wilts., Inglaterra.)

81. "A Bússola de Karl Nikolaiev", Pravda de Moscou, 17 de julho de 1966.

82. "Telégrafo Sem Fio Número Dois", Pravda de Moscou, 9 de abril de 1967.

83. KONSTANTINOV, B., "Sexto Sentido", Izvestia, N.° 28, 1964.

84. KOSITSKY, G., "É Possível Transmitir o Pensamento?" Saúde, Revista do Ministério da Saúde Pública, de novembro de 1961, Nº 11.

85. KOTIK, I. G., Transmissão Direta do Pensamento, Moscou; 1912.

86.KOZYREV, Nikolai, "Um Mundo Inexplorado", Vida Soviética, novembro de 1965.

87. "Peculiaridades Físicas dos Componentes das Estrelas Duplas", Comunicações do Observatório Real da Bélgica, Série N.° 17, 1967.

88. "Possibilidades do Estudo Experimental das Propriedades do Tempo", Joint Publications Research Service, Departamento de Comércio, U.S.A., JPRS N.° 42 238, 2 de maio de 1968.

89. KRIVOROTOV, V., "Influência Bioenergética sobre o Organismo do Homem na Cura". Trabalho apresentado na Conferência da Seção de Parapsicologia Técnica afiliada ao Instituto de Engenharia de Moscou, 20-21 de junho de 1968.

90. KRMESSKY, J., Radiation from Organisms, Journal of Paraphysícs, Vol. 3. N.° 4. (Downton, Wilts., Inglaterra.) (Autor tcheco.)

91. KRUPSOV, A., "Peculiaridades Individuais da Altura das Barreiras das Cores", Questões de Pesquisa Complexa sobre Dermo-Óptica. Sverdlovsk: Instituto Pedagógico, 1968.

92. KUCHYNKA, Karel, "L'aperçu de 1'activité dans le domaine de la parapsychologie en Tchécoslovaquie depuis la première guerre mondiale", resumo: Giornale Italiano Por la Ricerca Psichica, Roma, 1964. (Autor tcheco.)

93. KUNI, Mikhail, "Potenciais da Memória Humana", Tecnologia para a Juventude, Nº 1, 1964.

94. KUEZ, O., "The Hranice Case", Journal of Paraphpsics, Vol. 2, Nº 5 (Downton, Wilts., Inglaterra.) (Autor tcheco.)

95. KURZ, O., e Rejdak, Z., "Acerca da Telecinese", Pravda (tchec 14 e 21 de junho de 1968. Tchecoslovaco

96. LAVROV, A., "O Inexplicado - Por Enquanto, Sim", Smena, Nº 1967.

97. LEMHENYI, Zoltan, “Conexões entre a Astrologia e a Hatha Ioga” Trabalhos sobre Astrologia Científica. Bratislava: Pressfoto, 1969.

98. LEONIDOV, "Sinais - Do Quê?" União Soviética, N.ª 145, 1962. Reimpresso como "Os Russos Fotografam a Vida e a Morte” Fate, setembro de 1962.

99. LEONIDOV, L., "Reservas do Homo Sapiens", Smena, 20 de outubro de 1965.

100. Cartas às autoras.

101. LEVY, V.,"No Estúdio do Hipnologista", Znanie-Sila, N °5, 1964.

102. "LOZANOV, G.", artigos sobre ele publicados em Zdraven Front, de maio de 1965. (Búlgaro)

103. KOMSOMOLSKAYA PRAVDA, 13 de julho de 1966.

104. MOSKOVSKAYA PRAVDA, 14 de julho de 1966.

105. OTECHESTVEN FRONT, Sofia, 24 de julho de 1966. (Búlgaro)

106. MLADA FRONTA, Rijna 15, 1966. (Búlgaro)

107.TECHNICHESKI AVANGARD, Sofia, 14 de outubro de 1966. (Búlgaro)

108. LOZANAV, Georgi, "Telepatia", reimpresso para ser apresentado em forma de palestra na Radio Sofia, no dia 15 de outubro de 1963.

109. "Sugestão e Parapsicologia". Trabalho apresentado no Seminário do Instituto de Radiotecnologia A. S. Popov, de Moscou, 13 de agosto de 1966.

110. "Canais Ocultos da Mente", Komsomolskaya Pravda, 9 de outubro de 1966.

111. "Parapsicologia na Índia". Trabalho apresentado no Seminário Seção de Parapsicologia Técnica afiliada ao Instituto de Engenharia de Moscou, entre os dias 26 e 29 de maio de 1967.

112. Sugestologia e Sugestopedia. Sofia: Instituto de Sugestologia 1969. (Búlgaro)

113. LVOV, V., A Noite de Leningrado, 17 de abril de 1968.

114. MARIN, VADIM, "O Fenômeno do Psi", Moscou Komsomolets, 7 abril de 1968.

115. "Vejo Claramente o Futuro", Moscou, 1968.

116.MASHKOVA V., "Sharpsighted Fingers", tradução: Internacional Journal of Parapsychology, (Nova Iorque), Vol. 7, Nº 4, 1965. autor soviético.)

117. MELNIKOV, E. K., "Resultados do Método Biofísico na República Iacute". Trabalho apresentado no Simpósio sobre Rabdomaancia dirigido pelo Dr. A. A. Ogilvy, Chefe do Departamento de Geofísica da Universidade de Moscou. 11-12 de abril de 1968.

118.MESSING, Wolf, "Sou um Telepata", Smena, N° 14, julho de 1965.

119. "A Respeito de Mim Mesmo", Ciência e Religião, N.° 7 e 8 de 1965.

120."The Mind Readers", Sputnik, N.° 1, 1966.

121.MEZENTSEV, V. "não, não é Misticismo, Ciência e Religião, Nº 7 1965".

122.MIAVEC, Martin, "Influência dos Órgãos Genitais Femininos sobre o desenvolvimento do sexo, Trabalho, apresentado na Conferencia da Sociedade astro-geodesica de Moscou, no dia 31 de Outubro de 1966".

123.MIKOV E. "Precondições Psicofísicas das Capacidades Telepáticas" Trabalho apresentado na Conferencia da Sociedade Astro-Geodésica de Moscou, no dia 31 de Outubro de 1966.

124.MILASHEVICH, V. "Clarividência e Hipnose", Ciência e Religião, Nº 7, 1965.

125. MINARIK, STEFAN, "Perspectiva de Desenvolvimento do centro de Pesquisas Astra" Trabalhos sobre Astrologia Cientifica. Bratislava: Pressfoto., 1969, Tchecoslovaco.

126.MITOSENKA, JOSIF, "A Encíclica Humanae Vitae e as Revelações do Dr. Jonas" Trabalhos sobre Astrologia Cientifica, Bratislava: Pressfoto, 1969, Tchecoslovaco.

127.MITSKEVICH, A., "Termodinâmica – Informação e Pensamento", Tecnologia para a Juventude, Nº 9, 1966.

128.MOMCHEV, Y., “Visão Cutânea na Bulgária, Também – Uma Visita aos Parapsicólogos Experimentais”, Narodna Miadej, seção de Ciências, 26 de abril de 1965, Búlgaro

129.MORALEVICH, Y., “Biowage Commmunication”, Sputnik, Nº 2 1968.

130.NAUMOV, EDUARDO, Reservas Cerebrais, Ciência e Religião, Nº 3, 1966

131. “Que é a Parapsicologia?” Pravda de Moscou, 14 d Agosto de 1966.

132.“As Civilizações Extraterrestres e a Parapsicologia”, Pravda de Moscou, 14 de março de 1967.

133.“Da telepatia a Telecinese”, Journal Of Paraphysics, Vol 2 Nº 2 (Downton, Wilts, Inglaterra) (Autor Soviético)

134.NAUNOV E. E FESENKO, R. “Em que Estamos Trabalhando Agora”, Ciência e Religião, setembro de 1966.

135.“A Frente, o desconhecido”, Komsomolskaya Pravda, 9 de Outubro de 1966.

136.NAUNOV, PAVEL “Métodos de Treinamento das Capacidades Telepáticas” Trabalho apresentado no Congresso sobre Problemas Científicos da Telepatia, no Instituto de Radiotecnologia A.S. Popov de Moscou, a 22 de Fevereiro de 1968

137.“Sobre a Questão da Transmissão Sem Palavras de Informações”, Relatórios Anotados, 24ª Sessão Cientifica, publicado pela Sociedade Técnica e Cientifica A.S. Popov de Moscou, em 1968.

138.“Nelya Mikhailova, artigos sobre ela publicados no Pravda de Leningrado em 27 de janeiro, 23 de fevereiro e 15 de março 1964”.

139.Smena, 24 de janeiro de 1964.

140. A Noite de Leningrado, 17 de abril de 1968.

141.NOVOMEISKY A., "Ainda Uma Vez sobre o Enigma de Mizhnil-Tagil", Ciência e Vida, fevereiro de 1963.

142. "O Papel do Sentido Dermo-óptico na Cognição", Questões Filosofia, julho de 1963.

143."The Nature of the Dermo-Optic Sense", tradução: International Journal of Parapsychology (Nova York), Vol. 7. N.° 1965.

144."Mudanças na Sensibilidade Dermo-óptico em várias condições de iluminação" Questões de Pesquisa Complexa sobre Dermo-óptico. Sverdlovsk: Instituto Pedagógico, 1968.

145. NOVOMEISKY, A., BICARD, V., KHUPNOV, A.. "A Localização das barreiras de Cor sobre a Base da Radiação Residual", Ibid.

146.NOVOMEISKY,A. YAKLOV, B., "Sobre as Possíveis Sensibilidades Sentidas Dermo-óptico no Homem". Ibid.

147. "Operando Através da Sugestão no Estado de Vigília", Robotníchesko Delo, Sofia, 25 de agosto de 1965. (Búlgaro)

148. OSTROVKY, B., "Por Que Brilham as Células?" Znanie-Sila, N.° 1967.

149. Trabalhos sobre Astrologia Científica. Bratislava: Pressfoto, 1969 tchecoslovaco

150. PARNOV, YE., "O Neutrino - Por Que Não?" Ciência e Religião N ° 3, 1966.

151. PAVLOVA, L. P., "Resultados e Discussão das Experiências com o Nedra-20". Trabalho apresentado no

Seminário da Seção de Parapsicologia Técnica afiliada ao Instituto de Engenharia de Moscou a 4 de agosto de 1967.

152. "Alguns índices Eletroencefalográficos em Pesquisa Experimental em Bio-telecomunicações". Moscou: 1967.

153. PEKAREVA, D., "Na Disputa com o Misticismo", Robotníchesko Delo Sofia, 23 de fevereiro de 1907. (Búlgaro)

154. PLATONOV, K.K., and Psychology as You May like It. Moscou: Editora do Progresso, 1965.

155.POPOVKIN,Victor,“Transmissão do Pensamento Moscou Novosibìrsk Komsomolskaya Pravda, 7 de julho de 1966”,

156. - "Isótopos a Serviço da Parapsicologia", znanie-sila, N.° 9 1967.

157. "Varinha Mágica, Mito ou Problema?" Znanie-Sila, N ° 1967.

158. "Le Congrès de Moscou sur la Télépathie", Planète, Paris, julho-agosto de 1968. (Autor soviético.)

159. POZNER, V., FILINOVICH Y. "A Juventude Soviética Responde a um Inquérito Gallup", Vida Soviética, novembro de 1965.

160.PRESSMAN, A. S., "É Claro que os Fenômenos Telepáticos Existem", Nedelya, Ivestia, 1960.

161. "Campos Eletromagnéticos e a Natureza Viva. Moscou: Acadêmia de Ciências da URSS, Publicações Científicas, 1968.

162. Comunicação particular feita às autoras.

163.Questões de Biologia Teórica e Aplicada. Alma-Ata: Publicações Científicas, Casaque RSS, 1967.

164. RADEVA, Marie, "As Possibilidades Oferecidas pela Hipnopedia", Jornal da Noite, Sofia, 8 de maio de 1965. (Búlgaro)

165. "A Psicoterapia Cura e Fortifica", Jornal da Noite, Sofia, 14 de agosto de 1965. (Búlgaro)

166."Que é a Parapsicologia? Telepatia - Ciência e Comunicação", Otechestven Front, 22 de agosto de 1965. (Búlgaro)

167. "Preparação da Experiência de Telepatia Moscou-Sofia", Otechestven Front, 24 de agosto de 1966. (Búlgaro)

168. "RAIKOV", artigos sobre: Tecnologia para a Mocidade, N.° 5, 1966, e União Soviética, 1968.

169. RAIKOV, V., "Aspectos Médicos da Pesquisa Experimental sobre a Telepatia na Hipnose". Trabalho apresentado no Seminário da Seção de Bio-Informação do Instituto de Radiotecnologia A. S. Popov, Moscou, em 25 de fevereiro de 1966.

170."Desenvolvimento dos Fenômenos Psíquicos com a Hipnose". Trabalho apresentado no Seminário do Instituto de Radiotecnologia A. S. Popov, em 13 de agosto de 1966.

171. "Reencarnação por Hipnose", Ciência e Religião, N.° 9, 1966.

172. Znanie-Sila, N.° 11, 1966.

173. RAIKOV, V., e ADAMENKO, Vitor, "Questões de Pesquisa Objetiva de Profundos Estados Hipnóticos", Terapêutica da Moléstia Mental. Moscou: Sociedade de Neuropsiquiatrias, Instituto Médico Sechenov, 1968.

174. RAISZ, Sandor, "Relações Humanas à Luz da Astrologia", Trabalhos sobre Astrologia Científica. Bratislava: Pressfoto, 1969. TCHECOSLOVACO (Autor húngaro.)

175. REBINDER, P. A., "Progredir Significa Procurar", Ciência e Religião, Nº 3, 1966.

176.RECHNITZ, Kurt, "A Significação das Fases Lunares para a Regulamentação da Concepção", Trabalhos sobre Astrologia Científica. Bratislava: Pressfoto, 1969. TCHECOSLOVACO (Autor húngaro.)

177. REIN, Y., "Kozyrev", Vida Soviética, novembro de 1965.

178. REJDAK, Zdenek, "Parapsicologia, Ameaça de Guerra ou Arma da Paz Total?" Periskop, Praga, 1966. TCHECOSLOVACO

179. - "Psicotrônica e Parapsicologia". Trabalho apresentado no Seminário da Seção de Parapsicologia Técnica, afiliada ao Instituto de Moscou, nos dias 1 a 4 de maio de 1967. (autor Tcheco)

180."Telecinese ou Fraude?" Pravda (tcheco), 21 de junho de 1968. Tradução parcial: Journal of Paraphysics, Vol. 2, N.° 3 (Downton, Wilts., Inglaterra.)

181. "Da Pirâmide de Quéops as Lâminas de Barbear", Signal (Praga), N.° 34, 1968. TCHECOSLOVACO.

182 . "Controle Astrológico da Natalidade", Signal (Praga) 183. "Astrologia Científica e Psicotrônica", Trabalhos sobre Astrologia Científica. Bratislava: Pressfoto, 1969. TCHECOSLOVACO

"184. "The Kulagina Cine Film", Journal of Paraphysics, Vol. 3, N.° 3. (Autor tcheco.)

185.Organizador: Telepatia, Telegnose, Rabdomancia e Psicocinese, Trabalhos de Autores Tchecos Estrangeiros. Praga; Svoboda, 1970.

186. REIJDAK, Z., e DRBAL, Karel, "Sobre a Terceira Forma de Energia", Periskop, (Praga), 1967. TCHECOSLOVACO

187. "Telegnosis and Psychokinesis", Journal of Paraphysics, Vol. 2, N.° 2

188. Psicotrônica. Praga: 1970. TCHECOSLOVACO.

189. REPETSKY, L., "Biotelégrafo", Bandeira de Leningrado, 2 de abril de 1967.

190. REPIN, L., "O Organismo Vivo e o Campo Magnético", Sputnik, N ° 4, 1967.

191. ROMANENKO, A., e SERGEYEV, G., Questões da Análise Aplicada dos Processos Casuais. Moscou; Publicação da Rádio Soviética, 1968.

192. SAFONOV, V., "As Lâminas de Barbear e as Pirâmides de Quéops", Konsomolets de Moscou, 26 de maio de 1968.

193. "Falam os Cientistas", Pravda de Moscou, 17 de março de 1968.

194. SERGEYEV, Genady, "Perspectivas de Utilização de Processos Automáticos para Controlar o Cérebro Durante a Telepatia". Trabalho apresentado no Seminário da Seção de Parapsicologia Técnica afiliada ao Instituto de Engenharia de Moscou, em 11 de fevereiro de 1967.

195."O Emprego dos Princípios de Bio-Informação no Diagnóstico". Trabalho apresentado no Simpósio sobre Parapsicologia e Saúde, da Seção de Parapsicologia Técnica afiliada ao Instituto de Engenharia de Moscou em 24 de abril de 1967.

196. "Pesquisa Experimental sobre Telepatia". Trabalho apresentado no Seminário dirigido pelo Professor Ya.

Terletsky, da Cadeira de física Teórica da Universidade de Moscou, no dia 6 de junho de 1967.

197. "Sobre a Natureza da Pesquisa Experimental do Dr. Zdenek Rejdak". Trabalho apresentado no Seminário da Seção de Parapsicologia Técnica, afiliada ao Instituto de Engenharia de Moscou em 3 de dezembro de 1967.

198.“Fogo Invisível” Telepatia, telegnose, Rabdomancia, Psicocinese, Praga: Svoboda, THECOLSLÓVACO (Autor Soviético.)

199. “Alguns problemas Metodológicos”, Ibid.

200. “A Voz do Cérebro”, Ibid.

201.SERGEYEV,G., PAVLOVA., ROMANENKO, A., Método Estatístico de Pesquisa do EEG humano. Leningrado: Academia de Ciências da URSS, Publicação Cientifica, 1968.

202. SHEVALEV, A., “From Sensational Uproar to Serious Research”, tradução Journal of Parapsychology, Vol. 7 Nº 4, 1965.

203. SHISHKIN, Igor, “A Natureza da Transmissão Telepática”, Jounal of Paraphysics, Vol. 3 Nº 1. (Downton, Wilts, Inglaterra) (Autor Soviético)

202. SHEVALEV, A “From Sensational Uproar to Serious Research” tradução: Journal of Parapsychology, Vol. 7, Nº 4, 1965.

203. SHISHKIN, Igor, “A Natureza da Transmissão Telepática”, Vol. 3, Nº 1. (Downton, Wilts, Inglaterra)

204.“A Essência Física da Telepatia”, Telepatia, Telegnose, Rabdomancia, Psicocinese. Praga: Svoboda.

205. SIMOVET, Dragomir, “Serie sobre a Parapsicologia Búlgara”, Svet (Belgrado), nº 533-537, Janeiro/Fevereiro de 1967, IUGOSLAVO

206. SIMAKOV,Y.,“Mãe e Filho: Comunicações Misteriosas, Imperiosas”, Znanie-Sila, Nº 6, 1969.

207. SIMUROV, A., “E Possível Aprender Uma língua Num Mês?” Pravda, 27 de Julho de 1969.

208. SKURLATOV, V., “Você Pode Fazer Qualquer Coisa? – Ante-Estréia do filme “Sete passo Além do Horizonte”, Tecnologia para a Mocidade, Nº 5, 1969.

209.SLOBODNIAK, A.P. Psicoterapia, sugestão e Hipnose. Kiev, Gosmedizdat, 1963.

210.SOCHEVANOV, N. N. “Pesquisas dos Efeitos Eletrofisiológicos da Varinha Hidroscópica”. Trabalho apresentado no Seminário da Seção de Bio-Informação do Instituto de Radiotecnologia A. S. Popov, Moscou, 8 de Abril de 1966

211.“Interpretação Física dos Fenômenos Psicotrônicos Tchecos” Trabalho apresentado no Seminário da Seção de Parapsicologia Técnica afiliada ao Instituto de Engenharia de Moscou, a 3 de Dezembro de 1967

212.“Dados sobre o efeito Biofísico no Campo e no Laboratório” Trabalho apresentado no Simpósio sobre Rabdomancia chefiado pelo Dr. A. A. Ogilvy, Chefe do departamento de Geofísica da Universidade de Moscou, nos dias 11 e 12 de abril de 1968.

213.“ Perspectivas para o Estudo do Método Biofísico”. Ibid

214.“Fenômeno Biofísico, Evidencia natural, Até Aqui Desconhecido”, Telepatia, Telegnose, Rabdomancia, Psiconese. Praga: Svoboda, 1970. TCHECOSLOVACO (autor soviético)

215.SOCHEVANOV, N., MATVEEV, V., MELNIKOV, E., “Reação Fisiológica do Homem a água e

aos Minerais na Terra – O Problema da Varinha Mágica Hidroscopia”. Trabalho apresentado no Seminário da sociedade Astro-Geodésica de Moscou, em 31 de Outubro de 1966.

216.SOUKAREBSKY, Lazar, “Informação Biológica, Em lugar de Parapsicologia”, Ciência e Religião, Nº 3, 1966.

217. "Pós-escrito", Pravda de Moscou, 17 de julho de 1966.

218."Telepatia Espontânea e o seu Significado Biológico". Trabalho apresentado no Congresso sobre os Problemas Científicos da Telepatia, do Instituto de Radiotecnologia A. S. Popov, de Moscou, de 22 de fevereiro de 1968.

219."Informação Telepática como Problema Biológico", Relatórios Anotados, 24º Sessão, publicada pelo Instituto de Radiotecnologia A. S. Popov, de Moscou, em 1968.

220. STOYCHEV, L, "Possibilidades Desconcertantes", Zhenata Dnes, Sofia, N.ª 1, 1967. BÚLGARO

220A. SZABO, IVAN, "Astrologia na Eslováquia e Astra", Trabalhos sobre Astrologia Científica. Bratislava: Pressfoto, 1969. Tchecoslovaco (Autor húngaro)

221.TASHEV, T., "Estudando Línguas Estrangeiras por Meio da Sugestão" Troud, Sofia, 9 de dezembro de 1965. BÚLGARO

222.TASHEV NATAN, T., "Sugestologia", Bulgária de hoje Nª 9 1966.

223.TECHEVA, E., "Um Método que Pode Transformar a Educação", Nasha Rodina, N.° 4, 1966. BÚLGARO

224. "Telepatia e Máquinas Eletrônicas", Pravda de Moscou, 22 de março de 1967, A Noite de Moscou, 14 de fevereiro de 1967.

225.TERLETSKY, Y. A., "Sobre a Possibilidade da Existência e sobre as Propriedades de Emanações Acompanhadas de Energia Negativa". Trabalho apresentado no Seminário realizado pelo Professor Terletsky, da Cadeira de Física Teórica da Universidade de Moscou, em 6 de junho de 1967.

226. "Tópicos dos Seminários, Conferência e Simpósios de Parapsicologia de Moscou - 1965-68". Moscou: 1968. (9 pp.)

227. TOPORKOV, V., SIMONOV, P. ERSHOV, P., "Carta Aberta ao Dr. Vasiliev", Cultura Soviética, 16 de dezembro de 1965.

228. TSIPKO, A. "Despertemos o Talento", Komsomolskaya Pravda, 12 de novembro de 1966.

229. "Ensino de Arte sob a Hipnose", Sputnik, maio de 1967.

230.TUGURINOV, V. P., "Acerca de Alguns Novos Problemas de Consciência", Arauto da Universidade de Leningrado, Série Econômica, Filosófica e Jurídica, N° 11 1964.

231."Refletindo em Dispositivos de Cibernética", Arauto da Universidade de Leningrado, Série Econômica, Filosófica e Jurídica, N.º 17, 1966.

232. "Twentieth-Century Mystery", Sputnik, dezembro de 1967.

233. "Caso Insólito na Prática da Medicina", Pravda de Sofia, 27 de agosto de 1965. BÚLGARO

234, USHKOV, D., "A Leitura do Pensamento e a Telepatia", Ciência e Religião, N °7 1965.

235.Relatórios da Academia de Ciências da URSS, Vol. 172, Nº 4 e 5, 1967. (Meteorito de Tunguska.)

236.VASILIEV, Leonid, L., Sugestão a Distância - Notas de um Fisiologista. Moscou; Gospolitizdat, 1962.

237. Pesquisa Experimental da Sugestão Mental. Leningrado: Imprensa da Universidade, 1962, Traduzido por: Experiments in Mental Suggestion. Hampshire, Inglaterra; Gally Hill Press, 1963. (Instituto para o Estudo das Imagens Mentais, Church Crookham.)

238. Fenômenos Misteriosos da Psique Humana. Moscou: Editora de Literatura Política, 1964, 3° edição. Traduzido para New Hyde Park Nova Iorque University Books, 1965.

239."Vasiliev Recorda Ossowiecki", International Journal of Parapsychology, Verão de 1965. (Autor soviético.)

240."Coincidências Inusitadas", Ciência e Religião, N.° 7, 1965.

241."Podemos Controlar a Inspiração?" Vida Soviética, março de 1966.

242."Telesugestão", Telepatia, Telegnose, Rabdomancia, Psicocinese, Praga: Svoboda, 1970

243. VARSEMOVA, D., "Nova Arma de Ciência Antiga"(Acupuntura), Gazeta literária, Nº 16, maio de 1963.

244.VILKOMIR, I., "Sobre os Fenômenos Parapsicológicos de Edgar Cayce". Trabalho apresentado no Seminário da Seção de Parapsicologia Técnica afiliada ao Instituto de Engenharia de Moscou, 4 de Fevereiro de 1967.

245.VOCASEK, Z., "Possibilidades de Utilização das Revelações do Dr. Jonas Acerca do Momento da Concepção e Determinação do Sexo na Investigação de Causas do Aparecimento da Síndrome de Down", Trabalhos sobre

Astrologia Científica. Bratislava: Pressfoto, 1969. TCHECOSLOVACO

246.VOGRALIK, V. G., Princípios do Método Médico Chinês, a Acupuntura. Gorky: Editora Gorky, 1961.

247."Pinpricks for Health?" Sputnik, julho de 1969.

248."Voice of the Brain", Sputnik, fevereiro de 1968.

249.A Voz do Amor Universal, Moscou, N ° 40, 1908.

250.VOLODIN, E., "Apanhado do Trabalho sobre Telecinese". Trabalho apresentado no Seminário da Seção de Parapsicologia Técnica, afiliada ao Instituto de Engenharia de Moscou, 15 de novembro de 1966.

251.VOLPERT, I, Sonhos no Sono e na Hipnose. Leningrado: Publicações Médicas, 1966.

252.VOSKRESENSKAYA, N., "Kuni: O Computador Humano", Sputnik, março de 1968.

253."Wolf Messing", Zapopyarnaya Pravda, Norilsk, Sibéria, 18 de junho de 1965, Nauka i Zhizhn, N.° 4, 1964.

254.YAKOLEV, B., "Parapsicologia", A Noite de Moscou, 12 de janeiro de 1967.

255."Sessão de Telepatia, Moscou-Novosibirsk", Sputnik, fevereiro de 1968.

256.ZAITSEV, V., "Visitantes do Espaço Exterior", Sputnik, janeiro de 1967.

257."Templos e Espaçonaves", Sputnik, setembro de 1968.

258. "Aspectos Cosmológicos da Parapsicologia". Trabalho apresentado no Seminário da Seção de Parapsicologia Técnica afiliada ao Instituto de Engenharia de Moscou, sobre a Parapsicologia e Civilizações Superiores, no dia 13 de março de 1967.

259.ZIEGEL Felix, "Telepatia, uma Ciência do Futuro", Ciência e Religião, N.° 3, 1966.

260. "Debaixo da Bandeira da Luta com o Misticismo", Ciência e Religião, N.° 11, 1966.

261."Sobre o Possível Intercâmbio de Informações com Civilizações Extraterrestres". Trabalho apresentado no Seminário sobre Parapsicologia Técnica, afiliada ao Instituto de Engenharia de Moscou, no dia 13 de março 1967.

262."OVNIS, Que São Eles?" 7 de abril de 1967.

263."Objetos Voadores Não Identificados", Vida Soviética, fevereiro de 1968.

BIBLIOGRAFIA OCIDENTAL PARCIAL E REFERÊNCIAS

264.AKSAKOV, A., Case of the Partial Dematerialization of a Medium. Boston 189?.

265.ALLILUYEVA, Svetlana, Twenty Letters to a Friend. Nova York: Harper & Row, 1967.

266. Only One Year. Nova York: Harper & Row, 1969.

267."An Attractive Woman has Reds Puzzled",divulgação da AP, Moscou, 17 de março de 1968.

268.BACH, Marcus, "Acupuncture... An Ancient Method of Healing", Fate, dezembro de 1968.

269.BACKSTER, Cleve, "Evidente of a Primary Perception in Plant Life", Internationals Journal of Parapsychology, Vol. 10, N °4, 1968.

270.BACON, Thorn, "The Man Who Reads Nature's Secret Signals", National Wildlife, fevereiro/março de 1969.

271.BANNERJEE, H. N., "Parapsychology in Russia", Indian Journal of Parapsychology, 1961-62.

272.BECKER, Raymond de, "Les grandes médecines anciennes ne sont pas méprisables", Planète, março de 1969.

273.BECKER, Robert, "Relationship of a Geo-Magnetic Environment to Human Biology", New York State Journal of Medicine, Volume 63 N.°15, 1963.

274.BELOFF, John, "ESP Proof from Prague?" New Scientist, 10 de outubro de 1968.

275. BENTLEY, W. P., "An Approach to a Theory of Survival of Personality", Journal of the American Society for Psychical Research, Vol. 59, Janeiro de 1965.

276. BERGIER, Jacques, Artigo sobre Parapsicologia soviética, Planète, N.° 8, janeiro-fevereiro de 1963.

277.BLOM, J. G., e PRATT, J. G., "A Second Confirmatory ESP Experiment with Pavel Stepanek as a Borrowed Subject, Journal of A.S.P.R., Vol. 62, Janeiro de 1968.

278.BORZYMOWSKI,Andrzej, "Parapsychology in Poland", International Journal of Parapsychology, Vol. 4, N.° 4, 1962.

279."Experiments with Ossowiecki", International Journal of Parapsychology Vol. 7, N.° 3, 1965.

280.BURR, H. S., e NORTHROP, F., "The Electro-Dynamic Theory of Life", Main Currents in Modern Thought, Vol. 19, outubro/novembro de 1962.

281.CAMPBELL, J., "Sense of Security", Analog, novembro de 1966.

282.CARLISLE, Olga, Voices In The Snow. Nova York: Random House, 1962.

283. Relatório Confidencial, Fonte americana.

284.CUMMINS, Geraldine, Beyond Human Personality. Londres: Ivor Nicholson & Watson, Ltd., 1935.

285.CUTTEN, J. H., e MEDHURST, R. G., "Moscow Conference on Technical Parapsychology, June 1968". Relatório particular.

286. DEAN E. Douglas, "The Plethysmograph as an Indicator of ESP", Journal of Society for Psychical Research, Vol. 4l, setembro de 1962.

287."Plethysmograph Recordings as ESP Responses", International Journal of Neuro-Psychiatry, Vol. 2, outubro de 1966.

288.DEAN E. Douglas e NASH, C. B., "Plethysmograph Results Under Strict Conditions", Journal of Parapsychology, Vol. 27, dezembro de 1963.

289.DE LA WARR, George, "Using Sound Waves to Probe Matter", Mind and Matter Journal, setembro de 1965. (Raleigh Park Road, Oxford, Inglaterra.)

290."Historic New York-Oxford Experiment", Mind and Matter Journal, março de 1966.

291."Analysis of a Thought" [Freqüências micro-sônicas do pensamento], Mind and Matter Journal, junho de 1966.

292. Biomagnetics. Oxford: Delawarr Laboratories Ltda. 1969.

293.DE LA WARR, G., BAKER, Douglas, Biomagnetism. Oxford: Delawarr Laboratories Ltda. 1967.

294. "Do Plants Feel Emotion?" Electro-Technology, abril de 1969.

295. "Dr. Ryzl Comes to America", Bulletin Foundation for Research on the Nature of Man, N.° 7, Outono de 1967.

295A.EBON, M., "Russia Explores Innes Space", Tomorrow, Inverno de 1962.

296. EISENBUD, Jules, The World of Ted Serìos. Nova York: William Morrow & Co., Inc., 1967.

297. "ESP: More Science, Less Mysticism", Medical World News, 21 de março de 1969.

298. "The Eyes Have It", Newark Star Ledger, 18 de março de 1968.

299. FULLER, Curtis, "Wind Machine", Fate, dezembro de 1966.

300."A Mind with Muscles", Fate, fevereiro de 1968.

301. "I See by the Papers", Fate, abril de 1968.

302.GARRETT, Eileen, Adventures in the Supernormal, Nova York: Garrett Pub., 1959.

303.Awareness. Nova York: Berkeley Publishing Corp., 1968.

304. GAUQUELIN, Michel, The Cosmic Clocks. Nova York: Avon Books, 1969.

305.GRAD, Bernard, "Some Biological Effects of the Laying on of Hands'. A Review of Experiments with Animals and Plants", Journal ASPR, abril de 1965.

- "The Laying on of Hands; Implications for Psychotherapy, Gentling, and the Placebo Effect", Journal ASPR, outubro de 1967.

306.GREY, George, "Radiation and Life - Russian Plant Research", Harpers, julho de 1934.

307. Histoire de la France Secrète. Paris: Encyclopédie Planète, 1968.

308.HIXSON, J., "Twins Prove Electronic ESP", New York Herald Tribune, 25 de outubro de 1965, Science, 15 de outubro de 1965.

309. HYNEK, Allen, "The UFO Gap", Playboy, dezembro de 1967.

310. INGLIS, Brian, Fringe Medicine. Londres: Faber, 1964.
311. "Interview; James A. Pike", Psychic, Vol. 1, N º2, 1969.
312. IVANOV, A., "Soviet Experiments: 1921-27, 1932-38", International Journal of Parapsychology, Vol. 5, N.° 2, 1963.
313."Soviet Experiments in Eyeless Vision", International Journal of Parapsychology, Vol. 6, inverno de 1964.
314."Jesus a Cosmonaut, says Russian", Toronto Star, 21 de junho de 1969.
315."The Joint's Really Jumping When She Looks Around", Reuters, Moscou, 7 de abril de 1968.
316.KAMM, Henry, "A Soviet Astronomer Suggests World Study of Flying Saucers", The New York Times, 10 de dezembro de 1967.
317.KAMIYA, J., "Conscious Control of Brain Waves", Psychology Today, abril de 1968.
318. KARAGULLA, Shafica, Breakthrough to Creativity. Los Angeles: De Vorss & Co., 1967.
319. KEIL, Jurgen, "Russian Parapsychologists Hold Meeting", Neswletter of the Parapsychology Foundation, setembro-outubro de 1968.
320.KHOKHLOV, Nikolai, "The Relationship of Parapsychology to Communism", Parapsychology Today. J. B. Rhine org. Nova York: Citadel Press, 1968.
321.KILNER, Walter, The Human Aura. Nova York; University Books, 1965.
322.KIRKBRIDE, Katherine, "ESP Communication for the Space Age", Science and Mechanics, agosto de 1969.

323.KRIPPNER, S., "Review of Misterious Phenomena of the Human Psyche", Journal of the American Society for Psychical Research, vol. 60, N.° 3 julho de 1966.

324, KUNZ, F. L., "Feeling in Plants", Main Currents, maio-junho de 1969.

325. LAWSON-Wood, D. e J., Five Elements of Acupuncture and Chinese Massage. Rustington, Inglaterra: Health Science Press.

326.LEVINE, Irving, Mainstreet USSR. Nova York; Doubleday & Co., 1959.

327. MCCULLOUGH, C., "The Army Makes Them Hear", Toronto Globe and Mail, 7 de junho de 1969.

328. MCGRAW, Walter, "Are Parapsychologists Working Themselves Out of a Job?", Fate, outubro de 1967.

329. World of the Paranormal. Nova York: Pyramid Books, 1969.

330."Measurement of Aura by Russians", Newsletter of the Parapsychology Foundation, Janeiro-fevereiro e maio-junho de 1969.

331.MEDHURST, R. G., "The Moscow Conference; June 1968", Journal of Paraphysics, Vol. 2, N.° 3. (Downton, Wilts., Inglaterra.)

332. MESSADIE, G., "Du Nautilus", Science et Vie, N.° 509, fevereiro de 1960.

333.MIRAIIANI, Jean, URSS. Paris: Editions du Scuil, 1960.

334.MOSS, Louis, Acupuncture and You. Nova York; Citadel, 1966.

335.MULDOON, S. e CARRINGTON, H., The Projection of the Astral Body. Londres, Psychic Book Club, 1929.

336.MUTSCHALL, Vladimir, "The Present Status of Research in Telepathy in the Soviet Union", Foreign Science Bulletin, Vol. 4, N.° 8, 1968. Div. de Tecnologia Aeroespacial, Biblioteca do Congresso.

337.NICHOLS, B., Powers That Be. Nova York: Biblioteca Popular, 1966.

338. "On a Tiré á Moscou", L'Express, 27 de janeiro a 2 de fevereiro 1969.

339.OSTRANDER, S., e SCHROEDER, L., "The Soviets Are Speaking Out", Panorama, 15 de outubro de 1966.

340. OTANI, Soji, "A Possible Relationship between Skin Resistance and ESP Response Patterns", Parapsychology Today, J. B. Rhine, org., Nova York: Citadel, 1968.

341."Parapsychology in the Soviet Union", número especial, Alexander Ivanov, trad., Internacional Journal of Parapsychology, Vol. 7, N º 4, 1965.

342. PAUWELS, L. Re, "Le Congrès de Moscou sur la Télépathie", Planète, julho-agosto de 1968.

343.PAUWELS, LOUIS e BERGIER, JACQUES, The Morning of the Magicians, Nova York: Stein & Day, 1964.

344.PENKOVSKY, Oleg, The Penkovsky Papers. Nova York: Doubleday & Co., 1965.

345.POLLACK, J. H., Croiset, the Clairvoyant. Nova York; Doubleday & Co., 1961.

346. PRATT, J. G., "Parapsychology in Russia and Czechoslovakia", Journal of the Society for Psychical Research, Vol. 42, 1963.

347. Parapsychology Today; An Insider's View. Nova York: Doubleday & Co., 1964.

348."Preliminary Experiments with a Borrowed Outstanding ESP Subject", Journal S.P.R., Vol. 42, setembro de 1964.

349."Further Significant ESP Results from Pavel Stepanek", Journal American Society for Psychical Research, Vol. 61, abril de 1967.

350."Seeking the Trail of the Focusing Effect", Partes I e II, Journal A.S.P.R., Vol. 62, Abril de 1968.

351."Report on the Moscow Parapsychology Conference - June, 1968". Relatório particular.

352.PRATT, J. G. e BLOM, Jan G.; "A Confirmatory Experiment with a Borrowed Outstanding ESP Subject", Journal S.P.R., Vol. 42, 1964.

353.PRATT J. G. E JOBSON, N., "Prediction of ESP performance on Selected Focusing Effect Targets", Journal A.S.P.R., Vol. 63, Janeiro de 1969.

354.PRATT, J. G., JACOBSON, N., BLOM, J. G. e MEINSMA, G. L., "A Transitional Period of Research on the Focusing Effect: From Confirmation toward Explanation", Journal A.S.P.R., Vol. 6, Janeiro de 1969.

355.PRATT, J. G. e ROLL, W. G., "Confirmation on the Focusing Effect in Further Research with Pavel Stepanek in Charlottesville", Journal A.S.P.R., Vol. 62, julho de 1968. (Para outros, veja Journal A.S.P.R.)

356."Psi Communications Project", The Newark College of Engineering Research Foundation, 1966.

357."Psi Developments in the URSS", Bulletin Foundation for Research on the Nature of Man, N.° 6, Verão de 1967.

358."Psychic Power Gets Global Test", The Independent, San Diego, 3 de Agosto de 1967.

359.Psychotherapy in the Soviet Union. Nova York: Grove Press, 1961. (Org. R. Winn.)

360.PUHARICH, Andreja, Beyond Telepathy. Nova York: Doubleday & Co., 1962.

361.RAVITZ, L., "Periodic Changes in Electromagnetic Fields", Annals of the New York Academy of Science, LCVIII (1960), 1181.

362.REICHENBACH, Barão Kar1 von, The Old Force; Letters on a Newly Discovered Power in Nature. Boston: 1854. Reimpresso: Health Research Mokelumne Hill, Cal., 1963.

363.Researches on Magnetism, Electricity, Heat, Light, Crystallizations and Chemical Attraction in Relation to the Vital Force, 1850.

364.RHINE, J. B., The Reach of the Mind. Nova York: William Sloane, 1947.

365. RHINE, Louisa, ESP in Life and Lab. Nova York: Macmillan, 1967.

366.ROBINSON, Lytle, The Great Pyramid and Its Builders. Virginia Beach: A.R.E. Press, 1966.

367.ROMAINS, Jules, "A Fruitful Series of Experiments", International Journal of Parapsychology, Vol. 7, N.° 4, 1965.

368. ROSENFELD, A., "Seeing Colors with the Fingers", Life, 12 de junho de 1964.

369.ROTHSTEIN, J., Communication, Organization and Science. Introdução de C. A. Muses. Falcon Wing Press, 1958.

370. RUSH, J., "Review of Experiments in Mental Suggestion", Journal American Society for Psychical Research, julho de 1964.

371. RYZL,, Milan, "Research in Telepathy in Soviet Russia", Journal of Parapsychology, Vol. 25, N.° 2, 1961.

372."Training the Psi Faculty by Hypnosis", Journal Society for Psychical Research. Vol. 41, 1962.

373."Review of Biological Radio, Journal of Parapsychology, Vol. 26, N°3, 1962.

374."Parapsyehology", Research Journal of Philosophy and Social Sciences, (Meerut City, U. P. India.) 1962.

375."Telepathy" Signal Praga, 25 de Janeiro de 1965. TCHECOSLOVACO

376. "A Visit with the Bulgarian Parapsychologists", Svet Vedu, Bratislava, N.° 5, 1965. TCHECOSLOVACO

377."With the Bulgarian Parapsychologists", Nauka I Tehnika za Mladezhta, Sofia, N ° 10, 1965. (BÚLGARO)

378."A Model of Parapsychological Communication", Journal of Parapsychology, Vol. 30, N.° 1, 1966.

379."A Method of Training in ESP", Internacional Journal of Parapsyehology, Vol. 8, N.° 4, 1966.

380."New Discoveries in ESP", Grenzgebiete der Wissenshaft, N.° 6, 1967, N.° 1, 1968.

381."Precognition Scoring and Attitude Toward ESP", Journal of Parapsyehology, Vol. 32, N.° 1, 1968.

382. "Parapsyehology in Communist Countries of Europe", International Journal of Parapsychology, Vol. 10, N ° 3, 1968.

383. "ESP in Eastern Europe and Russia", Psychic, Vol. 1, N.º 1-2, 1969.

384. RYZL., M., e BELLOF, J., "Loss of Stability of ESP Performance in a High Scoring Subject", Journal of Parapsyehology, Vol. 29, N.° l, 1965.

385. RYZL, M., BARENDREGT; J. T.. BARKEMA, P. e KAPPERS, J., "An ESP Experiment in Prague", Journal of Parapsyehology, Vol. 29, N° 3, 1965.

386.RYZL, M., FREEMAN, J. E KANTHAMANI, B. K., "A Confirmatory ESP Test with Stepanek", Journal of Parapsychology, Vol. 29, N.° 2, 1965.

387. RYZL, M. e PRATT, J. G., "Confirmation of ESP Performance in a Hypnotically Prepared Subject", Journal of Parapsyehology, Vol. 26, 1962.

388."A Repeated Calling ESP Test with Sealed Cards", Journal of Parapsyehology, Vol. 27, N.° 3, 1963.

389."The Focusing of ESP upon Particular Targets", Journal of Parapsychology, Vol. 27, N °3, 1963.

390. RYZL., M. e OTANI, Soji, "An Experiment in Duplicate Calling with Stepanek", Journal of Parapsychology, Vol. 31, N.° 1, 1967.

391.RYZL, M. e RYZLOVA, J., "A Case of High Scoring ESP Performance in the Hypnotic State", Journal of Parapsychology, Vol. 26, N ° 3, 1962.

392. SALISBURY, Harrison E., (Org.), The Soviet Union: The Fifty Years. Nova York: Harcourt, Brace & World, Inc., 1967.

393. SCHAFER, GEORG, “In Defiance of the Ideologists: Parapsychology in the Soviet Union”, Journal of Parapsychology, Vol. 30, Nº 1, 1966.

394. SCHWARZ, Berthold E., "Possible Telesomatic Reactions", Journal of the Medical Society of New Jersey, Vol. 64, Nº 11, 1967.

395. A Psychiatrist Look at ESP. Nova York: Signet Books, 1968.

396. "Science and Psi", Macleans Magazine, setembro de 1968.

397. Science and Religion, The Impact of Thought Upon Matter. Trabalhos apresentados na 2º Conferência de Oxford. Oxford, Inglaterra: Mind & Matter Trust, 1959.

398. "Seeing Fingertips", Time, 25 de Janeiro de 1963.

399. SMITH, Irmã Dra. Justa, "Significant Results in Enzyme Activity from Healer's Hands". Newsletter of the Parapsychology Foundation, Janeiro-fevereiro, de 1969.

400.SMITH, Susy, Out of Body Travel. Nova York: Garrett Publications, 1965.

401."Soviet Interest Continues", Newsletter of the Parapsychology Foundation, novembro-dezembro de 1964.

402.Soviet Review, Vol.º 2, N ° 6, junho de 1961.

403.SPRAGGETT, A., "Pilot May Have Found Legendary Lost Continent of Atlantis", Toronto Star, 18 de fevereiro de 1969.

404."Dreams may Warn Us of Serious Illness", Toronto Star, 24 de fevereiro de 1969.

405.STONE, W. Clement e Browning, Norma Lee, The Other Side of the Mind. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1964.

406.SULLIVAN, Walter, "Soviet UFO Plan Has Familiar Ring", The New York Times, 10 de dezembro de 1967.

407.SVINKA-ZIELINSKI, Ludmila, "Wolf Messing", Newsletter of the Parapsychology Foundation, Janeiro-fevereiro de 1969.

408.TART, D., "A Psycho-Physiological Study of Out-of-the-Body Experiences in a Selected Subject", Journal of

the American Society for Psychical Research, Vol. 62, N.° I, Janeiro de 1968.

409.THAYER, Charles (Org.), Russia. Nova York; Time Inc., 1960.

410.Theta, N.° 15, 1966. (Durham, N. C.)

411.THÓMMEN, George, Biorhythm. Nova York: Crown Publishers, Inc., 1964.

412.TROMP, Solco, "Review of the Possible Physiological Causes of Dowsing", International Journal of Parapsychology, Vol. 10, Nº 4, 1968.

413.TUNSTALL, John, "Pharaoh's Curse", Toronto Globe and Mail, 30 de junho de 1969, reimpresso em The Times of London, 14 de julho de 1969.

414.Divulgação da UPI, Moscou, 1.° de março de 1968.

415.VAN DER POST, L., Journey Into Russia, Harmondsworth, Inglaterra: Penguin Books Ltd., 1965.

416.VELINOV, Ivan, "Recent Soviet Experiments in Telepathic Communication", foreign Science Bulletin, Vol. 4, N.° 8, agosto de 1968.

417.WALTER, W. Grey, The Living Brain, Harmondsworth, Inglaterra: Penguin Books Ltda., 1961.

418."Expectancy, Decision and Intention Waves", Journal of paraphysics, Vol. 2, N.° 5, 1968.

419."War with Telepathy", Nacional Zeitung, Basiléia, Suíça, 18 de setembro de 1968.

420.WHITE, Stewart, The Unobstructed Universe. Nova York: E. P. Dutton & Co., Inc., 1940.

421.WORTHINGTON, Peter, "Russian Doctors Are Saying It With Flowers", Toronto Telegram, 11 de Novembro de 1965.

422.Wu, WEI-p'ing, Chinese Acupuncture. Rustington, Inglaterra: Health Science Press.

423.YOGENDRA, L, "Psychology and Parapsychology", Journal of the Yoga Institute, Bombay, N.° 123, março de 1965.

424. News and Notes, N° 46, outubro de 1965. (Bombaim.)

425. ZORZA, Victor, "URSS: la Fronde des savants", L'Express, 10-16 de fevereiro, 1969.

FIM